

Sandra Carvalho

LÁGRIMAS DO SOL E DA LUA

A Saga das
Pedras Mágicas



 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Este livro é dedicado à minha mãe; à sua coragem, à força do seu coração, ao amor que transmitia em cada palavra e gesto. Ela foi a mais valorosa das mulheres. Hoje, é a mais brilhante das estrelas.

Quero agradecer ao meu pai, pelo seu carinho e devoção, e ao meu irmão, pelas vezes que a fez sorrir.

Quero também agradecer:

Ao Sr. Carlos, à D. Graciete e aos colegas do meu pai, pela sua amizade e generosidade.

A família e aos amigos que nos acompanharam nos momentos mais difíceis.

À Dra. Ana Vieira, que, com a sua competência e dedicação realizou prodígios, transmitiu esperança e apaziguou sofrimento. A minha mãe chamava-lhe "anjo"... Pouco mais posso dizer! Obrigada por ter continuado a lutar, depois de todos terem desistido. Que a sua excelência seja sempre reconhecida.

À Dra. Amália, pela sua disponibilidade e cuidados.

À Claudia e à Luísa, ao Luís e à Nélia, à Judite e ao André, por estarem sempre presentes.

Aos meus colegas, pelo conforto.

Aos meus leitores, que me apoiaram e encorajaram.

À Editorial Presença, pela compreensão.

Ao meu marido por todas as razões.

À minha mãe, que me deu vida e ensinou a procurar a felicidade. Sei que, ainda agora, continuas a olhar por mim. Beijo-te com o amor e a saudade do primeiro e do último beijo, até ao dia em que nos voltaremos a encontrar.

Rosa preciosa. Princesa. Minha melhor amiga.

PRÓLOGO

Nevava no Norte do mundo. O vento assobiava uma canção tenebrosa, por entre os ramos afilados das árvores, que condicionava a marcha dos homens. Era difícil caminhar assim, com as botas enterradas até os tornozelos e o ar gélido a queimar os pulmões. Encontravam-se dentro do seu território, mas apesar de poucos ousarem penetrar na Floresta Sombria, eram necessários cuidados redobrados quando se aventuravam no exterior da proteção dos espinheiros. A escuridão das noites perpétuas de Inverno cravava as suas garras nos pensamentos dos guerreiros e ninguém tinha vontade de conversar.

Desta vez, a caçada fora boa. Dois veados adultos eram suficientes para fazer uma grande festa. E ela merecia ser presenteada com a maior festa de que o seu povo guardava memória! Fora o seu sorriso puro que lhe abraçara o espírito, no momento em que ele se lançara ao encontro da presa, e a matara com a eficácia de um vigoroso predador. Um golpe limpo no pescoço com o aço do punhal e a força dos braços, para prostrar o animal durante aquele breve instante em que a vida teima em agarrar-se ao corpo, bastara para alimentar a sua alma de caçador. Tinham sido necessários os esforços combinados de quatro homens para abater o outro veado, por sinal menor do que o seu. Contudo, a sua magistral destreza não o envaidecia. As coisas eram simplesmente assim! Ele nascera para matar. Era a sua natureza. Era o seu destino.

Delling liderava o grupo, segurando um archote numa mão e a espada na outra. Atrás dele iam Raud e Koll, com o veado ensangüentado balançando pesadamente, amarrado ao tronco que transportavam sobre os ombros. Seguia-se Villi, que avançava com dificuldade devido ao tamanho descomunal da sua carga. Helgi era o último porque, de todos, era ele quem possuía o melhor ouvido e a visão mais apurada, e não podiam correr o risco de serem

surpreendidos pela retaguarda. Porém, apesar da concentração que nos mantinha mais ínfimos pormenores que o rodeavam, parte do pensamento do jovem estava com ela... Como a Natureza fora cruel ao deixá-la tão vulnerável, ao mesmo tempo em que o agraciava para além da sua condição humana! Por muitos anos que vivesse, por mais que se esforçasse, jamais conseguiria compensá-la.

Na aldeia vivia-se a azáfama normal de um fim de tarde. Os telhados de colmo das pequenas cabanas de madeira deixavam escapar o fumo das fogueiras e as pessoas atarefavam-se nos seus afazeres. As crianças salpicavam o branco monótono da neve com o colorido das roupas, brincando com os cães e as cabras, e aquecendo o ar gelado com os seus guinchos de entusiasmo. Os guerreiros que faziam a vigia saudaram os recém-chegados e elogiaram o produto da caçada. A rapaziada correu a cumprimentá-los com a sua alegria estridente, pasmando diante dos possantes veados. Os adultos não tardaram a segui-las. Delling envolveu os ombros do irmão com o seu braço, largo como uma árvore adulta, e exclamou bem alto:

— Este é o maior veado que eu já vi! — Muitos apressaram-se a concordar. — E o Helgi matou-o sozinho! Este rapaz é um talento! Um dia, havemos de vê-lo chegar com o Steinarr pendurado num tronco, a sangrar como um porco!

De entre as gargalhadas, salientou-se uma voz forte e inconfundível:

— Será que o Helgi é assim tão talentoso, ou vocês é que são uma canalha de inábeis? Com tanta comoção, dir-se-ia que tinham caçado um urso!

Delling deu um passo adiante, com os punhos cerrados e a bufar de raiva:

— Por acaso faz melhor que isso, sua peste?

— Mas é claro que sim! — ironizou Villi. — O Snari não precisa apelar à força para matar! Basta cuspir o seu veneno em cima das presas...

Num segundo, a confusão generalizara-se. Koll e Raud mal conseguiam segurar Delling, enquanto Helgi afastava Villi de Snari, gritando para se fazer ouvir:

— Basta! Parem de comportarem-se como crianças!

— Foi ele quem começou! — protestou Villi. — Covarde invejoso! Tenho uma novidade para você, Snari: Faça o que fizer, será sempre a última escolha do povo!

O outro se mantinha impassível, mirando-o com um esgar trocista. Quando falou, fez tão controlada e friamente como era habitual:

— Você e eu temos contas a ajustar! Um dia, não terá a sombra do meu primo por perto para te proteger!

— Eu não preciso que ninguém me proteja, seu miserável! Quer bater-se comigo? Avança, se é homem!

Desta vez, Snari riu abertamente:

— Eu jamais me rebaixarei à tua insignificância! Também tenho uma novidade para você, Villi: Faça o que fizer, eu serei sempre um príncipe, enquanto você não passa de escória! Um dia, o nosso povo compreenderá que, para vencer a guerra contra os vikings, é necessário usar a inteligência, ao invés da força bruta. E quando isso acontecer, eu serei a única escolha...

— Chega, Snari! — cortou Helgi, sentindo o sangue a latejar na cabeça. — Está indo longe demais! O nosso avô ainda não morreu e você já sonha em tomar o seu lugar? Deixe-me lembrá-lo de que, para se sentar no trono Vândalo, terá de matar o meu pai, todos os seus filhos e o teu próprio pai. Quer começar por quem? Por mim?

Estas últimas palavras ecoaram no silêncio constrangedor que os envolvia. Então, uma figura graciosa abriu caminho por entre os homens, parando diante do jovem príncipe.

— Acalme-se, Helgi! — apelou suavemente. — Não se zangue com o Snari! Tenho certeza de que ele só quis dizer que o futuro rei poderá contar sempre com o apoio da sua mente brilhante. Não é verdade, querido irmão?

Pela primeira vez, o rosto de Snari acusou perturbação. Sem uma única palavra, voltou-lhes as costas e desapareceu. Helgi desejou fazer o mesmo, no instante em que a rapariga o enlaçou pelo pescoço e encostou os lábios aos seus. Nem a sensação do corpo feminino a estremecer de ansiedade o impeliu a erguer os braços para abraçá-la. A suavolta, multiplicaram-se os assobios e incitamentos. Delling exultava:

— Isto é que é uma bela recompensa pelo esforço de um homem!

Helgi viu a mágoa trespassar o olhar verde-tempestade da rapariga, quando o encarou. A sua interrogação era óbvia: Por que ele não correspondia ao seu ardor?

— Deixa de ser tímido, rapaz! — insistiu Delling, batendo amigavelmente nas costas do irmão. — Agarre-se à felicidade!

Pressionado, Helgi torceu um sorriso e inclinou-se para beijar o rosto da prima. Após um contato ténue, afastou-se rapidamente, ignorando as lágrimas que cintilavam no tempestuoso olhar verde, e as provocações dos irmãos e dos amigos. Mais uma vez, o destino que lhe fora traçado causava-lhe repúdio. Precisava chegar em casa... Sufocaria se não a abraçasse depressa!

Suspirou de alívio ao passar pela porta. O calor aconchegante da fogueira acariciou-lhe a pele e aqueceu-lhe o espírito. O cheiro das ervas que perfumavam o ar transformava em deleite o ato de respirar. Antes que pudesse livrar-se da capa manchada com o sangue do veado, *Conselheiro*, o possante cão-lobo que guardava o seu tesouro, saltou em seu peito e banhou-o com a língua irrequieta, ensurdecendo-o com latidos de alegria.

— Helgi? — inquiriu uma voz fresca e desejosa.

— Sim, Helga. Sou eu.

Encontrou os seus passos incertos a meio caminho e agarrou as mãos que ela lhe estendia, aninhando-a junto ao peito. Agora sim, estava em paz!

— Tem cheiro de morte, mano... Está sujo de sangue!

A censura na voz sempre meiga provocou-lhe um sorriso. Afastou-a o suficiente para olhá-la, explicando:

— Cacei um veado para a festa desta noite.

— Por quê? — protestou ela severamente. — Desgosta-me quando mata!

— Nós temos que comer, irmãzinha! — contrapôs com meiguice.

— Sei que, por tua vontade, a aldeia se alimentaria de frutos e raízes, para que os animais pudessem viver em paz, mas isso é impossível!

A jovem tocou-lhe nos lábios, enquanto replicava, forçando um tom zangado:

— Está a zombar de mim!

Helgi manteve o sorriso e beijou-lhe os dedos. Uniram as faces e partilharam uma harmonia para além do entendimento humano. Era assim desde que se tinham encontrado, no ventre da mãe. Helgi nascera primeiro — um rapagão grande e gordo, com uma garganta vibrante que despertara as cabanas mais remotas da aldeia. Helga só sobrevivera graças à perícia da bisavó, que executara o parto. Durante um instante de pânico, todos pensaram que a menina havia nascido morta, porque não chorara como os outros bebês. E os sustos não terminaram aí. Depois de limpa e entregue ao pai, para que fosse aceita no seio da família, o chefe da casa verificara que a sua primeira filha mulher era cega.

Numa sociedade em que apenas os mais aptos adquiriam o direito à vida, nascer com uma imperfeição era uma sentença de morte imediata. Ainda hoje, Helgi observava, com o coração apertado, os pais abandonando os recém-nascidos defeituosos na floresta, sem bênção nem nome. Ele bem sabia que uma criança fisicamente diferente era um estorvo insuportável para a família! Queriam rapazes fortes para o trabalho e para a guerra, e as raparigas deviam ser perfeitas para gerarem filhos saudáveis. Contudo, todos os dias se questionava como teria sido a sua vida, se o pai houvesse seguido a tradição do povo e entregue a sua irmã gêmea aos lobos. Provavelmente teria morrido também!

Porém, antes que Vestein, filho de Bror, rei do povo vândalo, desse ouvidos às vozes que o aconselhavam a livrar-se daquele transtorno inesperado, a bisavó de Helgi declarara:

— As duas crianças viverão, porque são sagradas para mim. O rapaz será o meu guerreiro em corpo, e a rapariga, a minha guerreira em espírito. Quem ousar levantar um dedo contra eles, não verá o nascer de um novo dia!

A palavra da Sacerdotisa, rainha do povo vândalo, era lei. Sem hesitar, Vestein deu o seu nome à filha, e Helga cresceu ao lado de Helgi. Contudo, apesar do rosto de um ser o reflexo do rosto do outro, as diferenças não tardaram a acentuar-se. Enquanto o rapaz possuía a robustez de um carvalho, a irmã era delicada como uma flor. Enquanto ele vivia para caçar, pescar e guerrear, Helga era

apaixonada pelo estudo e pela música. Enquanto os olhos incrivelmente azuis de Helgi cintilavam de alegria a cada nova conquista, os olhos da sua gêmea permaneciam mortos para o mundo.

— Você não está bem, mano! — observou Helga, alcançando facilmente a sua aura. — O que é que te perturba?

Ele suspirou, sabendo que era inútil mentir.

— Há pouco, no terreiro, a Gríma me beijou diante de toda a comunidade.

A jovem franziu a testa, replicando com estranheza:

— É normal que a tua noiva exprima o afeto que sente por ti!

— Ela é muito nova...

— A Gríma tem catorze anos! Se não fosse tão arredo, até já poderiam estar casados!

Helga tinha razão. Em breve, esta seria uma fraca desculpa para adiar a sua desventura. Deu por si a desabafar:

— A mãe da Gríma é casada com o nosso avô!

— Sim, mas a Gríma não é nossa tia, Helgi. É nossa prima...

— Eu não vou discutir contigo o que penso do fato de Bror, rei dos Vândalos, ter permitido que a sua escrava viking se deitasse, todos estes anos, com o seu filho mais novo!

— Não seja tão duro com a Halldora! — revidou Helga. — Ela era muito jovem quando o nosso avô a tomou para esposa, e acalentava o sonho de ser mãe...

— Sim! — desdenhou Helgi. — E como o nosso avô já não podia gerar filhos, por causa do acidente que sofreu quando era jovem, achou por bem que o tio Siguror fizesse o seu trabalho... Para mim, isso é repugnante! E o pior é que a promiscuidade se mantém até hoje, sem que ninguém a condene. Eu não entendo os privilégios de que essa escrava desfruta! Até a rainha a protege!

Afastou-se da irmã e apertou a cabeça dolorida entre as mãos. Há muito que amargava esta revolta e, agora que começara a desabafar, parecia incapaz de se deter:

— Eu jurei perante a Lua, senhora dos nossos destinos, que a minha espada não descansaria enquanto um Viking respirasse em cima da Terra. Agora, a própria rainha ordena-me que despose uma

portadora desse sangue maldito; condena os meus filhos a carregarem essa abominável herança...

— Justifica o teu desagrado por Gríma com o fato de ela ser filha de uma escrava viking, mas não se esqueça de que a Halldora partilha o nosso ódio pelo seu povo. Graças às informações que nos forneceu, alcançamos vitórias importantes; conseguimos expulsar o inimigo da nossa floresta!

— A Halldora não fez isso por dedicação, mas por rancor! Aquela mulher é perversa! O Snari acredita que ela foi responsável pelo terrível acidente que vitimou a sua mãe, e eu começo a dar-lhe razão! A Halldora é capaz de tudo para conseguir o que quer!

— Isso até pode ser verdade — constatou Helga, na tentativa de acalmá-lo. — Mas a Gríma não é como a mãe! É uma menina meiga que te adora; que te ama com devoção...

— Mas eu não retribuo o seu afeto! — replicou ele, exasperado. — O amor não é algo que possa ser imposto, Helga! Além disso, não quero me casar. Sou feliz assim, vivendo para a missão de combater os Vikings... e desfrutando do conforto dos teus braços quando regresso para casa. Você é e sempre será o meu único amor!

Helga respirou fundo, escolhendo as palavras antes de objetar:

— O nosso amor é sagrado, Helgi, mas você nunca poderá me amar da mesma maneira que um homem ama uma mulher...

— Eu não sinto falta desse amor — cortou ele, sem hesitação.

— Um dia sentirá — insistiu a jovem. — Eu tenho certeza! Quando menos esperar, verá o teu olhar refletido no olhar de uma mulher e pensará que a sua vida já não tem sentido sem o aconchego do seu corpo, a ternura do seu sorriso. Talvez não seja a Gríma... Mas vai acontecer!

Pela primeira vez, as palavras de Helga assustaram-no. Helgi afastou-se para observar a sua expressão e ordenou num tom inquieto:

— Você já viu o meu futuro... Fale-me dele!

A irmã sorriu docemente e respondeu sem se deixar perturbar:

— Eu vejo muitas coisas... Coisas que não compreendo, coisas que me recuso a aceitar, coisas que me fazem sorrir e coisas que me fazem chorar. Os meus olhos são cegos, mas, no entanto, consigo

ver-te exatamente como é, através da energia que irradia de ti. Graças a esta habilidade, há muito que compreendi que ninguém é totalmente bom, nem totalmente mau. A nossa personalidade é moldada ao longo da vida, e, o que é verdade hoje, amanhã será mentira, assim como os inimigos se tornam amigos, e os amigos, inimigos.

Helgi preparava-se para lhe declarar a sua incompreensão, mas conteve-se ao ouvir a porta abrir-se. *Conselheiro* saltitou em redor de Olave e Ymir, os filhos mais novos do príncipe Vestein, também eles gêmeos. Os pequenos acenaram ao irmão e disseram:

— A rainha quer falar contigo, Helgi.

— Apresse-se! Ela está zangada!

Ao dirigir-se à casa da Sacerdotisa, Helgi ponderou que jamais questionara as suas decisões. Nem mesmo quando descobrira como ela preservava a sua juventude imaculada. Recordava-se bem do horror que sentira... Uma coisa era enfrentar um inimigo e estripá-lo no furor de uma batalha; outra, muito diferente, era seduzi-lo com um beijo e sugar-lhe a energia do corpo, até deixá-lo desprovido de vida e de alma. Porém, superara depressa o constrangimento. Sem apelar aos seus sortilégios de feiticeira, a rainha já teria envelhecido, talvez morrido... E essa fatalidade era inadmissível! A bisavó de Helgi era o espírito do povo vândalo... Enquanto houvesse um sopro de vida no corpo do príncipe, a sua maior alegria seria erguer a espada bem alto e gritar: "*Pela glória de Aesa!*"

Helgi não esperava encontrar Halldora com a rainha. A última mulher do seu avô, que era também uma amante assumida do seu tio, desafiou-o com um esgar enraivecido. Decerto fora queixar-se da indiferença de Helgi para com Gríma. Passou por ele, sem uma palavra ou um cumprimento, bamboleando o corpo sedutor, enquanto sacudia os longos cabelos onde as madeixas ruivas flamejavam.

Aesa estendeu a mão para que Helgi a beijasse, e ocultou um sorriso ao ouvi-lo declarar:

— A minha vida pertence-vos, minha rainha.

A feiticeira entrelaçou os dedos nos cabelos compridos e lisos do bisneto, castanho-acobreados como os do pai, enquanto exclamava:

— A tua frieza para com Gríma começa a suscitar comentários e desgostos! Será que o meu herdeiro favorito decidiu contrariar a minha vontade?

Este era o momento oportuno para manifestar a sua discordância. Porém, mal encarou a limpidez do olhar azul da Sacerdotisa, a firmeza de Helgi dissipou-se como poeira ao vento. Nas profundezas da sua mente surgiu uma dúvida angustiante: Estaria a bisavó a recorrer à magia para manipulá-lo? Deu por si a negar passivamente:

— Jamais! Os desejos da minha rainha são os meus desejos!

— Ainda bem! Este assunto fica encerrado! Sente-se aqui... Chamei-o à minha presença para te incumbir de uma missão fundamental para o destino do nosso povo.

Helgi obedeceu, afundando-se no conforto das almofadas de penas de ganso, espalhadas pelo chão da sala. A casa da rainha era a mais rica da aldeia. Aesa gostava de rodear-se de conforto e beleza. Sempre que os guerreiros regressavam vitoriosos de uma campanha, ela exercia o seu direito de preferência sobre o produto do saque. Ao longo das gerações, reunira um tesouro que Helgi acreditava ser inigualável.

— As minhas armas e o meu sangue estão ao seu dispor! — respondeu, ansioso por desvendar o misterioso desafio que se escondia por trás do olhar sem idade.

— Não me agrada afastá-lo de mim — começou a feiticeira —, mas só o mais bravo, fiel e inteligente dos meus guerreiros poderá levar a bom termo esta missão...

Helgi conhecia bem o passado da sua rainha. Aesa era a primeira filha de um membro do Conselho dos Seres Superiores, o Guardiã da Lágrima da Lua, o qual tinha por dever proteger um cristal mágico e explorar os seus ensinamentos. A tradição ordenava que essa herança fosse confiada ao seu primogênito. Porém, como Aesa nascera mulher, o pai decidira nomear seu sucessor o segundo filho, o feiticeiro Sigarr. E, como se tamanha desconsideração não bastasse, a jovem feiticeira fora abandonada pelo noivo na véspera do casamento.

O Sacerdote Superior Hakon, guardião do cristal mágico conhecido por Lágrima do Sol, renegara o seu povo e o seu poder pelo amor de uma humana.

Aesa limpou a sua honra e puniu o traidor, mas os Feiticeiros haviam-na castigado por isso, banindo-a da Ilha Sagrada, onde viviam, e usurpando o seu poder. Contudo, ela não cedera ao desespero. Decidida a repor a justiça e a vingar-se daqueles que a haviam desprezado, entrou na Floresta Sombria e aliou-se a Mottull, rei do povo vândalo. Desde esse dia que aprofundava os seus conhecimentos da Arte Obscura e, aos poucos, recuperava as habilidades que lhe haviam sido roubadas. Já estava muito forte... quase tão forte como no dia em que a sua família e o seu povo lhe tinham voltado as costas. Mas nunca recuperaria integralmente o poder, a não ser que colocasse as mãos na mais pura das magias.

Nessa tarde, Aesa contou a Helgi a história da feiticeira Aranwen, prometida de Sigarr, que, tal como Hakon, seu mestre, voltara as costas à honra para se unir a um humano. Todavia, Aranwen conseguira enganar o Conselho, enclausurando o seu poder no interior de sete pedras, que, a partir desse instante, se tornaram o tesouro mais precioso da Terra.

A grande batalha pela posse das pedras mágicas fora travada quando Helgi ainda era uma criança. Aesa combatera nas sombras, esperando conquistar o poder que lhe daria o controle do mundo. Porém, os herdeiros de Aranwen tinham derrotado a sua aliada, a feiticeira Gwendalin, num confronto que cobrira a Grande Ilha de sangue e cinzas, e cujos efeitos se haviam refletido nas Terras do Norte.

— Essa mulher agraciada pelos Seres Superiores, Catelyn, casou-se com o Primeiro Homem do rei Steinarr... que é neto do feiticeiro Hakon — repetiu Helgi, organizando as idéias na mente.

— Catelyn e Throst tiveram três filhas — concluiu Aesa. — A mais velha é a herdeira Lágrima do Sol. Pelo menos, devo reconhecer que Hakon possui uma visão mais larga do que o meu pai. “O Que Tudo Vê” não teve pudor em entregar o seu poder a uma mulher.

— E o que aconteceu ao seu irmão, minha rainha? Onde está o feiticeiro Sigarr?

Aesa riu baixinho e afastou os cabelos dourados da face, com um gesto de apurada elegância, enquanto respondia com a voz carregada de ironia e desprezo:

— Depois de tantos anos a ruminar a estupidez, Sigarr teve um lampejo de genialidade. Quando a guerra terminou, retirou-se para um lugar onde ninguém se atreverá a afrontá-lo, nem mesmo o nosso abençoado primo Hakon, e levou consigo o filho de Gwendalin, o qual pretende nomear seu herdeiro.

— Mas, esse rapaz não pode tornar-se Guardiã da Lágrima da Lua! Arkin é o herdeiro legítimo desse poder!

— Eu entendo a tua indignação e a vontade de salvaguardar os interesses do teu irmão mais velho. Todavia, mesmo que o cristal da Lua me pertencesse, Arkin seria a última opção, quando chegasse o momento de passar o meu testemunho. Ele não tem um pinga de magia no sangue, Helgi...

— Mas é o melhor guerreiro do nosso povo!

— A destreza no uso das armas é inútil nesta questão, querido. Os cristais estão carregados de vida e só uma vontade sólida, aliada a um sangue mágico, pode controlá-los. Uma mente simples, como a do teu irmão, não seria a mestra do cristal e sim a sua serva. Compreende?

Helgi confirmou com um aceno e prosseguiu gravemente:

— A avó não pretende entregar essa responsabilidade a Helga, após recuperarmos o cristal, não é? Eu sei que o seu dom é excepcional, mas ela não possui o vigor...

— Não subestime a tua irmã, Helgi! Se eu fosse Guardiã da Lágrima da Lua, teria muita dificuldade em escolher o meu herdeiro, pois, tanto você como Helga, seriam fortes candidatos a esse poder. Porém, ao contrário do que está pensando, não foi para resgatar o cristal da Lua que te chamei aqui. A tua missão é igualmente perigosa... e difícil de superar.

Helgi reteve o fôlego, deliciado com a expectativa de um gigantesco desafio às suas capacidades.

— E o que é que pode ser mais difícil do que encontrar um feiticeiro que desapareceu da face da Terra, derrotá-lo e ao seu pupilo, e recuperar um cristal que tem vontade própria?

A resposta de Aesa foi imediata:

— Reunir as sete pedras de Aranwen.

Desta vez, Helgi ficou tão perplexo que só conseguiu balbuciar:

— Mas... as pedras mágicas não estão na guarda da família da feiticeira?

— É verdade — corroborou a rainha. — Quando a guerra terminou, Catelyn e os seus irmãos decidiram preservar as pedras, para meu supremo alívio e júbilo. Cinco delas são praticamente intocáveis... Porém, a Visão revelou-me que duas se encontram vulneráveis, as quais serão o teu objetivo imediato. Os netos de Aranwen estão envelhecendo, acomodados na paz que tanta desgraça trouxe ao nosso povo. Steinarr tem um herdeiro de valor, prometido à futura Guardiã da Lágrima do Sol... Em condições normais, a união de Ivarr e Edwina tornaria o povo viking invencível. Contrariar essa fatalidade será a minha missão. E tu, querido Helgi, viajarás aos domínios dos McGraw, no seio da Floresta Sagrada, onde a pedra violeta se encontra enterrada junto da sepultura do seu malogrado protetor. A pedra laranja será mais difícil de resgatar, pois foi confiada aos druidas e estes só saem da toca uma vez por ano, para assistirem à Festa da Renovação, celebrada simultaneamente com o Festival de Verão, na Ilha dos Sonhos...

Helgi ficou em silêncio, assimilando a custo o que a sua bisavó lhe solicitava. Acabou por indagar, numa voz baixa e controlada:

— A minha rainha quer que eu invada a Grande Ilha e a Ilha dos Sonhos? Isso é loucura! Quantos guerreiros serão necessários para derrotar os povos da Aliança? Nós mal conseguimos fazer frente aos Vikings...

— Irá sozinho, Helgi. Um homem com o teu valor não necessita do apoio de nenhum exército. Com o vestuário adequado e alguns recursos, que eu providenciarei, poderá passar por viking. E os Vikings não têm dificuldade em movimentar-se livremente pelos domínios Aliados. Existe apenas um pequeno pormenor que jamais deverá esquecer, pois poderá ser fatal. Mantém o testemunho da nossa linhagem longe de todos os olhares.

Helgi fixou os seus pulsos, onde a bisavó tatuara por artes mágicas, no dia em que ele nascera, o símbolo que provava a descendência sagrada da família real: o majestoso dragão, outrora guardião da magia na Terra, desafiando a Lua com um olhar de fogo. Respirou fundo, ponderando as probabilidades de sucesso. Eram mínimas... Porém, existia um forte atrativo nesta missão. Era-lhe oferecida a oportunidade de sair do Norte, de viajar, de conhecer outras terras, de se misturar com o inimigo e aprender a desvendar o seu pensamento. Se a rainha planejava enviá-lo ao encontro dos druidas, então ficaria muitos meses afastado de casa. Talvez Gríma se cansasse de esperar e aceitasse outro marido! Contudo, pensar que deixaria Helga por tanto tempo era insuportável! Abriu a boca para expressar a sua angústia, mas Aesa antecipou-se, provando-lhe que controlava minuciosamente os seus pensamentos:

— A tua irmã ficará bem. Ela também terá muito que aprender e uma missão a desempenhar na tua ausência. Esta separação os ajudará a crescer e se fortalecer. Quando voltarem a se encontrar, estarão prontos a trabalhar juntos para a glória do nosso povo. Agora vai! Convença Helga a sair de casa e a festejar o seu aniversário. Esta será a última celebração de que o nosso povo desfrutará, antes de chorar pelo seu rei, o meu único e muito amado filho.

CAPÍTULO 1

De início, os sonhos eram meras cortinas de nevoeiro cintilante, macio e quente, que se movia, arrastando a minha essência num espaço sem princípio nem fim, onde o tempo não tinha significado e o silêncio era soberano. Depois chegaram os sons, como intrusos arruaceiros; estrépitos na quietude da minha inconsciência. E a claridade... Um Sol tão brilhante que causava cegueira.

Aos poucos, fui-me habituando à luminosidade e apercebendo-me das formas: mar, ondas, rochas, penhascos... gigantes negros que se estendiam até ao céu. De vez em quando zangavam-se, rugiam ensurdecedores e cuspiam fogo. Choviam pedras e cinzas, que tornavam o ar irrespirável e ocultavam o Sol. Sob a ação do calor extremo, a rocha derretia-se e deslizava até o mar, envolta em nuvens de fumaça. A água salgada recebia a dádiva da terra e devorava-a com avidez. Durante dias, o caos assolava este mundo desconhecido. Depois, os gigantes apaziguavam-se e a natureza aproveitava a efêmera calmaria para lambe as feridas.

Conheci a outra parte da minha alma muito antes de ter idade para compreender o que via, o que ouvia ou sentia. Todas as noites, sem exceção, mal minha mãe me aconchegava as cobertas ao peito, beijava a testa e murmurava palavras meigas que, acreditava ela, me protegeriam durante o sono, os meus olhos fechavam-se para a realidade do conforto da minha casa, na Ilha dos Sonhos, e abriam-se na assustadora desordem de um destino incerto. Paredes intermináveis de rocha, que o tempo ainda não tivera a capacidade de arrefecer totalmente, abriam-se para me deixar passar e fechavam-se atrás de mim. Eu avançava pelo meio delas, subindo, subindo sempre... temendo recuar, e acabar prisioneira de um abraço mortal; até encontrar a mão que se fechava na minha, e me conduzia à segurança de um entre milhares de buracos abertos na

pedra negra, para onde deslizávamos e ficávamos imóveis no silêncio reconfortante.

Por vezes, havia movimento no exterior do esconderijo. Eu escutava distintamente o arranhar das garras, os latidos e rosnados de uma matilha enlouquecida... E um mal que não tinha nome nem dimensão definida. Um mal que me inspirava um terror profundo, que se refletia no corpo que me estreitava, no descompasso do pequeno coração que batia junto do meu. Então, a mais medonha das vozes ressoava pela infinidade das cavernas:

— Loki! Onde está, fedelho ingrato? Quando te apanhar, arranco-te a carne dos ossos!

Eu não me movia; nem sequer me atrevia a respirar. As lágrimas do meu companheiro de pesadelo encharcavam-me as faces, até ser impossível distinguir a qual de nós dois pertenciam. E assim foi, durante muitas estações; um contato que restabelecia, um silêncio que curava.

Os anos passaram-se e trouxeram-me o Conhecimento, a Consciência, a Vontade. Eu ainda viajava através do nevoeiro colorido, ao encontro das rochas que vomitavam fogo, mas agora sabia que, enquanto o meu corpo repousava na cama, era a minha essência, aquilo que os Homens comuns chamam de “espírito”, que se libertava da prisão da carne e se aventurava no desconhecido. Descobri que o meu companheiro de todas as noites era real e possuía uma entidade distinta da minha; que se encontrava perdido num mundo hostil, prisioneiro de um feiticeiro cruel... E que o pesadelo que me assombrava, assim que o sono me arrebatava, era a sua vida.

Porém, foi só quando os meus pais me revelaram o passado da nossa família, a guerra pela posse das pedras mágicas da minha bisavó Aranwen e a colossal batalha travada contra a feiticeira Gwendalin, que eu compreendi quem era o rapaz que se escondia nos alvéolos de rocha negra e apelava desesperadamente à energia da minha essência para manter a sanidade... E a razão por que me sentia tão próxima dele como se tratasse de um irmão gêmeo!

Num instante, aquilo que eu sempre encarara como um devaneio da minha mente exausta assumiu um significado assombroso, e o

segredo das minhas aventuras noturnas, minuciosamente guardado com receio de que me julgassem louca, foi relatado com pormenores e repetido diante de toda a família. Ao ouvir falar das ilhas que cuspiam fogo, num arquipélago fustigado pelo Sol quando a noite caía na nossa terra, onde o mar era tão límpido e sereno como uma poça de água deixada pela maré cheia, tio Edwin ergueu-se com as mãos na cabeça e dirigiu-se a meu pai, com a voz alterada pela emoção:

— Eu procurei meu filho por todo o mundo conhecido... E nunca me dei conta da existência de semelhante lugar! É impossível...

— Nada é impossível, Edwin McGraw — interferiu o feiticeiro Hakon da Montanha Sagrada. — Você mesmo disse que procurou teu filho pelo mundo conhecido... Mas existem muitos mundos que o Homem desconhece; terras tão distantes, que o mais veloz *Drakkar* Viking e o mais robusto navio da Grande Ilha não conseguem alcançar.

— Se isso é verdade, mestre — replicara o primo Krum —, como foi que Sigarr conseguiu chegar até lá sozinho, com um bebê nos braços?

— E como é que conseguiu ocultar-se da sua Visão? — apoiou tio Berchan.

O meu bisavô, a quem o povo nomeara "O Que Tudo Vê", ponderou um pouco antes de responder:

— O Guardião da Lágrima da Lua, sendo feiticeiro e mestre da Arte Obscura, possui recursos que estão além da força e resistência de qualquer Homem. Além disso, tem poder para iludir a minha percepção, o que, como vocês sabem, fez muitas vezes ao longo destes anos, atraindo-nos em buscas infrutíferas através do mar e por terras inóspitas. Contudo, é possível que, ao concentrar-se em enganar-me, se tenha esquecido do elo que foi estabelecido entre Edwina e Edwin, no momento da concepção. Esse elo fortaleceu-se com o passar do tempo e, hoje, Edwina está em condições de nos garantir o sucesso de uma campanha de resgate.

— Campanha de resgate? — Repetiu a minha mãe, simultaneamente desejosa e temerosa. — Mas como podemos planejar o salvamento do pequeno Edwin, se, como você disse, não

existe um navio suficientemente robusto e rápido para empreender a viagem na Ilha dos Sonhos, na Grande Ilha, nem sequer no País dos Vikings?

— Se não existe, vamos construí-lo! — decidiu meu pai. — A Ilha dos Sonhos tem a melhor madeira e os homens mais robustos e corajosos para a tarefa. Steinarr e Stefan irão ajudar-nos. Vamos buscar o teu filho, Edwin!

Pela primeira vez vi o meu tio chorar. Estreitou o cunhado e, em seguida, ergueu-me no colo e fez-me rodopiar pelo salão, gritando:

— Três vivas para a minha sobrinha preferida, que fez regressar a esperança ao meu coração!

Tive de prometer que nada diria ao meu primo, para que o pérfido feiticeiro Sigarr não arruinasse os nossos planos. Seria fácil cumprir o juramento, já que, desde que nos conhecíamos, não havíamos trocado uma palavra.

De imediato, os homens da Ilha dos Sonhos empenharam-se na construção do mais resistente e veloz dos navios. Para ajudá-los, vieram guerreiros do País dos Vikings e da Grande Ilha. No fim, tínhamos tantos braços a cortar madeira e a trabalhar no projeto, que a minha família decidiu construir, não um barco, mas dois. Assim, se algum azar sombreasse a campanha, os homens teriam mais probabilidades de regressar para casa sãos e salvos.

Todos sabiam que os perigos desta jornada seriam colossais. Podiam deparar-se com criaturas monstruosas, ainda desconhecidas do Homem; sereias, que tentariam persuadi-los a lançar-se nas águas sem fim; rochas afiadas, que testariam a robustez dos cascos; correntes, que desafiariam a perícia dos marinheiros; gigantescas tempestades, que arrasariam num piscar de olhos o sonho da vitória e as vidas dos nossos bravos. Ainda assim, não existia homem que não desejasse fazer parte da tripulação.

Enquanto os navios ganhavam forma, os encontros com o meu primo mantiveram-se inalterados. Porém, desenvolveu-se uma ansiedade na minha respiração, um carinho no meu abraço, quando o estreitava com o propósito de ajudá-lo a recuperar a coragem para enfrentar os horrores que o esperavam para lá da segurança do nosso esconderijo. Eu nem imaginava o quanto ele sofria nas mãos

do seu raptor, mas estremecia, sempre que a voz daquele que agora sabia ser um dos mais perigosos e temíveis feiticeiros bradava:

— Loki! Responda-me, criatura estúpida! Terá tempo de dormir quando morrer! Vem treinar!

Pelo que percebia, a aprendizagem do meu primo na Arte Obscura, sob a mão malévola do Guardiã da Lágrima da Lua, era cada vez mais rigorosa. O mesmo sucedia comigo, na prática da Arte Luminosa, sob a orientação do Guardiã da Lágrima do Sol. Isto implicava que o tempo que passávamos juntos diminuía a cada noite. Aproveitei a liberdade que os sonhos me concediam para observar a posição da Lua e das estrelas, naquela terra distante. Na posse dessas informações, o meu pai e o tio Berchan desenharam mapas, os quais guiariam os nossos guerreiros rumo ao desconhecido.

Finalmente, o grande dia chegou. “O Que Tudo Vê” despediu-se com severas recomendações acerca da necessidade de eu jamais quebrar o silêncio diante do meu primo, e de prosseguir os estudos com redobrado afínco, pois, brevemente, pretendia confiar-me a sua herança mágica e nomear-me Guardiã da Lágrima do Sol. Ele seguiria no primeiro navio, comandado pelo meu pai, e certificar-se-ia de que os guerreiros resistiriam aos rigores da longa viagem. No segundo navio, comandado por tio Stefan, tio Berchan tinha a mesma incumbência.

A minha mãe chorava compulsivamente, enquanto os barcos se afastavam. Na altura, eu era demasiado jovem e imatura para compreender o que significava para Catelyn da Ilha dos Sonhos ficar afastada do seu marido, sem a certeza de que voltaria a vê-lo. Só pensava na alegria que o meu primo sentiria quando os navios salvadores surgissem no horizonte. E no momento em que, finalmente, nós dois ficaríamos frente a frente, iluminados pela luz do dia, para que eu pudesse ver o júbilo da liberdade cintilando no seu olhar.

Certa noite, após percorrer o caminho que a minha essência conhecia de cor, não encontrei o meu primo à minha espera. Aflita, apelei à magia do meu sangue e àquele que agora sabia ser o elo que nos tornava inseparáveis, para descobri-lo. Ele já estava num

dos alvéolos que acobertavam o nosso segredo. O seu corpo soluçava de desespero... e algo que, mais tarde, verifiquei ser dor. Assim que me pressentiu, envolveu-me e assimilou a minha energia com sofreguidão. O horror que o trespassava era tão extremo, que fui incapaz de reter a comoção. Acariciei-lhe o rosto com cuidado, murmurando:

— Schiu! Vai correr tudo bem! Prometo...

Só percebi que acabara de fazer uma grande asneira quando ele recuou, sobressaltado, esperneando e mal sufocando um grito. Antes que pudesse detê-lo, já acendera uma chama nos dedos e olhava-me com olhos esbugalhados:

— Quem é você? Uma assombração?

O meu primo via-me sob a forma da minha essência: luminosa, transparente, celestial... E eu via-o como um rapaz de onze anos, com brilhantes olhos verdes... os olhos da minha família materna — os olhos do seu pai! A harmonia dos seus caracóis louros era quebrada por uma madeixa de cabelo ruivo — a marca da sua mãe.

— Você fala... — insistiu ele. — Mas não é humana! E também não é um dos monstros! O que você é? Responde!

Engoli em seco, sem saber o que fazer. E se ele desatasse a gritar? A sua voz, mesmo sussurrada, acabaria por atrair Sigarr... ou os monstros a que ele se referia, e que, provavelmente, lhe haviam infligido os ferimentos profundos que lhe cobriam o peito e o ventre, ensopando de sangue o pano desbotado que lhe rodeava os quadris. Eu não podia consentir que isso acontecesse, não só porque me confrontaria com um perigo terrível, mas também porque o desgraçaria, e aos seus salvadores, que já não deviam estar longe. Decidi arriscar:

— Sou tão real como você... Só que o meu corpo repousa em outro lugar, enquanto a minha essência vem ao teu encontro para te ajudar. Tem sido assim desde o princípio...

— Eu não sabia... — interrompeu ele, mantendo a voz baixa. — Julgava que... que fazia parte de mim! Tinha medo que desaparecesse, se eu tentasse descobrir o que... isto significa! Você alivia o meu tormento...

— Não poderei continuar a fazê-lo, se não se calar! Quer que o teu mestre me descubra?

Ele abanou a cabeça, numa negação enérgica, e cerrou a mão. O fogo extinguiu-se e ficamos novamente envoltos pela obscuridade. Porém, era óbvio que algo mudara... o ar estralava em contato com a sua pele e a minha essência. Eu continuava a vê-lo, tão claramente como se o nosso esconderijo estivesse iluminado por uma fogueira.

— De onde vem? — Teimou. — Diz-me o teu nome!

Silenciei-o com a ponta dos dedos. Ele me deu uma mão e, com a outra, agarrou uma madeixa dos meus cabelos e sacudiu-a, deixando no ar um rastro brilhante. Sufocou o riso e abraçou-me, segredando-me ao ouvido:

— Juro que não voltarei a falar... Se você prometer que jamais me deixará!

O sorriso que trocamos selou o pacto, que se manteve durante as semanas seguintes. Num desses dias, o meu primo surgiu ainda mais ferido. Eu morria de vontade de lhe perguntar o que sucedia no exterior do nosso refúgio, mas tinha medo. Distinguia muitas vezes o ruído de unhas raspando a rocha e latidos estranhos, tão estridentes que dificilmente poderiam vir de cães. Nessas ocasiões, ele me abraçava com mais força, como se tencionasse proteger-me, e o seu coração disparava a galope.

Então, numa tarde em que não se vislumbrava uma nuvem no céu e o ar estava insuportavelmente quente, avistei os barcos da minha família. Encontravam-se tão perto do reduto de Sigarr que, se não ocorressem imprevistos, chegariam na manhã seguinte. O contentamento provocado por esta visão deixou-me extasiada, de tal forma que, na companhia do meu primo, dei por mim a quebrar as regras:

— O meu nome é Edwina...

Ele ergueu a cabeça, que descansava no meu ombro, e revelou todos os dentes num sorriso, antes de sussurrar em resposta:

— O meu é Loki... Mas, você já sabia...

— O teu nome não é Loki — retorqui com o coração batendo descompassadamente. — Loki é o nome que o teu mestre te deu,

quando te roubou do berço e te trouxe para cá. O teu verdadeiro nome é Edwin... Tem o mesmo nome que o teu pai!

O sorriso do meu primo mirrou lentamente, até morrer com um gemido de incompreensão. Afastou-se de mim e replicou temeroso:

— O meu pai? O meu mestre não é o meu pai?

Na Ilha dos Sonhos, uma lágrima escorreu-me pelo rosto adormecido. Eu sabia que não devia continuar... mas as palavras caíam-me em cascata dos lábios:

— O teu pai é um valoroso guerreiro de uma terra distante, no Norte, chamada Grande Ilha. O teu mestre é um inimigo da nossa família, que te raptou para te transformar num guerreiro-feiticeiro e, pela tua mão, vingá-los daqueles que travaram os seus planos de dominar o mundo.

— Nossa família? O teu nome é Edwina... e o meu é Edwin? Nós somos... irmãos?

— Primos... — quase sorri ao observar a decepção no seu olhar. — Mas seremos sempre como irmãos porque, no momento em que fomos gerados, uma força divina marcou o mesmo rumo para o nosso destino.

— Foi assim que você me encontrou... — constatou ele, tão confuso e assustado como maravilhado. — É por isso que me sinto bem quando estou contigo... e mal quando está longe. — O horror acabou por vencer o encanto. — Eu fui raptado! Isso quer dizer que o meu mestre... Não! Não pode ser!

Tremia descontroladamente e fui forçada a dar-lhe a mão para reconfortá-lo. Este contato aumentou ainda mais a minha necessidade de lhe contar a verdade. E só havia uma maneira de fazê-lo compreender:

— Os nossos poderes são equivalentes, o que quer dizer que, se eu consigo trazer a minha essência até aqui, você também é capaz de deixar o teu corpo e vir comigo...

— Isso é impossível!

— Não, se recorrer à magia!

Ele continuou a negar, e a sua resistência só estimulava a minha determinação:

— Fecha os olhos... Sente a magia pulsar no teu sangue... Deixa o corpo repousar... e o espírito elevar-se.

Passo a passo, Edwin seguiu as minhas instruções. Muito mais rápido do que eu esperava, o seu corpo cedeu ao sono... e ele surgiu ao meu lado, na sua forma espiritual. Surpreendi-me ao verificar que as cores da sua essência eram distintas das minhas, mas na altura, isso pareceu-me de menos importância. Nesse instante, éramos a mais pura forma de energia... E éramos livres!

Deixamos a sua realidade para trás e, quando a alvorada chegou à Ilha dos Sonhos, Edwin já se deslumbrara com a imensidão azul do mar, com a areia branca e fina da praia, com o verde luxuriante da floresta que abraçava a Montanha da Magia... e com a visão do aglomerado de casas da comunidade governada pelo *jarl* Throst. Para um rapaz cuja existência estava condicionada a uma ilha vestida de sangue e luto, descobrir a fragilidade dos mantos amarelos e brancos das flores do campo era arrebatador. Ao terminar a visita, levei-o à minha casa; ao quarto onde o meu corpo se encontrava, profundamente adormecido, para que não lhe restassem dúvidas de que eu existia em carne e osso.

A mão brilhante da essência de Edwin atreveu-se a buscar uma madeixa dos meus cabelos, deixando os caracóis deslizarem por entre os dedos. Depois murmurou, com a inocência de um garoto que nada conhecia, além da negritude e da infelicidade:

— Você é a coisa mais bonita que eu vi hoje!

Envaidecida, acerquei-me dele e beijei-o no rosto. As suas faces assumiram uma cintilação escarlate. Sorri, divertida, e afirmei com uma certeza inabalável:

— Não demora, estará vivendo aqui, comigo! Tenho tanta coisa para te mostrar... tantos amigos que vai adorar conhecer...

— Mas... c... como? — gaguejou ele, com os olhos desmesuradamente abertos.

— Os nossos pais estão chegando à tua ilha, com um exército formidável! O teu mestre vai ser castigado por tudo o que te fez sofrer!

Pensei que iria vê-lo saltar de alegria. Porém, Edwin manteve-se estático, tenso... E, só a muito custo, respondeu à minha expressão

intrigada, com a voz a tremer:

— Os monstros não me deixarão partir!

— Monstros? — Repeti, sem compreender. — Quais monstros?

O meu primo ia responder mas, subitamente, a sua essência perdeu a cor, tal foi o sobressalto que o acometeu.

— O meu mestre está me chamando! Tenho que ir...

— Edwin! — protestei, tentando detê-lo.

— Se não for... Se ele descobrir, nunca mais poderei vê-la.

— Eu vou contigo...

— Não! — cortou; a sua essência dissipando-se diante da minha.

— É tarde...

E desapareceu, deixando-me perplexa e assustada.

Esse foi o dia mais longo da minha vida. Isolei-me em meditação, evitando falar com quem quer que fosse. Tinha medo de que a minha mãe descobrisse que eu contara os nossos planos a Edwin. E receava que ele não tivesse conseguido ocultá-los do seu mestre; inquietava-me com a sua perturbação extrema. Monstros, dissera... Estaria a referir-se aos animais que eu escutava a arranhar a rocha e a latir enraivecidos?

Quando a noite chegou, estava tão ansiosa que era incapaz de adormecer. E, sem sonhar, não tinha como ir ao encontro do meu primo! Os nossos pais já deviam ter chegado à ilha. O que estaria acontecendo? A ignorância enlouquecia-me. Acabei por levantar-me da cama às escondidas e preparar um chá com algumas das ervas especiais da minha mãe. Sob a sua influência, dormiria mais do que o normal... Mas venceria a angústia do desconhecimento.

Caí num sono brusco e profundo... e a minha essência despencou num vazio tenebroso. Tive de apelar a todas as minhas forças para encontrar o caminho que desejava... E, quando finalmente consegui, quase desfaleci de pavor.

Na praia rochosa, o meu povo aguardava com as armas em riste, os corpos ansiosos e os espíritos preparados para o ataque. Ao longo dos anos, o orgulho que sentia no meu sangue e nas minhas origens aumentava sempre que recordava esta imagem, pois tinha certeza absoluta de que nenhum outro povo se manteria firme,

diante da visão grotesca do inimigo que se preparavam para enfrentar.

Eram dezenas... não, centenas de criaturas de pele vermelha, desprovidas de pêlo, que, apesar de possuírem constituição semelhante à dos Homens, jamais poderiam ser confundidas com a minha raça. Tanto avançavam sobre os pés, como galopavam de quatro, saltando de rocha em rocha e latindo com um furor de gelar a alma. As suas caudas, segmentadas como as dos ratos, estalavam como chicotes, e as garras feito lâminas cintilavam à luz do Sol. Porém, o que causava mais horror eram os seus focinhos, semelhantes aos das feras, com olhos amarelos e presas que fariam inveja a um lobo adulto... E os chifres, que ornamentavam as cabeças dos machos, redondos e pontiagudos como de touros. Estes eram os monstros de que Edwin falara... Estas eram criaturas capazes de esmagar o exército da minha família num piscar de olhos!

Uma delas destacou-se, gigantesca, aterradora. Mal acreditei nos meus ouvidos quando falou a nossa língua, com uma acentuação estranha mas perceptível e claramente ameaçadora:

— Hakon da Montanha Sagrada, o que te traz aos meus domínios?
O meu bisavô demorou algum tempo a responder:

— Fui informado de que estas ilhas acolhem o meu primo Sigarr e o jovem humano que ele raptou de uma das casas que desfrutam da minha proteção! Entregue-nos esse rapaz, Vulcan, e partiremos em paz!

A criatura emitiu um urro que pretendia ser uma gargalhada, antes de replicar:

— Mais de cem anos se passaram, desde que a tua gente determinou o meu exílio, Guardiã da Lágrima do Sol! Entretanto, também fui informando... E sei que o Conselho que servia com tanta devoção te renegou. Pode reinar entre os animais que te rodeiam, mas, diante do meu povo, é um verme! Escolhi estas ilhas para minha morada e não recebo visitas! Se tem contas a ajustar com o teu primo, deve procurá-lo noutro lugar! Agora, se preza a vida, leva daqui o teu gado, antes que o seu cheiro desperte o meu apetite!

Muitas vozes se ergueram de entre os nossos guerreiros. Distingui perfeitamente a de tio Edwin, furiosa, revoltada. Ele estava disposto a dar a vida para exterminar aquelas aberrações! O meu coração parou de bater, quando o meu bisavô acenou para se fazer ouvir e declarou com uma firmeza gélida:

— Vamos embora! Aqueles que buscamos não se encontram aqui!

Choveram protestos. O tio Edwin tentou arremeter contra o monstro e o meu pai e o primo Krum foram forçados a imobilizá-lo. O tio Berchan fitava o seu mestre com uma expressão assombrada. O tio Stefan gritava para apaziguar os ânimos dos guerreiros... E eu observava-os chocada, sem acreditar, sem compreender...

— Ordena a retirada, Throst! — insistiu “O Que Tudo Vê”, por entre o clamor.

— Mas a Edwina...

— A tua filha enganou-se! Faz o que te digo!

E o meu pai fez. A sua ordem calou os guerreiros. Os latidos das criaturas ecoaram, ensurdecedores, vitoriosos... Só existia uma maneira de lhes provar que eu não me enganara; que Edwin estava em algum lugar nesta prisão tenebrosa, sentindo a esperança da liberdade escapar por entre os dedos. Tinha de trazê-lo à luz do dia!

Em pânico, lancei-me ao encontro da essência do meu primo. O meu ímpeto arrebatado conduziu-me a uma pequena cela escavada na rocha, de onde se avistava a praia através de uma fresta. Edwin gritava e esmurrava a parede, desesperado na sua impotência:

— Socorro! Não me abandonem aqui! Covardes! Covardes!

Assim que sentiu a minha presença, encarou-me com o rosto banhado em lágrimas, exclamando acusadoramente:

— Mentiu-me! Disse que o meu pai era um homem corajoso! E ele vai embora! Vão todos embora...

— Edwin, perdoe-me... — tartamudeei, partilhando da sua agonia.

— Eu não sei por quê...

— Ajude-me a sair! — Correu para a pedra que bloqueava a passagem, tentando inutilmente empurrá-la. — O meu mestre usou magia para movê-la, mas, talvez, se combinarmos nossas forças...

Calou-se subitamente, assolado por uma onda de energia que chegou até mim com o furor do Vento Norte. Trocamos um olhar

aterrorizado. O mestre da Arte Obscura estava chegando.

— Vai... — murmurou Edwin, recuando, subitamente sereno. — Vai, antes que te descubra...

— Mas, ele acabará te matando!

— Eu farei o que for necessário para sobreviver.

— Edwin...

— Vai, Edwina! E não volte a me procurar. Eu irei até você quando for seguro.

A pedra moveu-se...

Fixei o olhar do meu primo pela última vez; um olhar inchado, cansado, decepcionado, temeroso, triste... infinitamente triste!

— Perdoe-me! Perdoe-me...

— Perdoe-me...

Sentei-me na cama, com os olhos esbugalhados de horror e os lábios a murmurar a súplica que, há cinco anos, repetia sem cessar. Não obstante o tempo que passara, a recordação da figura alta e franzina do Guardiã da Lágrima da Lua, a surgir por trás da pedra e a investir contra mim... contra Edwin, ainda me provocava calafrios. Há muito que compreendera e aceitara as razões de "O Que Tudo Vê". Porém, ainda assim, não podia esquecer que deixara o meu primo para trás, entregue à sua sorte, depois de lhe ter prometido a liberdade.

Por mais que tentasse, não voltaria a pregar o olho. Enfiei o vestido pela cabeça e afastei a cortina de lã colorida que separava o meu quarto das outras divisões da casa. Deslizei pelo chão de madeira, silenciosa como um fantasma, carregando as botas na mão. Só as calçaria na rua, quando não corresse o risco de acordar o resto da família e os criados.

A alvorada aproximava-se rapidamente. As ruas da aldeia ainda se encontravam desertas, mas os meus sentidos apurados já distinguiam movimento no interior de algumas casas. Avancei furtivamente, encoberta pelas sombras, e corri ao encontro do abraço protetor da floresta que cobria a Montanha da Magia, com o ar frio a esbofetear-me as faces. Só existia um lugar capaz de

restituir o equilíbrio ao meu espírito atormentado pelo remorso e pela incerteza.

A caminhada era longa. Quando deixei o abrigo do bosque, o Sol já se erguia no firmamento e o ar começara a aquecer. Este era o ponto mais alto da Ilha dos Sonhos; uma clareira no topo da montanha, onde as Pedras do Mundo governavam sobre a terra e o mar. Deslizei por entre os magníficos blocos de pedra, acariciando-os com devoção. Apesar de visitar freqüentemente este lugar, evitado pelos habitantes da ilha por respeito e temor, nunca cessava de maravilhar-me.

Uma majestosa pedra esbelta erguia-se na direção do céu, cintilando com as cores do arco-íris. Ao seu redor, catorze pedras polidas, de uma cor azulada que eu nunca vira em nenhum outro lugar, encontravam-se plantadas no solo, na vertical, com sete sobrepostas na horizontal, como se formassem sete portas. Todas tinham duas vezes a minha altura, e a pedra central era maior do que uma árvore adulta e podia ser avistada a grande distância, mesmo do mar. Qual seria a sua história? Que mistérios revelariam, se falassem? Este não podia ser um prodígio da natureza, mas também não existia ser humano capaz de erguer estas pedras, quanto mais de carregá-las através da floresta cerrada, e de amontoá-las com tal precisão. Seria a obra de um feiticeiro? Quando indagara junto da minha família, ninguém soubera responder-me, nem mesmo "O Que Tudo Vê".

Deixei as Pedras do Mundo para trás e avancei até à entrada da Gruta da Renovação. A abertura escavada na rocha voltada para o mar dava passagem para o interior da montanha, onde um corredor longo e descendente terminava numa galeria ampla, não muito alta, de paredes duras e estéreis, cobertas por pinturas que imortalizavam a existência dos quatro povos detentores do Poder Antigo, os quais haviam dominado o mundo após a extinção dos dragões. Nelas podiam observar-se esses seres a pairar no ar, a nadar no mar, a caminhar por entre o fogo e a viver em harmonia com as densas florestas.

Hakon trouxera-me aqui pela primeira vez, pouco depois de regressar da campanha às Terras do Fogo, para que eu

compreendesse a razão por que determinara a retirada do nosso exército dos domínios daquelas abomináveis criaturas, condenando Edwin a um destino pior do que a morte. Os Feiticeiros, ou o Povo do Ar, como haviam sido chamados nos primórdios, não eram os únicos seres que dominavam a magia, explicara, apenas os mais poderosos. Em tempos, a sua vontade fora imposta sobre o Povo da Terra, o Povo da Água e o Povo do Fogo, até que a expansão humana os forçara a partir para a Ilha Sagrada — um paraíso místico, invisível ao olhar do Homem, cujas florestas luxuriantes, lagoas de águas puras e castelos de cristal eu visitava desde menina, através das recordações do meu bisavô.

Não era incomum ouvir-se falar do Povo da Terra e do Povo da Água. Os relatos de encontros com elfos e fadas, ou com tritões e sereias, tanto podiam ser deslumbrantes como aterradores, dependendo do humor e das intenções dos seres mágicos. A sua habilidade para manipular a mente dos Homens, aliada à ignorância das pessoas simples, que desconheciam a existência dos Povos Antigos, e se entregavam de coração aberto às visões estreitas da nova religião, alimentavam a fantasia popular e o temor por entes que eram tão reais e vulneráveis como nós. Quanto ao Povo do Fogo, a história era muito diferente!

Desde o início, esses seres haviam-se recusado a cumprir quaisquer regras de convivência. Viviam ao sabor dos seus desejos e da vontade de Vulcan, o seu rei. Como não podiam desafiar o poder mágico dos Feiticeiros, divertiam-se a provocar guerras com o Povo da Terra, incendiando as suas florestas. Porém, quando a sua atenção se voltara para os humanos, os Seres Superiores foram forçados a interferir, a fim de impedir a carnificina dessa raça física e intelectualmente inferior, contudo, ainda assim, inteligente. E que, como eu própria escutara naquele mal-aventurado dia, para o Povo do Fogo os Homens não passavam de animais, de gado... de alimento. Cedo, estes predadores vorazes haviam-se tornado o pior pesadelo da raça humana... Eu não tinha dúvidas de que eles eram os "*demônios*" que os padres cristãos tanto temiam!

O constante desrespeito das normas dos Feiticeiros, a gula e a crueldade de Vulcan, levara o Conselho dos Seres Superiores a

decretar o exílio do Povo do Fogo, condenando-o a viver afastado de quaisquer outras raças. A ordem fora executada, e o meu bisavô não tornara a pensar no assunto, até vê-los surgir naquela ilha... precisamente naquela ilha!

"Vulcan deu-nos a oportunidade de partir porque sabia que, apesar de eu ter sido renegado pelo meu povo, este jamais deixaria a minha morte impune. Porém, se insistíssemos em impor a nossa vontade, o seu temor pelo castigo dos Seres Superiores teria sido esquecido... Não duvide, Edwina! Se Vulcan atacasse, nenhum guerreiro regressaria para casa! E que bem adviria dessa chacina? Edwin permaneceria prisioneiro... E a Ilha dos Sonhos, o País dos Vikings e a Grande Ilha perderiam os seus líderes e alguns dos seus mais valorosos homens. Só o mal lucraria com este confronto! Por isso, menti e mantenho a mentira... E você também o fará, se tem amor ao teu pai, aos teus tios, aos teus vizinhos... Desta vez, Sigarr fez uma jogada magistral! Enquanto estiver sob a proteção de Vulcan será intocável! Lamento pelo teu primo... Mas nada podemos fazer para ajudá-lo!"

E foi assim que, aos onze anos, eu me vi confrontada com uma decisão de vida ou de morte. Se insistisse na minha convicção, tio Edwin seria capaz de regressar sozinho à ilha, ou com quantos homens conseguisse reunir em torno da sua causa. Uma vez lá, seria devorado pelos demônios... Por mais que me custasse admitir, o meu primo estava perdido de uma forma ou de outra. Não era uma questão de coragem; era uma questão de bom-senso! Esperar que Edwin sobrevivesse à barbaridade de Sigarr, era tudo o que me restava. Porém, à medida que os anos passavam, a minha esperança extinguia-se e o desespero sobrevinha. Todas as noites combatia a vontade de buscá-lo, temendo causar-lhe a morte. Ele disse que me procuraria quando fosse seguro... E eu vivia na esperança de reencontrá-lo, um dia.

Fechei os punhos e esmurrei as representações do Povo do Fogo com toda força que possuía, até sentir os ossos estalarem de agonia e a carne rasgar-se sob o impacto. Gritei até as paredes de pedra serem incapazes de sustentar a minha voz. Depois, deixei-me cair no chão, chorando desconsoladamente. Desejava que o meu bisavô

estivesse aqui para me confortar, ou, pelo menos, para escutar o meu desabafo... Mas ele partira no início da Primavera, rumo ao Norte, dizendo que nada mais tinha para me ensinar. Eu devia amadurecer o meu poder, encontrar o meu rumo e ganhar coragem para segui-lo... E teria de fazê-lo sozinha!

Levei a mão ao bolso do vestido e ergui a Lágrima do Sol diante dos olhos. O cristal mágico, formado a partir de uma das lágrimas choradas pelo Guardião da Montanha, ao prever o fim do seu mundo, libertava uma cintilação límpida. Quem sabe, neste preciso momento, Edwin não girasse entre os seus dedos a Lágrima da Lua, e observasse maravilhado o seu brilho negro? Eu nunca vira o cristal antagonista do meu, mas a minha mãe contara-me que era igualmente perfeito, detentor de um poder de cortar a respiração. Talvez a cura para todos os nossos males residisse nestas duas pedras mágicas, que guardavam o Conhecimento Absoluto! Porém, a Lágrima do Sol ainda não me reconhecia como sua guardiã; muitas vezes, enchia-me os olhos de névoa quando buscava a sua sabedoria. A minha mãe insistia que eu devia treinar mais e confiar nas minhas capacidades... Contudo, a ausência de "O Que Tudo Vê", ao invés de fortalecer a minha determinação, só aumentara a insegurança.

— Perdoa-me — murmurei outra vez, com o olhar mergulhado no esplendor do cristal. — Gostaria que soubesse que te guardo sempre no meu pensamento! Se está me ouvindo, responde! Dá-me um sinal de que se encontra bem! Lamento tanto, Edwin... Tanto...

Sobressaltei-me quando um som estridente e longo fez vibrar as paredes da gruta. Era o clamor da trompa que anunciava a aproximação de barcos. Eu acordara tão perturbada, que nem me lembrara de que os primeiros convidados para o Festival de Verão estavam prestes a chegar. Com certeza minha mãe já se atarefava com os preparativos para a recepção. Nestes dias, a esposa do *jarl* não tinha descanso. Era tempo de guardar as minhas mágoas num recanto secreto da mente e correr para ajudá-la.

Todavia, antes de descer ao povoado, não resisti a espreitar o mar. Deste lado da montanha, as copas dos carvalhos adultos formavam uma manta verde que se estendia até o extenso areal,

tão cerrada que parecia possível caminhar sobre ela. Ao Norte, a praia estava cortada por penhascos altivos, povoados por barulhentas aves marinhas. Escondidas entre estes, havia pequenas baías onde as focas descansavam, cobrindo a areia branca com os seus corpos gordos e pachorrentos. Porém, o verdadeiro santuário destes belos animais situava-se numa ilha vizinha, demasiado agreste para ser habitada pelo Homem.

A indescritível beleza que se estendia diante de mim seria capaz de tirar o fôlego a qualquer mortal, camponês ou guerreiro, rico ou pobre, novo ou velho. Eram muitas as pequenas ilhas que formavam o arquipélago e, até há poucos anos, os seus labirintos rochosos haviam representado uma ameaça mortal para os navios. Certos dias, com o mar calmo e a luz adequada, era possível vislumbrar os seus destroços, afundados junto dos rochedos traiçoeiros; a única recordação do tempo em que a Ilha dos Sonhos fora um território selvagem. O meu pai e a sua tripulação tinham descoberto um caminho seguro e tornado este paraíso num porto de paragem obrigatória.

Fora da rota comercial, o arquipélago escondia outra ilha habitada. A Ilha dos Penhascos surgia diante dos navios como uma muralha impenetrável de rocha, que se erguia até desafiar o céu. Do ponto alto onde me encontrava, avistava perfeitamente a mancha de vegetação que se criara dentro do vaso de pedra escura. Quando pequena, costumava imaginar que um gigante zangado pisara naquele pedaço de rocha com toda a força, e abrisse um buraco no seu interior com o calcanhar que, com o tempo, se encheria de árvores. Hoje sabia que a ilha não era mais do que um velho vulcão, cujo furor se extinguiu muito antes dos nativos do arquipélago o escolherem para sua morada. Mesmo num dia claro como este, era impossível distinguir algo que denunciava a presença de vida no interior acidentado da ilha. Mas eles estavam lá!

Na primeira vez que se encontraram, os dois povos quase entraram em conflito. Os Vikings reclamavam a terra como conquista sua. Os nativos viam-se diante de uma horda de invasores, que podiam exterminá-los até ao último homem, sem o menor esforço. E, estou convicta de que, se o meu pai não estivesse à frente da

empreitada, muitas almas se teriam perdido. Porém, com a sabedoria que o levava a ser eleito Líder Supremo do povo viking, o *jarl* Throst conseguiu chegar a um acordo sem que houvesse derramamento de sangue. Afinal, tudo o que os nativos desejavam era celebrar os seus rituais sagrados no topo da Montanha da Magia, junto das Pedras do Mundo, a chamada "Festa da Renovação", que coincidia com o nosso Festival de Verão. O meu pai dera-lhes a sua palavra de que ninguém os incomodaria na Ilha dos Sonhos, e que a Ilha dos Penhascos se manteria tão segura e sossegada como até então.

Com o passar dos anos, os Vikings e os habitantes da Grande Ilha misturaram-se com o Povo dos Penhascos, no berço das Pedras do Mundo, e muitas crianças nasceram, fruto desses encontros. Alguns dos nossos homens escolheram viver na ilha dos nativos, enfeitiçados pela beleza das mulheres de pele dourada e cabelos cor de mel, e quando nos visitavam, durante a Festa da Renovação, confessavam-se muito satisfeitos. Porém, pouco mais podiam dizer. Existia um código de silêncio rígido, que rodeava a ilha de mistério, e quem pisava a sua praia ficava imediatamente preso a esse juramento.

Os druidas não eram exceção. Após a guerra com a feiticeira Gwendalin, a propagação da fé cristã ditara a perseguição dos homens sábios. Os sobreviventes tinham pedido asilo ao Sacerdote dos Penhascos, soberano do povo nativo, oferecendo o seu Conhecimento secular em troca de proteção. A anuência do Sacerdote colocara-os imediatamente sob os cuidados do *jarl* e a salvo das garras ferinas da intolerância.

Despedi-me do mar calmo e do céu salpicado de nuvens quase transparentes, e embrenhei-me na floresta, de volta para casa. Felizmente, o Festival de Verão viria quebrar a rotina dos meus estudos e distrair-me do remorso que morava no meu peito. Rodeada de tios e tias, primos e primas, não teria tempo para me sentir triste. Além disso, estaria com Ivarr...

Pensar no meu prometido impeliu-me a correr através das trilhas da floresta. Cortei caminho, saltando sobre as raízes das árvores com o coração acelerado, como se, na verdade, Ivarr me aguardasse

no porto. Sorria como uma tola, recordando que, antes de eu nascer, o rei Steinarr já solicitara a minha mão para o seu primogênito e herdeiro. Nessa altura, a minha mãe deixara claro que essa decisão me pertenceria, quando tivesse idade para tomá-la, mas o meu pai sempre se esforçara por me despertar para as qualidades do príncipe. Nunca me atrevi a dizer-lhe que não necessitava de fazê-lo. Casar-me com o meu prometido era um sonho; um anseio que só se realizaria quando concluísse o meu treino e me tornasse Guardiã da Lágrima do Sol.

No Norte, as raparigas começavam a ser cortejadas aos treze anos e, aos dezesseis já tinham um ou dois filhos. Eu estava prestes a fazer dezessete e não fazia idéia de quando poderia casar-me. O que Ivarr pensava acerca disto permanecia um mistério. Nas suas escassas e breves visitas, ele mantinha-se respeitosamente distante, como se a minha missão me tornasse diferente das outras mulheres; uma flor delicada e intocável. Esse respeito fraternal, que tanto agradava aos meus pais, deixava-me insegura e desgostosa. Era, provavelmente, a única rapariga da minha idade que não conhecia o sabor de um beijo. Já de Ivarr, não se podia dizer o mesmo! Segundo as más-línguas, prática nos assuntos íntimos era o que não lhe faltava! Havia até quem se atrevesse a rumorejar a existência de dois ou três bastardos nas Terras do Norte; boatos que os meus pais nem se dignavam a comentar.

A perfeição do meu prometido tornava-o o solteiro mais cobiçado do reino. Como guerreiro, poucos se igualavam a ele. Como amigo, era o braço direito dos seus companheiros e a alegria de qualquer festa. Como homem, não havia mulher que não suspirasse à sua passagem, e os meus ouvidos apurados distinguiam freqüentemente comentários sussurrados que me faziam corar de embaraço. Talvez este Festival de Verão fosse o momento ideal para esclarecer as dúvidas que me atormentavam! Seria o nosso compromisso do agrado de Ivarr? Ou iria sustentá-lo apenas para agradar às nossas famílias?

CAPÍTULO 2

A minha mãe corria de uma ponta à outra da casa, distribuindo ordens e certificando-se de que as tarefas eram concluídas a contento. As criadas andavam numa azáfama, satisfazendo com agrado as ordens da sua senhora. A prima Signy, tia Ingrior, tio Berchan e o primo Trygve vieram ajudar-nos. Ainda havia muito por fazer e os primeiros barcos carregados de visitantes já aportavam. O *jarl* e os seus homens tinham ido ao encontro de alguns amigos e só regressariam para jantar. O primo Aled acompanhara-os como de hábito.

O pai de Aled, irmão mais velho da minha mãe, dera a vida para salvar a família, durante a batalha sangrenta que opusera Aliados e Vikings, na Enseada da Fortaleza. Melody, a sua esposa, falecera pouco depois, chorando a morte do marido na clausura de um convento. Aled crescera conosco e tornara-se o filho homem que o meu pai não tivera. Para mim, ele era um irmão sempre presente, a quem eu amava e admirava... Mas Trygve era, sem dúvida, o meu companheiro de todos os momentos.

Desde o início que Trygve partilhava o meu destino de aprendiz de magia. A sua serenidade e força de carácter tinham-me ajudado mais vezes do que eu me recordava. As nossas vidas não eram fáceis! Estar entregue aos cuidados de Hakon significava mergulhar num mundo do qual mal me atrevo a falar. Jejuar durante dias até o corpo se libertar de todas as necessidades terrenas, de toda a dor e consciência, para atingir um nível espiritual superior, não era algo que qualquer jovem almejasse. Sentir as poderosas misturas alucinógenas a queimar-nos o sangue, para chamar à nós a Visão, e, posteriormente, libertar o corpo da dependência, por um processo que implicava um tormento que fustigava a carne e o espírito, era um martírio que tínhamos negado com alegria e agradecido pelo desconhecimento. Passar os dias num total isolamento, presos à disciplina do silêncio, do controle dos mais básicos sentimentos humanos, temendo que a vontade se quebrasse e que tudo o que conquistáramos se perdesse sem hipótese de retorno, não era a

ambição de ninguém... Mas Trygve nunca se queixava! E eu estendia-lhe a mão e caminhava ao seu lado.

Enquanto trabalhávamos a massa para fazer o pão, o meu pensamento ainda se ocupava com Ivarr. O meu primo percebera minha ansiedade e disfarçava um sorriso. Os nossos espíritos encontravam-se tão próximos, que não havia necessidade de falarmos. Escutei a sua voz dentro da minha cabeça, suave como uma carícia:

"Não se atormente, Edwina! O Ivarr está ciente da sua sorte por te ter como prometida!"

"Sério? Acho que ele nem se lembra que eu existo!"

"Não seja tola! Como poderia dedicar-se à Arte se estivesse permanentemente ao seu lado? Além disso, Ivarr também enfrenta um treino rigoroso, que o habilitará a herdar o reino viking, quando o momento chegar. O que foi que te deixou insegura? Andou dando ouvidos às intrigas das invejosas?"

Senti o calor subir-me às faces e procurei disfarçar, juntando mais água à farinha e amassando fervorosamente. Mas a pergunta fluiu, sem que conseguisse reprimi-la:

"Já se apaixonou alguma vez Trygve?"

Espreitei-o de esguelha e surpreendi-me com a tristeza do seu semblante ao responder-me:

"Não, prima... E seria uma infelicidade se tal acontecesse!"

Franzi a testa, quase chocada com essa afirmação.

"Não compreendo... Porquê?"

Fomos interrompidos pelos gritos das minhas irmãs. Svana, a filha do primo Krum, tentava esfriar a discussão. As personalidades fortes das gêmeas levavam-nas a defender os seus ideais com um ardor acirrado, e a mergulhar de cabeça nestas brigas que, felizmente, eram efêmeras.

Enquanto a nossa mãe interferia para chamá-las à razão, eu observei-as com carinho. As minhas irmãs não seriam tão altas como eu, mas tinham herdado a robustez dos povos do Norte, aliada aos traços delicados dos nativos da Grande Ilha. Os seus olhos eram verdes e expressivos como os da família materna... E estavam cada dia mais bonitas, com as formas a definirem-se nas ancas e no

peito. Se Thora não teimasse em vestir-se como um rapaz e em prender os cabelos escuros e encaracolados numa trança grossa, a maior parte das pessoas seria incapaz de distingui-las. Porém, enquanto Freya delirava de felicidade por ver os seus seios crescerem e formarem pequenos montes nos vestidos, Thora abominava a transformação. Enquanto Freya se dedicava aos afazeres domésticos, desejava casar e cuidar do seu marido, ter uma dezena de filhos e ser a mais hábil das curandeiras, Thora sonhava liderar um exército numa gigantesca e terminal batalha contra os Vândalos, ser a melhor guerreira de todos os tempos, comandar uma frota de navios de guerra e viajar pelo mundo, em busca de novas terras e aventuras sem fim. Que prodígio da Natureza fazia com que duas pessoas tão iguais possuíssem comportamentos tão distintos?

Esta última desavença iniciara-se por questões já nossas conhecidas. A tolerante Freya defendia que devíamos negociar a paz com os Vândalos, tal como os Vikings e os Aliados haviam feito, evitando assim um conflito brutal onde muitos dos nossos homens perderiam a vida, deixando mulheres viúvas e filhos órfãos. Thora teimava que não havia diálogo possível; que os Vândalos eram bestas sanguinárias que só mereciam a morte. A sua intransigência assustava-me. Thora já provara a sua coragem inúmeras vezes e, pelos que amava, era capaz de arriscar a vida sem piscar os olhos. A sua lealdade era cega, e não admitia menos em troca. Eu temia que o futuro lhe reservasse muitas decepções e que a sua relutância em perdoar a empurrasse para a solidão.

Cruzei o olhar com o da minha mãe e alcancei os seus pensamentos. Freya não teria dificuldade em arranjar um marido, talvez já neste Festival de Verão. Mas Thora... Os rapazes não pensavam nela como uma mulher, e sim como uma igual. Os mais velhos divertiam-se com a sua coragem e impertinência, os da sua idade eram seus companheiros e os mais novos veneravam-na. A minha irmã não tinha o desejo de ser um rapaz. Thora era melhor do que a maioria dos rapazes! O que lhe faltava em força, compensava em destreza, rapidez e flexibilidade. Era exímia no controle da espada e ninguém, exceto o nosso pai, a vencia com o

arco. Montava um cavalo como se fizesse parte dele, nadava como um peixe e conseguia manter-se tanto tempo debaixo d'água sem respirar, que chegava a assustar-nos. Mas as suas habilidades, elogiadas e acarinhadas pela comunidade, de nada lhe valeriam quando chegasse o momento de constituir família. Como filha do *jarl*, esperava-se que desposasse um nobre ou o herdeiro de um trono. Todavia, era óbvio que qualquer desconhecido ficaria assustado, até zangado, com as suas maneiras.

Com a sutileza habitual, Trygve iniciou um assunto que era igualmente do agrado de todos, inclusive de Thora: o Festival de Verão e as provas de iniciação dos nossos jovens, finalistas daquela que já era considerada a melhor das escolas de guerreiros — o magnífico ginásio da Ilha dos Sonhos. Em menos de um segundo, as gêmeas já conversavam e riam, como se a discussão não tivesse ocorrido.

O ginásio da Ilha dos Sonhos fora uma das muitas apostas ganhas pelo meu pai. Em tempo de paz, o *jarl* Throst convidara os mais hábeis guerreiros entre Vikings e Aliados para ensinar a arte da guerra aos jovens dos dois povos. Foi a união da força e intuição Viking com a disciplina e perseverança dos filhos da Grande Ilha. Os resultados tinham superado as expectativas! Até o tio Edwin, que, de acordo com as más-línguas, experimentara grandes reservas acerca da cultura do Norte antes de se casar com a tia Geimy, entregara o seu filho, Darrin, aos cuidados do tio Bjorn e dos outros professores.

Este Festival de Verão seria especial para a nossa família, pois Quinn, filho do tio Stefan, ia provar o seu valor, enfrentando as provas de iniciação que lhe abririam as portas de um novo mundo, cheio de expectativas e aventuras. Durante dois dias, a par de outros jovens, Quinn exibiria a sua aptidão no manejo das armas, a perícia com que montava a cavalo e a destreza com que enfrentava o mar. Por fim, no terceiro dia, sujeitaria-se ao mais duro e importante dos testes — a *Caçada* — onde a sua astúcia e instinto de sobrevivência teriam de sobressair.

A *Caçada* era o ponto alto das provas de iniciação e o desafio que os rapazes que sonhavam tornar-se guerreiros ansiavam superar. Na

noite mágica, teriam de desbravar a floresta, armados apenas com uma faca e a sua coragem. Muitas armadilhas preparadas pelos instrutores aguardavam-nos... para não falar dos perigos que o próprio bosque ocultava. Os que alcançassem a saída antes do nascer do Sol, ganhariam o privilégio de se juntar às tropas da Aliança. Porém, apesar desta conquista ser o objetivo final dos jovens, havia outra razão para o seu desejo veemente de participar na *Caçada*.

Desde que o povo viking guardava memória, era na escuridão da floresta que os deuses distinguiam os líderes dos liderados. Durante a *Caçada*, se a vontade divina o determinasse, uma magnífica fera viria ao encontro de um eleito e este teria de combatê-la com os recursos que possuía. Do confronto resultaria apenas um vencedor e a alma do mais forte consumiria a alma do mais fraco. Se a fera vencesse, banquetear-se-ia com o corpo do rapaz. Se o jovem vencesse, seria considerado excelente entre os demais.

Os guerreiros-lobo, assim chamados por haverem defrontado esse animal na *Caçada*, eram escolhidos pelos chefes dos clãs para encabeçarem a sua guarda pessoal. Num passado recente, durante as campanhas de conquista, eram eles os primeiros a saltar dos barcos, bradando o nome de Odin, o deus da guerra; os que lutavam mais ferozmente e os últimos a abandonar terra firme, depois de uma esmagadora e proveitosa vitória. Dentre estes guerreiros de excelente nobreza e vigor, o povo viking tinha o orgulho de distinguir dois: um, era o rei Steinarr, que durante a sua prova de iniciação combatera e derrotara um urso, concretizando uma profecia que, anos mais tarde, o colocara no trono viking; o outro, era o meu pai.

Throst, filho de Thorgrim, fora "caçado" pelo líder dos Lobos Cinzentos, uma criatura sagrada, guardiã das almas atormentadas. Apesar do meu pai nunca ter almejado tal sorte, voltar-lhe as costas significaria a desonra e a morte. Numa noite em que todas as forças mágicas se libertaram na Terra Antiga, o homem suplantara a fera e tornara-se um guerreiro abençoado, com a missão de unir o seu povo e liderá-lo na prodigiosa aventura que conduziria à paz, e à prosperidade de que hoje desfrutamos.

Eu tinha oito anos e Ivarr catorze, quando o meu prometido enfrentara esse desafio. Fora a primeira vez que o meu pai me levara na longa viagem até às Terras do Norte. Já se atravessava um período de relativa estabilidade e os jovens vikings saíam das florestas com as provas de iniciação superadas, mas sem a marca da supremacia. Recordo-me de ter escutado uma conversa entre Steinarr e o meu pai, em que o rei confessava o seu temor de que nenhuma fera se manifestasse a Ivarr, o que provocaria um enfraquecimento na confiança do povo, relativamente à sua liderança e à futura soberania do filho. A resposta do meu pai fora conclusiva:

— O nosso povo reconhece o seu valor! Você nasceu para governar e o teu filho para te suceder. Ivarr regressará vitorioso.

E regressara! Eu mal contive um grito ao ver o rapaz alto e encorpado, que me habituara a respeitar e admirar como o mais forte de todos nós, a surgir da floresta, tremendo sem controle. As suas roupas estavam esfarrapadas e cobertas com o sangue proveniente dos cortes profundos, infligidos à sua carne pelas garras e dentes do fabuloso lobo que carregava nos braços. Ivarr erguera o animal acima da cabeça e exibira-o diante daqueles que um dia o aclamariam rei. Depois, as suas pernas perderam o sustento do corpo e ele tombou pesadamente, sem sentidos, com o rosto magro e pálido encostado ao focinho da divinal criatura.

Eu julgara que o Lobo Cinzento, cuja pele cobria as costas do meu pai, era a fera mais bela que caminhara em cima da Terra. Nesse dia, fui forçada a mudar de opinião. O lobo de Ivarr era igualmente possante, mas tinha o pêlo branco como a neve, tão comprido que poderia esconder facilmente a mão de um adulto. E não era apenas a sua beleza que o distinguia. O poder irradiado pelo espírito selvagem, que o príncipe assimilara, não conhecia rival. Porém, só mais tarde eu compreenderia o seu significado.

Na Ilha dos Sonhos, as provas tinham começado há poucos anos, após a conclusão do ginásio. Até então, os pais preferiam viajar com os seus filhos e submetê-los à iniciação nas Terras do Norte. Contudo, quer em solo nórdico, quer na Ilha dos Sonhos, os espíritos pareciam adormecidos. Os rapazes regressavam vitoriosos

das provas, mas a aliança entre o Homem e a Besta não se concretizava. Algumas vozes, envenenadas pela inveja e pela cobiça, atreviam-se a sussurrar que a paz conquistada pelo *jarl* estava a enfraquecer o seu povo e que, progressivamente, o conduziria à ruína e à submissão ante os seus inimigos.

O filho varão do primo Krum provara o contrário. Na Ilha dos Sonhos, Eric fora o primeiro guerreiro a defrontar e vencer um grande lobo. No ano seguinte, Ragnar, o filho mais jovem de Sven, repetira a proeza. E, quando as línguas viperinas teimavam que a mistura mística só surgia com sangue viking, o meu primo Bryan, primogênito do tio Stefan, saíra vitorioso da floresta, carregando o belo animal que completaria a sua alma.

Os homens da casa regressaram com alguns chefes de clã, Vikings e Aliados, mas não os que eu ansiava ver. Percebendo minha frustração, meu pai segredou-me que fora informado de que, tanto o rei Steinarr como tio Stefan, chegariam pela manhã. De "O Que Tudo Vê" nada se sabia. Se não voltasse a tempo de assistir às provas de iniciação, os nossos jovens ficariam bastante decepcionados!

Aos poucos, os convidados encheram o salão. Entre muitos, encontravam-se os guerreiros-lobo do meu pai com as suas mulheres e filhos, o tio Bjorn e a esposa Dalla, com as suas duas promessas de guerreiro, rechonchudos como a mãe e irrequietos como o pai, e os primos Quinn, Kyle, Rice e Darrin. Thora, amiga inseparável de Quinn, deixou-nos de imediato para se unir aos rapazes. Divertida, eu ouvi-os discutir qual seria a melhor estratégia para atrair uma fera, durante a *Caçada*. Thora estava convicta de que Quinn seria abençoado pelos deuses, o que alimentava ainda mais o entusiasmo do primo. Durante o jantar falou-se da situação política e dos movimentos cada vez mais agressivos dos Vândalos ao redor das fronteiras vikings. Havia novidades inquietantes: Bror, o rei inimigo, morrera. Vestein, o seu primogênito, assumira a liderança com acirrada contestação do irmão, Siguror, um homem afeito a guerra e famoso pela sua crueldade, que acusava o mais velho de pulso fraco e falta de ambição.

— Com um pouco de sorte, talvez se matem um ao outro! — exclamou Sven, provocando a gargalhada geral.

— De pouco serviria — fez notar o *jarl*. — Vestein tem muitos herdeiros para lhe suceder.

Enquanto a conversa prosseguia, eu vi que minha mãe se ressentira do comentário inocente do marido. Ela nunca se perdoara por não ter gerado filhos varões.

— O Siguror não tem do que se queixar! — desdenhava Durin. — O pai não lhe entregou o trono, mas deixou-lhe uma mulher para lhe aquecer a cama...

Desta vez, foi o senhor da casa que se apressou a mudar de assunto, antes que o nome de Halldora fosse pronunciado. Não lhe era apazível recordar que a sua perversa prima tudo fizera para separá-lo da minha mãe, inclusive, conspirar a sua morte. Nem que Arnorr, irmão mais velho de Halldora e seu inimigo declarado, a entregara a Bror para consolidar uma aliança que já causara demasiadas desgraças ao nosso povo. No fim, Halldora não se conformara em ser apenas uma entre as muitas esposas de um homem avançado na idade, ainda que rei, e não tardara a desenvolver um entusiasmo pelo filho mais novo do marido que, segundo se dizia, era intensamente correspondido.

— Ainda não conseguimos fazer nada do maldito cavalo! — respondeu o tio Bjorn à pergunta do irmão. — Parece que está possuído por maus espíritos! Hoje, o Arnald quase partiu o pescoço ao tentar montá-lo...

Bravo fora o nome escolhido para o garanhão preto que viera das terras quentes do Sul. O meu pai esperara domesticá-lo até à chegada do rei, para oferecê-lo, mas tal afigurava-se impossível. Nem os seus melhores cavaleiros haviam dobrado a vontade do magnífico animal! *Bravo* continuava tão selvagem como quando pisara pela primeira vez a Ilha dos Sonhos.

— Eu posso domar o cavalo, pai! — a voz exaltada de Thora sobressaiu das demais. — Deixa-me tentar!

— É verdade! — apoiou Quinn sem hesitação. — Eu já disse ao Bjorn...

— E eu já te respondi, fedelho! — interrompeu o meu tio, disfarçando um sorriso. — Isso é um trabalho para homens, não para crianças!

— Mas tio... — insistiu Thora.

— O teu tio tem razão! — a voz do nosso pai ergueu-se, num tom que não admitia protesto. — Eu conheço bem a tua habilidade, filha! Contudo, desta vez, é muito perigoso...

— Pai...

— Chega, Thora! — cortou o *jarl* mansamente, mas com uma frieza que indiciava perigo. — Que fique claro que eu não quero te ver perto desse cavalo!

Thora amou, como sempre fazia quando era contrariada. Todavia, não se atreveu a replicar. E, nessa noite, ninguém voltou a mencionar o cavalo *Bravo*.

Depois do jantar, enquanto as mulheres limpavam os despojos da refeição, os homens mantiveram-se à mesa conversando animadamente. Um dos chefes vikings surpreendeu-nos ao anunciar que o príncipe Magnor, filho mais novo de Steinarr, pedira ao rei para participar na *Caçada* da Ilha dos Sonhos. Mais do que admirado, o meu pai pareceu-me apreensivo. O olhar que trocou com a minha mãe também não me passou despercebido.

Pouco depois, Freya interpelou-me ansiosamente:

— Eu ouvi bem, Edwina? O príncipe Magnor virá competir no Festival de Verão?

O rubor das suas faces denunciava a força com que o seu coração batia. Tentei responder-lhe sem atizar-lhe ainda mais o entusiasmo. O irmão de Ivarr só estivera na nossa ilha uma vez, havia dois anos, mas, desde então, Freya sonhava que seria escolhida para desposá-lo. Como mulher, eu entendia as suas razões. Magnor era um jovem bonito, alto e moreno como o irmão. Porém, havia algo nele que me arrepiava; uma reação instintiva e inexplicável... E acabara de descobrir que os meus pais sentiam o mesmo.

— Freya está apaixonada! — troçou Svana baixinho, para que só nós a ouvíssemos. Porém, a minha irmã ficou tão exasperada que retrucou:

— Se não se calar já, contarei ao primo Bryan que você gosta dele!

Levei a mão aos lábios para esconder o riso, mastigando uma pontinha de tristeza por não ter desfrutado desta idade de fantasias e despreocupações, em que todos os sonhos estavam ao alcance das mãos. O treino da Arte assim o determinara!

Voltei minha atenção para Thora, perfeitamente integrada no grupo dos rapazes. Eles também falavam do príncipe Magnor. Alguns dos candidatos à iniciação declaravam-se irritados com o anúncio de um adversário tão poderoso, mas Quinn encolhia os ombros. Que viesse Magnor; que viessem todos os exércitos da Aliança! A decisão dos deuses já fora tomada!

Thora aproveitou para confessar a sua frustração. Há muito que acalentava a esperança de que o nosso pai a deixasse participar nestas provas. Todavia, *o jarl* não se mostrava receptivo à idéia. Os rapazes, sem exceção, asseveravam a injustiça dessa decisão. As opiniões soaram tão ardentes e sinceras, que me surpreenderam. Era como se aquele pequeno grupo, que se mantinha unido desde o berço, se visse subitamente privado do seu melhor guerreiro. Ainda que de formas distintas, parecia que as minhas irmãs estavam decididas a contrariar os pais.

Mais tarde, busquei a companhia da minha mãe e da tia Ingrior. Para variar, falavam de Magnor! Há um ano, o jovem príncipe submetera-se ao duro teste de iniciação na sua terra. No entanto, apesar de ter vencido distintamente todas as provas, saíra da Floresta dos Carvalhos com as mãos vazias de orgulho. Este ano, desejava tentar a sorte na Ilha dos Sonhos. Até aí, tudo bem! Contudo, Catelyn e Ingrior tinham uma teoria preocupante: com este pedido, Magnor não pretendia apenas limpar a sua honra; queria distinguir-se de Ivarr, desbravar caminho para uma futura conquista, já que, como segundo filho do rei, o trono viking se encontrava fora do seu alcance.

— Não sei o que pensar... — continuou a minha mãe. — O Steinarr é um homem nobre, um líder valoroso... E o Ivarr é genuíno como o pai. Desde o dia em que conheci aquele garoto, que o estimo e admiro. Mas o Magnor... Há qualquer coisa no seu olhar...

— Hesitou. — É frio como o aço, sem expressão nem sentimento! Faz-me recordar o olhar de Goldheart...

Estas palavras causaram-me um calafrio. O Conde de Goldheart fora o senhor da guerra responsável pela desgraça da casa do meu avô Garrick McGraw, e só não matara a minha mãe porque o meu pai a salvara no último instante. A resposta da tia Ingrior não se fez esperar:

— O fato de ter crescido sem mãe prejudicou o seu caráter. E a preferência do Steinarr pelo Ivarr também não ajudou! Se eles não se acutelarem, o Magnor vai causar-lhes problemas...

Bastante assustada com o rumo da conversa, forcei-me a balbuciar, apesar de incomodada por trair o segredo da minha irmã:

— A Freya gosta dele...

A minha mãe nem me deixou terminar:

— Eu já percebi! E tenho feito o possível para desviá-la desse caminho. Agora, peço-vos ajuda, principalmente a ti, filha. Consulta a Lágrima do Sol! Posso estar enganada... Talvez o Magnor seja apenas um rapaz inseguro, que procura aprovação e carinho. Porém, se assim não for, temos de proteger a nossa Freya... e a estabilidade desta terra.

O cristal transparente, que irradiava todas as cores imagináveis, flutuava diante dos meus olhos, suspenso da minha vontade. A sua superfície redonda, menor do que o punho de um homem, estava coberta de faces minúsculas, que conduziam a mundos dentro de mundos, realidades por descobrir, jogos mentais por superar, visões confusas do que podia ser o passado, o presente ou o futuro da minha gente, de outros povos, ou ainda das próprias estrelas.

Nessa noite, na privacidade do meu quarto, eu não me limitava a mergulhar no desconhecido e a esperar que a magia se manifestasse. Nessa noite, eu buscava algo concreto, a fim de satisfazer a solicitação da minha mãe e acalmar os nossos temores. Porém, como tantas vezes sucedia, a Lágrima do Sol desdenhava da minha insistência e recusava-se a responder-me. Irritada, guardei o cristal dentro do bolso da camisa de dormir, deitei-me e cobri a cabeça com a manta.

Despertei assustada, muito antes do dia nascer, com a sensação de ter ouvido a porta bater. Forcei-me a acalmar. Alguns amigos do *jarl* desfrutavam da sua hospitalidade e, provavelmente, um deles saíra para apreciar a brisa noturna... Ou talvez Aled tivesse resolvido ir ao estábulo. Não era a primeira vez que o meu primo se levantava da cama para verificar se os animais se encontravam bem. Apesar de ser habilidoso na arte da guerra, ele descobrira que a sua verdadeira vocação era cuidar da terra. Os homens da família tinham respeitado a sua decisão e, hoje, o meu pai não hesitava em entregar-lhe a administração da fazenda quando se ausentava. Se Aled manifestasse o desejo de desposar uma das minhas irmãs, seria, incontestavelmente, o herdeiro do *jarl*. Contudo, até ao momento, o meu primo mostrara-se mais interessado nas hortaliças, nos cereais e no gado, do que em namoricos.

Tornei a puxar a manta sobre a cabeça. Se despertasse, passaria o resto da noite torturada por recordações. Sentia saudades de Edwin... Era como se, no dia em que o deixara para trás, uma parte de mim se tivesse perdido. Tinham sido onze anos de partilha... onze anos de companheirismo... destroçados num único instante.

Durante algum tempo, flutuei numa dormência incômoda, incapaz de diferenciar se estava acordada ou dormindo. Tinha a percepção do que me rodeava: a cortina fechada, as sombras projetadas pelo fogo da lareira nas vigas do telhado, a brisa suave que se esgueirava por entre as tábuas da parede, a mão que deslizava pelos meus caracóis, afastando-os para me descobrir o rosto... Sobressaltei-me ao sentir a presença de alguém no quarto. Lutei para mover-me, mas em vão. Estaria sonhando? Seria possível sonhar que se estava acordado; querer esboçar um gesto e o corpo desobedecer? Os misteriosos dedos teimavam em entrelaçar-se nos meus cabelos, acariciando-os suavemente... Desisti de lutar com a mente e entreguei-me à sensação de conforto que me aquecia o sangue. Pela primeira vez em muito tempo, consegui repousar em paz.

A trompa que nos avisava da aproximação de barcos vibrou com um toque inconfundível: a saudação ao rei viking!

Saltei da cama, espantada por verificar que dormira muito além do que era habitual. Vesti-me sem delonga, lavei o rosto e corri para o porto. No ancoradouro, tive de abrir caminho por entre a multidão para chegar à frente. A minha mãe estendeu-me a mão e sorriu ao observar como os meus olhos brilhavam diante do majestoso *Knarr* do rei Steinarr. E as boas surpresas prosseguiram! Entre os outros navios que se preparavam para aportar, encontrava-se o de tio Stefan. Do seu interior, os meus primos acenavam e gritavam. E tio Edwin estava com eles.

Como administrador do Império na Grande Ilha, marido devoto e pai extremoso de oito filhos, pouco tempo sobrava a tio Stefan para descansar e divertir-se. Porém, as suas visitas ficavam assinaladas pela boa disposição e, este ano, o Festival de Verão seria celebrado com redobrado júbilo, já que o seu segundo varão estava prestes a tornar-se homem.

A comunidade observava com carinho a reunião da nossa numerosa família. Bryan foi o primeiro a saltar do barco e a abraçar Aled, festejando o reencontro. Seguiu-se tio Stefan, que trazia ao colo Ive, o mais novo da sua prole. Assim que viu o primo, Lyonnete, a pequenina do tio Berchan, começou a debater-se nos braços do pai, ansiosa por brincar com o seu melhor amigo. Entretanto, a tia Enya ajudava a rabugenta Gwenneth a descer e mal conseguia cumprimentar a minha mãe, pois a pequenina não lhe largava a saia, choramingando amedrontada com o rebuliço. Melvin, que já crescera o suficiente para saltar para o ancoradouro sem ajuda, zombava descaradamente de Melody, a gêmea de Quinn, que tropeçara na bainha do vestido. Se Aled não a amparasse, a jovem teria caído ao mar. As suas faces transformaram-se em brasas, furiosa com o irmão, embaraçada com o acidente e envergonhada por estar nos braços do primo. Sem se aperceber do seu constrangimento, Aled tentou acalmá-la, falando-lhe ao ouvido, aflagando-lhe os cabelos e sorrindo com meiguice. Só a soltou quando Quinn surgiu para abraçá-la, ralhando com os gêmeos mais novos, Kyle e Rice, que se divertiam a puxar as tranças da irmã.

Por entre esta confusão de filhos e sobrinhos, tio Stefan e tia Enya estreitaram-me contra o peito e não se cansaram de me tecer

elogios, maravilhando-se com o muito que eu crescera nos últimos meses. Quando se afastaram, surpreendi-me diante de tio Edwin e comecei a tremer. Sentime tão ridícula, que denunciei o meu incômodo. Ele torceu um sorriso e estendeu a mão para tocar-me na face, dizendo:

— Está cada dia mais parecida com o teu pai, Edwina! É um prazer reverte!

Quem diria? A sua carícia rápida nada teve a ver com o abraço apertado com que premiou Freya, rodopiando-a no ar e cobrindo-a de beijos e elogios. Sentime desprezada e triste, ao recordar o dia em que ele me mimara assim, e declarara que eu era a sua sobrinha favorita. Mas o passado era inalterável, por isso engoli a mágoa e voltei-me para cumprimentar tia Geimy.

A idade começava a plantar fios brancos na volumosa cabeleira da princesa viking. Não me era difícil recordar que ela era irmã de Steinarr, pois possuíam a mesma constituição robusta. Reparei que olhava por cima do meu ombro, buscando Thora na multidão. Até se apaixonar por Edwin, Geimy fora uma guerreira e lutara ao lado dos homens da sua família em muitas batalhas. Por essa razão, partilhava com Thora um entendimento especial. E a minha irmã amava as histórias da princesa, que era a sua tia preferida.

Onde é que Thora se enfiara? Como a minha irmã buscava sempre a companhia dos primos, eu raramente notava a sua ausência ao nosso lado. Fui invadida por um desconforto instintivo, uma visão inconsciente que me trouxe a recordação do gemido de uma porta que se fechava. Fora Thora quem eu ouvira a escapulir-se de casa, a meio da noite... O que andaria a tresloucada da minha irmã a tramar?

Enquanto a procurava, o meu olhar foi irresistivelmente atraído para a jovem que acabara de pisar o ancoradouro. Quando a gêmea de Darrin aparecia, ninguém lhe ficava indiferente. Estrid certificava-se disso! Apesar de ser mais nova do que Melody e as minhas irmãs, nada tinha em comum com as primas. Vestia-se como uma mulher adulta, usava jóias deslumbrantes, e o cabelo louro-escuro muito comprido e armado como o das damas da corte. Os seus olhos

verdes piscavam incessantemente, enquanto se queixava do cansaço e do calor. E os rapazes guerreavam para lhe oferecer o seu auxílio.

Trygve observava o alvoroço com um sorriso trocista. Trocamos um olhar significativo e a sua cabeça abanou, em reprovação. Trygve e Estrid eram como um cão e um gato. Ele desdenhava da sua futilidade; ela desprezava abertamente a sua preferência pelos estudos, em detrimento das artes da guerra. Para a minha prima, um homem só era digno de respeito quando empunhava uma arma com mestria. E eu sabia muito bem quem era o alvo do seu entusiasmo!

O *Knarr* do rei viking preparava-se para aportar. Na proa, Ivarr respondia aos apelos dos amigos. Apesar de não ser tão corpulento como o seu pai, o príncipe era alto e senhor de um tronco musculoso e perfeito, com cintura marcada e pernas robustas. O seu cabelo era comprido e escuro como o de Steinarr, mas usava-o atado atrás da cabeça com uma fita de pele. A barba curta, que lhe rodeava os lábios e o queixo, conferia-lhe um aspecto irreverente. Contudo, o que mais impressionava as mulheres eram os olhos, verdes cristalinos, quase transparentes, que pareciam capazes de descortinar o mais secreto dos pensamentos.

Sempre que encarava o meu prometido, eu ficava da cor do fogo e acabava por baixar os olhos. Porém, desta vez, mantive-me firme e correspondi ao seu sorriso. O vento desmanchara-lhe os cabelos, que esvoaçavam em redor do rosto corado pelo Sol. Desafiando o ar, *Lança*, o mais jovem dos fieis falcões reais, símbolo da família há gerações, soltou um longo e estridente grito, preparando-se para explorar o céu da Ilha dos Sonhos em busca de comida. Ao meu lado, Estrid berrava para chamar a atenção do primo. Porém, só depois do pai e do resto da comitiva deixar o *Knarr*, é que Ivarr os seguiu. Atrás dele, como uma sombra, surgiu Magnor, destruindo as minhas esperanças de que tivesse mudado de idéias e permanecido nas Terras do Norte.

Eric juntou-se a nós e tomou a mãe nos braços. Svana saltou para o pescoço do irmão com um grito extasiado. Aguardei pelo abraço do meu querido primo e os seus galanteios não tardaram. Eric podia

não ser tão envolvente como Ivarr, mas também era um belo homem!

Estava tão distraída, que perdi a força nas pernas ao ver-me diante de Ivarr. O contato quente dos seus lábios em minhas mãos arrepiou-me. Corei violentamente debaixo do olhar cristalino, enquanto ele sussurrava:

— Cada dia que passa está mais bonita, Edwina!

— Ivarr! — Estrid interpôs-se entre nós e beijou o primo no rosto, sem o mínimo decoro.

Sentime afrontada e trespassada pela vontade de esbofetear a pequena insolente. Todavia, a brusca oscilação no equilíbrio da energia que nos rodeava forçou-me a olhar para a entrada do porto.

Um burburinho de profundo assombro apossou-se do ar, enquanto Thora fazia uma estrondosa aparição, montada num magnífico garanhão preto que ninguém teve dificuldade em reconhecer. Porém, ao contrário do que seria esperado, *Bravo* mostrava-se tão obediente e manso como um pônei.

A voz excitada da minha irmã sobrepôs-se a todas as outras:

— Papai... Tio... Olhem para mim! Consegui!

Desmontou e deixou-se cair nos braços de tio Edwin, delirante de felicidade. Ainda não me recuperara do pasmo quando o meu pai trovejou:

— Thora, não a proibi de se aproximar desse cavalo?

— Apostaram que eu não seria capaz de domá-lo — replicou ela, orgulhosamente. — Ora, aqui está!

— Thora... — tornou o nosso pai, num tom que aprendêramos a respeitar. — Sven está à procura desse cavalo desde cedo.

— Então, não procurou bem! — respondeu a filha ardorosamente. — Caso o Sven não saiba, nós estamos numa ilha. O *Bravo* não podia ter voado...

— Chega! — cortou o *jarl*, vermelho de fúria. — Vai já para casa e não saia do teu quarto sem que eu te autorize! Bjorn, leva o cavalo...

Porém, tio Bjorn não conseguiu aproximar-se do garanhão, nem Sven, nem nenhum dos adultos presentes. Tanta comoção assustara *Bravo*, que se tornara perigoso. Relinchava em pânico e empinava-se

sobre as patas traseiras, ameaçando a multidão e arriscando-se a cair no mar. Eu nem queria pensar se, por um terrível azar, alguém ficasse ferido... ou pior, devido à irreflexão da minha irmã.

— Pai! — apelou Thora aflita. — Deixe-me levá-lo para a cavalaria! Ele não tem medo de mim!

— Mantenha-se longe, Thora! — ordenou o senhor da ilha, enquanto unia os seus esforços aos dos restantes homens, para capturar *Bravo* com um laço improvisado.

De súbito, vindo do meu lado, um assobio suave e melódico acariciou o ar. O cavalo empinou-se mais uma vez. O assobio repetiu-se e teve o efeito desejado. O garanhão resfolegou nervosamente, mas não tornou a empinar. O povo afastou-se para deixar passar o herdeiro do trono viking. Falando baixo, palavras incompreensíveis para a maioria dos humanos, Ivarr aproximou-se de *Bravo* e segurou-lhe a cabeça, alisou-lhe a crina, o lombo... Só quando o verificou que estava calmo é que agarrou as rédeas, diante da perplexidade da assistência. A sua habilidade inata para dominar os animais nunca cessava de impressionar-nos.

— Throst — começou com convicção —, se não se importa, levarei esta beleza para casa.

O *jarl* assentiu, aliviado por encerrar o assunto sem maiores conseqüências. Surpreendi o olhar reprovador que o meu prometido dirigia a Thora e o esgar de desafio que ela lhe devolvia, quando se cruzaram, quais rivais demarcando território. Temi que este incidente prejudicasse o futuro da minha irmã, além do castigo que o nosso pai lhe reservava.

CAPÍTULO 3

Reunir toda a família à mesa era um contentamento que raramente experimentávamos. A minha volta, cada vida tinha a sua própria história e cada olhar escondia mil pensamentos e segredos. Por trás de um sorriso, uma alegria... e uma inquietação. “O Que Tudo Vê” ensinara-me que as festas eram os acontecimentos ideais para se desenvolver e testar a nossa capacidade de observação. E, ao longo dos anos, eu aprendera a fazê-lo com uma precisão satisfatória.

As senhoras comentavam as novidades do País dos Vikings e os mexericos que circulavam na corte do Império e na Grande Ilha. Os homens faziam planos para o futuro: o rei do Império estava satisfeito com a administração dos McGraw; nas Terras do Norte, a morte de Bror e a subida de Vestein ao trono forçariam os Vândalos a aquietarem-se durante algum tempo; na Ilha dos Sonhos, a economia prosperava... Estavam criadas condições que profetizavam um período de relativa estabilidade, que proporcionaria aos nossos guerreiros um merecido descanso, e lhes permitiria desfrutar da companhia das suas famílias e amigos. Eu escutava-os com orgulho, sentindo-me privilegiada por possuir uma mistura de sangue tão nobre. Os chefes da minha família não eram apenas líderes incontestados, respeitados e amados pelo nosso povo; eram também homens de honra, verdadeiros heróis, capazes de dar a vida por aquilo em que acreditavam.

Throst e Catelyn eram os anfitriões perfeitos, atendendo para que nada faltasse aos seus convidados. No entanto, uma parte deles encontrava-se mergulhada numa realidade privada, longe da compreensão da maioria. Nunca se afastavam, e todos os pretextos serviam para uma troca de carinhos, um beijo apaixonado e uma confissão arrebatada. Espiritualmente estavam ligados como uma só entidade, e eu acreditava que nem a morte podia separá-los. Nos meus momentos de fraqueza, almejava um amor assim. Porém, a razão avisava-me que tal nunca passaria de um sonho. A paixão dos meus pais era tão forte, que a energia chispava no ar sempre que se

fixavam. Ivarr jamais me olharia como se a sua vida fosse terminar se não estivesse ao meu lado! Ainda agora absorvia-se numa discussão acerca de qual seria o primeiro passo do novo rei vândalo, completamente esquecido da minha existência. Desgostosa, pensei que seria muito mais fácil viver o amor junto de um homem que tivesse os mesmos interesses que eu... Talvez, um homem como o meu primo Trygve!

Esta divagação fez-me rir sem querer, de tão disparatada. Procurei Trygve e encontrei-o junto do Mestre Druida e da sua comitiva, que haviam chegado ao início da tarde para desfrutarem da hospitalidade do meu pai, do convívio com "O Que Tudo Vê", e para assistirem às provas de iniciação dos nossos jovens. Contudo, neste Verão, a ausência de Hakon trazia a decepção a todos os rostos. O rei Steinarr informara-nos que ele deixara a Montanha Sagrada e seguira para Norte, rumo aos domínios da rainha Lyria. Eu pouco sabia desta amiga e aliada do meu bisavô, a não ser que era uma das soberanas do Povo da Terra e que os Homens de bom-senso evitavam o seu território. A magia da Gente Bela, assim chamada pela sua extraordinária elegância e formosura, era uma perigosa mistura de Arte Luminosa e Arte Obscura, que resultava em desagradáveis surpresas para os intrusos. Era, igualmente, a mais poderosa magia curativa da Terra, o que levava a minha mãe a inquietar-se quanto à saúde do feiticeiro ancião que, com o passar dos anos, se tornava muito precária.

O tio Berchan também se encontrava no grupo dos sábios, mas era em Trygve que a atenção do Mestre Druida se concentrava, como se lhe bebesse as palavras, visivelmente impressionado pela sua inteligência. Talvez... demasiado impressionado! Fui acometida pela desconfiança de que os druidas tinham planos para o meu primo. Tencionariam convencê-lo a reunir-se a eles nas escarpas da Ilha dos Penhascos? Não podia ser! Nós éramos companheiros... Ele sabia que eu contava com o seu apoio e orientação, mesmo após o meu casamento! Não, Trygve jamais aceitaria deixar-me!

O guincho de Estrid atraiu a minha atenção. A rapariga tapara os lábios e arregalava os olhos, impressionada com algo que Magnor dissera. Ao seu lado, Freya fixava-a com um sorriso condescendente.

De entre tantos primos e primas, só a minha irmã mais nova tinha paciência para aturar as tolices da rapariga sonhadora. Ao contrário de Darrin, que fora criado conosco e se tornara um jovem de valor, com objetivos definidos para o futuro, a sua gêmea crescera na Grande Ilha, com os olhos postos na corte, e a ambição de caçar um marido rico e fazer da vida uma festa ininterrupta, onde ela cintilaria como uma estrela.

Deleitado com a solicitude feminina, Magnor abanava a cabeça, exibindo com ridículo aparato a sua longa trança preta, enfeitada com fios de prata, falando alto e gesticulando excessivamente, enquanto se gabava de façanhas que fariam os deuses corarem de inveja. Para mim, tamanha presunção só podia resultar de muita insegurança e alguma mágoa! Tal como o irmão mais velho, Magnor perdera a mãe quando mal sabia andar. Porém, ao contrário do que sucedera com Ivarr, Steinarr estivera tão ocupado com a sorte do seu povo que não pudera dispensar a Magnor a atenção de que ele carecia. E isso refletia-se na sua personalidade, irritadiça e desconfiada. Todas as suas palavras, o gesto mais simples, denunciavam uma incessante competição com os demais. Não se cansava de exaltar a sua força e perícia, avisando os rivais de que o domínio da floresta lhe pertenceria, durante a *Caçada*. Assim que a noite mágica descesse sobre a Terra, enterraria o punhal no coração de uma fera e seria reconhecido como o melhor guerreiro de sempre! De certa forma, sentime satisfeita por Thora estar no seu quarto, de castigo, pois, certamente, teria cuspidido gargalhadas na cara do emproado jovem, que desencadeariam um constrangimento familiar.

O olhar de Steinarr também se cravara no filho mais novo, transbordando censura. Tanto o rei como o seu primogênito não necessitavam de proclamar as suas proezas. A energia emanada pela sua essência fazia com que qualquer pessoa se inclinasse em reverência. Mas, Magnor... Convenci-me de que Steinarr já o advertira de que a vaidade e a mentira não o favoreciam. Porém, era óbvio que tais recomendações haviam sido vãs.

Não obstante toda a sua nobreza, Steinarr era um homem estranho. Após a morte de Bera, a sua segunda esposa, não tornara

a casar. Certa vez, eu escutara uma conversa entre o tio Berchan e a minha mãe, em que ele a aconselhava a manter-se afastada do rei viking. Ela respondera-lhe que Steinarr era um homem honesto e sincero, que não lhes queria mal. Eu não demorara a perceber que o rei estava apaixonado pela senhora da Ilha dos Sonhos. Aceitá-lo é que não fora fácil!

Mas o tempo revelara-me que não se tratava de uma paixão leviana, impetuosa, carnal... Steinarr amava a esposa do seu melhor amigo com tal intensidade, que as lágrimas quase o venciam de cada vez que o casal trocava um carinho. Todavia, não havia raiva no olhar cristalino... Apenas uma infinita tristeza! A sua lealdade para com o meu pai forçava-o a negar a tentação e, de certa forma, compensava-o pelo vazio que lhe magoava o peito.

Bem à minha frente, os olhos de Melody encontraram os de Aled e ambos se detiveram como que fulminados. Depois, o meu primo esboçou um sorriso tão quente que libertou vapor, enquanto as faces da jovem se transformavam num braseiro. Se eu estendesse a mão, conseguiria agarrar a energia que pairava em redor dos dois. Pensei que acabara de ver cair na terra uma semente que, em breve, se transformaria numa árvore majestosa. Melody era quatro anos mais nova do que o primo e entrara na idade de ser cortejada. A esperança que o meu pai guardava de ver Aled casado com uma das suas gêmeas acabara de ser frustrada.

Desviei o rosto, para que a minha observação não os incomodasse e, inadvertidamente, surpreendi o olhar do tio Edwin, alheado do que o rodeava, como se estivesse a ver para além de nós. O que ocupava o seu pensamento era fácil de adivinhar! Fui invadida pelo desejo de me aproximar e confortá-lo, mas sabia que a minha iniciativa não seria bem recebida. Se, em tempos, o meu tio me amara como sua filha, e acalentara a esperança de que a minha Visão resolveria o seu dramático problema, após a malograda campanha às Terras do Fogo eu transformara-me na incômoda recordação do seu fracasso, na memória sempre presente do seu filho perdido, no punhal que rasgava a ferida que ele tentava desesperadamente sarar.

Os nossos homens tinham regressado das Terras do Fogo com as mãos vazias, o espírito assombrado pela lembrança do que ficara para trás, e o corpo destroçado por uma misteriosa e terrível doença, que nem “O Que Tudo Vê” conseguira contrariar. Durante a viagem, haviam sido forçados a lançar ao mar quinze companheiros de armas. Ormarr, um dos guerreiros-lobo do meu pai, morrera pouco depois de chegar em casa, numa agonia galopante. Junto dele, cremamos mais sete amigos. Nenhum dos meus familiares foi afetado, supostamente protegidos pela magia do nosso sangue, mas o tio Edwin não voltara a ser o mesmo. De cabeça perdida, declarara-me culpada por toda aquela desgraça e afirmara que jamais tornaria a confiar no meu julgamento. A sua indignação incendiara-se ao verificar que eu não me defendia, desprovido da sensibilidade para enxergar que me encontrava prisioneira da mentira imposta por “O Que Tudo Vê”. Se o meu pai não se insurgisse, nem imagino as conseqüências do seu desabafo!

A partir desse dia, nada fora igual. A dor alimentara a sua mágoa e o meu ressentimento. Eu sabia que, apesar de não ter alento para demonstrá-lo, Edwin McGraw ainda me estimava. Porém, não me esquecia das suas palavras duras e rancorosas, cuspidas na cara de uma criança atormentada pela admoestação de que a simples tentativa de repor a verdade condenaria aqueles que amava; pela consciência de que a sobrevivência da família resultara na traição e no abandono de um grande amigo... de uma parte da sua alma.

Rasgando a turbulência de sentimentos que me fustigavam, um soluço angustiado chegou-me aos ouvidos com uma clareza desmedida. Por um instante, vislumbrei Thora deitada na cama, enrolada sobre si própria, de olhos fechados, com a almofada ensopada em lágrimas. Apesar da sua irreverência, a minha irmã era a alegria desta casa e o seu sorriso vivia nos nossos corações. Eu nunca a vira tão triste, tão desencantada. O sonho de demonstrar o seu valor, competindo nas provas de iniciação, estava prestes a desvanecer-se. E, após esta oportunidade perdida, teria quinze anos e não tardaria a ser confrontada com um pretendente indesejado. O meu instinto impelia-me a ajudá-la. Só não sabia como...

— Posso perguntar-te no que é que estás a pensar?

A voz de Ivarr sobressaltou-me. A minha boca secou e o coração caiu no vazio. Forcei-me a encará-lo, respondendo com a firmeza possível:

— Pensava em Thora...

— Ah! A ladra de cavaliças! O Throst foi muito brando no castigo que lhe deu!

O meu embaraço sumiu como por encanto e a ira subiu-me até à garganta. Quando dei por mim, replicava asperamente:

— E o que queria que o meu pai fizesse? Que a espancasse?

A minha reação o fez recuar.

— Não me interprete erradamente, Edwina! Eu não quero o mal da tua irmã! Mas mantenho a opinião de que ela merecia um castigo mais severo. Desobedeceu o pai, envergonhou-o perante a comunidade e colocou em perigo quem estava no ancoradouro, além de ter arriscado a vida daquele excelente animal! E tudo por causa de uma aposta... de uma tolice!

— Não seja tão rápido a julgá-la — defendi, cada vez mais irritada. — Thora pode ser impulsiva, mas não é má! Além disso, está muito mais em causa do que uma simples aposta! Não está sendo justo, Ivarr!

Esta era a primeira vez que o enfrentava... Talvez porque nunca estivéramos juntos o tempo necessário para trocarmos opiniões! Os seus olhos faiscaram e temi tê-lo enfurecido. Mesmo assim, não fraquejei. Jamais passaria o resto da vida ao lado de um homem que ditasse sentenças sem escutar a verdade dos mais fracos, por mais bonito e poderoso que ele fosse! Porém, tão rapidamente como se crispara, a expressão de Ivarr suavizou-se, revelando-me que, apesar de não gostar de ser contrariado, o príncipe era tolerante.

— A última coisa que pretendo é ser injusto, Edwina... — declarou de mansinho. — acredite! Está fazendo muito barulho aqui... Vamos caminhar na praia. Quero que me conte o que te apoquentava.

Olhei para a mão que Ivarr me estendia, antes de condescender. Era forte e áspera; a mão de um homem de trabalho, de um guerreiro... linda! Ele sorriu levemente e apertou-me os dedos com cuidado.

— Ivarr... — O clamor de Estrid sobressaltou-nos. — Vem contar-nos como derrotaste o lobo branco! Os rapazes precisam dos teus conselhos...

— Agora não! — replicou o príncipe com firmeza, determinado a seguir os seus planos. — Talvez mais tarde...

— Por favor, Ivarr!

— Pára de aborrecer o casal, Estrid! — intrometeu-se Trygve, que passava por nós nesse instante.

— Você é mesmo um parvo! — revidou a jovem, exasperada. — Em vez de lutar pela mulher que ama, entrega-a de mão beijada...

— Isto é demais! — cortou o meu primo, indignado. — Estou farto da tua impertinência, menina!

— Eu não sou uma menina! Sou uma mulher! E sei perfeitamente o que quero, ao contrário de alguns imbecis...

Estrid ficou a praguejar sozinha. Trygve voltou-lhe as costas e Ivarr arrastou-me para fora de casa, sem me permitir reagir. Logo, a brisa fresca da noite açoitava-me o rosto corado. Não sabia o que me perturbava mais, se a vontade de torcer o pescoço da nossa prima, se a carícia dos dedos do meu prometido. Percebendo-me nervosa, ele retorquiu:

— A Estrid é apenas uma pirralha mimada, que gosta de dar na vista e provocar confusões. Não deixes que as suas tolices te irrite! Agora, conta-me... O que se passou pela cabeça da tua irmã, para fazer tamanho disparate?

Respirei fundo, sem saber o que dizer. A verdade faria com que Ivarr pensasse que Thora era tão desvairada como Estrid e muito mais perigosa!

— Só quem conhece a Thora é que pode compreendê-la — respondi cautelosamente. — Ela não é uma menina igual às outras!

— Eu sei! — volveu o príncipe como se já aguardasse por este argumento. — Lembro-me de que sempre preferiu a companhia e as brincadeiras dos rapazes. Ultimamente, tenho andado afastado da tua vida familiar, mas presto atenção às conversas e sei que a tua irmã continua desejando tornar-se guerreira, muito por culpa da tia Geimy, que lhe alimenta a fantasia. Porém, isso não justifica o que fez!

— A Thora quis impressionar o *jarl* — desabafei, convencendo-me de que os rodeios eram inúteis. — Pretendia provar-lhe que pode ser bem sucedida, até onde os melhores guerreiros falham, para persuadi-lo a deixá-la participar nos rituais de iniciação.

— Então, escolheu muito mal a estratégia!

— Ela conseguiu montar um cavalo, no qual ninguém era capaz de assentar um dedo, não conseguiu?

Aguardei por outro corte implacável, mas, para minha surpresa, o sorriso de Ivarr espalhou-se pelo seu olhar ao aquiescer:

— Não há dúvidas de que conseguiu...

Estávamos prestes a chegar à praia. Aqui e ali, os aldeões reuniam-se e festejavam ruidosamente. Alguns passavam por nós, tocando flauta e dançando. Sem reconhecer o príncipe, uma rapariga atrevida atirou-se para os seus braços e arrastou-o num rodopio saltitante. Enquanto os amigos batiam palmas, um jovem pescador saudou-me com uma vênia e ofereceu-me a mão.

O céu do fim da tarde girou por cima da minha cabeça e eu entreguei-me à euforia desta liberdade pura. O riso brotava da minha garganta como água da nascente. Deslizei de par em par, até me aninhar nos braços do meu prometido. Já não me apetecia dançar, apesar de a música alegre nos envolver. Senti a respiração pesada de Ivarr e o calor do seu corpo a trespassar o meu. Nunca tínhamos estado tão próximos! O seu rosto deslizou pelos meus cabelos, e a sua voz soou enrouquecida ao murmurar:

— Minha Edwina... Eu sou o mais abençoado dos homens! Tu és tão linda, tão perfeita...

Se ele afrouxasse a intensidade do abraço, eu cairia na areia. Atrevi-me a deitar a cabeça no seu peito, estremecendo ao confessar:

— Julguei que não te agradava...

Ivarr buscou o meu olhar, inquirindo solenemente:

— Por que está tão insegura? Esperaria tantos anos por ti, se não te quisesse? Tu não és apenas a mais inteligente das mulheres... És também a mais especial! Às vezes penso que te provoço medo... Porquê? Fala sem receio!

Se não o confrontasse agora com as dúvidas que me atormentavam, nunca mais o faria. Engoli em seco, presa no seu olhar luminoso qual borboleta atraída pela luz de uma lanterna, tremendo tanto que ameaçava desmanchar-me.

— Nós raramente estamos juntos — justifiquei-me, num sopro de coragem. — E as pessoas falam... Dizem que tu tens muitas mulheres... e filhos...

Ivarr soltou uma exclamação imperceptível e desviou o olhar. A pausa que se seguiu foi tão longa, que temi tê-lo ofendido. Expressar os meus temores em voz alta tornara-os ridículos, até para o meu discernimento. Quando me preparava para arriscar um apelo, ele voltou a encarar-me.

— Apesar de me estares prometida desde o berço, achei que devia conceder-te tempo para cresceres e treinares a tua Arte, sem te preocupares com os meus desejos e anseios. Agora, parece-me óbvio que errei! Aos teus olhos, eu não passo de um estranho...

— Isso não é verdade! — objetei sufocada. — Eu conheço o teu coração...

— Mas acreditas que te escolhi para agradar aos nossos pais, e que esta espera não me atormenta. Estás enganada, Edwina! Eu gosto de ti! O meu corpo anseia pelo teu... E só a tua inocência te impede de sabê-lo!

Havia um calor na sua voz; um fogo no seu olhar que me era desconhecido. À nossa volta, a festa prosseguia. Um casal de foliões tentou separar-nos mas, desta vez, Ivarr não cedeu. Corremos pela praia de mãos dadas e afastamo-nos do rebuliço. Dir-se-ia ser mais difícil assegurar um pouco de privacidade, do que encontrar uma bolsa cheia de prata. Quando as sombras protetoras da floresta se estenderam para o mar, Ivarr puxou-me para o abrigo das árvores. Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, o seu rosto desceu sobre o meu até os nossos lábios se encontrarem.

Pensei que o meu coração ia rebentar. Sentime desfalecer, presa entre o tronco da árvore e o corpo poderoso do meu prometido. Após o primeiro impulso arrebatado, apercebendo-se de que eu não sabia o que fazer, Ivarr conteve o seu ardor e moveu os lábios suavemente, numa carícia que me deixou tonta, permitindo-me

respirar, enlaçá-lo pelo pescoço e receber, sem receio, a pressão do seu corpo e a ternura inquieta do seu beijo.

Esqueci tudo, até que ele afundou o rosto nos meus cabelos e perguntou emocionado:

— Já acreditas no meu afeto, querida? Há muito que desejava provar os teus lábios... Mas receava assustar-te! — Buscou o meu olhar, forçando um sorriso trêmulo. — Eu prometi ao teu pai que te respeitaria até ao casamento, por isso terás de ajudar-me a ter juízo...

Um novo fôlego, e estávamos outra vez a beijar-nos. Reuni coragem para corresponder com igual entusiasmo, até ouvi-lo arquejar e senti-lo estremecer. As minhas dúvidas haviam-se dissipado. Ivarr gostava de mim... E eu amava-o!

— Edwina... Querida... — Tomou o meu rosto entre as suas mãos. — Sobre aquilo que disseste... Se tudo o que as pessoas apregoam fosse verdade, eu não sairia da cama!

Toquei-lhe nos lábios para silenciá-lo, mas Ivarr teimou:

— Eu não quero que esse assunto volte a intrometer-se entre nós! Mentir-te-ia se dissesse que nunca dormi com uma mulher... Mas dou-te a minha palavra de que todos os meus filhos serão gerados no teu ventre, meu amor.

A sinceridade de Ivarr aquecia-me o coração. Jurei a mim própria que, após o nosso casamento, eu seria a mais apaixonada e dedicada das amantes, para que ele não sentisse a necessidade de procurar outro leito.

Regressamos à praia em silêncio, caminhando vagarosamente, de mãos dadas. A noite caíra e o povo acendia fogueiras. O grupo de jovens que passara por nós continuava a tocar, a cantar e a dançar. Lembrei-me de que falávamos acerca de Thora quando fôramos interrompidos. Recordei o rosto atormentado da minha querida irmã e as palavras tombaram-me dos lábios:

— O meu pai atenderia ao teu apelo, se intercedesses por Thora... Por favor, Ivarr, pede-lhe que a deixe participar nas provas de iniciação! Ela ficaria tão feliz!

O príncipe franziu o sobrolho, surpreendido e desgostoso, antes de argumentar:

— Devias demover a tua irmã dessa loucura e não apoiá-la! Após a iniciação virá o desejo de lutar a sério, e um campo de batalha não é lugar para uma mulher! Além disso, a Thora é muito pequena e franzina. Não possui a robustez de uma guerreira!

— A Thora está a crescer! — contestei. — E tu não conheces a sua força! Nunca a viste treinar...

— Eu não posso contrariar o teu pai num assunto tão delicado! E se a tua irmã se magoar?

— Terás de pedir-lhe que não magoe ninguém! — Quedei-me diante dele, pressionando-o com o meu olhar suplicante, sentindo que devia vencer esta batalha. — Garanto-te que a Thora é melhor do que qualquer um dos rapazes que se propõem à iniciação. Se não acreditas, submete-a a uma prova!

Ivarr hesitou. Eu sabia que ele ansiava por agradar-me, principalmente agora, que estávamos tão próximos. No entanto, também tinha consciência de que lhe pedia que avançasse contra as suas convicções. Estávamos a chegar à casa do *jarl* quando me respondeu:

— Vou pensar.

— Mas as provas começam amanhã! — protestei, frustrada.

— Eu já disse que vou pensar...

O apelo de Eric interrompeu-nos. Quase correu ao nosso encontro, indagando:

— Onde estivestes? Procurei-vos por toda a parte... — Deteve-se, ante o meu rosto incendiado e o olhar dardejante do amigo.

— Desculpem... Eu preciso de pedir-te um favor, Ivarr!

— Fala!

— A Thora, a irmã da Edwina, é muito habilidosa no manejo das armas...

— Mas o que é isto? — atalhou o príncipe, sorrindo levemente. — Uma conspiração?

Eric ergueu as sobrancelhas e eu apressei-me a justificar:

— Acabei de pedir ao Ivarr que falasse a favor da Thora, junto do meu pai.

Ao ouvir-me, a convicção do meu primo redobrou:

— Por favor, Ivarr! O Throst não me dará ouvidos. Mas tu sabes como persuadi-lo!

O príncipe respirou fundo, afastando do rosto os cabelos que se tinham libertado da fita, antes de fixá-lo com uma expressão grave.

— Como meu guerreiro-lobo... Como meu braço direito, diz-me: A rapariga é suficientemente boa?

— A Thora herdou o talento do pai — declarou o outro, sem hesitar. — Se duvidas, por que não a desafia? A rapaziada está a exhibir-se no salão. É uma boa oportunidade para comprovares a sua destreza. Peço-te como teu amigo, Ivarr! Dá-lhe uma oportunidade! Não podes imaginar o quanto isto significa para ela.

E, então, Ivarr contrapôs de forma surpreendente:

— Se aprecias tanto a tua prima, não será mais prudente desposá-la do que encaminhá-la para um destino incerto e perigoso?

Tive a surpresa de ver Eric corar. Todavia, a sua determinação não esmoreceu:

— É verdade que sinto um carinho especial pela Thora. E, por isso mesmo, jamais destruirei os seus sonhos. Quero vê-la feliz... Quero ganhar o seu afeto, não tomá-lo à força!

Agora que Ivarr a revelara, eu interrogava-me como a paixão de Eric pela minha irmã pudera passar-me despercebida, quando se declarava em todos os traços do rosto do meu querido primo. Os nossos pais iam delirar de satisfação! Enquanto eu jubilava com a descoberta, Ivarr soprou o ar e abraçou-nos, rendendo-se finalmente:

— A minha noiva e o meu melhor amigo perderam o juízo! Eu vou ver o que posso fazer pela vossa causa, mas não prometo nada! Se o Throst desconfiar desta combinação, há de assar-nos na fogueira!

A casa do *jarl* estralava de animação. Corri para os braços da minha mãe, da tia Ingrior e de Signy, desejando partilhar a minha felicidade e contar-lhes que, com um pouco de sorte e a orientação correta, em breve as nossas famílias voltariam a unir-se.

Thora fora liberada do castigo, mas mantinha-se afastada da comoção. O seu rosto bonito e travesso estava ensombrado por uma

mortalha de tristeza. A minha irmã já admitira a derrota e nem reagiu quando Freya e Svana tentaram confortá-la.

A pesada mesa de madeira fora arrastada para um canto do salão, a fim de facilitar as exibições. As espadas eram mantidas dentro das bainhas para que ninguém se magoasse, mas nem por isso o entusiasmo era menor. Nesse instante, o tio Bjorn testava a perícia de Magnor. O príncipe viking estava mais forte do que no ano anterior e nem admitia a hipótese de falhar novamente a sua ambição.

Ivarr acomodou-se no centro da sua guarda pessoal: os três guerreiros-lobo que lhe haviam jurado fidelidade — Eric, Ragnar e Bryan. Qualquer um deles daria a vida sem hesitar pelo futuro rei, não só porque se tinham ligado a ele através de um pacto de sangue, mas também porque eram inseparáveis desde crianças. Eu sabia que o tio Stefan não ficara satisfeito com a escolha de Bryan, pois esperara que o filho o sucedesse na administração da Grande Ilha. Todavia, Bryan era demasiado aventureiro para se resignar às intrigas palacianas e aos jogos da corte. As quizilas frequentes entre Vikings e Vândalos eram muito mais apelativas. Talvez a idade o fizesse assentar as armas mas, por enquanto, só desejava cavalgar e velejar ao encontro da aventura, ao lado do seu príncipe e senhor.

Quinn substituiu Magnor, exibindo as habilidades de que faria uso no dia seguinte, e as exclamações de aprovação foram imediatas. Ao meu primo seguiram-se outros, determinados a distinguir-se dos demais para impressionar o *jarl* e o rei. Quando as emoções atingiram o rubro, Ivarr declarou:

— Todos estes jovens possuem grande valor e estão de parabéns! O ginásio é um projeto que, tenho a certeza, crescerá para além das fronteiras do País dos Vikings e da Grande Ilha.

Ergueu-se um burburinho de aprovação e todos acrescentaram um elogio ao trabalho do meu pai. Ivarr esperou que se acalmassem para se dirigir ao *jarl*:

— Ouvi dizer que uma das tuas gêmeas é muito talentosa na arte da guerra! Por que é que a jovem prodígio não vem demonstrar-nos o seu engenho, Throst?

O meu pai não era tolo e podia cheirar uma armadilha como esta à distância. Contudo, fosse pela euforia do momento, fosse pelo ar angelical com que Ivarr fizera o pedido, o resultado superou as minhas expectativas:

— Thora, não ouviste o príncipe Ivarr? Aproxima-te, filha!

Temí que a minha irmã deitasse tudo a perder com uma resposta atravessada. O seu olhar desconfiado quedou-se em mim. Disfarçadamente, incentivei-a a avançar, e, embora hesitante, ela obedeceu. Parou diante do príncipe, fixando-o com um ar desafiador. Eu sabia o quanto Thora admirava o meu prometido e como almejava fazer parte da sua guarda pessoal. Porém, o desdém de Ivarr, no porto, ferira-a e enfurecera-a. Agora, ele era apenas um homem que massacrara o seu orgulho e ajudara a destroçar os seus sonhos. Surpreendi-me ao verificar que, com Ivarr, sucedia o contrário. Se para ele, até ao momento, Thora não passara de uma criança caprichosa, com um carácter retorcido, neste instante mirava-a com uma curiosidade quase ansiosa, como se desejasse e temesse, em simultâneo, descobrir a força que se ocultava naquele corpo de menina.

— O que posso fazer para vos entreter, *alteza*? — A voz musical e ainda infantil da minha irmã gelou-me o sangue. — Desejais que cante um dos poemas que enaltecem a vossa coragem? Ou preferis ver algo mais enérgico... umas cambalhotas e umas piruetas? Talvez possa impressionar-vos com as minhas caretas?

Um silêncio mortificante esmagou o salão. Após o primeiro impacto, aqui e além abafaram-se gargalhadas. O rosto do *jarl* estava da cor da fogueira. Steinarr surpreendeu-me, ao levar a mão aos lábios para esconder o riso. A expressão de Ivarr ensombrou-se, quando Thora acrescentou:

— Também posso pintar-me como os artistas nômades...

— Chega, Thora! — atalhou o nosso pai. — Pede, imediatamente, desculpas ao príncipe!

Thora enfrentou Ivarr. Olhos verdes contra olhos verdes. Dois espíritos indomáveis. Duas vontades de ferro. Convenci-me de que estava tudo perdido! Então, a minha irmã recuou:

— Perdoai-me, príncipe Ivarr! — A sua voz tremia, sem vestígios da arrogância que a dominara. — Hoje não consigo fazer mais nada, senão embaraçar a minha família... — O seu olhar desviou-se para o *jarl*. — Lamento, pai...

Seguiu-se um novo silêncio, em que eu temi que Thora fosse rebentar a chorar. Lancei um olhar suplicante a Ivarr e ele não me decepcionou:

— Já percebemos que o teu sentido de humor se compara à tua sutileza, jovem! Agora, queremos ver o que sabes fazer com... isto!

Pasmei ao vê-lo lançar-lhe a sua própria arma. Thora apanhou-a no ar e ficou a mirá-la, como se não acreditasse que segurava entre os dedos a espada do herdeiro do trono viking. O rumor de assombro da assistência declarava que poucos haviam desfrutado dessa honra. A minha frente, um olhar gélido e metálico cintilou. A raiva que fustigava Magnor fazia-o estremecer e forçava-o a esconder as mãos atrás das costas, para que não denunciasses o seu tremor.

— Muito bem... — continuou Ivarr. — Qual dos nossos talentosos futuros guerreiros se oferece para lutar com a filha do *jarl*?

Desta vez, o silêncio foi tão profundo que não se ouviu uma mosca. Incrédulo, Ivarr percorreu os rapazes com o olhar. Estes fixavam o chão e alternavam o peso do corpo de um pé para o outro, pouco à vontade. Noutra ocasião, teriam brigado entre si pela oportunidade de competir com Thora. Mas não nesta noite, diante dos líderes do País dos Vikings e da Grande Ilha. Ninguém queria levar para a prova de iniciação a vergonhosa recordação de uma derrota.

— O que é que se passa aqui? — A voz do príncipe denunciava irritação. — Estou diante de um grupo de cavalheiros ou de um bando de covardes?

Com as faces em chamas, todos os rapazes deram um passo em frente. Era melhor ser derrotado numa disputa amigável, do que cair em desgraça ante o futuro rei! Contudo, foi a voz de Magnor que se diferenciou das demais:

— Eu lutarei com ela!

O meu sobressalto refletiu-se no rosto de Eric. Bryan franziu a testa e cerrou os punhos. Eu nem me atrevi a olhar para o meu pai, e calculei que a minha mãe estivesse prestes a desmaiar. Ivarr também não parecia convencido:

— Tu és mais velho e experiente, Magnor! Seria um duelo desequilibrado...

— Desequilibrado? — Cortou o outro raivosamente. — Tu destelhe a tua espada!

— Eu não tenho medo dele!

Todas as atenções se viraram para Thora. A minha irmã moveu-se com a elegância que lhe conhecíamos e ergueu a espada, desafiando Magnor. O rapaz empunhou a sua arma com rudeza, rosnando irado:

— Pois devias! Vais acabar a noite a beijar-me os pés, sua insolente!

Os olhos de Thora incendiaram-se quando Magnor investiu. A minha irmã não pedira por este confronto, mas regozijava-se por ter a oportunidade de dar uma lição àquele arrogante. Esqueci a postura e bradei-lhe palavras de apoio, fazendo coro com a maioria.

Thora estava em clara desvantagem, pois Magnor já possuía a compleição de um homem. Mesmo assim, defendeu-se habilmente e contra-atacou com eficácia. O pasmo do príncipe, ante a resistência de uma criatura fisicamente tão inferior, foi denunciado em algumas das suas exclamações de surpresa, mas a destreza de Thora apenas estimulou a sua fúria. O suor começava a banhar-lhes as faces, a encharcar-lhes as roupas, e o cansaço diminuía a velocidade dos embates... No entanto, a minha irmã agüentava-se firme, movendo-se com uma distinção que contrastava com a brutalidade do rival. Para mim, ela já provara mais do que podia ser-lhe exigido. Nem o tio Bjorn impunha tamanha agressividade nos seus treinos! Todavia, era óbvio que nenhum dos oponentes pretendia render-se. Esta disputa era muito séria, e, se dependesse deles, teria consequências graves.

Tentei chamar a atenção de Ivarr para que pusesse cobro à briga.

Porém, ele manteve-se concentrado no duelo, com os braços cruzados diante do corpo hirto e uma ruga profunda na testa. Ao

meu lado, Freya gemeu horrorizada com o descontrole da sua gêmea e do rapaz por quem se enamorara. A minha mãe sustinha-se no braço da tia Ingrior, com as faces cinzentas de inquietação. Quanto ao meu pai, a sua apreensão era visível, mas o orgulho não lhe cabia no peito. Apesar de conhecer a vocação da filha, nunca a levava realmente a sério, até este momento. Junto dele, o rei viking sorria e falava-lhe discretamente. Apiedei-me de Magnor, ao perceber que nem o próprio pai lhe concedia os seus favores. A sua vida devia ser muito triste...

A minha piedade extinguiu-se, no instante em que o príncipe concretizou um gesto traiçoeiro, e empurrou Thora contra a pilha de escudos que tinham sido usados no treino, forçando-a a tropeçar e cair. Desprevenida, a minha irmã perdeu a arma e viu-se subjugada pelo peso do adversário, que se deitou em cima da sua barriga, encostando-lhe a espada à garganta, enquanto cuspiu desdenhoso:

— Enganei-me a teu respeito! Julguei que eras mais forte...

— Pois tu nunca me enganaste! — rugiu Thora; olhos nos olhos.
— És o maior dos imbecis!

O seu joelho ergueu-se, com toda a força, por entre as pernas de Magnor. O rapaz berrou em choque, paralisado pela dor. E, antes que pudesse recuperar, já ela fechara uma mão na outra e usava-as como um poderoso machado de guerra, esmagando-as no rosto.

O corpo poderoso do príncipe rebolou no chão, debaixo do murmúrio estupefato da assistência. Thora não perdeu tempo e levantou-se, cambaleando de exaustão ao encontro da espada de Ivarr. Quando a recuperou, já Magnor se dispunha a enfrentá-la; o rosto quase angelical desfigurado numa grotesca careta de ódio, enquanto a saliva se misturava com o sangue e lhe escorria pelo queixo. Perante o assombro dos demais, desembainhou a espada e livrou-se da bainha, tencionando levar o confronto até ao fim.

Lancei-me adiante, apelando por Ivarr, mas ele também já avançava, com Eric, Bryan e Ragnar ao seu lado. Todavia, foi a voz de Steinarr que gelou os presentes:

— Rapazes, parem imediatamente!

Além das respirações ofegantes e de alguns sussurros de incredulidade, nada mais se ouvia. Thora e Magnor permaneciam

frente a frente, à distância de uma investida, e a lâmina da espada do príncipe flamejava, esfomeada por ação, exigindo sangue.

— Estais surdos? Pousai as armas!

Murmurei o nome da minha irmã, suplicando mentalmente que se acalmasse e obedecesse ao rei. Apesar de ela raramente se dar ao trabalho de desenvolver e treinar as habilidades místicas que herdara da nossa mãe, eu sabia que me escutava. A mágoa no seu olhar, quando me encarou, declarava a sua revolta: *"Como podes pedir-me tal coisa? Esta besta cuspiu no meu orgulho..."*

A espada de Ivarr caiu no chão de madeira com uma pancada surda. O olhar de Thora perdeu-se no vazio, altivo, inatingível, distanciando-a dos mortais; fria e bela como uma deusa.

— Magnor...

Ao apelo furibundo do seu pai, o príncipe cravou a espada no chão, cuspiendo um palavrão que fez as mulheres protestarem e corarem. Steinarr ignorou-o e continuou:

— A Thora foi a primeira a pousar a arma... Tu serás o primeiro a estender-lhe a mão!

— Nunca!

— Não te atrevas a desobedecer-me, rapaz! — De repente, o rei parecia um gigante terrível; um enorme urso selvagem, cuja sombra seria suficiente para matar um homem. — Vós não sois inimigos! Sois aliados! Cumprimentai-vos imediatamente! Tu primeiro, Magnor!

Transpirando indignação, o príncipe avançou um passo, dois, três... O seu olhar cravou-se no de Thora, e eu tive a certeza de que juravam odiar-se até à morte. Com a lentidão de uma vida, a mão de Magnor ergueu-se, tremendo como se estivesse solta do pulso. Thora correspondeu, e o aperto das mãos soltou faíscas. No salão respirava-se fundo e aplaudia-se, mas as famílias dos rivais sabiam que este fora um corte sangrento numa relação que se desejava intocável.

Eric afastou Thora de Magnor e os braços do nosso pai envolveram-na. Com o coração apertado, vi o príncipe rebelde abandonar a casa, num ímpeto endoidecido, e Ivarr precipitar-se atrás dele, decerto temendo que fizesse alguma asneira. Sentime culpada, não por Magnor, que se revelara rancoroso e vingativo, mas

pelo incômodo que causara ao meu prometido. Por outro lado, Thora recebia mais elogios do que aqueles que podia assimilar. Diante dos convidados, não se atreveria a pedir novamente ao *jarl* que a deixasse competir. Porém, assim que tivessem um instante de privacidade, não hesitaria em fazê-lo.

CAPÍTULO 4

Sempre que visitavam a Ilha dos Sonhos, o rei Steinarr e o tio Stefan hospedavam-se na nossa casa, e o chão enchia-se de mantas e almofadas para os menores. Com tanta gente amontoada, era quase impossível sossegar. Escutei a rabugice dos garotos, as conversas dos adultos e, por fim, o ressonar oscilante dos homens, enquanto os meus pensamentos vagueavam por um passado que continuava a ensombrar o futuro de todos nós.

Entrelacei os dedos nos anéis dourados dos meus cabelos e lembrei o estranho sonho que me subjugara, na noite anterior. Quase me atrevia a jurar que a essência do meu primo Edwin empreendera a longa viagem através do mar que separava as nossas realidades, e viera visitar-me. Todavia, a razão justificava que tudo não passara de uma dolorosa partida que a imaginação me pregara, por conta da ansiedade provocada pelas recordações... e pela vontade ardente de buscar o meu primo.

Eu tinha a certeza de que Edwin ainda estava vivo. Muitas vezes, ao longo destes anos, a percepção da sua energia sufocara-me, como uma gigantesca vaga que me envolvia e impedia de respirar. Depois desvanecia-se... Ele estava a progredir no seu treino; a fazer o que era necessário para sobreviver! Se mantivera a integridade, ou se entregara a alma ao seu mestre, era a questão vital... A interrogação que me angustiava!

Dormi pouco, e acordei com o reboiço dos jovens que saltavam das cobertas e se vestiam à pressa. Em quase todas as cabanas da Ilha dos Sonhos, a correria repetia-se. Ninguém queria chegar atrasado à praia, onde, em breve, o *jarl* daria permissão para que as provas de iniciação começassem. Quando o último homem da nossa casa saiu, Thora refugiou-se no seu quarto e fechou a cortina, isolando-se dos olhares piedosos das mulheres. A minha mãe seguiu-a, e eu e Freya a imitamos. Encontramos Thora sentada na

cama, com a cabeça apoiada nos joelhos, chorando baixinho. Aceitou o consolo dos braços maternos e a nossa companhia. Acariciei-lhe os cabelos e murmurei, comovida pela sua prostração:

— Eu tentei, irmãzinha!

— Eu sei — respondeu ela por entre soluços.

— Não te zangues com o pai, querida! — apelou a nossa mãe, afagando-lhe a face. — Ele só quer proteger-te...

Thora desatou num berreiro incontrolável. Freya cobriu o rosto e começou a chorar também. Saltamos de surpresa quando a cortina se escancarou, revelando a figura imponente do *jarl*.

O que o fizera voltar atrás? A pergunta latejava-me na mente, ao vê-lo abanar a cabeça e respirar fundo, ante o sofrimento de Thora. Tentou manter uma postura severa, mas a sua máscara de frieza depressa se derreteu.

— As minhas mulheres serão a minha morte! — exclamou, tomando o rosto da gêmea mais velha entre as suas mãos. — Thora, olha para mim... O meu desejo é que tu tenhas uma vida maravilhosa! Não estarás melhor casada com um homem que te estime, a cuidar dos teus bebês, do que a dormir ao relento, cheia de fome e frio, assombrada por tudo o que deixaste para trás e pelo que há de vir adiante? A vida de um guerreiro não é fácil, meu amor!

— A Thora só quer provar que é capaz de superar o ritual de iniciação, papai! — interferiu Freya, procurando dar o sua contribuição. — Ela não vai para a guerra!

Freya era ainda muito inocente. Nós, os mais velhos, sabíamos bem o que Thora almejava.

— Diz-me, filha — insistiu o nosso pai. — Desejas realmente passar por tamanha provação?

Os olhos molhados da minha irmã iluminaram-se, ante o sinal de cedência.

— Sim, papai... — respondeu com a voz entrecortada.

A nossa mãe fechou os olhos e suspirou, quando o *jarl* decidiu, resignado:

— Está bem! Será como desejas!

Thora gritou e pendurou-se no seu pescoço, cobrindo-o de beijos. Num piscar de olhos estava pronta para sair. Acompanhamo-los à porta e surpreendi-me ao verificar que Ivarr os aguardava. Cumprimentou-nos com um aceno, enquanto o meu pai içava Thora para o seu cavalo. Depois, levou os dedos aos lábios e atirou-me um beijo que me fez sorrir.

Enquanto eles se afastavam, abracei a minha mãe. Ela tremia e, por pouco, não sucumbia às lágrimas.

— Não te preocupes, mamãe! — tentei sossegá-la. — O primo Eric confessou-me que sente um carinho especial pela nossa Thora. E eu acho que a mana também gosta dele! Talvez não tenhamos de esperar muito para ver esmorecer o seu entusiasmo aventureiro.

— Temo que a nossa tranqüilidade tenha chegado ao fim! — A voz da minha mãe soou enrouquecida pelo desalento. — Nós não podemos negar quem somos, Edwina! Eu e o pai tentamos e o resultado está à vista! Já conversamos muito acerca do destino da Thora... Concordamos que seria melhor deixá-la seguir o seu caminho com o nosso apoio, do que vê-la revoltada contra nós, tomando o mesmo rumo sozinha. Ainda assim, teimamos em desafiar a sorte até ao último instante, confiando que ela veria a razão; que se conformaria quando os homens partissem. Mas algo se passou, que levou o vosso pai a assumir esta decisão...

Engoli em seco e confessei:

— Eu pedi ao Ivarr que o convencesse.

A mágoa enevoou o olhar da minha mãe, mas não tardou a desvanecer-se. Catelyn da Ilha dos Sonhos pôs-se em bicos de pés para me beijar a testa, murmurando docemente:

— Aconteça o que acontecer, o importante é que nos mantenhamos unidos! A nossa força provém do amor... Nunca te esqueças disto, querida!

Apesar de assistir desde sempre aos rituais de iniciação, nunca me sentira tão ansiosa. Quem não duvidava do sucesso da nossa irmã era Freya. Ela e Svana faziam mais barulho do que a multidão que acompanhava as provas. Em todos os desafios que exigiam rapidez

de raciocínio, Thora foi a vencedora. Depois, chegou a vez dos testes de destreza, e os candidatos dividiram-se em duas equipas. Thora ficou sob a liderança de Quinn, e não tardaram a provar que formavam uma dupla formidável. Os primos estavam habituados a treinar juntos e quase não necessitavam de falar para se entenderem. Inchei de orgulho ao ver a velocidade com que montaram um abrigo, e as suas armadilhas de caça receberam elogios dos mais velhos.

Ivarr encontrava-se pouco distante de mim, e Magnor mantinha-se ao seu lado, avaliando aqueles com quem competiria na *Caçada*, já que o mais forte do grupo seria o seu rival. Os dois irmãos haviam regressado tarde, na noite anterior, após o que eu supunha ter sido uma conversa espinhosa. Porém, os resultados afiguravam-se positivos, pois Magnor revelava-se calmo e até delicado no trato.

O sorriso de Ivarr atraiu a minha atenção para as provas. O grupo de Quinn vencera de novo e os rapazes carregavam Thora sobre os ombros. Apesar de suja, suada e despenteada, eu nunca a vira tão bonita. Os olhos brilhavam-lhe de tal forma, que não se distinguia se eram verdes ou azuis. A trança grossa desfizera-se e um manto de caracóis negros cobria-lhe as costas. O rosto impertinente enrubescia de felicidade. Thora estava a viver o seu sonho... graças a Ivarr!

À tarde, o grupo foi avaliado no seu desempenho com as armas e Thora brilhou quando pegou no arco. Sem dificuldade, foi considerada a melhor. Os amigos que rodeavam o nosso pai não se cansavam de elogiá-lo. A filha tinha a quem sair! No lançamento do dardo, Thora só foi suplantada por Quinn. O arremesso do martelo era a sua fraqueza. A arma exigia uma força que a minha irmã ainda não adquirira. Ficou em último lugar e temi que os instrutores a excluíssem. Felizmente, os meus receios não se concretizaram, e logo ela erguia destemidamente a sua espada.

Nesta prova, os instrutores faziam questão de testar os candidatos e era exigido um parecer positivo. Observei, apreensiva, a atrapalhação de um rapaz que eu considerava habilidoso. Quinn manteve-se firme... E chegou a vez de Thora. Enquanto os responsáveis decidiam quem ia julgá-la, Ivarr avançou e ninguém se

atreveu a contestá-lo. Fui sacudida por um calafrio. Ter-lhe-ia o meu pai pedido que a afastasse da competição? De que outra forma se justificava a sua atitude?

Por cima das nossas cabeças, *Lança* soltou um pio agudo e pousou numa árvore próxima, atento aos movimentos do povo. O grito do falcão estilhaçou-me os nervos. Eu não perdoaria Ivarr, se o sonho da minha irmã se desmoronasse, depois do que ela já sofrera!

Diante do príncipe, Thora acusou perturbação. Eu sabia que era errado usar a Arte para interferir na sorte alheia, mas não podia observar impassível a angústia da minha irmãzinha. Inspirei fundo e cerrei os olhos, absorvendo a luz do Sol no meu espírito. Só queria que Thora esquecesse o medo, que não esmorecesse diante da imponência do adversário. E, aos poucos, as batidas do seu coração serenaram e a respiração acalmou-se. O seu objetivo não era vencer Ivarr! Só tinha de convencê-lo da sua destreza.

Ivarr acometeu com uma exaltação que me indignou. Thora defendeu-se, mas o impacto a fez tropeçar e cair. Ouviu-se um murmúrio de decepção... E a voz do futuro rei:

— Levanta-te, rapariga! Num campo de batalha não esperes que o inimigo te estenda a mão!

Thora ergueu-se de um salto, enfurecida pela provocação. Desta vez, foi ela quem atacou. E continuou a atacar... As nossas mentes estavam fundidas, mas era óbvio que a minha irmã já não necessitava de ajuda. A raiva devorara o seu temor, e Ivarr tornara-se igual a qualquer outro adversário. O príncipe defendia-se sem cansaço, mas subestimou o ardor da pequena criatura que o defrontava. Com um golpe mais aguerrido, Thora conseguiu penetrar na sua defesa.

Ivarr saltou para trás, olhando incrédulo para o sangue que lhe manchava a túnica. O clamor assombrado da multidão cresceu estridentemente... E a voz de Thora soou, fresca e irônica:

— Podemos continuar, majestade? Ou necessitais do auxílio de uma curandeira?

Eu nunca vira Ivarr zangado, e fiquei arrepiada quando ele rugiu e se lançou adiante. Fechei os olhos, incapaz de enfrentar as conseqüências da sua investida, até que os brados entusiasmados

do povo me forçara a reagir. Thora estava tombada na areia, com a espada de Ivarr encostada à garganta. Porém, ao contrário do que seria esperado, no rosto do príncipe não havia vestígios de raiva ou ressentimento. Ivarr sorria. Afastou-se, embainhou a espada e estendeu-lhe a mão.

— Não sejamos inimigos no campo de batalha ou fora dele, filha do *jarl* da Ilha dos Sonhos. Provaste o teu valor com determinação e coragem. Tens a minha aprovação.

Thora saltou como se pudesse voar, gritando a plenos pulmões. Quinn foi o primeiro a alcançá-la. Não teve tempo de expressar a sua satisfação e já Eric a erguia nos braços. Tentei aproximar-me, mas uma voz quente deteve-me:

— Não existe um pouco de caridade no seu coração para com um homem ferido, princesa?

Voltei-me devagar ao encontro de Ivarr e, instintivamente, a minha mão procurou a sua.

— Vem... Vou cuidar de ti.

Abandonamos a confusão e entramos na aldeia quase deserta. Levei-o para a minha casa, tentando ignorar a vontade imperiosa de cair nos seus braços e de saborear os seus beijos.

— Senta-te e tira a túnica — ordenei, forçando-me a agir como uma curandeira. — Vou buscar um unguento...

A voz morreu-me na garganta quando Ivarr me puxou contra o seu peito, murmurando junto dos meus lábios:

— O que dirá o teu noivo, quando descobrir que trouxeste para debaixo do teu teto um homem com a minha reputação?

Fiquei tão estonteada, que só me apercebi que ele estava a brincar quando começou a rir. Porém, não tive tempo de ralhar-lhe. Sem cortesias, Ivarr entorpeceu-me a razão com um beijo que me deixou as pernas bambas. Os seus lábios escorregaram-me pelas faces, acariciando cada pedaço da pele ardente, enquanto sussurrava:

— Desde ontem que não penso noutra coisa... Acho que me lançaste um feitiço!

— Espero que seja um feitiço tão forte como aquele que tu me lançaste — repliquei com um sorriso enamorado, afastando-o

contrafeita. — Agora, mostra-me esse ferimento.

— Não exageres, Edwina! É um arranhão sem importância...

Ainda assim, obriguei-o a despir a túnica e a deixar-me examiná-lo. O corte era fino, por baixo do peito, e parara de sangrar há muito. Com o rosto a latejar e a respiração aos soluços, tentei concentrar-me na limpeza da ferida, mas as mãos tremiam-me tanto que se tornavam imprestáveis. As tatuagens do carvalho e do falcão, que lhe adornavam o peito, símbolos da família real, ganhavam vida debaixo dos meus dedos... Subitamente, a minha atenção ficou prisioneira de três cicatrizes paralelas, situadas sobre o coração, resultantes de incisões profundas e tão perfeitas que dir-se-iam premeditadas, e não consequência de um ferimento de combate.

— Edwina... — apelou, ciente do meu enleio. — Não tenhas medo, querida...

Tentar sustentar o olhar verde só piorou o meu nervosismo. Ivarr colocou as minhas mãos sobre o seu peito, exatamente em cima das estranhas marcas, e eu senti o seu coração martelar-me os dedos. Perdida no devaneio, baixei o rosto ao encontro de uma promessa de beijo. Fiquei perplexa quando ele me afastou. Então, o rumor que o seu ouvido apurado já distinguira, chegou até mim. Recuei à pressa, enquanto Ivarr vestia a túnica. Tínhamos acabado de recuperar o fôlego, quando a casa se encheu de familiares e amigos. Felizmente, encontravam-se tão eufóricos que nem repararam no meu embaraço. Thora correu para os meus braços e sussurrou um agradecimento emocionado. Felicitei-a com beijos orgulhosos. A agitação que nos rodeava cessou, quando a minha irmã se dirigiu ao herdeiro do trono viking e o cumprimentou com uma vênia larga:

— Obrigada por tudo o que fez por mim, príncipe Ivarr! Perdoe a forma como me comportei...

— Comportaste-te como uma grande guerreira! — atalhou ele, premiando-a com um sorriso. — E podes agradecer-me, superando as provas de amanhã. Estás de parabéns, Thora! — Aceitou o corno de cerveja que Eric lhe estendia, elevando-o em saudação. — Estais todos de parabéns! A Quinn e Thora, heróis da casa do *jarl*! Que tenham muita sorte e honrem as suas famílias com a nobreza dos seus feitos!

Thora recusou-se a usar um vestido para a festa, mas permitiu que eu a penteasse. Lavado e escovado, o seu cabelo era tão bonito como o de Freya. A outra gêmea não necessitava de ajuda para arranjar-se. Estrid encarregava-se de lhe ensinar todos os truques. Eu preferia ver Freya com o cabelo solto e sem pintura no rosto, mas a prima garantia que esta era a última moda na corte, e a minha irmã deixava-se deslumbrar pelo esplendor do Império.

A festa arrastava-se pelas ruas da aldeia e estendia-se até à praia. Havia fartura de comida, mais bebida do que água no mar e muita música. As fogueiras ardiam com fulgor e o povo saltitava ao seu redor.

Reuni-me à minha família e escutei as histórias das façanhas dos homens, em terra e no mar. Quando a bebida começou a aquecer-lhes o sangue, muitos aventuraram-se a juntar-se ao baile. Dos meus tios, só Edwin e Geimy não se divertiam. A princesa estava indisposta e o marido acompanhou-a a casa. Julguei que Estrid fosse cuidar da mãe, mas a jovem atarefava-se com os rapazes que se enfileiravam para convidá-la para dançar. Freya e Svana também não paravam. Eric tentou convencer Thora, mas a heroína do dia preferiu continuar sentada junto dos primos, tecendo estratégias para os desafios do dia seguinte. Eu dancei com o meu pai, com os meus tios e primos. E dancei com Ivarr...

Quando regressamos ao grupo, Eric fazia uma nova tentativa para arrastar Thora para o baile. Com as faces a arder, a minha irmã manteve-se firme na recusa. Ivarr sentou-se ao lado do irmão e acirrou ainda mais as expectativas dos jovens para as provas futuras, acedendo a contar-lhes como enfrentara o lobo branco, durante a sua iniciação. Eu sabia que ele não gostava de vangloriar-se da sua vitória. Aliás, nenhum daqueles que passara pela mesma experiência o fazia, como se esse prodígio fosse algo íntimo e inconfessável.

Ivarr dizia exatamente o que os jovens queriam ouvir, mas a plena verdade da noite em que ele e a fera tinham unido as essências jamais seria revelada em público. Eu própria, só a tivera ao meu alcance uma vez. Pouco depois de Ivarr se restabelecer da luta

contra o lobo, Steinarr procurara "O Que Tudo Vê", para que o significado da conquista do príncipe fosse desvendado. Eu não fora autorizada a assistir à conversa, mas fizera-o secretamente, apelando ao poder da Lágrima do Sol. Nessa reunião, onde apenas estiveram presentes os três sábios da Ilha dos Sonhos, os meus pais, o rei viking e o seu primogênito, o feiticeiro dera-lhes a conhecer uma das incontáveis profecias que condicionavam o destino do Homem:

"Das profundezas da Luz e da Escuridão, dois espíritos soberanos se erguerão para decidir na Terra aquilo que não pode ser determinado no seu mundo: qual dos dois é o mais forte. Para tal, elegerão dois campeões; dois homens que serão reis nas suas terras e rivais mortais no campo de batalha. Graças à poderosa magia do seu sangue, nenhum guerreiro conseguirá suplantá-los. A única essência capaz de lhes fazer frente viverá na alma de uma mulher: a companheira que estão destinados a disputar, e em cujos braços o vencedor encontrará a recompensa pelo seu esforço... a felicidade eterna."

Aos oito anos de idade, este enigma estava para além do meu entendimento. E, conforme crescia, comecei a recear que o Espírito da Escuridão fosse o meu primo Edwin. Porém, acabara por refutar tal idéia. Edwin não era um guerreiro letal e nenhum reino aguardava pela sua soberania. A identidade do rival do meu prometido permanecia secreta, até para "O Que Tudo Vê", o que significava que a vida de Ivarr estava constantemente ameaçada. Por isso ele treinava com tanto afincos; para se tornar o melhor entre os melhores! E eu tinha obrigação de ajudá-lo, pois seria a sua companheira; a rainha vidente do povo viking.

Este pensamento provocou-me um aperto no coração. Sem querer, o meu olhar caiu sobre Magnor e surpreendi o seu esgar de despeito, ao escutar a história do irmão. Pela primeira vez, acometeu-me a desconfiança de que o perigo podia viver mesmo ao lado de Ivarr. Em breve, Magnor seria um guerreiro de excelsa destreza... e qualquer reino da Terra estaria ao seu alcance. Apercebendo-se de que eu o fixava, Magnor enfrentou-me, empinando o nariz num declarado desafio. Perturbada, tomei a

iniciativa de desviar o rosto. Por ora, manteria a minha suspeita em segredo... Todavia, a partir deste instante, ficaria muito atenta aos passos do jovem príncipe.

Estrid, Freya e Svana regressaram do baile, rindo alegremente. Expedito, Magnor não permitiu que Estrid se sentasse, e convidou-a para dançar. Observei a decepção da minha irmãzinha quando o príncipe passou por ela, de mãos dadas com a prima, e decidi que tinha de convencê-la a tirar Magnor da cabeça. A personalidade do meu futuro cunhado assustava-me. Se num instante era encantador, no outro era detestável, como se dentro dele vivessem duas pessoas completamente diferentes; dois inimigos de costas voltadas.

Trygve e Ivarr envolveram-se numa sóbria troca de idéias acerca do futuro da Aliança. Surpreendi-me ao constatar a atenção que o herdeiro do trono viking devotava às opiniões do meu primo. Eu habituara-me a pensar em Trygve como um irmão mais velho, sempre disposto a proteger-me, e nem reparara que ele se tornara um homem, com uma força e um poder admiráveis. Não era de espantar que os druidas tentassem aliciá-lo para a sua causa... Mas eu não permitiria que ninguém nos separasse!

Estrid cansara-se de mendigar a atenção de Ivarr e investia todo o seu charme em Magnor. E este não se fazia rogado! O meu olhar aguçado distinguiu que, depois de lhe sussurrar ao ouvido, os lábios do jovem príncipe deslizavam ousadamente pelo pescoço da prima, enquanto os seus dedos se cravavam como garras possessivas na cintura estreita, pressionando-a contra si de forma indecorosa. Se o tio Edwin os visse, a cabeça de Magnor estaria pouco segura em cima dos ombros!

Não muito longe, Aled e Melody pararam de dançar completamente esquecidos da música. Era evidente que ele lutava contra a vontade de beijá-la ali mesmo, diante da comunidade. Como num sonho, vi a mão da minha prima erguer-se para lhe acariciar o rosto e Aled recuar, impedindo o contato que o fazia esquecer a razão. Sem demora, partiu a correr, deixando a jovem plantada no centro do baile com uma expressão perdida.

Tencionava ir ao encontro de Melody, mas detive-me ao ouvir Estrid, que acabara de sentar-se ao meu lado, afogueada de

exaltação, exclamar para Magnor:

— Este bailinho é para as crianças! A verdadeira festa é celebrada no topo da Montanha da Magia, pelo Povo dos Penhascos; uma genuína tradição pagã, que os padres cristãos não conseguem silenciar. Todos os anos, os nativos livram-se das roupas e pintam o corpo e o rosto. Depois, elegem uma donzela para incorporar a deusa de que são devotos, e esta deita-se com o sacerdote da tribo...

— Uau! — interrompeu Quinn, jocoso. — Já viram a sorte desse sacerdote?

Os rapazes desataram às gargalhadas e Darrin replicou pertinentemente:

— Como sabes tu isso, se não nos é permitido aproximar dessa festa, e aqueles que a freqüentam não revelam uma palavra acerca do que lá se passa?

Estrid mirou o irmão com desdém, retrucando:

— Os guardas do Povo dos Penhascos são desleixados! E nem todos os rapazes são meninos do papai, como vós! Tenho um amigo que iludiu a segurança e assistiu ao que vos contei!

O ar estava carregado de energia. Se Estrid pretendia reunir as atenções na sua pessoa, já triunfara. A perturbação dos mais velhos era óbvia, e Ivarr não tardou a interferir:

— E quem é esse teu corajoso amigo?

O seu tom despreocupado era uma armadilha, mas Estrid não se deixou enganar:

— Não estás à espera que eu te diga, pois não? Antes do Sol nascer, ele já teria sido castigado!

— E quando se realiza esse prodígio? — perguntou Magnor extremamente interessado.

— As fogueiras dos nativos vão acender-se na noite do Festival de Verão — respondeu Estrid com o seu sorriso mais brilhante, ignorando os demais. — Então, os selvagens começarão a cantar, a dançar e a beber sem parar, e, quando os espíritos estiverem livres da prisão dos corpos, homens e mulheres cairão uns sobre os outros, como animais no cio...

— Basta, rapariga! — trovejou Trygve, erguendo-se de um salto, com o rosto incandescente e os punhos cerrados. — Estás a reduzir a cultura de um povo ao ridículo. A Festa da Renovação não é o ritual de selvageria e devassidão que tu descreves! E uma cerimônia com um significado que a tua mente perversa jamais entenderá!

Fez-se silêncio entre nós e Estrid ficou sem resposta. Até eu estava pasmada, pois nunca vira Trygve tão revoltado. As palavras da jovem haviam-no tirado do sério. Era a primeira vez que eu me dava conta de que o Povo dos Penhascos lhe suscitava tamanha simpatia!

— E o que sabes tu dessa festa? — reagiu Estrid, por fim; a voz estridente sobrepondo-se ao rufar dos tambores. — Quando os nativos estiverem a festejar, tu estarás a dormir de cabeça tapada! Os rituais pagãos são para homens a sério, e não para... covardes que se escondem da própria sombra! Como te atreves a chamar-me perversa? Tu sim, és desprezível! Não sei como o tio Berchan te suporta, seu bastar...

De repente, o mundo virou-se do avesso. Um grito arrepiante chicoteou a noite e, antes que alguém recuperasse do pasmo, Thora já saltara sobre Estrid e atirara-a ao chão. Sentou-se em cima do peito da prima, com as mãos apertadas em torno do pescoço delicado e fino, vociferando:

— Pede-lhe perdão, sua besta sem sentimentos! Pede-lhe perdão, ou juro que te mato!

Eric correu a segurar Thora, enquanto Bryan ajudava Estrid a levantar-se. Ambas gritavam insultos afiados:

— Tu és igual a ele! Uma aberração! Uma mulher-homem!

— Eu vou cortar essa tua língua venenosa e atirá-la ao mar, porque nem os cães quererão comê-la!

Os rapazes pareciam incapazes de controlá-las. Mergulhados na agitação, só nos apercebemos da chegada dos chefes da família quando o tio Edwin ribombou:

— Mas, o que é que se passa aqui? Estrid, Thora... Quietas!

O olhar furioso do meu pai estava pousado na gêmea mais velha e temi que Thora sofresse as conseqüências da emotividade do seu grande coração.

— Qual de vós é que vai explicar-nos o que se passa? — insistiu o *jarl*, ante o silêncio geral.

— Foi só uma divergência de opiniões, tio — justificou Trygve, surpreendendo-nos. — Nada de importante!

— Isto não me parece uma coisa sem importância! — observou o tio Edwin, dardejando a filha com o olhar. — Eu sei o quanto a Estrid pode ser insolente, Trygve! Diz-me, ela fez alguma asneira?

Estrid fixava Trygve com um misto de súplica e raiva. Sabia que a sua sorte se encontrava suspensa nas mãos da vítima das suas ofensas.

— Thora... — começou o meu pai, mas Trygve não permitiu que terminasse:

— Meus senhores, voltai para a festa e esquecei este incidente! Garanto-vos que tudo não passou de uma brincadeira acalorada.

O esforço do meu primo era louvável. Apoiei-o em defesa da minha irmã e logo um coro de vozes se juntou às nossas. Apesar de indignados contra Estrid, ninguém desejava ver Thora castigada.

— Que isto não se repita! — avisou o meu pai, antes de se afastar. O tio Edwin foi mais severo:

— Estrid, vai imediatamente para casa e fica a velar o sono da tua mãe! Darrin, se a tua irmã me desobedecer, tens autorização para arrastá-la por uma orelha!

O rosto do rapaz iluminou-se com um sorriso, ao responder:

— Será um prazer!

Assim que os homens se afastaram, Estrid resolveu piorar a situação. Apontou o dedo a Thora, replicando numa voz pejada de ódio:

— Há de pagar pelo que me fizeste! Os deuses vão castigar-te...

— Toma cuidado com as pragas que rogas, Estrid — cortei bruscamente, assolada pela raiva que me transbordava do peito. — Elas podem cair na tua cabeça! Se não aniquilares a maldade que vive em ti, o teu futuro não será brilhante! Talvez os castigos que pedes para os outros já estejam no teu caminho!

Novo silêncio. De todos os rostos que nos observavam, o de Freya era o mais mortificado. Estrid estava com os olhos cheios de lágrimas, mas dispunha-se a enfrentar-me. Quando Darrin se

aproximou, prestes a puxar-lhe pelas orelhas, guinchou furiosa e fugiu para casa. Contudo, ainda nos restava amansar uma fera. Thora voltou-se para Trygve, num ímpeto acusador:

— Devias ter dito a verdade! Ela merecia uma lição!

Trygve suspirou e pousou as mãos nos ombros da prima, volvendo apaziguadoramente:

— A Estrid está perdida num mundo só seu, carente de afeto. Não lhe guardes rancor, Thora! Ela precisa que a despertemos para a realidade... necessita do nosso apoio!

Eu caminhava pela praia, de mãos dadas com Ivarr, com o batuque dos tambores nas costas e o brilho das fogueiras cada vez mais distante. O meu prometido fechara-se num silêncio reflexivo e os meus próprios pensamentos também não me ajudavam a ultrapassar a inquietação. Já há alguns anos que Trygve não comemorava o Festival de Verão conosco. Em vez disso, subia ao cume da Montanha da Magia com o tio Berchan, e juntava-se às celebrações do Povo dos Penhascos. Até ao momento, eu acreditara que o fazia por lealdade ao padraсто. Contudo, a sua reação tempestuosa às afirmações de Estrid haviam-me convencido de que algo mais profundo se passava. Afinal, talvez os druidas não fossem os únicos a cobiçar o seu dom!

— Ivarr... — comecei hesitante, perturbando o silêncio onde se aninhavam as ondas. — Existe alguma ligação entre o Trygve e os nativos da Ilha dos Penhascos?

A mão do meu prometido deixou-me, para afastar do rosto os cabelos que o vento despenteava. Percebi-o incomodado ao replicar:

— Por que não fazes essa pergunta ao teu primo?

— Estou fazendo a ti!

— Por favor, Edwina... — Deteve-se, segurando-me pelos ombros. — Não insistas! Tenta compreender que, apesar da minha condição me permitir saber algumas coisas, também me prende a votos que não posso quebrar.

Eu estava cada vez mais apreensiva! Sempre confiara na lealdade de Trygve... Agora, sentia-me estrangulada por uma suspeita que, a

confirmar-se, feriria gravemente a nossa amizade.

Ivarr abraçou-me com meiguice, tentando desviar a minha atenção do assunto proibido. Preparava-me para reclamar, quando me murmurou ao ouvido:

— Sei que prometi ao *jarl* que aguardaria que concluísse o treino da Arte para te desposar, mas nada nos impede de ficarmos noivos. Quero que o mundo saiba que me pertences e, com um compromisso formal, teremos liberdade para manifestar o nosso afeto diante da comunidade. Decidi apresentar o pedido ao teu pai durante o jantar de amanhã. O que pensas da minha intenção, Edwina? Aceitas tornar-te minha noiva?

Num ápice, esqueci as questões que me sombreavam o espírito. Eu estava a viver um sonho maravilhoso! O meu “sim” flutuou no ar, por entre beijos apaixonados. O cuidado de Ivarr, ante a minha inexperiência, emocionava-me e encorajava-me a corresponder-lhe. Sabia que nada tinha a temer, pois o meu amor jamais me desrespeitaria. Quase chorei quando sussurrou:

— Vamos ser tão felizes! Hei de oferecer-te o mundo, minha princesa...

E para que queria eu o mundo? Ivarr era tudo o que uma mulher podia desejar!

Regressamos por fim, caminhando na confiança do bosque, atentos à minha reputação. Na praia, as fogueiras flamejavam e os tambores animavam a festa. Alguns aldeões já tinham cedido à bebedeira, e dormiam a sono solto deitados na areia.

— A tua irmã Thora é uma jovem de vontade forte! — exclamou Ivarr, subitamente. — Estou curioso por ver até onde a sua teimosia a levará. As provas de amanhã serão mais duras...

— A Thora é uma excelente nadadora — apressei-me a replicar, apesar de surpreendida com o rumo dos seus pensamentos.

— Nenhuma rapariga nada melhor do que um rapaz!

— Falas assim porque não a conheces!

Aguardei a sua contestação, mas Ivarr tornou a remeter-se ao silêncio. Intrigada, atrevi-me a perguntar:

— Tu conhecias o interesse do Eric pela minha irmã?

A sua resposta foi totalmente inesperada:

— Existem muitos videntes no Norte, mas nenhum tão sábio como aquela a quem o povo chama “A Velha do Tronco Oco”. Há quem diga que não é humana... que pertence a outra raça tão antiga e nobre como os Feiticeiros; que é capaz de ler a mente e o coração de todos os seres, de aparecer e desaparecer como se feita de vento; de mudar a forma do seu corpo e transformar-se num animal...

— Eu já ouvi falar dessa vidente — interrompi, franzindo o nariz.
— Ela profetizou que os três filhos do meu pai seriam reis... No entanto, o *jarl* só teve filhas!

— E uma delas será rainha ao meu lado! O que impede as outras de desfrutarem da mesma sorte? Quando o traidor do Arnorr tombar, e os seus aliados Vândalos com ele, Eric, herdeiro de Grim, senhor da Terra Antiga, e meu Primeiro Homem, terá um reino como é seu direito de sangue. E, segundo a vidente, a sua companheira será uma princesa guerreira. Desde o primeiro instante que o Eric acredita que essa jovem é a tua irmã. E eu começo a dar-lhe razão...

— O Eric procurou os conselhos da Velha do Tronco Oco? — questionei incrédula.

— Fui eu que decidi ir buscá-la. Esta paz que vivemos é uma ilusão... Sinto o cheiro da tormenta, prestes a abater-se sobre nós, Edwina! E receio pelo nosso povo. Os padres cristãos enchem as cabeças dos homens com histórias e promessas. Lentamente, o grande Odin cai no sono e o machado de Thor escorrega-lhe da mão. Cada vez mais, os guerreiros ambicionam por uma vida calma, um pedaço de terra para cultivar, barcos de pesca maiores, uma família numerosa... Eu partilho do sonho dos meus homens, mas vivo a agonia do pressentimento de que uma guerra sangrenta destruirá tudo aquilo que os nossos pais conquistaram.

— E a vidente confirmou os teus temores? — inquiri, assaltada por um súbito desconforto.

— Ela exprime-se por enigmas... — Hesitou, como se ponderasse o que podia revelar-me. — Os seus ossos mágicos profetizaram-me um futuro repleto de batalhas, sangue, lágrimas, decepções, traições... Porém, quando já pensava que o meu destino seria negro, afirmou que eu sou um homem abençoado, pois ao meu lado

encontram-se os mais fiéis dos companheiros. Falou-me de amizades tão puras como o amor, de entrega, de devoção... E garantiu-me que a guerra findará quando o rei viking unir as suas armas às armas da sua rainha.

Fiquei sem ar, como se tivesse recebido um murro no estômago. Detive-me, incapaz de avançar mais um passo, e escutei a minha voz como num sonho:

— Isso quer dizer... que terás de desposar uma guerreira para conquistar a paz?

Foi a vez dele parar, segurando-me as mãos, enquanto contrapunha:

— O teu poder faz de ti uma guerreira sem rival, meu amor! Lembra-te de que nem todas as armas são de metal e couro. Tu serás a minha rainha, Edwina! Com a tua magia e a minha espada, construiremos um futuro que trará orgulho e regozijo às gerações vindouras.

Os seus lábios apossaram-se dos meus, e, aos poucos, o meu tremor desapareceu. Repousei a cabeça no seu peito e decidi que não permitiria que as profecias da velha vidente estragassem a nossa felicidade. As filhas de Throst e Catelyn eram a prova de que ela já se enganara antes! Por sua causa, a minha mãe vivera a ilusão de que daria à luz três varões, e quase morrera de desgosto quando ficara impossibilitada de gerar mais filhos, após o nascimento das gêmeas. Se os receios de Ivarr se concretizassem, enfrentá-los-íamos juntos, no devido tempo. Neste momento, já tinha muito com que me preocupar.

Apesar de ser noite avançada, os tambores ainda rufavam na praia, ecoando por toda a ilha. Na minha casa, o sono vencera os mais resistentes e o ressonar dos homens trespassava a cortina de riscas coloridas que isolava o meu quarto do exterior. Sentada na cama, com as pernas cruzadas e a Lágrima do Sol pairando diante dos olhos, deslumbrando-me com o seu arco-íris de magia, eu forçava-me a quebrar as amarras da consciência. Fora um dia cheio de revelações; nem todas agradáveis! As minhas dúvidas clamavam

por respostas. E, se ninguém se dispunha a elucidar-me, eu mesma buscaria a verdade.

Há muito que a Ilha dos Penhascos se declarara aos meus olhos. A beleza luxuriante oculta pela parede de rocha sempre me extasiara. Era como se uma energia sobrenatural, proveniente do coração da própria Terra me atraísse, fazendo crescer em mim o desejo de pisar a areia cinzenta das praias nativas, de banhar-me nas suas lagoas de água cristalina, de correr descalça sobre a erva virgem dos vales inundados pelo Sol, de escalar aquelas montanhas efervescentes de vida e explorar as suas misteriosas grutas.

O meu fascínio levara-me a investigar o segredo mais bem guardado do arquipélago, dissecando olhares esquivos e palavras por proferir. As minhas conclusões tinham-me deixado tão perplexa, que achara melhor distanciar-me daquela estranha cultura e da sua magia singular. A minha missão de vida já era suficientemente complicada, para que ousasse intrometer-me onde não era chamada. Porém, esta noite, após a discussão entre Estrid e Trygve, a curiosidade renasceu em mim com uma fome devoradora.

A história que a minha prima contara, apesar de distorcida pela sua ignorância, não andava longe da realidade. Todos os anos, na Ilha dos Penhascos, uma jovem virgem de distinta beleza era escolhida de entre os nativos para incorporar a deusa que o povo venerava. No auge da Festa da Renovação, essa rapariga era entregue ao Sacerdote dos Penhascos para que este a fecundasse, e, nos meses que se seguiam, beneficiava dos cuidados das Mães da Renovação, mulheres que haviam partilhado de igual destino. A deusa assegurava-se de que essas crianças abençoadas nasceriam varões, os chamados Filhos da Renovação, treinados desde o berço para se transformarem em guerreiros de exímia destreza. Apenas uma vez, em cada geração, a regra divina era quebrada com o nascimento de uma menina... a futura soberana do seu povo — a Sacerdotisa dos Penhascos.

A Sacerdotisa era a representante da deusa na Terra e a executora da sua vontade. Nenhuma resolução era tomada na ilha sem o seu conhecimento e a sua palavra era lei. No entanto, apesar de tratar-se de uma mulher venerada, a liberdade com que se movia era

restrita, ao ponto de ser forçada a cobrir o rosto e os cabelos sempre que surgia em público, para se resguardar dos olhares dos homens, já que se acreditava que, tanto a sua magia como o poder de Visão, dependiam da sua castidade.

Ao lado da Sacerdotisa, no comando dos destinos do seu povo, o Sacerdote dos Penhascos tinha como função atender ao cumprimento das ordens da soberana. A sua única decisão autônoma era a escolha daquele que, um dia, herdaria o seu bordão. E da sapiência desta eleição dependia a sorte do Povo dos Penhascos, pois o novo Sacerdote, além de ter de ser um homem de grande Visão e poder, seria igualmente o pai da geração seguinte de Filhos da Renovação... e o pai da próxima Sacerdotisa.

Pela altura em que os Vikings chegaram à Ilha dos Sonhos, os dois soberanos do povo nativo já eram idosos. Ao longo dos anos, os rumores que eu interceptara haviam-me revelado que um jovem estava a ser treinado para se tornar Sacerdote e que, brevemente, assumiria por completo as suas funções. Agora, com a suspeita a apunhalar-me a mente, eu orava para que as pistas que o meu instinto reunira fossem falsas.

De início, a Lágrima do Sol brincou com a minha vontade, desafiando-me a perseguir os seus desígnios, recusando-se a escutar quaisquer ordens e a abrir-me as portas do almejado conhecimento. Porém, desta vez, eu estava decidida a não me resignar. Quando a caprichosa essência do cristal tentou resistir à minha determinação, envolvi a sua energia palpitante e assimilei-a. De imediato, todas as barreiras ruíram e o universo abriu-se às minhas indagações.

No topo da Montanha da Magia, por entre as Pedras do Mundo, os nativos de pele dourada saltavam em redor das fogueiras altas, ao som do batuque estonteante dos tambores, com os corpos pintados de cores garridas e cobertos com peles de animais e penas coloridas. Aqui e além, a palidez de alguns homens denunciava a presença da minha gente, que se misturava sem pejo na ousada dança.

Envolvida pela magia do cristal, trespassei a multidão delirante e entrei na Gruta da Renovação. As paredes do corredor que

mergulhava no interior da terra encontravam-se iluminadas por archotes, cuja luz envolvia a figura etérea que caminhava adiante de mim. A mulher baixa e magra estava coberta da cabeça aos pés por uma veste rica, que não revelava um fio de cabelo. A sua idade avançada era denunciada pela dificuldade com que se movia.

Entramos na galeria que testemunhava a tradição de um povo, que se renovava a cada ano com a concepção de uma nova vida. Deitados numa cama feita de flores e folhas de árvore estavam os responsáveis pelo cumprimento do ritual: uma jovem de pele dourada, formas voluptuosas e longos cabelos cor de mel... e um homem de pele clara, corpo robusto e cabelos negros encaracolados. Vacilei, recusando-me a acreditar nos meus olhos. Trygve era o novo Sacerdote do Povo dos Penhascos!

Quedei-me, suspensa na negação da descoberta. Diante de mim, a Sacerdotisa retirou um punhal do interior das vestes e golpeou a mão direita, com uma precisão adquirida após décadas de prática. Esperou que o sangue se acumulasse na ferida, antes de se inclinar por cima do corpo adormecido do Sacerdote e ungi-lo na testa com a essência da sua vida. De seguida, repetiu o gesto sobre o ventre plano da jovem nativa. Por fim, a sua voz idosa e enrouquecida pelo cansaço concluiu o ritual com uma prece à deusa. Um novo Filho da Renovação fora gerado... um filho do meu primo Trygve!

Tentei libertar-me desta Visão do passado e retomar a consciência. Porém, a Lágrima do Sol reclamava desforra pela minha imposição e exigia mostrar-me mais do que eu pedira para ver. Cativa da sua magia, fui arrastada sobre o mar e afundei-me nas entranhas da Ilha dos Penhascos. Quando recuperei o alento, encontrei-me num salão forrado de dor. Uma multidão entoava um cântico lúgubre, por entre lágrimas e gemidos de profunda tristeza, em volta de um altar adornado com peles macias e plumas vistosas, onde repousava o corpo de uma anciã que acabara de iniciar a viagem pelo mundo dos espíritos. A sua mão ossuda, que ainda conservava uma réstia de calor, foi beijada com devoção por uma figura baixa e esguia, vestida de branco, com os cabelos e o rosto encobertos por uma mantilha da mesma cor. Após essa última despedida, a nova Sacerdotisa dos Penhascos deslizou qual fantasma

por entre o seu povo, e embrenhou-se num labirinto de corredores, seguida a curta distância por dois guerreiros de pele dourada.

O interior do templo da Ilha dos Penhascos era um formigueiro. Eu sentia-me tonta, só por seguir a Sacerdotisa e os Filhos da Renovação que a escoltavam. Os corredores escavados na pedra cinzenta pareciam-me todos iguais. Até as chamas que os iluminavam, implantadas em pequenos nichos da parede, davam a ilusão de tremeluzir em unísono, projetando um exército de sombras tenebrosas que acompanhavam os nossos passos. Por fim, chegamos a uma galeria onde as portas se multiplicavam. Sem hesitação, a Sacerdotisa dirigiu-se a uma delas e entrou, deixando para trás os guerreiros que guardavam a sua privacidade, imóveis como estátuas.

A minha essência ignorou a porta fechada e penetrou no aposento. Tratava-se de um quarto modesto, com uma cama estreita e baixa e uma pequena arca de madeira para guardar os haveres. Da parede de pedra nua pendia uma lanterna, que se acendeu sem que ninguém lhe tocasse. Durante dezessete anos, este fora o refúgio de uma jovem que nascera com um destino marcado. E, esta noite, esse destino viera ao seu encontro.

O tempo flutuou no silêncio, antes de a Sacerdotisa desnudar o rosto. As mulheres do Povo dos Penhascos eram reconhecidas pela sua beleza selvagem e pura, mas a formosura desta rapariga fez-me suster o fôlego. A sua pele dourada contrastava com a alvura do vestido, e os cabelos castanhos estavam repletos de madeixas de ouro, que lhe caíam em cascata pelas costas, até abaixo da cintura. Os olhos cor de avelã eram poços de lágrimas... Agora, que finalmente ficara a sós, podia dar vazão ao seu desgosto.

Vê-la prostrada, a chorar, partiu-me o coração. Aproximei-me, desejando aninhá-la nos meus braços, como fazia para aplacar a tristeza das minhas irmãs. A Sacerdotisa dos Penhascos era pouco mais velha do que eu e já carregava nos ombros o destino do seu povo. Apesar de nunca nos termos encontrado, senti por ela uma empatia imediata.

Sobressaltei-me quando ergueu o rosto e fixou o meu olhar. O meu assombro refletiu-se na sua expressão, mas depressa

recuperou do susto. Fui eu que voltei a surpreender-me, ao ouvi-la falar a minha língua paterna, dissipando quaisquer dúvidas quanto à extensão do seu poder:

— *Tu és a Guardiã da Lágrima do Sol...*

Forcei-me a recompor, e confirmei com instintivo afeto:

— *O meu nome é Edwina.*

— *E o meu é Amora* — respondeu.

As nossas mãos estenderam-se e os seus dedos entrelaçaram a minha essência cintilante. Sorrímos e partilhamos de um momento de perfeita harmonia. Depois, a magia que me sustinha começou a fraquejar... Era tempo de regressar a casa.

CAPÍTULO 5

O mar, estranhamente calmo, solidarizava-se com os homens para que as provas se concluíssem sem acidentes. Até as ondas se desenrolavam timidamente, mal revolvendo a areia. Atrevi-me a pôr um pé na água e senti uma dor terrível percorrer-me os ossos até ao joelho. Estava gelada! Como podiam exigir que os garotos se atirassem para dentro dela?

Ivarr abeirou-se de mim e beijou-me a mão, deliciando-se com a minha expectativa.

— Persuadi o teu pai a deixar-te acompanhar-nos, atendendo às tuas habilidades de curandeira. E também lhe falei das minhas intenções. Receava que ele me achasse precipitado, mas aplaudiu a nossa vontade e deu-nos a sua bênção. O Throst é um homem excepcional!

— Sim! — suspirei, orgulhosa. — E eu sou tão afortunada como a minha mãe!

O olhar cristalino encheu-se de luz, ao murmurar ternamente:

— Isso é um grande elogio, meu amor! Obrigado! Juro que não te decepcionarei!

Forcei um sorriso, apesar do nó que me estrangulava a garganta. Esta não estava a ser uma manhã fácil.

O dia mal nascera quando o tio Edwin irrompera pela casa do *jarl*, aflito, buscando a irmã. A tia Geimy piorara e o tio Berchan e a tia Ingrior haviam esgotado os seus recursos para lhe aliviar o sofrimento. Pretendi acompanhá-los, mas a minha mãe insistira para que eu permanecesse ao lado de Thora, certificando-me de que nenhum mal se abateria sobre a nossa menina. Não tive como negá-lo. Assim, o meu confronto com Trygve também foi adiado, apesar da impaciência me exasperar. Por muito que o desejasse, não podia invadir a sua casa e bradar-lhe a minha indignação, diante da enferma e do resto da família.

Tentei esquecer a mágoa, enquanto os rapazes e Thora se alinhavam na areia branca. A alguma distância da praia, uma rocha erguia-se orgulhosamente de dentro do mar. No seu topo, as fitas

coloridas, destinadas a comprovar a eficácia dos candidatos, brilhavam ao Sol. Alguns barcos de pesca circundavam o local, certificando-se de que as regras seriam cumpridas. A prova consistia em nadar até ao rochedo, trepar ao seu cume, agarrar uma fita e trazê-la de volta à mão do instrutor.

O som agudo da corneta rasgou o ar e os jovens correram pela areia. Não pude evitar um esgar de dor ao ver a minha irmã mergulhar de cabeça na água gelada. Freya enfiou o braço no meu, partilhando desse pensamento. A sua voz tremia, ao reclamar:

— Não é justo! Deviam ter dado um avanço à Thora. Ela tem mais roupa do que os rapazes... Vejam, já está em desvantagem!

Era sabido que Thora nadava muito bem; rápida como uma lança. No entanto, os adversários começavam a deixá-la para trás. Só entendi a sua fraca prestação quando Ivarr replicou:

— Não te preocupes, Freya! A tua irmã está a usar o corpo e a cabeça, enquanto os tontos dos seus companheiros se esqueceram dos miolos na praia.

Pouco depois, os rapazes já trepavam o rochedo. Na posse da fita, desceram e passaram por Thora. A minha irmã chegou à rocha, escalou-a com a destreza de um gato, atou a fita em redor do pulso e saltou do topo para a água, tão direita como um fuso.

— Magnífico! — exclamou Ivarr, voltando-se para o meu pai. — Ela vai vencer, Throst!

— Não sei — hesitou o *jarl*. — O Quinn leva um bom avanço...

De fato, os rapazes haviam-se desgastado na rapidez da primeira parte da prova, não se lembrando de que teriam de regressar. Thora começou a ultrapassá-los, um a um. Alguns já mal tinham força para dar uma braçada e só chapinhavam. E mais um, e outro, e ainda outro... até só restar Quinn adiante de Thora. A disputa acendeu-se entre os primos à saída da água. Mas Quinn estava muito cansado e acabou por se resignar. A minha irmã foi a primeira a entregar a fita ao tio Bjorn.

O meu pai gritava mais alto do que todos nós, com a temerária filha aos ombros. Havia lágrimas de orgulho nos seus olhos. Eu apressei-me a colocar uma manta por cima dos ombros da minha

irmã, e a esfregá-la para que não gelasse. Por trás de mim, Ivarr felicitou-a:

— Foste a surpresa deste Verão, Thora! Mesmo que falhes a próxima prova, estás de parabéns!

Por baixo das minhas mãos, o corpo esguio estremeceu. As faces de Thora coraram, enquanto empinava o nariz e replicava com uma convicção indiscutível:

— Eu não falharei, príncipe Ivarr!

Ele sorriu levemente, antes de retrucar:

— Eu acredito em ti!

A frota dos *Drakkar* da Ilha dos Sonhos rasgava a água transparente, em direção ao cemitério de barcos e à última prova do dia, na qual seria exigido aos candidatos que mergulhassem e recolhessem um punhado de areia. Este era o local escolhido, porque o fundo do mar possuía uma cor escura, singular. Assim se garantia que ninguém cederia à tentação de fazer batota e guardar um pouco de areia da praia na bolsa, para depois emergir com um falso troféu.

Como os *Drakkar* não possuíam lugares suficientes para todos os curiosos, as mulheres aguardavam em terra. Fora Ivarr quem convencera o *jarl* a deixar-me acompanhá-los. Depois do sucesso de Thora e do anúncio da intenção do príncipe de oficializar o nosso noivado, o meu pai sentia-se tão feliz, que era incapaz de negar o que quer que fosse às filhas que tanto amava.

Os caracóis negros de Thora brilhavam, soltos ao vento, com reflexos de prata e ouro, céu e fogo. Os seus olhos eram raios de Sol, cintilando de antecipação. Fazia lembrar uma criatura encantada das histórias antigas, prestes a mergulhar no mar e a desaparecer para sempre. Há muito que a minha irmã suplicava ao nosso pai que a deixasse mergulhar neste sítio, e as provas de iniciação concediam-lhe finalmente a oportunidade que sempre lhe fora negada. Desde criança que Thora fantasiava com incontáveis tesouros escondidos nos esqueletos dos barcos, apesar de alguns homens experientes já terem arriscado a sua sorte, e regressado com uma mão cheia de relatos medonhos de morte e destruição.

Os instrutores deram as últimas ordens aos candidatos, que se concentravam para o mergulho. Thora escolheu lançar-se da parte mais alta do navio. Reparei que o olhar de Magnor estava preso na sua figura esbelta, e não me surpreendi ao encontrar uma animosidade gélida na expressão do jovem príncipe.

Num instante, tudo o que restava da minha irmã e dos companheiros era um rasto de espuma. Debrucei-me sobre a amurada e comecei a vê-los; pontos negros na água tremeluzente.

Bryan tocou-me sutilmente no braço e esboçou um leve movimento com a cabeça. Na popa do *Drakkar*, ao lado do *jarl*, o rei Steinarr estava da cor da cera. Sobressaltei-me quando Ivarr murmurou friamente, confirmando que pouco ou nada lhe escapava:

— O meu pai detesta água! Quando era jovem, sofreu um acidente que quase lhe custou a vida. Deves saber isso, Edwina! Foi o teu pai quem o salvou de afogar-se.

Corei, envergonhada pela minha indiscrição. Por cima de nós, *Lança* soltou um dos seus longos e tenebrosos gritos, e pousou no braço do dono para descansar. Ivarr devia ter uma visão tão boa como a do seu falcão e uma audição ainda melhor!

A primeira cabeça surgiu à tona e Bryan explicou-me que se tratava de um desistente. O rapaz não tivera fôlego para atingir o fundo do mar. Outro regressou, também sem o almejado troféu. Logo a seguir, Quinn voltou vitorioso e os restantes não tardaram a imitá-lo. Mas onde estava Thora?

— A tua prima tem bom fôlego? — A pergunta de Ivarr foi dirigida a Bryan.

— O melhor da família! Agüenta tanto tempo debaixo de água, que chega a assustar-nos!

Os rapazes começavam a trepar para os barcos. Alguns estavam desgastados e tiveram de ser pescados pelos homens. O tempo continuava a passar... E de Thora, nem sinal! Só faltava ela! Ivarr libertou o seu falcão com um gesto firme, descalçou as botas e despiu a túnica.

— Eu vou mergulhar...

— Espera, Ivarr! — apelou Eric, do lado oposto. — Ela vem aí! E traz qualquer coisa brilhante...

A cabeça de Thora emergiu, arfando e tossindo. Era óbvio que se esgotara até à exaustão. Ivarr mergulhou, alcançou-a com duas braçadas e levantou-a no ar para que Eric a içasse. O meu prometido não herdara o temor do rei.

— O que foi que aconteceu, filha? — indagou o nosso pai, preocupado.

Thora estava ofegante, mas os seus olhos brilhavam ainda mais do que o cálice de ouro que segurava entre os dedos. Um silêncio pesado cobriu o *Drakkar* e foi a minha irmã a primeira a falar, engasgando-se, sôfrega por ar:

— Eu sabia... eu disse-te, pai... um tesouro... muito... grande...

Perante o assombro geral, Thora contou-nos que descera perto de um navio. Preparava-se para deitar a mão ao seu punhado de areia, quando vira algo a luzir dentro do casco destroçado. A abertura era tão estreita, que só lhe permitira entrar com dificuldade. Lá dentro, deparara-se com um tesouro fabuloso. Então, o fôlego traíra-a e forçara-a a regressar. Eu ignorei os sussurros incrédulos. A minha irmã nunca mentia! Além disso, segurava na mão a prova da veracidade da sua história. Ela sucedera onde outros tinham falhado porque era pequena, ágil e possuía a capacidade de ver no escuro, que as filhas da feiticeira Catelyn haviam herdado da mãe.

Do centro da euforia elevou-se a voz glacial de Magnor:

— E onde está a areia, Thora? Não me digas que descobriste um tesouro e chumbaste na iniciação!

Fez-se novo silêncio. Ao encarar o príncipe rebelde, senti um frio cortante nas entranhas. Podia jurar que o fracasso da minha irmã o cobria de júbilo.

O rosto de Thora revelava a sua inocência e ingenuidade. Olhou para o nosso pai, depois para Ivarr, de seguida para Eric...

— Eu pensei que o tesouro era mais importante...

Arnald, um dos instrutores, interrompeu-a:

— A ordem que recebeste foi clara, Thora! Tinhas de descer, recolher o testemunho e regressar. Não devias ter entrado no navio! Depois de executares a tua missão, voltarias para certificar-te...

— O meu pai não permitiria! — argumentou ela, aflita. E tinha razão.

— A Thora fez uma descoberta muito importante, que certamente trará grande felicidade ao nosso povo! — protestou Eric, sabendo que ninguém ia considerar a justificação da prima. — E justo que lhe seja concedida a oportunidade de repetir a prova!

— A Thora falhou os seus objetivos — replicou o mesmo homem, voltando-se para a minha irmã. — Sinto muito, jovem! Para te darmos outra oportunidade, teríamos de dá-la igualmente aos rapazes que, ontem e hoje, ficaram para trás! Não podemos abrir exceções...

— Se me permites, Arnald... — cortou Ivarr. — Eu acho que a Thora deve aprender com esta lição. — Fixou a minha irmã, que tiritava debaixo da manta, lutando contra as lágrimas. — Ser um bom guerreiro não é apenas agarrar uma arma e investir cegamente contra o inimigo. Há estratégias a respeitar! As vidas dos teus companheiros dependem da obediência às regras definidas. Fui claro?

— Sim, príncipe Ivarr... — O murmúrio da minha irmãzinha mal se ouviu, mas ele deu-se por satisfeito e continuou:

— Todavia, concordo com o meu Primeiro Homem quando diz que esta descoberta foi crucial. A Thora não trouxe um punhado de areia do fundo do mar, mas trouxe um cálice de ouro. Sei que nunca foram abertas exceções, mas penso que esta situação merece uma avaliação diferente. Neste barco encontram-se o líder dos Aliados e o líder dos Vikings, pais de dois rivais da Thora, cuja posição eu defendo. Cabe-lhes decidir se esta jovem, que provou tanto talento, merece uma segunda oportunidade, já que, aos meus olhos, ela não falhou.

Eu nunca ouvira Ivarr falar assim, como se estivesse a expor um caso numa Assembléia. Ele exprimira-se com uma fluidez e inteligência que não deixavam espaço para argumentações. Thora errara, mas fizera-o por uma boa causa. Agora, Lorde Stefan McGraw e o rei Steinarr deviam decidir o seu destino. Ninguém podia contestar o apelo do herdeiro do trono viking.

O tio Stefan falou primeiro. Disse que, por vezes, somos colocados perante decisões que podem mudar as nossas vidas. Thora sacrificara o seu sucesso pessoal em prol da comunidade. Na sua

opinião, a sobrinha devia ser recompensada e não castigada. Ignorando o olhar predador do filho mais novo, Steinarr fez um discurso ainda mais completo. Elogiou a prestação de Thora na competição e deixou claro que o objetivo do teste em causa era demonstrar a resistência à ausência de ar, coisa que ela revelara sobejamente, já que estivera debaixo de água o dobro do tempo dos restantes adversários. Não havia necessidade de repetir a prova.

— Voltarás aqui após o Festival de Verão, para nos indicares a localização exata do tesouro — decidiu. — Agora, aos remos, homens! Vamos para casa...

Pensei que Thora fosse perder a cabeça e atirar-se ao pescoço do rei. Conteve-se a custo, e viu-se rodeada pelos amigos que a felicitavam. Todos, mesmo aqueles que tinham falhado, estavam contentes por ela. Todos... à exceção de Magnor!

Avistei Trygve no ancoradouro e soube de imediato que me aguardava. Se Ivarr o alertara para a minha desconfiança, ou se ele próprio pressentira que o seu segredo fora exposto, pouco me importava. Ainda não decidira se podia perdoá-lo. Surpreendi uma troca de olhares entre Ivarr, o meu pai, o tio Stefan e Steinarr, que me deixou convicta de que todos estavam ao corrente da sua história, o que me deixou ainda mais magoada.

Ignorei a mão que o meu primo estendia para me ajudar a descer do *Drakkar*, e dei-lhe um esgar de desafio. Trygve suspirou com uma prostração resignada, apelando:

— Precisamos de conversar, Edwina...

Caminhei adiante dele até à praia, num passo acelerado. Ivarr nem perguntara se podia acompanhar-nos, o que provava a existência de um conluio. Quando nos afastamos o suficiente para que ninguém nos escutasse, enfrentei-o com declarado ressentimento, para que não restassem dúvidas quanto à minha indignação:

— Como pudeste entregar-te ao Povo dos Penhascos sem me dizeres nada?

O vento do fim da tarde agitou os nossos cabelos. Trygve fixou os olhos na areia, tão triste que quase me inspirou piedade... Quase!

Estava tão zangada, que me apetecia saltar sobre ele e sacudilo até perder as forças.

— Quando fui confrontado com essa decisão, tu eras demasiado nova para compreenderes... — começou, num tom abalado, voltando-se para o mar. — Nos últimos tempos, estive prestes a contar-te por muitas vezes... Mas a coragem sempre me falhou! Devia ter adivinhado que acabarias por descobrir e ficarias ressentida. Perdoa-me! Nunca tencionei enganar-te! É que... existem coisas tão íntimas, que não é fácil falarmos acerca delas, mesmo com aqueles que amamos.

Aos poucos, o seu desalento dissipava a minha revolta, o desejo de acusá-lo de traição, e nenhum pensamento mais agreste era suficiente para reacender a minha raiva. O amor que nos unia era verdadeiro, tão real como o ar que nos envolvia e alimentava as nossas vidas. Recordei o que a minha mãe dissera acerca de Thora. Assim como a minha irmã, Trygve também tinha de seguir o seu rumo, por mais que a separação me custasse. E a maior prova de afeto que eu podia dar-lhe era o meu apoio, mesmo discordando da sua decisão.

— Quando partes? — perguntei, quebrando o silêncio que nos rodeava.

Ele respirou fundo e susteve o meu olhar.

— A Sacerdotisa concedeu-me tempo para concluir o treino da Arte. Disse-me que, quando o momento chegasse, eu saberia reconhecê-lo, e estaria apto a assumir a minha missão.

— A Sacerdotisa morreu na noite passada — revelei com a voz embargada.

O rosto do meu primo perdeu a cor. Susteve a respiração e cerrou os punhos, denunciando um fortíssimo abalo emocional.

— Tens... a certeza?

Confirmei com a cabeça e, por um instante, julguei que ele ia chorar. Após uma luta feroz contra a comoção, os seus lábios retorceram-se num trejeito doloroso e trêmulo.

— A morte da Sacerdotisa determina que o meu tempo de aprendizagem se esgotou. — Hesitou, forçando-se a recuperar a serenidade. — Após a Festa da Renovação, partirei com esse povo,

que já é o meu, para a Ilha dos Penhascos. — Deteve o meu protesto com um gesto firme. — A nova soberana vai necessitar da minha orientação...

— A nova Sacerdotisa não precisa que ninguém lhe diga o que fazer, Trygve! — contrapôs teimosamente. — Eu vi-a... Ela pode ser jovem, mas possui uma determinação de ferro!

— Tu viste-a? — indagou ele, incrédulo.

— Sim! E ela também me viu. Chama-se Amora e é muito bonita...

— Não, Edwina! — deteve-me, num tom quase assustado. — Eu não devo saber, nem sequer imaginar qual é o seu aspecto. A tradição assim o ordena!

Apeteceu-me mandar para o inferno essas malditas tradições, que tão brusca e cruelmente o afastavam de mim.

— Como foi que isto aconteceu, Trygve? Como pudeste aceitar este... modo de vida tão estranho?

Ele encolheu os ombros, sem esperar que eu o percebesse verdadeiramente.

— Eu tinha acabado de completar quinze anos... O Sacerdote dos Penhascos há muito que buscava um sucessor. Na primeira vez que falamos, não teve dúvidas quanto ao meu destino. E, depois de visitar a Ilha dos Penhascos e conhecer o seu povo, tudo se tornou claro no meu espírito.

Apesar de lhe ter sido permitido completar o seu treino, naquele mesmo Verão Trygve assumira uma nova missão de vida, vestindo a pele de Sacerdote dos Penhascos durante a Festa da Renovação. E isso queria dizer que já tinha cinco filhos!

— De início, julguei que seria fácil abstrair-me — confessou a meia-voz, ciente da minha reprovação. — Porém, o tempo provou que tal é impossível! Das mulheres com quem dormi não guardo memória. Da mesma forma que eu, elas submeteram-se à lei para o bem da comunidade. Mas as crianças... O meu coração está cada dia mais distante da Ilha dos Sonhos, Edwina. Quero ver os meus filhos a crescer! Quero abraçá-los e ensinar-lhes os meus valores! Sei que será difícil mas, a seu tempo, tenho esperança de que a minha vontade prevaleça. Se a nova Sacerdotisa estiver receptiva às

minhas idéias, poderemos fazer muito para melhorar a vida na ilha, sem desprezarmos as tradições.

O entusiasmo de Trygve era uma adaga a revirar-se no meu peito. Como pudera ele, durante seis anos, conjugar duas vidas tão distintas? E como as escondera de mim?

— Compreendes agora por que não posso apaixonar-me? — concluiu sobriamente. — Se amasse uma mulher, tudo o que represento tornar-se-ia insuportável!

— Não consigo imaginar a minha vida sem ti — repliquei desconsolada.

— A tua vida também vai mudar — volveu ele, com convicção. — O teu controle sobre a Lágrima do Sol é quase perfeito. Em breve, serás a sua guardiã e rainha do povo viking. Todos temos uma missão a cumprir na Terra, Edwina! Eu encontrei o meu rumo, e sinto-me honrado por esta responsabilidade. A minha decisão não irá separar-nos, pois as nossas mentes estarão em sintonia. Além disso, poderás visitar-me sempre que o desejares. Nós somos irmãos de espírito! O amor que nos une é indestrutível!

Na casa do *jarl* preparava-se o faustoso jantar da noite, que comemorava o fim das provas que conferiam aos nossos jovens o direito de participar na *Caçada...* e assinalava o meu pedido oficial de casamento. Eu não podia regressar com os olhos marejados de lágrimas! Tinha de acalmar-me primeiro; ficar a sós com os meus pensamentos e atenuar a dor do meu coração.

Busquei a tranqüilidade da Floresta da Magia para serenar o espírito, sem me afastar do trilho principal. Sentei-me ao coberto de uma árvore centenária e repousei a cabeça nos joelhos. Finalmente, longe de qualquer olhar, permiti-me ceder ao choro.

Desde o dia em que perdera o meu primo Edwin, que não me sentia tão triste. Trygve era o meu melhor amigo... Por mais que repetisse que a separação fazia parte do nosso crescimento e que, cedo ou tarde, seria inevitável, saber que jamais recuperaríamos a plenitude da nossa cumplicidade doía-me para além da razão.

As minhas lágrimas tombaram no solo e cobriram as folhas secas, quais gotas de orvalho. Uma energia fresca libertou-se da terra

efervescente de vida, e envolveu-me tão sutilmente que, de início, nem me apercebi do que estava a acontecer. Era uma brisa suave; um aroma delicioso... Era a mais pura das magias, que me abraçava e reconfortava.

Por um instante, senti o coração da Terra palpitar, a seiva a percorrer o tronco do carvalho, o bater das asas dos pequenos pássaros que se abrigavam sob a copa verde-escura, a imensidão azul do céu, rasgada por nuvens enxertadas de cinzento, laranja, rosa e vermelho...

Fechei os olhos e respirei fundo, inebriada por uma sensação de leveza. Nos meus pulsos, as tatuagens que testemunhavam a minha herança mágica pulsavam com vida própria. O imponente dragão despertava, estendia o tronco colossal e esticava as garras, antes do seu olhar ígneo desafiar o Sol moribundo. A Lua nascia, branca, redonda, sorridente... Senti uma inesperada exaltação percorrer-me; uma euforia que me queimou por dentro, arrepiou a pele e forçou-me a abrir os olhos. Já não me encontrava sozinha. A manifestação de um poder fenomenal arremetia contra mim, agitava os ramos das árvores e vergava os arbustos. Por cima da minha cabeça, os pássaros levantaram vôo, chilreando estridentemente. Ergui-me devagar, com o fôlego suspenso, trespassada pela estranheza de um reconhecimento que não conseguia identificar. Havia algo de familiar na onda de calor que se preparava para me cobrir...

De súbito, tão bruscamente como surgira, o prodígio desapareceu. A poucos passos, os arbustos ainda se agitavam. O ar estalava, pejado de energia. Olhei em volta, confusa. Por vezes, "O Que Tudo Vê" punha-me à prova, surgindo inesperadamente, confrontando-me com as situações mais aberrantes para observar como reagia. Porém, segundo Steinarr, o meu bisavô viajara para o Norte... E a minha mãe encontrava-se demasiado ocupada, para se distrair com brincadeiras! Além deles, não conhecia ninguém suficientemente poderoso para causar tamanha perturbação na estabilidade natural. Estava prestes a desafiar o que quer que fosse que se ocultava nas sombras a revelar-se, quando escutei as vozes.

Dois rapazes aproximavam-se, percorrendo o trilho com passadas largas. Quinn e Magnor... O meu primo dizia:

— Isto não me agrada! Sabes bem que estamos proibidos de entrar na floresta até ao início da *Caçada*. Se nos apanharem, pensarão que andamos a tentar localizar as armadilhas... a fazer batota!

— Não sejas medroso, Quinn! — retorquiu o príncipe, com ardor. — Além disso, não podia arriscar-me a que alguém ouvisse a nossa conversa!

— Afinal, o que é que tens para me dizer que justifique tanto segredo?

— Preciso do teu apoio! Temos de impedir a Thora de participar na *Caçada*!

Seguiu-se um longo silêncio, em que temi que as batidas descontroladas do meu coração se tornassem audíveis. Encostei-me o mais possível contra o tronco do carvalho, para ocultar a minha presença. Eles estavam tão perto, que eu poderia cair-lhes em cima com um salto, e pregar-lhes o maior susto das suas vidas. Para o maquiavélico príncipe seria bem feito! Todavia, já que surpreendera a sua conspiração, queria escutar a conclusão da conversa.

— O que é que tu tens contra a Thora? — inquiriu Quinn, por fim, num tom gélido que me deixou aliviada.

— Abre os olhos! A tua prima é uma bajuladora! Uma trapaceira! Devia ter sido eliminada! O que mais me dói, é que foi o meu próprio sangue que conspirou contra mim! Não compreendo o protecionismo do Ivarr...

— O Ivarr não favoreceu a Thora! — atalhou Quinn, indignado. — Ela provou o seu valor! Não entendo por que estás desgostoso! Em que é que a sua vitória te prejudicou? Tu nem competiste conosco!

— Mas vou competir amanhã! Tu e eu devemos unir-nos; pedir aos nossos pais que não consintam que uma rapariga ridicularize as tradições!

— Faz o que quiseres, Magnor! — volveu o outro. — Porém, não contes comigo para falsear a minha prima!

— Falsear? E ela quem está a querer passar-te a perna! Por que fez questão de intrometer-se nos assuntos dos homens, precisamente este ano, senão para provar que é melhor do que tu?

Quinn soltou uma interjeição de desprezo, contrapondo:

— A mim parece-me que és tu quem está com medo de ser vencido pela Thora!

— Que disparate! — revidou Magnor, cuspiendo desdém. — Nem toda esticada aquela fedelha chegaria aos meus calcanhares! Eu sou filho do guerreiro-urso, rei dos Vikings, e a minha prestação será gloriosa! Apenas ergo a voz porque defendo a justiça!

— Então, não tens o que temer! — escarneceu Quinn, com notória impaciência. — Quanto a mim, agradeço a tua solidariedade, mas dispenso-a! Não me sentirei desonrado, se a Thora me superar. Ela não é uma rapariga qualquer! É a filha do meu *jarl*! Se, um dia, tiver de erguer a espada debaixo do seu comando, fá-lo-ei com muito orgulho!

Percebi que o meu primo voltava as costas a Magnor e regressava à aldeia. Furioso, o outro ainda vociferou:

— Vais arrepender-te disto!

— Já estou arrependido! — replicou Quinn sem se deter. — Devia saber que não valia a pena perder o meu precioso tempo com os teus disparates!

Magnor praguejou e desatou a chutar tudo o que tinha ao alcance dos pés. Ponderei dar-me a conhecer e repreendê-lo, mas resolvi em contrário. Quinn já lhe respondera à altura, provando que era um jovem honesto e leal.

O príncipe embrenhou-se na floresta, remoendo a sua fúria, desprezando as regras impostas pelos instrutores. Assustava-me pensar que Thora podia participar na *Caçada*, mas já quase desejava vê-la levar a sua ambição avante, para ensinar uma lição de coragem e nobreza àquele conspirador. Seria bem feito se, nesta sua intromissão clandestina, o vil traçoeiro se deparasse com uma armadilha, e passasse a noite aprisionado num buraco, ou pendurado num laço, de focinho voltado para o chão, para que, de manhã, todos constatassem a sua transgressão!

Respirei fundo, acariciando os pulsos onde as tatuagens do Dragão do Sol jaziam inertes como se nunca se tivessem manifestado. A energia que quase incendiara o ar, antes de Magnor e Quinn aparecerem, finara por completo. Provavelmente não

passara de uma distorção no equilíbrio da magia, provocada pelo descontrole das minhas emoções.

A noite invadia a floresta. Era tempo de regressar, antes que a minha ausência se tornasse motivo de estranheza e preocupação. O objetivo de serenar o espírito fora frustrado. Contudo, pelo menos secara as lágrimas e reunira alento para enfrentar o que me esperava.

A azáfama no povoado já denunciava a festa que se preparava na praia. Em todas as ruas, os archotes ardiavam alegremente junto das portas enfeitadas com o brasão do clã a que a casa pertencia, orgulhosamente exposto para fazer saber que, naquele lar, um jovem estava prestes a tornar-se homem e a honrar a sua família com magníficas façanhas. Nas habitações onde não viviam aspirantes a guerreiros, as portas eram enfeitadas com flores e guizos, que tinham à mais leve brisa, enchendo a noite de música.

Estava prestes a chegar a casa, quando uma mão se fechou sobre o meu braço e me puxou para a sombra de um beirai. Engoli um grito ao reconhecer Ivarr, e acabei a rir quando ele me roubou um beijo, antes de demandar:

— Onde estiveste, Edwina? A tua mãe pediu-me que te procurasse...

Silenciei-o com outro beijo e justifiquei:

— Depois de falar com o Trygve, fui dar um passeio. Precisava de pôr as idéias no lugar!

Já não havia censura na sua voz, apenas carinho, quando indagou:

— E a que conclusão chegaste?

Respirei fundo e descansei a cabeça no seu peito, respondendo:

— Dei-lhe o meu apoio... O que mais podia fazer? Há muito que o Trygve fez a sua escolha!

— E necessita da nossa ajuda para levá-la adiante! — asseverou Ivarr. — A missão que o teu primo abraçou não é fácil! Devemos louvar a sua coragem!

Ante estas palavras, a menor argumentação soaria a maldade. Fechei os olhos e deixei-me embalar no seu calor. Perto de Ivarr, as

minhas preocupações minoravam. Surpreendi-me ao ouvi-lo anunciar, com inusitado desprazer:

— O teu pai convenceu a Thora a desistir de participar na *Caçada*.

Fixei-o estupefata. Ivarr exprimira-se como se desabafasse uma frustração, aborrecido, quase irritado... o que não fazia sentido!

— E isso não é uma boa notícia? — perguntei. — Tu próprio afirmaste que a ambição da Thora era um disparate!

— Eu sei! — replicou impaciente. — Mas, depois... Como posso explicar-te? Nestes dois dias, mudei de opinião. A tua irmã tem um talento extraordinário...

— E pode empregá-lo noutros projetos que não impliquem risco de morte! — atalhei com firmeza. — Eu estou muito contente com esse desenvolvimento, Ivarr! E tenho a certeza de que o resto da minha família também...

— Sim — tornou ele, com um suspiro. — Principalmente o Eric, que não perdeu tempo! Neste momento, deve estar a declarar-se à tua irmã!

— Pareces contrariado! — volvi num tom acusador. — Julguei que apoiavas o entusiasmo do Eric pela Thora!

Ivarr abriu a boca e tornou a fechá-la. A minha exprobração teve o poder de despertá-lo para a sua atitude contraditória. Passou a mão pela testa e sacudiu os ombros, sorrindo, mais para si próprio do que para mim.

— Tens razão! É só que... Começava a acreditar que a Thora podia ir longe! — Hesitou, antes de fechar a mão na minha e incitar-me a andar. — Não importa! Perdeu-se uma guerreira, mas certamente irá ganhar-se uma boa esposa, uma mãe devota e uma rainha dedicada! Depois de mim, o Eric não podia ter escolhido melhor!

O elogio soube-me a pouco, ante a sua decepção. Cheguei-me para mais perto e Ivarr rodeou-me a cintura com o braço. Contou-me que a tia Geimy melhorara, graças à dedicação da minha mãe, do tio Berchan, da tia Ingrior e do primo Krum, que não a tinham abandonado por um instante. Até se aventurara a deslocar-se para assistir ao jantar na casa do *jarl*, junto da família.

De fato, lá estava, ainda muito pálida, mas ostentando um sorriso caloroso. Atento ao mais leve dos seus suspiros, o tio Edwin

segurava-lhe na mão, fitando-a com ar enamorado. A sua postura era sempre tão severa, que eu nunca me apercebera da intensidade do amor que devotava à princesa. Aproximei-me para cumprimentá-los, mas a minha mãe interceptou-me e arrastou-me para o meu quarto, onde a tia Ingrior e Freya já me esperavam.

A aguardar-me estava também um vestido digno de uma princesa viking; cor de pérola, bordado a castanho e enfeitado com uma finíssima renda azul no decote alto, nos punhos das mangas estreitas e na bainha da saia de pregas. A adorná-lo, um lindíssimo avental cor de terra, bordado a azul e pérola, com um bolso para albergar a Lágrima do Sol.

— Fui eu que o fiz para que o usasses neste dia — disse a tia Ingrior, beijando-me comovida.

Dois criados trouxeram uma tina com água perfumada e a cortina do quarto fechou-se atrás de nós. Por entre gargalhadas, as três esfregaram-me energicamente com panos macios, dos pés à cabeça, eliminando da minha pele os vestígios deste dia de emoções intensas. Quando terminaram, eu cheirava melhor do que uma flor.

Enfiei-me dentro do vestido novo, soltando exclamações maravilhadas ao verificar a perfeição com que assentava no meu corpo. A tia Ingrior era, sem dúvida, a mais habilidosa das artesãs vikings! Freya não parava de choramingar que também queria um vestido assim, e a tia prometeu fazer-lhe um ainda mais bonito. Encontravam-se a meio da árdua tarefa de domar os meus caracóis rebeldes com os ganchos de marfim, quando a cabeça desgrenhada de Thora espreitou pela cortina, apelando ansiosamente:

— Posso entrar? Preciso da vossa ajuda!

As suas faces flamejantes revelaram-me o motivo de tamanho desassossego. O sorriso da minha mãe também denunciou o seu conhecimento. Ivarr tinha razão. Eric não perdera tempo!

Thora sentou-se na cama, ao nosso lado, e enrolou as mãos uma dúzia de vezes, antes de reunir coragem para confessar:

— O primo Eric veio falar-me... Diz que gosta de mim e que quer... quer... O Eric quer desposar-me!

Gritamos as quatro em uníssono, deliciadas. Abracei Thora, enquanto a minha mãe e a tia Ingrior trocavam um sorriso. Freya

saltitava com tamanho entusiasmo, que quase caiu dentro da tina. Acabou por ajoelhar-se aos pés da sua gêmea, perguntando desejosa:

— E tu aceitaste?

Embaraçada, Thora ocultou o rosto escarlate com as mãos.

— Eu disse que ia pensar... Não esperava... O Eric gosta de mim! O homem mais maravilhoso que eu conheço gosta mesmo de mim!

— Isso quer dizer que também gostas dele? — indaguei entusiasmada.

Thora fixou-nos uma a uma, parecendo perdida.

— Não sei! Pensava no Eric como um irmão mais velho, sempre presente para livrar-me dos sarilhos. Devo-lhe muito do que aprendi! Gosto das coisas que fazemos juntos... de nadar, de pescar, de conversar... E sinto a sua falta quando acompanha o príncipe Ivarr. Isso é amor?

A nossa mãe sorriu, amimando-a nos braços.

— Se não é, querida, está muito bem encaminhado! Sabes que eu e o pai aprovamos essa união?

Thora confirmou com a cabeça.

— O Eric disse-me que já falou convosco. O que é que eu faço, mamã?

— Dizes que sim, sua parva! — replicou Freya, tão excitada que não conseguia parar quieta. — Quem me dera que alguém tão especial como o primo Eric se interessasse por mim!

— Por que é que hesitas, mana? — insisti, percebendo-a dividida entre a alegria e o medo.

Thora refletiu antes de se explicar:

— Isto é novo para mim... Nunca pensei que um homem desejasse desposar-me! E, muito menos, um homem tão bom como o Eric! Todavia, ao mesmo tempo, sinto que me falta ver e fazer tanta coisa... aprender, conquistar... Sempre quis viver como a tia Geimy. Casar e ter filhos estava nos meus planos... mas não agora!

A senhora da casa segurou-lhe o queixo, incentivando-a a encará-la.

— Tu ainda és muito menina, Thora. Eu e o pai também não queremos que te cases já. Só precisamos de saber se esta proposta

te agrada para que, quando surgirem outras, as rejeitemos, justificando que te encontras prometida ao teu primo.

— Seria... — Thora hesitou — como a mana e o príncipe Ivarr? —
A nossa mãe confirmou:

— Casarás dentro de dois ou três anos. Está bem assim?

Thora aquiesceu; o rosto resplandecendo de felicidade. A mãe beijou-lhe a testa, antes de ordenar com firmeza:

— Agora, vai arranjar-te para o jantar! Ingrid, dá-lhe uma ajuda, ou nunca mais conseguiremos sentar-nos à mesa!

— Eu também vou! — gritou Freya, correndo atrás delas. — Quero saber todos os pormenores!

Fiquei sozinha com a minha mãe, partilhando um sorriso cúmplice. As suas mãos moviam-se sobre os meus caracóis com a experiência ganha numa vida. Estava prestes a terminar, quando me confessou com um suspiro:

— Esta tarde, o Aled anunciou-nos, a mim e ao teu pai, o seu afeto pela Melody. Pediu a nossa bênção para solicitar ao tio Stefan a mão da tua prima.

Exprimi o meu encanto, mas não tardei a verificar que algo a perturbava. Temeria a reprovação do tio Stefan, que destruiria as ilusões de Aled? Tal não me parecia provável! O meu primo era um jovem de reconhecido valor e o mais velho dos herdeiros da família McGraw. Além disso, Melody ainda não tinha pretendentes, e o tio Stefan faria questão de escutá-la antes de tomar qualquer decisão. E, para mim, a noite anterior fora elucidativa quanto à preferência da jovem!

— Achas que o tio Stefan vai discordar? — inquiri.

— Ele já deu o consentimento. O Aled tem permissão para anunciar o seu compromisso com a Melody, após o teu pedido de casamento.

— E isso não é uma boa nova? — argumentei. — Ou estás triste porque o Aled não se encantou pela Freya?

A minha mãe sentou-se ao meu lado, denunciando cansaço. As suas mãos fecharam-se sobre a pedra azul que lhe pendia do pescoço, legado da sua avó, a feiticeira Aranwen, e esse gesto teve

o poder de me alarmar. Entretanto, ela já respondia; o olhar verde, límpido e intenso, fulgindo de preocupação:

— Eu quero tanto ao Aled como se ele fosse meu filho! Jamais o obrigaria a casar-se contrariado. Mas, por que teve de escolher uma menina que herdou o nome da sua mãe? Isto pode parecer-te disparatado, Edwina... Todavia, sinto uma apreensão que não consigo justificar! Tu sabes que os pais do Aled viveram um amor tormentoso... Receio que o destino esteja a preparar-nos uma das suas pérfidas armadilhas, montando minuciosamente o cenário perfeito para repetir a tragédia.

Ela tinha razão. O seu temor não fazia sentido! Porém, ao longo dos anos, eu aprendera que os pressentimentos da minha mãe não deviam ser ignorados. Estendi as mãos ao encontro das suas e toquei no amuleto azul, replicando com firmeza:

— A maldição que pendia sobre os McGraw foi desfeita há muito. Tu encarregaste-te disso...

— Contudo, Aesa continua a ameaçar-nos... a ameaçar-te, Edwina! Temo por ti e por todos nós! Desejava poder dar a minha bênção aos teus primos, sem que os fantasmas do passado regressassem para assombrar-me... Mas não consigo! Sorrirei quando o compromisso de Aled e Melody for anunciado e estarei ao seu lado, lutando para que a felicidade que tanto merecem se torne realidade. No entanto, só descansarei o coração quando os mestres da Arte Obscura desaparecerem da face da Terra. Espero que o desconforto que me afligiu no instante em que escutei as intenções de Aled não passe de uma tolice... Porque, se algo de mau se concretizar, serei forçada a viver com a mágoa de nada ter feito para impedir este casamento.

O contentamento da nossa família e amigos enfeitava a casa do *jarl*. Ao lado do meu prometido, eu comi, bebi, dancei e cantei, esquecendo por momentos os problemas que se acumulavam à minha volta. Thora também resplandecia de alegria, os olhos verdes cintilando com o fulgor de mil sóis, deslumbrante dentro do vestido colorido que Freya a convencera a usar. Eric mantinha-se por perto, desencorajando o interesse crescente dos pretensos rivais, decidido

a defender o seu território com unhas e dentes. E o mais engraçado é que a sua atitude, ao contrário do que seria esperado, parecia lisonjear Thora.

Magnor apareceu no início do jantar, quando eu já o imaginava a estrebuchar numa armadilha. Despira o seu olhar maldoso e vestira a pele do jovem encantador que fazia as raparigas ingênuas suspirarem de adoração. Quinn fez questão de se afastar para o lado oposto do salão, para evitar a mais tênue oportunidade de estabelecer conversa. Era óbvio que, depois do que Magnor fizera, o meu primo não mais voltaria a dar-lhe confiança.

Por fim, Ivarr atraiu a atenção dos convivas e pediu a minha mão ao *jarl*. Para assinalar o momento, ofereceu-me um sublime colar de prata, com os símbolos reais esculpidos: o Carvalho da sabedoria e o Falcão do poder. A jóia, que pertencera à sua mãe, possuía um valor sentimental incomensurável. Usá-la seria uma honra! Sustive o fôlego ao ouvi-lo declamar:

— Edwina, filha de Throst, Primeiro Homem de Steinarr, rei do povo viking e meu muito amado pai; que todos os presentes testemunhem que o meu corpo e a minha alma te pertencem. Lutarei pela tua honra, morrerei pela tua vida...

Estes votos, que eu já ouvira tantas vezes em outras cerimônias, possuíam um significado especial porque me eram destinados. Fixei o olhar cristalino de Ivarr e, com a voz a tremer de emoção, jurei-lhe fidelidade e dedicação. Pela primeira vez, o meu noivo estreitou-me e beijou-me apaixonadamente diante das nossas famílias. Os meus olhos encheram-se de lágrimas, enquanto a sua voz me conduzia às estrelas:

— Amo-te, Edwina! Juro-te que não existirá casamento mais perfeito do que o nosso!

Pouco depois, o tio Stefan anunciava o noivado de Aled e Melody. E o meu pai e o primo Krum não perderam tempo e comunicaram o compromisso de Eric e Thora. A minha irmãzinha estava ao lado do seu prometido, incomodada por se ter tornado o centro das atenções. Aproximei-me para cumprimentá-los e ouvi Bryan gracejar:

— Eu jamais te perdoarei, Eric! Passaste a perna a todos nós! E agora, que faremos com os nossos corações despedaçados?

Ivarr abraçou o melhor amigo e, após uma breve troca de felicitações, voltou-se para Thora. A minha irmã estava muito nervosa. Esboçou uma vênia desastrada, exclamando sumidamente:

— Obrigada por tudo, príncipe Ivarr!

— Ivarr — corrigiu ele, segurando-lhe a mão e levando-a aos lábios. — Não há necessidade de cortesias entre nós, Thora. Afinal, vamos ser irmãos! Estou certo de que o Eric sabe a sorte que tem. Tu não és apenas uma menina bonita e inteligente. És uma guerreira que não hesitará em pegar numa arma para defender a sua casa e a sua família... E isso, meus senhores, nos dias que vivemos, é um tesouro maior do que aquele que a nossa heroína encontrou no fundo do mar.

Thora derreteu-se com o elogio, que recebeu um aplauso geral. Brindei com entusiasmo à nossa felicidade e abracei Ivarr com força, pensando que nada podia estragar este momento.

— Já que estamos todos reunidos, eu também tenho algo para dizer...

Gelei ao ouvir Magnor chamar as atenções sobre si. Instintivamente, fixei Quinn, pensando que o príncipe se atreveria a afrontar Thora. Pelo olhar do meu primo, concluí que temia o mesmo. Todavia, a intenção de Magnor era bem distinta:

— Como vós sabeis, empreendi esta viagem até à Ilha dos Sonhos com o intuito de entrar na Floresta da Magia e buscar a minha metade espiritual. Escolher uma noiva e firmar um compromisso estava longe dos meus planos. Contudo, nestes dias de convívio com as donzelas da casa do *jarl*, o coração atraçou-me. Garanto-vos que ponderei nesta decisão, porque penso que o amor é um assunto sério, e o casamento para toda a vida, como professa a nova fé...

Eu tinha de admitir que Magnor sabia prender a assistência! Era uma surpresa e um alívio ouvi-lo falar de amor. Enquanto estivesse distraído com os atropelos do coração, não causaria outros danos. Calculei que o seu entusiasmo se dirigisse a Estrid, já que haviam passado muito tempo juntos nas últimas noites. E ela também

pensava o mesmo, pois sorria e saltitava nos sapatos, enquanto ele prosseguia:

— Desde o primeiro instante, o coração não me deu tréguas... E, depois de observar a felicidade dos casais que me rodeiam, fui forçado a render-me aos meus sentimentos, convicto de que a minha escolha irá cobrir a minha família de satisfação. — Inesperadamente, voltou-se para o meu pai. — *Jarl* Throst, Primeiro Homem do rei Steinarr, meu adorador pai, honrai-me ao conceder-me a vossa permissão para cortejar a menina Freya.

Um simples olhar bastou para verificar que até o seu pai e o irmão tinham sido apanhados de surpresa. Colada ao chão, incapaz de respirar, li Magnor como se de um livro aberto se tratasse. Após a morte de Steinarr, Ivarr herdaria o trono do Norte e estava disposto a partilhá-lo com Eric. Na Grande Ilha, os McGraw só possuíam a força que o rei do Império lhes concedia. Porém, a Ilha dos Sonhos tinha um soberano que, apesar de prestar vassalagem ao rei viking, possuía autonomia de decisão. E esse poder não tinha herdeiros, já que Aled acabara de colocar-se fora da disputa, ao escolher Melody para sua esposa. Com este golpe, Magnor assegurava-se de que seria ele o sucessor do *jarl*.

O meu pai ficou lívido. Magnor seria o último marido que ele egeria para a sua filha mais nova! Contudo, diplomaticamente, a situação era muito delicada.

— Expuseste a tua causa de forma original, rapaz! — começou com cautela. — Penso que a primeira coisa a fazer será escutar a opinião do teu pai. O que me dizes desta declaração, Steinarr?

A ira do rei viking era perceptível no seu olhar, na tensão do corpo, na forma como abria e fechava as mãos. Porém, falou com um distanciamento e um controle admiráveis:

— Confesso que, mais uma vez, o Magnor me surpreendeu! Como pai, desejava que ele tivesse partilhado os seus sentimentos comigo, antes de assumir publicamente a escolha do seu coração. Contudo, Throst, não é segredo a estima que nos une e o carinho que sinto pela tua família. As nossas casas já se encontravam unidas pelo amor dos nossos filhos mais velhos e a intenção do Magnor consolidará essa união. Nada tenho a opor.

Magnor fizera uma jogada brilhante! Eu acreditava que o rei preferisse casá-lo com Estrid, Gwenneth, ou uma das filhas do Imperador, fortalecendo assim a sua posição na Aliança, ou junto do Império. Porém, diante da família e dos amigos, Steinarr não tivera outro caminho a seguir, senão o que tomara. E o meu pai também não podia justificar uma recusa, sem causar um profundo constrangimento... Quanto à minha mãe, estava da cor da cera. Ambas sabíamos que o *jarl* só tinha um argumento a apresentar, que colocaria a resolução deste imbróglio nas mãos do destino. E foi o que ele fez:

— A afeição que une as nossas casas é sobejamente conhecida. Contudo, jurei que jamais imporia uma decisão tão importante como esta às minhas filhas. A Edwina e o príncipe Ivarr irão unir-se de livre vontade. E é também por sua vontade que Thora assume um compromisso com Eric, filho de Krum. A decisão do pedido do príncipe Magnor só pode ser tomada por Freya. — Voltou-se para a minha irmã. — Peço-te que reflitas com calma acerca desta proposta, filha. Lembra-te de que estás livre de qualquer imposição política ou social. A felicidade de um casal reside no amor que os une... E eu quero, acima de tudo, que tu sejas feliz!

Freya era uma menina inocente, doce e, talvez, demasiado sonhadora, que não possuía o meu desenvolvimento espiritual nem a vivência de Thora, para vislumbrar a pobreza do caráter de Magnor. Neste momento, tudo o que enxergava era a inesperada realização do mais secreto dos seus sonhos. Debaixo do olhar espantado de familiares e amigos, e do esgar colérico de Estrid; movida pela mão caprichosa daqueles que manipulam e distorcem ridiculamente o destino dos Homens, a minha irmãzinha levantou-se e respondeu de imediato:

— Há muito que o meu coração anseia por ouvir estas palavras, papai! Terei imenso prazer em aceitar a proposta do príncipe Magnor.

Os meus pais ficaram mortificados. Eu quase gritei de raiva e frustração. O incidente que testemunhara nessa tarde, na floresta, ardia-me na mente qual incêndio descontrolado. Magnor era um rapaz mesquinho, que não merecia um fio do cabelo de Freya.

Porém, com este ímpeto, ela destruíra as minhas expectativas de lhe revelar a verdade... e ditara a sua sorte!

Era extraordinário como tudo se alterava num abrir e fechar de olhos! Se, na noite anterior, Thora nem se levantara da areia para dançar, hoje, não parava sentada. O vestido colorido contrastava maravilhosamente com os seus caracóis negros e as faces rosadas de felicidade. Ver os rapazes a brigarem por um rodopio nos seus braços, em torno das fogueiras, era uma novidade refrescante. Ao contrário do que se podia acreditar, Thora dançava tão graciosamente como lutava... Porém, Eric depressa se cansou de partilhar as atenções da sua prometida e começou a enxotar os rivais, provocando as gargalhadas dos amigos.

Ivarr tentava convencer-me a entrar no bailado, demasiado eufórico para reparar na minha perturbação. Declinei o seu convite uma dezena de vezes, mordendo a língua para não respingar que o seu irmão era parcialmente culpado pelo meu constrangimento. Ver Freya nos braços de Magnor, por mais satisfeita que a minha irmã pudesse estar, corroíam-me os nervos!

Estrid também estava de mau humor. Para vingar-se da desfeita de Magnor, arrastava os seus pares de dança até ele, exibindo-se descaradamente, a fim de lhe mostrar o quanto perdera por não a ter escolhido. Svana também não estava a ser bem-sucedida em atrair a atenção de Bryan, e acabou por ceder à simpatia de Quinn. Alheios aos demais, Aled e Melody dançavam de mãos dadas. Esta noite, a pedra verde suspensa do pescoço do meu primo ostentava um brilho especial... Ou talvez fosse impressão minha! Estaria a deixar-me influenciar pelos temores da minha mãe?

Muitos anos se haviam passado desde que Aesa, rainha do povo Vândalo, irmã de Sigarr e mestra da Arte Obscura, amaldiçoara os McGraw para se apoderar das sete pedras mágicas de Aranwen. No entanto, a minha mãe e os irmãos ainda empalideciam sempre que o seu nome era proferido. Por mais que o meu pai e o rei Steinarr se esforçassem por manter a hedionda feiticeira confinada ao seu reduto, no interior da Floresta Sombria, território fronteiro ao País dos Vikings, ninguém duvidava de que, um dia, ela voltaria a atacarnos.

A magia aprisionada dentro das pedras mágicas representava uma tentação constante para os feiticeiros renegados e exilados da Terra, pois quem a libertasse tornar-se-ia todo-poderoso. Por essa razão, a minha família estava sob permanente ameaça. No rescaldo da guerra com a feiticeira Gwendalin, o tio Stefan quisera destruir as pedras... mas votara vencido. Estas permaneceram ao cuidado dos seus herdeiros: Aled ficara com a verde, pertencente ao seu pai, o tio Edwin conservara a vermelha, o tio Berchan, a branca, o tio Stefan, a amarela, e a minha mãe, a azul. As pedras violeta e cor de laranja, dos meus falecidos tios Quinn e Fiona, encontravam-se escondidas num lugar apenas conhecido pelos seus irmãos. Nem eu me atrevia a bisbilhotar esse mistério. Uma intromissão no segredo mais bem guardado da minha família, por muito inocente que fosse, poderia ser detectada por uma criatura malévola... e resultar numa catástrofe.

Perdida nos meus pensamentos, fiquei atordoada quando Ivarr exclamou:

— A Thora é muito bonita! Depois desta noite, ninguém a confundirá com um rapaz!

A sua intenção podia estar isenta de malícia, mas a sua voz feriu-me. Fixei-o, indignada. Se elogiar a minha irmã era uma forma de me convencer a dançar, então ele ignorava por completo os desígnios do coração de uma mulher! Todavia, Ivarr parecia esquecido da minha presença; a sua atenção estava presa no par que girava diante de nós. Mal quis acreditar quando avançou, sem me dizer uma palavra, e interpelou Eric, solicitando uma dança com a prometida do amigo.

Gelada por dentro, vi Thora parada diante de Ivarr, com o rosto em fogo e o olhar no chão. Seria o seu sobressalto resultante da timidez, do embaraço, da reverência... ou de algo mais? Os meus olhos aumentavam a imagem até torná-la ofensiva: a mão de Ivarr a procurar a de Thora, os dedos fortes a fecharem-se em redor dos dela, o polegar a deslizar pela sua pele delicada... Os olhos da minha irmã a erguerem-se devagar, ao encontro dos do príncipe... e uma trovoadá intensa a deflagrar entre eles. O sorriso a desvanecer-se no rosto de Ivarr. O elogio, em tom de gracejo, entalado na sua

garganta. A outra mão a mover-se com uma lentidão angustiante até à cintura estreita, a apertá-la mais do que o necessário. Os lábios de Thora a entreabrirem-se, inocentes e sedutores, para libertarem a respiração descompassada, que forçava os seios pequenos e firmes a projetarem-se no decote do vestido...

— Edwina — apelou Eric pela terceira vez. — Onde estás com a cabeça, prima?

Olhei-o sem realmente o ver. Falava de Thora... A minha irmã estava nos braços do meu noivo... E, por mais que eu repetisse que não havia maldade nesta aproximação; que até seria bom se ela caísse nas boas graças do herdeiro do trono viking, não conseguia evitar um desconforto que raiava o insuportável. Ivarr a dançar com Thora... era pura magia!

— O teu pai falou-me em três anos... — dizia Eric. — Mas eu não suportarei esperar tanto tempo! Nem imaginas como lhe quero bem, Edwina! A Thora é uma menina tão especial...

As estrelas despenhavam-se do céu e explodiam em cima da minha cabeça. Levei a mão ao peito, de encontro ao colar que Ivarr me oferecera, e desejei que ele regressasse para junto de mim, me envolvesse nos seus braços e presenteasse com palavras de amor. A música alegre terminou e outra iniciou-se. Ivarr manteve Thora nos seus braços. Svana veio buscar o irmão para dançar e Eric também desapareceu.

Sem saber porquê, pensei em Edwin... Pensei em Trygve... E sentime terrivelmente só. Era como se, de repente, me visse apartada de tudo; como se não pertencesse a este mundo... Como se me tivesse tornado transparente; invisível para aqueles que amava...

A pele dos meus pulsos latejou. Com o coração a chicotear-me o peito, ergui as mãos diante dos olhos e vi o Dragão do Sol a serpentear, com as garras distendidas em desafio, a bocarra escancarada e o olhar em chamas. A onda de magia tomou-me de surpresa, roubou-me o fôlego, silenciou o fragor da celebração... Por entre os meus dedos, apercebi-me de que algo se movia; algo que não estava ali há um instante; algo estranho à ilha, ao meu povo, à

festa... e ainda assim, tão próximo da minha essência como se fosse um prolongamento de mim própria...

Um homem quedava-se, com as labaredas de uma fogueira por trás e os alegres dançarinos passando despreocupadamente por ele. Trajava andrajos sobre a pele bronzeada por raios de Sol que não visitavam esta parte do mundo. Os seus cabelos brilhavam sob a ação das línguas de fogo, com uma madeixa ruiva destacando-se agressivamente por entre os caracóis louros. E o seu olhar... Um olhar verde, intenso, inconfundível, cintilava num rosto que em nada negava a sua ascendência.

— Edwin... ? — arfei, estendendo a mão ao seu encontro, sentindo o meu sangue transformar-se em lava.

Ele não respondeu. Limitou-se a sorrir... Um sorriso quase sarcástico, perante as lágrimas que me saltavam dos olhos.

— Edwin... ? — repeti; a voz trêmula perdendo-se no clamor da festa, que regressava aos meus ouvidos à medida que a sua essência resplandecente se desvanecia.

E o desespero na minha voz é a última coisa de que guardo memória.

CAPÍTULO 6

Na Ilha dos Sonhos, este era um dia muito especial. No santuário das Pedras do Mundo, as fogueiras do Povo dos Penhascos estenderiam os braços ao céu, até tocarem as estrelas, e os tambores nativos ecoariam como trovões. A Sul, onde a floresta virgem reinava, os jovens que haviam superado a primeira fase das provas de iniciação enfrentariam o desafio supremo. Porém, antes de responderem ao apelo selvagem, passariam o dia isolados, cumprindo um rigoroso cerimonial destinado a despertar os seus espíritos. Quando a noite mágica envolvesse a Terra, ofereceriam a vida ao deus da guerra e iniciar-se-ia a *Caçada*.

Mal a manhã nasceu, os rapazes da minha casa reuniram-se aos companheiros e recolheram-se para cumprir o ritual centenário. Thora despediu-se de Quinn com um nó na garganta, mantendo-se fiel à promessa que fizera ao pai. Magnor foi o primeiro a entrar no Templo da Meditação, onde os instrutores aguardavam os aspirantes a guerreiros. Ia altivo como se o esperasse um banquete da corte, com trajes ricos que contrastavam ferinamente com as vestes modestas dos restantes. A sua trança havia sido minuciosamente enfeitada com fitas vermelhas e ornamentada com anéis de prata. Fazia questão de salientar, nos menores detalhes, que era um príncipe entre a plebe.

Trygve veio falar-me antes de se dirigir à praia para receber os primeiros guerreiros do seu povo. Cerrei os dentes para não chorar, ao pensar que, na manhã seguinte, ele partiria para a Ilha dos Penhascos. Passar-se-ia muito tempo, talvez um ano inteiro, até que voltasse a vê-lo. Não conseguia conformar-me!

Também não me conformava com a alegria de Freya, ante um compromisso que só lhe traria dissabores. Eu mastigava a convicção de que Magnor nada fizera para prejudicar Thora, apenas porque ela se afastara voluntariamente do seu caminho.

Thora concordara em não participar na *Caçada*, sob a influência da persuasão do pai, mas não parecia em paz. Mal os seus companheiros de aventura se recolheram, desapareceu sem deixar rasto. A minha mãe quis enviar Darrin, Kyle e Rice atrás dela, mas o *jarl* impediu-a. Thora necessitava de tempo... e de espaço, para se conformar com as mudanças que a sua vida estava a sofrer. Retornaria assim que o seu espírito estivesse consolidado.

Apesar de toda esta agitação, eu tinha a certeza de que não existia espírito mais perturbado do que o meu! Na noite anterior desmaiara na praia, provocando a aflição da minha família. O incidente fora justificado com o cansaço e as emoções do dia, e eu deixara-os acreditar que era verdade. O que mais podia fazer? Anunciar que vira um fantasma? Talvez os meus pais acreditassem... Mas o tio Edwin ficaria possesso! E ele já tinha problemas suficientes entre mãos. Pouco depois de eu recuperar os sentidos, a tia Geimy tornara a sentir-se indisposta e tivera de ser carregada ao colo pelo marido, até à casa do *jarl*, onde a minha mãe possuía mais condições para assisti-la.

Eu remoera o meu tormentoso segredo, enquanto bebericara o chá quente da curandeira Catelyn, entre o conforto das cobertas da cama, sob o olhar atento e alarmado das minhas irmãs e da tia Ingrior. Recordara a noite em que sentira uma presença no quarto e acreditara estar a sonhar... E, na floresta, antes de surpreender a conversa de Magnor e Quinn, a mesma energia manifestara-se! Edwin viera ao meu encontro, como prometera! Eu só não compreendia a sua atitude reservada, quase agressiva... Ou não queria compreendê-la!

Contrariando as minhas próprias expectativas, dormira como uma pedra, e a manhã encontrara-me renovada. Fora ao encontro da minha mãe, no quarto cedido à tia Geimy, e, mal espreitara pela cortina entreaberta, a senhora da Ilha dos Sonhos levava o dedo aos lábios, pedindo silêncio. O meu tio Edwin encontrava-se sentado junto dela, segurando a mão da esposa, vestido apenas com as calças com que dormira; os pés descalços contorciam-se nervosamente sobre o tapete suave que cobria a madeira do chão.

Com a aparição do meu primo pairando na mente, quedara-me diante do seu pai, assombrada com as semelhanças. Apesar de já ter mais de quarenta anos, o corpo perfeito de Lorde Edwin McGraw não cedera à idade. A sua pele estava tatuada com desenhos de temerosas feras, que provocavam o fascínio de homens e mulheres. Usava os cabelos castanho-claros enfeitados com centenas de tranças minúsculas, que lhe caíam sobre os ombros nus. Os seus olhos possuíam o verde das folhas novas das árvores e um brilho especial e inconfundível. O seu rosto era o rosto do filho: a mesma testa alta, a mesma estrutura dos ossos das faces e do queixo, o mesmo nariz altivo, os mesmos lábios rosados...

Dera por mim a corar, ao tomar consciência de que empreendia uma observação minuciosa e despropositada. Felizmente, nenhum dos dois se apercebera da indiscrição. A sua atenção estava centrada na princesa viking e, ao fixá-la, o meu coração apertara-se, pois encontrei-a tão pálida que temi que estivesse morta. Suspirara de alívio ao verificar que o seu peito se movia ao sabor da respiração fraca. Então, a minha mãe levantara-se e abraçara o irmão. Quando se afastou, havia lágrimas no olhar de ambos. Nesse instante, eu percebera que Geimy não padecia de uma simples indisposição. O seu estado de saúde era grave... muito grave!

Por fim, a minha mãe agarrara-me a mão e trouxera-me para a rua. A casa começava a despertar, e era óbvio que ela não queria que alguém escutasse a nossa conversa.

Sentamo-nos nos degraus da entrada, com os dedos das mãos enlaçados, esperando que esta intimidade minorasse a nossa angústia. E Catelyn da Ilha dos Sonhos, a fortaleza onde todos nós nos abrigávamos, sucumbira a um pranto convulsivo. Eu estreitara-a nos meus braços e confortara-a, como ela me fizera tantas vezes, no passado. Só quando a percebera mais calma me atrevera a perguntar:

— Quanto tempo?

A minha mãe respirara fundo, tentando recuperar a compostura.

— Dois, talvez três meses, com sorte e a ajuda da Arte! Ela foi muito corajosa... suportou o insuportável para não nos inquietar. Agora, o seu corpo entrou em colapso. Já pouco posso fazer para

ajudá-la, além de aliviar-lhe o sofrimento, que será cada dia maior! A Geimy está desesperada... Não por si, porque um guerreiro não teme a morte! Mas por tudo o que deixará para trás... Darrin é um jovem de valor e está bem orientado, mas Estrid é uma cabeça de vento. E o Edwin... O meu irmão é um homem perseguido pela desgraça. Sempre que alcança alguma felicidade, a má sorte desdenha da sua conquista. A Geimy teme que, no momento em que fechar os olhos, ele faça uma loucura. E eu não posso garantir o contrário! O Edwin sempre teve um temperamento impetuoso, imprevisível...

Minhas entranhas contorceram-se, ao recordar as palavras duras que dirigira a Estrid, na outra noite. Roída de arrependimento, confessara o sucedido à minha mãe, que me beijara com carinho e replicara:

— O teu desabafo não amaldiçoou a Estrid, querida! A vida é mesmo assim, feita de tristezas e alegrias. Há muito tempo, aprendi que devemos aproveitar cada instante da nossa existência, para que, quando a morte nos procurar, não carreguemos para o outro mundo a amargura do que deixamos por fazer.

Eu acabara a lutar contra o impulso de partilhar com ela a minha Visão de Edwin, já que aquele não era o momento certo. A minha mãe estava muito perturbada, e saber que uma das ameaças que pairava sobre o meu futuro se manifestara, não iria ajudá-la. Talvez após o almoço...

Até o último raio de Sol mergulhar no mar, aguardei por um navio que trouxesse o meu bisavô para junto daqueles que tanto o amavam. Porém, defraudando os anseios da comunidade, "O Que Tudo Vê" não apareceu para assistir ao Festival de Verão. A minha apreensão agravava-se a cada dia. Apesar do povo acreditar que a debilidade crescente do feiticeiro venerado não passava de um truque para dissimular o seu poder diante do inimigo, tal não era verdade. A aura da Ilha Sagrada alimentava a essência dos Seres Superiores e tornava o seu envelhecimento muito lento, ao ponto de poderem observar várias gerações humanas, sem que os seus rostos

ficassem vincados por uma ruga. Contudo, exilados na Terra, longe da influência mística da ilha suspensa nas nuvens, os Feiticeiros envelheciam quase tão depressa como os Homens e tornavam-se igualmente vulneráveis às doenças. Esta fora a forma que o Conselho dos Seres Superiores encontrara para se ver livre dos proscritos da sua raça.

Ao longo do tempo, já muitos feiticeiros haviam chegado ao fim da sua existência corpórea. Um deles fora a minha tia-bisavó Mairwen, irmã de Aranwen, que morrera prostrada por uma maleita humana, pouco depois da fundação da nossa colônia. Hakon sempre fora saudável... Mas, ultimamente, o menor esforço deixava-o exausto e obrigava-o a refugiar-se na Montanha Sagrada para regenerar a sua vitalidade e os seus poderes. Desta vez, a minha mãe acreditava que ele tivera de ir ainda mais longe, ao encontro da magia curativa da Gente Bela. Se a visita do meu bisavô à rainha Lyria não fora de pura cortesia, a Terra tinha sérias razões para se inquietar!

Enquanto os seguidores da Arte Luminosa se resignavam ao seu destino, aproveitando a passagem pela Terra para ajudar os humanos, transmitindo-lhes o Conhecimento, os servos da Arte Obscura apelavam aos mais nefandos recursos da sua magia para conservar a juventude. "O Que Tudo Vê" explicara-me o processo, que me cobrira de horror. Através da magia negra, um feiticeiro podia assimilar a vida de um humano e rejuvenescer. Quanto mais jovem fosse a vítima, mais anos o algoz ganharia. E se o sacrificado descendesse de uma linhagem de sangue mágico, como o nosso, esse poder ser-lhe-ia igualmente transmitido. Este pesadelo assumira contornos de catástrofe durante a guerra com a feiticeira Gwendalin, que roubara centenas de vidas de não-nascidos dos ventres das suas mães.

Mais uma vez, ficava provada a insensata soberba do Conselho dos Seres Superiores. A determinação, que inicialmente lhes parecera tão sagaz, acabara por condenar à morte os mestres da Arte Luminosa, permitindo simultaneamente a proliferação dos mestres da Arte Obscura. Se nada fosse feito para contrariar esta calamidade, em breve a raça humana tombaria na servidão. Na

Floresta Sombria, há muito que os avanços de Aesa só eram retardados à custa do sangue do meu povo. No outro lado do mundo, o seu irmão Sigarr preparava-se para usar o meu primo Edwin como instrumento da sua vingança. E os Seres Superiores não erguiam um dedo para ajudar-nos! Os mais poderosos entes da Terra não só estavam de costas voltadas para os desertores da sua raça e os humanos, mas também em guerra com a minha família, porque a feiticeira Catelyn se recusara a entregar-me ao Conselho, quando eu ainda era um bebê de berço, para que este me treinasse para combater Edwin.

A Lua já enfeitava o céu, sorrindo desdenhosamente da minha angústia. “O Que Tudo Vê” dissera que eu devia completar o treino da Arte sozinha, e desaparecera. A minha mãe tinha tantos fardos às costas, que já mal se sustentava de pé. Eu precisava de uma orientação, mas não sabia a quem pedi-la! Ao longo do dia, interrogara-me uma miríade de vezes acerca das intenções do meu primo reaparecido, sem alcançar nenhuma conclusão. Se ele não esboçara um gesto agressivo, também não se mostrara amigável. O rapaz que segurara a minha mão e me abraçara na inospitalidade do seu mundo tornara-se homem... E eu precisava de saber se o seu nome era Edwin ou Loki! Teria Sigarr conseguido transformar o seu pupilo num abominável guerreiro-feiticeiro? Ou será que, de alguma forma, o meu primo fora capaz de preservar a pureza da sua essência?

Surpreendi a energia de Ivarr muito antes de ele se aproximar. As suas mãos repousaram suavemente nos meus ombros, enquanto inquiria numa voz sedutora:

— Andas a fugir de mim?

Decidi ficar calada, para não provocar uma discussão. Ele respirou fundo e enlaçou-me pela cintura, continuando:

— Ontem pregaste-me um grande susto! Quando te vi caída na areia...

— Eu não teria caído, se estivesses ao meu lado!

Por que raio é que dissera isto? Que um punhal cortasse a minha língua inquieta! Agora, teria de enfrentar a sua ironia pelo resto das nossas vidas!

Ivarr contornou-me devagar, eriçando-me ainda mais os nervos. Deteve-se diante de mim, exibindo os dentes perfeitos num sorriso esplendoroso.

— Estás zangada porque eu fui dançar sozinho?

— Tu não foste dançar sozinho!

Outra vez!? Mordi a língua até sentir o sabor do sangue. Ivarr já gargalhava, replicando com uma expressão deliciada:

— Tu estás com ciúmes da Thora? Não acredito! A tua irmã é uma criança! Além disso, está prometida ao meu melhor amigo!

— Eu não estou com ciúmes da Thora! — volvi, sem convicção. — Se não fosse ela, teria sido outra! Tu deixaste-me no dia do nosso noivado...

O seu beijo calou-me. Tentei afastá-lo, mas ele acabou por envolver-me ainda mais. Por fim rendime, tão carente de afeto que mal segurava as lágrimas. Ivarr era um homem e, como tal, não tinha sensibilidade para entender a rudeza do seu gesto. Como se me lesse os pensamentos, o meu noivo declarou com um sorriso divertido:

— Desculpa! Esquecime de que vós, mulheres, dais uma importância desmedida a essas tolices. Prometo que não tornará a acontecer! Por mais que me apeteça dançar, da próxima vez ficarei ao teu lado. Agora, vamos parar de discutir por ninharias! Vem... A corneta soará em breve, e o Magnor e o Quinn ficarão decepcionados, se não estivermos lá para desejar-lhes boa sorte.

A corneta troou nesse preciso instante, chamando o povo à entrada da Floresta da Magia, onde um altar fora montado para celebrar os rituais. Aceitei a mão de Ivarr e corri ao seu lado, ainda ressentida, mas com o coração mais aliviado.

Em redor do altar de madeira, iluminado por uma esplendorosa fogueira e enfeitado com as pedras rituais da casa do *jarl*, o entusiasmo da multidão que aguardava a bênção dos jovens já atingia o rubro. Atabalhoadamente, discutia-se quem venceria a *Caçada* e se um dos heróis da noite seria agraciado pelos favores de Odin, com a alma de uma fera. Choviam apostas, que se dividiam entre Quinn e Magnor. À boca pequena dizia-se que, este ano, os instrutores haviam sido muito exigentes. Os trilhos que os iniciados

teriam de percorrer encontravam-se peçados, não só das habituais armadilhas, mas também de novas e originais ciladas, projetadas pela mente ardilosa de Bryan, o mais engenhoso guerreiro da sua geração.

O primo Krum presidiu à cerimônia. O rei Steinarr, o *jarl* Throst e Lorde Stefan McGraw representavam a Aliança, à qual os novos guerreiros devotariam as suas vidas. Um a um, os jovens subiram as escadas e curvaram-se diante do Sábio e dos soberanos do nosso povo. A figura imponente de Krum elevou-se diante dos olhos dos Homens, qual gigante herdeiro dos céus, assim que a magia respondeu ao seu chamamento. Possuídos por uma emoção avassaladora, os rapazes clamaram os seus votos de devoção, entregaram o seu sangue e juraram lealdade e obediência, até ao fim das suas vidas e para além da morte. Depois, foram ungidos com os óleos sagrados, para que se distinguissem dos demais, e beberam da mesma taça. A partir desse instante, a missão de um seria o encargo de todos. O belo ritual fora cumprido e Odin estava satisfeito!

Os iniciados desceram do altar e aguardaram, trêmulos e extasiados, pelo gesto que lhes permitiria entrar na floresta e concretizar o seu maior sonho. Os familiares trocaram cumprimentos e os instrutores orgulharam-se do dever cumprido... Então, no preciso instante em que o tio Bjorn levava a corneta aos lábios e os guerreiros que o rodeavam se preparavam para fazer rufar os tambores, Magnor e Quinn pegaram-se à pancada.

A briga foi tão inesperada que, de início, ninguém reagiu. Por fim, os outros rapazes tentaram separá-los e acabaram enrolados na contenda. Os instrutores tiveram de intervir, empurrando Quinn para um lado e Magnor para o outro. Tão impotente como se estivesse a viver um pesadelo, ouvi Arnald vociferar:

— Se quereis discutir a vossa honra, tereis de fazê-lo como guerreiros e não como rufias! Homens, desenhai um círculo de combate!

Não era raro que os ânimos se exaltassem antes da *Caçada*, já que a fúria da competição flamejava no peito dos rapazes. Todavia, eu nunca ouvira falar deste comportamento após o ritual. O que

levara Quinn e Magnor a perderem a cabeça? O meu primo era incapaz de uma provocação maldosa, portanto, a ofensa só podia ter partido do príncipe. E as suas intenções eram inequívocas! Magnor sabia que só existiam dois rivais à sua altura. Thora saíra do seu caminho, mas Quinn, como filho do líder Aliado e irmão de um dos guerreiros-lobo do futuro rei, não representava uma ameaça menor... Uma ameaça que o príncipe não estava disposto a enfrentar na solidão da floresta.

A dois passos de mim, Thora surgiu de entre a multidão, berrando encorajamentos para Quinn e insultos para Magnor. Quis pedir-lhe que moderasse o seu ímpeto, mas estaquei ao verificar que o corpo da minha irmã irradiava luz, como se uma estrela nascesse no seu interior. Dentro do círculo de combate, os dois rivais provocavam-se fervorosamente. Magnor espargia um clarão escarlate, que avançava sobre a aura de Quinn e a assimilava com voracidade. Descobri-me muda, incapaz de esboçar um gesto, com o suor a escorrer-me pela testa, gelado e pegajoso, e as pernas frouxas. Então, os dois rapazes saltaram como feras; as garras esticadas de encontro à garganta do adversário, e o duelo começou.

O uso de armas não era permitido nestes confrontos. Os opositores só podiam socorrer-se da sua força, e de todas as manhas de que se lembrassem. E, nenhum deles parecia disposto a cortesias. Os golpes eram rudes, violentos e certos, aplicados não só para subjugar, mas com a intenção declarada de magoar, de ferir, de desfazer... Em menos de nada, encontravam-se cobertos de poeira e suor, sem fôlego. Quinn coxeava devido a um pontapé que recebera numa perna. Magnor tinha o lábio aberto e o sangue escorria-lhe pelo queixo, misturado com a espuma da sua raiva. Olhos nos olhos, já preparavam o próximo ataque.

Além de ser mais velho, o príncipe era também mais alto e encorpado. Quinn valia-se da sua agilidade para enfrentá-lo mas, uma vez prisioneiro dos braços invulgarmente fortes do adversário, pouco havia a fazer senão sofrer à mercê dos seus punhos implacáveis. Mal encontrou uma brecha na defesa do oponente, Magnor desferiu-lhe um soco no estômago e outro no rosto. O meu primo caiu de costas, por entre o clamor da multidão e o apoio

frenético de Thora. Magnor tentou saltar-lhe para cima e sentar-se na sua barriga, mas Quinn rebolou a tempo, sustendo-se a cambalear. Tinha o nariz desfeito e respirava com extrema dificuldade... Para mim, era óbvio que ele fora batido. Não tarda, estaria incapacitado para entrar na floresta e perseguir o seu sonho. E era isso que Magnor desejava!

Uma rasteira traiçoeira, e Quinn voltou a comer o pó. Desta vez, o príncipe conseguiu imobilizá-lo debaixo do seu corpo possante, torcendo-lhe um braço atrás das costas e continuando a marrar contra ele, qual touro enraivecido. Li a morte no seu olhar flamejante e voltei-me para Ivarr, gritando um apelo. Contudo, foi o brado agudo e dilacerante de Quinn que gelou a assistência. Nesse instante, Ivarr precipitou-se sobre os dois, violou o círculo de combate e arrastou o irmão para longe do rival. O tio Stefan e o tio Bjorn seguiram-no, e ajoelharam-se junto do corpo inerte de Quinn, logo imitados pela minha mãe.

Mesmo à distância, verifiquei que o osso do braço direito do meu primo fora quebrado com tal violência que rasgara a carne. Agoniada, orei para que o sangue que escorria dos seus lábios lhe proviesse da boca e não do interior do corpo. Aparentemente, Quinn ia sobreviver à bestialidade de Magnor... talvez apenas porque Ivarr acorrera a tempo.

Não muito longe, na prisão dos braços do irmão, Magnor mantinha-se impassível. Havia até quem o felicitasse pela vitória! Mais uma vez, no mundo dos Homens, a violência decidia a sobrevivência e a liderança. E Magnor era um líder incontestável, que não olhava a meios para atingir os seus objetivos! Temi por Freya... E temi por Thora, de quem os olhos metálicos do perverso jovem não se desviavam por um instante.

À revelia dos adultos, Thora prostrara-se ao lado de Quinn e tocava levemente na pele macerada do seu rosto, quase irreconhecível devido à violência dos socos com que Magnor o flagelara. Também ela se apercebeu do olhar insistente do príncipe, e temi que reagisse. Todavia, prodigiosamente, ignorou-o, entrelaçando os dedos nos anéis rebeldes dos cabelos do primo, numa carícia quase desesperada. As lágrimas caíam-lhe em cascata

pelo rosto sem expressão. Olhava para o interior de outro mundo, ardendo por dentro e mastigando uma raiva que eu também sentia. Porém, a sua garganta não emitia um soluço, nem sequer um gemido.

Os olhos verdes de Quinn abriam-se e fechavam-se, conforme a consciência emergia ou se desvanecia. Inesperadamente, num devaneio de lucidez, tartamudeou, cuspiendo sangue:

— Perdoa-me, prima... Falhei...

— Tu não falhaste! — retorquiu a minha irmã, rouca de comoção. — Haverá outras oportunidades... Tu és um vencedor, Quinn! Tu és um vencedor...

A padiola chegou e Thora teve de se afastar. Procurou o abrigo dos meus braços, tremendo sem controle.

— Tens de te acalmar! — ordenei. — Assim, não ajudarás o Quinn!

— O Magnor fez isto de propósito... — mastigou ela, dominada pela ira.

— Eu sei — volvi. — Mas, por enquanto, não há nada que possamos fazer!

Quinn foi transportado para a nossa casa, a fim de os curandeiros avaliarem devidamente a sua condição. Não tardou que esta se enchesse de familiares e amigos, preocupados e consternados. Alguns tinham escutado o início da discussão. Magnor insinuara que Quinn partia em vantagem para a *Caçada*, porque conhecia a localização e a natureza das armadilhas colocadas na floresta pelo irmão. O meu primo já andava furioso com as intrigas do príncipe, e este atentado à sua honra fora a gota de água. Num impulso exaltado, desafiara Magnor... e caíra ingenuamente na sua armadilha.

O estremecimento de Thora, fez-me seguir o seu olhar. Ivarr chegara, acompanhado por Eric e Ragnar. Com uma palidez mortal, Bryan deixou o quarto onde o irmão agonizava e juntou-se aos amigos. Lá fora, uma corneta ecoava, assinalando o início da *Caçada*. Surpreendi-me ao constatar que Ivarr viera velar por Quinn, ao invés de acompanhar a entrada de Magnor na floresta. Talvez

fosse simples diplomacia; uma tentativa de salvaguardar as boas relações das famílias, neste momento difícil... Ou *talvez* não!

Sem aviso, Thora soltou-se dos meus braços e correu para a rua. Apressei-me atrás dela, adivinhando que a sua natureza arrebatada a levaria a fazer uma asneira. A minha irmã quase voava na direção da floresta. Chamei-a por várias vezes e estava prestes a recorrer à magia para detê-la, quando ela parou e me afrontou, num tom selvagem que eu nunca escutara antes:

— Eu vou fazer o que tem de ser feito e tu não vais impedir-me!

Aproximei-me, olhando em redor para certificar-me de que ninguém nos escutava. O povo dividira-se entre a entrada da Floresta da Magia e a casa do *jarl*, por isso a rua encontrava-se deserta.

— E o que é que pretendes, Thora? Queres “caçar” o Magnor?

— Aquele monstro não vai levar a sua avante! — rugiu ela em resposta; o olhar inundado por um ódio mortal. — Quer guerra? Pois terá guerra! Eu dar-lhe-ei a fera que ele tanto deseja!

— Thora... — Pousei as mãos nos seus ombros, tentando aplacar-lhe a ira. — Deixa os homens resolverem esta questão! A briga do Quinn e do Magnor não te diz respeito...

— Estás enganada! — desabafou. — Isto aconteceu por minha culpa! Há muito tempo que eu devia ter desmascarado aquela besta! Só não o fiz para proteger a amizade das nossas famílias...

— O que é que estás a dizer? — inquiri confusa, e deixei cair o queixo quando ela esclareceu:

— Há dois anos, o Magnor veio ter comigo... Disse-me uma porção de tolices: que um dia seria rei e a sua mulher seria uma guerreira; que, assim que me vira, se apaixonara; que eu estava destinada a pertencer-lhe... Mandei-o passear! Tentou beijar-me à força, o tarado, mas foi corrido a soco e a pontapé. Desde então, não mais parou de me provocar...

Por todos os peixes do mar e aves dos céus! Abri a boca para expressar o meu choque, mas Thora continuou:

— Quando se declarou à Freya, avisei-o que lhe racharia a cabeça se se atrevesse a fazer-lhe mal. Riu-se de mim! Acusou-me de estar com ciúmes! Ciúmes da sua fronha ranhosa! — Fez uma pausa para

recuperar o fôlego. — No fim ofereceu-me uma última oportunidade de me entregar a ele, o imbecil! Cuspi-lhe o meu desprezo nas ventas! Então, jurou que, quando saísse vitorioso da floresta, iria esfregar-me o seu lobo na cara... E que, se dependesse dele... este ano, nenhum McGraw participaria na *Caçada...*

Deteve-se, sufocada por um soluço. Abracei-a e amparei o seu choro. A situação era muito pior do que eu imaginara! Como salvar Freya e resolver este problema, sem destruir duas famílias e o povo que delas dependia? E o que fazer com Thora e a sua justificada revolta? Esta obsessão de vingança podia destruí-la! Mansamente, incentivei-a a encarar-me, replicando:

— O Magnor deve ser castigado, é verdade! Mas emboscá-lo às cegas na floresta não é a solução! Esta noite é mágica, Thora! Os espíritos estão de olhos postos em nós. Tudo o que fizermos será julgado e refletir-se-á no nosso destino. Aquele fanfarrão covarde não merece que comprometas o teu futuro por sua causa!

O olhar de Thora mudara. Havia nele uma determinação inabalável que me fez estremecer. Com a respiração suspensa, objetou:

— O Magnor não é a única razão por que quero entrar na floresta. Eu tenho sentido o apelo, mana... Há uma voz que chama o meu nome, e que não consigo silenciar. Juro que tentei! Pelos nossos pais, por Eric... Mas, ver o Quinn batido, fez-me compreender que nunca serei feliz, se negar o que mais desejo! E eu quero ser feliz, Edwina! Quero ser uma guerreira... Quero caçar!

Eu estava ciente de que a sorte de Thora se encontrava nas minhas mãos. Recordei o que a nossa mãe dissera: Era preferível que ela avançasse com o nosso apoio, do que vê-la tomar o mesmo rumo sozinha. Com o coração em debandada, declarei:

— Se queres perseguir o teu sonho, terás de agir corretamente! Fizeste uma promessa ao *jarl* e não a quebrarás sem lhe dar uma satisfação. Volta para casa e diz-lhe que o teu destino te aguarda na floresta.

— Ele não me dará ouvidos!

— O nosso pai ama-te! Por mais que lhe custe, terá a tua vontade em consideração!

Thora hesitou, fixando a rua que a levaria tão facilmente ao seu objetivo, sem ter de enfrentar o julgamento da família e a vontade dos pais. Por fim questionou-me, com um olhar suplicante:

— Estarás ao meu lado, Edwina?

Tornei a estreitá-la, respondendo com o coração:

— Em todos os dias da nossa vida!

A intenção de Thora dividia opiniões. Eu mantive-me ao seu lado como lhe prometera, demonstrando o meu apoio à sua causa. À nossa frente, a figura majestosa do *jarl* dominava o salão, sentada no seu cadeirão favorito. Nem a companhia do rei Steinarr, que se reunira a nós após a entrada de Magnor na floresta, lhe ensombrou a imponência. A minha mãe aproximou-se do marido e procurou-lhe a mão. Não havia ressentimento no olhar que me dirigiu, apenas resignação e tristeza. De todos os lados choviam alvitres. Nunca se ouvira falar na participação de uma rapariga numa *Caçada*. Porém, ninguém contestava que Thora não era uma rapariga qualquer!

O meu pai começara por replicar que a vingança não era razão para desafiar a vontade da floresta. Então, sem sombra de embaraço, Thora falou-lhe do chamamento que sobressaltava o seu coração, e o *jarl* calou-se. Há muitos anos, o filho de Thorgrim também escutara o apelo selvagem do espírito destinado a completar a sua alma, por isso compreendia sobejamente bem a inquietação da sua menina. Endurecido pela vida, o tio Edwin replicou secamente:

— Isto não é uma brincadeira, Thora! Podes ficar seriamente ferida ou até morrer!

Ainda abalado pelo que sucedera ao filho, o tio Stefan apoiou-o.

— Tu não tens de provar-nos nada, sobrinha! Conhecemos bem o teu valor! Além disso, estarias em séria desvantagem em relação aos rapazes, não só porque eles já levam avanço, mas também porque receberam uma preparação que não é adequada à sensibilidade de uma menina...

— Desculpa, Stefan, mas eu discordo!

Um silêncio profundo espalhou-se pelo salão, à interrupção de Ivarr. O meu coração espinoteou ainda mais ao ouvi-lo continuar, com uma firmeza e convicção de tirar o fôlego:

— Nestes últimos dias constatei, assim como todos vós, que a Thora está mais bem preparada para enfrentar a *Caçada* do que a maioria dos rapazes que entraram na floresta. Teria ela de suplicar por consentimento para seguir o seu intuito, se tivesse nascido homem? Não! O Throst seria o mais orgulhoso dos pais...

— Eu sou o mais orgulhoso dos pais, Ivarr — cortou o *jarl* num tom arrepiante. — A habilidade e a destreza da Thora não estão em causa...

— Então, o que está em causa, Throst? — revidou o príncipe com a mesma altivez, causando pasmo entre a assistência. — Se a Thora é incontestavelmente a melhor de entre os nossos jovens guerreiros, por que não lhe é concedido o que já lhe pertence por direito?

— Tu sabes bem o que se arrisca esta noite! A minha filha não participou no ritual! Não posso permitir que entre na floresta sem a orientação apropriada...

— Eu dar-lhe-ei a orientação de que ela necessita. Eu serei o tutor da Thora durante a *Caçada*, se o meu rei e o meu *jarl* o permitirem! E, se o destino assim o determinar, quando o dia nascer, ela tornar-se-á um dos meus lobos.

Ivarr enlouquecera! Era a única justificação! Até Thora o fitava de olhos esbugalhados!

O silêncio dera lugar a um alarido estridente. Desde parentes a amigos, todos tinham algo a dizer acerca do anúncio do herdeiro do trono viking. Pretenderia Ivarr recompensar a minha família pelos ferimentos graves que Magnor infligira a Quinn, colocando-o fora da competição? E que fé inexorável era esta, da qual, subitamente, Thora desfrutava? Como reagiria Magnor quando descobrisse que o irmão não só apoiava uma rival, como pretendia colocá-la sob a sua proteção? Teria Ivarr consciência do ressentimento que tal iria suscitar?

A expressão de Steinarr encontrava-se iluminada pelo orgulho. Era óbvio que aprovava a solicitude do seu primogênito. Pelo contrário, os meus tios não estavam nada convencidos. Stefan abanava energicamente a cabeça, apreensivo. Edwin resfolgava. A minha mãe parecia prestes a desmaiar... E o meu pai cerrava os olhos, esmiuçando o meu noivo, até este, há pouco altivo e resolutivo,

estremecer devido à força despendida para provar a sua convicção. Por fim, o *jarl* ergueu a voz num clamor brusco que me sobressaltou:

— Silêncio!

A balbúrdia finou a um tempo. No ar pairou uma súplica, feita numa voz clara e ainda infantil; o apelo de Thora:

— Por favor, papai! Isto é tudo o que desejo!

Eu conhecia a sinceridade desta manifestação de vontade. E temia-a pela sua força, pelo seu poder de persuasão, pela declarada pureza de sentimentos à qual era impossível voltar as costas. O olhar estrelado de Thora desviou-se do nosso pai para Ivarr, como se implorasse que o príncipe acrescentasse uma última palavra que convencesse definitivamente o *jarl*. Contudo, Ivarr nada mais tinha a dizer e manteve-se impassível, aguardando a decisão dos seus líderes.

A mão do meu pai deslizou sobre a da esposa, numa carícia quase imperceptível, e os seus olhos encontraram-se, num diálogo que dispensava palavras. Os lábios da minha mãe tremiam como se estivesse prestes a cair no pranto, mas ela permaneceu solene como uma deusa. *"Faz o que entenderes melhor para a nossa menina. Faz o que o teu coração te ordenar, meu amor."*

Lentamente, a cabeça do *jarl* desviou-se na direção do rei, mas foi Steinarr quem se inclinou para murmurar-lhe, de forma que só o meu pai e aqueles que possuíam o dom de escutar para além dos sentidos, o puderam ouvir:

— Eu nunca interferi nas decisões do meu herdeiro. O Ivarr é livre para escolher aqueles que caminham ao seu lado. Se o instinto o impele na direção de Thora, eu respeito a sua escolha, por mais estranha que esta me possa parecer.

— Ela ainda é uma menina, Steinarr... — replicou o meu pai no mesmo tom, e a sua pausa soou como um protesto.

— E verdade. Mas, em breve, será uma mulher; uma guerreira na qual o Espírito da Luz deposita a sua confiança. Tu sabes que o Ivarr não se empenharia por compaixão, nem sequer por simpatia. Ele acredita que a Thora nasceu para enfrentar este desafio! E tu, meu amigo, em que é que acreditas?

O olhar do meu pai estreitou-se e a sua atenção voltou-se para Eric, que se mantinha atrás de Ivarr com uma expressão que eu ainda não decifrara. Apesar de não poder contradizer o seu senhor, não me parecia coerente que apoiasse o devaneio da sua prometida. Porém, quando o *jarl* lhe pediu que falasse, disse com simplicidade e clareza:

— Se essa é a vontade da Thora, é também a minha vontade!

Posto isto, o meu pai ficou-se em silêncio, permitindo que o peso do mundo se fundisse com o seu espírito. Depois, endireitou os ombros e encheu o peito de ar, apelando na sua voz de comando:

— Aproxima-te, Thora.

A minha irmã obedeceu... um pé diante do outro, quase temendo cair. Como se as nossas essências se fundissem, eu senti o seu coração a latejar-me nas têmporas, qual pássaro exausto que, depois de uma violenta batalha pela sobrevivência, se prepara para enfrentar o momento do juízo final. Sim, porque se o nosso pai recusasse a sua súplica, algo feneceria dentro de Thora; algo perder-se-ia para sempre, e o espírito da minha irmãzinha não mais encontraria a paz.

O *jarl* inclinou-se para fixar o olhar da mais intrépida das suas filhas. Engoli em seco, ao verificar que segurava nas mãos o punhal que guardava como um tesouro, e que sempre o acompanhava nas missões importantes. Entregou-o a Thora, dizendo:

— Este punhal foi-me oferecido pelo teu avô, na noite em que entrei na floresta para provar o meu valor. Depois disso, salvou-me inúmeras vezes, preservou a vida da tua mãe e mudou a história de dois povos. Há muito que se encontra afastado dos grandes desafios. E tempo de reencontrar a velha glória nas mãos da herdeira que tanto amo e que será uma digna guardiã da sua força. Este é o momento em que te passo o meu testemunho, Thora! Que Thor guie os teus passos e Odin segure a tua mão nos instantes decisivos!

Thora aceitou o punhal com reverência, ciente da honra que lhe estava a ser concedida. Após uma pausa, para se certificar de que não sonhava, guardou-o na bainha do cinto e fechou os olhos, inspirando um fôlego de satisfação. Por fim, com a emotividade que

todos lhe conhecíamos e amávamos, investiu adiante e pendurou-se no pescoço do *jarl*, abraçando-o com devoção, enquanto murmurava com a voz embargada:

— Obrigada, papai! Juro que não te decepcionarei!

O senhor da Ilha dos Sonhos correspondeu ao carinho da filha, sem se importar com a multidão que o rodeava, retrucando com solidez:

— Tem cuidado com as armadilhas da floresta... Lembra-te de que só te é exigido que encontres o caminho correto e regressemos sã e salva. Contudo, se o que tanto desejas se concretizar, enfrenta o teu destino sem medo. Tu tens a minha força e a magia da tua mãe no sangue... Acredita, e vencerás!

Thora caiu nos braços da mãe, que a estreitou como se temesse ser esta a última vez. Apesar da senhora da Ilha dos Sonhos se revelar forte, mesmo quando aqueles que a rodeavam se debatiam com o desespero, neste instante, as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Foi a filha quem as limpou, sorrindo carinhosamente ao replicar:

— Não chores, mamã! Alegra-te por mim... Isto é o que eu sempre quis!

Thora pedia o impossível! A nossa mãe dedicara a sua vida a proteger-nos das manhas do destino. Agora, a sorte pregara-lhe uma rasteira que a prostrara. O controle que mantivera fechado nas suas mãos escapara-lhe por entre os dedos. E o futuro estava, mais uma vez, encoberto pelo nevoeiro da incerteza.

O salão susteve o fôlego quando o meu pai estendeu o braço a Ivarr, declarando:

— Não te falarei de *jarl* para príncipe, mas de homem para homem. Entreguei-te uma das minhas filhas ontem; hoje, entrego-te outra. Tens a minha inteira confiança, Ivarr, filho de Steinarr. Não me decepciones.

O herdeiro do trono viking envolveu o braço do meu pai e apertou-o com convicção.

— E eu respondo-te de amigo para amigo, com o coração aberto. Morrerei antes de trair a tua confiança, Throst. E matarei qualquer homem, antes que ele tenha a ousadia de fazê-lo!

Nada mais havia a acrescentar. À minha volta, formavam-se grupos que discutiam os assombrosos acontecimentos que acabávamos de presenciar. A família abeirou-se de Thora e cobriu-a de conselhos e rezas de proteção. Ivarr caminhou para a porta, seguido pelos seus lobos, e o nosso olhar encontrou-se por um instante... um breve instante, suficiente para que o meu coração estrebuchasse em agonia.

Thora não partiu sem se despedir de Quinn. O primo Krum estava junto do enfermo, que já recuperara a consciência e se inteirara das novidades, apesar do sofrimento que o atormentava. A minha irmã abeirou-se dele, exclamando com firmeza:

— Eu vou vencer, Quinn! E a minha vitória será tua!

— Não... — objetou ele, numa voz dorida e emocionada. — A vitória será tua, Thora, porque a mereces! Tu serás grande, prima, eu sempre o soube... Não te preocupes comigo! Sararei depressa e, para o ano, voltarei a competir. Tem cuidado com o Magnor... Ele conhece muitos truques e não recuará diante de nada para alcançar o que quer.

Um vigoroso aperto de mão consolidou uma amizade que se adivinhava eterna. Temendo ceder ao pranto, Thora correu ao encontro de Ivarr, Eric, Bryan e Ragnar, que a aguardavam, seguida pela multidão de familiares e amigos.

A noite estava clara e barulhenta. Há muito que as fogueiras ardiam na praia e os aldeões celebravam a magia que acalentava o ar. Do ponto mais alto da ilha, no berço das Pedras do Mundo, ecoavam os primeiros tambores, e as fogueiras do Povo dos Penhascos avistavam-se de onde nos encontrávamos, como se de um fulgurante incêndio se tratasse. Pensei em Trygve e fiquei ainda mais angustiada. Hoje, ele conhecera Amora... Sendo duas pessoas maravilhosas, decerto haviam-se entendido ao primeiro olhar e começado a tecer planos para melhorar a vida do misterioso povo que ambos amavam; planos que o afastariam definitivamente de mim.

O apelo de Thora forçou-me a regressar a uma realidade não menos aflitiva. Desejei-lhe sorte, antes de ela aceitar a mão de Ivarr e subir para a garupa do seu cavalo.

— Não permitas que a minha irmã se magoe! — supliquei, na voz mais segura que pude forjar.

Ivarr mirou-me como se visse para além de mim, e respondeu num tom que me arrepiou:

— Confia na tua irmã, Edwina! Confia na sua força, na sua determinação e coragem, como confiaste até aqui.

E partiu a galope na direção da floresta, seguido pelos seus guerreiros-lobo, levando consigo uma parte de mim que não tornaria a ser a mesma. Perto, a minha mãe murmurou, estrangulada pela comoção:

— Esta é a concretização da minha Visão... A nossa menina rodeada por quatro lobos...

— Pela manhã, cinco lobos sairão da Floresta da Magia, Pequena!

— respondeu o meu pai, tão baixo que mal o escutei. — O destino da Thora já não está nas nossas mãos.

— Onde foi que falhamos, Throst?

Eu não precisava de olhar para trás para saber que os meus pais estavam abraçados e que a minha mãe sucumbia novamente às lágrimas.

— Nós não falhamos, querida... A nossa missão era prepará-la para o futuro. E a Thora está pronta para enfrentar o desafio que é a sua vida.

CAPÍTULO 7

Esta noite, no salão da casa do *jarl*, as conversas não cessariam, ninguém pararia de comer e de beber, e esperar um instante de privacidade e sossego seria perda de tempo. A minha mãe dividia-se entre os cuidados à tia Geimy e a Quinn, auxiliada por Freya e pelos curandeiros da família. O meu pai, o rei Steinarr, o tio Edwin e o tio Stefan, juntavam-se aos seus companheiros, analisando o que já acontecera e conjeturando sobre o que ainda estava por vir.

Recolhime ao quarto, fechei a cortina e almejei o impossível. Libertei a Lágrima do Sol do bolso do avental e sentei-me na cama, fixando-a com o coração a martelar-me o peito. Eu até podia atingir a concentração necessária para silenciar o barulho ensurdecedor que me rodeava; esquecer os temores e dúvidas que me assombravam, e concentrar-me apenas na missão a que me propunha... Todavia, levá-la a bom termo era pura fantasia! Buscar a essência de Thora e seguir cada um dos seus passos, cada um dos seus pensamentos, cada uma das suas emoções, era um exercício extremamente difícil... e perigoso. Ao menor descuido, corria o risco de interferir nas decisões da minha irmã e alterar o rumo do seu destino. Ainda assim, o instinto impelia-me adiante. Se Thora se apercebesse da minha intromissão, seria capaz de me estrangular! Mas eu não podia ficar de braços cruzados enquanto ela enfrentava a morte! Ia fazê-lo... Se a Lágrima do Sol decidisse colaborar!

Lentamente, o cristal ergueu-se até quedar-se em frente dos meus olhos as suas faces transparentes irradiando uma infinidade de cores. A minha mente entoou o sortilégio que invocava os espíritos protetores dos meus antepassados, fluindo como um cântico... até a luz me cegar para a realidade. A surpreendente percepção de que a Lágrima do Sol não impusera a menor resistência diluiu-se, no momento em que as cores definiram formas. Diante de mim estendia-se a floresta luxuriante e misteriosa... os guerreiros-lobo e Thora.

O trilho por onde seguiam era pedregoso, sinuoso, agreste para os pés humanos. Os cavalos haviam ficado para trás, tão tranquilos como se adormecidos. Adiante, uma lagoa... Este não era o caminho seguido pelos outros guerreiros! Esta era a vereda usada pelo Povo dos Penhascos para subir a Montanha da Magia! Aliás, estávamos tão próximo do cume, que os tambores nativos quase me ensurdeciam. Em breve, deveríamos vislumbrar o clarão das suas fogueiras...

Inesperadamente, Ivarr e os seus lobos saíram do trilho e entraram na lagoa. Progrediram sem hesitação, afastando-se da margem. Com água pela cintura, Thora enfrentou o fundo irregular e escorregadio, num equilíbrio precário, até o avanço do grupo ser bloqueado por um rochedo imponente, por onde a água que alimentava a lagoa se despenhava.

Os homens não pararam. No seu passo ligeiro, contornaram a cascata e desapareceram de vista. Quase a medo, a minha irmã seguiu-os, auxiliando-se das mãos para trepar pelas pedras polidas pela força da água, estacando estupefata ao descobrir que existia uma passagem por trás da cortina cintilante.

Após um banho inevitável, a luz da Lua Cheia revelou uma estranha caverna, cujo teto abatera há muito, talvez antes da memória do Homem, originando uma abertura que permitia ver a imensidão do céu. Os musgos, as raízes e as trepadeiras invadiam os sítios mais improváveis, forrando as paredes de verde e castanho. O chão era uma laje erguida acima do nível da água, tão polida que refletiu a chama dos archotes que se incendiavam ao seu redor. Sob o fulgor do anel de fogo, Thora reparou que um círculo fora esculpido no centro da pedra, por baixo do olhar da Lua, com símbolos que nem eu própria reconheci. Este era um lugar sagrado, sem dúvida, mas a magia aqui praticada era tão antiga, que o seu conhecimento não sobrevivera até ao presente. Talvez tivesse sido usado pelo mesmo povo que erguera as Pedras do Mundo...

Thora trepou para a laje e ficou-se confusa, ao deparar com a caverna vazia. Onde estariam os seus companheiros? Chamou-os, uma e outra vez, recebendo em resposta o eco da própria voz,

misturado com o cântico do ribeiro e o batuque frenético dos tambores nativos.

Eu senti a vibração de energia muito antes dela. De repente, o ar ganhara vida e o fogo dos archotes transformara-se numa chuva de labaredas. Toda a parede da gruta parecia estar em chamas... e, por entre estas, agitavam-se sombras... Homens que nunca o poderiam ser... Animais que não o eram... Gigantes de força e poder que corriam por entre as flamas, deliciados com o seu ardor, livres... finalmente livres...

Um enorme uivo fez a caverna estremecer. Vi o sangue fugir do rosto da minha irmã quando uma criatura colossal saltou do fogo e aterrou aos seus pés. Thora cambaleou, e não conteve um grito. Caiu para trás, com os olhos escancarados num misto de terror e fascínio, diante do magnífico lobo branco que a fixava com um olhar de luz. Sacudiu a cabeça, lutando contra a ilusão que a magia da caverna lhe impunha. À sua frente, Ivarr estendia-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se. Os pés do príncipe estavam descalços e as calças molhadas pela travessia da lagoa colavam-se ao corpo como uma segunda pele. Despira a túnica e cobrira os ombros e a cabeça com a esplendorosa pele de lobo. Os cabelos negros, caídos sobre o peito, acentuavam ainda mais a beleza das suas tatuagens. E o olhar... o olhar cristalino não era o de um homem, nem o de um animal... Era o olhar de um deus!

— Thora, filha de Throst...

Por trás dele surgiram três colossais lobos... três magníficos homens. Eric, Bryan e Ragnar, reuniam-se ao seu senhor, ostentando orgulhosamente a essência mística do seu espírito.

A minha irmã aceitou a mão de Ivarr e viu-se bruscamente de pé, prisioneira do seu olhar, tremendo tanto que parecia prestes a cair de novo. O rosto do príncipe desceu sobre ela; o nariz deslizando pelos seus cabelos, quase numa carícia, cheirando... reconhecendo...

— Estás com medo de mim, Thora?

Os dedos femininos crispavam-se sobre o punho do príncipe. De nada lhe valia mentir. Ele podia farejar as suas emoções.

— Sim...

Ivarr sorriu levemente, antes de se afastar. Sem lhe soltar a mão, expô-la aos seus companheiros, replicando numa voz enrouquecida que pouco fazia recordar a sua:

— Existem muitas sensações que nós queremos que tu experimentes esta noite, Thora... Mas o medo não é uma delas! Olha-nos, toca-nos com o teu coração e com o teu espírito... Estamos diante de ti como realmente somos... Irmãos de fogo, irmãos de vento, irmãos de terra, irmãos de sangue... E convidamos-te a rasgar a tua pele humana e a deixar entrar a fera que te aguarda na escuridão pura da floresta. Convidamos-te a juntares-te a nós, como nossa irmã, para que caminhes ao nosso lado até ao fim da tua vida! — Eu estava arrepiada. Thora estava extasiada.

— Mas como... Como é que isto é possível? — perguntou, depois de ter segurado as mãos de Ragnar, Bryan e Eric, para se certificar de que eles eram reais.

— Antes de mais, terás de nos jurar pela tua vida que guardarás segredo de tudo o que vires e ouvires sobre o Altar da Terra.

Quase interferi, desejando avisar Thora de que a sua anuência daria a qualquer um deles o direito de matá-la, caso a palavra fosse quebrada. Porém, ela respondeu de imediato:

— Juro que honrarei a vossa confiança até à morte, príncipe Ivarr. Ele assentiu com a cabeça e continuou:

— A criatura que matei na minha iniciação não era um lobo vulgar, nem um lobo sagrado... Era um espírito soberano, perante o qual todos os lobos respondem, até os líderes das alcatéias. Sabes o que isso significa, Thora?

A minha irmã exprimiu a sua confusão:

— Pensava que o meu pai era o mais poderoso dos lobos...

— O teu pai recebeu a dádiva do espírito de um Lobo Cinzento, um líder de alcatéia, cujo poder só pode ser superado por um igual. Existem poucos como ele... Mas o rei-lobo, além da força de um líder de alcatéia, possuiu também a capacidade de dominar as mentes dos seus inferiores. Hierarquicamente, o Throst deve-me obediência. Contudo, nunca lhe impus servidão, nem precisarei de fazê-lo, pois conheço o seu coração e a sua lealdade. Ainda sou muito jovem... tenho bastante que aprender como homem, como

guerreiro... e como Espírito da Luz. Por enquanto, devo escolher aqueles que elevarei até mim; aqueles que me serão fiéis até à morte.

Um grito estridente ecoou pela caverna. *Lança* sobrevoava a grande abertura voltada para o céu estrelado, mirando os homens com o seu olhar perspicaz. Por cima do falcão, o círculo redondo da Lua parecia crescer até absorver os outros pontos cintilantes, assimilando as brumas noturnas, transformando o lugar de culto numa câmara ardente.

O olhar abismado da minha irmã vagueou pelos guerreiros-lobo, compreendendo finalmente a importância de cada um deles. No fim, deteve-se em Ivarr:

— O que me espera não é uma iniciação normal, pois não? — perguntou, fustigada por uma multiplicidade de sentimentos.

— Não — respondeu ele gravemente. — No entanto, concedo-te a liberdade de escolher se queres partir e deixar a sorte ditar o teu destino; ou ficar e tornares-te minha irmã de sangue... Se o teu desejo for seguir os teus companheiros de iniciação, amanhã serás uma guerreira, tal como eles. Desfrutarás do respeito dos homens e esquecerás esta conversa... — Fez uma pausa, baixando o rosto até quase tocar o dela; a voz aprofundando-se com a intensidade das palavras. — Fica, e Odin decidirá se na sua casa tu serás uma predadora... ou uma presa! Quando abandonares a proteção do Altar da Terra, estarás por tua conta e o que fizeres será avaliado por aqueles que governam os destinos dos Homens. Falha e morrerás! Vence... e ganharás o privilégio de caminhar ao meu lado... Agora que já sabes o que eu sou, e o que tu serás se te revelares digna deste desafio, qual é a tua decisão?

Thora mal conseguia respirar. O seu coração ecoava o meu, mas a exaltação que nos dominava era oposta. Assisti, impotente na resolução de não interferir, enquanto ela se ajoelhava e beijava a mão do meu noivo, murmurando com uma devoção sem igual:

— Tudo o que desejo é servir-te, meu príncipe...

A respiração de Ivarr tornou-se ainda mais pesada. Forçou Thora a suster-se, declarando com solenidade:

— E assim será! Que Odin testemunhe o que aqui se vai passar e te receba nos seus braços, com o orgulho e o carinho de um pai. Que Thor guie os teus passos e oriente as tuas decisões com a sabedoria de um irmão mais velho... Quando a Lua fechar os olhos e o Sol abençoar a Terra, tu serás uma de nós, Thora, filha de Throst!

A sua mão deslizou até à bolsa que lhe pendia do cinto. De dentro dela retirou uma pequena bola de massa, escura e irregular, que, se não fosse pela cor, poderia ser confundida com a massa do pão. Eu conhecia sobejamente o sabor desse preparado, desagradável e amargo de início, que se adocicava com a saliva e o trabalhar dos dentes. Ainda na garganta, a mistura de ervas e cogumelos já começava a surtir efeito. Com o passar do tempo, a realidade perdia o significado e atingia-se um novo nível de consciência, onde o espírito se libertava e governava o corpo.

— Mastiga devagar — ordenou. — A magia das plantas dar-te-á força e coragem para desbravar a floresta e enfrentar os perigos que te esperam. Um lobo deve conhecer a fome antes da satisfação, a raiva antes do contentamento, a dor antes do prazer... Esta noite, Thora, tu sentirás a fome, a raiva e a dor! Esta noite, tu morrerás e voltarás a nascer, como uma parte de mim...

Os Homens recorriam àquela mistura desde que a nossa civilização existia. Os Sábios faziam-no para chamar a Visão; os guerreiros para destruir as sombras da inibição antes de uma batalha exigente... Porém, nem todos sabiam prepará-la e alguns não agüentavam a violência dos seus efeitos. Como aprendiz do Guardião da Lágrima do Sol, eu já ouvira muitas histórias de homens que tinham cedido permanentemente à loucura, depois de ingerirem a massa, e de outros que haviam tombado fulminados pouco depois de a engolirem, sacudidos por convulsões e vomitando espuma e sangue, até se renderem ao abraço gélido da morte. Eu queria confiar na experiência de Ivarr, mas o meu coração era massacrado pelo horror da incerteza... e pela evidência de que já era tarde para interferir.

Sem pensar duas vezes, a minha irmã aceitou a bola de massa, levou-a à boca, mastigou-a e engoliu-a. Durante todo o processo, os seus olhos não abandonaram os de Ivarr; a sua vida suspensa na

convicção do príncipe, aguardando sem saber bem pelo quê, altiva e quase provocadora, com o rosto acariciado pelos raios do luar. Ele sorriu levemente e conduziu-a ao interior do círculo esculpido no chão. Eric, Bryan e Ragnar seguiram-nos, mantendo uma curta distância.

No centro do Altar da Terra, envoltos pelo fogo mágico e pelo troar dos tambores nativos, Ivarr pressionou os ombros de Thora para que ela se ajoelhasse aos seus pés. A minha irmã não opôs resistência mas, quando o viu desembainhar o punhal que trazia à cintura, não pôde evitar que os seus olhos o seguissem. Ivarr segurou o punho com ambas as mãos e elevou-as acima da cabeça, entoando uma ovação a Odin. A um tempo, os três guerreiros-lobo que o serviam puxaram dos seus punhais e imitaram-no. As chamas dos archotes tornaram a inquietar-se e a fechar-se sobre eles, criando a ilusão de que o círculo mágico se encontrava dentro de uma parede de fogo. O olhar de Thora foi atraído para as labaredas, dentro das quais corriam sombras... Espíritos mais antigos do que os seus antepassados... Criaturas fabulosas... Lobos!

Gritou quando uma onda de fogo lhe explodiu no ventre e subiu até à garganta, cortando-lhe a respiração. O veneno começava a surtir efeito... Pressionou o peito, como se essa fosse a única maneira de impedir o coração de rebentá-lo, e caiu aos pés de Ivarr. O olhar do príncipe, feito da mesma essência das estrelas, repousou no seu corpo pequeno e indefeso, e os seus lábios moveram-se sem cessar; a voz de trovão distorcida pelo estridor dos tambores, as palavras carregadas de significado tombando sobre ela como centelhas, incendiando-lhe o sangue, queimando-lhe a alma. E o homem transformou-se em fera, a fera em deus...

Diante do olhar extasiado da minha irmã, Ivarr, na sua personificação de divindade, baixou o punhal à altura do peito e, sem hesitação, fez um corte fino e limpo sobre a carne, por cima do coração, acrescentando outra cicatriz àquelas que já haviam suscitado a minha curiosidade. Sem que os seus rostos acusassem incerteza nem dor, os guerreiros-lobo também baixaram os seus punhais e laceraram a palma da mão direita. Eric foi o primeiro a colocar a mão sobre a ferida de Ivarr. Seguiu-se Ragnar e, por fim,

Bryan. O peito do líder ficou coberto com a essência da vida dos seus servos... E, aos seus pés, Thora lutava para se manter consciente; o horror estampado no rosto denunciando a sua convicção de que ia morrer.

Ivarr, homem-fera, fera-deus, baixou-se ao seu encontro e tomou-a nos braços, forçando-a a encará-lo, enquanto ordenava:

— Não combatas as sensações... Entrega-te... Deixa-te dominar... Um lobo deve conhecer a fome antes da satisfação...

O cheiro do sangue tornava-se irresistível! O olhar enlouquecido da minha irmã cravou-se no peito de Ivarr e, como se não houvesse força capaz de detê-la, lançou-se sobre ele qual predadora faminta, colando os lábios à ferida, enterrando as unhas nas suas costas para impedi-lo de afastar-se, deliciando-se com o seu sabor...

Eu estava horrorizada e repugnada! No entanto, a expressão de Thora era de puro deleite... E Ivarr fechava os olhos e embalava-a. Estava a dar-lhe vida... Estava a dar-lhe a satisfação que prometera! Ao coro de tambores uniram-se os uivos de Eric, Bryan e Ragnar. A cabeça de Thora descaiu sobre o peito do príncipe, os lábios tingidos de vermelho, o sangue escorrendo-lhe pelo seu queixo e pescoço, o olhar extasiado... E os dedos do rei-lobo começaram a mover-se sobre a sua túnica, desapertando os cordões, afastando o tecido e revelando a pele nua e casta do peito feminino. Sem um queixume, a minha irmã aninhou-se instintivamente contra ele e, aos poucos, o calor do corpo másculo invadiu o seu; os corações batendo a compasso como se se tratassem de dois amantes deliciados.

Era a primeira vez que a minha irmã se deixava acariciar por um homem... Era a primeira vez que os seus seios se entumeciam de encontro a um peito viril... E esse peito pertencia ao meu noivo! E toda esta perversidade decorria diante do homem que lhe fora prometido, há apenas um dia! E Eric pactuava com esta depravação! O que significava isto? Estaria eu a delirar, mergulhada no mais torpe dos pesadelos?

Arrebatada pela intimidade do contato, totalmente alienada da sua identidade, Thora buscou o olhar do seu senhor. A cor verde cristalina tornara-se luminosa, feroz... Era o rei-lobo, o Espírito da Luz, que habitava a alma do príncipe que a fixava; que a mantinha

suspensa da sua magia. A voz de Ivarr soou distorcida, irreal, ao sussurrar:

— Confia em mim, Thora! Eu jamais te magoarei...

Envolta pela luz que lhe inundava a mente, embriagada pelo prazer desta proximidade proibida, ela limitou-se a suspirar, enlevada. Então, a cabeça morena do homem, enfeitada pelo focinho branco do lobo, afastou-se; todos os músculos do seu pescoço, peito e braços tensos; o olhar selvagem fixo na jovem que se rendia à sua vontade... Para, no instante seguinte, arremeter contra ela. O meu coração contraiu-se, ante a desconfiança de que ia beijá-la. Todavia, o que Ivarr fez foi imensamente pior... Ivarr mordeu Thora!

Não eram dentes humanos que dilaceravam o ombro da minha irmãzinha, rente à pele sensível do pescoço. Eram as presas afiadas de uma fera, com vigor suficiente para prostrar um veado! Porém, em vez de gritar, estrebuchar e implorar por socorro, Thora ofereceu-se em sacrifício, subjugada e submissa, até que a dor lancinante cedeu lugar a uma paz imensurável, que se espalhou pelo seu sangue e forçou os lábios a libertarem um gemido de contentamento. Se eu não estivesse a partilhar das suas emoções, jamais acreditaria!

As presas do rei-lobo libertaram o ombro de Thora e deslizaram sobre o seu pescoço, deixando um rasto de sangue por onde passavam. Olhos nos olhos e o tempo susteve o fôlego... A mão tremula da minha irmã ergueu-se, para tocar nos lábios do príncipe, encharcados com a essência da sua vida. Ele correspondeu, afastando-lhe do rosto os fios de cabelo que se libertavam da sua trança, enquanto convidava numa voz animalesca:

— Aproximem-se, irmãos! Permitam que a Thora sinta o nosso poder, a força desta união sagrada. Coloquem a vossa marca no seu corpo para que todos saibam que, esta noite, ela não será a presa de ninguém, porque nos pertence...

O primeiro a aproximar-se foi Eric. Tremendo de ansiedade, encostou os lábios à ferida que sangrava abundantemente, no ombro da sua prometida. Depois, percorreu o mesmo caminho que o seu senhor; um rasto escarlate sobre a pele branca.

No topo da Montanha da Magia e ao longo das praias da Ilha dos Sonhos, os tambores ribombavam como trovões e estremeciam o coração da Terra. Em redor do altar primitivo, as paredes de fogo estendiam-se até ao céu. Apertada entre Ivarr e Eric, Thora recebeu os lábios de Ragnar no pescoço, e depois os de Bryan. Todos beberam o seu sangue e saborearam a sua pele. Oito mãos moveram-se em carícias delicadas sobre o seu peito e costas, tocando onde nenhum homem jamais tocara, besuntando a pele jovem e inocente com o sangue do pacto. A quem pertenciam os lábios que lhe beijavam o pescoço? A quem pertenciam os dedos que lhe afagavam o ventre? A quem pertencia o peito que lhe pressionava os seios? Não importava! Há muito que Thora cedera à magia selvagem, que a assolava com uma miríade de novas e inebriantes sensações. Para onde olhava, só via os olhos luminosos das feras. O odor intenso dos seus corpos embriagava-a, e quase podia jurar que era pêlo e não pele que se movia sobre si.

Então, os homens ergueram as cabeças ao céu estrelado e, a um único tempo, enfrentaram a Lua soberana e uivaram nas suas vozes de lobo. Thora não era um lobo, por isso só podia bradar, gritar bem alto, consumida pelo ardor da loucura. E, enquanto o seu clamor se fundia com o dos lobos, a voz de Ivarr sacudia-lhe o espírito:

— Que Odin, deus da guerra e da sabedoria, te conduza à vitória. Este é o teu primeiro combate, Thora. Devora a noite sem temor e caça para mim... Caça para mim, até à morte!

Movida por uma vontade que não era a sua, a minha irmã respondeu de imediato ao apelo do rei-lobo. Com uma agilidade superior à da condição humana, deixou para trás o Altar da Terra e abandonou a caverna. Atravessou a cascata, sem que a água maculasse o sangue ritual que vestia a sua pele, e deteve-se nas rochas da margem acidentada, habituando os olhos à obscuridade, farejando o ar quente, escutando os gritos dos outros rapazes que também se aventuravam na escuridão, brandindo as armas ante um exército de inimigos invisíveis. Para muitos, este seria o fim do sonho. Para Thora era o início de uma nova vida. As certezas que eu reunira até ao momento estavam destroçadas. O equilíbrio das forças místicas fora alterado e a energia fluía em completo

descontrole, concentrando-se na jovem temerária, transformando a sua aura numa estrela.

Com um impulso arrebatado, Thora lançou-se em frente e embrenhou-se na floresta. Os caminhos que se abriam aos seus pés eram exclusivos. E onde estes a levariam ninguém podia prever... Para trás ficavam o rei-lobo e a sua alcatéia, partilhando de uma harmonia para além do entendimento humano, entoando cânticos que arrepiavam a noite.

Ivarr não cantava. Ignorou a irrequieta dança dos guerreiros e sentou-se num nicho do seu covil, com os lábios apertados e os olhos flamejantes, selvagens e cegos para o mundo. Por cima deles, *Lança* precipitou-se sobre as árvores, no encalço da rapariga. O falcão seria os olhos e os ouvidos do seu senhor nesta *Caçada* peculiar.

Só aqueles que possuem o dom de ver no escuro conhecem a liberdade que a noite concede. A claridade não oculta segredos, ao passo que a bruma traz consigo o mistério, a magia, um desafio pleno à eficácia dos sentidos. Perante as sombras que se movem, cegas e sempre iguais, há que escutar o bater do coração da natureza para distinguir as formas reveladas pela Lua; há que separar os cheiros e identificá-los; há que sentir a energia a deslocar-se no ar e no solo, e a força que vive em tudo o que nos rodeia, emanada do interior da Terra Mãe, e que alimenta os seus filhos sem exceção.

Thora não recebera a minha instrução mística, mas assimilava tudo isto, enquanto se movia através da floresta virgem, ao ritmo dos tambores que devassavam o silêncio. A terra fervilhava de vida debaixo dos seus pés e impelia-a em frente, cada vez mais depressa. Os seus olhos viam em cinzento, branco e preto, reconheciam as formas e interpretavam-nas. Não havia indicação do trilho a seguir, mas Thora não hesitava! A fonte da vida chamava-a e ela estava preparada para responder ao apelo.

Adiante, um ramo quebrado, o chão revolvido num padrão anormal, um cheiro sobejamente conhecido pairando no ar... Alguém estivera ali antes dela e montara uma armadilha. Um enorme fosso fora escavado no trilho. Mais um passo e teria caído no abismo da

derrota. Contornar o obstáculo obrigá-la-ia a sair do caminho que escolhera... Com a destreza de um gato, trepou pelo tronco irregular de um carvalho, cravando os dedos na casca quais garras afiadas, içando o corpo esbelto como se não tivesse peso, apoiando-se nos pés para obter impulso. Num piscar de olhos encontrava-se acima do alcance de qualquer homem. Esticou-se devagar, palmando a segurança do ramo seguinte, excitada pela descoberta desta nova habilidade. Encolheu o corpo e saltou, aterrando agachada sobre outro tronco. Estava habituada a trepar às árvores com os primos, mas isto era diferente. A sua natureza jazia esquecida e cedia lugar a uma criatura da floresta.

Mesmo depois de ultrapassar a armadilha, Thora não abandonou o abrigo das árvores. Descobrira que podia mover-se mais rapidamente acima do solo, sem ter de se preocupar com as ciladas dos instrutores. Aqui e além, escutava os rapazes que a haviam precedido na entrada na floresta: um caçado por um laço oculto, tão desprevenido como um rato; outro a cair na prisão de um buraco... Magnor encontrava-se perto! O odor inconfundível do seu suor, da sua ansiedade empestava o ar. Silenciosa como uma serpente, Thora avançou até ele, deslizando pelos ramos com a agilidade do vento.

O corpo alto e robusto progredia com método; os sentidos atentos à menor oscilação do ar. Quando a minha irmã se aproximou, Magnor estacou. Girou a cabeça em todas as direções, com os olhos escancarados, o nariz a farejar e o punhal pronto para desferir um golpe fatal. Thora foi forçada a admitir que o rival era um bom batedor. Ela não fizera mais bulício do que um esquilo! Contudo, ele sabia que não se encontrava sozinho.

— Quem está aí? — Rosnou ameaçador, disposto a atacar antes de ouvir a resposta. — Revela-te covarde! Tens medo de enfrentar-me?

O olhar de Thora estreitou-se. A imagem de Quinn a ser sovado, o rosto desfeito, o osso aguçado a trespassar-lhe a carne, tomou-a de assalto como um pontapé no estômago. A vontade de descer e enfrentar Magnor abertamente, punhal contra punhal, braço contra braço, incendiava-lhe o sangue...

"Um lobo deve conhecer a raiva antes do contentamento."

As palavras de Ivarr massacravam-lhe a mente. Thora sabia que um duelo com Magnor comprometeria irremediavelmente as suas ambições, qualquer que fosse o resultado final. O príncipe era uma tentação; uma armadilha dos espíritos malignos para desviá-la do seu destino. Uma tentação irresistível! A fúria da minha irmã aumentava a cada batida de coração; manchava-lhe a visão de vermelho... Aquele rapaz odioso merecia ser castigado! Como podia deixá-lo escapar impune, se o tinha ao alcance das suas mãos? Já que apreciava jogos de dissimulação, Magnor seria confrontado com um desafio à sua altura! Thora teria a sua vingança, sem que ninguém o soubesse, para além dos deuses!

Decidida, entreabriu os lábios e deixou escapar a imitação perfeita do pio de uma coruja. Não muito longe, um pássaro verdadeiro respondeu-lhe. Era impossível distinguir os dois sons, acompanhados pelo clamor incessante dos tambores. Magnor baixou o punhal e passou a mão pela testa, praguejando:

— Malditos pássaros! Quem me dera ter asas para matá-los a todos!

A minha irmã não tinha asas, mas não tardou a ultrapassar o príncipe. Manteve-se por cima do carreiro que ele escolhera, e deteve-se um pouco adiante, acorada sobre uma das árvores centenárias. Este era o local ideal para uma emboscada.

Com o punhal preso nos dentes, sentou-se e entalou as pernas num tronco sólido, deixando o corpo pender de cabeça para baixo. As folhas agitaram-se e pequenos ramos quebraram-se, mas o vento e os batiques camuflaram o efeito. Silenciosa como a morte, Thora recuperou o punhal, mordeu a trança para que não pendesse, e manteve os braços cruzados diante do peito, esperando, até que o odor do inimigo se tornou tão intenso que fedia.

Magnor surgiu e apercebeu-se da sua vulnerabilidade. Deteve-se apreensivo, cheirando o ar, escutando a noite e amaldiçoando os tambores que o confundiam. A coruja tornou a piar. O vento soprou com mais força e os ramos agitaram-se sobre a sua cabeça, deixando penetrar o luar.

Thora susteve a respiração e piscou os olhos, adaptando-se rapidamente à luz. Magnor agarrou numa vara e palpou o trilho,

buscando uma armadilha. Sentia um cheiro estranho no ar... Mas não o reconhecia. No instante em que voltava a sua atenção para o teto de folhas, o vento abrandou e a Lua desapareceu. Um furão passou a correr por entre as suas pernas, fazendo-o saltar e resmungar uma saraivada de pragas. Por fim, arriscou um passo adiante. Dois. Estacou por baixo de Thora e ao alcance das suas mãos. A caçadora escutou o coração da presa a açoitar-lhe o peito, mas não se compadeceu. Só a satisfação da sua raiva lhe traria o contentamento.

Subitamente, a floresta ganhou vida. Os ramos das árvores dobraram-se sobre Magnor e prenderam-lhe os cabelos. Às cegas, o príncipe desferiu golpes com o seu punhal, berrando num estridor. Dezenas de pássaros levantaram vôo, atordoados pelo alvoroço, e alguns chocaram contra ele, cobrindo-o com uma chuva de penas e folhas. Em pânico, o rapaz precipitou-se em frente, numa correria desgovernada, como se perseguido por um exército de demônios. Acima da sua cabeça, Thora agarrava-se com toda a força ao tronco da árvore; os olhos apertados e os dentes cerrados para conter os gritos que a sua garganta ansiava por libertar. A vertigem do poder efervescia na sua essência e devorava-lhe as entranhas como fogo líquido.

Aos poucos, os pássaros assustados foram pousando nas árvores mais próximas e a nuvem de pó, folhas e penas dispersou-se. Os sons agudos dos inquietos insetos voltaram a rivalizar com os tambores dos homens, e os predadores noturnos afoitaram-se prudentemente para fora dos seus esconderijos.

Thora apoiou-se no tronco e olhou para as mãos. Numa, segurava o punhal do nosso pai... na outra, a longa trança de Magnor! A euforia ameaçou rebentar-lhe o peito. Com a mente em chamas, guardou o punhal e a trança no cinto, e trepou pela árvore, com a rapidez e o arrojo de um esquilo, imune à dor provocada pelos arranhões infligidos à sua pele delicada. Só parou quando o véu estrelado da noite a cobriu. À sua volta, a Floresta da Magia estendia-se em todas as direções, até ao mar; uma manta verde, pujante de vida, sobre a qual ela imperava. Lá longe, o clarão das fogueiras acesas na praia projetava reflexos de fogo nas águas

serenas. Perto, quase ao nível da sua cabeça, as Pedras do Mundo estendiam os braços de labaredas ao céu. E o batuque dos tambores enlevava os espíritos...

Possuída por uma determinação superior à sua, Thora ergueu os braços à Lua e bradou um chamamento; um declarado desafio, que ribombou sobre a ilha como trovoadas. *Lança*, que a seguira fielmente, pousou ao seu lado; a densa plumagem cintilando como prata e os olhos sagazes fixando-a com a imponência de uma Entidade superior. Nos pulsos da minha irmã, o Dragão do Sol despertava e esbravejava o seu poder. Dominada pela magia que lhe fluía no sangue, Thora tornou a gritar e, desta vez, obteve resposta. Um uivo assombrou as trevas e gelou as almas dos comuns mortais, que ousavam invadir a floresta nesta noite marcada pelos deuses... O apelo do seu destino!

A um tempo, *Lança* estendeu as majestosas asas e elevou-se no céu, reclamando o reino do ar, enquanto Thora se lançava no abismo, saltando de tronco em tronco, caindo a uma velocidade vertiginosa, até encontrar o solo. Acocorada no manto de folhas e ramos mortos, piscou os olhos para se habituar à ausência de luz, esforçando-se por controlar a respiração. Aos poucos, o discernimento também regressava. Verificou com surpresa que este não era o mesmo trilho que a trouxera até ali... A sua conclusão foi sustentada pelo cântico resultante da carícia de água sobre pedras. Um ribeiro estava próximo... Menos mal! A experiência ensinara-lhe que, sempre que perdia o rumo, devia seguir um curso de água, pois este acabaria por conduzi-la ao mar e à aldeia.

Ergueu-se devagar, sentindo-se subitamente tonta. Algo caiu do seu cinto... A trança de Magnor. Recuperou-a e ensaiou um passo cambaleante. Que vertigem era esta, que lhe dificultava os movimentos? Forçou a mente a romper a cortina de névoa que ameaçava prostrá-la, e correu ao encontro do ribeiro... Porém, a meio caminho teve de deter-se. A trança do príncipe teimava em ficar para trás! Prendeu-a ao cinto mais uma vez. Só podia ser ilusão... Mas ia jurar que o cordão de cabelo negro, enfeitado com seda vermelha e anéis de prata, se tornava cada vez mais pesado! Ou estaria ela a perder as forças?

Ao chegar ao seu objetivo, Thora estacou, confusa. Não se recordava deste lugar. O ribeiro era largo mas pouco profundo, ladeado por pequenas pedras polidas e brilhantes. Uma pedra, suficientemente grande para sustentar dois adultos, repousava no centro do curso de água, forçando-o a dividir-se em seu redor. A areia da margem era escura... Até as árvores pareciam diferentes, incrivelmente esguias, e a luminosidade mais pálida! Ergueu os olhos ao céu e sofreu um sobressalto. A Lua e todas as estrelas haviam mudado de posição! Era como se tivesse adormecido na Ilha dos Sonhos e despertado noutra lugar! Porém, o rufar dos tambores persistia...

— Estou a delirar! — murmurou entre dentes. — É o efeito da mistura de ervas...

Ajoelhou-se na margem e lavou o rosto energicamente. Depois, bebeu a água cristalina com sofreguidão. Estava fresca e poucos goles chegaram para saciar a sede que a atormentava. Respirou fundo, sentindo a energia fluir pelo seu ser. Então, a trança de Magnor caiu ao ribeiro... Com uma exclamação de impaciência, Thora agarrou-a, antes que a corrente a arrastasse, e atou-a ao cinto com um nó, para se certificar de que não voltaria a desprender-se. Tornou a molhar as faces e arrepiou-se com a brisa gélida que, subitamente, lhe vergastava a pele. Pôs-se em pé de um salto, com o coração aos pinotes. Não se encontrava sozinha!

Eram três, seis, nove, doze... Instintivamente, Thora desembainhou o punhal. De onde saíra esta alcatéia? E como pudera ela não sentir o cheiro forte dos lobos, que agora empestava o ar, até estar completamente cercada? Por que não os ouvira aproximar-se?

As respostas surgiram-lhe na mente, ao ritmo das perguntas. Este não era o solo da Ilha dos Sonhos... Este era solo sagrado, onde ela não passava de uma transgressora! E os lobos diante de si não eram predadores de coelhos, caçadores de cabras e ovelhas, os troféus que os jovens guerreiros ambicionavam. Eram Lobos Cinzentos, criaturas sagradas, guardadores de almas atormentadas... Fora o líder desta alcatéia que ela desafiara, na copa da árvore, quando libertara a sua essência e esquecer a razão. Porém, ao invés de

chegar diante dele pura e digna, preparada para a batalha, Thora maculara o seu espírito ao deixar-se dominar pela ira, pela ânsia de vingança que a desviara da sua verdadeira missão. Os deuses tinham-lhe enviado sinais, tentado desprovê-la da trança de Magnor... Mas ela teimara em conservá-la! E a cegueira dos sentidos fora o seu castigo. Agora, a menor possibilidade de vitória encontrava-se comprometida. Ivarr concedera-lhe uma honra sem igual e ela desperdiçara-a... Traíra a confiança do rei-lobo. Defraudará as expectativas do *jarl* e de toda a comunidade. Magnor sairia da floresta sem glória, mas desfrutaria do prazer de gargalhar diante do seu corpo destroçado. Aos Homens, só era concedida uma oportunidade de tocar a magnitude divina... E Thora arruinara a sua!

A minha irmã apertou o punhal do nosso pai, até os nós dos dedos perderem a cor. Além do *jarl*, desconhecia outro homem que houvesse enfrentado um Lobo Cinzento e sobrevivido para relatar o feito. Porém, apesar de não possuir a força e a destreza do progenitor, Thora jamais negociaria a sua vida. Era uma guerreira e morreria como uma guerreira!

A alcatéia afastou-se para deixar passar o líder: um animal fabuloso, maior do que os seus semelhantes, com o pêlo prateado cintilando intensamente à luz da Lua. Um único salto bastou para que se posicionasse no centro da pedra que dividia o ribeiro. Os seus olhos amarelos ganharam um fulgor humano à medida que enfrentavam os de Thora, e o focinho distorceu-se, até alcançar um esgar equivalente a um sorriso de desdém. E, nesse instante em que o vento susteve o fôlego, a minha irmã apercebeu-se de que a criatura era uma fêmea.

Em unísono, os lobos começaram a rosnar. Num lugar incerto do céu, *Lança* soltou um grito de aviso, enquanto a voz de Ivarr ribombava por entre o estrondear dos tambores de festa... tambores de guerra... tambores de morte...

"Um Lobo deve conhecer a dor antes do prazer."

Thora preparou-se para o inevitável; a lâmina do punhal refletindo o luar, qual raio aprisionado na sua mão. A serenidade do seu rosto, ante tamanha ameaça, deixava-me perplexa. Quando a dor chegasse, ela recebê-la-ia sem contestação.

"Caça para mim... Caça para mim, até à morte!"

Onde estava Ivarr? Por que não socorria a minha irmã? Fora ele o mentor desta temeridade! Se não viesse ajudá-la, Thora estaria condenada! Tentei manifestar-me; intervir provocando um clarão que assustasse as feras... Porém, descobri-me a esbracejar e a clamar no vazio. A minha energia esgotava-se a uma velocidade assombrosa, devorada pela magia que brotava da Terra, com o manifesto propósito de impedir a minha interferência.

Os lobos apertaram o cerco e a líder da alcatéia investiu. Bradei, impotente para contrariar o recuo da minha essência enfraquecida, e fui sugada através da floresta, debaixo do batuque enlouquecido dos tambores. Um esplêndido lobo branco passou por mim numa corrida desenfreada, seguido por três companheiros menores mas igualmente determinados. Depois, a noite cobriu-se de vermelho. Sangue... Sangue por toda a parte! O sangue da minha irmãzinha...

O meu último pensamento foi para Thora, antes do turbilhão de desespero e dor me consumir a consciência, e a escuridão engolir o mundo.

CAPÍTULO 8

Anos de treino haviam-me ensinado a dominar as emoções, a permanecer fria e racional ante situações de extremo horror. Porém, nem o mais insensível dos seres pode quedar-se impassível ao sentir um pedaço de si fenecer. Por isso, eu gritava o nome da minha irmã, enquanto me esforçava por recuperar o controle dos sentidos.

Na minha mente esvoaçavam imagens dispersas, anuviadas, quase incompreensíveis: Thora rebolando por entre as pedras e a lama do ribeiro, partilhando um abraço mortal com a colossal loba prateada; os dentes da criatura ferrados no seu ombro, lutando para arrancar a marca do rei-lobo; o punhal que o *jarl* confiara à sua herdeira guerreira profundamente enterrado no pêlo da fera; Thora prostrada, exausta, ferida, agonizando esmagada sob o possante animal; a água límpida do ribeiro tingida de vermelho; o uivo ensurdecedor e doloroso de uma alcatéia; os gritos agudos de um falcão de guarda; a chegada tempestiva de um homem-lobo...

O Sol já nascera quando consegui suster-me nas pernas e deixar a cama. Sabia que Thora estava viva, mas ignorava por quanto tempo resistiria aos ferimentos que a loba lhe infligira. Há muito que o meu pai partira, decidido a quebrar as regras. Invadiria a floresta e resgataria a sua menina, nem que, para salvar o seu corpo e libertar o seu espírito, tivesse de enfrentar mil Lobos Cinzentos! A minha mãe ficara para trás, mergulhada numa angústia profunda. A partir do momento em que eu começara a gritar, o alarido que animava a casa do *jarl* cederia lugar a um silêncio opressivo. Para piorar a situação, Freya sentira-se indisposta e desmaiara. O elo que a unia à sua gêmea, forçara-a a partilhar o sofrimento que eu testemunhara. Perante tamanha comoção, o medo enraizara-se nos presentes, desde guerreiros a criados. Se Thora perecesse, a nossa comunidade jamais seria a mesma.

Retive o fôlego quando a porta de casa se abriu. Apoiada na tia Ingrior, vi o meu pai entrar de mãos vazias. A minha mãe correu ao

seu encontro, e as pernas quase a traíram quando Ivarr surgiu, carregando Thora nos braços. No entanto, uma batida de coração foi suficiente para que pusesse cobro ao alarido e distribuisse tarefas. Ordenou que Ivarr pousasse Thora na cama que partilhava com Freya e enxotou os curiosos. Quando a cortina do quarto das gêmeas se fechou, só eu, a tia Ingrior, a minha mãe e Ivarr nos encontrávamos no interior. O choro de Freya estremecia as fundações da casa e, com muito carinho, *o jarl* convenceu-a a acalmar-se para não perturbar a irmã.

Thora jazia, inconsciente, com a capa do nosso pai a cobrir-lhe o peito, respirando com extrema dificuldade. O vermelho do tecido estava empapado em sangue... Sangue que também cobria o tronco nu de Ivarr e as suas calças. Algum provinha do ritual que haviam celebrado, mas a maior parte pertencia à jovem guerreira. Engoli em seco quando a minha mãe afastou a capa. Era um prodígio como Thora ainda vivia! Porém, diante de ferimentos tão graves, e atendendo ao sangue que já perdera e continuava a perder, pouco podia ser feito...

Subitamente, a minha irmã abriu os olhos. A sua mão estendeu-se na direção de Ivarr, como se não nos visse, e a sua voz débil e gorgolejante arrastou-se:

— Foi... tudo... em vão... A alma... dela... morrerá... comigo...

— Tu não morrerás! — rugiu Ivarr prontamente, possuído de uma certeza tão sólida como o coração da ilha. — Eu não permitirei!

— Não... me... deixes...

— Tu caçaste para mim, Thora! A partir de hoje, somos irmãos de sangue e caminharemos lado a lado, até ao fim das nossas vidas. — O olhar cristalino voltou-se para a minha mãe, ansioso. — Catelyn...

— O que é que estás disposto a fazer pela minha filha, Ivarr? — cortou a senhora da Ilha dos Sonhos, sem permitir que ele expressasse o que tinha em mente.

— Eu darei a minha vida pela Thora — respondeu o príncipe, sem hesitação.

— E talvez tenhas de o fazer! — replicou ela, com uma severidade que me arrepiou.

— Eu posso salvá-la, Catelyn! — tornou Ivarr. — Mas preciso da tua ajuda...

Falavam como se eu não estivesse presente... ou como se fosse uma estranha, que não merecesse uma justificação. Fiquei ainda mais magoada quando a minha mãe nos pediu, a mim e à tia Ingrior, que saíssemos. Thora tombara num delírio febril e agonizante...

Detive-me junto da cortina, reunindo coragem para contrapor que talvez pudesse ser útil. Afinal, possuía o conhecimento da Lágrima do Sol... Porém, quando Ivarr segurou a mão da minha irmã, uma brisa fresca surgiu do nada e despenteou-me os cabelos. Senti o cheiro da terra molhada, após uma chuva abençoada; de folhas novas e verdejantes... de pêlo, garras e presas... de lobos! Então, compreendi que, afinal, não era da minha magia que Thora necessitava.

A praia era um santuário; o lugar perfeito para repousar o corpo e sarar o espírito. Ainda me sentia muito fraca, devido à energia que despendera no encalço de Thora, durante grande parte da noite. Porém, se o meu corpo estava cansado, o meu espírito definhava! A minha irmãzinha estava a morrer... Se Ivarr não conseguisse salvá-la, eu jamais o perdoaria! E, mesmo que o milagre se desse, e o rei-lobo devolvesse a vitalidade à sua serva, como poderia eu esquecer o que presenciara naquela maldita caverna?

Sentada na areia molhada, repousei a cabeça nos joelhos, lutando contra as lágrimas. Surpreendi-me ao verificar que não estava só, e cedi ao pranto quando os braços de Trygve me envolveram, vazando a dor que a minha alma já não tinha alento para comportar. Permiti que me embalasse e deitei a cabeça no seu peito, soluçando ao ouvi-lo murmurar:

— Não te preocupes, Edwina! A Thora vai ficar bem...

Ele viera agora da minha casa e já tomara conhecimento da tragédia. Mas, afinal... O que é que Trygve ainda estava a fazer aqui? Não deveria ter partido para a Ilha dos Penhascos, nessa madrugada, com o seu povo e Amora? Talvez tivesse ouvido falar do

que acontecera à minha irmã e decidisse ficar mais uns dias! O fato é que estava ao meu lado e eu sentia-me infinitamente grata por isso. Neste momento, o ombro do meu primo era a jangada que me ajudaria a atravessar este mar de loucura.

Um dia passou... dois, três...

Enquanto a comunidade regressava lenta e penosamente às suas ocupações diárias, os barcos dos convidados e visitantes partiam do porto, deixando para trás os grandes navios do rei Steinarr do povo viking e de Lorde Stefan McGraw. Na casa do *jarl* da Ilha dos Sonhos, ninguém conseguia descansar desde a noite do Festival de Verão.

A tia Geimy era forçada a longos períodos de inatividade e o marido mantinha-se ao seu lado, bebendo cada uma das suas palavras, suspenso do seu sorriso. Ambos sabiam que o fim do seu amor estava próximo e queriam desfrutar de cada instante que lhes era concedido.

Completamente alheada da debilidade da sua mãe, Estrid continuava a importunar-nos com mesquinhas. O fato de Magnor ter escolhido cortejar Freya deixara-a furiosa. Não voltara a pavonear-se diante do príncipe, mas não perdia uma oportunidade de cuspir o seu despeito sobre a minha irmã, pouco se importando com a sua fragilidade.

Freya estava inconsolável. O sofrimento de Thora era o seu desespero. Apesar de a família tentar animá-la, ela isolava-se e chorava até perder as forças. A única pessoa que tolerava ao seu lado era Magnor, o que me irritava para além da razão! Todavia, neste momento, nada podia fazer para desmascarar a perversidade do príncipe, sem agravar ainda mais o sofrimento da minha irmã. Por isso, mordi a língua e acatei o ar inocente do seu prometido.

Magnor acabara a *Caçada* humilhado pelo destino e frustrado em todas as suas ambições. Na manhã seguinte, os instrutores haviam-no encontrado prisioneiro de uma das muitas armadilhas espalhadas pela floresta. Todavia, em vez de admitir a derrota, ele tornara a escolher o ardiloso caminho da mentira. E eu tinha de admitir que imaginação não lhe faltava!

Magnor jurava que fora desviado do trilho certo por uma deusa, que descreveu como uma mulher tão formosa que nenhum homem lhe resistiria; loura como o Sol, com pele alva e olhar de céu. Essa criatura atraía-o com o seu cântico celestial e forçara-o a cair na armadilha. Quando o tivera à sua mercê, cortara-lhe a trança, justificando que precisava dos fios de cabelo de um jovem formoso, corajoso e poderoso, para realizar os seus feitiços. Depois, desaparecera tão misteriosamente como surgira.

A história do príncipe não foi contestada. A vaidade e a estima que Magnor devotava aos seus longos cabelos negros era do conhecimento geral. Ninguém acreditava que ele tivesse tido coragem de cortar a adorada trança para justificar a falha na *Caçada*. Deceparia uma mão antes disso! — alguém exclamara. E a descrição da deusa deixara os guerreiros extasiados. Um imbecil expressara mesmo a intenção de se embrenhar na floresta para buscá-la! Não havia desonra na derrota de Magnor, pois fora ludibriado por uma criatura encantada... E eu não tinha como provar que ele estava a mentir com todos os dentes da boca, porque Thora não trouxera a maldita trança consigo. Certamente perdera-a nas águas ensangüentadas do ribeiro sagrado.

Steinarr não se mostrara impressionado com a experiência do filho, revelando que conhecia bem a sua prole. Contudo, o seu coração de pai também lhe impunha restrições. E como, nesse momento, Magnor era a última prioridade na casa do *jarl*, a sua manha escapou incólume. O fato de se ter abeirado de Quinn para lhe pedir desculpa pelo seu arrebatamento, também ajudara! Eu mal acreditara, quando ouvira o jovem tirano prometer que, assim que o meu primo estivesse curado, o convidaria para caçar veados na Floresta dos Carvalhos, como dois bons amigos. Sem dúvida que Magnor era muito, muito inteligente! Só me restava engolir em seco e aguardar que voltasse a fazer asneira para, então, lhe cair em cima.

Quinn continuava preso à cama. Apesar de a sua vida não correr perigo, as costelas partidas causavam-lhe tantas dores que mal se podia mexer sem abafar um queixume. Bryan não saía de perto do irmão, animando-o com a descrição das suas aventuras. E, diante do

guerreiro-lobo que coloria os seus sonhos, Svana esmerava-se nas habilidades de curandeira e acariciava as nossas almas com a sua voz maravilhosa, sempre que cantava até Quinn adormecer.

Thora mantinha-se inconsciente, mas a velocidade com que sarava era impressionante. Aqueles que a haviam julgado perdida, quando Ivarr a resgatara da floresta, atreviam-se a esperar o melhor. A marca do rei-lobo não só lhe salvara a vida como lhe conferira uma robustez extraordinária, que lhe permitira prostrar a Loba Prateada e vencer a morte, contra todas as previsões. Assim que se concluísse a união do seu espírito com o espírito da Criatura Sagrada, a minha irmã despertaria para uma nova vida... como uma guerreira excepcional!

A feiticeira Catelyn não desviava o olhar da gêmea mais velha por um instante, atenta ao mais débil dos seus movimentos. E a acompanhá-la estava Ivarr, imóvel como uma estátua, recusando-se a comer, privando-se do sono, mal piscando os olhos, que se fixavam em Thora com uma determinação férrea. Ao observar o ardor com que as suas mãos envolviam a dela, fui forçada a admitir que a minha irmã se encontrava mais dependente de Ivarr do que uma árvore da luz do Sol.

Como seu senhor, ele tinha o poder de lhe transmitir a sua vitalidade e curá-la. E o empenho do meu noivo assustava-me, quase tanto como o ressentimento e a raiva que me revolviam as entranhas, de cada vez que era assaltada pelas recordações do ritual que transformara Thora num lobo da sua alcatéia.

A minha insegurança começou a notar-se nos pequenos gestos. E se a maior parte dos que me rodeavam ignoraram gentilmente o meu azedume, Estrid deparou-se com a oportunidade ideal para me ferir com a sua língua viperina. A pequena insolente mostrou-se apreensiva e atenciosa com a condição de Thora, mas não tardou a insinuar que Ivarr parecia demasiado preocupado. Chegou ao cúmulo de me aconselhar a tomar cuidado com esta súbita proximidade! Dar-lhe uma bofetada teria aplacado a minha ira, mas não mudaria o fato de que eu assistia impotente à ruína dos meus sonhos. Aos olhos de Ivarr-homem, Thora tornara-se uma guerreira poderosa, merecedora de respeito e admiração. Aos olhos de Ivarr-

lobo, Thora era uma fêmea, um espírito capaz de desafiar o seu... e de completá-lo! O amor que eu devotava à minha irmãzinha era inquestionável. Porém, no que respeitava a Ivarr, homem ou lobo, eu já não sabia o que pensar.

Encontrei Trygve na praia com o olhar perdido no horizonte, distraído da beleza do sol-pôr. Nos últimos dias, ele mantivera-se ao meu lado, como se o atenuar da minha dor o alentasse a esquecer a sua. Porque era inquestionável que o meu primo sofria desmesuradamente! E eu não podia continuar a desconhecer a razão! A luta pela sobrevivência de Thora estava ganha. Era tempo de me debruçar sobre os outros problemas que, em paralelo, me roubavam o sono.

Sentei-me ao seu lado e procurei-lhe a mão. Os olhos verdes encheram-se de lágrimas, mas não se desviaram do infinito. Fixei-o insistentemente, disparando a pergunta que eu sabia ser a chave do enigma:

— Por que não viajaste para a Ilha dos Penhascos com o teu povo, Trygve?

As lágrimas escorreram-lhe pelas faces e os seus lábios distorceram-se num sorriso amargo. Durante algum tempo guardou silêncio, mas a necessidade de desabafar acabou por vencer:

— Eu não posso continuar a ser o Sacerdote dos Penhascos — murmurou numa voz consumida pelo desgosto. — A noite mágica pode ter sido abençoada para alguns... mas foi maldita para mim e para o meu povo! Que a deusa tenha piedade de nós! Profanei a tradição, Edwina! Por minha causa, o ritual da Renovação não foi cumprido...

Trygve provou, mais uma vez, que era um homem de coragem, ao partilhar comigo o seu tormento. No dia em que o destino se divertira a brincar com as nossas vidas, ele recebera a Sacerdotisa dos Penhascos na praia e conduzira-a ao topo da Montanha da Magia, como ordenavam os costumes. Enquanto o seu povo preparava os ritos mágicos, os Sacerdotes haviam-se recolhido na Gruta da Renovação, para invocarem os espíritos dos antepassados

nativos e buscarem a benção da deusa. Não demorara para que constatassem o muito que tinham em comum.

Durante a noite, Trygve regressara à gruta, onde uma jovem o aguardava para se sujeitar ao ritual de Renovação. Porém, apesar de não ser estranho ao ato, sentira-se diferente, embriagado pela magia que brotava do coração da Terra. Após o dever cumprido, a rapariga adormecera como ditava a lei... mas o Sacerdote fora incapaz de alcançar o esquecimento. Com o corpo e a mente em sobressalto, ouvira a Sacerdotisa entrar. Por entre as pestanas, vira a sua figura pequena e graciosa, coberta de branco, lacerar a mão com o punhal... e deter-se diante dele, com a respiração suspensa. Quando, por fim, ela se ajoelhara ao seu lado e lhe tocara na testa, para recolher no sangue a sabedoria que iria depositar no ventre da Mãe da Renovação, e que seria herdada pela criança que fora concebida na cerimônia, Trygve abriu os olhos, contrariando a vontade imposta ao longo de séculos.

O meu primo não necessitou de se alongar nos pormenores. A sua mente, aberta à minha, permitiu-me reviver, fôlego a fôlego, o instante em que a sua mão envolveu a mão de Amora, impedindo-a de apartar-se... o momento em que lhe afastara o véu do rosto, revelando a perfeição que jamais poderia ser contemplada pelo olhar de um homem. Frente a frente, quebrando todas as regras, Trygve e Amora haviam-se fixado, num silêncio carregado de significado e sentimento. A mão do meu primo deslizara pela face da Sacerdotisa, numa carícia trêmula, enquanto o seu corpo pleno de masculinidade se erguia ao encontro do dela. Prisioneira do fascínio, Amora entrelaçara os dedos nos caracóis negros do Sacerdote e aguardara... aguardara pelo que jamais poderia ser, enquanto Trygve gemia angustiado:

— *Senhora minha, este é o mais maravilhoso dos sonhos... e o mais terrível dos pesadelos! Como pode o meu coração jubilar de felicidade, ao mesmo tempo que me condena...*

E Amora cortara-lhe a voz com um beijo ardente; um beijo a que Trygve correspondera com todo o vigor. Estava prestes a enlouquecer e a puxá-la para o seu lado, quando a Sacerdotisa

recuperara o discernimento e se afastara, correndo para fora da gruta... sem completar o ritual.

— Existe uma profecia na Ilha dos Penhascos... — concluiu ele, tão transtornado que mal conseguia respirar. — Uma profecia que fala de um varão sem marca, responsável pela destruição do seu povo. Desde que há memória, os Sacerdotes unem esforços para evitar a calamidade. Agora, deitei tudo a perder! Por minha causa, a mão da Sacerdotisa não tocou no ventre da mulher que concebeu... Essa criança nascerá sem a bênção do sangue! O meu filho... O meu filho está amaldiçoado!

Franzi o sobrolho, em manifesta discordância. Até podia aceitar que um Homem comum dissesse uma tolice destas, mas não alguém com a preparação de Trygve! O seu desespero... a sua culpa deturpavam-lhe o raciocínio. E eu tinha a obrigação de sacudilo até despertá-lo!

— Estás a deixar-te perturbar pelas emoções — repliquei. — Uma profecia não é uma verdade indiscutível! Nós aprendemos que a sorte pode ser contrariada. Além disso, se acreditas que a criança gerada nessa noite vos trará problemas, não será prudente vigiá-la?

— Eu não posso ir para a Ilha dos Penhascos, Edwina!

— E por que não?

— Porque me apaixonei pela única mulher que me é proibida! — revidou ele, impaciente. — Não compreendes? Agora que vi o rosto de Amora, que conheci o sabor dos seus lábios, ser-me-á impossível viver ao seu lado sem desejá-la!

— E como viverá ela, julgando que lhe voltaste as costas? Que se tornou indigna aos teus olhos? Permitirás que carregue sozinha esse fardo, diante do vosso povo? Tu não foste educado segundo as crenças dos nativos e, ainda assim, empalideces quando mencionas a tal profecia. Já imaginaste a agonia de Amora? A lei proíbe-vos de se deitarem... mas não vos proíbe de estar juntos, de se acarinharem e amarem. Se a deusa vos pregou esta partida, deve ter os seus motivos! Tu juraste que mudarias para melhor a vida do Povo dos Penhascos, primo! Assume a tua missão! De outra forma, jamais te perdoarás... e jamais conhecerás a felicidade!

Trygve ficou-se em silêncio, observando o mar a acariciar a areia branca e a revolver as conchas de cores delicadas. Eu enterrei os pés na suavidade úmida e respirei fundo, convicta de que tocara no seu coração. Por cima de nós, uma gaivota soltou um grito agudo, antes de juntar-se às companheiras que passeavam a curta distância, debicando a areia em busca de um petisco. Um grupo de focas aproximou-se da praia, rasgando as ondas com os corpos escuros e roliços, chapinhando e libertando sons que podiam ser gargalhadas de satisfação. Se Thora estivesse conosco, não hesitaria em mergulhar para brincar com elas...

— Recordas-te da tarde em que a Thora saiu do mar montada na carapaça de uma tartaruga? — perguntou Trygve, comprovando o nosso elo.

— A minha mãe ia morrendo de susto!

— E da vez que jura ter visto o Povo da Água a rondar a ilha?

— Se ela o afirma, é porque é verdade — retorqui com firmeza. — A Thora nunca mente!

A mão de Trygve apertou a minha, enquanto buscava o meu olhar.

— Ficarás bem?

Sorri francamente, sentindo um peso abandonar-me o peito.

— Se precisar de ajuda, prometo que acorrerei sem demora à Ilha dos Penhascos, para buscar o meu primo Sacerdote!

— Serás sempre bem-vinda... Mas toma cuidado com os *Sentinelas!*

— E achas que umas lagartixas enfezadas poderão impedir-me de te ver?

Trygve correspondeu ao meu sorriso e estreitou-me nos braços.

— Não, Edwina! Tu és uma força da natureza! Nada nem ninguém te pode deter!

O olhar verde cristalino de Ivarr foi a primeira coisa que Thora encontrou, ao despertar para a sua nova vida. Eu estava junto deles e senti um chicote de energia estalar no ar. O meu noivo afastou-se para permitir que a família se abeirasse da pequena heroína, mas manteve-se por perto, continuando a fixá-la como se já não

soubesse fazer outra coisa. Foi só quando Eric a estreitou nos braços, que ele finalmente reagiu, abandonando a casa. O meu primeiro impulso foi segui-lo, mas estaquei, prisioneira do orgulho. Mesmo que a suspeita que me angustiava se confirmasse, o que podia fazer? Berrar o meu ultraje? Humilhar-me? Nem pensar! Por muito que gostasse de Ivarr, jamais o faria!

Seria impossível manter Thora na cama por mais do que um ou dois dias, já que não tinha nenhum osso partido e a maior parte das feridas resultantes da luta com a loba estavam a sarar bem. Em alguns sítios, onde as garras e as presas da criatura lhe haviam dilacerado a carne, as cicatrizes jamais desapareceriam. Porém, ao contrário de qualquer outra mulher, que choraria de desgosto e vergonha, e as esconderia para o resto da vida, Thora exibí-las-ia com orgulho, pois eram o testemunho da sua conquista.

A marca das presas do rei-lobo brilhava no seu ombro, rente ao pescoço, como se imposta por um ferro em brasa. Nos últimos dias, eu estivera atenta e verificara que Eric, Bryan e Ragnar partilhavam dessa cicatriz cerimonial. Tinha de habituar-me à idéia de que, agora, Thora pertencia à sua alcatéia, e estava sujeita às decisões soberanas do Espírito da Luz. Não obstante, se Ivarr desenvolvesse um afeto mais profundo pela minha irmã, era melhor que o assumisse de uma vez! Eu preferia ficar sozinha, e dedicar-me de corpo e alma à minha Arte, e à missão de Guardiã da Lágrima do Sol, a casar-me com um homem que desejava outra mulher.

O meu noivo não dormiu em casa, mas ninguém comentou a sua ausência e eu fingi não me importar. Durante a noite, Thora delirou, febril, agitando os braços como se pretendesse esmurrar um inimigo invisível... e gritando pelo rei-lobo. Eric estava conosco e apercebeu-se do meu choque. Nada apreensivo, declarou:

— Não te preocupes, Edwina! A Thora recuperará em breve!

Instintivamente, revidei num tom tão áspero que me surpreendeu:

— Não te incomoda que a tua noiva clame por outro homem?

Eric estreitou o olhar, sem alcançar a origem do meu azedume.

— E por que deveria? A Thora chama pelo nosso líder, porque só ele pode aliviar a sua dor.

Pura lealdade canina! Voltei-lhe as costas, mordendo a língua para evitar dizer algo de que me arrependesse. O meu problema não era com Eric! Era com Ivarr! E ele não podia fugir eternamente! Mais tarde ou mais cedo, teria de prestar-me contas por ter envolvido a minha irmã na imoralidade à qual ousava chamar ritual.

Trygve estava prestes a saltar para a canoa que o levaria à Ilha dos Penhascos, quando Ivarr surgiu na praia montado no garanhão *Bravo*, que se vergava à sua autoridade. O herdeiro do trono viking desmontou e estreitou o meu primo, desejando-lhe sorte para a nova vida que escolhera.

Pouco depois, vi Trygve partir e tive de cerrar os dentes para não chorar. Era irônico pensar que, depois da sua intenção me ter causado tanta revolta, fora eu quem acabara por empurrá-lo rumo à aventura que o aguardava, por saber que ele só seria feliz junto de Amora e do Povo dos Penhascos. Recuei quando a mão de Ivarr cobriu a minha, mas ele relevou-me a inquietação, acreditando que esta se devia ao abalo do momento, e liberou-me para confortar a tia Ingrior.

Em casa, o meu noivo abeirou-se mais uma vez de Thora. No entanto, o seu trato estava diferente, sem um pingote de emoção. Mal solicitou a minha companhia, declarei assanhada:

— Temos de conversar! A sós!

Surpreendido com a minha irritabilidade, limitou-se a responder:

— Está bem! Vamos até à praia?

Caminhei adiante dele e só parei à beira-mar. O rosto másculo denunciava cansaço, mas o carinho no seu olhar não se alterara.

— O que é que se passa contigo, querida? Não estás bem...?

— Como é que queres que eu esteja bem, Ivarr?

Ele ergueu as sobrancelhas e encolheu os ombros, demonstrando-se surpreendido.

— Não percebo o que te apoquentas! É o Trygve? A Thora?

— Na verdade, és tu! — volvi agressivamente.

A sua expressão carregou-se e a voz denunciou irritação ao retorquir:

— Antes de continuares com esse ataque de fúria, importas-te de me explicar o que foi que eu te fiz?

— Eu presenciei o teu ritual! — respondi, sem paciência para desperdiçar palavras. — Vi tudo o que fizeste e ouvi tudo o que disseste naquela caverna. Queres que esteja feliz? E nem tentes convencer-me de que o que aconteceu foi “exigência da cerimônia”, porque eu não sou parva! Tu aproveitaste-te da inocência da Thora...

— Basta, Edwina!

O seu grito deixou-me muda e a tremer. Quedamo-nos em silêncio, medindo forças com o olhar. As acusações martelavam-me a língua, mas Ivarr antecipou-se, objetando num tom perigosamente baixo e enrouquecido:

— Quem te deu o direito de te intrometeres nos meus assuntos? O ritual que presenciaste é sagrado... e secreto! A tua bisbilhotice foi ofensiva, e só te perdôo porque sei que estavas preocupada com a sorte da tua irmã...

— E desde quando a Thora é um assunto teu? — cortei, fervendo de raiva.

— Não foste tu que me suplicaste que a pusesse à prova? — contrapôs, mordaz. — Brincar com o destino é arriscado, Edwina... Que te sirva de lição! Eu não sonhava que as coisas evoluíram desta forma! Contudo, alegro-me que assim tenha sido. Se presenciaste o ritual, sabes que a tua irmã decidiu livremente e brilhou na sua conquista. Devias dar-te por satisfeita...

— Satisfeita por te ver despir a Thora e devorá-la viva?

Ivarr sacudiu a cabeça e praguejou:

— Enlouqueceste? Com os conhecimentos que possuis, devias compreender melhor do que ninguém a solenidade e a seriedade desse ritual! A minha magia é diferente da tua, mais física, mais aguerrida... E é essa magia que me une aos meus lobos. A tua irmã é especial, direi mesmo, única... E provou-o! Aquela cerimônia tornou-nos irmãos de sangue... O teu ciúme é ridículo!

— Ridículo? — repeti, frustrada por ser incapaz de simular frieza. — É óbvio que a Thora não é apenas mais um lobo na tua alcatéia! Ela é uma fêmea... O par do rei-lobo! Vós desenvolvestes uma ligação especial; um sentimento muito mais forte do que aquele que partilhas com o Eric, o Bryan, o Ragnar...

"*E comigo!*" — Pensei, mas não me atrevi a afirmá-lo. Contudo, Ivarr ficou subitamente sombrio, como se eu o tivesse atingido pela primeira vez. Esperei que rejeitasse a minha teoria... Almejei que me estreitasse nos seus braços e jurasse que eu era a única mulher que ele desejava. Porém, a sua voz soou gélida quando voltou:

— A Thora é mais forte do que eles, por isso eleva-se até mim. Mas a nossa ligação é espiritual! O Eric é o meu melhor amigo... — Deteve-se abruptamente, como se decidisse que não tinha de me justificar a sua lealdade. — Como futura Guardiã da Lágrima do Sol, a tua percepção da realidade é muito deficiente! Se te deixas dominar por sentimentos tão mesquinhos, talvez "O Que Tudo Vê" deva procurar outro aprendiz...

— E talvez tu devas procurar outra noiva!

Cerrei os dentes, sem acreditar no que dissera. Senti os olhos encherem-se de lágrimas, e os joelhos quase cederem sob o peso do corpo. Tive vontade de saltar para os seus braços e pedir-lhe desculpa, mas o orgulho venceu. Mantive-me ativa, aguardando por um veredicto que decerto seria implacável e definitivo.

Ivarr estava lívido e respirava com dificuldade. Mil e um sentimentos cruzaram-lhe o olhar, mas a sua expressão não degelou. Após uma eternidade, acabou por mastigar:

— Vou perdoar-te, porque sei que estás cansada e perturbada. Mas fica ciente de uma coisa... Só me casarei com uma mulher que me devote o amor e a confiança que eu mereço!

Fiquei a vê-lo afastar-se, incapaz de reagir, envenenada pela certeza de que esta discussão determinara o fim do meu noivado. Depois, sentei-me na areia e chorei, enquanto as ondas recuavam e a praia se enchia de ruidosas gaivotas, que desdenhavam da minha amargura.

Catelyn era mãe, amiga, cúmplice e confidente, curandeira do corpo e do espírito. Sempre adivinhava quando uma das suas meninas necessitava de ajuda, sem que tivéssemos de pedi-la. Por isso, não me surpreendi quando espreitou pela cortina do meu quarto e avançou até à cama, sentando-se ao meu lado. Há muito

que eu parara de chorar, mas ainda tinha os olhos inchados, por isso declinara o jantar. Não queria que Ivarr me visse nesta prostração!

— Queres contar-me o que se passa? — perguntou-me, sem exigência. Se eu me recusasse a falar, ficaria ao meu lado apenas para me confortar. Mas eu precisava de desabafar... e, mais do que tudo, ansiava pelos seus conselhos.

— Eu discuti com o Ivarr — confessei, ainda que cautelosa. — Receio... que ele esteja a apaixonar-se pela Thora.

— E disseste-lhe isso?

Senti o coração mirrar, ao constatar que a minha mãe não acusava surpresa.

— Disselhe coisas muito piores! — volvi a custo. — Oh, mamã... É verdade, não é? O que é que eu faço?

Ela ponderou, antes de continuar:

— Por enquanto, o elo que se estabeleceu entre o Ivarr e a Thora não representa uma ameaça para ti... As emoções intensas que vós experimentastes durante o Festival de Verão estão a afetar o vosso julgamento. Todavia, combater o fogo com fogo é um erro, filha! Se amas o Ivarr, tens de ser paciente e tolerante... Deves aceitar a sua natureza, e ajudá-lo a superar as incertezas!

Agora eu estava intrigada!

— Tu sabes... Sabes o que se passou na floresta?

— A minha Visão diminuiu quando os Feiticeiros me castigaram, mas continuo a ver e a ouvir o suficiente — prosseguiu ela serenamente. — As forças divinas concederam ao Ivarr um poder extraordinário, selvagem e perturbador. Antes da tua irmã, o rei-lobo iniciou três companheiros... Pelo seu senhor, qualquer um deles morrerá com um sorriso nos lábios. Porém, no que respeita a Thora, esse elo é ainda mais profundo... mas não deixa de ser místico! Tu és a noiva do Ivarr e serás a sua mulher... No entanto, para que a vossa união seja perfeita, terás de amar o Espírito da Luz, para além do príncipe e do homem! Achas que és capaz, Edwina?

Não sabia o que responder. E isso, só por si, era tremendamente grave! Se eu amasse Ivarr, devia dispor-me a aceitar a criatura mágica que vivia na sua alma, sem contestação... Porém, a simples lembrança do rei-lobo a cravar os dentes no ombro de Thora

causava-me calafrios. De momento, não estava preparada para enfrentar este dilema. Aproveitei a oportunidade para falar de outra questão tormentosa... Um segredo que já não suportava guardar:

— O primo Edwin procurou-me na véspera do Festival de Verão, sob a forma da sua essência... Cresceu... Tornou-se um homem...

Num piscar de olhos, as cores abandonaram as faces da senhora da casa. Os seus dedos apertaram a pedra azul de Aranwen, enquanto me interpelava com uma inquietação crescente:

— Ele disse alguma coisa? Quais são os seus planos?

— Não... — tartamudeei, insegura. — Ele... simplesmente revelou-se!

— Foi por sua causa que tu desmaiaste?

Confirmei e a repreensão não se fez esperar:

— Devias ter-me contado de imediato, filha! Tens noção do perigo que enfrentaste? De certeza que o Sigarr distorceu a personalidade desse rapaz, nestes últimos anos. A forma provocadora como se manifestou é a prova de que já não podes confiar nele! Promete que me contarás se tornar a procurar-te! E jura que não tomaras a iniciativa de buscá-lo!

Eu não esperava uma reação tão violenta! É certo que antecipara alguma apreensão... Mas a minha mãe estava em pânico! Aquiesci a tudo para sossegá-la. Todavia, ela não se tranqüilizou:

— Viste se ostentava alguma tatuagem? Um dragão desenhado no peito...

— Não... Por favor, acalma-te, mamã! Se o Edwin me quisesse mal, teria permanecido oculto até completar o seu treino. Então, atacar-me-ia de surpresa...

— E quem te garante que o seu treino já não terminou? Mantém-te alerta, Edwina! O Guardiã da Lágrima da Lua é um mestre de manipulação. Se o seu pupilo possuir metade da sua habilidade, pode pretender tocar o teu coração, para depois te destruir! Não te esqueças de que, para além dos ensinamentos daquele feiticeiro maldito, ele também guarda o ressentimento pelo abandono. Nem sou capaz de imaginar com que aleivosias a sua mente foi moldada!

Acordei a meio da noite com uma carícia no cabelo. Abri os olhos, esperando encontrar a minha mãe, mas o quarto estava vazio. Ao meu lado, Freya dormia profundamente. Decerto sonhara! Fechei os olhos, sentindo-me cansada. Felizmente, faltava muito para o dia nascer...

A sensação repetiu-se. Apelei a toda a vontade para me manter inerte. A energia que se manifestava era fenomenal... Libertei a mente e consegui vê-lo, alto e poderoso como um guerreiro bem treinado; o esplendor do seu olhar, de um verde extraordinário, contrastava com a cor dourada da sua pele. Os dedos brilhantes da sua essência entrelaçavam-se nos meus caracóis, afagavam-nos... Para depois deslizarem sobre a minha face...

Levantei-me bruscamente e Edwin afastou-se. Antes que pudesse esboçar um gesto, já ele desaparecera. Porém, desta vez, não iria deixá-lo partir sem uma explicação! Saltei da cama e corri para a rua, descalça e em camisa de noite, disposta a alinhar no seu jogo.

O rasto da sua energia guiou-me até à praia. Deixei para trás a luz dos archotes que iluminavam a aldeia e caminhei até ao mar, debaixo do olhar atento das estrelas. A noite estava fria e a areia gelava-me os pés. A presença de Edwin era muito forte... mas eu não conseguia vê-lo, nem mesmo apelando às minhas habilidades.

— Edwin... — chamei baixinho, temendo que a minha voz ecoasse no silêncio que embalava o povoado e despertasse a atenção dos guardas de vigia. — Onde estás? Deixa-te de brincadeiras...

Ele surgiu tão bruscamente que me sobressaltou. Recuei dois passos e, sem querer, entrei na água. A onda que se enrolava na areia abriu caminho por entre as minhas pernas e molhou-me a barra da camisa. Estava gelada! Mal contive um grito, sobressaltada, assustada... e ainda assim, tomada por uma felicidade tão grande que não me cabia no peito. Edwin soltou uma gargalhada, numa voz semelhante à do seu pai. Estendeu os braços e puxou-me ao encontro da sua forma espiritual, resgatando-me ao mar. Não resisti, e no instante em que nos tocamos houve um reconhecimento, uma fusão de energia que me roubou o fôlego. O frio desapareceu como por encanto... Estar nos braços de Edwin era como chegar a casa,

depois de um dia de trabalho duro; como beber uma malga de leite quente com mel, após uma noite ao relento...

— Senti tanto a tua falta... — A sua voz entrou em mim e envolveu-me o coração. Apertei-o nos braços como se fosse real, e desatei a chorar, incapaz de me controlar, incapaz de parar de tremer, incapaz de lhe responder. A minha mãe estava enganada! O meu amigo voltara! Desejei que este momento durasse para sempre, mas o tempo corria contra nós. Tinha tanto para lhe perguntar... tanto para lhe dizer...

— Como é que estás? — inquiri, sem saber por onde começar. Ele permitiu que me afastasse o suficiente para encará-lo, antes de responder:

— Sobrevivi...

— Não se passou um dia, um instante, que não pensasse em ti! — exclamei. E era verdade!

Desta vez, ele limitou-se a mirar-me, subitamente sério. Antes que eu pudesse formular outra pergunta, apelou:

— Preciso da tua ajuda, Edwina! Em breve, o meu mestre irá pôr-me à prova. Já o tem feito, ao longo dos anos... Porém, desta vez, se falhar morrerei. Virás em meu auxílio, quando te chamar?

Estremeci sem querer, assaltada pela gravidade dos avisos da minha mãe. Ele apercebeu-se e retrocedeu, quebrando o nosso elo; os braços pendendo ao longo do corpo e uma expressão magoada, quase rancorosa, no rosto cintilante.

— Não confias em mim! — replicou secamente. — Tens medo de que eu esteja a preparar-te uma armadilha... Devia ter adivinhado que reagirias assim! Por mais bofetadas que a vida me dê, acabo sempre por esquecer-me que estou sozinho... que ninguém se importa...

— Edwin...

— Esquece que me viste!

— Edwin!

Consegui detê-lo quando a sua energia já se desvanecia. A minha veemência foi tal, que alcancei a sua mente; assimilei a tristeza que lhe esmagava a alma, que lhe rasgava o coração.

— Eu irei, Edwin! — murmurei, ciente de que estava a quebrar a promessa que fizera à minha mãe, mas remetendo esse fato para um lugar inóspito da consciência.

Os seus braços voltaram a estreitar-me. Aos poucos, a raiva que o fustigava serenou e o seu calor tornou a envolver-me, livre de ressentimentos, delicioso...

— Como saberei...? — Comecei, mas ele interrompeu-me:

— Saberás! Tenho de ir... Já me arrisquei demais! Se o meu mestre sonhar que te procurei, arranca-me o coração!

Eu não possuía argumentos para contrariá-lo. Por tudo o que já me fora contado acerca do feiticeiro Sigarr, o temor do meu primo tinha fundamento. Vi-o desaparecer, sentindo-me subitamente gelada, desamparada e exausta. Apertei os braços em torno do peito, apressando-me no regresso a casa. Se alguém me apanhasse na rua, a meio da noite, toda molhada e coberta por areia, teria de inventar uma boa história para me justificar. Estava tão concentrada em esgueirar-me pelas sombras, correndo e arfando, esquivava como uma vulgar ladra, que nem distingui o vulto que emergia da escuridão, do lado oposto da rua, e deitava a mão à porta da casa do *jarl*, ao mesmo tempo que eu.

Estaquei diante de Magnor e o rosto do rapaz refletiu o meu susto. Porém, recuperou mais depressa e sorriu maliciosamente, mirando-me de alto a baixo com declarado desprezo. Enquanto eu ainda engolia em seco, ponderando se devia ou não explicar-me, ele entrou e fechou-me a porta na cara. Segui-o em silêncio e dirigi-me rapidamente ao meu quarto, sacudindo a areia dos pés e entrando na cama com cautela, para que Freya não despertasse e sentisse a umidade das minhas vestes, que o vento não tivera tempo de secar.

Ao reviver na mente tudo o que acabara de me acontecer, uma pergunta menor sobreveio. Para onde se escapulira Magnor, a coberto da escuridão? Depois do encontro com Edwin e do seu apelo perturbador, inquietar-me com os ardis do jovem príncipe era quase ridículo! Todavia, a dúvida permanecia... e o instinto avisava-me que a resolução desse mistério era crucial.

CAPÍTULO 9

Foi o *jarl* da Ilha dos Sonhos quem entregou à sua filha a pele da loba que ela derrotara na *Caçada*. Discursou diante de parentes e de amigos, enaltecendo as habilidades da nova guerreira do povo viking, e exibindo com orgulho o troféu de caça. Se alguém questionara que Thora combatera um animal sagrado, as suspeitas desvaneceram-se após a observação da fabulosa pele. A Loba Prateada tinha quase o dobro do tamanho de um lobo comum, o seu pêlo era de um tom metálico e as suas presas cintilavam como aguçadas lâminas de marfim.

Todos admiraram o majestoso animal e congratularam a heroína do Verão. Envaidecida, Thora só se engasgou quando lhe solicitaram que partilhasse o relato da sua aventura. Porém, Ivarr acorreu em seu socorro, contornando a situação com uma perícia que satisfaz os mais distraídos e conformou os mais exigentes. Era sabido que a mística de uma união sagrada devia permanecer intocada. O assunto não tardou a ser esquecido, enquanto os planos para o futuro da minha irmã eram traçados.

Com uma resignação azeda, ouvi Ivarr pedir o consentimento do *jarl* para que Thora o acompanhasse no regresso ao País dos Vikings. A facilidade com que o obtive deixou-me perplexa. Esperara que os meus pais resistissem a deixar a filha partir. Contudo, ambos sorriam e presenteavam-na com o seu apoio incondicional.

Abandonei a casa a meio da festa, desencantada. Precisava de silêncio, de respirar ar leve, para pôr os pensamentos no devido lugar. Subir a montanha ao encontro das Pedras do Mundo seria o ideal, mas não podia ausentar-me por tanto tempo, sem que a minha falta fosse notada. Resolvi sentar-me na quietude do celeiro, onde pouco mais ouviria do que o eco das vozes e da música, misturado com o balido dos animais do estábulo vizinho. Um momento acalentada pela magia da Lágrima do Sol chegaria para restabelecer as minhas energias.

A porta estava entreaberta. Detive-me antes de empurrá-la, ao ser confrontada com o eco de uma gargalhada que me eriçou os cabelos. Magnor... E não se encontrava sozinho! Ao riso irritante do príncipe sobrepôs-se o de Freya, fresco e deleitado. Rangi os dentes, fulminada pela vontade de irromper pelo celeiro e estragar-lhes o arranjinho. Contudo, a razão avisava-me que, se perdesse a cabeça, acabaria por virar Freya contra mim.

Ao alvoroço seguiu-se o silêncio. Atrevi-me a espreitar e fiquei petrificada com o cenário revelado pela luz da lanterna. Magnor encostara a minha irmã a um dos pilares de madeira e presenteava-a com beijos leves no rosto, seguindo um trilho que o conduziria aos seus lábios; as mãos reclamando a posse da sua cintura sem o menor pudor.

Recuei, engolindo um grito. O que é que aquele energúmeno julgava que estava a fazer? A namorar — volvia uma voz irritante, que me lembrava que Freya estava prometida a Magnor. Eu tinha de fazer alguma coisa! Não podia continuar a assistir impassível à ruína da minha irmãzinha!

Sem aviso, a porta escancarou-se. Freya saiu a correr na direção de casa, rindo como uma criança travessa, tão eufórica que nem me viu. Ocultei-me nas sombras e aguardei que Magnor a seguisse, fervendo por dentro; a raiva crescendo no meu ventre e subindo até à garganta como uma bola de fogo prestes a incinerar aquele miserável abusador.

Ele demorou-se no interior, desfrutando da exaltação da sua conquista. Quando enfrentou a noite, ostentava um sorriso vitorioso. Dei-me a conhecer, apelando o seu nome. Magnor estacou, hesitante, contrariado por ter sido apanhado desprevenido. Porém, quando me encarou, o seu esgar era uma mistura nada amistosa de troça e desafio.

— Estimada cunhada... Devo concluir que te cansaste das bruxarias e decidiste tornar-te espiã?

— Poupa-me à tua má educação! — volvi rispidamente. — Não tenho tempo nem paciência para aturar os teus impropérios!

As suas gargalhadas provocavam-me calafrios! Como é que um rapazola tão ignóbil tinha o poder de me tirar do sério? Caminhou ao

meu encontro e aproximou-se perigosamente, sorrindo zombeteiro, e fixando-me sem piscar.

— Minha querida Edwina... Muito me ferem as tuas palavras! O que fiz para merecer tamanho ressentimento? Por acaso, a tua irritabilidade deve-se ao recente esfriamento do afeto do meu irmão? Já todos reparamos que, por causa de uma fedelha grosseira, o Ivarr tem negligenciado a sua bela e ardente noiva...

— Estou a avisar-te, Magnor...

— Se bem que, esta noite, parecias satisfeita! Quem foi que te consolou? Algum pescador...?

A minha mão estalou na face do insolente, antes que eu sequer pensasse em agredi-lo. Ele cambaleou com o impacto, mas não desmanchou o sorriso.

— Vou perdoar-te esta ofensa, para te prova que estou solidário com o teu sofrimento. Não te inquietes, Edwina! O meu venerado irmão há de honrar a sua palavra e desposar-te, apesar do seu corpo queimar de desejo pela Thora...

— Tu não passas de um reles ordinário, Magnor! — atalhei com uma frieza glacial. — Envergonhas a tua família a cada sopro que respiras!

— A nossa família, distinta cunhada — frisou, nada incomodado com a ofensa. — Porque, ainda que o meu irmão te despreze, a família do rei irá unir-se à família do *jarl*...

— Só se eu não puder evitá-lo! — repliquei irada. — A Freya não é tola! Em breve, perceberá que tu não passas de um mentiroso, de um trapaceiro sem escrúpulos...

— Essa é a tua opinião! — revidou ele, tão descontraído como se eu tivesse acabado de lhe tecer o maior dos elogios. — A Freya pensa de outra maneira! Ama-me perdidamente... E tu não podes fazer nada contra isso!

Cerrei os lábios para conter um vômito de insultos. Jogar pelas regras deste verme peçonhento seria um erro fatal. Sustive o seu olhar com firmeza, rosnando ferozmente:

— Se te resta alguma decência, um pingo de dignidade, procura o meu pai e desfaz esse compromisso ridículo. Desgraça a vida da minha irmã, e perseguir-te-ei para além da morte!

— Não me faças borrar as calças com medo das tuas ameaças, excelentíssima cunhada, ou teremos de concluir a nossa conversa no meio de um cheiro pouco agradável!

— És desprezível!

— E tu uma frustrada! Vai rebolar na areia e deixa-me em paz!

Fiquei pregada ao chão, enquanto ele se afastava; as suas vis gargalhadas açoitando-me os ouvidos. No fim, Magnor tirara-me do sério e eu acabara por não descobrir o que ele andara a tramar na noite anterior. Raios, como odiava aquele imbecil! Tinha de impedi-lo de se casar com a minha irmã, custasse o que custasse.

A noite ia avançada quando as mulheres da casa começaram a recolher-se. Os homens ficaram à mesa, partilhando os seus feitos e dissabores por entre gargalhadas e canções regadas com cornos de cerveja fresca.

Acompanhei Thora ao quarto e desejei-lhe boa sorte para o seu futuro como guerreira. Freya já dormia, apesar da algazarra do salão. Era pouco provável que despertasse, mas achamos por bem sussurrar.

— Tu não concordas com a minha decisão, pois não, mana? — perguntou-me ela, com uma expressão que denunciava tristeza. — Achas que estou errada?

— Não sei! — respondi com sinceridade. — Por vezes penso que sim... Outras, que não... O tempo o dirá! Vive o momento, irmãzinha! Não estás feliz?

— Tanto que nem consigo colocá-lo em palavras!

Nada havia a acrescentar. Despedi-me e dirigi-me ao quarto onde Quinn repousava. O meu primo estava acordado e fez-me sinal, pedindo que falasse baixo. Svana adormecera sentada no chão, com a cabeça sobre a cama, e ele acariciava-lhe os longos cabelos que se espalhavam pela coberta, com um ar embevecido.

— É melhor despertá-la! — fiz-lhe notar.

— Eu sei — respondeu-me com um suspiro. — Mas ainda não tive coragem... Ela é tão bonita! Nem me importo de suportar as dores, só para desfrutar do prazer da sua companhia!

Quinn era sempre tão sincero, que a sua afirmação não me surpreendeu. Porém, sentime na obrigação de alertá-lo, antes que o brilho do seu olhar se aprofundasse.

— A Svana gosta do Bryan...

— Eu sei! — atalhou, estendendo-me a mão sã. — Não te preocupes, prima. Conheço o chão onde piso. A Svana jamais olharia para um rapaz como eu... especialmente agora, que estou nesta desgraça!

— Tu vais recuperar...

— Não, não vou! — objetou com uma segurança comovente. — Pelo menos, não mais serei como era! A tia Catelyn fez o possível... Mas é óbvio que não voltarei a erguer uma espada com a firmeza de outrora. Os meus dias de guerreiro terminaram, Edwina! E o que me surpreende é que isso pouco me importa! Estive a conversar com o meu pai... Posso fazer muito pelo nosso povo fora do campo de batalha. Quando deixar esta cama, hei de tornar-me um grande homem!

Apertei-lhe a mão e repliquei:

— Tu já és um grande homem, Quinn! Tenho a certeza de que irás superar todas as dificuldades que te surgirem ao longo da vida e que realizarás tudo a que te propuseres. Ele correspondeu ao meu aperto e respirou fundo. Depois, sacudiu Svana levemente, até que ela abriu os olhos.

— Já é muito tarde para voltares para casa — disselhe eu. — Podes dormir comigo, se quiseres!

Svana espreguiçou-se, murmurando sonada:

— Obrigada, Edwina, mas a prima Catelyn já me preparou uma cama ao lado da Estrid.

— Se eu fosse a ti, aceitava a oferta da Edwina! — retorquiu Quinn em tom de aviso. — Não é seguro dormir com uma serpente!

Não contive o riso e Svana acompanhou-me. Despedimo-nos, para que Quinn pudesse descansar. Depois, ela dirigiu-se ao fundo da casa, onde os mais novos dormiam, e eu atravessei o salão, até ao meu quarto. Na mesa, os festejos alongavam-se. Surpreendi o olhar de Ivarr e apressei-me a fechar a cortina, para escapar à sua

observação. O dia fora difícil e tudo o que eu almejava era uma noite sem sonhos.

Troquei de roupa e deitei-me, rebolando a Lágrima do Sol entre os dedos. Pensei no meu primo Edwin e estremeci. Talvez devesse contar à minha mãe... Não! Ela proibir-me-ia de ajudá-lo! E eu não podia voltar-lhe as costas outra vez! No entanto, tinha medo...

Sobressaltei-me quando a cortina se afastou e Ivarr entrou no quarto. Sentei-me na cama, sem acreditar que ele se atrevera a invadir a minha privacidade, nas barbas do meu pai. Ivarr acomodou-se ao meu lado e enlaçou-me as mãos, murmurando:

— Vamos fazer as pazes, Edwina! A nossa briga não tem sentido!

E beijou-me. Não recuei, mesmo quando senti o sabor da bebida na sua saliva. Esta aproximação era tão inesperada como bem-vinda. Depois de tantos dias de indiferença, e das palavras azedas que havíamos trocado, Ivarr decidira sarar as feridas da nossa relação. Quando nos detivemos, segurei-lhe no rosto e confrontei-o:

— Ainda me amas?

Ele sorriu, contrapondo serenamente:

— Estaria aqui se não te amasse, tolinha?

— E a Thora...? — insisti, porque não podia deixar de fazê-lo. Ivarr embalou-me e não quebrou o nosso abraço ao replicar:

— A Thora será a minha companheira no campo de batalha... Mas tu serás a minha companheira de todos os dias, até que a morte reclame o meu corpo. Confia em mim, Edwina!

E eu confiei, jurando a mim própria que não voltaria a sentir-me insegura. A minha irmã estava noiva de Eric e Ivarr declarava-me o seu amor sem preconceitos. Exigir mais era maldade.

Se não conhecesse Freya, diria que me evitava. Tive de me impor para conseguir falar-lhe a sós. Quando lhe declarei que o filho mais novo do rei Steinarr não era o homem certo para ela, a sua resposta foi surpreendente:

— O Magnor avisou-me que tu tentarias voltar-me contra ele. Por que o detestas, mana? Ele não é mau! É apenas... diferente dos outros rapazes; mais ambicioso... e mais inteligente! Não fazes idéia

de como se sente infeliz e solitário, órfão de mãe, esquecido pelo pai, constantemente repreendido pelo irmão... Se, por vezes, exagera é para chamar a atenção! De que te queixas, afinal? Não foi o Quinn que o desafiou? Que culpa tem ele de ser mais forte? Além disso, teve a nobreza de lhe pedir desculpa, quando não tinha de fazê-lo. Eu amo o Magnor, Edwina! E se a minha felicidade não te alegra, é porque não gostas de mim!

Mais tarde, vim a saber que a senhora da casa não tivera melhor sorte ao abordar esta questão. Magnor sabia muito bem o que fazia! Planejava os seus passos com uma antecendência assustadora e executava-os com uma frialdade brutal. Só me restava esperar que a distância arrefecesse o entusiasmo de Freya e lhe abrisse os olhos para a personalidade retorcida do seu prometido.

Ainda não recuperara do confronto com Freya quando Thora me procurou. Na privacidade do meu quarto, libertei uma exclamação de horror ao ver a trança de Magnor nas suas mãos. Com a sua candura habitual, Thora justificou:

— Aquele aleivoso mentiu-vos, Edwina! Não existe nenhuma deusa na floresta. Fui eu que lhe cortei a trança! Julguei que a perdera durante a luta com a loba... Mas o Ivarr encontrou-a e guardou-a até agora. Esta noite, vou desmascarar o Magnor! Exibirei diante das nossas famílias a prova da sua falsidade!

O meu sangue gelou. A atitude de Ivarr revelava um desamor pelo irmão que me chocava. Qual fora a sua intenção, ao colocar nas mãos da explosiva Thora aquela maldita trança, qual troféu de caça ou perigoso instrumento de vingança, ao invés de destruí-la como o mais básico bom senso ordenaria?

— Não vais fazer nada disso! — repliquei com firmeza, segurando-a pelos ombros e prendendo o seu olhar. — Esta disputa já foi longe demais! Arriscar a amizade das nossas famílias e a paz construída com tanto esforço e sacrifício por causa de um fanfarrão é uma estupidez imperdoável! Além disso, se o Magnor exigir um duelo de honra não poderás recusar porque és uma guerreira. Acreditas que irás vencê-lo, nesse estado de fraqueza?

— Eu não tenho medo...

— Isto não é um teste de coragem! — objetei, aliviada por vê-la vacilar. — E um teste de inteligência... E tu estás prestes a chumbá-lo! És ingênua ao ponto de pensar que o Ivarr agiu inocentemente? O teu treino começou, Thora! O rei-lobo irá observar-te e julgar-te em todos os momentos. Para te provares digna da sua alcatéia, não terás apenas de sobreviver apelando à destreza e à força! Terás de impressioná-lo com a tua capacidade de adaptação diante dos desafios que te coloca, de raciocinar com frieza e clareza, ponderar quando deves avançar e recuar... Uma decisão errada, um impulso irrefletido pode significar uma morte inglória! Aprende a controlar o teu ardor, mana, ou não viverás o suficiente para servir o rei viking.

Deixei a minha irmã a engolir a percepção de que estivera a um passo de precipitar-se numa armadilha e parti no encalço de Ivarr. O que tinha para lhe dizer não podia esperar! Estava tão furiosa, que não vi nada nem ninguém ao atravessar o povoado. Encontrei-o no porto, orientando os homens que carregavam o *Knarr* com os produtos da Ilha dos Sonhos, tão cobiçados pelos habitantes do País dos Vikings. Apesar do reboliço que o rodeava, não hesitou em seguir-me quando exigi falar-lhe.

Só me detive quando pisei a última tábuca do ancoradouro. O dia estava quente e poucas nuvens adornavam o azul claro do céu. O mar cintilava com os reflexos do Sol e as pequenas ondas brincavam com as rochas pontiagudas, que se projetavam fora de água como lanças. Os gritos das gaivotas que sobrevoavam os barcos de pesca, dispersos em redor da ilha, alimentavam ainda mais a minha revolta, e o cheiro forte da maresia, misturado com o odor das algas, regenerava o meu espírito e fortalecia-me a convicção.

— O que pretendes, Ivarr? — ataquei sem pestanejar. — O rei-lobo é tão egoísta na perseguição dos seus interesses, que não se importa de provocar um banho de sangue no seio das nossas famílias?

Ele cruzou os braços sobre o peito, e inquiriu impaciente:

— Posso saber do que me acusas desta vez?

— Não sejas cínico! — revidei inflamada. — Por que entregaste a trança do Magnor à Thora?

— Porque a trança lhe pertence. A caçadora tem direito à sua presa.

— Pára de dizer tolices! O Magnor é teu irmão...

— E a Thora é minha protegida. O Magnor só lhe ganhará respeito quando se convencer de que ela lhe é superior!

— O Magnor não respeita aqueles que lhe são superiores! Guarda-lhes rancor! O que tu fizeste só fomentará ainda mais o ódio daqueles dois. E se a Thora decidir afrontá-lo? Quando as suas armas rasgarem o ar, ficarás do lado da tua protegida ou do teu único irmão?

— A Thora não fará isso! — contrapôs Ivarr com uma firmeza desconcertante.

— Tu não a conheces! — atalhei furibunda. — O ritual de sangue não te tornou senhor da sua vontade. A Thora é indomável! E o teu irmão é perigoso... Se tens um pingo de discernimento, faz com que se mantenham afastados!

O olhar cristalino do meu noivo flamejou. A sua pose conservou-se inabalável, mas a voz denunciou a raiva que a minha contestação provocara:

— Eu sei o que estou a fazer, Edwina! É melhor que te convenças de que a tua irmã está sob a minha responsabilidade... E eu não admitirei que continues a questionar-me!

A vontade de refutar era tamanha, que as palavras se atabalhoaram na minha garganta, dando um nó que me estrangulou. Sem fôlego, vi-o afastar-se na direção do *Knarr*, de regresso ao trabalho, como se o meu alerta não tivesse peso. Por entre os gritos aguerridos das gaivotas, escutei o ressentimento na minha própria voz como um mau presságio:

— Tu estás convencido de que sabes tudo, rei-lobo... Mas não sabes nada! Não conheces o coração da Thora... E, de certeza, não conheces o meu!

Uma onda mais bravia rebentou contra o ancoradouro e salpicou-me o vestido. Encarei o mar; a minha condição humana desvanecendo-se na sua essência selvagem. Sentia-me cada vez

mais sozinha; mais distanciada das vidas dos que me rodeavam, como se o meu poder tivesse deixado subitamente de exercer qualquer efeito sobre eles. De que me servia herdar a magia do meu bisavô, tornar-me Guardiã da Lágrima do Sol, se ninguém me dava ouvidos? “O Que Tudo Vê” era respeitado e temido... Eu era escarnecida e ignorada!

Tal como ficara decidido, assim que a minha mãe determinou que Thora estava fora de perigo, um *Drakkar* fez-se ao mar rumo ao cemitério de barcos. Lá dentro seguiam o *jarl*, o rei Steinarr, Lorde Stefan, o príncipe Ivarr e os seus guerreiros-lobo, e alguns homens escolhidos de entre os melhores mergulhadores da Ilha dos Sonhos. Transportavam as ferramentas adequadas para abrir um buraco no casco do navio afundado, que lhes permitiria o acesso ao tesouro que a minha irmã encontrara. Seria uma tarefa morosa e árdua, mas o seu entusiasmo era veemente. Antes da luz do dia finar, já tínhamos a confirmação da descoberta de uma riqueza de valor incalculável.

Com a última questão que ficara pendente do Festival de Verão resolvida, o tio Stefan e o rei Steinarr anunciaram a sua partida. Ambos tinham responsabilidades prementes nas suas terras que não podiam ser descuidadas, e esta longa permanência na Ilha dos Sonhos decerto resultara em intricados problemas por solucionar.

A tia Enya manifestou a vontade de ficar conosco para cuidar de Quinn, mas o filho declinou com firmeza. Os irmãos pequeninos necessitavam da atenção da mãe, mais do que ele. Além disso, estava a recuperar bem e, em breve, poderia recomeçar os estudos. Era sua intenção viajar para a Grande Ilha, assim que a saúde lho permitisse, e unir-se à missão diplomática do pai.

A minha mãe e os irmãos acordaram em entregar a Aled a sua parte na herança da família. A Casa Grande da Floresta Sagrada da Grande Ilha pertencia-lhe por direito de sangue, já que ele era o primogênito da segunda geração de herdeiros de Lorde Garrick McGraw. Desde a guerra contra a feiticeira, que a vasta propriedade e a comunidade dela dependente vivam sob o governo conjunto do tio Edwin e do tio Stefan. Porém, o tio Edwin declinava a hipótese de regressar definitivamente à casa que acolhera a sua juventude

conturbada, e o tio Stefan preferia habitar junto ao mar, na Enseada da Fortaleza. Era opinião unânime que um McGraw devia fixar-se no território e dedicar-lhe todo o seu tempo e energia... um McGraw que não sofresse com as recordações que assombravam o lugar.

Aled recebeu a notícia com um entusiasmo que mal lhe cabia no peito. Estava ansioso por assumir essa honra! Viajaria de imediato para a Grande Ilha e começaria a preparar a Casa Grande para acolher a sua esposa, no fim da Primavera. A idéia também agradava a Melody, cujos olhos cintilavam sempre que imaginava o seu futuro ao lado do primo.

Ivarr tratava-me com relativa frieza desde a nossa discussão no porto. Decerto, aguardava por um pedido de desculpa que jamais receberia. Se a razão estava do meu lado, não era eu quem tinha de ceder! Pelo menos, Thora escutara-me e mantivera-se afastada de Magnor. Quando a questionara acerca do destino da trança, limitara-se a sorrir. Esperei que tivesse tido a sensatez de livrar-se dela, queimando-a na fogueira ou lançando-a ao mar.

Nesse momento, toda a paixão da jovem guerreira era devotada ao cavalo *Bravo*. O presente do *jarl* ao rei viking acabara por tornar-se simbólico, pois, prudentemente, Steinarr entregara-o à guarda do seu primogênito. Por sua vez, Ivarr não hesitara em oferecê-lo à sua nova protegida, elogiando-a diante da comunidade. Exultante, Thora montara *Bravo* e galopara pela praia até a perdermos de vista, consolidando a amizade com aquele espírito selvagem que seria seu companheiro para a vida.

A tia Geimy viu-se confrontada com a decisão de permanecer na Ilha dos Sonhos ou de partir para o País dos Vikings. Com toda a sinceridade, a minha mãe afirmara que era improvável que ela resistisse aos rigores da viagem, o suficiente para vislumbrar os belos fiordes da sua pátria. A princesa estava tentada a arriscar... Porém, as súplicas do marido fizeram-na reconsiderar. Cada novo dia que ela testemunhasse seria uma vitória para ambos. Além disso, Darrin não podia deixar a Ilha dos Sonhos, pois entrara no seu último ano de treinos antes da iniciação, e Estrid detestava o frio do Norte. Na Ilha dos Sonhos, a família ficaria unida e desfrutaria do tempo que lhe restava... Eu quedei-me, perplexa e revoltada,

quando Estrid desatou a chorar, desesperada ante a resolução dos pais:

— Vós não podeis fazer-me isto! — bradara. — Não tendes o direito de me obrigar a ficar nesta ilha pavorosa, onde não há nada para fazer, a atrofiar as idéias como uma camponesa!

— Estrid... — mastigara o pai, rubro de fúria. — Sabes que a tua mãe está doente...

— Mas eu não estou! Só porque ela está a morrer eu tenho de morrer também?

A mão de Lorde Edwin McGraw projetara-se com o ímpeto de um escudo de guerra, contra a face da filha. Estrid voou cinco ou seis passos, antes de se esborrachar no chão e rebolar contra a parede. *O jarl* correu a imobilizar o cunhado, enquanto a minha mãe gritava, horrorizada. A tia Enya foi ao encontro de Estrid, ostentando uma expressão simultaneamente indignada e piedosa. O tio Edwin clamava:

— Tu não és digna de ser filha da tua mãe, sua egoísta...

— Edwin... — apelava o meu pai, apoiado pelo tio Stefan. — Não digas nada de que te possas arrepender! Vem... Deixa a cabeça esfriar...

— Eu não quero ser vossa filha! — chiava Estrid, sem que a tia conseguisse silenciá-la. — Quero ser filha do tio Stefan...

A custo, Edwin McGraw foi empurrado para o quarto dos meus pais. Ali ficou, agarrado à mão com que esbofeteara a sua carne. Fora a primeira vez que agredira um filho, mas, apesar de ninguém contestar que Estrid merecera a punição, o meu tio parecia encarar o incidente como uma maldição do passado... A memória do dia em que ele próprio fora renegado pelo pai, tratado como um estranho na sua casa, como um invasor na sua terra, voltava para atormentá-lo.

A casa tombou num silêncio opressivo. Nada se ouvia senão o pranto de Estrid... e o choro sofrido da sua mãe. Eu dirigi-me ao quarto para confortar a tia Geimy e verifiquei que Thora e Freya já lá se encontravam, oferecendo-lhe o carinho que a filha lhe negava. Nessa noite, a própria Geimy concedeu permissão a Estrid para acompanhar os tios no regresso à Grande Ilha. A pequena tirana

cobriu a mãe de beijos e jurou-lhe amor eterno. A sua alegria enojou-me. Até Magnor a fixava com um sorriso zombeteiro!

A tristeza que obscurecia o olhar do tio Edwin revelava que jamais esqueceria a desfeita da filha. Nesse dia, Estrid quebrara os laços que os uniam... E, o pior de tudo, é que não se revelava incomodada com a perda!

Acordei a meio da noite coberta de suor, com a pele a arder e o coração em debandada no peito. A Lágrima do Sol pulsava diante dos meus olhos; cegava-me com a sua luz. Tentei afastá-la e o seu fulgor queimou-me os dedos. Quis erguer-me e não consegui. Libertei um grito mudo... E, só então compreendi que não estava acordada, nem a dormir. No vazio que separava os dois estados de consciência, uma força atraía-me irresistivelmente. Deixei-me levar, abandonando o corpo na segurança da cama, rumando a um destino incerto e perigoso, disposta a cumprir a minha promessa. Devia ter contado à minha mãe... Mas, agora era tarde para arrependimentos!

O apelo de Edwin conduziu-me à sua essência. Senti-o receber-me e assimilar-me; o alívio no seu espírito misturando-se com o tormento que o fustigava... e que eu me oferecera para partilhar; uma dor tão forte que carregava a certeza da morte, o reconhecimento de que ele agüentara até ao limite da sua resistência, antes de ser forçado a rogar por ajuda. O meu braço e o meu peito pareciam esmagados. A boca estava inundada pelo sabor agreste do sangue. Os olhos só distinguiam escuridão... Não conseguia mover-me. Não conseguia respirar... Longe, muito longe, uma voz agressiva ordenava:

— *Levanta-te! Levanta-te, criatura néscia! Seu miserável exemplar da raça humana...*

Aos poucos, a voz aproximava-se e era possível reconhecer outros sons... um tumulto de uivos e grunhidos que jamais poderiam ser humanos. Abri os olhos com um esforço descomunal; as trevas cedendo lugar à névoa. Conforme os pontos brilhantes se dispersavam, as imagens surgiram, num rodopio irreal que me trazia

o vomito à boca. Eu estava na realidade de Edwin... No inferno privado do Guardiã da Lágrima da Lua.

O chão que acolhia o meu corpo era uma ilha de pedra negra, irregular, tão candente que o seu contato seria fatal para um Homem comum. A sua volta, um mar de flamas brotava do coração da Terra e erguia-se em jactos de lava fulgurante, que pereciam e renasciam a cada fôlego. As paredes negras da caverna subiam e afunilavam-se até ao infinito. Empoleiradas nos seus nichos encontravam-se criaturas de pele vermelha, focinho de fera e cornos de boi... o Povo do Fogo, os servos de Sigarr.

No exterior do anel ardente, o mestre da Arte Obscura praguejava, incentivando o pupilo a reagir. Ao seu lado, Vulcan observava impassível a vantagem do campeão do seu povo. O demônio que Edwin enfrentava era quase tão possante como o seu rei. Porém, o confronto com o humano não estava a ser tão rápido e simples como ele acreditara. O último embate, que quase matara o meu primo, também o prostrara. Erguia-se agora, com dificuldade, sacudindo os cornos pontiagudos e espumando abundantemente por entre as presas vorazes, que mal lhe permitiam fechar os lábios. A sua coxa animalesca, larga como um tronco, apresentava um lanho profundo que sangrava aos borbotões; um líquido negro e espesso, que encharcava a pedra ao seu redor. Mirava-me com olhos amarelos e assombrados... Conseguiria ver-me?

O meu sobressalto forçou-me a erguer uma mão. Quase gritei de horror ao verificar que era feita de carne e osso... mas grande e forte; uma mão de homem... A mão de Edwin! Não havia dúvida! No pulso grosso encontrava-se tatuado o Dragão da Lua, com um pormenor e perfeição resultantes da mais pura magia. Perdida na confusão que me turvava a consciência, olhei para o meu peito dorido e observei horrorizada o sangue a escorrer até ao ventre, encharcando as calças... Este sangue... Este corpo não era o meu! Este corpo pertencia a Edwin! Mas, onde é que ele estava? Era a minha mente que comandava os seus movimentos. Ele... desaparecera!

"*Edwin!*" — apelei desesperada. Diante de mim, o monstro preparava-se para atacar... E eu não sabia como defender-me! Se

recorresse à magia, arriscava-me a que Sigarr me reconhecesse. E isso seria pior do que enfrentar mil demônios!

"Edwin!" — tornei, em pânico, os olhos voltando-se para o Guardião da Lágrima da Lua, que berrava furibundo perante a inação do seu pupilo.

"Vieste..." — A voz do meu primo surgiu do nada, dentro da cabeça que partilhávamos. Estava fraca e prostrada... Mas encontrava-se ali!

"Edwin, o que é que eu faço?"

"Tenta... ganhar tempo... Até eu... recuperar... a energia..."

O demônio investiu contra mim... contra nós... contra Edwin... Raios! Eu estava tão confusa que não conseguia pensar com clareza! Contudo, a dor provocada pelo embate da mão descomunal provou-me que, nesse momento, pouco importava a quem pertencia o corpo que eu habitava. Rolei pela pedra, sentindo todos os ossos estremecerem. Gritei, mas foi o brado de Edwin que ecoou pela caverna, quando as garras da criatura lhe dilaceraram as costas... Voltei a rolar e fiquei diante dele, estendida no chão. A sua manápula arremeteu contra a minha garganta; cinco lanças mortais... E eu fiz o que o instinto me ordenou: afastei-a com uma mão e esbofetei o focinho da besta com a outra.

O ser do fogo ficou tão abismado com o novo estilo de combate do adversário, que se deteve. Aproveitei a sua distração para lhe dar um enérgico pontapé no meio das pernas e empurrá-lo para longe. Observar a técnica de Thora para prostrar os adversários mais robustos acabava por revelar-se útil. Levantei-me com relativa facilidade, atendendo ao sangue que perdia, e comecei a correr em círculos, ouvindo a criatura bufar atrás de mim, derrapando sempre que eu mudava de direção, urrando frustrada quando as suas unhas arranhavam a pedra, em vez de me rasgarem a carne.

Eu sempre fora boa neste jogo. Em pequena, adorava brincar à apanhada e dera muita luta aos rapazes que pensavam que uma menina gorducha era a presa mais fácil. Já não era menina nem gorducha, e este corpo não era meu... Mas o resultado era satisfatório! Pelo menos, ainda estava inteira, graças à agilidade de Edwin e ao ferimento do ser do fogo, que o forçava a arrojá-la

perna. Nos nichos das paredes da caverna, a aberrante assistência pulava e soltava latidos que podiam ser confundidos com gargalhadas. Vulcan retorcia-se, denunciando incompreensão. E Sigarr berrava:

— *Enlouqueceste, seu imprestável? Foi isso que eu te ensinei? Para imediatamente!*

Quando a mão do mestre da Arte Obscura se agitou, soube que estava perdida. O ar à minha frente solidificou, e eu tropecei e caí desamparada. No instante seguinte, as garras do demônio ferravam-se nos meus ombros e sacudiam-me, arremessando-me de encontro ao mar de fogo. Desta vez, não tive opção senão socorrer-me da magia. Estendi as mãos na direção da pedra e apelei às forças da Terra para que me puxassem para baixo. Despenhei-me dolorosamente e bati com a cabeça no chão. Pequenas estrelas cintilantes toldaram-me a vista. Perigosamente perto, a lava borbulhava...

"Edwin! "

Não obtive resposta. Com o coração a chicotear-me o peito dorido fui forçada a encarar o meu algoz. Pela segunda vez, ele recuou o braço, com as garras distendidas para ganhar impulso. Decapitar-me seria uma obsessão, ou uma imposição do confronto? De súbito, deteve-se... Tentei compreender como é que ainda estava viva e, então, vi o reflexo dos meus olhos no seu olhar espelhado, alternando de verde para azul, de azul para verde... enquanto a essência de Edwin despertava, ainda fraca... mas ganhando vigor a cada fôlego.

Apercebi-me da incredulidade do monstro... do seu choque... O meu segredo fora exposto! Deitou a cabeça para trás; as chamas fulgindo nos seus cornos, e rugiu com a ênfase de um grande predador. Depois, lançou as garras contra o meu pescoço, decidido a pôr fim à luta... Porém, a mão do opositor voltou a detê-lo... E, desta vez, não era a minha vontade que a comandava!

O corpo de Edwin contraiu-se e os seus pés fincaram-se na barriga da grotesca criatura, empurrando-a para longe, enquanto a sua essência abraçava a minha e a sua mente desdenhava:

"Lutas como uma rapariga!"

"Eu sou uma rapariga!" — repliquei zangada.

"Não! Tu és a Guardiã da Lágrima do Sol!"

Não houve tempo para mais divagações. Um clarão intenso, tão rápido como o pensamento, abateu-se sobre nós. Eu vi-o... Mas foi Edwin quem reagiu. O seu corpo rebolou pelo chão e tornou a erguer-se com a agilidade de um felino. No sítio onde, há um instante, nos detivéramos, a pedra fumegava. Tal como Edwin, o demônio necessitara de algum tempo para recuperar a energia que gastara no primeiro confronto. E, pelos vistos, já se recompusera!

"Ficarás comigo?" — perguntou o meu primo, num tom exigente.

Respondi-lhe, mais com o coração do que com a razão:

"Tu não estás sozinho, Edwin! Viveremos ou morreremos... mas unidos, como o destino decidiu no instante em que fomos gerados."

Compreendi que ele apenas aguardava pelo meu assentimento. O seu corpo moveu-se como o vento, seguindo um padrão completamente distinto da minha corrida destrambelhada de há pouco, saltando e rebolando para escapar ao fogo que se projetava do focinho da besta, até encontrar o que buscava... a sua faca de osso, que jazia esquecida, coberta pelas cinzas que se libertavam da pedra.

Com a arma ajustada à sua mão, aguardamos pela inevitável investida do demônio. Este arranhava o chão com as garras, qual touro bravo prestes a acometer com a morte no olhar, espalhando estilhaços de pedra em seu redor. A respiração de Edwin serenou, até tornar-se imperceptível e, quando a criatura atacou, esquivamo-nos dos seus cornos afiados com uma velocidade impressionante, saltando sobre o seu corpo possante, como se nós próprios não tivéssemos peso. Enquanto rodopiávamos no ar, o braço do meu primo esboçou um gesto subtil mas preciso, que arrancou um uivo de dor ao inimigo. Aterrámos na pedra e os seus joelhos dobraram-se para executar rapidamente um novo salto, se necessário. Mas a criatura manteve-se imóvel no sítio onde caíra, rosnando, espumando pela boca, com uma mão a cobrir o peito e o sangue preto escapando-se por entre os dedos escarlates, pingando das suas garras assim como gotejava da nossa faca.

"Você precisar da tua magia agora, Edwina!"

Nem tive tempo de anuir. Os olhos da besta adquiriram um brilho fulgurante, mais intenso do que o Sol, e a sua boca escancarou-se num urro demolidor. Antecipando o seu ataque, Edwin cruzou os braços em frente do rosto, formando um escudo de energia que nos protegeu do vômito de fogo. As labaredas cobriram-nos e aqueceram insuportavelmente o ar, enquanto os latidos incrédulos das criaturas ressoavam como cometas desafinadas. A minha magia fluiu pela essência do meu primo, misturou-se com o seu sangue e redobrou a eficácia do escudo. Enquanto o seu corpo destro se movia incólume por baixo da cortina de fogo, eu concentrava-me em repelir as chamas. Se fraquejasse, ambos pereceríamos. A confiança que nos unia era absoluta. E, apesar de me sentir quase a desfalecer, a convicção de Edwin alentava-me a suportar o tormento, para além das forças que julgava possuir.

Finalmente, a criatura começou a engasgar-se. O seu fogo extinguiu-se, deixando um rasto de fumo no ar. Os olhos amarelos tornaram a fixar-nos, denunciando mais uma vez a combinação secreta daqueles que todos imaginavam estar condenados a viver no ódio. Porém, antes que o demônio pudesse delatar-nos, a faca de Edwin moveu-se com uma ferocidade mortal, rasgando a garganta animalasca até ao osso.

Os latidos do Povo do Fogo só foram superados pelo grito vitorioso do Guardião da Lágrima da Lua. Edwin superara o mais duro dos testes e provara a sua supremacia sobre a raça que servia o feiticeiro. Diante de nós, o corpo gigantesco do inimigo ruía, qual árvore prostrada pelo machado afiado do lenhador; a sua agonia afogando-se numa poça de sangue negro.

"Deixa-me agora, Edwina! Vai, antes que o meu mestre se aproxime..."

O meu protesto feneceu, ao ver pelos olhos de Edwin que Sigarr criava uma ponte de ar sobre a lava, para chegar junto do seu pupilo em segurança. Eu nunca o observara de tão perto... Nunca sentira tão declaradamente a extensão do seu poder. O mestre da Arte Obscura movia-se com uma elegância celestial e parecia mais jovem do que o meu pai... tão jovem quanto eu!

"Se ele te descobrir, vai matar-nos, aos dois!"

Este não era o momento de discutir. Exausta e temerosa, permiti que a essência de Edwin me empurrasse para o vazio nebuloso que nos separava. Porém, antes que o último elo se quebrasse, ainda vislumbrei de relance o olhar do feiticeiro, azul puro como o do meu pai... como o meu, mas infinitamente mais sabedor, infinitamente mais gélido... cruel, impiedoso, implacável...

Thora disse-nos adeus com uma lágrima no canto do olho, contudo ansiosa por partir à descoberta de novas e excitantes aventuras. Eric exultava com a expectativa de passar os próximos meses na companhia da sua prometida, treinando-a para enfrentar os desafios que o futuro ocultava. Bryan e Ragnar impacientavam-se, curiosos por saber o que os Vândalos tinham feito na ausência dos líderes do povo viking, desejosos de colocar as suas armas bem cuidadas em ação. E Ivarr hesitava em subir para o *Knarr*, apertando as minhas mãos entre as suas como se temesse soltá-las e perder-me para sempre.

— Os últimos dias foram difíceis... — disse gravemente. — Mas quero que saibas que o que sinto por ti não mudou! Prometo que voltarei em breve... E trarei o Magnor para visitar a Freya.

Cerrei os dentes para me impedir de replicar que seria melhor se Magnor ficasse no Norte. Correspondi ao abraço do meu noivo, mas limitei-me a sorrir constrangida, quando me sussurrou palavras de amor ao ouvido. A recordação da sua arrogância ainda me magoava. Ivarr tinha uma personalidade forte e uma opinião soberana, que não admitia objeção. E contestá-lo fora o que eu mais fizera nos últimos dias! Sem dúvida, o nosso noivado começara mal! Talvez o distanciamento que íamos enfrentar nas próximas semanas, ou meses, fosse benéfico para assentar as idéias e firmar decisões! Cada vez mais, a questão que a minha mãe colocara me atormentava. Amar Ivarr era fácil, já que o estimava como amigo e admirava como homem. Porém, amar o rei-lobo era outra conversa! Eu não conhecia o Espírito da Luz... Nem sabia se desejava conhecê-lo!

Por cima de nós, *Lança* despediu-se com um dos seus gritos tenebrosos, e voou ao encontro do braço que o dono lhe estendia. Guardei na memória a imagem de Ivarr, junto do leme do barco, tão imponente como o seu pai, e engoli a emoção quando o *Knarr* começou a afastar-se do porto; os remos rasgando furiosamente a água até os homens içarem a fabulosa vela quadrada. Ao meu lado, Freya chorava agarrada à nossa mãe. Ela e Thora nunca se haviam apartado... E esta separação não era apenas física. A partir de hoje, as gêmeas seguiriam vidas diferentes, destinos quase antagônicos. A culpa abateu-se sobre mim, qual machado de guerra. Se eu não tivesse apoiado a obsessão de Thora, contra a vontade de todos; se não tivesse suplicado a Ivarr que apelasse ao *jarl*, ela estaria a preparar o seu casamento com Eric. E eu estaria a desfrutar da felicidade concedida pela ignorância, sem incertezas quanto ao meu futuro.

Pouco depois, o barco do tio Stefan também partia, com as velas ondulando ao sabor do vento. Melody acenava-nos, abraçada a Aled, sorrindo esplendorosamente. Estrid voltou as costas à família e foi acomodar-se à sombra, enxotando Gwenneth para que esta não a importunasse. Melvin obtivera o consentimento dos pais para iniciar o seu treino na escola de guerreiros da Ilha dos Sonhos, por isso ficava conosco. A tia Enya atirava-lhe beijos, com os olhos chorosos. Não lhe era fácil separar-se de mais um filho. Reparei que a minha mãe fixava Aled e Melody com um ar apreensivo. O passado trágico do seu irmão mais velho ocupava-lhe o pensamento. Embora não tivesse voltado a mencioná-lo, eu sabia que a união dos sobrinhos não era do seu agrado.

Por fim regressamos a casa, pretendendo retomar a rotina diária, ainda que soubéssemos que tal era impossível. O tio Edwin e a tia Geimy conversavam alegremente, recordando histórias do seu passado aventureiro. Nenhum deles se deslocara ao porto para se despedir da filha... E a sua ausência em nada perturbara Estrid!

Freya isolou-se no quarto que partilhara com a sua gêmea. Fui atrás dela e a minha mãe seguiu-me. Passamos algum tempo abraçadas, em silêncio, já que as palavras cortariam como adagas. Sem a presença irrequieta de Thora, sem o som vibrante da sua voz

jovial, a casa parecia vazia. Ela mal partira e a saudade já nos consumia!

A minha mãe não se opôs a que eu saísse depois do almoço, ao encontro das Pedras do Mundo. Provavelmente acreditava que o fazia para aplacar a dor causada pela partida dos nossos entes queridos. E eu não podia contar-lhe a verdade! Não tinha coragem para lhe dizer que lhe mentira, que lhe desobedecera, que pretendia continuar a enganá-la... Pois, se assim não fosse, ela proibiria-me de me encontrar com Edwin.

A caminhada até ao topo da Montanha da Magia pareceu-me interminável. No lugar sagrado, o solo pisoteado e enegrecido pelas fogueiras ainda denunciava a celebração dos rituais nativos. Sobre o mar formava-se uma névoa densa e colorida que avançava rapidamente ao encontro do arquipélago. Ao longe, um relâmpago rasgou o céu, mas não se ouviu o estouro do trovão. Inspirei o ar com força e esfreguei os braços, arrepiada. Agora, que chegara o momento pelo qual ansiava desde que despertara, o medo prendia-me os movimentos.

Apertei a Lágrima do Sol entre as mãos e ergui-a diante dos olhos, teimando na minha convicção. Edwin precisava de mim... Deixá-lo para trás, ferido e à mercê dos caprichos do seu mestre, fora terrível. E despertar na segurança da cama, sem poder regressar à Ilha do Fogo; ter de esconder este segredo da minha família, enquanto o tempo se arrastava, sem meio de saber o que acontecera ao meu primo, quase me enlouquecera. Há muito que não me aventurava ao encontro da sua essência... Pelo que pudera constatar ele estava muito forte; talvez mais forte do que eu! Sabia que o perigo era tremendo. Se Edwin entregara a sua alma ao lado obscuro da Arte, este podia ser o meu fim! Contudo, tinha de arriscar. O meu coração assim o ordenava!

Invoquei a magia e esta inundou-me com uma ferocidade que me cortou o fôlego. O cristal do Sol resplandeceu e, através da sua luz, vi o nevoeiro colorido, que há um instante se deslocava no mar, rodear as Pedras do Mundo e baixar sobre mim... E o meu grito perdeu-se no vazio, quando a realidade se desvaneceu.

Despenhei-me num remoinho brumoso. Experimentei a confusão, o medo, o abandono... uma raiva e um ódio desmedidos. Assimilei o frio glacial e o calor vulcânico, num único momento de indescritível dor. E, então, vi-o diante de mim, à distância de um gesto, também ele agonizando, possuído pela febre, banhado em suor e sangue e fustigado por violentas convulsões.

"Edwin..."

O seu corpo jazia num dos inúmeros alvéolos escavados no corpo da montanha vulcânica, deitado sobre a pedra nua, sem o simples conforto de uma manta, vestido com as mesmas calças esfarrapadas com que combatera o demônio. O seu olhar revelou-se, brilhante, delirante, enlouquecido, ao mesmo tempo que a sua voz se arrastava... o último suspiro de um condenado:

"Não devias ter vindo..."

Deslizei para o seu lado e toquei-lhe no peito, confirmando os meus piores temores. As feridas profundas, infligidas pelas garras peçonhentas, haviam infectado, cheiravam mal e brevemente estariam para além de qualquer cura. Sacudi-o para forçá-lo a reagir:

"Edwin, tens de ir ao encontro do teu mestre! Precisas de ajuda para sarar..."

"O meu mestre diz... que eu tenho de aprender... a sarar sozinho...."

O amargor na sua voz deixou-me a tremer. Sigarr era um monstro! Eu tinha a certeza de que nem o mais vil dos demônios permitiria que um dos seus penasse desta forma atroz!

"Isto é inconcebível! Vais morrer..."

"Não... Eu sararei... muito lentamente... Sofrerei, mas sararei... Aprender a suportar a dor... faz parte do meu treino."

Eu estava chocada. Não era possível que Edwin se sujeitasse a tamanha provação!

"Tu não podes resignar-te à loucura desse tirano!"

"Será que devo sentar-me na praia... à espera que o meu corajoso pai... venha salvar-me?"

Engoli em seco, percebendo que esta conversa não seria fácil.

"O teu pai nada podia fazer, Edwin! Os nossos guerreiros vinham preparados para combater Sigarr, não o Povo do Fogo... Vulcan tê-los-ia morto a todos!"

Ele não hesitou em desabafar o rancor que o azedava:

"Como podes ter a certeza, se nem tentaram? Eu não era... suficientemente valioso para justificar uma guerra! De certeza... que se empenharam muito mais... para matar a minha mãe!"

Quedei-me petrificada, sem saber como reagir; o que argumentar. O olhar verde desdenhou da minha comoção, enquanto ele prosseguia:

"Vai-te embora, Edwina! Continua o teu treino... E eu continuarei o meu! Quando tivermos de medir forças... sentir-me-ei desgostoso se não me deres luta!"

Estremeci, gelada, horrorizada, contundida...

"Tu não estás a falar a sério! Não serias capaz..."

"De te matar? Não sejas ingênuia...! Não sobrevivi, todos estes anos, a ser um bom menino! Farei o que for preciso... para subsistir! E, se a tua cabeça for o preço..."

"Estás a mentir!" — cortei, incapaz de escutá-lo. — *"Se a nossa amizade não tivesse valor, não me terias procurado..."*

"Só o fiz... para vencer o duelo... A verdade, é que me servi de ti!"

"Mentes! Por que te esforças tanto para me magoar, Edwin?"

"O meu nome é Loki!" — A sua voz ribombou na minha mente, com uma energia renovada. — *"Se esse nome que usas alguma vez foi meu, deixou de o ser no dia em que a tua mãe matou a minha; em que o meu próprio sangue me abandonou... Desaparece da minha frente, antes que te entregue ao meu mestre! Sigarr pode ser implacável, mas é o meu pai... o meu verdadeiro pai! Graças a ele, sou muito mais do que um simples homem!"*

"Graças a ti!" — repliquei. — *"O poder vive em ti! O Sigarr só está a usar-te..."*

"E quem te garante que não é o inverso? Quem disse que eu não desejo tudo aquilo que o meu mestre tem para me oferecer? Quando o meu treino findar, serei Guardião da Lágrima da Lua, servo fiel da Arte Obscura... e o mundo estará ao alcance das minhas mãos! O mundo... e o poder que vive dentro de ti!"

Senti como se o coração me fosse arrancado do peito e espezinhado debaixo de uma bota ensopada em lama, diante dos meus olhos. Porém, em vez de lhe cuspir na cara e lhe voltar as costas, dei por mim a enfrentá-lo, com a plenitude da ira que me assolava:

"Se queres o meu poder, Edwin, por que não aproveitas e o reclamas de uma vez? Para quê esperar, se eu estou diante de ti, crédula, indefesa..."

"Não me provoques, Rainha do Sol!"

A resposta fluiu do meu coração:

"Tu nunca me causarás dano, Rei da Lua! Não foi para isso que nascemos! Por mais que o teu mestre te corrompa, a pureza da tua essência acabará por sobrevir..."

Sem aviso, Edwin, que eu acreditara prestes a desfalecer, saltou sobre mim com um ímpeto sanguinário. Descobri-me subjugada pelo seu peso, à mercê das mãos poderosas que me estrangulavam, com os alertas de "O Que Tudo Vê" a vergastarem-me a mente: tudo o que a minha essência sofresse, refletir-se-ia no corpo. Neste momento, na Ilha dos Sonhos, eu não passava de uma concha vazia. Se Edwin destruísse a minha forma espiritual, eu pereceria. Ainda assim, enfrentava-o, olhos nos olhos, respondendo à sua agressividade com o conforto da minha energia curativa, que se espalhava pelo seu sangue e lhe aliviava o tormento. Por baixo dos meus dedos, as suas feridas purgavam o veneno do Ser do Fogo...

"Para, maldita!" — rugiu, fustigado por um temporal de emoções contraditórias. — *"Pára, ou beberei a tua essência até saciar a minha sede de vingança!"*

Não lhe obedeci... E ele reagiu com uma ferocidade que deixaria o seu mestre orgulhoso. A sua boca cobriu a minha sem nenhuma delicadeza e o poder destruidor da Arte Obscura trespassou cada partícula do meu ser, envolvendo-as, sugando-as, assimilando-as... O sangue escorria pelos seus lábios; brotava dos meus lábios e encharcava as ervas que amparavam a minha cabeça, no topo da Montanha da Magia, tal a sua avidez. Nunca, em momento algum, tentei resistir-lhe. Entreguei-me voluntariamente, quase feliz por morrer às suas mãos...

No momento em que o meu coração forçava desesperadamente uma última batida, Edwin parou; o seu coração ameaçando rebentar-lhe o peito, o seu corpo revigorado, sem vestígios de feridas, sem réstia de cansaço. Os seus lábios recuaram e o olhar verde fixou-se na vítima, demasiado fraca para lhe falar, para sequer lhe devolver o olhar... Então, o meu primo libertou um rugido enlouquecido e tornou a apoderar-se dos meus lábios, devolvendo tudo o que subtraíra: as minhas memórias, o meu poder, a minha vida... e entregando-me abnegadamente as suas recordações, a força da sua magia, a sua essência na forma mais elementar... Até que, também eu, tive de gritar, assolada, extasiada...

Quedamo-nos em silêncio, ofegantes e trêmulos, com os corações a baterem no mesmo ritmo; as testas unidas e os lábios encostados. Abri os olhos e surpreendi o olhar de Edwin cheio de água. A sua mão moveu-se lentamente até aos meus cabelos, enrolando os dedos nos caracóis dourados. Uma a uma, as suas lágrimas banharam a face ruborizada da minha essência. Incapaz de conter-me, enlacei-o pelo pescoço e busquei os seus lábios... para um beijo.

De início, Edwin não correspondeu... porque não sabia o que fazer! Este era o seu primeiro beijo! Porém, o instinto depressa superou a timidez. Verifiquei que o seu sabor, o seu toque, a emoção... tudo nele era diferente de Ivarr, mais genuíno, mais intenso. E, como se isso não bastasse, havia algo mais... Magia! Senti o negrume da sua essência trespassar-me e lancei-me ao seu encontro, sem temor, qual facho de luz rasgando a escuridão num rodopio vertiginoso... Ele, uma névoa escura e brilhante; eu, uma névoa clara e cintilante, misturando-se e fundindo-se, até ser impossível dissociar uma da outra, ardendo com a pulsação das estrelas... Pura harmonia! Pura perfeição! Plena satisfação...

CAPÍTULO 10

O Outono instalou-se na Ilha dos Sonhos. Os nossos invernos não eram muito rigorosos, mas o meu pai, sempre previdente, não permitia que o ritmo de trabalho nas quintas diminuísse antes das primeiras neves cobrirem o solo. No porto, os barcos chegavam e partiam sem cessar, carregados de preciosos produtos que mantinham os comerciantes numa roda viva. Estes eram dias de prosperidade.

Na taberna do povoado, as conversas repetiam-se, noite após noite. O tesouro descoberto pela filha guerreira do *jarl* era tão grande, que não fora possível resgatá-lo por completo do navio afundado, antes do Verão terminar. Os mergulhadores regressariam ao local no fim da Primavera, quando o mar o permitisse. Porém, dizia-se que o que fora reunido era a riqueza de um reino. Uns opinavam que o rei Steinarr devia aproveitá-la para expandir os seus domínios, outros alvitavam que seria prudente usá-la para fomentar uma campanha aniquiladora contra os Vândalos, antes que estes decidissem despertar da estranha e nada tranqüilizadora letargia em que viviam, desde que Vestein subira ao trono.

É claro que os Vândalos não eram os únicos inimigos com que os Vikings tinham de se preocupar! Apesar de a Floresta Sombria estar aparentemente adormecida, no Norte, os salteadores proliferavam às centenas, cobiçando acerrimamente o poderio de Steinarr. Eram homens ferozes, fruto da mistura de raças antigas e aguerridas, que pouco respeito devotavam à vida. Quando atacavam não faziam prisioneiros. Depois de saqueadas, as aldeias eram queimadas e todos os seus habitantes chacinados, inclusive as crianças. Após vários assaltos cujas descrições eram suficientes para causar pesadelos, Ivarr decidira assumir o comando da defesa das fronteiras atacadas. Por essa razão, eu não o via desde o Festival de Verão.

As notícias que nos chegavam de Thora também não me deixavam sossegar. Apesar de o meu pai nos garantir que ela estava a ser treinada na fortaleza de Steinarr, e que recebera a promessa de que a filha não participaria em nenhuma ofensiva enquanto não estivesse devidamente preparada, havia quem jurasse já a ter visto a erguer as armas ao lado do príncipe herdeiro. As proezas da Loba Prateada começavam a ser alvo das cantigas dos *Skald* e da representação aparatosa dos artistas ambulantes que nos visitavam.

Freya ainda não se recompusera da partida da sua gêmea, apesar dos nossos esforços para animá-la. A saudade levara-a a dedicar-se à sua habilidade curativa e a maravilhar-nos com os seus progressos. A nossa mãe já lhe confiava o atendimento às maleitas mais simples da comunidade, sem que a sua orientação fosse necessária. Quando não estava a velar pelos nossos aldeões, Freya distraía-se a cuidar do seu jardim, onde plantara os ingredientes de que se socorria para elaborar os unguentos, poções e chás, que tantos tormentos aliviavam. Orgulhosa, a senhora da Ilha dos Sonhos incentivava a filha mais nova a seguir os passos da nossa avó Edwina, que, antes da intromissão assassina da feiticeira Gwendalin, descobrira a cura para algumas das doenças que prostravam o Homem.

Infelizmente, não havia remédio para o mal de que a tia Geimy padecia. A sua saúde deteriorara-se de tal forma, que só a custo abandonava o leito. Junto dela encontrava-se o tio Edwin, revelando um carinho e uma dedicação impressionantes, e Darrin, que corria para junto da mãe nos intervalos dos treinos, a fim de lhe contar todos os detalhes do seu dia e vê-la sorrir envaidecida ante os seus progressos.

As mazelas de Quinn haviam sarado, mas, confirmando os nossos temores, as suas proezas de guerreiro jamais seriam louvadas. A sua mão direita estava incapaz de pegar numa espada e a esquerda desprovera-se da vontade de fazê-lo. Svana passava muito tempo junto dele, incentivando-o a exercitar a mão aleijada, para que não perdesse por completo o controle dos movimentos. Apesar de sabê-lo grato, eu imaginava o quanto o seu orgulho o atormentava. O

meu primo sonhava com as atenções de Svana, mas por motivos bem diferentes...

O treino da Arte ocupava os meus dias com um rigor obsessivo. A mente ganhara a batalha contra o coração, e ajudava-me a manter fiel à resolução de não voltar a procurar Edwin. Eu fizera tudo o que estava ao meu alcance para chamá-lo à razão... Muito mais do que devia! A sua determinação de tornar-se servo da magia negra colocava-nos em lados opostos do campo de batalha. E, se era verdade que ele não fora capaz de me matar, também era um fato que não contradissera as suas intenções. O seu silêncio só podia significar que o apelo sedutor da Arte Obscura fora mais forte do que quaisquer laços de sangue ou de amizade. Eu tinha de aprender a pensar nele como um inimigo... um adversário terrível! Porém, a lembrança das emoções despertadas pelo nosso beijo ainda me roubava o sono, ou forçava-me a acordar sobressaltada e coberta de suor. Que loucura era esta, que me turvava o discernimento? Tinha de livrar-me dela, antes que compromettesse irremediavelmente o meu futuro.

Os meses passavam, e “O Que Tudo Vê” sem dar notícias. Os informadores do meu pai garantiam-lhe que o feiticeiro continuava a desfrutar da hospitalidade da rainha Lyria, mas a sua inação inquietava-nos. Então, certa noite, a minha mãe teve uma Visão, tão real e assustadora como as que haviam ensombrado a sua juventude; um presságio de sangue e morte, impossível de ignorar: Sob a face sorridente e vitoriosa da Lua, Hakon jazia afogado no seu próprio sangue. Ao seu redor, centenas de árvores consumiam-se em labaredas gigantescas, libertando gritos aterradores; brados humanos... E, do centro deste flagelo, uma figura graciosa elevava-se, de braços estendidos numa saudação à rainha da noite; uma mulher alta e escultural, com olhos e cabelos flamejantes... um fantasma do passado, que acreditáramos para sempre desaparecido.

— A Lua estava viva — garantia a minha mãe por entre lágrimas, diante da família que se reunira para escutá-la. — Era Aesa, eu tenho a certeza!

— O Povo da Terra acredita que, sempre que um deles fenece, o seu espírito escolhe uma árvore para habitar — começou o meu pai

cautelosamente. — Isso pode explicar por que as árvores do teu sonho gritavam como homens... Mas não explica a presença de Gwendalin, Pequena! A feiticeira está morta! Eu próprio me assegurei de que as suas cinzas jamais veriam um raio de Sol...

— Não sei explicar a minha Visão! — atalhou a esposa, com um ardor arrepiante. — Só sei que Aesa se prepara para atacar “O Que Tudo Vê” e o povo que o acolhe. Temos de avisá-los, Throst!

Após um instante de ponderação, o *jarl* decidiu:

— Eu viajarei para o Norte... Não será fácil convencer Steinarr a enviar um exército para a floresta de Lyria. Os domínios do Povo da Terra são terreno sagrado, que nem os Vândalos se atrevem a trespassar... Pelo menos, não se atreviam, até ao momento!

— Eu acompanho-te! — declarou a minha mãe, de imediato. — A magia que me resta ainda pode ser muito útil a “O Que Tudo Vê”...

— Se tu fores, a Geimy morrerá! — A afirmação do tio Edwin mal se ouviu, mas deslizou entre nós como um sopro final. Ele tinha razão. Era a energia curativa de Catelyn que sustinha a princesa. A tia Ingrior e o tio Berchan não possuíam poder suficiente para mantê-la viva, até ao seu regresso. Comovida, dei um passo em frente e exclamei:

— Vou eu, mamã! Afinal, sou a herdeira do Guardiã da Lágrima do Sol... Mais tarde ou mais cedo, terei de enfrentar o meu destino!

Os meus pais entreolharam-se e aguardei por uma fervorosa contestação. Todavia, tal como sucedera com Thora, eles engoliram em seco e suspiraram, resignados, compreendendo que já era tempo de eu deixar o ninho e aventurar-me a voar.

— Eu também vou, Throst — determinou o primo Krum. — Será como nos velhos tempos!

O meu pai sorriu, e apertou-lhe os ombros com um entusiasmo desejoso.

— Tens a certeza? Não tinhas resolvido dedicar-te à tua vocação de Sacerdote?

— Posso fazer ambas as coisas. Além disso, não confio a tua vida a nenhum outro curandeiro!

Abraçaram-se com veemência, recordando um passado doloroso, quando Sigarr os separara para se certificar de que o meu pai

pereceria, vítima de um ferimento grave... infligido por Edwin McGraw!

O meu tio abeirou-se deles, replicando com uma ironia sorridente:

— O Throst não precisa de curandeiros. O único homem capaz de lhe fazer frente irá servi-lo com alegria e devoção, até ao dia da sua morte.

O *jarl* fixou-o afetuosamente, sacudindo-o para acentuar a seriedade do momento.

— Muito do que me é precioso fica à tua guarda, Edwin! O Berchan ajudará a Catelyn a suportar a minha ausência, mas tu serás responsável pela sua segurança e pela proteção da Ilha dos Sonhos e da nossa gente.

— Podes contar comigo, meu irmão — asseverou o cunhado, comovido pela sua confiança. — Juro que encontrarás no regresso a casa a harmonia que te rodeia na despedida!

Eu nunca pudera dar-me ao luxo de ser medrosa. Viver sob a influência da magia do cristal do Sol forçara-me a enfrentar os meus temores, e a aprender a solucionar os mais intrincados enigmas. As viagens até ao País dos Vikings nunca eram monótonas e sempre que um percalço agitava a tripulação e, principalmente, a embarcação, eu sentia-me satisfeita por ter a oportunidade de colocar em prática a minha Arte. Viajar na minha companhia deixava os homens bem-dispostos. Sabiam que eu era a garantia de uma jornada mais rápida e sem sobressaltos.

Ao contrário do que alguns pensavam, a primogênita do *jarl* da Ilha dos Sonhos não era uma menina mimada, que se refugiava num mundo estranho, e evitava a realidade e o contato com a gente simples. Os que me conheciam já não hesitavam em pedir-me ajuda para cuidar de um ferimento ou de uma queimadura, coser uma peça de roupa que se rasgara, fazer um chá para alegrar a tripulação, ou livrar-me sem esforço da água que invadia o *Knarr*; trabalho que, sem o auxílio da magia, teria de ser executado ininterruptamente por vários homens.

Agora, os nossos barcos eram mais robustos e fáceis de manobrar, do que na época em que a fortuna unira os destinos dos meus pais. O fato de terem sido fundadas novas aldeias, com bons portos, ao longo do percurso que separava a Ilha dos Sonhos das Terras do Norte, também ajudava a manter elevada a moral dos marinheiros. Era sempre agradável ancorar e pisar solo firme, tomar um banho quente e beber algumas cervejas, fechar os olhos dentro de lençóis lavados; ao invés de dormir numa rede no porão, ou ao relento no convés, ao sabor das ondas, encharcados até aos ossos e rodeados de escuridão. Todavia, desta vez, o meu pai tinha pressa de chegar ao País dos Vikings. A única ocasião em que descansamos verdadeiramente foi quando aportamos numa aldeia piscatória, onde um velho amigo do *jarl* nos abriu as portas da sua casa, não se poupando a esforços para que sobrasse comida e divertimento aos nossos homens.

O chefe viking era um homem colossal, mais alto do que o meu pai, com uma grande barba branca que ainda guardava alguns fios dourados, separada em duas tranças que lhe caíam por cima da enorme pança. Os seus cabelos entrançados enfeitavam-lhe o rosto bolachudo e corado, sempre sorridente. Mal nos sentamos à sua mesa, numa casa quase tão grande como a minha, fomos rodeados por jovens escravas, que nos serviram cerveja fresca e peixe que saltara do mar para as brasas da fogueira.

Ignorando os protestos condescendentes e bem-humorados do meu pai, o anfitrião fez questão de me contar, por entre gargalhadas de satisfação, que, há muitos anos, a minha mãe também se hospedara na sua casa. Fora num dos seus quartos que, pela primeira vez, Throst recebera um banho daquela que, um dia, seria a eleita do seu coração e a mulher mais amada do nosso povo. Só se calou quando o *jarl* ameaçou cortar-lhe as tranças da barba, mas pouco ficara por dizer. Com um sorriso nos lábios, pedi permissão para me retirar e deixei-os a reviver as aventuras da sua juventude, cada uma mais divertida do que a anterior, com os cornos de beber sempre cheios, ao som da música alegre da flauta do primo Krum.

Assim que a aproximação do *Knarr* do *jarl* se tornou visível, as trompas de boas-vindas ecoaram pela Terra dos Carvalhos, morada

do rei Steinarr. Quando encostamos ao ancoradouro, uma comitiva esperava-nos com uma ansiedade festiva. Era sempre um prazer receber Throst, filho de Thorgrim, na sua pátria.

Mal o meu pai pisou terra firme, Thora abraçou-o e beijou-o com um entusiasmo ardoroso, clamando sem embaraço o quanto havia sentido a sua falta. Contudo, foi só quando me viu que as lágrimas a suplantaram. Estreitou-me até me roubar o fôlego, murmurando emocionada:

— Minha mana... Minha querida mana!

Eu só me apetecia devorá-la com beijos, doente de saudades. Talvez por não a ver há bastante tempo, Thora parecia-me diferente, mais crescida... Apesar de trajar como os restantes guerreiros, com calças e uma túnica de lã, ninguém questionaria a sua feminilidade. Porém, era o seu novo penteado que mais despertava a atenção. Agora, Thora usava o cabelo enfeitado com minúsculas e longas tranças, como as do tio Edwin, que lhe caíam indômitas sobre os ombros. Estava muito, muito bonita!

Ao nosso lado, Steinarr cumprimentava o *jarl* com o afeto de um irmão. Depois, beijou-me a mão, saudando na sua voz inconfundível:

— Sê bem-vinda, minha filha! Muito me alegra a tua visita. Que estes sejam dias de festa, para nós e para o nosso povo.

Decerto que o meu pai iria contar-lhe que esta não era uma simples visita... Mas não diante da multidão que nos cercava. Forcei um sorriso e retribuí a gentileza com uma vênia. Então, Ivarr surgiu e as minhas pernas bambolearam. Apertou-me as mãos e beijou-me a testa, recordando-me de como era bom desfrutar da sua companhia. Os meus primos também não se pouparam em carinhos, e Ragnar, sempre galanteador, dedicou-me um poema feito nesse instante, que suscitou aplausos. Por fim, Ivarr apresentou-me o novo guerreiro-lobo que o acompanhava; um rapaz alto e robusto, que aparentava ser mais velho do que era na realidade, com um sorriso largo e sincero, que iluminava um olhar verde, cristalino e cativante:

— Este é o meu primo Ketill, o último lobo da minha alcatéia. Tive de empreender uma luta sem tréguas, para convencer o meu pai a prescindir dos seus serviços!

Eu já ouvira falar do jovem prodígio, filho de um dos irmãos de Steinarr. Quando Ketill matara o seu lobo nas provas de iniciação, o rei integrara-o na sua guarda pessoal, pretendendo rejuvenescê-la. Porém, Ivarr nunca desistira de solicitar a serventia do primo. Finalmente, a vitória sorria-lhe.

— Encantado por conhecê-la, menina! — exclamou o rapaz, curvando-se com a habilidade de um cortesão e pousando os lábios quentes na minha mão. — Imaginava que fosse bela... Mas as deusas coram de vergonha perante tamanha formosura!

Recuei atrapalhada, temendo que, apesar de sorrir, Ivarr considerasse ofensivo o exagero da lisonja. Balbuciei um cumprimento de ocasião e repreendi-me pelo rubor que se apossara das minhas faces. Suspirei de alívio quando a atenção de Ketill foi requisitada pelo meu pai.

Montamos nos cavalos que nos aguardavam, e preparamo-nos para deixar o porto. Thora e o garanhão *Bravo* eram um regalo para a vista. Caminhei ao seu lado, numa égua dócil, escutando o relato das suas últimas proezas. À nossa frente, o rei inteirava o *jarl* dos movimentos inimigos. Tanto os mercenários do Norte como os Vândalos andavam calmos. As escaramuças nas fronteiras eram rapidamente sanadas. A guarda avançada estava sempre alerta e o povo sentia-se seguro. Franzi o sobrolho, intrigada. Quem estaria enganado, Steinarr ou a minha mãe?

O clima do Norte era muito mais agreste do que o da Ilha dos Sonhos. Ao nosso redor, um nevoeiro gélido passeava-se pelos caminhos e aninhava-se entre os troncos das árvores esguias. Trouxera roupas quentes, sabendo o que me esperava, mas não conseguia evitar que os meus dentes batessem e os olhos lacrimejassem. Sentia o nariz congelado e era-me difícil respirar. Pelo contrário, Thora parecia indiferente ao rigor da estação e tagarelava sem parar, confortável dentro da sua roupa simples. Nem sequer se dera ao incômodo de pôr uma capa sobre os ombros. Se a nossa mãe a visse, tão desagasalhada, teria um achaque nervoso.

Aqui, a luminosidade também era diferente daquela à qual eu estava habituada. No Outono, as manhãs mais pareciam um fim de tarde e, no resto do dia, experimentava-se uma obscuridade

noturna. Foi através dessa luz difusa que vislumbrei a fortaleza do rei Steinarr, erguendo-se orgulhosamente sobre o penhasco. Por tradição, os Vikings não eram um povo que se pudesse envaidecer dos seus castelos suntuosos. Para além dos rigores do clima e do relevo, a sua vivência não lhes concedia tempo para aventuras arquitetônicas. Aliás, sempre me parecera que, até à nova era que o meu pai iniciara, o lema era mais conquistar, dominar e explorar, do que propriamente construir. A mão-de-obra estava ocupada com a sobrevivência e a defesa do território de cada clã. Porém, agora que Steinarr unira os clãs sob o seu domínio e proteção, tornara-se imprescindível a existência de um lugar onde o povo se pudesse abrigar, se alguma adversidade o ameaçasse.

O castelo do rei viking fora construído de forma a repelir um ataque violento, por terra ou por mar, e o seu aspecto sólido e austero não deixava dúvidas quanto à sua eficácia. A localização tornava quase impossível a aproximação de uma máquina de guerra e qualquer exército que se atrevesse a desafiar a supremacia de Steinarr teria de percorrer um longo e penoso trilha, debaixo de uma chuva de aço, suficiente para reduzir a sua força a metade.

Assim que passamos os monumentais portões, vi-me diante de uma comunidade bem organizada; homens, mulheres e crianças, que desfrutavam de um fim de tarde calmo e deixavam os seus afazeres para saudar o rei e as visitas. Enquanto os petizes acorriam para cuidar dos cavalos, tive a confirmação de que Thora se sentia em casa e era acarinhada por todos. Foi ela quem me acompanhou através do castelo, ao quarto que me fora destinado. Abriu a porta com um gesto teatral e declarou com um sorriso expectante:

— O príncipe Ivarr deu ordens para que nada faltasse à sua noiva, quando viesses visitá-lo.

Deixei o queixo pender ao deparar-me com um quarto de sonho. Diante de mim estava a maior cama que eu já vira; um roupeiro e uma arca, suficientemente grandes para guardar a roupa de uma família numerosa; uma lareira forrada com uma pedra rosada, que me era desconhecida, e uma portada que dava acesso a uma varanda, com vista para o mar, encoberta por pesadas cortinas bordadas com fios de ouro, iguais à manta que cobria a cama. Belos

tapetes de motivos alegres, sobre os quais seria um prazer caminhar descalça, forravam o chão de pedra. As paredes encontravam-se enfeitadas com duas tapeçarias. Uma ilustrava o Dragão do Sol, símbolo mágico da minha família; a outra, o brasão da casa real: o carvalho e o falcão.

Antes que eu recuperasse a voz, dois homens trouxeram uma tina com água quente. Atrás deles vieram duas criadas que a temperaram e perfumaram com óleos de banho e pétalas de flores. Depois, tencionaram ajudar-me a despir, mas eu agradeci e escusei-as. As minhas roupas eram simples; não carecia de auxílio para desapertá-las. Além disso, preferia cuidar da minha própria higiene. Thora observava-me, divertida. Também ela dispensava estes privilégios, que a nossa condição proporcionava. Catelyn ensinara-nos a não depender de ninguém. Está claro que certas pessoas, como Estrid, jamais compreenderiam tal opção.

— Vou deixar-te à vontade. Voltarei daqui a pouco para me certificar de que não te perdes!

Abstive-me de lhe confessar a razão da nossa visita. Era *o jarl* quem devia tratar desse assunto. A aguerrida Thora seria capaz de provocar um tumulto no castelo, ainda antes de o rei tomar conhecimento da Visão da minha mãe. Por enquanto, restava-me descansar. Se a feiticeira Catelyn estivesse correta, esperavam-nos dias complicados. Afundei-me na água perfumada, agradecida pelo calor da lareira e pelo conforto envolvente. Prescindiria de bom-grado do jantar, para poder deitar-me de imediato no colchão de penas e esquecer todos os problemas.

O salão do castelo era quatro vezes maior do que o da casa do meu pai, e parecia pequeno para todos aqueles que desejavam saudar *o jarl* da Ilha dos Sonhos. Uma mesa comprida e larga dominava o espaço, e sobre ela encontravam-se as mais deliciosas iguarias. As cozinheiras do rei tinham enfrentado o desafio de preparar um banquete de um momento para o outro, e haviam-se desvencilhado muito bem! O cheiro da carne que assava nos espetos e do pão acabado de cozer fazia nascer água nas bocas mais exigentes. Porém, ninguém se atrevia a começar a comer antes de o rei Steinarr ocupar o seu lugar.

Guiada por Thora, rompi caminho por entre a multidão, recebendo e distribuindo cumprimentos, admirando as formidáveis paredes de pedra, iluminadas por tochas flamejantes, onde se destacavam pesadas tapeçarias e troféus de guerra, que faziam o orgulho da família de Steinarr há gerações. O rei tinha uma sala para guardar exclusivamente os troféus de caça, mas, neste momento, um fora exposto para deleite dos convidados. Tive dificuldade em aproximar-me, tantos eram os curiosos. Quando consegui, fui percorrida por um frêmito de horror. Os meus olhos encheram-se de lágrimas diante da cabeça de um animal que devia ter sido soberano no seu território. Era semelhante aos tigres do Norte, mas muito mais possante. A sua bocarra escancarada revelava presas maiores do que os meus dedos, detentoras de força suficiente para cortar um homem ao meio com uma única dentada. O seu pêlo possuía riscas pretas como as dos tigres comuns, porém, não era amarelo, mas branco como a neve. Esta era a criatura mais bela que eu já vira... Quem tivera coragem de lhe extinguir a vida decerto não tinha coração!

Enquanto eu estrebuchava na minha angústia, Thora mal se sustinha de tanto entusiasmo. Pela sua voz vibrante de orgulho, fiquei a saber que o animal fora abatido no início da Primavera, numa caçada organizada pelo rei. E quem o prostrara fora Ivarr!

— Dois deuses de guerra não se teriam batido tão feroz e dignamente! — declarou Eric, surgindo ao nosso lado. — Foi um dia que jamais esquecerei!

— Quem me dera ter estado convosco! — afirmou Thora, corada de excitação, como se imaginasse a luta do seu senhor com o fabuloso tigre branco.

— Haverá outras oportunidades! — replicou o seu prometido, enlaçando-me a mão com um sorriso enlevado.

Por trás de nós, choviam exclamações de espanto e maravilha. Seria eu a única pessoa presente no salão que entendia que privar a Mãe Natureza deste majestoso ser, para exibi-lo numa parede, não era um ato de se admirar e sim um tenebroso testemunho de vaidade?

— Já viste o que a louca da tua irmã fez ao cabelo, Edwina? — Ragnar aproximou-se, provocando Thora com uma gargalhada. — Mais parece uma selvagem dos países quentes do Sul!

Voltei as costas ao tigre branco, grata pela oportunidade de me distrair da minha indignação.

— Pois eu acho que lhe fica muito bem! — contestei.

Ragnar saltou para trás, fugindo de Thora que tentava acertar-lhe com um soco, e embateu em Ivarr, Bryan e Ketill, que se juntavam a nós a tempo de escutar a conversa. Sucumbiram ao riso, enquanto Thora esboçava uma careta pouco lisonjeira.

— Pois, eu concordo com a Edwina! — replicou Eric.

— E eu também! — intrometeu-se Bryan, com um sorriso galanteador. — A Loba Prateada está cada dia mais bonita! Para azar da nossa garra guerreira, em breve não teremos de combater, pois os inimigos tombarão derrubados pelo encanto dos seus lindos olhos. — Deu um encontrão amigável a Eric. — Ainda não acredito que caíste na conversa deste parvo, Thora! Já pensaste em mandá-lo passear, e em aceites a corte de um homem a sério... como eu?

Eric devolveu-lhe a investida, replicando alegremente:

— Tira daí a idéia! A Thora é uma mulher de bom gosto! Além disso, a nossa união está escrita nas estrelas...

Calou-se, respeitoso, pois o rei chegara ao salão acompanhado pelo *jarl*. As suas expressões graves denunciaram aos meus olhos que Steinarr já tomara conhecimento da Visão da minha mãe. Esperei que solicitasse a atenção dos seus homens e os avisasse de que deveriam preparar-se para entrar em combate. Todavia, ao invés, deu ordem para que os músicos começassem a tocar e o jantar fosse servido. De imediato, a mesa encheu-se com os chefes dos clãs viking e os generais do exército do rei. Os restantes convidados espalharam-se em animados grupos, enchendo as malgas com o saboroso guisado de coelho, ou deitando a mão a uma perna de cabrito assado. Dois escravos pousaram um suculento veado diante de Steinarr e do seu convidado de honra, sentado à sua direita. Fiquei pasmada ao ouvir o meu pai gargalhar com um comentário do amigo. Ter-se-ia esquecido de que "O Que Tudo Vê" corria perigo de morte?

— Vem comer, filha! — apelou. — O que é que se passa contigo? Estás pálida!

— A minha nora está a definhar de fome! — gracejou Steinarr. — Aproxima-te, Edwina! Senta-te aqui, à minha esquerda!

Eu pretendia ficar perto do meu pai, para falar-lhe, mas Steinarr voltou a insistir e não tive como declinar o convite. Respirei fundo, forçando-me a controlar os nervos. O meu pai sabia o que fazia... O meu pai não permitiria que atacassem "O Que Tudo Vê"...

Ivarr e os seus lobos também ocupavam um lugar na mesa, e foi com surpresa que constatei que o rei solicitara que Thora se sentasse perto dele. A predileção de Steinarr pela minha irmã foi-se tornando óbvia, ao longo da noite. Quando não estava a trocar impressões com *o jarl*, dedicava-se a enaltecer a destreza da mais jovem dos seus guerreiros. Não pude evitar questionar-me até que ponto essa afeição seria influenciada pela semelhança de Thora com Catelyn.

Estávamos a meio do jantar quando Magnor chegou, acompanhado por um grupo de rapazes, de tal forma barulhentos que se tornavam incômodos, mesmo entre o jubiloso frenesi. O príncipe agia como se a festa fosse sua, desfrutando da idolatria dos idiotas que o rodeavam, e divertindo-se a provocar os mais velhos. O seu alvo favorito era Ketill. Motivava-o o fato de o primo ser um guerreiro-lobo, ao passo que ele falhava sucessivamente nessa ambição. Contudo, Ketill ignorava-o com uma frieza admirável, como se Magnor não fosse digno da sua atenção.

Tentei distrair-me, comer um pouco, sorrir quando uma piada era contada, apreciar a música... Estava prestes a desistir, quando a conversa de Ketill atraiu a minha curiosidade. Na maior parte dos assuntos, as nossas opiniões coincidiam, o que me incentivou a partilhar idéias. Mal me habituei à intensidade do seu olhar verde, comecei a achá-lo muito inteligente e simpático.

A recepção incluiu cantorias, danças e exibições aguerridas das habilidades bélicas, que atingiram o auge quando o príncipe herdeiro desafiou o seu Primeiro Homem para um duelo. Ver Ivarr e Eric a digladiar-se, mesmo que num combate amigável, causou-me um desconforto brutal. E desenganou-se quem pensou que o

subordinado não oporia resistência à supremacia do seu senhor! Ivarr teve de suar muito para desarmar Eric. Porém, quando finalmente o venceu, abraçou-o com um carinho fraternal, que arrancou aplausos da assistência. Fora uma boa luta!

Steinarr convidou o filho mais novo a exhibir-se de seguida, deixando ao seu critério a escolha do oponente. Depois de tudo o que já ouvira, acreditei que Ketill seria o desafiado. E era evidente que o jovem pensava o mesmo, pois já fechava os dedos sobre o punho da espada. Todavia, Magnor planeava algo diferente:

— Muito se tem exultado, nesta noite e não só, o engenho da filha do *jarl* Throst da Ilha dos Sonhos, meu futuro genro. No último Festival de Verão, Thora tornou-se uma referência para aqueles que aspiram ser guerreiros, ao prostrar uma fera durante a *Caçada*. Na ausência de outro rival com a minha idade, experiência e destreza, é sobre ela que recai a minha escolha. De guerreiro para guerreiro, desafio aquela a quem chamais Loba Prateada a dar um passo em frente, e provar a sua aptidão, num combate de recompensa.

O clamor tornou-se quase insuportável. Durante anos, os combates de recompensa haviam sido usados para adquirir algo que não se podia negociar ou obter furtivamente, já que o vencedor tinha o direito de reclamar o prêmio sem contestação. Apesar de o desafiado poder recusar, para um guerreiro, virar as costas a um duelo, era uma desonra. Os convivas entreolhavam-se, confusos. O que possuía Thora que Magnor cobiçava? Conhecedor do caráter do filho, Steinarr fez a pergunta à cautela, e a resposta foi inesperada:

— A recompensa que pretendo é a pele da Loba Prateada.

O rei foi forçado a ordenar silêncio, pois a multidão bradava, tal a necessidade de manifestar o seu pasmo. A minha irmã estava rubra de fúria e Ivarr teve de segurar-lhe o braço para impedi-la de arremeter contra Magnor, antes que as condições do duelo fossem definidas. O meu olhar perscrutou o ardiloso príncipe. Para que queria ele o troféu de Thora? Decerto não planejava usá-lo! Esse ato não lhe traria prestígio; pelo contrário, cobri-lo-ia de ridículo! Mais uma vez, Steinarr deu vida aos meus pensamentos:

— Não preferes tentar a tua sorte numa futura *Caçada*, Magnor? O que te propões não te trará vantagem. Podes usar a pele da Loba

Prateada, mas o seu espírito jamais te assistirá...

— Eu não pretendo cobrir-me com aquela pele ridícula, meu pai — contrapôs o insolente. — Quero destruí-la! Queimá-la na fogueira e gargalhar diante das suas cinzas! Como é que vai ser, Thora? A grande guerreira está com medo de enfrentar-me?

Thora tentou libertar-se de Ivarr. Desta feita, foi o meu noivo que replicou, bem alto e sem esconder a reprovação:

— O que estás a fazer é vergonhoso, irmão!

— Talvez não seja apenas a tua serva que treme diante do meu desafio! — desdenhou o outro. — O que se passa, afinal? O todopoderoso Ivarr do povo viking não confia na aptidão de um dos seus guardas de elite?

Ivarr puxou bruscamente o corpo de Thora contra o seu, murmurando-lhe algo ao ouvido que a fez vacilar e parar de debater-se. Depois soltou-a, revidando:

— Eu confio a minha vida a qualquer um dos meus lobos...

— Quando se trata da Thora, caro irmão, não é a tua vida que está em causa... É aquilo que tens dificuldade em guardar dentro das calças, sempre que estás junto de uma mulher! E quantas senhoras que, neste preciso momento, se escondem por trás do seu rubor virtuoso, poderiam confirmá-lo? A minha questão não é contigo, Ivarr! A minha questão é contra essa ladra — apontou para a minha irmã —, que nada fez durante o último ano senão enganar e seduzir, para usurpar o que me pertencia por direito!

O meu pai levantou-se e eu temi o pior. O rei seguiu-o e deteve-o com uma expressão suplicante, enquanto apelava:

— Perdoa o meu filho, Throst! O Magnor é jovem e incoseqüente. Cuidarei para que seja castigado...

— Senhor, meu rei... — A voz de Thora sobrepôs-se à confusão, tinindo de raiva. — Devo admitir que tenho em minha posse algo que pertence ao príncipe Magnor.

O salão susteve o fôlego. Sem hesitar, Thora levantou a túnica e desatou com dedos destros o cinto que lhe adornava as calças... E antes que alguém pudesse esboçar um gesto, atirou-o à cara do horrorizado príncipe.

Para a maioria, a enorme trança de cabelo negro, ornamentada com uma fita vermelha e anéis de prata, não possuía um significado compreensível. Porém, aqueles que a reconheceram manifestaram o seu agastamento. Nessa noite, os *Skald* já haviam cantado a história da voluptuosa deusa da Floresta da Magia, que atraía o príncipe para uma armadilha, impedindo-o de terminar a *Caçada*. Magnor alimentara o embuste durante meses! Agora, até os amigos lhe exigiam explicações. E a única coisa que ele tinha alento para balbuciar era:

— Não... Isso não é meu...

Porém, mal interiorizou que fora ludibriado por Thora, a sua língua soltou-se e enveredou por caminhos tortuosos:

— Sua traidora! Cabra nojenta! Filha de uma cadela vadia! Rameira...

Desembainhou a espada e, num piscar de olhos, arremeteu contra a minha irmã com a morte no olhar. Contudo, mais rápido do que Thora, Ivarr amparou o golpe e prostrou o irmão com um soco. Magnor caiu e escorregou pela pedra do chão. Ainda não recuperara o suficiente para levantar-se, já dois guerreiros o suspendiam pelos braços e arrastavam para fora do salão, por ordem do próprio rei.

As noites no Norte eram longas, mas esta estendia-se até à eternidade! Na minha cama, Thora adormecera finalmente, após um pranto convulsivo onde a raiva, a frustração, o desprezo e a repulsa quase a haviam ensandecido. Eu explicara-lhe que o interesse que Magnor demonstrara por ela se transformara em obsessão e, por fim, em ódio. Porém, não tinha a certeza de que esta fosse a verdadeira justificação para a atitude tresloucada do príncipe.

Após a sua explosão de insultos, Magnor fora conduzido à prisão do forte, onde permaneceria até o pai decidir libertá-lo. Steinarr reparara-se diante de Throst, e prometera-lhe que, em breve, o filho mais novo lhe apresentaria um pedido de desculpas. Atendendo à longa e verdadeira amizade que os unia, o meu pai aceitara o rogo, ajudando o rei a serenar os ânimos dos convidados e a salvar a festa, para que o assunto pudesse ser, senão esquecido, pelo menos

desvalorizado. Era necessário evitar um escândalo que ferisse as relações entre os clãs.

Thora mantivera-se altiva, apesar de tudo. Com o olhar em chamas, Ivarr resgatara a trança do irmão e lançara-a para um dos braseiros. Se o tivesse feito quando devia, esta confusão teria sido evitada! Ele apercebeu-se do meu olhar crítico e voltou-me as costas, desgostoso. Eric quis amparar a prometida, mas ela afastou-o com uma brusquidão despropositada, e caiu nos meus braços. Trouxe-a para o meu quarto e falei-lhe com cuidado, até que admitiu:

— Eu agi muito mal! Por várias vezes, estive prestes a deitar fora aquela maldita trança, mas acabei por guardá-la, pensando que o Magnor merecia uma lição. Agora que obtive a tão almejada vingança, não alcancei glória, nem sequer satisfação. Sinto-me angustiada! Arrependida... Provoquei uma guerra entre pai e filho... entre irmãos! O rei e Ivarr vão zangar-se comigo, talvez castigarme... E se o Ivarr decidir que eu já não mereço a sua confiança? E se quiser mandar-me para casa?

Confortei-a o melhor que sabia, ignorando o desalento do meu próprio coração. Sentia-me exausta, mas não conseguia fechar os olhos. O fantasma da infidelidade de Ivarr voltava para assombrar-me, reavivado pelo veneno de Magnor. Eu não pudera deixar de reparar nos rostos corados e na súbita perda do fôlego de algumas senhoras que se pretendiam respeitáveis, após a acusação cuspidada para o ar. Num passado longínquo ou recente, Ivarr desfrutara dos seus favores!

Incapaz de manter-me na cama, deslizei para fora das cobertas, vesti o robe e abandonei o quarto. Precisava do meu pai, do seu carinho, da sua orientação... e, principalmente, de saber por que razão o rei ignorara a Visão da minha mãe. Abri a porta do quarto do *jarl* de supetão, sem sequer me lembrar de bater, e estaquei ao verificar que ele não se encontrava só. Acomodados ao seu lado, diante da lareira, fumando folhas de cheiro doce, estavam Steinarr e Ivarr.

— Peço desculpa — murmurei embaraçada. — Não pretendia interromper...

— Junta-te a nós, filha — convidou-me com um gesto acolhedor.
— Esta conversa também te diz respeito.

Avancei até eles e sentei-me no tapete macio. O olhar insistente de Ivarr provocou-me um rubor desconfortável. Steinarr sorriu, por entre o fumo que se elevava da folha que lhe pendia dos lábios. Sentime aliviada quando o meu pai quebrou o silêncio, perguntando:

— Como está a Thora?

— Deixei-a a dormir... — Fixei o olhar em Ivarr, antes de prosseguir. — Ela está arrependida de ter guardado a trança... E ainda mais de tê-la usado contra o Magnor. A Thora não é vingativa, nem maldosa!

— Eu sei, Edwina — volveu o príncipe, com uma calma que me devolveu a esperança.

— Vais castigá-la? — insisti, sem ocultar a ansiedade.

Ivarr levou a sua folha aos lábios e inspirou profundamente, antes de responder:

— Vou falar-lhe... Contudo, não vejo motivos para puni-la. Seria injusto se não admitisse parte da culpa pelo que aconteceu. Tu bem que me avisaste! — Deteve-se, sorrindo ao constatar a meu espanto ante tal admissão. — A Thora tem muito que aprender... Mas eu também! Se quero mantê-la ao meu lado, devo perceber, de uma vez por todas, que não posso esperar que reaja como um dos rapazes... Porque ela é diferente! E é nessa diferença que reside a sua força, a sua magia.

— Esta noite, todos aprendemos alguma coisa! — declarou o rei.

— Eu tenho sido muito condescendente com o Magnor, confiando que o tempo e a experiência lhe trouxessem maturidade. Porém, não posso permitir que a árvore continue a crescer torta, ou jamais recuperará o porte correto! Dois ou três dias à sombra hão de vergar a sua arrogância. Não admito insurrectos debaixo do meu teto!

Eu duvidava que o cativo fosse a solução adequada para corrigir a personalidade retorcida do jovem príncipe. Porém, agora que tivera a confirmação de que a minha irmãzinha não sofreria pela sua insurgência, o destino de Magnor pouco me interessava. Viera ao encontro do meu pai para indagar da decisão do rei, quanto à sorte

do meu bisavô, e, já que o destino me proporcionara a oportunidade de confrontar Steinarr diretamente, não pretendia desperdiçá-la:

— Calculo que o meu pai já contou a vossa alteza sobre a Visão da minha mãe, a qual revelou que “O Que Tudo Vê” se encontra em perigo...

— Edwina... — atalhou *o jarl*, num tom admoestador.

— Deixa-a exprimir-se livremente, Throst — replicou Steinarr. — Serei muito infeliz, no dia em que uma mulher da minha casa se sentir constrangida ao falar comigo. — Estendeu-me a folha onde acabara de enrolar as minúsculas ervas doces, e não tive como recusá-la. — Antes de mais, Edwina, devo explicar-te que, desde que o meu povo guarda memória, os seres humanos evitam o território da rainha Lyria. O próprio “O Que Tudo Vê” recomendou-me que, se eu tivesse necessidade de lhe falar, lhe enviasse a mensagem por um dos meus falcões. Conheço bem o poder de Visão da tua mãe e jamais ousaria questioná-lo... Mas a sua premonição coloca-me numa posição delicada! A Catelyn viu que “O Que Tudo Vê” seria atacado por Aesa... mas não viu onde, nem quando! — Ergueu a mão para conter o meu protesto. — Sei que vais argumentar com as árvores que bradavam como homens... E eu estou tentado a concordar! No entanto, reunir um exército e marchar rumo à Floresta de Lyria, ainda que este se mantenha na fronteira, aguardando por um sinal da ameaça que a tua mãe profetizou, será entendido como uma declaração de guerra.

Engoli em seco, com o coração acelerado. Eu até entendia a sua justificação... mas não podia aceitá-la! O fumo doce que consumia o ar começava a perturbar-me, a libertar os meus sentidos da influência da razão. Olhava para Steinarr e não via um rei com um poder ameaçador... Via um homem marcado pelo destino e pela infelicidade, que sempre remetera os seus desejos ao esquecimento, para satisfazer as necessidades do nosso povo. E, mais uma vez, pesava sobre a sua cabeça uma decisão de vida ou de morte. Era certo que arriscar um conflito com o Povo da Terra era loucura... Mas também não podíamos abandonar “O Que Tudo Vê”!

— Está a dizer-me que não pretende fazer nada? — inquiri audaciosamente.

— O rei já ordenou que os chefes de clã reunissem os seus generais e ficassem atentos ao nosso apelo — contrapôs o meu pai.
— Por enquanto, querida, pouco mais há a fazer.

— Para além do poder mágico, próprio da sua raça, o Povo da Terra não desconhece a arte da guerra — continuou Steinarr. — Os Vândalos terão de ponderar bem a sua estratégia de ataque! E nós devemos aguardar que “O Que Tudo Vê” se aperceba dos seus planos e nos envie um sinal. Pouco mais de dois dias separam-nos dos domínios de Lyria. A rainha tem meios para resistir até à nossa chegada...

— E se o meu bisavô estiver incapaz de solicitar ajuda? — contestei, enfrentando o olhar cristalino sem temor.

— Como assim? — revidou o rei.

— A magia de “O Que Tudo Vê” está a extinguir-se... — Eu nem sequer sabia por que dissera isto. Inesperadamente, o olhar verde de Steinarr cedera lugar a uma floresta luxuriante, prehe de vida, de energia... de encanto. A tênue claridade matinal ainda mal penetrava pelas copas das árvores, mas era suficiente para iluminar o caminho de uma centena de guerreiros duros, de aspecto atemorizador, que se moviam com a agilidade e a discrição de espectros. A espiá-los, ocultos entre os ramos cerrados, encontravam-se homens altos e esguios, de uma perfeição e fragilidade quase feminina. — Não! — gritei, assolada pelo horror. — Ides morrer todos!

— Edwina...

Era a voz do meu pai... ou a voz de “O Que Tudo Vê” que me chamava? Os homens belos movimentaram-se sobre os ramos, preparando os seus arcos para o ataque. Contudo, antes que a primeira flecha fosse disparada, o guerreiro que liderava os Vândalos deitou a mão à flauta que lhe pendia do pescoço e soprou-a... Não se escutou um som. No entanto, os homens que se ocultavam nas árvores começaram a cair como folhas secas, sangrando abundantemente dos ouvidos...

— Não!

— Edwina!

Encarei o meu pai, sem compreender por que ele se encontrava na floresta... Então, a realidade sobrepôs-se à Visão e desvendou o quarto do castelo, o fogo esperto da lareira e o assombro do rei e do seu primogênito.

— Edwina... — tornou o meu pai. — O que foi, querida? De repente começaste a estrebuchar; a gritar coisas sem sentido...

O meu rosto estava encharcado... em lágrimas, e não só! Levei as mãos aos ouvidos, sentindo-me tonta e indisposta. Os três homens soltaram uma exclamação de surpresa quando as revelei, cobertas de sangue.

— Está a acontecer... — murmurei, buscando o olhar do *jarl*, terrivelmente assustada. — Não chegaremos a tempo!

Ivarr levantou-se, tão depressa que me sobressaltou.

— Pai, a Edwina tem razão! Temos de avançar rápido, ou só nos restará cremar os mortos!

Seguiu-se uma pausa, dominada por um silêncio atemorizador. Steinarr fitou o meu pai, que lhe manifestou o seu apoio com um gesto resolutivo. Por fim, voltou-se para o seu herdeiro:

— Vai adiante com os teus lobos e deixa marcas que possamos seguir... Mas não corras riscos antes de nós chegarmos!

— Não! — gritei, mas a minha voz soou rouca e distorcida como se embriagada. — Não podes... levar a Thora para... o meio... daquele.... pesadelo...

Cada uma das minhas pestanas pesava mais do que uma saca de cereais. Fechei os olhos, com o corpo a desfalecer nos braços do meu pai... E a escuridão cobriu-me e arrancou-me à realidade.

CAPÍTULO 11

O rei Steinarr decidiu que as trompas de guerra não seriam sopradas. Assim, os nossos movimentos passariam despercebidos ante os espiões inimigos. Todavia, a sua ordem voou de boca em boca com uma rapidez impressionante. Mal a manhã nascera, o pátio enchia-se de homens armados até aos dentes, envergando escudos sólidos e algumas armaduras de couro e ferro. O passar dos anos e o contacto com outros povos havia aperfeiçoado os métodos de defesa do exército viking, que agora podia contar com mais artifícios para sua proteção do que a temida e lendária coragem, que os levara, no passado, a correr cegamente ao encontro do aço dos seus opositores.

Trajei-me da mesma forma que os homens, e Steinarr ofereceu-me uma cota de malha. Aceitei guardar um punhal na bainha da bota e uma espada curta no cinto, mas nada mais. De qualquer forma, não tinha intenção de usá-los. Mesmo que um inimigo rompesse a nossa defesa e chegasse até mim, eu possuía outros recursos para neutralizá-lo.

Enquanto os líderes davam as últimas instruções aos seus guerreiros, acariciei a Lágrima do Sol, que repousava dentro da bolsa que me pendia da cintura. Fechei os olhos, sustive o fôlego e lancei a mente ao encontro de Thora. Quase no mesmo instante, fui invadida pela sua ansiedade. A força da cavaleira fundia-se com o poder bravio da sua montada, o vento glacial chicoteava-lhe o rosto, a umidade colava-se à pele... A exaltação do perigo embriagava-lhe os sentidos.

Eu ainda estava inconsciente quando Ivarr deixara o castelo com os seus lobos. Entristecia-me não me ter despedido da minha irmã, não lhe ter desejado boa sorte e aconselhado cautela. Ao despertar, zangara-me com o meu pai, por ele ter consentido que ela alinhasse numa missão tão arriscada. Com muita paciência e carinho, o *jarl* replicara:

— Não posso dizer que estou satisfeito com a escolha da Thora, mas devo respeitá-la. A tua irmã é uma boa guerreira! Confia nas suas capacidades... como eu confio nas tuas!

Na verdade, eu não podia queixar-me de falta de confiança. Neste momento, o rei do povo viking mobilizava o seu exército apoiando-se no meu julgamento. Steinarr nem questionara o fato de eu ter sido acometida pela Visão no preciso instante em que tentava fazer valer a minha vontade. A fé que depositava nas mulheres da família do *jarl* era digna de admiração!

Montei na égua dócil que já conhecia e coloquei-me ao lado do meu pai. Nunca cavalgara com um exército e receava não ser capaz de acompanhar o ritmo dos guerreiros. O rei deu a ordem de partida e o chão pedregoso estremeceu debaixo dos cascos dos cavalos e das botas dos homens. Quando começava a bater o queixo, devido ao frio cortante que se enroscava no vento, a Lágrima do Sol pulsou como um coração de encontro à minha barriga, espalhando calor pelo meu corpo. Sentime um pouco mais confortável e forcei-me a ignorar as nuvens negras que cobriam o céu. “O Que Tudo Vê” morreria se o auxílio não chegasse a tempo. Eu estava determinada a ser tão dura como o mais feroz dos guerreiros. Não permitiria que a coluna se atrasasse por minha causa!

A noite já tombara, mas Ivarr e os seus lobos continuavam a avançar. A Terra dos Carvalhos ficara para trás e, diante deles, estendia-se o bosque que precedia a Serra Rochosa. Estavam habituados a caçar, por isso a bruma não os incomodava. Carregavam um único archote, cuja luz era dividida pelos cinco homens e suas montadas. Thora e *Bravo* não necessitavam de claridade para se manter no trilho e se desviar dos ramos aguçados das árvores.

Um relâmpago tingiu de vermelho o negrume do céu. A escuridão regressou, mas o silêncio foi profanado pelo clamor do trovão. Por trás de Thora, Eric resmungou:

— Só cá faltava uma tempestade para nos atrasar!

— Enquanto não chover... — começou Ragnar, mas deteve-se ao sentir os primeiros pingos de água a molhar-lhe o nariz.

— Estavas a dizer alguma coisa? — ironizou Bryan; a sua voz abafada por um novo trovão.

— Maldição! — praguejou o outro. — Detesto combater debaixo de chuva!

— Já pensaste no que dirás a Lyria, se a Edwina estiver enganada, Ivarr? — perguntou Ketill, que seguia cautelosamente o primo através do carreiro íngreme. — A rainha pode encarar o nosso ingresso nos seus domínios como um desafio à sua autoridade!

— Se bem conheço a Edwina, neste preciso momento essa Lyria está a rezar para que o nosso exército chegue — revidou Thora.

— Custa-me a acreditar que tudo isto tenha acontecido debaixo do nosso nariz, sem que nos apercebêssemos — resmungou Ragnar.

— A Edwina sabe o que diz! — defendeu-me Eric. — Tê-la-ia “O Que Tudo Vê” escolhido para sua herdeira, se não possuísse o poder da Visão?

Thora apoiou-o, justificando com clareza:

— A Edwina possuiu uma habilidade ainda mais impressionante do que a vidência. A sua essência é capaz de viajar ao encontro de amigos e de inimigos; fundir-se na mente dos que lhe são próximos e, através dessa união, interferir nos acontecimentos, como se os presenciasse. Agora mesmo, ela está a observar-vos com os meus olhos e a escutar a nossa conversa...

— Isso é arrepiante! — exclamou Ketill. — A Thora está a falar a sério, Ivarr? A tua noiva está aqui, conosco?

Ivarr olhou por cima do ombro e incitou o seu cavalo a apressar-se, volvendo:

— Para teu bem, aprende que tudo é possível, quando se trata das mulheres desta família! Agora, chega de conversa! Estamos a perder tempo!

Céus, como eu odiava o frio! Se não fosse a proteção da Lágrima do Sol já teria morrido gelada. Estava encharcada até aos ossos e sentia-me desconfortável e dorida, prestes a desmaiar devido ao cansaço provocado pelo dia e meio de viagem. Desde que saíramos do castelo, mal tínhamos parado para comer e dormir.

A trovoada concedeu-nos uma trégua, mas a chuva continuou a cair. Saímos da Floresta dos Carvalhos para debaixo do negrume da noite. Diante de nós estendia-se a Serra Rochosa, com os seus carreiros lamacentos ladeados por rochas pouco estáveis, algumas das quais terminavam em precipícios mortais. Seria loucura prosseguir nestas condições, por isso, o rei e o *jarl* acordaram em montar acampamento. Eu nem imaginava como Ivarr e os seus lobos haviam avançado a cavalo pelos trilhos inundados da serra traiçoeira, sem se magoarem.

A nossa direita, estendia-se uma floresta sinistra e quase impenetrável — a Floresta Sombria, covil do povo vândalo. A mera proximidade do reduto da Senhora da Lua encheu-me de calafrios. O *jarl* apercebeu-se do meu incomodo e atraiu-me para o aconchego dos seus braços. A tenda de pele que trouxera tornou-se o mais acolhedor dos refúgios. Assim que me aninhei no seu peito e senti a carícia dos seus lábios na minha testa, entreguei-me ao sono.

Durante um tempo indefinido flutuei num mar de tranqüilidade. Então, subitamente, fui acometida por uma indisposição frustrante. A minha cabeça rodopiou e a boca desfez-se em água. Queria acordar e não conseguia. Tinha a distinta percepção dos braços do meu pai a ampararem-me... Não! Não eram os braços do meu pai! Eu estava rodeada pela escuridão opressiva da floresta e Ivarr murmurava-me suavemente ao ouvido:

— Respira fundo, Thora... A primeira vez é difícil, até para o mais duro dos guerreiros.

A minha irmã acabara de vomitar, e as emoções violentas que a trespassavam forçavam-na a tremer sem parar. Os seus olhos ergueram-se, toldados pelas lágrimas, e revelaram-me a barbárie que a prostrara.

Ivarr e os seus lobos tinham chegado ao local onde a floresta testemunhara uma terrível batalha. Duas raças distintas haviam medido forças: o Homem e o Povo da Terra. Apesar da chuva que tombara entretanto, o solo ensopara tanto sangue que se mantinha vermelho. Os cadáveres dos guerreiros humanos encontravam-se cuidadosamente empilhados e o fogo fora usado para lhes abrir caminho até ao seu deus... Porém, os sucessivos aguaceiros haviam

extinguído as chamas e deixado os corpos meio carbonizados, meio chamuscados, meio intactos: cinza, osso, carne e líquidos pútridos, por entre pedaços de roupa esfarrapada e suja e alguns objetos de metal. Por sua vez, os cadáveres do Povo da Terra haviam sido empalados em lanças e estripados, para que diante de cada corpo se formasse uma poça de sangue, vísceras e fezes. Muitos tinham braços e pernas amputados, abandonados ao seu redor numa mistura mórbida. Nenhum fora poupado à decapitação. As suas cabeças pendiam dos ramos das árvores, suspensas pelos longos cabelos, voltadas para a pilha de adversários para que, dessa forma, os seus espíritos condenados ao tormento eterno presenciassem a salvação daqueles que haviam perecido às suas mãos, quando o fogo libertador os consumisse.

No fim, a natureza não poupou vencidos nem vencedores. A chegada dos nossos guerreiros afugentara as criaturas da floresta, que se haviam banqueteados com as carnes e os fluídos dos cadáveres. Apesar do ar gélido impedir a decomposição rápida, o fedor da morte empestava o ar, de tal forma que se tornava difícil respirar sem sucumbir aos vômitos.

Eric ajoelhou-se junto de Ivarr, que ainda sustinha Thora, mostrando-lhe o amuleto que resgatara à pilha de corpos. Na chapa de metal estava entalhado um corvo com um ramo de espinheiro no bico.

— Vândalos — confirmou.

— A guarda avançada de Lyria surpreendeu-os — concluiu Ivarr. — Presumo que a Gente Bela conseguiu organizar a defesa da sua cidade... De outra forma, esses cães danados não teriam perdido tanto tempo aqui!

— Há rastros adiante — informou Bryan. — Um exército abriu caminho através da floresta... Talvez uma força comparável à que nos segue.

— Uma ofensiva deste vulto contraria o método de ação dos Vândalos — observou Ketill. — Eles sempre preferiram desgastar o inimigo com pequenas escaramuças...

— Estão atrás de qualquer coisa — inferiu Ivarr. — E dispuseram-se a alcançá-la a todo o custo. Não sei se Lyria possui condições

para repelir um ataque desta envergadura!

— Mas, como podem os Vândalos vencer a Gente Bela? — questionou Ragnar, confuso. — Não são estes uma casta de Feiticeiros? E têm “O Que Tudo Vê” do seu lado...

— A magia do Povo da Terra não é uma magia guerreira — replicou Ivarr, gravemente. — “O Que Tudo Vê” está velho e débil... E os Vândalos desfrutam da proteção e da liderança de Aesa, que se fortalece a cada dia com as almas que devora... Temo que cheguemos demasiado tarde!

Eu não sabia definir em que parte o pesadelo se confundira com a Visão... O rei e o *jarl* escutaram-me com o sobrolho franzido, mas não me questionaram. De imediato, os guerreiros receberam ordens para prosseguir a marcha. O dia estava prestes a nascer, mas os raios de Sol seriam impotentes para trespassar o manto de nuvens que ocultava o céu. Adivinhava-se outra tormenta.

Iniciamos a travessia penosa da serra, avançando dois passos e escorregando um na direção oposta. Felizmente, parara de chover durante a noite e a água já só corria a fio por entre as pedras traiçoeiras. Ainda assim, muitos guerreiros altivos e pomposos acabaram com a cara enterrada na lama, engolindo o orgulho debaixo das gargalhadas dos companheiros.

A Floresta Sombria era um mar de verde ondulante, que se fundia com o tenebroso céu de cinza. Avistei os domínios do Povo da Terra do topo da garupa da minha égua. A floresta de Lyria estava envolta num tapete de nevoeiro tão denso, que mal nos permitia ver as copas das árvores. Os guerreiros acotovelaram-se, questionando-se acerca do fenómeno. Seria fruto de um sortilégio da Gente Bela, para se resguardar dos seus inimigos? O que aconteceria quando a bruma nos envolvesse nas suas garras geladas? Havia quem jurasse que um nevoeiro como aquele já sugara a vida de verdadeiros gigantes! Steinarr teve de se insurgir contra a imaginação galopante de alguns homens, para serenar os ânimos. Eu observava atônita o que a superstição, conjugada com o cansaço, podia fazer com bravos que, em condições normais, não hesitariam em saltar para a frente de um touro enfurecido.

A descida da serra foi muito complicada. O meu pai dominava a sua montada com firmeza; os olhos semicerrados fixos adiante, como se visse e escutasse mais além do que os companheiros. Decerto, este era o último lugar onde desejava que as suas filhas estivessem. Steinarr também devia encontrar-se prisioneiro de pensamentos obscuros, pois a sua expressão ensombrou-se a cada passo. Os homens haviam mergulhado num silêncio lúgubre, interrompido por um palavrão ocasional sempre que alguém escorregava.

Quando chegamos ao vale, eu já mal continha a impaciência. A chuva recomeçou a cair nesse instante, e a imensa nuvem de nevoeiro principiou a desvanecer-se. Esquecidos da crendice que há pouco os cobrira de suores frios, os guerreiros ergueram as armas e exultaram ante a expectativa de uma boa batalha. Se da bruma surgisse uma criatura grotesca e minaz, tê-la-iam enfrentado com um sorriso nos lábios.

Não tardamos a encontrar os cavalos dos nossos batedores a pastar no campo. O comportamento dos animais dos Homens tornava-se instável quando pisavam terreno sagrado, e Ivarr certamente decidira que se ocultariam melhor se avançassem a pé. Apoiado no mesmo raciocínio, o meu pai pediu-me que desmontasse, e todos aqueles que seguiam a cavalo imitaram-me. Os animais estavam bem treinados e aguardariam pelo nosso regresso, a não ser que alguma fera os espantasse.

A chuva cessou como por encanto, quando entramos na Floresta de Lyria. Sobre as nossas cabeças, as copas das árvores entrelaçavam os ramos e impediam a passagem da débil luz da manhã. Steinarr deu permissão para que se acendessem archotes. Era possível saborear no ar uma energia de tormenta. Mal nos atrevíamos a respirar na malignidade do silêncio absoluto que nos envolvia. Não me recordava de alguma vez ter presenciado esta total ausência de som no mundo dos vivos. Simplesmente, não era natural que os insetos não assobiassem, que os roedores não chiassem, que as feras não rugissem, que os pássaros não piassem... que o vento não silvasse ao chicotear as folhas das árvores. A chuva tornara o solo mole, por isso nenhum ramo

estalava por baixo das nossas botas. Crescia em mim a necessidade de gritar e romper este vazio. A angústia massacrava-me a cada passo. As sombras bailavam ao nosso redor e era difícil manter os fochos a arder. Cerrei os olhos, temendo ser acometida pela visão dos espíritos da floresta a alimentarem-se do medo dos Homens. O meu instinto avisava-me que nos encontrávamos perto de um pico de energia. Encostada ao meu ventre, a Lágrima do Sol aqueceu, até o seu fulgor se tornar quase insuportável. O murmúrio do meu pai, praticamente inaudível em qualquer outra ocasião, ressoou-me aos ouvidos:

— Mantém os olhos no chão, querida. É escusado que presencies este horror...

Por que é que quando recebemos um conselho o nosso primeiro instinto é contrariá-lo? O fedor da morte cortou-me a respiração, e não tardei a deparar-me com o apavorante cenário do meu pesadelo. O passar do tempo só agravara a abominação. A pilha de cadáveres mal ardida, em medrada putrefação, fermentava pestilência. Ao evitar a visão dos corpos mutilados do Povo da Terra, deparei-me com as suas cabeças agitando-se à vontade do vento, quais terríficas frutas maduras e sumarentos. À distância do meu braço, o rosto eternamente atormentado de um jovem; a pele cinzenta luzidia ante o fogo; os lábios negros escancarados, revelando dentes ofensivamente brancos e perfeitos; os olhos revirados nas cavidades; os cabelos louros, tingidos pela morte, emaranhados nos ramos de uma árvore, deixando a descoberto as orelhas ensangüentadas... De súbito, sob a minha horrorizada observação, os seus olhos ganharam vida e a boca moveu-se num sussurro impossível; numa última súplica de plena agonia:

— *Salva o meu povo, Rainha do Sol...*

Gritei. Gritei até sentir que a garganta se fendia, e continuei a gritar. Dominada pelo pânico, corri às cegas, embrenhando-me no desconhecido. Atrás, o meu pai apelava e os guerreiros comiam lama no meu encalço. Mas eu não parava...

Perdi a noção do tempo. Perdi a noção de tudo o que não fosse o calor da Lágrima do Sol, que me instigava adiante. Na minha mente materializava-se uma Visão medonha. "O Que Tudo Vê" de joelhos,

apoiado no seu bastão num equilíbrio precário, a sua energia consumindo-se a cada fôlego — a energia que alimentava o escudo de luz que cercava uma cidade suspensa das árvores. No topo de uma torre que se erguia entre dois troncos centenários, uma mulher de cabelos negros, pele branca e incríveis olhos azuis escuros, chorava. A sua figura alta e esguia ameaçava ruir, qual coluna de gelo fino exposta ao Sol abrasador. Também o seu vigor fraquejava, e o nosso desespero fundia-se, acendendo o seu assombro ao reconhecer-me.

— *Vieste, Rainha do Sol... Posso ter esperança, mais uma vez!*

Ao seu esplendor sobrepôs-se o negrume da floresta. Aguardando na obscuridade, um exército de magníficos guerreiros iniciou o incitamento de uma fúria secular, prontos para acometer contra a cidade e esmagar tudo o que respirasse, assim que a magia do Guardião da Lágrima do Sol cedesse. Em frenesi, bateram com os pés e os escudos, ergueram as armas ao céu e clamaram com um ímpeto selvagem. O silêncio estava irremediavelmente profanado.

Um guerreiro fabuloso destacou-se dos demais. Era tão possante como Steinarr e a sua firmeza sombria refletia-se nos traços fortes do rosto, no azul intenso do olhar. Não precisei de buscar a verdade nos seus pulsos... Não necessitei de ver as tatuagens do Dragão da Lua, para reconhecer que no seu corpo pulsava o sangue da minha família paterna. Este homem era muito mais do que um Vândalo... Era um descendente de Aesa! Então, inesperadamente, deparei com outra força entrançada na sua essência; magia da mais rica — a proteção de uma feiticeira. Contudo, havia algo de errado nesta associação! No instante em que as nossas energias se defrontaram, eu deveria ter sido implacavelmente repelida... Porém, tal não sucedeu! Existia uma fraqueza na sua perversidade; uma luz que teimava em romper a obscuridade da sua magia... uma curiosidade que, se me atrevesse a um devaneio ingênuo, acreditaria tratar-se de inocência. A mulher que protegia o líder inimigo não era Aesa!

A minha corrida alucinada foi brutalmente interrompida por um esticão que me derrubou. Uma mão forte amordaçou os meus berros, mas só parei de debater-me quando a minha mente aceitou o reconhecimento de Ivarr. O regresso da sanidade veio com a

percepção de que acabara de cometer um erro imperdoável. Denunciara a nossa presença aos Vândalos! Continuavam a escutar-se gritos e batiques, o chão estremecia sob o compasso dos pés... só que estes galopavam na nossa direção.

Atordoada, vi Ivarr desembainhar a espada. Eric e Ketill surgiram ao seu lado, saídos do nada. Bryan abandonou as sombras, um pouco adiante. Não muito longe vislumbrei Ragnar... E Thora acabara de me segurar no braço.

— Vem — apelou com uma urgência que não ousei contestar. — Eu ajudo-te a subir a uma árvore.

Thora parecia um esquilo, saltando de tronco em tronco sem hesitação. Mas o que mais me impressionou foi a força com que me içou, amparando o meu corpo avantajado com a mesma facilidade com que um homem o faria. Já muitas vezes eu elogiara o vigor da minha irmã, mas nunca o experimentara. A habilidade de Thora facilmente se tornaria fatal para um inimigo, que jamais adivinharia o potencial que a sua aparência frágil escondia.

Quando se certificou de que eu estava segura, ordenou autoritariamente:

— Aconteça o que acontecer, não saias daqui!

E deixou-se cair, tal como eu a vira fazer no seu ritual de iniciação, enrolando braços e pernas nos ramos durante a queda, até atingir o solo sem um arranhão, de joelhos flexionados e espada desembainhada. Ao seu lado, Ivarr e Eric miravam-na, orgulhosos. Depois, os seus rostos ensombraram-se com a concentração.

Um Vândalo irrompeu de entre as árvores e foi de encontro à espada do príncipe viking. Mal o seu corpo tombara, já Ivarr se debatia com outro inimigo. Eric evitava os espigões de um escudo lançado à sua cabeça, enquanto atacava as pernas do adversário. Ketill desviara-se de uma lâmina mortal e amputava o braço do agressor sem contemplações. Bryan e Ragnar haviam unido as costas e enfrentavam três gigantes, quatro, cinco... Um homem com o dobro do tamanho de Thora investiu contra ela de espada em riste. A minha irmã desviou-se; a lâmina rasgou o ar e enterrou-se no chão lamacento. Ao perceber que o rapazote que o desafiava era, afinal, uma rapariga, o Vândalo desatou às gargalhadas. Recuou na

sua intenção de feri-la, tentando acertar-lhe com um soco que, julgava ele, a deixaria inconsciente e a tornaria na prenda ideal para o desfrute do seu líder. Quando o punhal de Thora lhe rasgou a garganta, o seu olhar acusou incompreensão. Amparou as golfadas do seu próprio sangue com as mãos, mas não teve tempo para pensar na morte, pois o aço da Loba Prateada trespassou-lhe o coração.

Senti a comoção da minha irmã explodir-me no peito, mas a vida que se extinguia aos seus pés não a transtornou. Cruzou o punhal e a espada para se defender do ataque de mais um inimigo, aproveitando um desequilíbrio do homem para chutá-lo na barriga, enquanto lhe dilacerava a pele fina do pescoço com uma lâmina rubra de sangue. E, sem hesitações nem remorsos, a Loba Prateada escolheu a próxima presa...

O meu pai saltou para o centro da ação com um urro aterrador. Seguiu-se Steinarr e os nossos guerreiros. Os dois exércitos encontravam-se e digladiavam-se com um fervor incendiado pelo ódio que os opunha desde o início dos tempos. Por baixo de mim, agitava-se um tapete feito de carne, sangue e suor. A confusão era tamanha que se tornava quase impossível distinguir Vikings de Vândalos. Por entre a luz dos archotes, que eram utilizados como armas ou largados no solo pelos que tombavam, vi a cabeça loura do meu pai movendo-se com uma exaltação feroz. As lâminas chocavam e libertavam faíscas em todas as direções. O estrondo dos escudos, do metal e da madeira que se partia, misturava-se com os rangidos dos ossos quebrados, com os gritos de dor e de raiva... A morte sorria e esfregava as mãos.

Comecei a ficar tonta; a vista a turvar-me. Fechei os olhos, contendo o vômito a custo. Quase de imediato, fui invadida pela Visão do líder vândalo a soprar na sua flauta amaldiçoada. O som, que os ouvidos eram incapazes de escutar, começou a corroer a energia protetora do escudo, a abrir buracos na defesa da cidade. Ignorando o grosso do seu exército que se batia com o nosso, o general de Aesa persistia no seu objetivo... e estava prestes a alcançá-lo.

— *Edwina...*

— Avô...?

“O Que Tudo Vê” usava os últimos recursos, para que o apelo da sua mente chegasse até mim. Deixei-me abraçar pelo seu poder e entreguei-lhe a minha vitalidade, a fim de sustentar o escudo que protegia o reduto da Gente Bela. Contudo, alimentar a sua essência era insuficiente. A força mágica que movia o inimigo não recuava diante da vontade do feiticeiro ancião. Eu tinha de fazer alguma coisa. Eu, e não Hakon! O destino desafiava-me a decidir entre a vitória e o fracasso.

Retirei a Lágrima do Sol da bolsa e envolvia nas mãos, assimilando o seu calor, que aumentava com o pulsar do meu coração. Toquei na consciência do meu mestre e suplantei-a, atingindo um nível de poder que me permitiu reconhecer cada partícula que formava o escudo de energia que detinha o avanço dos Vândalos. A voz da flauta do herdeiro de Aesa era agora ensurdecedora; magia negra que se transformava em som e destruía como fogo... a mesma energia sombria que enfrentara no dia em que fundira a minha essência com a de Edwin! Aquele dia que tentava desesperadamente apagar da memória...

Ouvi-me gritar, sem saber se o fazia com o corpo ou a mente. A tenebrosa música quedou-se, suspensa no ar, enquanto o brilho fulgurante da Arte Luminosa trespassava o olhar azul do Vândalo, a força do seu sangue, e compelia a sua protetora a estremecer. Não, esta feiticeira não era Aesa! Era uma jovem, pouco mais velha do que eu... e a sua essência, apesar de servir o mal, ainda conservava vestígios de pureza, tal como a de Edwin. Eu tinha de esvaziá-la do seu poder antes que ela consumisse o meu. Concentração total... Determinação absoluta... A aprendiz da Arte Obscura não era rival para a futura Guardiã da Lágrima do Sol!

Fixei-me na sua candura e alimentei-a, limpando-lhe a alma, sentindo-a fraquejar a cada fôlego. Parte dela relaxava e entregava-se ao conforto da luz... A outra, clamava por socorro, ciente de que eu podia destruí-la... e ao guerreiro que partilhava a magia do seu sangue. Todavia, a sua súplica não obtinha resposta. Teria Aesa abandonado a pupila? Ou já fora derrotada por “O Que Tudo Vê”, nesta guerra de vontades?

Eu estava perto... Cada vez mais perto... A jovem gritou e as suas defesas ruíram. Por um momento, vi-a de relance, alta e magra, com longos cabelos castanhos acobreados e olhos... brancos? Sim, a minha adversária era cega!

Nesse instante, capturei o seu espírito; um pássaro indefeso nas minhas mãos. Bastar-me-ia fechar os dedos para destruí-la sem cansaço... E, se a destruísse, o chefe vândalo que dependia dela também pereceria! Esta sangrenta batalha terminaria de imediato, e muitas vidas seriam poupadas. Um simples gesto para acabar com o pesadelo... Porém, fui incapaz de concretizá-lo. Recuei bruscamente e abandonei-a ao esquecimento.

O colossal guerreiro berrou como se a sua alma tivesse sido arrancada, enquanto a flauta amaldiçoada se desfazia nas suas mãos, numa miríade de grãos de pó que o vento se encarregou de dispersar. Tombou de joelhos, rosnando a sua frustração. Diante dos seus olhos, o escudo de energia que protegia a sua presa recompunha-se. A cidade do Povo da Terra estava a salvo da sua intenção destruidora... Porém, o seu ódio clamava por vingança! E a cabeça do rei viking encontrava-se à distância de uma batalha, onde ele possuía uma incontestável vantagem.

Ergueu-se com um salto e ordenou aos seus homens que o seguissem. O pavor quebrou-me a concentração. Regressei dolorosamente à minha consciência. A Lágrima do Sol caiu-me das mãos e precipitou-se no vazio, enquanto me esforçava por me segurar ao tronco e evitar uma queda fatal. No solo, os Vikings tinham dominado os seus inimigos, à custa de muitas vidas. Pisquei os olhos, enevoados e lacrimosos, buscando aqueles que me eram queridos. Os corpos tombados causavam-me um horror profundo. Nunca me vira tão perto da morte... E o pesadelo estava longe de findar!

— Vândalos... — bradei, na esperança de que alguém me escutasse. — Vêm aí mais Vândalos!

— Edwina, agüenta-te!

As lágrimas de alívio escorreram-me pelo rosto, ao reconhecer a voz do meu pai. De entre a confusão, Ivarr também se precipitava em meu auxílio. Agarrei-me ao tronco, tremendo sem controle. Já

conseguia ver com clareza. Thora tinha a roupa encharcada em sangue, mas a sua agilidade revelava que este não lhe pertencia. Krum e Eric tentavam minorar a agonia dos companheiros prostrados, improvisando garrotes para impedir que as hemorragias se tornassem fatais. Steinarr ajudava um dos seus lobos a erguer-se. O homem fora ferido numa perna e sangrava abundantemente. Ketill amparava Ragnar, que recebera uma pancada esmagadora na cabeça. Bryan... Bryan foi o primeiro a receber a segunda vaga de destruição que se abateu sobre nós.

De repente, estavam por todo o lado, superiores em número e em força. O meu pai batia-se com dois, ainda longe da árvore de onde eu pendia, num equilíbrio precário. Ivarr também não podia valer-me, pois fora derrubado pelas costas e só escapara à lâmina do inimigo graças à sua prodigiosa velocidade. Thora deteve-se ao seu lado e Eric e Ketill juntaram-se, repelindo as espadas dos Vândalos que se multiplicavam em redor do seu senhor. Steinarr empurrava diante de si um enxame de guerreiros... Não era à toa que lhe chamavam "guerreiro-urso"!

Porém, depressa concluí que a luta do meu povo era inglória. Os Vândalos pareciam animados por uma resistência sobrenatural; empunhavam as armas sem cansaço e os seus ferimentos não os impediam de continuar a combater. Um a um, vi tombar homens do rei e do *jarl*, trespassados por espadas, por lanças compridas, por poderosos machados de guerra... Uma dessas terríveis armas foi arremessada com tal mestria e velocidade, que pregou o crânio da vítima ao tronco da árvore que me sustinha. O guerreiro morto habitava na Ilha dos Sonhos e comia com frequência à nossa mesa. Tinha quatro filhos, ainda pequenos, e um quinto a caminho... que nunca conheceria o pai. O seu algoz fora o líder inimigo, que ceifava vidas com um prazer exultante. Os seus olhos ávidos inquietavam-se, buscando vorazmente o almejado prêmio... Steinarr!

Senhor do tempo, trespassou mais um viking com a sua espada e aproximou-se da árvore para recuperar o machado. A sua expressão enlouquecida iluminou-se num sorriso, ao puxar pela arma e sentir o sangue do guerreiro espirrar-lhe para o rosto. A visão foi tão atroz que me provocou um gemido... um lamento que dificilmente seria

audível no silêncio de uma noite solitária. Todavia, o Vândalo escutou-o por entre o fulgor da batalha. Os seus olhos ergueram-se ao meu encontro e relampejaram vitoriosos. Sem a mais leve hesitação, rodou o machado sobre o pulso, uma e outra vez. Tive a certeza de que a minha vida chegara ao fim...

— Nem nos teus sonhos, sua besta!

Pasmei ao ouvir o berro de Thora e ainda mais ao vê-la cair sobre as costas do gigante, cravando-lhe o punhal entre as costelas. O líder vândalo rugiu e o machado escapou-lhe da mão, enterrando-se no tronco que me amparava, a um palmo da minha testa. Sem o menor esforço, levou a mão atrás das costas e agarrou a minha irmã pela túnica, arremessando-a por cima da cabeça. Thora estatelou-se aparatosamente no solo e já não se moveu. Sem delonga, o colosso arrancou o punhal da carne, e preparava-se para arremessá-lo contra a guerreira inanimada, quando o rei-lobo lhe bloqueou o caminho. Os dois líderes mediram forças com o olhar e eu percebi que já não era a primeira vez que se enfrentavam.

— Ivarr... — A voz do vândalo era profunda e aterradora. — Isto é bom demais para ser verdade! Quando o Sol nascer, a corja viking acordará sem soberanos...

— Ainda não me mataste, Arkin!

— Não? Então, por que é que estou a ver a tua cabeça pendurada na sala da minha rainha, entre a do teu pai e a do teu *jarl*?

As espadas dos dois guerreiros encontraram-se no ar e soltaram labaredas. Abracei o tronco, gelada de horror, assaltada pela recordação das inúmeras vezes que já ouvira o nome deste homem: Arkin, primogênito do rei Vestein, herdeiro do trono Vândalo, considerado o melhor guerreiro do seu povo... E eu tivera-o à minha mercê e nada fizera!

Mais possante do que Ivarr, o príncipe vândalo atacava com uma rapidez letal. Afligi-me ao constatar que o meu noivo apenas se defendia. O vândalo estava descansado e bufava rancor, ao passo que o viking mal dormia há três dias, pouco comera desde que partira de casa, fizera uma caminhada extenuante e já carregava no corpo a fadiga de uma batalha. Todavia, ao observá-los, apercebi-me de algo que Ivarr não hesitava em usar em sua vantagem. Arkin

possuía uma força bestial, mas não apelava à imaginação. Um adversário mais fraco seria incapaz de lhe fazer frente. Porém, diante de um homem fisicamente equivalente, o ataque do príncipe vândalo tornava-se previsível, quase repetitivo.

Ivarr neutralizou finalmente o vigor da espada inimiga, e não perdeu tempo, socando-o no rosto até deixá-lo atordoado. A disputa poderia ter terminado aí, com um golpe rápido que enviaria o vândalo ao encontro do seu deus. Contudo, não muito longe, um grito destacou-se de entre os demais. Todos os guerreiros se detiveram com a respiração suspensa. Steinarr acabara de ser ferido... E, pelo que me era possível vislumbrar do meu periclitante mirante, tratava-se de um ferimento mortal.

Clamando desesperado, Ivarr voltou as costas a Arkin e correu ao encontro do pai. Steinarr fora encurralado por três guerreiros. Dois jaziam aos seus pés... mas o terceiro preparava-se para decapitá-lo. O rei tombara sobre os joelhos, exausto. O punho da arma com que o inimigo o trespassara sobressaía grosseiramente do seu ventre, sobre a túnica de lã ensopada em sangue. A lâmina do Vândalo rasgou o ar... mas foi interceptada por outra lâmina. O meu pai movera-se tão depressa que eu nem o vira aproximar-se. Com um gesto poderoso, forçou o guerreiro a recuar e ajudou Steinarr a erguer-se, protegendo-o com o seu corpo dos ataques dos inimigos que choviam sobre eles, dispostos a tudo para matar o soberano viking.

Uma gargalhada hilariante aprisionou a minha atenção. Após a última acometida de Ivarr, o herdeiro de Aesa tombara com o nariz em cima da Lágrima do Sol... E agora exibia-a, com uma expressão triunfante, obviamente conhecedor da sua importância.

Eu não podia continuar pendurada na árvore, a observar aqueles que amava a serem abatidos como animais, aguardando que a minha vez chegasse! Tinha de fazer alguma coisa! Mas as minhas energias tinham-se esgotado na defesa da cidade de Lyria. Sentia-me exausta, enjoada, tonta... Ainda assim, teimei em estender a mão ao encontro do cristal, murmurando um débil chamamento. Para meu alívio, a Lágrima do Sol obedeceu-me prontamente, libertando-se dos dedos do Vândalo e voando até à mim. Desprovido

do seu troféu, o colosso fixou-me com um olhar assassino, bufando de raiva. O punhal de Thora encontrava-se à distância de um passo. Arkin baixou-se para agarrá-lo... mas deteve-se, petrificado, quando uma seta lhe assobiou ao ouvido e se cravou no solo, a um palmo da sua mão.

De início não compreendi o que estava a suceder. Por todo o lado, os Vândalos caíam, prostrados por flechas. Depois, vislumbrei o movimento quase imperceptível dos arqueiros que se aproximavam, servindo-se das árvores para ocultar o seu progresso, invisíveis aos olhos dos guerreiros. Agora que a sua cidade já não corria perigo, o Povo da Terra vinha em nosso auxílio.

Por baixo de mim, Arkin apossara-se do punhal de Thora e preparava-se para arremessá-lo. Com a respiração suspensa, observei o seu braço a recuar para ganhar impulso, impotente para contrariá-lo. A Lágrima do Sol adormecera na minha mão, satisfeita por regressar ao seu abrigo, ignorando o meu pavor. Dei por mim a gritar pelo meu pai, como se tal fosse suficiente para me salvar. No entanto, não foi o *jarl* quem respondeu ao apelo. De entre a amálgama de guerreiros que resistiam, um destacou-se numa corrida vertiginosa, bradando o meu nome. Fixei Ketill como se estivesse a ver um fantasma, e Arkin não se conteve de seguir o meu olhar. Sem lhe dar tempo para uma última prece, a espada do jovem prodígio rasgou o ar, e a cabeça do líder vândalo voou de cima dos seus ombros. Foi este o último horror que presenciei, antes de perder os sentidos.

CAPÍTULO 12

À primeira vista, julguei que a beleza imaculada da rainha do Povo da Terra resultasse de uma exibição do seu poder. Ninguém podia ser assim tão perfeito! Porém, não tardei a reconhecer que a formosura de Lyria era genuína. Os seus cabelos compridos e lisos, pretos como a mais cerrada das noites, estavam enfeitados com fios de seda das sete cores do arco-íris. O azul-escuro penetrante dos seus olhos tornava-se límpido quando me fixava. A sua pele era alva e delicada; o seu corpo um hino de sensualidade. Usava um vestido de lã, onde os mais díspares tons de verde se entrançavam, e movia-se com uma elegância majestosa.

— É um prazer conhecer-te, Edwina — A sua voz maviosa repousava no ar, antes de deslizar pela pele numa carícia suave. — “O Que Tudo Vê” elogiou a tua habilidade com tal veemência, que acreditei estar diante da descrição orgulhosa de um avô dedicado. Porém, hoje demonstraste que és digna desses louvores e de muitos mais. Devo-te a minha vida, a vida do meu povo e a sobrevivência desta terra. Tens a minha eterna gratidão.

Balbuciei surpreendida, impedindo-a de se ajoelhar diante de mim. Apesar de estarmos sós, a sua homenagem incomodava-me. Eu nada fizera de extraordinário! E a certeza de que poderia ter evitado muitas mortes, se não me tivesse apiedado da herdeira de Aesa, massacrava-me o espírito. Dei por mim a dizer-lhe exatamente isso; algo que nem confessara ao meu pai.

— Fizeste o que a consciência te ordenou — replicou ela, apaziguadora. — Tudo tem a sua razão de ser! Um dia entenderás o porquê dessa decisão. Seja como for, não menosprezes o teu feito. Afinal, adivinhaste que precisávamos de ajuda, mobilizaste um exército e...

— Na verdade — interrompi —, foi à minha mãe que ocorreu a revelação de que vós estáveis em perigo. E foi o meu pai quem convenceu o rei Steinarr a empreender esta viagem...

— Está bem! — atalhou ela, sorrindo. — Mas tu subjugaste a herdeira da Senhora da Lua. Se essa jovem não fosse

excepcionalmente forte, Aesa não lhe teria confiado o seu propósito, quando sentiu que o vigor lhe faltava. Nem eu, nem “O Que Tudo Vê” possuíamos reservas de energia suficientes para derrotá-la. Se não fosse por ti, a minha cidade teria sido arrasada, e é isso que me importa, Rainha do Sol! Agora, apesar de saber que estás cansada, necessito de apelar novamente ao teu poder, para libertar o rei viking das garras da morte.

O meu coração espinoteou, ao mesmo tempo que as palavras me saltavam dos lábios:

— É possível salvar Steinarr? Mas o meu pai disse...

— O rei está para além do alcance da cura humana... mas acalento a esperança de que não seja tarde para trazê-lo de volta à vida, recorrendo à minha magia. Infelizmente, sinto-me demasiado fraca para assegurar o sucesso, e “O Que Tudo Vê” continua inconsciente. Restame aguardar a tua compreensão. Steinarr é um grande homem e ainda tem muito que fazer pela sua terra e pelo seu povo. Ajudar-me-ás, Edwina?

Há pouco, quando despertara acalentada pela última réstia de energia do meu bisavô, suspirara de alívio ao verificar que sobrevivera à queda da árvore com pouco mais do que umas equimoses. Porém, descobrir que a vitória nos pertencera e que o Povo da Terra se encontrava a salvo, fora um pequeno conforto, ensombrado pela lembrança de uma devastação sangrenta; dezenas de vidas perdidas no aço gélido da crueldade inimiga. A minha família estava bem, mas muitos amigos tinham perecido. E a confirmação de que o nosso soberano agonizava às portas da morte, cobrira-me de desespero. Agora, Lyria devolvia-me a esperança... Não era uma certeza, mas, ainda assim, era tudo o que restava a Steinarr e ao povo viking.

O quarto que acolhia o rei era igual àquele onde eu acordara, pequeno mas agradável. Uma portada deixava entrar a luz e o ar fresco da manhã. As trepadeiras enfeitavam as paredes de madeira e o seu aroma perfumava o ambiente. A cama onde Steinarr repousava era composta de uma mistura de troncos, raízes e folhas entrançadas, surpreendentemente confortável. A manta que o cobria era de lã simples, sem ornamentos; um recorte de branco no centro

do verde e castanho que me rodeava, grosseiramente manchado de vermelho. O sangue vencia as barreiras impostas pelos curandeiros e teimava em abandonar o corpo do guerreiro-urso. O seu palor era testemunho da tragédia anunciada.

Todos os curandeiros haviam sido dispensados e só Ivarr e *jarl* se encontravam no quarto. Debaixo do olhar perdido do primogênito de Steinarr, Lyria avançou até ao leito e tocou na testa do moribundo. A sua expressão enevoou-se e um suspiro libertou-se dos seus lábios.

— Devo pedir-lhes que saiam — dirigiu-se aos dois homens com firmeza. — Por favor...

— Eu não deixarei o meu pai! — insurgiu-se o príncipe, demasiado alto, intensamente sofrido. — Quero estar ao seu lado até ao último instante!

— Acalma-te, Ivarr — apelou o meu pai, segurando-lhe no braço antes de se voltar para Lyria. — O que tendes em mente, senhora? Se a vossa magia ainda pode fazer algo pelo meu rei, rogo-vos que tenteis! Se o salvardes, serei vosso escravo até ao fim dos meus dias!

Lyria sorriu tristemente, acenando com a cabeça em aprovação.

— És um homem de fé, filho de Thorgrim. E o melhor amigo que alguém pode desejar! Decerto sabes que o Steinarr te aprecia com igual dedicação. E esses sentimentos não morrem quando o corpo fenece. Existem outros mundos, outras vidas... E a vossa amizade estender-se-á para lá desta existência. — Depois, fixou Ivarr. — O restabelecimento do teu pai é o maior desafio com que a minha magia curativa já se deparou. Não posso garantir que conseguirei salvá-lo... Mas gostaria de tentar, pela dívida de gratidão que tenho para convosco, e pela admiração que lhe devoto.

O meu coração contraiu-se ao ver o príncipe esconder o rosto e soluçar. O *jarl* pousou a mão no seu ombro, exclamando gravemente:

— O teu pai não tem nada a perder, Ivarr! Vem... Choraremos dentro em pouco, se essa for a vontade de Odin. Agora, é tempo de orar para que a magia da rainha concretize um milagre.

Ainda relutante, Ivarr deixou-se conduzir para fora do quarto. Fiquei junto de Lyria, sem adivinhar o que ela pretendia de mim. A

rainha tornou a pousar os dedos sobre a testa suada do enfermo, enquanto murmurava:

— Sei que me estás a ouvir, guerreiro-urso. Conheço a tua ansiedade, o teu desespero... Sempre lutaste pela justiça, e a tua integridade fez de ti o homem que és hoje, amado pelos amigos e respeitado pelos inimigos. Não desistas de lutar...

Eu duvidava que Steinarr pudesse escutá-la. Todavia, o seu espírito atormentado devia agradecer-lhe a intenção. O rei respirava com extrema dificuldade. A espada trespassara-lhe o ventre, no sentido ascendente, e só falhara o coração por um triz. O suor formava-lhe uma poça sobre a garganta e escorria-lhe pelo peito nu. Os seus lábios tornavam-se roxos por baixo da barba escura, e o cabelo negro, espalhado pela coberta, evidenciava-lhe ainda mais a palidez da pele. A sua expressão crispada revelava que a passagem não era pacífica. Steinarr não estava preparado para morrer. Contudo, eu temia que esta decisão já não fosse sua... nem nossa!

— Há muitos anos, a minha mãe resgatou o meu pai à morte... — comecei hesitante, tentando antever o que Lyria planeava.

— Eu não possuo a habilidade da Catelyn — respondeu-me ela, como se ainda ponderasse as suas opções. — A magia do meu povo é diferente da dos Seres Superiores. Os Feiticeiros têm uma relação mais profunda com o espírito... Nós somos essencialmente ligados à terra, à regeneração, à vida... É por isso que nada posso fazer sem ti. Ainda que eu sarasse o corpo de Steinarr, a dor resultante do processo enviaria a sua alma para além do meu alcance. O que te peço, Edwina, é que absorvas o sofrimento do rei e o suportes com bravura. Se uma de nós fraquejar, estará tudo perdido.

Assenti com a cabeça. Pelo menos, já sabia o que fazer! Envolvi a Lágrima do Sol com uma mão e pousei a outra na testa de Steinarr. De imediato, a sua dor entrou em mim como uma lança danada, aguda e perfurante, direta ao coração. Arquejei em sobressalto e tive de apelar a todo o controle para não me afastar. A voz de Lyria pareceu-me vir de muito longe:

— O que estás a sentir é insignificante, comparado com o que te espera. Tens a certeza de que queres continuar?

Steinarr era meu rei, o pai do meu noivo, um irmão de coração do *jarl...* mas era, sobretudo, um bom homem. Abandoná-lo seria imperdoável!

— Ficarei... até ao fim!

— Muito bem! O sortilégio que vais testemunhar é um segredo dos soberanos do Povo da Terra. Nunca foi aplicado a um humano, nem presenciado por olhos estranhos aos do meu povo. Hoje, vou romper com a tradição e esperar que os meus antepassados me perdoem. Tenho o dever de te avisar que serás confrontada com o lado obscuro da Arte. No entanto, asseguro-te que nada tens a recear, já que a minha essência está preparada para combater a sua perversão.

Engoli a vontade de lhe dizer que não seria a primeira vez que me deparava com a Arte Obscura. Este não era o momento para confidências. Em vez disso, respondi de coração aberto:

— Eu confio em si...

Lyria respirou fundo e inclinou-se em reverência. As suas mãos afastaram a manta que cobria Steinarr e libertaram-no das ataduras ensangüentadas. Observei a ferida mortal pela primeira vez. O que estava à vista era um corte simples, da largura da lâmina da espada. Então, a rainha arrancou alguns fios do seu cabelo e dispô-los, um a um, sobre o peito e o ventre do guerreiro, entoando palavras de uma língua que só o Povo da Terra conhecia. Escutei-a fascinada, arrepiada até à alma, vendo os longos fios negros ganharem vida e formarem um padrão na pele de Steinarr: um cordão central com inúmeras ramificações. A rainha abriu os braços, com os cabelos esvoaçando em redor do corpo esbelto, quais serpentes irrequietas, e continuou:

— O Sol dá-nos vida...

Os olhos azuis-escuros transformaram-se em estrelas, e todo o quarto foi consumido pela sua luz intensa.

— A água alimenta-nos...

Os fios de cabelo liquidificaram-se sobre Steinarr, como se um rio poderoso com inúmeros e vigorosos afluentes corresse pelo seu corpo.

— Tu és terra...

A pele do rei converteu-se num solo fértil, pujante de vida, ante o meu olhar estonteado.

— Eu sou árvore...

E os braços elegantes de Lyria tornaram-se troncos jovens... Todo o seu corpo era agora uma amálgama de caules e ramos; os seus cabelos, folhas verdejantes. Mal segurei um grito quando vi os seus dedos, sob a forma de raízes, desaparecerem dentro da terra úmida que outrora fora a carne de Steinarr.

— Que o meu sangue seja seiva, seja alimento, seja vida...

A dor fulminou-me como um raio. Gritei sem escutar um som; todos os sentidos preenchidos pelo terrível suplício que fustigava Steinarr, enquanto as raízes da rainha absorviam o sangue que se espalhara pelo interior do seu corpo, limpando-o, para, no fim, o remendar pacientemente, como a mais hábil das tecedeiras.

Eu estava consciente do que se passava, mas escolhi fechar os olhos. Tinha de concentrar-me na dor. Esta tortura era minha! Desejava-a! Assimilava-a, para que Steinarr pudesse respirar livremente, para que o seu coração não parasse de bater devido ao choque. Esta era a prova de que a Arte Obscura podia ser utilizada para praticar o bem! Pensei em Edwin... E, por um instante, vi-o sentado, com a Lágrima da Lua pairando à sua frente... o olhar verde faiscando, no momento em que as nossas consciências se tocavam, e ele se apercebia da minha agonia. Depois, o mundo escureceu e a imagem do meu primo desvaneceu-se.

Estava frio... Tanto frio! O tormento era insuportável... Eu estava a enlouquecer!

Mergulhei num rio de sangue. Escancarei os olhos, lutando para respirar. Por baixo dos meus dedos, a pele de Steinarr aquecia, ganhava cor, pulsava ao sabor da vida que Lyria lhe entregava abnegadamente. A rainha da Gente Bela já mal se sustinha nas pernas. O corpo de Steinarr exigia sangue para compensar aquele que perdera. E ela cedia; os seus pulsos lenhosos ainda enterrados no ventre lamacento do rei; terra, água e madeira confundindo-se com pele, carne e ossos. A magia de Lyria enfraquecia com a sua essência. O rei viking ainda não se livrara da morte; a rainha do

Povo da Terra definhava. Mais uma batida de coração e morreríamos os três!

A Lágrima do Sol latejava... Horrorizei-me ao vê-la pulsar com um brilho negro. Antes que pudesse sequer questionar-me, Edwin surgiu diante de mim. O quarto, Steinarr e Lyria tinham desaparecido... Éramos só nós os dois, perdidos no infinito nevoeiro cintilante das nossas magias. Desta vez, a sua vontade superava a minha. Incapaz de resistir, vi-me aprisionada no vigor dos seus braços; os seus dedos enterrados nos meus cabelos, impedindo o menor movimento, enquanto me fixava e declarava:

— *Vais morrer, Rainha do Sol... Mas não hoje! Vais morrer... Mas às minhas mãos!*

Os seus lábios desceram sobre os meus e sentime rebentar de dentro para fora. Edwin estava mais forte do que eu o recordava; desfrutava plenamente do poder que a Arte Obscura lhe conferia... E era essa energia que entrava em mim, percorria-me e extravasava para Steinarr e Lyria. Eu estava ciente da presença dos meus protegidos, mas Edwin era todo o meu ser; a sua pujança, o seu ardor, o calor abrasador do seu beijo, o mel da sua saliva... Ivarr nunca me beijara assim! Ivarr nunca me fizera sentir tão viva; disposta a renegar tudo para que esta sensação jamais findasse...

Saí do sono com um vagar repousado e abri os olhos com uma languidez descontraída. Onde estava eu? Nos domínios do Povo da Terra... Viéramos socorrer o meu bisavô. Havíamos travado uma cruenta batalha e Steinarr fora ferido de morte. A rainha Lyria pedira-me ajuda para salvá-lo e realizara um ritual sinistro... E depois? Desmaiara outra vez? Sim... Contudo, antes, Edwin intrometera-se... A Lágrima do Sol! Onde estava o meu cristal?

Suspirei de alívio ao encontrá-lo ao meu lado, sem mácula. Mas de Steinarr e de Lyria não havia sinal. Eu estava no mesmo quarto que me acolhera após a batalha. Além da cama, havia uma arca onde repousava um jarro e uma vasilha de barro, e nada mais. Ainda assim, as trepadeiras que pendiam das paredes formavam padrões tão belos como as mais ricas das tapeçarias.

O meu pai chegou nesse instante e serviu-me água fresca, que bebi sequiosa. Aconchegada nos seus braços, alegrei-me com a confirmação de que Steinarr estava fora de perigo. Tal como eu, Lyria repousava, prostrada pela exaustão. O *jarl* não me interrogou acerca do ritual que salvara o amigo. A sua experiência ensinara-lhe que, quando havia magia envolvida, a ignorância era uma benção para os Homens. Porém, Thora ainda não aprendera essa lição. Após certificar-se de que eu estava bem, quis saber tudo acerca da nova história que coloria o imaginário dos nossos guerreiros. Estes diziam que a rainha do Povo da Terra ressuscitara o rei viking com a minha ajuda, e fantasiavam acerca de rituais extraordinários... mas nenhum tão incrível como o que fora celebrado.

Decidi guardar silêncio, por respeito a Lyria e ao seu povo, e Thora foi forçada a resignar-se. Ajudou-me a trocar de roupa, fazendo-me rir com as suas brincadeiras, e depois acompanhou-me ao exterior, de regresso à realidade misteriosa e fascinante da Gente Bela.

A cidade de Lyria fora implantada no coração da densa floresta, e mantivera-se guardada da curiosidade e da violência do Homem, até ao presente. As suas habitações situavam-se em torres, erguidas entre as árvores, unidas por passadeiras e pontes de madeira e corda, que formavam teias intrincadas. Por toda a parte, era possível observar arqueiros de vigia. Depois do que acontecera, ninguém desejava ser surpreendido por um novo ataque.

Tal como em qualquer outra sociedade organizada, o Povo da Terra dividia-se em classes sociais e praticava diversos ofícios. De entre eles distinguiam-se excelentes artesãos. O trabalho do ferro, assim como a olaria e a carpintaria, eram artes que maravilhavam os mais exigentes. Cada família possuía o seu brasão, e tinha orgulho em esculpi-lo, desenhá-lo ou bordá-lo em tudo o que lhe passava pelas mãos, com um esmero apaixonado. O seu dia-a-dia não divergia muito da rotina das vulgares comunidades humanas. Porém, era óbvio que desfrutavam de uma serenidade e harmonia que os Homens não tinham capacidade para alcançar.

O sustento, tiravam-no da terra. A Gente Bela não comia carne nem peixe, pois acreditava que todas as criaturas que sangravam possuíam um espírito. Mais tarde, Lyria explicou-me que, se um

peixe fosse morto, ou uma ave, ou um animal, o seu espírito perseguiria o pescador ou o caçador até que este também perecesse e, só então, encontraria o merecido descanso. Era uma idéia assustadora! Pensei na carne suculenta e nos peixes gordos que já haviam passado pelos meus dentes e achei melhor não aprofundar o assunto. Já tinha questões suficientes para me roubarem o sono, sem imaginar que carregava uma miríade de espíritos às costas.

Os nossos anfitriões possuíam uma natureza divertida. A gratidão e a curiosidade tornavam-nos acolhedores. As mulheres do Povo da Terra deleitavam o olhar dos nossos guerreiros. E, quanto a elas, Ketill acabou por se tornar o centro das atenções, já que era jovem, forte, belo e sem compromisso assumido... Para além de se ter tornado o herói da última batalha, ao deitar por terra o príncipe herdeiro do trono vândalo.

Ivarr não abandonara a cabeceira do pai. A rigidez do seu semblante revelou-me que o medo ainda insistia em atormentá-lo. Assim que entrei no quarto, veio ao meu encontro e beijou-me as mãos.

— Noiva amada... Não tenho palavras para te expressar-te a minha gratidão!

Conduziu-me até ao rei, que respirava pausadamente, debaixo do olhar atento do seu curandeiro e do primo Krum. Para além de uma ligeira febre, parecia restabelecido. Um leve rubor coloria-lhe as faces e os seus lábios haviam recuperado o tom rosado. O corpo não guardava vestígios de suor ou de sangue, e as ligaduras que lhe envolviam os ferimentos encontravam-se impecavelmente limpas.

— Estou convicto de que o rei despertará com o raiar da manhã — declarou Krum com um sorriso. — Fizeste um excelente trabalho, Edwina!

Ia reafirmar que o mérito não era meu, quando a porta se abriu para dar passagem a uma das jovens servas de Lyria.

— A rainha deseja falar-lhe, menina Edwina — anunciou. Segui-a através da espiral de corredores ascendentes, até ao quarto de Lyria. A rainha estava rodeada pelas suas irmãs, que a ajudavam a arranjar-se. Dispensou-as e abraçou-me com uma estima correspondida. Depois, levou-me até à sua varanda, onde inspirei

com satisfação o ar fresco da noite. Por toda a cidade acendiam-se lanternas, que cintilavam como pirilampos sob as copas das árvores. A torre da soberana era muito alta e permitia-nos ver o céu, onde as estrelas espreitavam por entre as nuvens. Estremeci sem querer, quando o vento nos despenteou, e ela me cobriu com a sua capa, dizendo:

— Toma! Ofereço-te em sinal de reconhecimento! Debaixo dela, não voltarás a sentir frio.

Agradei, tomada por uma estranha comoção. Apesar de aparentemente nada ter de extraordinário, a capa de lã aqueceu-me de imediato e transmitiu-me um conforto, que me levou a reconhecer a sua magia. Quedamo-nos em silêncio, apreciando a beleza que nos rodeava. Então, Lyria começou pausadamente:

— Antes de mais, quero que saibas que poderás contar sempre com o meu apoio, ao longo das nossas vidas.

Sustive o fôlego, alarmada. Vinham aí sarilhos! Confirmando o meu temor, ela continuou:

— Houve um momento, durante o ritual, em que as nossas forças se esgotavam e o rei exigia mais... Então, outra energia surgiu entre nós, fresca, poderosa...

— Eu posso explicar... — atalhei, sem saber muito bem o que dizer a seguir.

— Tu não tens de justificar-te! — replicou Lyria. — Não, diante de mim! A intervenção dessa força salvou-nos e eu sou grata por isso! Porém, o carinho que sinto por ti impele-me a advertir-te. Não podes hesitar entre dois destinos... Tens de tomar rapidamente uma decisão e respeitá-la, ou acabarás por perder a vida! Se o teu coração deseja manter-se no caminho que a tua família desbravou para a tua felicidade, deves cortar os laços que te unem ao passado. De outra forma, quando o momento da verdade chegar, não reunirás coragem para concretizar o que tem de ser feito... E morrerás! Estás a compreender-me, Edwina?

Fixei a noite e apertei o corrimão da varanda até os nós dos dedos ficarem brancos. O meu coração mais parecia um cavalo selvagem, aos pinotes dentro do peito.

— Por outro lado — prosseguiu ela, sem aguardar resposta —, se o teu coração se conserva fiel ao apelo do espírito, não podes consentir que seja a sorte a ditar o teu rumo! No instante em que a alma desse rapaz se perder para o inimigo, não haverá salvação para o vosso amor...

— Eu amo o Ivarr! — objetei ardorosamente, bem alto... como se necessitasse de me convencer! Depois, desatei a chorar e, sem sequer pensar, deixei-me cair nos braços de Lyria.

Ela afagou-me os cabelos e respirou fundo, antes de volver:

— Eu acredito! Tu aprendeste a amar o príncipe, ao longo destes anos em que acreditaste que o teu futuro era ao seu lado. Todavia, o outro amor nasceu contigo... nasceu convosco; faz parte das forças que movem o Universo... faz parte de cada partícula do vosso ser! É por isso que ele acorre em teu auxílio, mesmo contra a sua vontade! E é por isso que ainda existe esperança de salvá-lo... — Segurou-me o rosto e prendeu-me o olhar assustado. — Pensa bem... Olha para dentro de ti e escolhe a batalha que desejas travar; por qual desses destinos é que estás disposta a dar a vida? Porque, quando essa opção estiver feita, saberás qual é o teu verdadeiro amor!

Eu estava habituada a ver as mulheres corarem diante do rei viking. Porém, o rubor na pele alva de Lyria era tão violento que se tornava constrangedor. Ela bem que tentava manter a voz limpa, os gestos firmes... Afinal, não era uma simples rainha; era uma portadora de sangue antigo, e Steinarr, ainda que rei, não passava de um Homem! Todavia, falhava vergonhosamente na intenção de disfarçar o seu abalo. A novidade era observar o sempre confiante guerreiro-urso a ter uma atitude semelhante. Seria pela consciência de que aquela mulher lhe salvara a vida? Gratidão, ou algo mais? Deslumbramento... pura e irresistível atração!

Desviei o olhar, censurado-me pela indiscrição, e concentrei-me no assunto que agitava os ânimos em redor da mesa de reuniões da rainha do Povo da Terra. Lyria fazia-se acompanhar pelos seus conselheiros. A representar os vikings estavam Steinarr, Ivarr e o meu pai. Eu sentava-me ao lado de "O Que Tudo Vê", que escutava

as opiniões do grupo em silêncio. Debatia-se o motivo que levara Aesa e os Vândalos a invadirem os domínios de um povo neutro, e o modo como o seu exército passara despercebido ao controle do rei viking.

A Gente Bela possuía resposta para a última questão. Os Vândalos tinham evitado o território de Steinarr atravessando os Pântanos Nebulosos, uma região povoada pelo medo e pela morte, que fazia fronteira com a Floresta de Lyria e a Floresta Sombria. Desta forma, tinham penetrado no solo da Gente Bela sem ser detectados, surpreendendo a guarda avançada da cidade, que apenas tivera tempo de fazer soar o alarme, antes de perecer às mãos do príncipe Arkin. Quanto às razões que os moviam, atrevi-me a indagar se poderia tratar-se das pedras mágicas da feiticeira Aranwen, que Aesa tanto cobiçava. Porém, o meu pai negara, respondendo simplesmente:

— As pedras mágicas não se encontram aqui.

No fim, foi a Visão da minha mãe que lançou luz sobre o objetivo dos Vândalos. Quando o meu pai repetiu o que Catelyn dissera, “O Que Tudo Vê” soltou um gemido que silenciou a sala. Com todas as atenções centradas na sua figura gasta, o feiticeiro voltou-se para a rainha do Povo da Terra e afirmou:

— Aesa veio em busca de Gwendalin!

A expressão grave dos conselheiros da rainha contrastou com a confusão que vincava o semblante dos vikings. Foi Steinarr quem deu voz à nossa interrogação:

— Dizei-me uma coisa... Essa feiticeira não está morta? Se bem me recordo, tudo o que resta dela é um monte de cinzas...

— Que estão guardadas dentro de um pote de ferro, aqui, na cidade da rainha Lyria — completou “O Que Tudo Vê” com uma gravidade que me arrepiou. — Quando a missão de garantir a segurança do pote me foi confiada, tive de decidir onde guardá-lo. A Montanha Sagrada estava fora de questão, pois nada ímpio pode pisar o seu solo, e mantê-lo junto dos Homens seria um erro fatal. Só me restou recorrer à minha querida amiga Lyria e ao seu povo. — Fez uma pausa para recuperar o fôlego, acusando o cansaço provocado pelo discurso. — O mal que vivia em Gwendalin não foi

extinto com a sua morte. Ao longo dos anos, a magia obscura impregnada na sua essência foi-se libertando e ganhou forma, como se de uma Entidade real se tratasse. É essa força destruidora que está encarcerada no pote... e que Aesa persegue.

Seguiu-se um silêncio pesado, marcado pelo horror da revelação. Lyria empalidecera e nem recuperou o rubor quando Steinarr exclamou, inclinando-se em reverência:

— Estou a ver que lhe devo muito mais do que a minha vida, senhora!

A rainha abanou a longa cabeleira negra, replicando com equidade:

— Toda a Terra sofrerá, se esse mal for libertado! Eu só cumpri o meu dever, com a colaboração do meu povo. — Fixou o olhar em “O Que Tudo Vê”, obviamente angustiada. — Acredita que ela possa ter intenção de...?

A pergunta ficou suspensa, inacabada, como se Lyria receasse dar-lhe forma ao concluí-la. No entanto, o meu bisavô compreendeu-a, pois respondeu prontamente:

— Que os céus nos guardem de tamanha aberração... Contudo, quando se trata de Aesa, tudo é possível!

— Estais a falar do quê? — replicou Steinarr com o sobrolho franzido.

— De algo que jamais poderá concretizar-se — volveu o feiticeiro, sem demonstrar vontade de esclarecê-lo.

Um dos conselheiros de Lyria fez a sua intervenção. Era um homem esbelto, de porte altivo, com longos cabelos negros entrançados e penetrantes olhos cinzentos, que nos fora apresentado como sendo o comandante supremo do exército da Gente Bela.

— Muitas vidas foram salvas, graças à preservação deste segredo... Porém, a nossa paz terminou! Aesa não descansará enquanto não conseguir o que quer! E nós não temos condições para sustentar outra batalha. Os nossos arqueiros estão preparados para se defender de intrusos; não de um exército de assassinos sequiosos por sangue! Esse pote não pode continuar à nossa guarda, minha rainha!

— É verdade! — concordou o *jarl*. — Não é justo que o vosso povo se sacrifique por nós!

— De maneira nenhuma — apoiou o rei viking. — Assim que recuperar as forças, regressaremos ao meu castelo e levaremos esse maldito pote conosco. Eu próprio velarei pela sua segurança, nem que tenha de dormir em cima dele, com os dois olhos abertos.

Com a lentidão imposta pela fraqueza que, cada vez mais, eu acreditava ser consequência de uma doença, “O Que Tudo Vê” volveu:

— As tuas intenções são nobres, mas vãs, Steinarr! Nem mesmo Throst ou Catelyn, que possuem sangue misto, resistiriam à subversão do pote. Gwendalin odiava os humanos, e toda a sua aprendizagem perseguiu a destruição da vossa raça. Esse ódio permanece na sua essência e só alguém de puro sangue antigo pode sustentar tal provação... Ou a minha herdeira, uma vez que o seu treino esteja concluído.

— Isso está fora de questão — contestou Ivarr, determinado. — Mesmo que o poder da Edwina se desenvolvesse o suficiente para anular a influência maligna, ela estaria condenada a viver longe de nós e da própria Montanha Sagrada.

— Não podemos apelar à ajuda de outro soberano do seu povo, alteza? — Perguntou o *jarl*, mas foi Hakon quem contrapôs:

— Já existem demasiadas consciências a par deste segredo! Nem todos os soberanos do Povo da Terra são leais como a rainha Lyria. Alguns vender-se-iam a Aesa sem perder o sono, se ela lhes promettesse poder e riqueza.

— Então, estamos de mãos atadas? — Inquiri, olhando em redor à espera que alguém apontasse uma solução milagrosa.

— Vamos refletir — determinou Lyria sensatamente. — Talvez o passar dos dias nos traga uma boa idéia. E não te inquietes com a nossa segurança, meu dedicado Cyrus. Enquanto o rei viking estiver conosco, nada temos a recear.

Havia um tom de gracejo na sua voz; um misto de provocação e sedução que fez com que Steinarr erguesse uma sobrancelha e esboçasse um sorriso. De novo corada, a rainha apressou-se a introduzir o assunto seguinte. Nós éramos convidados na sua casa,

mas o exército viking tivera de instalar-se em abrigos e tendas, pelas ruas da cidade. Apesar de haver um bom entendimento entre as duas raças, Lyria pedia que Steinarr se mantivesse atento, e se certificasse de que os seus homens não ofendiam os costumes do Povo da Terra. Tal incluía não caçar na floresta, não pescar nos ribeiros, nem sequer apanhar ovos. O rei garantiu que o guerreiro que desrespeitasse a hospitalidade da Gente Bela seria banido do País dos Vikings. Eu tinha dificuldade em acreditar que a nossa passagem pelos domínios de Lyria decorresse sem acidentes. Aquilo a que Steinarr se propunha era o mesmo que soltar uma alcatéia no meio de um galinheiro, e esperar que os lobos se sentassem a contar as penas das galinhas e dos gansos.

Foi igualmente proferida uma palavra para os heróis tombados na batalha. No dia anterior, assim que Steinarr conseguira suster-se, havíamos prestado a última homenagem aos nossos mortos. Debaixo da tempestade de relâmpagos que fustigava a cidade, várias piras funerárias tinham libertado os espíritos dos guerreiros do povo viking e da Gente Bela. A cerimônia fora triste, mas gloriosa. Ninguém questionava que era uma honra morrer por uma causa nobre. As cinzas dos nossos homens seriam posteriormente entregues às respectivas famílias, para que se celebrassem os rituais de despedida, onde se devolveria à natureza o que restava do corpo, para que o círculo da sua existência humana se completasse.

Finalmente, a rainha comunicou que tomara providências para que, ao cair da noite, se realizasse um banquete no centro da cidade, a fim de comemorar a vitória sobre o exército vândalo e o restabelecimento do rei viking. A notícia foi recebida com gratidão e entusiasmo. Agora que a febre da batalha começava a dissipar-se, os guerreiros necessitavam de descansar o corpo e distrair o espírito. Além disso, era uma excelente oportunidade para as duas raças se misturarem, trocarem experiências e desenvolverem amizades, que evitariam confrontos no futuro.

A noite estava aprazível, como se o Povo da Terra tivesse encomendado a calma para a festa. Cada casa da cidade cozinhou a sua especialidade e deixou-a sobre uma grande mesa, montada propositadamente no centro da praça, para que todos

podéssemos apreciá-la. Sob a luz brincalhona das lanternas, admirei as iguarias confeccionadas com legumes, raízes e cogumelos, frutos e nozes, pão, mel, leite e vinho. Habituada a ver a comida saltar dos caldeirões ou dos espetos para dentro das malgas ou dos tabuleiros, pasmei ao verificar que a Gente Bela dedicava à comida a atenção devida a uma escultura, transformando cada travessa numa obra de arte. Era uma pena que Freya não estivesse conosco, para se deliciar com esta maravilha!

Alertados por Steinarr, os nossos guerreiros não ergueram a voz para perguntar onde estava a verdadeira comida. Em vez disso, olhavam desconsolados para a mesa; perdida a esperança de ferrar os dentes num veado gordo ou numa cabra suculenta. Aqueles homens enormes estavam há tantos dias alimentados com verduras e leite, que pareciam prestes a bradar de desespero.

A boa educação ordenava que fosse Steinarr o primeiro a aproximar-se da mesa. Ainda um pouco combalido, o rei viking aceitou a malga que a rainha da Gente Bela lhe preparara, misturando um pouco de cada alimento, e começou a comer com um sorriso no rosto. De imediato, o povo de Lyria rodeou a mesa, conversando alegremente e incentivando os hóspedes a aventurarem-se. Eu provei e fiquei agradada, mas muitos dos meus companheiros lutavam contra a vontade de cuspir para o chão, e só resistiam porque repousava sobre eles o olhar expectante das donzelas de pele alva. Ketill era o único que também parecia apreciar a novidade. Com uma risada cúmplice, *o jarl* segredou-me que estava ansioso por regressar a casa e devorar dois caldeirões do guisado da minha mãe. A saudade no seu olhar era tão intensa, que me impeliu a abraçá-lo.

Os jovens guerreiros da Gente Bela multiplicavam-se em redor de Thora, exigindo tanto da sua atenção, que mal lhe permitiam comer.

Quem não estava a gostar deste acolhimento afetuoso era Eric e, por várias vezes, Ivarr teve de sacudilo e chamá-lo à razão. Nos últimos dias, mal tínhamos posto a vista em cima da minha irmã. Sem sombra de timidez ou de insegurança, ela misturava-se com os arqueiros do Povo da Terra e surpreendia-os com as suas habilidades. Não tardou a convencê-los a partilharem os seus

conhecimentos e a divulgarem alguns segredos da sua Arte. Se a nossa visita se prolongasse, dentro em breve nem o meu pai a venceria no manejo do arco! Tal como Ivarr, tentei sossegar Eric, garantindo-lhe que Thora só se importava com os ensinamentos que podia obter dos nossos anfitriões. Quanto a eles, provavelmente achavam graça a esta rapariga diferente, talentosa e irrequieta. Era ridículo acreditar que desenvolveriam outro tipo de interesse. Eram homens de sangue antigo! Não lhes passaria pela cabeça enfraquecer a sua prole, desposando uma humana!

A festa arrastou-se pela noite dentro. O vinho forte da Gente Bela recebeu a aprovação geral, e teve o condão de soltar línguas e liquidar inibições, de tal forma que achei prudente colar-me a Thora, para que a sua alegria não fosse interpretada como ousadia. Porém, tornou-se impossível mantê-la quieta por muito tempo. Mal o baile começou, a minha irmã revelou-se uma aluna aplicada das jubilosas danças do Povo da Terra.

Eric foi conduzido ao acampamento por Bryan, tão ébrio que mal se aguentava nas pernas. Ragnar acompanhou-os, ainda um pouco combalido devido à pancada que recebera na cabeça. Ivarr e Ketill conversavam, de olhos postos nas jovens que se exibiam no baile. Vi Thora saltitar na sua direção e senti um aperto no peito. Ivarr também pensou que seria o eleito da Loba Prateada, pois abriu um grande sorriso... que esmoreceu no instante em que ela estendeu as mãos a Ketill. O jovem guerreiro-lobo acenou ao primo e deitou-lhe a língua de fora. Ivarr desatou a rir, como se troçasse de si mesmo. Subitamente, fixou-me, alertado pela intensidade do meu olhar. Tentei disfarçar o embaraço, mas, em menos de nada, ele encontrava-se ao meu lado, rodeando-me sugestivamente a cintura.

— Presumo que não queiras dançar... Vamos para um lugar mais sossegado?

Não me apetecia estar com Ivarr. Ainda não esquecera as nossas divergências, e as últimas insinuações de Magnor tinham reavivado as brasas da minha mágoa. Vê-lo, ainda há pouco, a admirar as donzelas da Gente Bela, também não ajudara... E, depois do que acontecera com Thora, só me apetecia voltar-lhe as costas! Se a minha irmã o tivesse escolhido, ao invés de Ketill, ele nem se

recordaria da minha existência... Acrescia a tudo isto o meu próprio dilema. A conversa que tivera com Lyria queimava-me a mente e as entranhas; por vezes até me cortava a respiração. Por mais que me esforçasse para evitá-lo, Edwin invadia-me o pensamento, provocando-me uma angústia tão forte que me instigava a gritar.

— Sinto-me muito cansada — desculpei-me, sem ter de mentir. — É melhor ir deitar-me...

— Então, eu acompanho-te!

Caminhamos em silêncio até ao palácio. A escadaria que conduzia ao meu aposento nunca me parecera tão árdua... Quase suspirei de alívio quando cheguei ao destino. Encarei Ivarr, tencionando despedir-me, mas, para minha surpresa, ele introduziu-se no quarto e fechou a porta atrás de si. Sem delonga, tomou-me nos braços e beijou-me com uma paixão inflamada pelo vinho. Tentei corresponder-lhe... em vão! Na minha mente, a imagem de Edwin estalava como bolhas de lava. A culpa e a desilusão misturavam-se impiedosamente, de tal forma insuportáveis, que acabei por desviar o rosto. Apesar de me perceber pouco receptiva aos seus avanços, Ivarr insistiu, murmurando-me ao ouvido.

— Ver o meu pai ferido de morte... Ver-te cair daquela árvore, sem poder valer-te, fez-me ponderar seriamente na precariedade da vida. De que é que estamos à espera, Edwina? O teu treino continuará indefinidamente e eu não sei em quantas mais batalhas a sorte me favorecerá. Vamos casar agora! Quero ensinar-te a arte do amor. Quero ver o teu ventre a crescer e...

— Por favor, Ivarr... — cortei com uma brusquidão despropositada. — Não é o momento certo para discutirmos esse assunto!

O silêncio caiu entre nós como a derrocada de um glacial. Os braços de Ivarr abriram-se e eu recuei, engolindo em seco. O seu rosto denunciava incredulidade ante a minha frieza. Após um instante de profundo constrangimento, esboçou uma vênha carregada de ironia, e saiu sem olhar para trás; sem uma palavra de despedida.

Atirei-me para cima da cama, sentindo-me miserável. Onde é que eu estava com a cabeça? Não! Essa era uma pergunta à qual não queria responder! Fechei os olhos, contristada. Se, ao menos

conseguisse dormir! O tempo arrastou-se, exasperando-me. Então, escutei vozes no exterior. Alguém abandonara o reboliço da festa e passeava na privacidade das pontes suspensas. Levantei-me ao reconhecer a voz de Lyria. Ela atenderia ao meu desabafo sem me julgar. Corri para a portada que conduzia à varanda, mas detive-me ao ouvi-la questionar:

— És sempre assim, tão lisonjeiro para com as mulheres?

O meu queixo caiu ao surpreender a voz de Steinarr:

— Sou um velho respeitável... A lisonja fica-me bem! Além disso, é uma forma de apreciar uma jovem bonita e inteligente, como a minha rainha, sem que o meu encantamento seja ofensivo.

— Tu não és velho, Steinarr! — replicou ela. — E eu não sou tão jovem que me ofenda com o encantamento de um homem. Presumo que estava prestes a fazer cem anos quando tu nasceste!

O rei não conteve uma gargalhada, que soou como música através da noite.

— É verdade! Às vezes esqueço-me de que estou diante de uma mulher de sangue antigo. De qualquer forma, a nossa diferença de idades não altera o fato de que a minha rainha continuará jovem e bela, muito depois de a terra ter consumido a minha carne.

Nenhum deles fazia idéia de que estava a ser espiado. E, por mais que a consciência me ordenasse recuar, não consegui mover-me. Inclusive, apelei à Arte para me ocultar da percepção de Lyria, quando passaram diante da minha portada.

— O meu poder assusta-te, Steinarr? — perguntou ela, subitamente.

O rei contrapôs sem hesitação:

— Não. Se a minha rainha desejasse o meu mal, não me teria salvo a vida.

— O meu nome é Lyria...

— Eu sei, senhora!

— Então por que não paras...?

— Porque existem limites que não devem ser ultrapassados. Se eu me esquecer que a minha rainha está muito para além do meu alcance, podemos ficar ambos assustados!

Foi a vez dela rir e, pela primeira vez, denunciou nervosismo:

— Tens medo de te enamorares de mim, se disseres o meu nome?

— Digamos que não estou disposto a correr esse risco!

— Porque estás apaixonado por outra mulher?

O rei concedeu-se uma longa pausa, e só depois aquiesceu:

— Sim, porque estou apaixonado por outra mulher.

Levei as mãos aos lábios, horrorizada com a minha bisbilhotice.

Eles já se afastavam, mas voltaram a quedar-se.

— E essa mulher merece o teu amor? — insistiu Lyria.

— Todo o meu amor e admiração.

— Então, por que não está ao teu lado?

— Porque o seu lugar é ao lado de outro homem.

— E que homem pode ensombrar o rei do povo viking?

Steinarr ficou mudo... O que era extraordinário para alguém que costumava ter as respostas na ponta da língua!

— O homem a quem o rei do povo viking quer como a um irmão...

— respondeu por fim. — Arrancaria o meu coração do peito e esmagá-lo-ia debaixo das botas, antes de fazer algo que pudesse feri-lo.

Então, Lyria murmurou o nome da minha mãe, enquanto tudo se esclarecia na sua mente. Ato contínuo, Steinarr tentou escapar à sua influência:

— Rogo-lhe que esqueça o que eu disse...

— Tu és um homem nobre... És um homem bom e mereces ser feliz!

— E quem lhe disse que não sou feliz?

— Ninguém pode ser feliz aprazendo-se com as migalhas da satisfação alheia! Não achas que já é tempo de te libertares desse fascínio?

— Um homem não escolhe quem ama, senhora! — A voz de Steinarr soou exaltada. — Se a decisão fosse minha, jamais teria cedido a este sentimento! Os deuses são testemunhas da minha luta para sufocá-lo. Por acaso a minha rainha conhece a cura para tamanho suplício? Se existir tal remédio, tomá-lo-ei de um só trago...

O silêncio que se seguiu deixou-me agoniada de curiosidade. Incapaz de conter-me, deixei a mente fluir através da noite e

deparei com Lyria suspensa do pescoço de Steinarr, beijando-o com um ímpeto ardente. Após o embate da surpresa, ele estreitou-a e correspondeu com uma intensidade avassaladora. Quando se detiveram para recuperar o fôlego, Lyria escondeu o rosto no seu peito, enquanto o guerreiro-urso exclamava numa voz rouca, quase imperceptível:

— Agora, estou assustado!

Sem coragem para encará-lo, ela retorquiu:

— Queres que te assuste de verdade? Eu amo-te, Steinarr! Amo-te desde que te vi pela primeira vez, na Floresta dos Carvalhos, na noite em que derrotaste o teu urso. Eu estava lá, a treinar a minha Arte, quando o teu destino se cumpriu... E nunca te esqueci! Chorei no dia do teu casamento... E jurei a mim própria que não voltaria a dedicar-te um só pensamento! Anos mais tarde, soube que a tua mulher tinha morrido. Porém, já era rainha e não podia seguir-te. Agora, tu vieste até mim... Não me arrependo de ter desrespeitado as regras dos meus antepassados para te salvar! O que importa é que estás aqui... No fundo, sou tão tola como tu, porque vivo para a ilusão de que este momento se prolongará...

Steinarr cortou-lhe o desabafo com um beijo. Por entre suspiros de enlevo, Lyria suplicou apaixonadamente:

— Dá-me o teu amor, meu rei... Dá-me o teu amor, nem que seja por uma única noite...

Esquecido da sua fraqueza, Steinarr carregou-a até ao quarto com uma urgência fervorosa. Pisquei os olhos e regresssei à minha realidade; o rosto iluminado por um sorriso. A rainha do Povo da Terra e o rei do povo viking... Uma união que se afigurava perfeita! Deitei-me, com o coração em debandada e o rosto em fogo. O que eu fizera fora muito feio, mas valera a pena! Acabara de testemunhar o nascimento de uma grande paixão!

Levantei-me cedo, na intenção de falar ao meu pai, antes que os seus compromissos impedissem a nossa privacidade. Na noite anterior, ele reunira-se com "O Que Tudo Vê" e eu queria saber quais as conclusões dessa conversa. Inquietava-me a saúde do meu mestre e angustiava-me a sua inércia no que se referia ao meu

treino. Se achava que eu estava preparada, por que não me submetia ao julgamento do Guardiã da Montanha? Além disso, Aesa também assombrava o meu espírito. Que fim é que a mestra da Arte Obscura pretendia dar às cinzas de Gwendalin? E o que é que nós podíamos fazer para proteger o Povo da Terra da sua ambição assassina?

A festa terminara tarde e os corredores do palácio ainda se encontravam desertos. Recordando-me da última vez que irrompera pelo quarto do meu pai sem me fazer anunciar, levantei a mão para bater à porta. Contudo, detive-me ao ouvir distintamente a voz de Steinarr:

— Ela quer casar-se comigo, Throst!

Seguiu-se um longo silêncio, que me deixou sem fôlego. Apercebendo-me de que estava a surpreender a conclusão da história que se iniciara na noite anterior, apelei à minha habilidade para aguçar os sentidos. Por fim, o meu pai respondeu, cauteloso:

— Essa aliança fortaleceria os dois reinos e resolveria muitos problemas! Se decidires abdicar, tenho a certeza de que o Ivarr está preparado para dirigir os destinos do nosso povo.

— Isso é loucura! — replicou o outro, arquejante. — Eu mal a conheço...

— Mas ela conhece-te bem! — contrapôs o *jarl*, em tom de gracejo. — E, pelo que me contaste, a idéia não te desagradou!

— Nós fizemos amor durante toda a noite! Toda a noite, Throst! Tinha-me esquecido de como é bom satisfazer uma mulher! Julgava que já não era possível, na minha idade... No entanto, a paixão não é tudo! Lyria é muito bela, inteligente, fogosa... E eu sou um homem que já perdeu o esplendor da juventude. Quantos anos o seu entusiasmo duraria...?

— Decerto que a rainha está ciente da tua humanidade, Steinarr! Se, mesmo sabendo que te sobreviverá em muitos anos, ela deseja desfrutar da tua companhia, é porque te ama verdadeiramente. A questão de estar de olho no teu reino nem sequer se coloca, pois concedeu-te liberdade para o entregares ao teu primogênito. Se Lyria não fosse uma mulher de coração puro, "O Que Tudo Vê" não estaria ao seu lado. O que te atormenta, meu amigo? O destino do

nosso povo? Ivarr será um bom rei! E, durante os primeiros tempos, poderás orientá-lo... Fala comigo, Steinarr! Receias a reação do teu filho? Eu tenho a certeza de que ele ficará mais satisfeito se for coroado no dia do teu casamento, do que no dia do teu funeral!

— O meu problema não é o Ivarr, nem o nosso reino! O meu problema... Que as serpentes do submundo me atormentem por toda a eternidade, Throst! Tu sabes perfeitamente qual é o meu problema, mesmo que o ignores para preservar a nossa amizade!

Levei as mãos aos lábios, mal contendo um grito. Steinarr acabara de dizer o que jamais poderia ser dito! O silêncio que engoliu o quarto foi quebrado pelos soluços angustiados do rei. Eu encostei a testa à porta e fechei os olhos. A minha mente trespassou a madeira e revelou-me Steinarr, prostrado sobre um banco, com a cabeça enterrada nas mãos. O meu pai aproximou-me e apertou-lhe os ombros, reconfortando-o:

— Tu carregas esse fardo há demasiado tempo... Pára de te atormentar! Eu não ignoro os teus sentimentos, Steinarr... Respeitosos! Admiro-te pela contenção; pela tua lealdade para comigo... e para com a Catelyn. Nós também te amamos, querido irmão... E, porque te amamos, queremos que sejas tão feliz como nós...

— E se eu só souber ser feliz ao vosso lado, desfrutando da vossa amizade, do vosso carinho? — tornou o rei, enlaçando as mãos do meu pai entre as suas. — Quando a Bera morreu, jurei que não voltaria a casar-me... Será justo para Lyria desposar um homem cujo coração jamais lhe pertencerá?

— Não podes ter a certeza disso! Por vezes, o amor nasce da paixão...

Sobressaltei-me ao ouvir passos ao fundo do corredor. O palácio começava a despertar. Afastei-me imediatamente da porta e corri de regresso ao meu quarto. A conversa com o meu pai teria de ficar para outra altura. Neste momento, *o jarl* já tinha muito com que se ocupar. A confissão do rei viking levaria qualquer outro homem a desembainhar a espada. Porém, a amizade que os unia era sincera. O destino dos Vikings e do Povo da Terra estava a ser decidido naquele quarto... Eu esperava que Steinarr tivesse a sagacidade de

escutar os conselhos do meu pai, pela felicidade de Lyria... e para seu próprio bem!

CAPÍTULO 13

Na noite que antecedeu o adeus aos domínios da Gente Bela, "O Que Tudo Vê" chamou-me à sala de reuniões de Lyria. Aguardava-me apoiado no seu majestoso bordão, com a expressão exausta que insistia em acompanhar todos os seus passos. Franzi o sobrolho ao ver um pote de ferro pousado sobre a mesa. O instinto avisou-me de que era ali que se encontravam aprisionados os restos mortais da abominável feiticeira, que quase destruíra tudo o que me era querido. A presença de tal ameaça, durante a nossa conversa, não augurava nada de bom.

"O Que Tudo Vê" não perdeu tempo com rodeios. Após umas palavras de apreço, a voz da sua mente ecoou dentro da minha, para que mais ninguém escutasse o que tinha para me dizer:

"A minha missão de Guardiã está prestes a findar. Sinto-me velho e cansado, sem ânimo para as duras batalhas que se avizinham. Lyria fez-me um convite tentador e tenciono aceitá-lo. Viverei o resto dos meus dias aqui, junto do seu povo, em harmonia com a natureza e a Arte. A Montanha Sagrada anseia pelo vigor da juventude. Serás bem recebida no berço da magia da Terra, quando sentires o apelo. Até lá, querida neta, é importante que treines com redobrado empenho, para reclmares o poder do dragão."

Sacudi a cabeça, confusa, e desferi as perguntas óbvias:

"O que é que ainda me falta aprender, se dizeis que nada mais tendes para ensinar-me? Todos os anos que já treinei não são suficientes?"

"Aproxima-te, criança."

Fixei o pote das cinzas de Gwendalin, inquieta e desconfiada. Não tinha vontade de chegar perto daquela aberração. Contudo, era exatamente isso que o meu mestre pretendia. Segurou-me as mãos e guiou-as até ao pote, para que apreendesse a textura dos desenhos que o decoravam e o tornavam belo e inofensivo, ante um olhar desconhecedor.

De início, nada senti, além da frieza característica do ferro. Depois, o pote começou a aquecer, como se repousasse em cima de

um braseiro. O calor entrou-me na carne, até se tornar insuportável. Tentei recuar, mas “O Que Tudo Vê” não permitiu. Forcei-me a resistir à dor e concluí que o ferro se mantinha frio por baixo dos meus dedos. Era o que existia no seu interior que pulsava e me magoava os sentidos. A minha percepção foi toldada por uma nuvem de fumo, pincelada de pontos negros detentores de uma energia voraz, que me empurravam para um redemoinho de perdição, no centro do qual dois olhos de fogo me aguardavam...

Só escutei os meus próprios gritos quando “O Que Tudo Vê” me puxou contra o seu corpo. Demorei a recuperar o fôlego, enquanto ele me apoiava e transmitia energia curativa.

“Esta é a essência primordial da arte maldita. Enquanto não fores capaz de enfrentá-la, estarás vulnerável diante daquele que nasceste para combater. Ser Guardiã é uma grande responsabilidade, minha neta! Metade do poder do dragão já se perdeu para o lado negro. Não podemos permitir que o inimigo arrebate também a tua alma!”

Apesar de combalida, dei por mim a contestar:

“O feiticeiro Sigarr colocou o poder da Lágrima da Lua ao serviço da Arte Obscura, mas...”

O que estava eu a dizer? Sustive-me bruscamente, mas foi em vão. Não havia como ludibriar “O Que Tudo Vê”! De imediato, ele completou num tom reprovador:

“Mas o seu aprendiz pode trazê-lo de volta à luz?” — Respirou fundo e abriu os braços, num gesto de desamparo. — “As tuas ilusões são a tua fraqueza, Edwina! Convence-te de uma vez que esse rapaz não é apenas o herdeiro de Sigarr; é igualmente o legatário da maldade encarcerada neste pote. O filho de Gwendalin jamais renegará ao poder da Arte Obscura... nem mesmo que surja uma voz na sua consciência, despertando-o para o seu erro; nem mesmo sabendo que está a ser manipulado pelo seu mestre... Nem mesmo por amor!”

Sentime desfalecer. Os meus olhos encheram-se de lágrimas e nem tive força para me afastar quando Hakon me abraçou, afagando a minha mente:

“Ivarr é um bom homem... Será um grande rei; ainda maior do que o seu pai, se nenhuma força maligna o atormentar. Deves

proteger o seu espírito, para o bem do nosso povo! Não feches o coração ao amor que acalentas desde menina, por causa de uma fantasia condenada ao fracasso. O Edwin nasceu mau, viverá ao serviço dessa perversidade, e só tu poderás conceder-lhe a paz, através da morte. Lamento se estou a ser cruel, mas esta é a verdade! Se baixares a guarda, ele irá enganar-te, seduzir-te e perder-te! É tempo de saberes que há décadas que Sigarr persegue a concretização de uma profecia, que dita que o filho varão do Rei da Lua e da Rainha do Sol terá o poder de fundir a magia dos cristais do dragão e apoderar-se do Conhecimento Absoluto. O futuro Guardiã da Lágrima da Lua tudo fará para destruir a futura Guardiã da Lágrima do Sol, para que nenhuma magia na Terra possa ensombrar a sua... Todavia, antes assegurar-se-á de que o seu filho será um deus."

Empalideci e vi tudo tremido. O meu bisavô ajudou-me a sentar e eu não protestei. Respirava com dificuldade, como se o ar se recusasse a alimentar-me os pulmões. "O Que Tudo Vê" não me revelara uma profecia... Proclamara uma maldição! A minha cabeça latejava, prestes a explodir:

"Mas... Isso não faz sentido! Que proveito tiraria Sigarr dessa criança, se já nem sequer seria ele o Guardiã da Lágrima da Lua? A menos que..."

A dedução era demasiado grotesca, mas o meu bisavô fez questão de expressá-la:

"A menos que ele pretenda reclamar o controle da vontade do cristal! O desaparecimento de Edwin fará com que a magia da Lágrima da Lua regresse à essência de Sigarr. Através da Arte Obscura, ele descobriu como viver eternamente... E abdicar do que conquistou não está nos seus planos! Terá de matar para obter o que almeja, por isso os herdeiros que acolhe não possuem o seu sangue. Primeiro Gunnulf; agora Edwin... Se a maior das atrocidades se concretizar, e tu caíres nas mãos do teu primo, Sigarr matá-lo-á mal o vosso filho nasça, de modo a recuperar o seu poder."

As lágrimas tombaram pelas minhas faces. Este era o fim do sonho que eu não me atrevera a sonhar. Este era o princípio do mais

terrível dos pesadelos... e eu seria forçada a vivê-lo! Dei por mim a concluir:

"Quer pela minha mão, quer pela mão de Sigarr, o Edwin está condenado à morte..."

"O Que Tudo Vê" segurou-me no rosto e declarou carinhosamente:

"Tu foste mais longe do que qualquer ente de sangue misto jamais sonhou, Edwina, e continuarás a evoluir. É importante que superes esta batalha e te concentres na tua missão de Guardiã. A condição humana condena-te a uma vida breve, e é improvável que eu viva o suficiente para treinar o teu primogênito. Tenho o dever de te alertar para a necessidade imperiosa de manter o poder da Lágrima do Sol na Terra. Se a tua descendência falhar e eu já não for vivo para designar um herdeiro, a magia do cristal regressará ao meu pai... que não hesitará em entregá-la ao meu irmão, que se manterá jovem na Ilha Sagrada por várias gerações de Homens. E esse poder nas mãos de um Sacerdote do Conselho Superior, que ambiciona tornar-se Mestre Supremo, e acalenta um profundo desprezo pela humanidade e pelas outras raças de sangue antigo, será mais temível do que uma aliança entre mestres da Arte Obscura."

A rainha do Povo da Terra e o rei viking conversaram longamente e consolidaram uma aliança: Lyria e "O Que Tudo Vê" guardariam o execrável pote e Steinarr comprometia-se a acorrer em seu auxílio sempre que necessário. Uma força Viking permaneceria nos limites da cidade, para prevenir um possível ataque Vândalo; as casas desta nova comunidade já começavam a ganhar forma. E nós regressaríamos ao forte, escoltados pelos guerreiros do meu pai.

Por enquanto, o próprio "O Que Tudo Vê" concordava que estas medidas eram suficientes para desencorajar um novo assalto de Aesa. Além disso, nos próximos tempos, o reino vândalo teria um príncipe herdeiro para chorar e, quando o ódio os instigasse a atacar, Steinarr seria o alvo da sua vingança.

Na despedida, a rainha manteve-se altiva e digna, apesar de os seus olhos denunciarem a dor de que o seu coração padecia. O rei estava sombrio como eu nunca o vira. Quando beijou a mão de Lyria

e encontrou o seu olhar, pensei que ia retroceder na decisão de partir. Porém, a teimosia venceu! Mesmo sabendo que a minha mãe jamais lhe pertenceria, Steinarr contentava-se em manter-se ao seu lado e em partilhar das alegrias da nossa família.

Um último incidente marcou o dia. Três arqueiros do Povo da Terra pediram permissão ao *jarl* para cortejar Thora. Ketill e Bryan tiveram de segurar Eric para impedi-lo de desafiar os jovens para um duelo de honra. No fim, quem se zangou foi a minha irmã, que declarou estar farta dos galanteios masculinos. Será que os homens só pensavam em namoricos? O que ela queria era aprender coisas novas, viajar, guerrear...! O ardor da sua indignação foi tão veemente que temi ouvi-la renunciar ao compromisso com Eric.

Eu disse adeus a Lyria com pesar. Ela convidou-me a regressar em breve, mas ambas sabíamos que tal era impossível. Eu devia treinar de dia e de noite, se queria tornar-me Guardiã. Quando sentisse o apelo de que "O Que Tudo Vê" falara, teria de estar à altura do desafio, ou o mal prevaleceria e a Terra estaria condenada.

A viagem de regresso ao forte viking foi tormentosa. Estava um frio de gelar as idéias e, por várias vezes, tivemos de caminhar fustigados pela neve. Ivarr e os seus lobos seguiam à frente, como já era hábito, certificando-se da segurança dos trilhos. O meu noivo tratava-me com indiferença, desde a noite do banquete de Lyria. E, apesar de "O Que Tudo Vê" me garantir que o futuro da Terra dependia da nossa união, eu nada fizera para me aproximar.

Ao chegar ao seu castelo, Steinarr deparou-se com um tremendo embaraço. Saíra tão apressadamente que se esquecera de dar instruções para liberar Magnor do castigo. Como a sua vontade era soberana, ninguém se atrevera a atender às súplicas do príncipe, e este permanecera encarcerado nos calabouços, dormindo sobre o chão de pedra, comendo a parca ração dos prisioneiros e tendo de fazer as necessidades a dois palmos do sítio onde deitava a cabeça. Até eu me apiedei do pobre diabo!

O rei ficou muito perturbado. Como pudera esquecer-se do seu próprio filho? O pior era que, devido às circunstâncias que haviam justificado a punição, Steinarr não podia desculpar-se, ou arriscar-se-ia a subtrair a sua autoridade. Manter a cabeça erguida e a

firmeza na voz, ao chamar Magnor à sua presença, era a única saída. Porém, se não fosse igualmente capaz de minorar os males resultantes deste embaraço, demonstrando-lhe o seu carinho de pai, poderia ter de enfrentar um ódio que os dividiria para sempre.

Mais tarde, o rei contou ao *jarl* que a conversa fora muito mais pacífica do que almejava. Magnor afirmara que já era um homem e que o castigo lhe servira de emenda. Agora, só pedia que lhe fosse concedida alguma responsabilidade, para provar o seu valor. A sua intenção era juntar-se às tropas que asseguravam a proteção da fronteira com a Floresta Sombria, onde aprenderia a viver apartado dos confortos da sua condição de herdeiro real. Agradado, Steinarr assentira e, ainda nesse dia, após ter-se inclinado humildemente diante do *jarl*, a fim de se retratar pela sua insolência, Magnor abandonou o forte sem alaridos. Eu não acreditava na sua súbita regeneração, mas mantive a boca fechada, para não errar num julgamento precipitado.

O meu pai anunciou que partiríamos dentro de dois dias. A estação fria começava a alterar o estado do mar e, dentro em breve, seria impossível viajar. Eu sabia que o *jarl* manifestara a vontade de permanecer no País dos Vikings, com o primo Krum, mas o rei discordara, alegando que possuía homens suficientes para fazer frente aos Vândalos, e que a Ilha dos Sonhos necessitava da orientação do seu senhor. Além disso, a minha mãe devia estar em cuidados... E a tranquilidade de Catelyn era algo que nenhum dos dois desejava descurar. Havíamos sofrido tantas baixas na batalha, que Steinarr teve de oferecer os serviços de alguns dos seus homens, para que os nossos barcos pudessem fazer-se ao mar. Tentar convencer Thora a acompanhar-nos foi inútil. A minha irmã ansiava por exercitar os novos e elaborados truques que aprendera com o Povo da Terra, e tudo o resto parecia enfadá-la. Movia-se pelo pátio de treinos qual peixe na água, rodeada não só por jovens guerreiros, mas também por veteranos curiosos. Os lobos da sua alcatéia acotovelavam-se e trocavam sorrisos pejados de orgulho. Por mais que me doesse, tinha de admitir que o lugar de Thora era ao seu lado.

Os trilhos da Montanha Sagrada revelavam-se exclusivamente àqueles que possuíam magia no sangue... ou assim eu acreditara, até ver a minha escolta, composta pelo rei-lobo e a sua alcatéia, continuar adiante, sem a menor desconfiança do que se encontrava à frente do seu nariz. Ivarr, Ketill e Ragnar não possuíam sangue feiticeiro, mas o mesmo não podia dizer-se de Eric e Bryan. No entanto, nenhum deles acusou ter visto a passagem. Apenas Thora se deteve, perguntando-me se eu desejava a sua companhia. Declinei com um suspiro nervoso, tentando superar o temor. Tinha de fazer isto sozinha!

A infame profecia que “O Que Tudo Vê” desvendara, tirava-me o sono e punha-me a cabeça a andar à roda. O Rei da Lua, a Rainha do Sol... e um filho amaldiçoado! Não admirava que a minha família fizesse tanta questão de que eu me casasse com Ivarr! A nossa união não representava apenas a convicção de que o aprendiz de Sigarr seria derrotado. Era também a garantia de que o futuro algoz do mundo não seria gerado no meu ventre.

Abandonei a coluna e encorajei a égua a enveredar pelo caminho mágico. De imediato, senti que entrava noutro mundo: o vento acalmou e o ar aqueceu, colando-se à pele qual manto de conforto. A claridade aumentou; uma luz serena brotava do solo e subia até ao céu, brincando com as espirais de nevoeiro colorido que surgiam do nada para me dar as boas-vindas.

A viagem até ao cume foi feita num sopro de tempo. O nevoeiro, que me maravilhava, susteve o meu corpo quando desmontei. Envolta pela bruma, a Pedra do Tempo cintilava como se um universo de estrelas pulsasse dentro dela, exercendo uma atração irresistível. Aproximei-me devagar e, a cada passo, a Lágrima do Sol manifestava-se; a sua magia banhando-me como água de uma cascata divina. Sem hesitar, repousei as mãos sobre a Pedra do Tempo, murmurando uma prece carregada de emoção:

— Senhora da Sabedoria, vós que conheceis o meu coração, o meu pensamento, a minha ansiedade, o meu desespero, mostrai-me o caminho da verdade. Desvendai-me os intentos do Guardiã da Lágrima da Lua para que possa combatê-lo... — As lágrimas subiram-me aos olhos, ao recordar-me de Edwin. Se ainda houvesse

uma possibilidade... a menor esperança de salvá-lo, agarrar-me-ia a ela com todo o meu ardor. Uma dúvida estrebuchava num canto recôndito do meu espírito, apesar dos avisos de "O Que Tudo Vê". Ter-me-ia Lyria despertado para a profundidade dos meus sentimentos por Edwin, se existisse unicamente dor e morte no nosso destino?

— A vós confio o meu corpo — continuei. — A vós entrego a minha essência. Conduzi esta serva até ao futuro, e trouxe-a de volta, na segurança dos vossos trilhos de luz...

Foi como se uma mão gigante descesse sobre mim, me envolvesse a mente com garras vorazes e a arrancasse de dentro do corpo, arremessando-a a uma velocidade vertiginosa para o interior de um redemoinho de energia primitiva, onde as partículas mais elementares do universo se agrupavam, assumindo formas e cores. Depois, experimentei uma queda brutal, de encontro a um negrume pastoso, que me envolveu e assimilou, desintegrando a minha essência... até que, dorida, me surpreendi no interior de uma gruta vulcânica; a gruta onde ajudara Edwin a derrotar o campeão do Povo do Fogo.

Mais uma vez, os latidos e uivos faziam estremecer as paredes escarpadas. Por toda a parte, a rocha ganhava vida, animada pelas criaturas que surgiam dos nichos para desfrutar do espetáculo. No interior do anel de lava, a pedra ritual flutuava desregrada, empurrada pelos dedos de fogo. Cravadas no seu centro, duas colunas finas erguiam-se grotescamente, aprisionando por meio de correntes de pura energia as mãos e os pés de uma mulher, que se agitava, gritando desesperada, fustigada por um horror profundo... E essa mulher era eu!

Tudo era real: o intenso cheiro a enxofre, o clamor ensurdecador dos demônios... a minha visão enevoada pelas lágrimas. A direita, um homem alto, vestido de negro e escarlata, observava-me com olhos glaciares e um sorriso cruel. O rosto jovem e odiosamente belo de Sigarr denunciava júbilo; a profunda exaltação que o percorria. O que mais ambicionava estava prestes a concretizar-se. Este era o seu momento de glória!

A um gesto do feiticeiro, Edwin avançou decidido; o corpo vestido com o brilho da Arte Obscura, o rosto desfigurado por uma crueldade funesta. Ainda assim, quando os nossos olhos se encontraram, o meu coração encheu-se de esperança, de ansiedade... de uma profunda tristeza. A sua mente invadiu-me a consciência, antes de os nossos lábios se unirem... E, por mais que eu soubesse que devia concentrar-me em destruí-lo, não fui capaz. Com as lágrimas a escorrerem pelo rosto, compreendi que o amava, que a minha vida lhe pertencia... Pertencera-lhe desde sempre! E era a sua e a minha vida que pulsava no interior do meu ventre. Eu estava grávida!

"*Mata-a!*" — ribombou a voz crua e gélida do mestre da arte maldita.

Debati-me fracamente, e o meu coração tentou alcançar o de Edwin, num derradeiro esforço de preservação. Todavia, dentro do seu peito só encontrei uma pedra. As suas gargalhadas ecoaram, enquanto a sua essência absorvia a minha, gota a gota, drenando-me o vigor, sorvendo o meu poder, assimilando a minha vida...

Mal senti a dor aguda que me rasgou de alto a baixo. Ouvi o choro do meu filho, vindo de muito longe, e o mundo desmoronou-se dentro de si mesmo. As forças que me dominavam expulsaram-me do meu corpo... da carcaça mutilada que pendia das correntes de luz, enquanto o seu sangue alagava o chão. Triunfante, Edwin elevou o nosso bebê no ar; a faca de osso com que me estripara caindo aos meus pés. Todavia, o seu sorriso depressa se transformou num trejeito de choque e dor. Rodou sobre si próprio para encarar o Guardiã da Lágrima da Lua, fixando incrédulo o punhal ensangüentado com que este lhe trespassara as costas.

Com o olhar em chamas, Sigarr reclamou a criança, no instante em que o corpo robusto do seu pupilo ruía sobre o sangue que inundava o chão. Os latidos dos demônios elevaram-se a um delírio frenético, quando se precipitaram ao encontro dos cadáveres, e se banquetearam com a nossa carne...

— *Não!* — berrou o meu espírito terrificado. — *Nós não podemos acabar assim... Tem de existir outro futuro!*

O pesadelo desvaneceu-se, e as formas e cores regressaram à névoa primitiva. Provenientes do seu âmago, uma miríade de vozes repetia alternadamente, em ecos melódiosos:

"Outro futuro..."

Um futuro para aqueles que sonham... Outro futuro...

Um futuro para aqueles que amam... Outro futuro...

Um futuro para aqueles que lutam...

E, para aqueles que não sonham, não amam e não lutam, não existe futuro..."

Decorria o último jantar desta nossa aventura no País dos Vikings, mas eu sentia-me incapaz de engolir uma gota de água. Não muito longe, Ivarr mirava-me de soslaio, revelando incompreensão ante o meu comportamento. Até Thora falhava na tentativa de me fazer sorrir! Ela pressentia que as revelações da Pedra do Tempo não tinham sido boas. Aliás, nenhum dos seus companheiros deixara de reparar no meu estado lastimável, quando me reunira ao grupo. Porém, apesar da surpresa e da inquietação, ninguém se atrevera a questionar-me e, mesmo que o fizessem, não obteriam resposta.

Foi com alívio que recebi a permissão do meu pai para me recolher ao quarto. Ainda não tivera oportunidade de chorar... Ainda não tivera tempo de assimilar as horrendas revelações que me destroçavam a alma. O que pode alguém fazer, quando descobre que está condenado à morte, e que o seu carrasco será... um amigo de quem se gosta verdadeiramente? Não havia futuro, nem para mim, nem para Edwin... Sigarr ia vencer!

Porém, à medida que a noite avançava, o negrume que me envenenava o espírito começou a dissipar-se, soprado pela influência restauradora da Lágrima do Sol. Na minha mente despertava uma voz que ganhava ânimo à medida que teimava:

"Por que estás tão abalada? A Pedra do Tempo apenas te desvendou o perigo, para o qual "O Que Tudo Vê" já te alertara! O Edwin está perdido! Mantém-te longe dele e tudo se resolverá! O Ivarr proteger-te-á... O Ivarr não permitirá que te levem para aquela ilha maldita e te ponham um filho no ventre! O Ivarr cuidará de ti..."

Movida por uma vontade soberana, saí da cama e caminhei até à varanda. A música e os cânticos da festa de despedida que o rei oferecera ao *jarl* ainda alegravam o castelo. O meu coração apertou-se, ao ver Ivarr no pátio, sentado na fonte de pedra onde os animais iam beber. Esta era uma oportunidade excelente para lhe pedir desculpa e justificar-me. Talvez não houvesse outra!

Pus a capa que Lyria me oferecera sobre os ombros, e desci cautelosamente, evitando os guardas de vigia, a fim de resguardar a minha reputação. Avancei ao coberto das sombras e aproximei-me da fonte. Ia dar-me a conhecer, quando me apercebi de que Ivarr já não se encontrava sozinho. Estava com uma mulher... Estava com Thora!

— Se teimas em estar calado, é contigo! — replicava a minha irmã. — Mas eu vou ficar a fazer-te companhia...

— Pára de me importunar — atalhou ele, num tom que soava mais meigo do que aborrecido. — Já há muito tempo que as crianças deviam estar na cama!

— Que prodígio! — desdenhou ela, ignorando a provocação. — Afinal o senhor fala!

— Tu és insuportável, rapariga! — De novo o tom carinhoso.

— E tu és o homem mais obstinado que eu conheço! O que foi que aconteceu, Ivarr? Zangaste-te com a minha irmã? Jamais hei de entender como é que duas pessoas tão apaixonadas podem andar sempre amuadas! Queres que fale com a Edwina...?

— Quero que te cales, pela lança do poderoso Odin, antes que te arranque a língua, sua metediça! — Desta vez a sua voz acusava impaciência. Thora espetara a unha na ferida. — Se queres ficar, fica! Mas fica calada!

Esperei que ela se rebelasse, o insultasse e lhe voltasse as costas. Contudo, permaneceu sentada... e em silêncio! Um silêncio tão profundo, tão ofendido, que foi Ivarr quem acabou por ceder e recuar:

— Thora... Thora, desculpa! Eu... eu estou confuso, irritado... — A sua mão estendeu-se até à dela. — Perdoas-me?

A minha irmã mirou-o de esguelha, resmungando:

— Vou meditar nessa possibilidade, mas em silêncio...

Ivarr riu baixinho e abanou a cabeça. Os seus cabelos, já desgrenhados, libertaram-se da fita de pele e caíram-lhe sobre o rosto.

— Por que é que eu nunca estou aborrecido ao teu lado? — perguntou ternamente. — Tu tens o poder... Tens o dom de me fazer sentir bem! Gostava de conseguir falar com a Edwina, com a mesma facilidade com que falo contigo. Ela é tão complicada, tão fechada, tão misteriosa...

— E não é isso que te encanta?

De onde me ocultava, vi os olhos de Ivarr cintilarem quando encarou Thora.

— Sim — confirmou, acalentando-me o coração. — De certa forma... Mas, na cidade de Lyria, a Edwina magoou-me muito! Eu disselhe que desejava desposá-la assim que regressássemos... E ela repeliu-me com desprezo, quase com rancor!

Paralisada de assombro, ouvi-o divulgar esta confidência da nossa intimidade. A minha irmã ponderou, antes de volver:

— Isso não faz sentido! A Edwina ama-te! Desde menina que suspira por ti, ansiosa pelo dia do vosso casamento!

Agora, não sabia se estava mais zangada com um ou com o outro!

— Desde o Festival de Verão que eu e a tua irmã não paramos de discutir — continuou Ivarr. — Ela espreitou a tua iniciação... Estou convicto de que o fez apenas para te proteger, mas, desde então, ressentente-se do nosso elo... Acha-o... excessivamente carnal, mesmo ofensivo. Custa-lhe a acreditar que o que nos une é magia... e não algo mais.

O sobressalto de Thora era evidente. Como é que Ivarr tivera coragem de insinuar que eu amargava de ciúmes sempre que os via juntos? A voz da minha irmã tremia, quando contrapôs:

— Ela devia compreender! Nós não podemos lutar contra a nossa natureza!

O príncipe respirou fundo, fixando a sua protegida e apertando-lhe ainda mais a mão, ao corroborar:

— Não, Thora... Não podemos...

Uma estranha energia flutuava ao seu redor... Seria novamente produto da minha imaginação? Thora parecia ser-lhe alheia, pois

ergueu-se com a habitual desenvoltura e afirmou:

— Eu vou falar com a Edwina! Ela não pode pensar...

— Não quero que faças isso — objetou Ivarr, seguindo-a. — Eu já lhe expliquei tudo o que havia para explicar! Se a Edwina não entende, se não confia em mim, é porque não me ama... Vai dormir, Thora! — Ergueu um dedo para impedir o seu protesto. — É uma ordem!

O aposento de Ivarr nada tinha de principesco. Era um quarto simples, com uma lareira, uma cama estreita, uma arca e uma vasilha com água. As paredes estavam nuas e os tapetes que forravam o chão eram o único vestígio de conforto. O fogo que a escrava acendera, ao preparar-lhe a cama, em breve finaria. Eu terminava de atizar as brasas com o ferro, quando Ivarr surgiu. Ao deparar comigo, deteve-se boquiaberto e demonstrou inquietação:

— Estás bem, Edwina?

Tombei nos seus braços e cedi ao pranto. Era eu a responsável pelo esfriamento do nosso afeto. Há quanto tempo não lhe oferecia um beijo? Há quanto tempo não lhe dava a mão?

— Edwina...

— Perdoa-me, Ivarr — atalhei, buscando o seu olhar. — Não tenho sido uma boa noiva... Nem sequer uma boa amiga! Mas amo-te! Amo-te de verdade...

Ele interrompeu a minha consumição com um beijo, e eu entreguei-me ao seu carinho sem restrições. Deliciei-me com o sabor da sua saliva, e não permiti que se afastasse para recuperar o fôlego. Estava sequiosa, sôfrega, como se necessitasse do seu ardor para viver. Entrelacei os dedos na suavidade dos seus cabelos e derreti-me quando Ivarr aprofundou o beijo, inundada por sensações maravilhosas, algumas quase dolorosas, que exigiam a atenção das suas mãos. E ele sabia exatamente onde tocar para transformar a dor em prazer!

— Edwina... — arfou roucamente. — Temos de parar...

— Não!

Uma ínfima parte da minha mente rebelava-se contra tamanho desvario. A outra, obrigava-me a insinuar-me contra o seu corpo, de

forma instintiva mas eficaz. Se, esta noite, Ivarr plantasse a sua semente no meu ventre, o fantasma da profecia seria definitivamente afastado. Ele gemeu alto e devorou-me os lábios, enquanto as mãos destras se aventuravam por baixo da capa de lã, afagando-me os seios sobre o tecido da camisa de noite. Afastei-lhe a túnica até alcançar a pele nua e quente do seu tronco, onde os músculos palpitavam por baixo dos meus dedos. As cicatrizes do ritual de sangue, que o unia aos seus lobos, capturaram-me a atenção. Eram cinco... Mais uma do que quando Thora fora iniciada! A última testemunhava a sua ligação a Ketill.

— Existem mil e uma coisas que posso ensinar-te, querida — murmurou Ivarr, forçando uma pausa para me prender o olhar. — Mas sem pressa... — Roçou os lábios nos meus, com uma meiguice enlouquecedora. — Desejo-te virgem no dia do nosso casamento... Quero que a prova da tua virtude seja exibida com orgulho diante do nosso povo, para que ninguém duvide da tua perfeição. Porém, até lá, podemos descobrir o prazer, sem que a tua pureza seja maculada. — Sorriu, ao deparar-se com a minha incompreensão. — Este será o nosso segredo, minha princesa... Prometo-te que, quando nos casarmos, o nosso amor será maior do que alguma vez sonhamos, porque nos conheceremos tão bem, que não existirá pudor nem embaraço... só deleite!

A capa que me cobria caiu no chão com uma pancada seca. Não tive tempo de interpretar o que Ivarr dissera, porque ele já me segurava ao colo e deitava na cama. Despiu a túnica com um gesto decidido, e deslizou com cuidado sobre o meu corpo. A visão do seu olhar cristalino, iluminado pelo fogo da lareira e adornado pelos cabelos negros, que caíam sobre os ombros largos e o peito vigoroso, embriagava-me os sentidos. A força do seu desejo era um ferro em brasa contra a minha barriga. Fechei os olhos e recebi os seus beijos com uma paixão crescente, acariciando-o como sabia, até que as suas mãos me encorajaram a desbravar um caminho que eu jamais ousaria percorrer sozinha.

— Toca-me, Edwina... — sussurrou num tom desesperado. — Toca-me ou morrerei...

Obedeci, simultaneamente receosa e excitada, enquanto os seus dedos desfaziam os cordões da minha camisa, afastando o tecido e apossando-se dos seios. Afagou-os com uma perícia extasiante, para depois beijá-los com o mesmo entusiasmo que dedicava aos meus lábios. Gemi alto, arqueando-me ao encontro da sua boca, implorando por mais...

O estrondo atingiu-me qual pancada na cabeça. A porta do quarto abriu-se de rompante e uma voz aflita clamava:

— Ivarr, a Edwina não está no quar...

Despertei para a realidade, com o coração prestes a rebentar. Sobre mim, o corpo de Ivarr ficou tenso, como se trespassado por uma lança. Os seus dedos enterraram-se nas cobertas, enquanto se engasgava com a própria respiração. Deparei com o seu rosto crispado, o seu olhar cerrado e os lábios apertados, antes de me atrever a encarar a minha irmã.

As flamas da lareira não se comparavam com a violência do rubor de Thora; ao choque no seu olhar, por me encontrar deitada quase nua na cama de Ivarr, totalmente entregue...

— De... desculpem... — gaguejou. — Eu... Eu não imaginava... Perdoem-me!

Desapareceu tão abruptamente como chegara, ignorando o meu apelo. Ivarr sentou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos. O seu abandono deixou-me gelada. Compus a camisa de noite, debaixo de um silêncio enervante, aguardando que ele me puxasse para os seus braços e murmurasse uma palavra de conforto. Todavia, o olhar do meu noivo estava prisioneiro da porta que ficara aberta, completamente atordoado. Nem tentou deter-me, quando pus a capa!

— Desculpa, Edwina — declarou por fim, numa voz sumida. — Decerto a Thora foi procurar-te e, como não te encontrou, veio alertar-me... Mas não te preocupes! Ela guardará segredo...

— Não existe nenhum segredo, Ivarr! — repliquei, quase friamente. — Não se passou nada!

Ele ergueu-se devagar e abraçou-me. O calor dos seus lábios contra a minha testa quase me fez chorar.

— Tens razão... — assentiu. — Não se passou nada...

Havia carinho nos seus gestos, mas o desejo apagara-se. Recuei, sem vontade de encará-lo e surpreender os dilemas que se ocultavam por trás da cortina verde, murmurando:

— É melhor irmos dormir...

— Sim... — concordou, denunciando alívio. — Vamos dormir...

A voz faltou-lhe, toldada pela insegurança que tentava a todo o custo disfarçar.

Deixei-o para trás, sem resposta, e dirigi-me ao meu quarto, açoitada por mil e um pensamentos funestos. Eu fora até Ivarr, disposta a entregar-me, porque o amava... ou para me libertar da ameaça da profecia? E, se ele me desejasse realmente, teria mostrado tantas reservas em consumir o nosso amor? Pior; teria permitido que a aparição de Thora o desmotivasse por completo, e o empurrasse para aquela angústia deplorável? Talvez fosse melhor não insistir nestas perguntas... Pelo menos, enquanto a cabeça estivesse em brasa!

Despedi-me do País dos Vikings com a mente carregada de dúvidas. Da amurada do *Knarr*, observei o porto a ficar para trás, assim como uma dezena de rostos que me eram queridos, ciente de que só tornaria a vê-los quando o gelo que vagueava pelo mar derretesse e as ondas gigantescas de Inverno serenassem o seu ímpeto.

O rei Steinarr preparava-se para enfrentar as represálias dos Vândalos e já dera ordens para fortalecer as fronteiras, enviando mais guerreiros para se unirem à guarda avançada e ao príncipe Magnor. Sendo um líder indispensável na estratégia militar do nosso povo, Ivarr não teria mãos a medir durante a estação gelada. Eu só esperava que as forças divinas o guardassem, e aos seus lobos, de todos os perigos.

O meu adeus a Thora foi estranho, quase constrangedor. Ela esquivara-se a escutar as minhas justificações, replicando que a vida amorosa do herdeiro do trono viking e da sua noiva não lhe dizia respeito. Desejava a minha felicidade e tinha a certeza de que Ivarr saberia provê-la. Parecia-me... ressentida! O desabafo do seu senhor impelira-a a acreditar que eu a considerava uma ameaça.

O *jarl* assumiu a sua posição ao leme do *Knarr*, com uma expressão sombria. Era óbvio que deixar o seu rei e a sua pátria sob a ameaça de uma guerra o estraçalhava por dentro. E o fato de uma das suas filhas se encontrar destacada para a frente de batalha também lhe feria o espírito. Se Steinarr não tivesse expressado, com absoluta firmeza, a vontade de vê-lo regressar à Ilha dos Sonhos, o meu pai jamais teria embarcado. Porém, agora, só lhe restava certificar-se de que a longa viagem que tínhamos pela frente decorreria sem acidentes. O vento soprava com uma ferocidade gélida e incitava as ondas a açoitarem a robustez do casco. O céu estava negro, tenebroso, e as nuvens sólidas pareciam prestes a esmagar-nos. A natureza não pretendia facilitar-nos a vida!

Os remadores começaram a cantar para enganar o esforço e os restantes marinheiros dividiram-se pelas suas tarefas. Era tempo de deixar a amurada, antes que ficasse encharcada até aos ossos, ou um solavanco mais enérgico me desequilibrasse e atirasse ao mar. Por si só, esta viagem já prometia ser suficientemente turbulenta, sem que eu causasse problemas ao *jarl*.

O capitão fez questão de aportar todas as noites, para evitar as tempestades sucessivas e permitir que a tripulação descansasse. Desta forma, levaríamos o dobro do tempo a chegar a casa, mas era melhor do que naufragar por imprudência ou teimosia. Tal como previra, a viagem estava a ser tremendamente perigosa. Todos suspirávamos de alívio sempre que avistávamos um ancoradouro, e a única refeição de que desfrutávamos no dia era celebrada com prazer.

A maior parte dos homens dormia dentro do *Knarr*. Não obstante os meus protestos, o *jarl* insistia para que eu pernoitasse em casa de algum conhecido, ou em alugar-me um quarto numa estalagem. Alegar que preferia ficar no barco, ao seu lado, era inútil.

Foi num porto supostamente amigo que o impensável aconteceu. Encontrava-me alojada no primeiro andar de um albergue apreciado pelo nosso povo. O quarto era minúsculo, mas confortável, com uma janela voltada para a cidade que jamais fechava os olhos, animada pelo ritmo da chegada e partida dos navios de comércio. A cama era uma tábua suspensa da parede, suficientemente grande para

acolher um homem robusto. O colchão de palha estava limpo, assim como as mantas quentes, de cores garridas. Uma lamparina de óleo iluminava as paredes de madeira, marcadas por centenas de cortes infligidos pelos punhais que os guerreiros arremessavam para seu divertimento, enquanto não cediam ao sono.

A vigília era um mal do qual eu não padecia. Estava tão cansada que adormeci assim que me enrosquei nas cobertas. Dormi um sono reparador, com sonhos povoados de névoa cintilante, que brincava em meu redor, acalentava o corpo e sarava o espírito. A consciência regressou devagar, com a percepção dos dedos que se enrolavam nos meus caracóis... Ergui-me bruscamente, mas uma mão cobriu-me os olhos; uma mão feita de energia, porém tão real, que eu distinguia a sua textura... e a sua frieza.

— *Não olhes para mim...* — A voz do meu primo Edwin soou, débil e magoada. — *Não quero que me vejas... assim...*

Eu não necessitava de afastar-lhe a mão para que a sua imagem me enchesse a mente. Vislumbrei-o sentado na beira da cama, tremendo em completo desamparo, com a pele febril...

— Edwin...

— *O Edwin morreu...* — murmurou, deixando o braço cair como se não tivesse ossos. — *O Loki matou-o... Hoje... Hoje fiz algo terrível... Algo que jamais terá perdão, nesta vida ou em qualquer outra que me seja permitida viver...*

Toquei-lhe no rosto, intrigada e temerosa de que ele se afastasse... Mas fui eu que recuei, com uma exclamação assustada. Apesar de corada e a suar, a essência de Edwin estava gelada!

— *Já não existe calor neste mundo para mim, Rainha do Sol!* — declarou. — *Hoje, entreguei a minha alma às trevas... Voltei as costas à humanidade... Fiz um pacto com a morte...*

Bruscamente, segurou-me no rosto e atraiu-me ao seu encontro. O meu grito ecoou dentro da sua boca... E essa foi a derradeira percepção real, antes de a minha mente ser invadida pela visão de uma tempestade que se propagava com uma fúria selvagem, sem um pingo de beleza ou harmonia... Avassaladora. Sobrenatural.

O céu sangrava, o mar sangrava e, sobre as ondas de desespero, um navio girava e contorcia-se, sem esperança; as velas rasgadas,

os mastros despedaçados, a carga varrida borda fora pela força da água. O estrépito da madeira a partir-se sobrepunha-se ao estouro dos trovões, enquanto as vagas arremessavam o precário abrigo de vidas contra os aguçados rochedos que cercavam a Ilha do Fogo. Sem respirar, distingi dois homens na praia de pedras negras. Sigarr, mestre da Arte Obscura e Guardião da Lágrima da Lua, mais parecia um gigante, tal a intensidade do seu fulgor. Porém, não era ele quem atraía os marinheiros indefesos para uma morte atroz. Era o seu pupilo!

As recordações de Edwin devoravam-me os pensamentos, enchiam-me de pavor. Vi o barco esmagar-se contra os rochedos; a madeira a vergar-se com a fragilidade de caules verdes. Os naufragos bradavam, colhidos pelas ondas; os corpos oscilando sem rumo, emergindo e submergindo, lutando para permanecer à superfície e evitar as rochas cortantes que os relâmpagos tinham orgulho em exhibir. A sua única salvação seria vencer a barreira mortal e alcançar a praia... Os mais afortunados conseguiram, rastejando exaustos; os gemidos de dor e desalento abafados pelo estridor da trovoada. Então, outro clamor sobrepôs-se aos trovões: os latidos de uma matilha em êxtase... A um tempo, o Povo do Fogo saltou do seu esconderijo e precipitou-se contra os marinheiros, que se entreolhavam aterrados; os rostos da cor da cinza denunciando que esta era a concretização do mais bárbaro dos pesadelos.

Os demônios cercaram os humanos e separaram-nos, como gado para abate. Os mais velhos foram de imediato arrastados para o interior do emaranhado de grutas. Alguns receberam a graça do esquecimento, antes de conhecerem o seu destino atroz. Contudo, os mais resistentes sentiram as presas afiadas das hediondas criaturas a cravar-se nas suas gargantas; a carne a rasgar-se dos ossos, os membros a separar-se dos corpos, enquanto eram devorados vivos. Os seus gritos de indescritível suplício soavam aos ouvidos do feiticeiro maldito como música... aos ouvidos de Loki... aos meus ouvidos...

— Não!

Apartei-me de Edwin lutando para respirar, suplicando pelo fim do tormento. Perdi as forças e caí nos seus braços, quase desmaiada de

horror, pensando que, por mais que treinasse, jamais estaria preparada para enfrentar tamanha execração. O frio da essência do meu primo envolvia-me... Porém, ao entrançar-se no calor da minha magia, a sua malignidade serenava...

— Tu não mataste — constatei esperançada, buscando o seu olhar. — Tu não assimilaste vida!

— *Mas fá-lo-ei da próxima vez* — replicou, com inabalável convicção. — *É inevitável! Desejo-o intensamente, Edwina! É uma fome que já não consigo ignorar... Uma necessidade que me queima por dentro... A herança da minha mãe!*

Deixei a cabeça pender até as nossas testas se encostarem. Isto estava tudo errado! Jazia abraçada ao homem que o destino marcara para me matar... No entanto, não era Loki, o monstruoso pupilo de Sigarr, nomeado à semelhança do deus viking da mentira e da dissimulação, do caos e da destruição, que me estreitava... Era Edwin, meu primo, meu amigo... meu companheiro para toda a eternidade.

— Por que é que vieste? — perguntei esgotada.

Senti o seu abalo; o dilema que o destruía... a batalha do bem contra o mal, o esforço para dominar o instinto predador e apelar:

— *Tens de me matar, Edwina, antes que seja tarde! Aprisiona a minha essência com a tua magia e o meu corpo perecerá...*

— Não estás a falar a sério!

— *Juro-te que estou! Mata-me, enquanto ainda conservo uma réstia de razão... Porque, se não o fizeres, destruir-te-ei no futuro, sem nenhum remorso!*

Fixei-o, o azul dos meus olhos misturando-se com o verde dos seus. Havia uma sinceridade brutal em cada uma das palavras de Edwin.

— Tens de lutar... — comecei, mas ele atalhou de imediato, exasperado:

— *Eu já lutei de mais! As minhas forças esgotam-se... O meu poder cresce a cada dia e devora-me a consciência. Vou ceder! E vou gostar! Esta é a última vez que...*

Um estouro sacudiu as fundações da estalagem e cortou-lhe a voz. Seguiu-se um silêncio profundo e atemorizador. Num instante,

os sons da noite haviam finado. Na rua, os cães já não ladravam, os cavalos já não batiam com os cascos, os bêbados já não entoavam os seus cânticos em aceso entusiasmo... o vento já não soprava!

— Edwin... — murmurei assustada, e, não acabara de pronunciar o seu nome, quando surpreendi a onda de energia que se elevava, devorando a noite na nossa direção.

— *Estou a sentir...* — arfou ele, em resposta. — *É uma essência tão poderosa como a do meu mestre!*

Então, o fragor repetiu-se: uma pancada que estremeceu o albergue. Depois, um silvo, como o gemido do vento ao esgueirar-se por uma fresta apertada; um assobio fantasmagórico que enunciava o meu nome.

— Aesa... — constatei, tão aterrada que me quedei, incapaz de esboçar um gesto.

— *Tens de sair daqui!* — Edwin sacudiu-me, forçando-me a reagir. — *A janela... Corre ao encontro do teu pai! Eu posso detê-la por algum tempo... Ela não se atreverá a fazer mal ao protegido do Guardiã da Lágrima da Lua! Vai!*

O fogo da lamparina definhava, até que, por fim, se extinguiu. A tranca da porta de madeira começou a deslizar, arredada por uma mão invisível. Na bolsa, junto do meu ventre, a Lágrima do Sol pulsava em agonia. Incitada por Edwin, abri a janela e encarei a noite. A Lua rompera as nuvens densas e reinava, sorridente. As ruas, sempre movimentadas, encontravam-se desertas, e os archotes que as iluminavam apagavam-se à velocidade do pensamento. Trepei para o parapeito, disposta a saltar para a escuridão. Então, a minha visão noturna revelou-me os lobos.

Estaquei petrificada. Eram dezenas! Seria impossível escapar-lhes com vida! Surgiam de todas as esquinas, silenciosos, malignos; o pêlo negro eriçado e os olhos vermelhos ardentes. Corriam pelas ruas e sobre os telhados, suando, salivando e espumando por entre presas aguçadas como lâminas. E, enquanto eu preparava um grito de horror, um deles lançou-se contra mim e empurrou-me para dentro do quarto.

Caí desamparada, debatendo-me, tentando afastar a bocarra e as garras letais. A mão de Edwin fechou-se no pêlo da fera e

arremessou-a pelo ar, como se não passasse de um cachorrinho. O monstro embateu na parede e estatelou-se no chão, ganindo desorientado. A tranca da porta soltou-se com um som mórbido. Decidido, o meu primo mergulhou sobre mim e eu recebi a sua essência sem oposição, assimilei-a e tornei-a minha. Éramos novamente um, como no dia em que havíamos combatido o campeão dos demônios. Só que, desta vez, o corpo pertencia-me e era a sua energia que corria no meu sangue, a sua consciência que latejava na minha mente. E ordenava:

"Não deixes que ela se aperceba da nossa união! A sua ignorância é a nossa vantagem!"

Num instante, esta batalha deixara de ser minha e passara a ser nossa. Se Aesa me matasse, Edwin também pereceria. Era certo que, ainda há pouco, ele não revelara apreço pela vida! Contudo, à medida que os nossos corações se uniam num só ritmo, eu reunia a certeza de que, apesar de viver dentro dele, a Arte Obscura jamais governaria a sua vontade!

— Edwina, a filha de Throst e Catelyn... Finalmente encontramos, princesinha abençoada!

Aesa avançou, envolta numa aura vermelha e negra. O vestido preto que a cobria revelava formas menos generosas do que as minhas, mas os nossos cabelos possuíam a mesma cor dourada, e os nossos olhos, o mesmo azul. Ou assim ela pretendia fazer-me acreditar, já que toda esta aparição resultava de uma demonstração de poderio mágico, destinada a intimidar-me.

— A nossa semelhança surpreende-te, querida? — perguntou, inclinando-se para me tocar no queixo. — Alegra-te por saber que a humanidade não contaminou a tua beleza! Pelo contrário, a união do sangue impuro de Hakon e Aranwen gerou frutos deliciosos, que os homens darão a vida para provar!

Afastei-lhe a mão com uma palmada e pus-me de pé, disposta a enfrentá-la. Porém, não dera um passo e já o lobo que Edwin prostrara investia contra mim. Repeli-o, socorrendo-me da magia, mas outro tomou o seu lugar, e outro e outro... Eu estava esmagada debaixo de feras grotescas e mal conseguia respirar...

— És tão patética, rapariga! — desdenhou Aesa com profundo desprezo. — Para trás!

Os lobos recuaram, ganindo, e a mestra da Arte Obscura ocupou o seu lugar. Agarrou-me pelos ombros e atirou-me contra a parede. Colou o corpo ao meu e prendeu-me os pulsos debaixo do aperto das suas mãos gélidas. Em menos de nada, era só olhos... azul... vermelho e negro! E uma voz que purgava ódio:

— A minha casa chora por tua culpa, miserável! Eu planeava matar-te, mas, depois do que fizeste, a morte seria o menor dos castigos... E tu mereces sofrer! Tu mereces desfrutar de uma longa e penosa existência! Pelo poder da Arte Obscura, juro-te que, por cada lágrima derramada sobre o meu sangue, jorrarão mil e uma lágrimas sobre o sangue de Hakon e Aranwen! Estação após estação, o teu poder renascerá em mim, até que a loucura te devore! Esta será a tua maldição... E o meu deleite!

Os lábios da feiticeira apossaram-se dos meus; a energia maligna rasgando impiedosamente as minhas defesas e banquetecendo-se com o meu horror. Ouvi-me gritar, longe, muito longe... O meu sangue era um rio, onde o fogo e o gelo se misturavam. A minha carne ardia e derretia-se... E Aesa banhava-se nessa agonia, sugando vorazmente a minha essência, consumindo-me gota a gota... Até encontrar o que se ocultava por baixo!

Sem aviso, a essência latente de Edwin despertou, causando uma descarga de energia mais poderosa do que um raio, que me devolveu o vigor. Os meus braços fecharam-se em redor da bruxa, e comecei a corresponder ao seu ímpeto mortal. Num instante, a predadora Aesa tornou-se a presa. Com uma determinação alimentada pelo instinto de sobrevivência, extraí do seu corpo o poder que ela me usurpara e continuei... A essência da magia negra invadiu-me e incendiou-me. Ter-me-ia consumido, se Edwin não me ensinasse como controlar o fogo. Um pouco mais... Só um pouco mais...

A feiticeira recuou com um guincho arrepiante, fixando-me com uma estranheza quase atemorizada. Através do elo que ainda unia as nossas consciências, alcancei o seu assombro. Como era possível que a Arte Obscura habitasse em mim? Como podiam duas forças

antagônicas conviver dentro do mesmo ser? Que espécie de criatura era eu? Fora um erro não me matar, enquanto me tivera à sua mercê! Agora hesitava, receosa de que eu possuísse recursos para lhe replicar. Temi que voltasse à carga e denunciasse o meu segredo. Se descobrisse que era Edwin quem me sustinha, matar-nos-ia sem contemplações... Porém, com um rugido furibundo, Aesa chamou a si os lobos danados e desapareceu num piscar de olhos.

Fiquei sozinha, afundada num silêncio esmagador, sentindo a energia do meu primo latejar dentro de mim, com um vigor que denunciava a sua superioridade. Percebi-me completamente esgotada, no instante em que as nossas essências se apartaram. Se Edwin desejava molestar-me, era esta a sua oportunidade! Eu desfalecia, indefesa...

Os seus braços ampararam a minha queda. Fechei os olhos e respirei fundo, embalada por uma sensação de leveza e conforto. Murmurei o nome do meu primo, até a voz fenecer... E a carícia dos seus dedos nos meus cabelos acompanhou-me no mergulho à inconsciência.

CAPÍTULO 14

— Lágrima do Sol... Lágrima da Lua... Tu já serviste as duas, mamã. Qual delas é a mais forte?

Catelyn da Ilha dos Sonhos esboçou um sorriso triste e segurou no cristal do Sol, que repousava no meu colo, acariciando-o com devoção.

— São ambas poderosas, cada uma à sua maneira — respondeu.

— Eu controlei a Lágrima da Lua com maior dificuldade, porque a sua magia estava cativa da Arte Obscura.

— Mas a Arte Obscura não tem forçosamente de servir o mal — observei. — A rainha Lyria invocou-a para salvar o rei Steinarr.

A minha mãe recostou-se na cama, ao meu lado, suspirando profundamente.

— Tanto a Arte Luminosa como a Arte Obscura são como espadas, querida. Podem ser usadas para construir... ou para destruir. E a essência de quem empunha a espada que determina se a magia servirá o bem ou o mal! Um seguidor da magia branca que tome o gosto pela conquista, depressa se transformará num tirano, e perderá a noção do que é certo e do que é errado. A partir desse instante, matará e destruirá para sua glória, sem se importar com as cinzas que deixa para trás. A intenção do teu coração é muito mais importante do que a magia que invocas! A Arte Obscura é perigosa, porque deturpa a nossa mente, os nossos sentimentos, os nossos objetivos... Contudo, manipulada por alguém de vontade forte e coração puro, como a rainha do Povo da Terra, pode ser milagrosa!

Engoli em seco, pensando que o meu primo Edwin possuía, sem dúvida, uma vontade inabalável... mas estava longe de ter um coração puro. O Guardiã da Lágrima da Lua semeara-lhe o ódio na mente e o desejo de vingança no sangue. E a sua perversidade afigurava-se prestes a dar frutos. Eu sempre ouvira dizer que, uma vez que a alma caía no domínio das trevas, não havia esperança de

resgatá-la. Para meu extremo desgosto, tudo indicava que, em breve, teria oportunidade de comprová-lo!

A recordação daquela maldita noite, na estalagem, ainda me paralisava de horror. A débil luz da manhã trespassara as tábuas da parede e forçara-me a abrir os olhos para uma realidade ambígua. A cama estava desalinhada, a lamparina apagada... mas o quarto encontrava-se deserto, sem vestígios do assalto de Aesa. A janela estava fechada e a porta trancada por dentro. Os guardas que o meu pai sempre deixava de vigia juravam que nada se passara. Talvez tivessem adormecido por pouco tempo... Mas decerto acordariam se algum tumulto se verificasse! Alarmado pela minha aflição, o *jarl* indagara na cidade. Contudo, ninguém vira um lobo negro e nenhum incidente perturbara a normal animação das tabernas.

No corpo, eu também não apresentava sinais de agressão. O único fato digno de referência fora o aparecimento das minhas regras uma semana antes do previsto, o que não significava nada, já que nos dias anteriores estivera sujeita a intensas oscilações emocionais, que podiam ter originado tal disfunção. O sangue e o suor, que ensopavam a minha camisa de noite e as cobertas, nada mais revelavam do que uma noite mal dormida. Porém, eu teimava em tudo o que vira e ouvira! Não sonhara! Não estava louca! Edwin procurara-me para serenar o tormento da sua alma e me suplicar que o afastasse do seu... do nosso destino! A nossa conversa ficara a meio porque Aesa me atacara! Fora a descoberta da essência do meu primo que a forçara a recuar. Só não sabia se ela tivera tempo de concretizar a maldição que apregoara!

Ante a ausência de testemunhas, ou do mais leve indício que confirmasse o meu terrífico relato, o *jarl* concluía que eu padecia da influência de um pesadelo. Angustiada e desgostosa, guardara a minha convicção e, mal chegara a casa, correria para os braços da minha mãe, esperando que a sua sabedoria me apoiasse, e que a sua magia me libertasse do fantasma da maldição da feiticeira.

Ao ouvir que eu lhe desobedecera e voltara a encontrar-me com Edwin, a senhora da Ilha dos Sonhos ficara demasiado assustada para se zangar. Investigara exaustivamente a minha essência, em

busca de um rasto da corrupção de Aesa... E, quando nada encontrara, confrontara-me com questões para as quais eu não possuía resposta.

Depois de tudo o que já acontecera, seria crível que Edwin me procurasse para me oferecer a sua vida? Não achava demasiada coincidência que Aesa tivesse escolhido justamente aquela noite... o instante em que ele estava ao meu lado, para me atacar? Desistiria a mestra da Arte Obscura tão facilmente da sua vingança? Acresciam a estas perguntas aquelas que intrigavam o *jarl*. Como fora possível que o cenário que eu descrevera — a escuridão, o silêncio, os lobos danados — perturbasse a vivência de uma cidade, sem que ninguém o testificasse?

Com cuidado e carinho, a feiticeira Catelyn opinara que era possível que Edwin não me tivesse buscado para apaziguar a sua dor... mas para manipular a minha mente! E se tudo o que eu vivera não passara de um jogo de dissimulação; de mais uma prova que ele tivera de superar, para demonstrar o seu valor a Sigarr? A minha mãe acreditava que Aesa nunca estivera naquela cidade do Norte, naquele quarto do albergue, sobre o meu corpo, cuspiendo uma maldição... Edwin pervertera as minhas recordações e plantara esse pesadelo no meu espírito, para me fazer acreditar que lhe devia a minha vida; para restabelecer a minha confiança na sua benignidade; para que, no futuro, o recebesse de coração aberto... e caísse na sua armadilha!

No fim, essa justificação era pior do que a mais abominável das maldições. Significava que Edwin estava para além de qualquer salvação; que a profecia da Pedra do Tempo, que concretizava a minha morte e o nascimento de uma criança que iria destruir o mundo, pesava sobre a minha cabeça. Eu não podia aceitá-la! Todavia, quanto mais refletia, mais sentido lhe atribuía.

— Como é que te sentes? — perguntou a minha mãe, alcançando os meus pensamentos. — Tens tido pesadelos?

Sentia-me bem e os meus sonhos eram pacíficos. Porém, o medo desassossegava-me. Com o passar dos dias, a minha convicção ruía como um castelo de areia derrubado pela subida da maré. Os avisos de “O Que Tudo Vê” assombravam-me. Era inegável que Edwin

estava mais forte do que eu. Se o nosso confronto fosse inevitável, a minha vitória era quase uma ilusão! A única possibilidade de lhe fazer frente era tornar-me Guardiã da Lágrima do Sol. Por isso, empenhava-me no treino da Arte, até o cansaço me prostrar... Mas, ainda assim, parecia que as forças que comandavam o universo não me reconheciam apta a assumir a missão do meu bisavô. Acrescia o fato de eu ser o primeiro ente de sangue misto a aspirar a uma honra que só fora concedida a Feiticeiros... e a primeira mulher a ousar desafiar a vontade imposta pelo Conselho dos Seres Superiores, desde que os cristais mágicos habitavam a Terra.

Partilhei estas inseguranças com a minha mãe, que me abraçou, aquietando-me:

— O Edwin só está em vantagem porque a tua essência não perturba o seu equilíbrio. Contudo, uma vez que aprendas a enfrentar o poder nefando da Arte Obscura, a Montanha Sagrada chamar-te-á para servi-la e o teu primo deixará de ser uma ameaça. E, quanto aos Feiticeiros, não te preocupes, querida! Tu possuis a sua magia e o espírito do Homem, reunidos no teu sangue! Esse é o teu trunfo! Por mais que os Seres Superiores apregoem que se afastaram dos humanos por desprezo, a verdade é que os temem; receiam o seu gênio, a sua perseverança, a sua coragem e, principalmente, a sua entrega apaixonada às causas que defendem. Quiseram levar-te para a Ilha Sagrada quando ainda eras bebê, porque reconheceram o teu potencial. Tu és excelsa, Edwina; a prova viva de que a supremacia dos Feiticeiros na Terra terminou!

A medida que as semanas passavam, a prática da Arte, mais do que um prazer ou uma necessidade, tornou-se uma obsessão. Sabia que os meus pais e tutores se inquietavam. Até o tio Berchan, tão exigente no que respeitava ao meu desempenho, me aconselhava a descansar. Contudo, eu não podia! O silêncio de Edwin fortalecia as suspeitas da minha mãe. Por isso, tinha de treinar, treinar, treinar muito! Mesmo que o assalto ao albergue tivesse sido imposto à minha mente, Aesa era uma ameaça real e podia atacar a qualquer instante... E eu devia estar apta a defender aqueles que amava!

Certos dias, a simples recordação do nome da mestra da Arte Obscura desgastava-me o espírito; via a sua sombra em todos os cantos, ouvia os seus sussurros ameaçadores no silvo do vento, no estridor da trovoadas que fustigava incansavelmente a Ilha dos Sonhos, nas pancadas da chuva que testavam a resistência dos telhados das casas da comunidade, no rugido do mar bravio que anunciava a chegada do Inverno...

Enquanto a minha mãe se esforçava por contrariar a debilidade crescente da tia Geimy, Freya assumia a organização da casa e revelava-se mais responsável, mais adulta. Foi com alívio que observei a sua expressão horrorizada, ao ouvir o *jarl* contar os últimos despautérios de Magnor. O distanciamento do príncipe rebelde parecia estar a arrefecer o entusiasmo da minha irmã e a aclarar-lhe as idéias. A partir daí, não voltou a mencionar o nome do seu prometido. Eu reunia coragem para confrontá-la novamente com a certeza de que esse compromisso só lhe traria infelicidade, quando a questão sofreu uma reviravolta inesperada.

Freya tinha pavor às tempestades. A companhia da sua corajosa gêmea sempre a ajudara a superar o medo... Porém, Thora encontrava-se demasiado longe para abraçá-la e garantir-lhe que o fogo dos céus jamais a magoaria. Numa noite tormentosa, os gritos da minha irmãzinha despertaram a casa. Acorri ao seu quarto e encontrei-a sentada na cama, pálida e trêmula. Enfiei-me dentro das suas cobertas e estreitei-a junto do meu peito. Um instante depois, chegava a nossa mãe, perguntando inquieta:

— Estás bem, querida? — O som da sua voz foi abafado pelo estouro de um trovão.

Freya escondeu o rosto no meu pescoço, gemendo angustiada. A nossa mãe sentou-se na cama e acariciou-lhe os cabelos, sussurrando com carinho:

— Não tenhas medo... Nós ficaremos contigo até a tormenta se afastar.

Porém, o vendaval que assolava a ilha não pretendia renunciar à sua fúria. Ainda assim, Freya tranqüilizou-se. Julgava-a adormecida, quando confessou inesperadamente:

— Eu tive um pesadelo... com o Magnor...

Fixei a minha mãe, surpreendida. Freya voltou a refugiar-se no silêncio e tencionei estimulá-la a continuar, mas a senhora da casa deteve-me. Pouco depois, a minha irmã prosseguia por sua iniciativa:

— Sonhei que o Magnor estava com uma rapariga... uma camponesa que ele seduzia com palavras doces, enquanto a convencia a segui-lo para o interior da floresta. Estava frio... tanto frio! E a escuridão era medonha! Mas ela sorria, deliciada com a promessa de um beijo... — Fez uma pausa, como se as recordações a ferissem. — Por fim, chegaram a uma clareira inundada por uma luz pálida e gélida. As árvores pareciam esqueletos e a neve sufocava toda a vida... No entanto, a rapariga estava tão feliz, tão apaixonada, que nada mais lhe importava a não ser o Magnor... Então, uma sombra monstruosa desceu dos céus. Era um pássaro... um pássaro gigante, de penas negras e escarlates, e olhos de gelo, que se lançou sobre a rapariga... E devorou-a! O monstro devorou-a, enquanto o Magnor se contorcia, rindo às gargalhadas...

A voz faltou-lhe, vencida pelos soluços. Embalei-a com carinho, amenizando o seu horror com energia curativa, enquanto trocava um olhar de incompreensão com a minha mãe. Nenhuma de nós fazia idéia do que o pesadelo... ou a Visão de Freya significava. E não tivemos tempo para nos deitar a adivinhar, porque ela já apelava, sacudida pelo pranto:

— Eu estava enganada! O Magnor é mau... Eu não quero casar-me com ele! Por favor, ajuda-me, mamã!

Sustive o fôlego, abismada. O pássaro negro e escarlate podia ser um monstro, mas eu estava tentada a agradecer-lhe por ter despertado Freya! A minha mãe pensou algo semelhante, pois agarrou-se energeticamente a esta oportunidade, declarando com firmeza:

— Sossega, meu amor! Tu não és obrigada a desposar o Magnor! Amanhã, falaremos com o pai...

— O papai vai zangar-se! — afligiu-se a nossa menina. — Ele não queria que eu aceitasse a corte do príncipe. Bem sei que desgostei toda a família ao dizer que sim...

— Nós desejamos o melhor para ti, Freya! O teu pai ficará tão satisfeito como eu, por saber que finalmente compreendeste que esse rapaz não te fará feliz!

— Mas, o rei...

— Não te preocupes... O pai e eu resolveremos tudo!

— E o pássaro? — insistiu, angustiada. — Esse monstro existe de verdade?

Fui eu que respondi, decidida a serenar-lhe o ânimo:

— Decerto que não! Foi apenas uma forma que a tua mente encontrou de te revelar a verdadeira natureza do Magnor. De te mostrar que, qualquer mulher que o siga, está condenada à desgraça.

Lá fora, a trovoada afastava-se, mas o aguaceiro castigava implacavelmente o telhado. Fui percorrida por um calafrio, quando a minha irmãzinha exclamou, desalentada:

— Perdoem-me... Eu sou uma decepção!

— Que tolice! — objetou a nossa mãe, buscando o seu olhar. — Não quero que repitas isso!

— É verdade! — desabafou Freya. — O papai é um guerreiro abençoado, a mamã é uma feiticeira, a Edwina será Guardiã da Lágrima do Sol, a Thora é a Loba Prateada... e eu só trago desonra à família!

A vida é feita de momentos decisivos... instantes que alteram o rumo da história; um gesto capaz de mudar milhares de destinos. Experimentei um desses prodígios, ao ver a feiticeira Catelyn retirar a pedra mágica de Aranwen do seu pescoço e colocá-la ao pescoço da filha mais nova. Se bem me recordava, ela só se separara do amuleto uma vez, para salvar o meu pai.

— A Edwina e a Thora têm missões importantes... — começou, emocionada. — Mas a missão que te confio é tão crucial como a das tuas irmãs! A pedra azul equilibrará a tua essência e indicar-te-á um rumo... — Deteve-se ante o olhar extasiado da filha, que parara de respirar tal o sobressalto. — Porém, deves certificar-te de que ela jamais cairá nas mãos dos mestres do mal. Terás de defendê-la com o teu sangue!

Por que é que eu não me sentia contente por Freya? A decisão da nossa mãe era coerente. Afinal, eu herdara a Lágrima do Sol e Thora, o punhal do líder da alcatéia, ao passo que Freya nada tinha! Um objetivo, um encargo, ajudá-la-ia a crescer e a ganhar confiança. No entanto, ser portadora de uma das pedras mágicas de Aranwen significava estar debaixo do olho de Aesa!

— Guardar a pedra azul acarreta um enorme perigo, mamã... — fiz notar, cautelosamente.

— Há muito que tomo isso em consideração — volveu ela, com sobriedade. — Quando vós nascestes, desejei resguardar-vos de todos os perigos... Contudo, os anos demonstraram-me que não podemos voltar as costas ao nosso sangue e àqueles que dependem de nós. Vós tendes personalidades e aptidões distintas, que vos tornam únicas. E cada uma terá de provar o seu valor no futuro, quer isso me agrade ou não. Por tal, é meu dever preparar-vos para as batalhas que se avizinham. A Freya começa a ser fustigada por Visões... Deve aprender a interpretá-las, para o seu próprio bem! A pedra vai fortalecer-lhe o corpo e o espírito. Além disso, eu estarei ao seu lado para guiá-la...

— E eu não te decepcionarei, mamã! — asseverou a minha irmã, apertando o amuleto entre as mãos. — Farei com que te orgulhes de mim!

Suspirei resignada. A minha mãe tinha razão! Freya devia compreender a importância do seu sangue, enquanto nós podíamos orientá-la. Era melhor que sentisse a responsabilidade que advinha de ser guardiã de uma pedra mágica, antes que o destino lhe pregasse uma partida.

Do País dos Vikings chegavam novas de pequenas escaramuças; nada de relevante, atendendo à tensão latente. Os Vândalos permaneciam recolhidos na Floresta Sombria, protegidos dentro do anel de espinheiros mágicos que rodeava a sua comunidade, e que se revelava impossível de transpor, mesmo sob a influência do fogo. Se preparavam uma represália, faziam-no em silêncio. Até os mercenários do Norte tinham recuado para as suas terras geladas, e

o seu aliado Arnorr, primo do meu pai e declarado inimigo da Aliança, se mantinha afastado das nossas fronteiras! Pouco a pouco, o rei Steinarr permitia que os seus generais descansassem e o povo baixasse a guarda.

O Festival de Inverno foi celebrado com descontração e alegria. Na Ilha dos Sonhos as culturas da gente do Norte e do povo da Grande Ilha estavam cada ano mais fundidas mas, no País dos Vikings, os rituais mantinham-se intocados, não obstante os protestos dos padres cristãos, que se esforçavam por converter aqueles a quem chamavam "Bárbaros" à sua fé. A benção dos guerreiros e dos seus barcos era feita por um nobre ou pelo próprio rei, que oferecia as melhores cabeças de gado em sacrifício a Odin, o onipotente deus da guerra e da sabedoria. O povo era ungido com o sangue da cerimônia e corria para o mar para ver o mais velho *Drakkar* da frota arder, como símbolo de renovação.

Na Ilha dos Sonhos não se queimavam barcos. A frota era recente e o *jarl* preferia incentivar o restauro, a ver boa madeira afundar-se em chamas. O primo Krum presidiu a uma cerimônia que deixaria "O Que Tudo Vê" orgulhoso; sacrificou uma cabra, evocou o deus dos seus antepassados e abençoou o povo. Depois, os guerreiros dirigiram-se ao porto e lançaram os archotes sobre uma jangada construída e enfeitada propositadamente para a ocasião.

Enquanto observava o esqueleto flamejante, verifiquei que alguns homens dirigiam as suas preces a Odin, ao mesmo tempo que outros esboçavam o sinal da cruz sobre o peito. A religião confundia a mente dos Homens e o cristianismo assimilava lentamente a fé antiga. O convívio das crenças era cada dia mais difícil, devido à intransigência dos padres da nova fé, que ameaçavam a alma da gente simples com as duras penas do inferno, se não renegassem definitivamente ao feroz Odin, ao protetor Thor, à lasciva Freya e a todos os deuses que os acompanhavam desde que havia memória.

Quinn abandonou finalmente o bordão onde se amparava, conformado com o fato de o seu futuro como guerreiro estar encerrado. Após as celebrações de Inverno, antes de o mar tornar quase impossível a navegação, despediu-se de nós e acompanhou o tio Stefan até à Grande Ilha, onde aprenderia uma forma diferente

de vencer batalhas; a usar os gestos como escudo e as palavras como armas mortíferas.

Por essa altura, Aled e Melody também passaram alguns dias conosco. O meu primo descreveu-me com entusiasmo a forma calorosa como os habitantes da Aldeia do Lago o tinham recebido. Já todos o reconheciam como o senhor da Floresta Sagrada, e não lhe tinham faltado braços para concretizar as alterações que desejava fazer na Casa Grande e na propriedade circundante. Por seu lado, a minha prima aprendia com fervoroso interesse como gerir uma herdade, e ocupava-se do seu enxoval, tecendo mantas e bordando lençóis e toalhas, com a ajuda das mulheres da sua casa. Sempre que os noivos trocavam um olhar, tornava-se óbvio que mal podiam esperar pelo fim da Primavera, quando o casamento lhes permitiria consumir o seu amor. Eu sentia-me feliz por eles, aliviada por ver que a sorte favorecia alguns de nós, e quase temerosa de que as sombras que obscureciam a minha existência corrompessem a sua ventura.

Freya revelava-se mais calma e segura. Se tal resultava da vivência, ou da influência da pedra azul da feiticeira Aranwen, era impossível dizer. Os meus tios não haviam acolhido bem a decisão da irmã, mas tiveram de conformar-se. Tanto Edwin como Berchan McGraw encaravam as pedras mágicas como parte indissociável do seu ser; uma responsabilidade assumida até à morte. Não compreendiam que, ao invés de se libertar do fardo, Catelyn tornara-o ainda mais pesado ao confiá-lo à filha mais nova, multiplicando os seus cuidados e temores. Mas eu entendia as razões da minha mãe e confiava no seu julgamento. Afinal, os resultados estavam à vista! As habilidades de Freya desenvolviam-se a cada dia. A sua perícia e ousadia na exploração da arte curativa tinham levado à descoberta de um remédio que permitia à tia Geimy longos períodos de descanso, sem consciência das dores agudas que a torturavam.

Darrin aproveitava a menor pausa nos treinos para estar junto da mãe e esforçava-se por sorrir e alentá-la com palavras de esperança, apesar da voz lhe sair por vezes entrecortada pela emoção. Era tão diferente de Estrid, que nem se dignara a deixar o luxo da sua

existência despreocupada da Grande Ilha, para ver aquela que lhe dera vida, talvez pela última vez! A tia Enya garantia que ela estava a sofrer muito... Pois as suas lágrimas não me comoviam! Seria melhor que parasse de se lastimar e viesse segurar na mão da mãe, oferecer-lhe um sorriso e um beijo. Mas era certamente mais fácil chorar a sua desventura no meio de lençóis de cetim, entre uma e outra festa, do que observar a debilidade crescente da princesa viking. Estrid era um monstro de egoísmo... E não havia mais nada a dizer!

O Inverno arrastou-se penosamente. Os dias passavam-se em sobressalto, devido ao sofrimento da nossa hóspede. A vida da tia Geimy chegava ao fim. A sua perseverança, coragem e alegria de viver, haviam-na sustido para além do que nos atrevêramos a esperar. Mas as suas forças atingiam o limite. A mulher robusta e altiva, que promovera tanto respeito e admiração, desaparecera. A parte o seu olhar, que se mantinha vivaz, Geimy era uma sombra, consumida pela doença e envelhecida pela dor... dor que todos partilhávamos, ao vê-la definhando a cada instante, impotentes para ajudá-la. Sempre que a amparava nos meus braços, as lágrimas subiam-me aos olhos e tinha de lutar veementemente para contê-las. A princesa estava tão magra, que era possível sentir cada um dos seus ossos, por baixo dos nossos dedos.

Numa tarde chuvosa, enquanto a família se reunia em redor da sua cama, Geimy apertou debilmente a mão do marido e murmurou na sua voz cansada:

— Recordas-te de como eu era bonita?

O tio Edwin levou a mão da esposa aos lábios e beijou-a com carinho.

— Tu continuas linda, meu amor! Para mim, serás sempre a mais perfeita das mulheres!

— Travamos boas lutas... Eu adorava medir forças contigo!

— Tu és uma grande guerreira!

— Fui... e orgulho-me do que conquistei! Mas o meu maior prêmio foi o teu coração!

— Eu perdi tanto tempo... Devia ter-te pedido em casamento na noite em que me desafiaste para um duelo, no forte da Enseada da Fortaleza.

Geimy esboçou um sorriso saudosos.

— Deixaste-me tão furiosa naquela noite, Edwin McGraw! Tinha quase tanta vontade de te beijar como de te sovar!

Ninguém foi capaz de segurar o riso, apesar de poucos saberem do que eles estavam a falar.

— A Thora será melhor guerreira do que eu! — continuou Geimy. — Quero que lhe digam que a amo como se fosse minha filha e que, mesmo na outra vida, estarei de olho nela, orgulhosa das suas conquistas.

Começamos a entreolhar-nos, alarmados. O tio Edwin replicou de imediato:

— O Inverno está a findar e, não tarda, a Thora virá visitar-te. Nessa altura, poderás dizer-lhe tudo o que quiseres!

— Meu querido... — objetou a princesa, condescendente. — Estes não são dias de ilusão! Sei que vivi muito para além do tempo que os deuses decidiram conceder-me, graças à bondade e à dedicação da Catelyn e de todos vós! — Estendeu a outra mão ao encontro da minha mãe. — Porém, é chegado o momento em que a vida só me reserva sofrimento e decadência... E eu não quero ver mais lágrimas nos teus olhos, meu amado! Desejo guardar na memória o teu sorriso, o teu olhar de admiração, o teu ardor apaixonado... E quero que me recordes como eu era, antes de... Quero que...

— Geimy... — atalhou o marido numa súplica, mas ela insistiu:

— Quero que continues a viver... Vive por mim... Para que eu possa ver o nascer de cada dia através dos teus olhos; para que eu sinta a alegria de testemunhar a felicidade dos nossos filhos, o sorriso dos nossos netos. Guia o nosso Darrin... Perdoa a nossa Estrid... E não desistas do nosso Edwin! Nunca desistas do nosso Edwin!

— Pára, Geimy... — soluçou o meu tio, puxando-a para os seus braços, debaixo do nosso olhar chocados. — Pára... Por favor, saiam! Deixem-nos sós!

Fui a última a conseguir mover-se, e só abandonei o quarto porque a minha mãe me conduziu para o exterior. Sentia-me revoltada! Onde estava a justiça divina, apregoada por todas as religiões, que ditava que o mal era castigado e o bem recompensado? Que mal fizera Geimy para sofrer desta maneira atroz? Ela, que dedicara a juventude a defender o seu povo, a socorrer os enfermos, a confortar os moribundos; que salvara o meu tio do desespero e o apoiara na busca pelo filho perdido, negligenciando o seu próprio conforto e necessidades?

— Edwina... — A minha mãe tentou confortar-me, apesar de também estar arrasada. — Vem... Pedi à Ingrior que preparasse um chá, para nos dar alento...

A família reuniu-se à mesa a beber chá, pois nada mais podia fazer. O silêncio que envolvia a casa era tenebroso. Vindo do quarto de Geimy, o choro sumido do tio Edwin dilacerava-nos o coração. Evitávamos o olhar uns dos outros, para contermos as lágrimas. Visivelmente perturbado, o meu pai murmurou:

— Talvez eu devesse ir buscar o Steinarr...

— O mar está cheio de gelo, Throst! — replicou o primo Krum. — Seria loucura...

— O *Dragão dos Mares* é robusto! Tenho a certeza de que...

— Throst... — cortou a minha mãe, apertando-lhe a mão. Nada mais disse, mas abanou a cabeça numa negação, cujo significado compreendemos. Por muito boa vontade que o *jarl* tivesse, Steinarr jamais chegaria a tempo.

O dia nasceu ensolarado e a casa despertou com um novo alento. A tia Geimy estava bem-disposta e até se atreveu a levantar da cama, apoiada pelo marido, para cobrir Darrin de beijos antes de ele partir para o ginásio.

O almoço foi quase festivo. Há muito que Geimy não se atrevia a sentar à mesa, e vê-la comer conosco, rindo e partilhando as suas aventuras de menina, foi um alívio para os nossos corações. À tarde, pediu que o marido a levasse a ver o mar. O meu pai apressou-se a solicitar uma padiola aos criados, para que a transportassem até à praia. Ao atravessarmos a aldeia, todas as portas se abriram para saudar a mais querida das princesas vikings.

Diante do gigante azul, agitado pelo vigor do Inverno, Geimy inspirou fundo e apreciou o momento, em silêncio. A luz que nos rodeava era quente e sadia; um verdadeiro prodígio nesta altura do ano! Tive esperança de que se estivesse a produzir um milagre. Afinal, no dia anterior, a minha tia quase se despedira de nós, e hoje despertara com um ânimo excelente. Há semanas que eu não a via tão bem!

Os homens partiram para os seus afazeres, à exceção do tio Edwin. Aos poucos, retomamos a conversa, apreciando o calor ameno do Sol, o céu de intenso azul salpicado de nuvens suaves, as ondas brincalhonas que agitavam o mar, o canto estridente das aves marinhas...

— Freya, querida — apelou a princesa, estendendo a mão à minha irmã. — Ainda não tive oportunidade de apoiar a tua iniciativa de terminar o namoro com o Magnor. Ele é filho do mais amado dos meus irmãos... mas não é o homem certo para ti! Tu mereces um companheiro de vontade forte, que aprecie a tua serenidade e te dê o devido valor! O Magnor é, e sempre será, uma criança mimada e caprichosa. Nunca saberá respeitar uma mulher!

A minha mãe mordeu o lábio, abstendo-se de concordar, pois, neste momento, as críticas eram vãs. Tal como esperávamos, *o jarl* recebera com satisfação a decisão de Freya. Apenas o provável descontentamento de Steinarr causava alguns receios. Todavia, os meus pais estavam dispostos a enfrentá-lo, pela felicidade da sua menina.

— Eu só espero que o rei partilhe da sua opinião, tia — respondeu Freya, estremecendo.

— O meu irmão não é intransigente! — replicou a princesa. — Até poderá questionar as tuas razões, mas respeitará a tua vontade. O Magnor é muito jovem! Decerto não perderá o sono quando lhe disserem que terá de escolher outra noiva!

De regresso a casa, Geimy quis descansar um pouco. Assim que o tio Edwin pousou o seu corpo frágil na cama, ela pediu-lhe:

— Meu amor, lembras-te do vestido que usei na noite do Festival de Verão?

— E claro! — volveu ele, com os olhos a brilhar. — Estavas tão bonita...

— Quero que vás buscá-lo a casa do Berchan, para que eu possa usá-lo durante o jantar.

O meu tio olhou de soslaio para as mulheres que se encontravam no quarto, confuso:

— Por que não pedes a uma criada que to traga? Não quero deixar-te por um instante...

— Eu não vou fugir! — gracejou ela, sorrindo carinhosamente. — Vai, por favor! Quero recebê-lo dos teus braços, como se fosse uma prenda... Mas antes, dá-me um beijo!

O meu tio inclinou-se para lhe beijar a testa, as faces e os lábios, com uma ternura que me provocou um nó na garganta. Havia algo de errado no pedido de Geimy... A minha mãe tinha os olhos postos no chão. Freya ajeitava as cobertas em redor da princesa, sem se aperceber de nada. E a tia Ingrior oferecia-se para acompanhar o tio Edwin, desencorajando a sua hesitação.

Mal eles saíram, Geimy foi assolada por um ataque de tosse. O seu rosto contorceu-se num trejeito de dor, que só acalmou quando as mãos da minha mãe repousaram no seu peito. A voz oprimida arrastou-se, em agonia:

— O efeito do remédio... está a terminar...

A minha mãe confirmou com a cabeça, ordenando:

— Freya, vai buscar mais!

A minha irmã obedeceu prontamente, enquanto a princesa se esforçava por recuperar o fôlego, assimilando a energia curativa da sua curandeira. Assim que reuniu alento, replicou:

— Chega de remédios, Catelyn...

Estacamos as duas, fixando-a com um ar incrédulo.

— Sabes o que acontecerá... — começou a senhora da casa.

— Sei — cortou Geimy, com uma firmeza que me gelou. — Sem o remédio e a tua energia curativa, não resistirei. — Estendeu as mãos à cunhada, sorrindo tristemente. — Agradeço-te por tudo o que me deste, pelo teu cuidado, pela tua amizade... mas é tempo de me deixares partir! Sou uma guerreira! Continuar presa a esta cama, vendo a piedade e a angústia daqueles que amo, é um destino pior

do que a morte! Não chores, querida... sorri! Travei muitas batalhas ao longo da vida... Agora, desejo descansar!

Tapei a boca, horrorizada. A doença consumia o corpo da minha tia e só a intervenção da feiticeira Catelyn a mantinha viva. Isto já sucedera em outras ocasiões, mas a minha mãe conseguira sustentá-la, o suficiente para que a morte se cansasse de esperar e procurasse outra vítima. Contudo, desta vez, a própria princesa negava a nossa ajuda.

— Geimy... — suplicou a minha mãe, tentando contrariá-la na sua determinação.

— Por favor, Catelyn! — atalhou a cunhada, irredutível. — Por favor...

Pensei escutar o batuque estrondoso de um tambor... ou seria o meu coração? A curandeira quedou-se; o olhar preso na sua grande amiga, como se mantivessem uma conversa silenciosa. Então, com uma lentidão dolente, as suas mãos abandonaram o peito frágil e envolveram as mãos trêmulas que a buscavam. Aos poucos, a energia que deslizava do seu corpo para o de Geimy extinguiu-se. De imediato, a princesa recomeçou a tossir, a sufocar... Perante o meu olhar apavorado, os seus vômitos sucederam-se, até que o sangue lhe saltou dos lábios, espesso e negro. Desejei fugir desta visão de extrema agonia, mas a minha tia agarrou-me o braço, com um apelo engasgado:

— Edwina... Traz... o Edwin... para casa... para o pai...

A minha mãe estreitou o corpo de Geimy contra o seu, amenizando-lhe a dor nos instantes finais. Incapaz de observar tamanho suplício, abandonei o quarto, cega por um aguaceiro de lágrimas. Freya veio ao meu encontro e abraçou-me, chorando compulsivamente. O tio Berchan correu a ajudar a irmã. O resto da casa dividia-se entre o choque e o pranto... Mas foi só quando a porta da casa se abriu e o tio Edwin entrou a correr, que as forças me falharam. Atrás dele, vinha a tia Ingrior com o vestido que Geimy solicitara... não para usar no jantar, mas na viagem que a conduziria aos seus antepassados. O pedido não fora mais do que um pretexto para afastar o marido da sua cabeceira, para que não presenciasse o seu fim.

— Não! — bradava o tio Edwin, enrouquecido pelo desespero. — Não! Não! Não!

O tio Berchan tentou convencê-lo a retroceder, mas não teve força para suplantar a vontade do irmão. Acabou por ser violentamente empurrado e, desequilibrado, arrastou a cortina do quarto na queda. A tragédia ficou exposta ao olhar de todos: Lorde Edwin McGraw arrancando a esposa morta dos braços da minha mãe e apertando-a contra o peito, acariciando o rosto marcado pelo martírio, beijando sofregamente os lábios ainda molhados de sangue... e vociferando como um possesso:

— Não! Não! Porquê?

Caiu sobre o corpo da amada, chorando, gritando o seu nome, suplicando-lhe que voltasse, que não o deixasse só. De súbito, sem que nada o fizesse prever, ergueu-se num ímpeto enlouquecido e deitou as mãos ao pescoço, arrancando o fio de onde pendia a pedra vermelha de Aranwen, e arremessando-o contra a parede. Depois, urrando como um animal ferido, desembainhou a espada e acometeu contra a mesa, onde as criadas tinham servido o jantar. Após derrubar tudo o que se encontrava sobre ela, desferiu golpes brutais na madeira, como se enfrentasse o mais feroz dos inimigos. As farpas voaram em todas as direções... E a lâmina continuou a golpear, a esquartejar, sem que ninguém se atrevesse a aproximar para tentar chamá-lo à razão. Alucinado como estava, seria capaz de cortar um homem pelo meio, sem sequer se aperceber. Sustive a respiração, ao ver o *jarl* irromper pela casa e agarrar o cunhado pelas costas, arrastando-o para longe da mesa desfeita. O tio Edwin resistiu, surdo aos seus apelos, mas foi prostrado e deixou cair a espada, que Krum se apressou a afastar do seu alcance.

O meu pai immobilizou o cunhado debaixo de si. Todavia, Edwin já não lutava. Pelo contrário, estreitava-o com uma desesperação insana, carpindo:

— Porquê? Porquê, Throst? Eu amava-a! Amava-a tanto!

— Eu sei, meu irmão... — volveu o *jarl* —, apertando-lhe a cabeça contra o peito.

— Quero morrer! — clamou o meu tio; o rosto encharcado por lágrimas, ranho e baba, manchado pelo sangue da esposa e

desfigurado pela loucura. — Quero ir para onde o meu amor for! Não posso deixá-la sozinha! Ela precisa de mim! Geimy... Geimy...

Fechei os ouvidos e voltei o rosto. Determinada, ajudei Freya a alcançar o seu quarto, já que ela mal se sustinha nas pernas, e ordenei-lhe que ficasse na cama, até os ânimos se acalmarem. Darrin chegara e gritava pela mãe. Lembrei-me de Thora. Felizmente, a minha irmã não estava conosco... ou seria capaz de perder a razão como o tio Edwin! Quando tomasse conhecimento da tragédia, ela ia sofrer... mas com a atenuante da distância e do desconhecimento dos pormenores.

Inspirei um fôlego de coragem e regressei ao salão. Darrin necessitava de apoio e a minha mãe de ajuda. Releguei para os confins da mente a última vontade expressa da minha tia. Se ousasse enfrentar as implicações do seu pedido, seria eu quem enlouqueceria!

O *jarl* ordenou que o segundo melhor *Drakkar* da sua frota fosse enfeitado e ungido com óleos perfumados. A princesa Geimy do País dos Vikings teria um funeral digno de uma rainha!

Eu ainda não vivera o suficiente para testemunhar uma cerimônia desta magnitude. Aliás, não havia memória de que, alguma vez, tal ritual tivesse sido praticado fora dos domínios vikings. Esta honra estava reservada aos mais ricos e poderosos; chefes de clã ou grandes guerreiros, que os seus senhores desejassem distinguir com uma suntuosa homenagem. Os corpos dos Homens simples eram queimados em piras, para que o seu espírito se libertasse rapidamente e empreendesse a viagem ao encontro do seu deus. Depois, as cinzas eram enterradas em solo sagrado e o lugar assinalado por uma pedra gravada com Runas protetoras.

Segundo o povo, o último a desfrutar deste tributo fora o cruel chefe viking Gunnulf, filho de Arngrim. Sob as ordens do seu irmão Arnorr, um *Drakkar* fora arrastado até ao coração da Aldeia de Grim e transformado numa imponente pira funerária, em redor da qual se haviam clamado palavras de revolta e incitado ódios contra o homem que o matara — o Líder Supremo, o meu pai. O que poucos sabiam é que, na verdade, quem matara Gunnulf fora a minha mãe, após ter sido violentamente abusada pelo sanguinário pupilo de

Sigarr. A morte de Gunnulf desencadeara a guerra que terminaria com a vitória do Steinarr, a criação do reino viking e a aliança com os clãs da Grande Ilha. No entanto, Arnorr não se rendera... e ainda hoje alimentava a recordação do dia em que o corpo do irmão mais velho fora engolido pelas chamas.

O corpo de Geimy não seria queimado em terra, já que a Ilha dos Sonhos não era a sua pátria. Além disso, a princesa guerreira sempre manifestara a vontade de que as suas cinzas fossem entregues à imensidão do mar, que tantas alegrias lhe trouxera. Por isso, o meu pai nem hesitara na forma como o ritual fúnebre devia ser celebrado.

Ajudei as mulheres a transportar belas sedas e peles, jóias e artefatos, para o *Drakkar*. Geimy não trouxera muitos pertences consigo, apenas aqueles que julgara suficientes para desfrutar do Festival de Verão, e os amigos ficaram satisfeitos por contribuir. Freya encarregou-se da comida e da cerveja, que a nossa tia tanto apreciava. O *jarl* escolheu de entre o seu melhor gado aquele que acompanharia a cunhada, e o primo Krum sacrificou-o. Alguns dos nossos guerreiros tinham combatido ao lado da princesa, na sua juventude, e fizeram questão de entregar-lhe os seus escudos, espadas, machados e punhais. Tudo isto foi colocado dentro do barco, debaixo de um silêncio repleto de respeito e pesar.

A minha mãe e a tia Ingrior aprontaram a irmã do rei para a sua última aventura. Lavaram o corpo frágil, perfumaram-no e vestiram-no, segundo a sua própria vontade. Os longos cabelos negros foram enfeitados com flores e fios de prata, assim como o pescoço e os pulsos. Agora, que as aflições da morte a haviam abandonado, a expressão da minha tia encontrava-se serena. Durante todo este tempo, ela preparara-se para empreender a viagem... Nós é que não estávamos preparados para vê-la partir, e enfrentar o vazio da sua ausência.

A noite começava a cair quando o corpo da princesa foi transportado para o *Drakkar*, seguido por um cortejo onde as emoções finalmente se libertaram. Geimy fora uma mulher que honrara o nosso povo com a sua coragem, generosidade e amizade. Ninguém conseguia ficar indiferente à sua morte! Ensurdida pelo

pranto dos que me rodeavam, apertei a Lágrima do Sol entre os dedos e pedi-lhe que guiasse a princesa com a sua luz, para que esta derradeira viagem fosse rápida e desprovida de percalços.

Deitada sobre peles de animais e coberta por uma manta bordada a fio de ouro, a princesa viking recebeu o último beijo do guerreiro que viera de um país distante, através do mar, para encher o seu coração de amor, tal como uma vidente da sua aldeia profetizara. As lágrimas regressaram aos meus olhos, ao ver o tio Edwin retirar do pulso a bracelete que ela lhe oferecera no dia do seu casamento, e encaixá-la entre os dedos frios, declarando:

— Tu Salvaste-me das trevas e encheste o meu coração de alegria. Agora que partes, minha vida, levas o contentamento contigo, levas o calor e a luz... Sem ti, volto a estar vazio... Sem ti, estou outra vez perdido... Espera por mim, Geimy! Prometo que não me demorarei, meu amor.

Apesar de eu saber que o meu tio era um homem de arrebatamentos, as suas palavras arrepiaram-me. A minha mãe sentiu algo semelhante, pois fixou o meu pai, apreensiva. *O jarl* respondeu-lhe com um gesto, recomendando-lhe que se acalmasse. Dentro do *Drakkar*, Lorde Edwin McGraw cobriu o rosto da esposa com a manta e colocou a espada com que ela combatera sobre o seu peito. Depois, saltou para o ancoradouro e desatou a corda que prendia o barco. O vento soprava forte e a maré estava de feição. De imediato, a corrente fechou os seus dedos de água no casco do navio e empurrou-o em direção ao mar alto.

Ao meu redor, os tambores rufavam, as mulheres choravam e os homens erguiam as vozes num louvor a Odin. Geimy, princesa e guerreira, esposa e mãe, companheira e amiga, em breve estaria junto do pai dos deuses, estendendo-nos a sua mão protetora sempre que dela necessitássemos. No auge do cântico, o *jarl* da Ilha dos Sonhos, Primeiro Homem do rei Steinarr, deu um passo em frente, distinguindo-se dos demais, e empunhou o arco. Krum encostou um archote à ponta da flecha e pegou-lhe fogo. No instante seguinte, a seta rasgava o ar com uma precisão certa; um raio de luz na escuridão da noite, que encontrou o seu objetivo e o incendiou prontamente.

Em menos de nada, as labaredas lambiam a imponente vela quadrada do majestoso *Drakkar*, devorando o mastro, sufocando o convés... e libertando o espírito da princesa Geimy do povo viking, em nuvens de fumo que ascendiam ao céu. Logo, o mar engoliria os despojos do ritual e o ciclo renovar-se-ia... Nos nossos corações ficava a saudade.

CAPÍTULO 15

Os dias que se seguiram ao funeral da tia Geimy foram muito tristes. A nossa casa parecia vazia e, por vezes, só o choro do tio Edwin perturbava o silêncio. A pedra vermelha da feiticeira Aranwen regressara ao seu pescoço pela sua própria mão, como se não pudesse viver sem ela... como se a amasse tanto como a odiava.

A minha mãe tentou, por várias vezes, falar-me acerca do apelo da minha tia, mas eu encontrei sempre um meio de lhe escapar. Não me apetecia encarar o seu olhar assustado, as suas súplicas para que ignorasse aquela última vontade. A sorte do meu primo Edwin não estava resolvida na minha mente, nem no meu coração. Por mais que tentasse convencer-me de que a sua alma se perdera, a tentação de tomar a iniciativa de buscá-lo aumentava a cada instante, até quase me endoidecer. E só o fato de temer que essa aventura fosse a última, me impedia de arriscar a viagem da essência até à Ilha do Fogo.

Não tardou que a Primavera avisasse o Inverno de que pretendia acomodar-se. Em bandos barulhentos, as primeiras aves migratórias apressaram-se a definir os seus territórios. Os nossos pastores assobiavam alegremente, enquanto conduziam o gado para fora dos estábulos e na direção dos campos, onde a erva começava a desabrochar. Os barcos de pesca atreviam-se a enfrentar o mar. E as rotas de comércio restabeleciam-se.

Da Grande Ilha chegavam-nos novidades interessantes. Quinn estava a sair-se muito bem no seu novo projeto de vida. Os nossos informadores relatavam que o rei do Império, de visita à colônia, o tinha agraciado com a sua simpatia e enaltecido a sua sagacidade. Havia até quem insinuasse que nascera uma amizade especial entre o meu primo e Isobelle, a mais jovem das princesas imperiais. Quem não gostou de ouvir isto foi Svana, que se recolheu no quarto de Freya a chorar. Apesar de tudo, reafirmei a minha admiração pela

nobreza do caráter de Quinn, que preferia voltar as costas ao amor, a arriscar um conflito com o irmão.

O tio Edwin passara as últimas semanas na sombra do meu pai, dedicando-se sem cansaço ao trabalho, para esquecer o que perdera. Assim que o mar se tornou navegável, reuniu um grupo de guerreiros e embarcou rumo ao Norte, para comunicar a triste notícia da morte da sua esposa ao rei viking. Steinarr ia sofrer um grande desgosto, pois Geimy fora a sua irmã preferida. Quanto a Thora, eu nem queria imaginar o seu choque!

Sempre que eu fazia uma pausa no treino da Arte, Freya buscava a minha companhia. Tínhamo-nos tornado inseparáveis e as nossas conversas recaíam inevitavelmente sobre Thora. Teria a sua destreza guerreira aumentado durante a estação fria? Como estaria a relacionar-se com o rei-lobo e a sua alcatéia? Esta pergunta suscitava um milhar de outras questões, que não me atrevia a proferir em voz alta. Ivarr era mais um assunto que a minha mente e o meu coração teimavam em manter pendente.

De momento, a minha prioridade era aprender a superar as tenebrosas armadilhas da Arte Obscura. E, uma vez ultrapassado o abalo espiritual, a tarefa afigurava-se exequível. Eu jamais seria a presa indefesa que a Pedra do Tempo profetizara! Não tombaria, vítima da ingenuidade! Em breve tornar-me-ia Guardiã da Lágrima do Sol, e nenhum feiticeiro maldito ditaria o meu destino.

Trygve chegou numa manhã radiosa, a tempo de se sentar conosco à mesa e apreciar o pão ainda quente, barrado com queijo e mel, e o leite acabado de ordenhar. A sua visita deixou-me tão feliz, que mal conseguia falar. Freya fez questão de lhe contar tudo o que acontecera na sua ausência, pairando sem cessar, arrancando sorrisos ao resto da família. Ter Trygve de volta, ainda que para uma curta visita, enchia os nossos corações de alegria!

Os laços de sangue que uniam o meu primo ao padrasto encontravam-se declarados na sua fisionomia, de tal forma que, quem desconhecesse a complicada história da nossa família, jamais concluiria que Trygve não era realmente filho do tio Berchan. Os

cabelos negros e a barba comprida tornavam-no tão respeitável que já ninguém se atrevia a contestar o seu lugar entre os adultos. As suas vestes eram as tradicionalmente usadas pelo Sacerdote da Ilha dos Penhascos: calças largas e túnica de cor verde, cobertas por uma capa castanha. Do pescoço pendiam-lhe uma infinidade de colares feitos de pedras e conchas, cada um com significado próprio, que eu esperava ter oportunidade de aprender.

Em casa, Trygve falou discretamente da sua vivência na ilha vizinha. Os rituais do Povo dos Penhascos eram secretos e, à parte estes, os nativos desfrutavam de uma existência igual à de qualquer outra comunidade. Foi só ao fim da tarde, quando nos encontrávamos sozinhos, observando o Sol a descer no horizonte como fizéramos tantas vezes no passado, que ele me revelou a verdadeira razão da sua visita.

— O meu filho já nasceu, Edwina... E trouxe a marca, como temíamos!

Inerte e muda, vi-o cobrir o rosto com as mãos e suspirar, buscando alento para prosseguir:

— Fiquei desesperado... Felizmente, a Amora é mais corajosa do que eu, e não perdeu a esperança. Dia e noite, tem buscado um modo de contrariar a maldição... E, agora, encontrou-o! Não sei o que tem em mente... Mas diz que precisa da tua ajuda para concretizá-lo. Estou aqui para te pedir que me acompanhes amanhã, e aceites a hospitalidade da Ilha dos Penhascos por alguns dias. Virás comigo, Edwina?

Fixei o olhar atormentado do meu primo e enlacei as suas mãos, replicando:

— E claro que sim! A minha habilidade e a magia da Lágrima do Sol estão ao serviço do vosso povo. Sossega, Trygve! Se essa maldição for uma ameaça real, necessitarás de serenidade para contrariá-la. Confia no poder de Visão da tua Sacerdotisa! Se a Amora disse que existe uma solução é porque recebeu a revelação de um futuro favorável. Vamos unir esforços e lutar por ele!

Freya deleitava-se com a beleza do cardume que se separava para fugir aos remos da canoa. Os peixes eram do tamanho do meu braço, e as suas escamas prateadas refletiam a luz do Sol, e

coloriam a água cristalina. A minha irmã soltou uma exclamação de pesar, quando estes se embrenharam na floresta de algas castanhas que estávamos a atravessar, e desapareceram de vista.

Trygve falou-lhe acerca das propriedades curativas dessas algas e da forma como o seu povo as utilizava. Freya escutou-o com uma atenção ardente, rebolando a pedra azul de Aranwen entre os dedos, como a nossa mãe fizera antes dela. Convencer o primo a deixá-la acompanhar-nos fora fácil. Trygve impressionara-se com os seus progressos na arte de curar e concordara que seria proveitoso, tanto para ela como para o Povo dos Penhascos, a partilha de conhecimentos. Os meus temores de que, diante de Magnor, a convicção da minha irmã se reduzisse a pó, começavam a desvanecer-se. Freya estava cada dia mais segura dos seus desejos e objetivos. Seria a melhor curandeira de que a Terra guardava memória e, se algum homem cobiçasse o seu coração, teria de lhe provar que o merecia.

O aroma da Primavera misturava-se com o cheiro forte do mar e tornava-se inebriante. As aves marinhas saudavam-nos com os seus gritos estridentes, antes de pousarem nas rochas que se erguiam acima da água. Os caranguejos recolhiam-se nos buracos úmidos, mas poucos eram suficientemente rápidos para evitar os bicos afiados como lanças. Observar o espetáculo que a prodigiosa natureza nos oferecia, ajudava-me a controlar a ansiedade. Mal podia acreditar que me encontrava a caminho da Ilha dos Penhascos, não para desvendar os seus fascinantes segredos e maravilhas, como há muito ambicionava, mas para envolver-me em mais um problema espinhoso. Se existisse realmente uma maldição, e Trygve e Amora não estivessem apenas a ser manipulados pela sugestão da sua culpa, o povo nativo podia ter os dias contados.

A medida que avançávamos, quase jurava que o labirinto rochoso se desviava da canoa! Seria devido à mestria do barqueiro? Não me parecia! Há muito que a Lágrima do Sol me revelara mundos em que as rochas se animavam por magia; em que a natureza iludia o Homem para satisfazer uma vontade maior. Os relatos de um rochedo que brotava inesperadamente do mar, para afundar um

navio, ou de um desfiladeiro que se fechava como um punho, encarcerando vidas no seu aperto, não me causavam espanto.

Por fim, entramos numa gruta e a claridade do Sol esmoreceu. Distingui perfeitamente os contornos pontiagudos ao nosso redor, mas o barqueiro continuou, com a desenvoltura de quem conhecia o caminho de olhos vendados. Havia tantos corredores entrecruzados, cavernas que se abriam para outras cavernas que se tornava impossível fixar pontos de referência. O cheiro a sal e a algas secas e em decomposição era tão intenso que dificultava a respiração. De vez em quando, o teto de pedra forrado de musgos deixava passar a luz, e era possível admirar as terríveis garras de rocha, que se estendiam para o frágil casco. Apesar da ondulação ser praticamente nula, um palmo de distração causaria estragos irremediáveis.

Freya gritou assustada, ao deparar-se com um par de olhos luminescentes. Avistamos mais lanternas vivas, enquanto Trygve explicava num sussurro que estes eram os lendários "*Sentinelas*": criaturas semelhantes a lagartos, mas muito maiores, que podiam viver dentro e fora de água. Os nativos chamavam-lhes assim, pois, apesar de normalmente se alimentarem de peixes e pequenos animais, como ratos e pássaros, também não se faziam rogados quando um intruso se atrevia a profanar os seus domínios, e terminava a viagem a chapinhar no mar. Apesar de raramente atacarem os ilhéus, eram bestas enérgicas e agressivas. A inércia com que nos fixavam era enganadora. Nem protestamos quando Trygve ordenou que nos mantivéssemos afastadas.

Partilhei do alívio da minha irmã quando deixamos para trás as grutas sombrias e os seus atemorizadores guardas. O Sol cegou-nos por um instante, e o retorno da visão forçou-nos a suster o fôlego. O barco deslizava agora por uma lagoa de águas serenas, que espelhavam o céu. A nossa frente encontrava-se uma praia de areia fina e escura, que terminava numa floresta densa, aparentemente selvagem, que se estendia até tocar as nuvens.

Trygve puxou de um pequeno apito de osso, colocou-o entre os lábios e soprou-o. Um som semelhante ao grito de uma ave gigante profanou a leveza do ar. De imediato, ouviram-se vozes, risos, passos em corrida... E os nativos da Ilha dos Penhascos surgiram

como por magia, encarapitados nos rochedos e enchendo a praia. Uma comitiva liderada por uma figura delicada, totalmente coberta por vestes brancas, veio ao nosso encontro. Reconheci o olhar cor de avelã de Amora cintilando por entre a tira de tecido que pouco revelava da sua pele dourada. Ela estava aliviada por confirmar que eu aceitara o seu convite. E o calor da sua recepção estendia-se pelo povo que assistia ao nosso desembarque.

— Sê bem-vinda, Edwina, herdeira do Guardiã da Lágrima do Sol. Que a minha terra te reconheça e estime a tua nobreza, e que o meu povo te ame e admire como minha igual. Esta é a vontade da Sacerdotisa!

Os nossos dedos enlaçaram-se e o reconhecimento espiritual foi imediato. Num fôlego, viajamos até à Ilha dos Sonhos e pairamos sobre as Pedras do Mundo; a magia do nosso sangue fundindo-se e flamejando. Era inegável que o nosso futuro estava entrançado, e que a nossa empatia seria eterna.

O Povo dos Penhascos celebrava rituais antes de fazer quase tudo. O seu modo de vida era semelhante ao dos druidas e, talvez por isso, tivessem aceite dar guarida aos homens sábios. Dentro do “formigueiro” escavado na parede rochosa da floresta, onde as classes superiores da comunidade se moviam, as regras de convivência eram cumpridas com severidade e cada tarefa desempenhada com uma dedicação impressionante.

A cerimônia da partilha de água, que nos tornou, a mim e a Freya, verdadeiras filhas da ilha, celebrada na manhã que sucedeu a nossa chegada, foi inesquecível. Sobre um altar de pedras sagradas, juramos jamais revelar ao mundo os segredos dos nativos. O meu vestido branco, exatamente igual ao da Sacerdotisa para testemunhar a nossa união espiritual, esvoaçava ao sabor do vento primaveril. Pela primeira vez vi a realidade através de uma abertura estreita de tecido, e a minha admiração por Amora consolidou-se. Ela tinha forçosamente de ser uma mulher muito corajosa e determinada, para suportar tantas regras e proibições.

Mais descontraída, Freya cintilava beleza dentro de um vestido comprido, de um verde singelo que evidenciava o seu olhar e o azul da pedra mágica. Os cabelos negros caíam-lhe sobre as costas e

absorviam os raios do Sol, libertando-os generosamente em tons de prata. A sua pele branca contrastava com a das mulheres que a rodeavam, e tornava-a única, exótica, tão bonita como a nossa mãe na sua idade. O ar da ilha estava a fazer-lhe muito bem!

Proferidos os votos e concluídos os rituais, o Povo dos Penhascos presenteou-nos com uma festa. Comemos os deliciosos frutos da terra e bebemos os mais puros néctares, enquanto observávamos os movimentos delicados das donzelas, pairando como borboletas ao som de músicas celestiais. Depois, os tambores rufaram e os jovens guerreiros exibiram as suas danças, que mais não eram do que uma forma disfarçada de luta. Verdadeiramente impressionante!

Para o fim do dia, os Sacerdotes reservavam-nos uma surpresa. As lágrimas quase me saltaram dos olhos ao ver Trygve dançar com Amora: ele, um colosso de força e beleza; ela uma criatura pequena e delicada, detentora de uma graça que nem as vestes compactas tinham o poder de ocultar. Executaram movimentos leves, mas rápidos, plenos de sentimento, com o olhar preso e a respiração suspensa; o corpo de Trygve mal se abeirando da sua soberana. Ela era a andorinha. Ele era o falcão. Ouviram-se exclamações de sobressalto quando o frágil pássaro caiu nas garras do predador. Os braços de Trygve fecharam-se finalmente sobre o corpo de Amora e o seu rosto mergulhou no tecido fino que encobria o pescoço da sua amada. A dança findara e a multidão aplaudia emocionada, quase horrorizada. Todavia, eu sabia o quanto Trygve e Amora estavam felizes por se poderem tocar... mesmo que só por um breve instante.

Freya estava fascinada com este mundo novo. As anciãs curandeiras do templo não tardaram a adotá-la, deliciadas pelo interesse apaixonado da talentosa jovem que, segundo elas, possuía mãos mágicas. Deixei a minha irmã entregue à sua tarefa predileta, e acompanhei Amora através do labirinto de corredores, preparando-me para enfrentar o que me aguardava.

A mais jovem das Mães da Renovação estava a amamentar o filho, quando entramos no seu aposento. Uma simples troca de olhares bastou para que me apercebesse da tensão que latejava entre a serva e a soberana. Sibina nem tentou disfarçar o seu desagrado quando Amora lhe pediu que nos deixasse a sós com o bebê. Estaria

ressentida pelo fato de a Sacerdotisa ter introduzido uma estranha no seu seio, que a afastava tão inoportunamente do filho? Ou seria algo mais? Uma desconfiança... Não! A ansiedade estimulava-me a imaginação!

Quando já temia que Amora tivesse de transformar o pedido numa ordem, Sibina obedeceu, ostentando uma expressão de rancoroso desafio.

Eu já tivera oportunidade de conhecer alguns dos filhos de Trygve e experimentara uma forte comoção; o carinho do reconhecimento do sangue. Assim que segurei neste bebê ao colo, fui percorrida por um estremecimento incômodo. Sem necessitar das instruções de Amora, os meus dedos afastaram a manta macia que cobria o corpinho frágil. Perturbada, verifiquei que na pele dourada do seu peito, sobre o coração, se encontrava uma mancha púrpura, com uma forma estranha... indefinida.

— Isto não significa nada, Amora! — forcei-me a manifestar. Mas sabia que não era verdade. E ela também, por isso escusou-se a responder.

Embalei o meu primo até adormecê-lo. Não me deixaria vencer pelo incômodo ímpeto de rejeição. As forças malignas que se divertiam a brincar com a adversidade humana não se satisfariam à minha conta! Sempre em silêncio, Amora esperou que eu deitasse o menino no berço para autorizar a mãe a entrar. Sibina irrompeu pelo quarto e tomou o filho nos braços, esmagando-o contra o peito, enquanto me fixava com aversão e desconfiança. Apercebi-me de que estivera a chorar. Certamente pressentia que o filho era diferente... e temia pela sua sorte. A minha presença ali só confirmava os seus receios. Julgaria que eu fizera algum mal ao bebe?

— O teu filho é meu primo, Sibina — disse a meia-voz, numa tentativa frustrada de sossegá-la. — Será um belo homem; um guerreiro forte e orgulhoso...

Desisti, ao constatar que estava a assustá-la ainda mais. Sentia-me cansada, à beira do desfalecimento, e não tinha razões para tal. Por todas as serpentes marinhas, eu não podia reagir assim! Tinha de ajudar Amora; dar-lhe alento e coragem para lutar...

Após outra caminhada pelos corredores do templo, a Sacerdotisa convidou-me a entrar no seu quarto. O espaço era maior e mais cômodo do que aquele que eu observara na minha Visão, mas igualmente simples. Uma cama para dormir, uma arca para guardar os haveres, um altar de meditação e um banco comprido para que as visitas se sentassem, era tudo o que importava relatar. Não havia tapetes nem tapeçarias para alegrar o ambiente. O único objeto que atraía o olhar era a jarra que enfeitava a arca, onde um magnífico ramo de flores garridas nos deslumbrava com a sua beleza. Ao verme atraída pela explosão de cor, Amora murmurou, enquanto se libertava finalmente do véu:

— Todos os dias, o Trygve faz um ramo diferente, mais perfeito do que o anterior, para que as crianças mo ofereçam. Esta foi a maneira que encontrou de me declarar o seu amor, sem que o nosso povo nos condene.

Já não eram só as flores que davam vida ao quarto... A perfeição do rosto de Amora faria o deleite de qualquer artista! A sua aura resplandecia, e nem a tristeza e a apreensão que os seus olhos denunciavam ofuscavam esse brilho.

— O que te vou mostrar nunca foi visto por ninguém, além das Sacerdotisas, minhas antecessoras — continuou decidida. — Faço-o para que compreendas que não possuo alternativa... Que a minha decisão nada tem de leviano, lascivo ou egoísta...

Enquanto falava, dirigiu-se ao altar e empurrou algumas das pedras que o forravam, respeitando uma ordem definida. Ante o meu pasmo, a parede ganhou vida e deslizou para dentro e para o lado, pondo a descoberto o interior da montanha e uma escadaria íngreme e estreita, que mergulhava na escuridão.

— A minha Sacerdotisa revelou-me este caminho, no dia em que a sua morte lhe foi anunciada. Segue-me sem medo, Edwina. Estava escrito que os teus passos te conduziram até aqui.

Pus um pé no primeiro degrau e, de imediato, o corredor encheu-se de luz até perder de vista; os braseiros incendiando-se uns após os outros, inflamados por uma mão invisível. Verifiquei que a parede estava coberta de desenhos, tão realistas que pareciam mover-se debaixo do meu olhar.

— Durante séculos — prosseguiu Amora —, as Sacerdotisas dos Penhascos apelaram à magia da Gruta das Vozes Ancestrais, por respostas às questões que as atormentavam. O que estás a ver são as instruções que receberam; as decisões que determinaram o destino do meu povo.

Antes que me apercebesse, a escadaria terminou numa fabulosa sala, que me arrebatou com a sua magia. O teto encontrava-se muito acima das nossas cabeças e os desenhos preenchiam as paredes. Aparentemente, as Sacerdotisas tinham enfrentado muitos dilemas no passado!

Estaquei diante do chão argiloso, vermelho inconstante, repleto de veios, que dir-se-ia apenas esperar pelo peso de um pé para se quebrar como gelo fino e nos engolir. Porém, Amora encorajou-me a avançar até ao centro da gruta, onde uma formação de cristais da cor do sangue brotava miraculosamente do barro e se erguia orgulhosa até à altura da sua cabeça.

— Este é o Esteio das Almas — explicou-me. — De cada vez que uma Sacerdotisa morre, um novo cristal nasce, perpetuando a sua essência. Um dia, quando o meu corpo descansar, também eu farei parte da magia que alimenta a ilha e poderei colaborar na orientação da minha sucessora.

Amora sorria, como se antecipasse com alegria o fenómeno que descrevera. Depois, ficou subitamente séria, fixando-me com uma expressão grave. Após um silêncio breve e arrepiante, iniciou a justificação das razões que a haviam levado a divulgar este templo secreto:

— O castigo do Conselho dos Seres Superiores, infligido aos meus antepassados, não se limitou àquelas criaturas grotescas que guardam a passagem e que condicionam a nossa liberdade. Os Feiticeiros lançaram uma maldição sobre a ilha, que se inicia com o nascimento de uma criança marcada por um ritual imperfeito, e termina com a morte a terra pelo que eles chamam “o fogo purificador”. Desde a Festa da Renovação que eu estudo os testemunhos que as veneradas Sacerdotisas me deixaram. No passado, já dois rapazes nasceram com a marca... Um, perdeu-se nos túneis da passagem e foi devorado pelos *Sentinelas*. O outro,

caiu de um penhasco quando ainda era criança. Prefiro não pensar que as minhas antecessoras intervieram nesses acontecimentos. Eu jamais remediaria o meu erro usurpando uma vida! Sabendo isso, elas indicaram-me outro caminho; um caminho perigoso e sem garantias de sucesso... Mas que se tornou a única esperança!

Segui a direção apontada pelos seus dedos até à última seqüência desenhada. O meu coração quase parou ao reconhecer a boneca que era eu a visitar a ilha, a representação fiel da Lágrima do Sol e, mais adiante, a antecipação da Festa da Renovação deste Verão... e uma imagem da gruta onde, no ritual de fertilidade, o Sacerdote tomaria para si, não uma Mãe da Renovação, mas duas!

Sentime gelar por dentro ao apreender o significado da adivinhação. O meu choque profundo só me permitiu balbuciar:

— Não podes fazer isso! Estarás a quebrar as regras... a pôr em causa o equilíbrio...

— Que equilíbrio? — replicou ela, numa voz exausta. — O caos instalou-se no momento em que o Trygve e eu nos olhámos... Eu nunca ambicionei ser Sacerdotisa, mas curvei-me ao destino que me foi traçado no berço, por amor ao meu povo. Agora, a maldição paira sobre nós, e não me restam opções! As vozes das minhas antepassadas falaram e este foi o resultado. Trouxe-te aqui para que o visses com os teus próprios olhos, porque sabia que, de outra forma, não conseguiria convencer-te. Por favor, Edwina! Eu preciso da tua ajuda! Se não alterar o futuro, o meu povo está condenado.

Não podíamos deixar a Ilha dos Penhascos sem visitar os seus santuários selvagens de incomparável beleza. Amora guiou-nos nessa expedição, desvendando as histórias que se enraizavam em cada um desses lugares, ao longo dos séculos. Nos bosques cerrados, nas grutas profundas, junto da turbulenta lagoa de água salgada e das serenas lagoas de água doce, senti estreitarem-se os laços espirituais que me prendiam a esta terra preñhe de magia.

Amora levou-nos à aldeia dos druidas, onde fomos calorosamente recebidas. Após as habituais saudações, convidaram-nos a partilhar da refeição da tarde, o que aceitámos com satisfação, pois a longa

jornada nos engraçados cavalos nativos nos abriu o apetite. Enquanto desfrutávamos da fruta fresca e sumarenta, e do pão com mel, o Mestre Druida requestou a ajuda da minha Arte. Pediu a um dos homens que o serviam que buscasse o mais novo habitante da comunidade, enquanto nos contava a insólita história desse rapaz.

Em pleno Inverno, quando ninguém se aventurava a desafiar o mar, um jovem naufragara na ilha. Tinham-no encontrado tombado nas rochas, moribundo, com feridas profundas provocadas por uma luta feroz com os *Sentinelas*. Sobrevivera por um triz, graças à compleição forte, que poucas dúvidas deixava quanto à sua origem guerreira. Contudo, ao recuperar a consciência, não soubera dizer de onde vinha, nem como se chamava. A magia dos druidas revelara-se ineficaz para lhe resgatar a memória, por isso, o ancião solicitava-me que apelasse à Lágrima do Sol para esse efeito. O calor na sua voz denunciava a estima que devotava ao desconhecido, que se integrara perfeitamente na comunidade e não se cansava de espantá-los com a sua destreza, força... e habilidades místicas.

— O seu sangue é tão forte que só pode ser produto de uma mistura de raças — declarou o Mestre. — Confesso que, de início, isso nos assustou. Existem muitos descendentes de feiticeiros renegados espalhados por este mundo... e nunca sabemos se estamos a deparar-nos com um servo do bem ou do mal. Porém, a sua súplica para ficar conosco comoveu-me e, aos poucos, a bondade da sua alma conquistou-nos. Mesmo que o seu passado tenha sido atribulado, estou tão convicto da sua nobreza, que lhe dei a oportunidade de começar uma vida nova ao nosso lado. Contudo, desejo saber de onde veio... Não por ele! Mas pelo que poderá eventualmente segui-lo... Um homem que se aventura no mar, durante o Inverno, ou é louco, ou empreende uma fuga desesperada.

O sábio ancião deteve-se à chegada do seu servo. Todavia, as novas desgostaram-no. O seu protegido deixara a aldeia de manhã, para colher ingredientes curativos, e ainda não regressara. Encolheu os ombros e suspirou resignado:

— Sendo assim, terei de aguardar por outra oportunidade.

— No Festival de Verão, quando o senhor tornar a agraciar a casa do *jarl* com a sua visita, faremos gosto em receber esse rapaz — respondi-lhe. — E a magia da Lágrima do Sol estará ao vosso serviço.

Despedimo-nos da aldeia druida e dos seus admiráveis habitantes, pois a caminhada de regresso ainda seria longa. Enquanto nos quedáramos sob a hospitalidade dos sábios, o céu cobrira-se de nuvens negras e o ar enchera-se de humidade. Não tardaria a chover.

Os cavalos da Ilha dos Penhascos eram os mais pequenos que eu já vira; porém robustos, mansos e obedientes. O pêlo das suas patas era comprido e os focinhos pareciam sorrir. Amora explicou-me que a deusa não os talhara para heróicas jornadas; antes para ajudar o Homem no trabalho doméstico, e conduzi-lo de forma segura através da ilha. Freya não partilhava da paixão da sua gêmea pela arte de cavalgar e a proximidade da tempestade ainda a inquietava mais. Seguia os dois Filhos da Renovação que lideravam a coluna, impaciente por sair do bosque. Ouvi-a resmungar quando as primeiras gotas de água caíram do céu. Atrás de nós, as donzelas que acompanhavam a Sacerdotisa abafavam o riso. Montar debaixo de chuva seria uma novidade divertida! Os dois guerreiros que fechavam a comitiva também tagarelavam alto, mas o brilho esplendoroso do primeiro relâmpago silenciou-os.

Paramos sobressaltados, quando o trovão ecoou sobre as nossas cabeças. Os cavalos agitaram-se inquietos e um dos guerreiros teve de sossegar a montada de Freya, que estava quase tão receosa quanto a sua cavaleira. A noite desceu sobre o bosque qual mortalha e, num instante, a confusão instalou-se. As raparigas gritaram apavoradas, envoltas pela escuridão e fustigadas pelo violento aguaceiro. Os Filhos da Renovação tentavam inutilmente acender os archotes, enquanto apelavam à calma e para que nos mantivéssemos juntas. Ao meu lado, Freya agarrava-se à pedra azul e as lágrimas de medo cintilavam-lhe no olhar.

A luz fulgurante de um novo raio rasgou o céu e projetou sombras ao nosso redor. Parei de respirar, arrepiada até à alma. O olhar confuso de Amora denunciava que também ela pressentia que algo

estava errado. Os cavalos agiam como se estivessem cercados por um inimigo feroz, oculto na bruma. O clarão desvaneceu-se e o negrume cego voltou, acompanhado de um estrondo descomunal que amordaçou os guinchos das jovens e me ensurdeceu.

— Edwina...

O apelo de Freya soou-me indistinto. A minha irmã estava aterrada e o seu pavor forçou-me a reagir. Pisquei os olhos para habituá-los à obscuridade, e o que vi gelou-me o sangue: uma sombra, mais negra do que as trevas que nos rodeavam, deslizava pela floresta a uma velocidade vertiginosa... e a sua essência letal era energia pura. Nesse espaço de tempo em que o coração se recusou a bater, a voz de "O Que Tudo Vê" estralejou-me na mente qual trompa de guerra: *"Das profundezas da Luz e da Escuridão, dois espíritos soberanos erguer-se-ão para decidir na Terra aquilo que não pode ser determinado no seu mundo..."*

E ouvi-me murmurar, enrouquecida pelo medo:

— O Lobo Negro está aqui...

Ao meu lado, Amora retorquiu com a voz a tremer:

— Não existem lobos na ilha...

Então, o céu tornou a iluminar-se. O clarão mais brilhante que eu já vira precipitou-se contra nós, rápido como o pensamento, incandescente... terminal. O relâmpago fulminou uma árvore por trás de Freya e o seu cavalo espinoteou e relinchou assustado, lançando-se numa corrida desnorteada pelo meio da escuridão. Enquanto as raparigas bradavam em pânico, desmontando tão depressa que escorregavam, e os guerreiros tentavam restabelecer a ordem, afastando-as da árvore em chamas, apressei-me a seguir a minha irmã, gritando o seu nome com o coração na garganta.

A perseguição levou-me para fora do bosque, onde o terreno era rochoso e escorregadio. Vi o mar estender-se diante dos meus olhos, a Ilha dos Sonhos como um gigante que rasgava a água, o céu devastado por rios de fogo, o cavalo de Freya galopando desembestado... e o precipício.

— Freya...

Que poderia ter feito? Alguma coisa, decerto! Mas nada fiz... Fiquei parada no tempo, a ouvir o meu próprio grito estender-se

para além do infinito, enquanto o cavalo enlouquecido se empinava diante do abismo e a minha irmãzinha caía... e desaparecia.

— Freya!

Saltei do cavalo como se não tivesse ossos, e corri aos trambolhões até onde o penhasco interceptava o mar. Os meus olhos revelaram as vagas que se desfaziam contra os rochedos, lá muito em baixo. Os picos das pedras, aguçados como espadas, erguiam-se ameaçadores... E procurei o corpo trespassado da minha irmã em cada um deles, até que a percepção de movimento, logo abaixo do terreno onde me encontrava, me atraiu a atenção.

Ainda vi o suficiente para concluir que, durante a queda, Freya conseguira segurar-se a um arbusto, e ficara a pairar, num equilíbrio precário, pouco acima dos braços da morte. Nesse instante, alguém a resgatava, içando-a para o nicho onde se encontrava. Outro relâmpago iluminou a noite e eu distingi que era um homem quem amparava o seu choro. Estava vestido como os sábios e os seus cabelos flamejavam. O alívio que senti foi tão extremo que perdi a força nas pernas e caí de joelhos. Fiquei a olhar para a minha pequenina, envolta pelo abraço protetor do desconhecido, enquanto a chuva lavava as minha lágrimas.

— Que a deusa seja louvada! — exclamou um dos Filhos da Renovação. — É um milagre!

Esse guerreiro começou a descer cuidadosamente o penhasco, por um caminho quase imperceptível, e outro não tardou a segui-lo. Apesar de tudo, Freya parecia-me surpreendentemente calma. Amora deteve-se ao meu lado, soluçando de alívio, enquanto agradecia à sua divindade.

Aos poucos, a chuva e o vento serenavam e a tormenta afastava-se da ilha. O estridor do mar bravo impediu-me de escutar a conversa que os irmãos de Amora mantinham com o salvador de Freya. Este entregou-a aos seus cuidados, e afastou-se pelo carreiro íngreme e apertado, na direção oposta, de regresso à sua aldeia.

— Era a este rapaz que o Mestre Druida se referia — disse Amora, confirmando as minhas suspeitas. — Foi a deusa que guiou os seus passos até aqui, para que salvasse a tua irmã.

Não me atrevia a discutir esta teoria! Quais eram as possibilidades de encontrar uma explicação para o que acabara de acontecer? Só podia realmente ter sido uma vontade divina que colocara o misterioso jovem neste lugar, a tempo de livrar Freya de uma morte atroz!

— Edwina...

Recebi a minha irmã nos braços e esmaguei-a contra o peito. Freya ainda tremia, mas já respirava sem sobressalto. Amora perguntava:

— Por que não veio o herói ao nosso encontro?

— O rapaz é esquisito — replicou um dos guerreiros. — Recusou os nossos agradecimentos, alegando que tinha de regressar rapidamente a casa, senão seria castigado. Ofereci-lhe o meu cavalo, mas nem sequer me respondeu...

— Parecia assustado com a nossa presença! — apoiou o companheiro.

— É pena — lamentou a Sacerdotisa. — Gostaria de lhe agradecer e de recompensá-lo! Terei de fazê-lo depois... Agora, vamos para casa. Precisamos de descansar... Tu principalmente, querida Freya! Consegues andar?

A minha irmã aquiesceu, apesar de exausta. Ninguém tinha vontade de regressar ao bosque, mas não havia outro caminho. Freya estava dorida e foi muito difícil convencê-la a montar. De archotes acesos, avançamos lentamente pelo terreno enlameado. Por várias vezes, lancei a mente através da floresta, tentando encontrar vestígios da poderosa essência que tanto me assustara, mas foi inútil. Ter-me-ia deixado influenciar pelo medo? Talvez... Esta noite não me atrevia a proclamar nenhuma convicção!

Freya estava muito calada. Sentei-me ao seu lado na cama e comecei a desembaraçar-lhe os caracóis, com as pontas dos dedos e infinita paciência. A minha irmã levou as mãos ao peito e acariciou a pedra azul, perguntando com a ansiedade a distorcer-lhe a voz:

— Crês que seja possível... saber que um homem nos está destinado, após um único olhar?

Detive-me confusa, sem compreender de imediato ao que ela se referia.

— Estás a falar do rapaz que te salvou? — perguntei, quase por instinto.

Freya voltou-se lentamente para me encarar; os olhos fulgindo como estrelas.

— Hoje senti o que nunca tinha sentido, Edwina... Um choque pelo corpo, as pernas sem força para me suster, o coração quase a rebentar, o sangue em fogo...

— Quase morreste! — interrompi, tentando chamá-la à razão. — O que estás a descrever é perfeitamente normal, depois do susto que apanhaste! E é natural que te sintas... ligada ao teu salvador. Mas não comeces a imaginar coisas! Tu nem o viste bem!

— Estás enganada...

— Era noite cerrada, Freya!

— Os seus olhos são lindos — replicou ela, crispada. — Tão azuis que o céu e o mar amareleceriam de inveja. E os seus cabelos são castanhos, com reflexos acobreados. E tão alto que eu mais parecia uma criança nos seus braços... e tão forte, tão forte, Edwina! Como podes dizer que não o vi bem, se recordo cada traço do seu rosto, como se o conhecesse desde o dia em que nasci?

— Acalma-te, mana! — teimeei, assustada pelo seu ardor. — Estás perturbada...

— Não, não estou! — A minha irmã afastou-se, indignada. — Olhas-me como se eu fosse uma criança tonta e nem prestas atenção ao que te digo! O que senti foi diferente; tão especial que não consigo esquecer... Cresce a cada instante e quase me rebenta o peito!

Fechei os olhos e cerrei os dentes, lutando contra a vontade de sacudi-la para lhe pôr as idéias no lugar. Contrariá-la só serviria para que se enrolasse ainda mais em argumentos disparatados.

— Está bem! — exclamei, resignada. — Amanhã temos de regressar, ou os nossos pais ficarão em cuidado. Porém, quando os druidas visitarem a nossa casa, no Festival de Verão, poderemos comprovar se esse rapaz é realmente especial. O *jarl* ficará feliz por

conhecê-lo e recompensá-lo... E, se o teu pressentimento se verificar correto, dar-te-ei o meu apoio!

Freya amou, percebendo que eu só condescendera para pôr fim à conversa. Enfiou-se na cama e voltou-me as costas. Suspirei, frustrada. Por que é que a minha irmã tinha de ser tão impetuosa nas suas paixões? Primeiro Magnor, que se revelara uma peste... Agora, um perfeito desconhecido, até para aqueles que o abrigavam. Na sua cabeça, Freya já transformara o aprendiz de druida num príncipe encantado! Ora, príncipe não era, certamente, e se fruía de alguns encantos, a educação não se encontrava entre eles, já que nem se detivera para nos cumprimentar. Talvez a luz da manhã clareasse as idéias da minha irmã! Se assim não fosse, estaríamos novamente cora problemas.

Freya já dormia há muito, mas eu não conseguia tranqüilizar-me o suficiente para me render ao sono. A energia obscura que nos surpreendera nessa tarde podia ter sido arrastada pela tempestade... ou encontrar-se escondida na ilha. Amora prometera-me que ficaria atenta. Se o fenómeno se repetisse, iria interceptá-lo e destruí-lo... Ou assim esperávamos!

Recordar a manifestação do que eu julgara ser o Espírito da Escuridão trouxe-me à memória o Espírito da Luz. Ivarr, o rei-lobo, passara o Inverno no Norte, rodeado pela sua alcatéia, preparando-se para enfrentar o seu destino. No fim, também ele vivia assombrado por uma profecia. E tinha razão quando me acusava de incompreensão e egoísmo! Sempre que estávamos juntos, eu só batalhava nas minhas necessidades, nos meus dilemas, sem me lembrar que ele também possuía os seus... e que fazia o melhor que sabia e podia para superá-los.

Acaricieei a Lágrima do Sol entre os dedos e sentime subitamente entorpecida. Permitti-me navegar na doce sensação de leveza, acreditando que finalmente o sono me vencera. Porém, quando o grande javali saiu dos arbustos, quedando-se diante do meu olhar, soube instintivamente que não estava a sonhar. Ao meu lado, Thora agachava-se entre as ervas, invisível e silenciosa. O vento soprava a seu favor, ocultando da presa o odor da caçadora... o cheiro dos lobos!

O olhar da minha irmã desviou-se do animal e fixou-se em Ivarr. Ele avaliava o momento certo para atacar. O javali ainda se encontrava longe. Um pouco de paciência garantiria o sucesso. Encarou-a subitamente, deixando-a desconcertada... e a sua mão moveu-se sem hesitação, capturando a dela. Só então reparei que a mão que Thora usava para empunhar o punhal estava enfaixada e suja de sangue. Em silêncio, o príncipe agitou os dedos, exigindo-lhe que o imitasse. Pelos vistos, o corte fora profundo e queria certificar-se de que ela não perdera os movimentos. Thora resistiu um pouco, mas, quando o olhar do seu senhor escureceu, acabou por se resignar. Estava tudo bem! - declarou-lhe sem gastar palavras; o rosto expressivo coberto de lama e suor. A loba ansiava pelo frenesi da caçada!

Um movimento, do lado oposto àquele onde se encontravam, fez o javali deter-se e farejar o ar. No instante seguinte, Ketill e Ragnar saltavam do seu esconderijo e o possante animal precipitava-se numa corrida desenfreada... na direção do rei-lobo e da loba prateada.

Abri os olhos com um grito mudo: o coração a ribombar e o suor a escorrer-me pelas fronteiras. Nas minhas mãos, a Lágrima do Sol continuava a pulsar, como se houvesse mais por revelar. Mas eu não queria ver... Recusava-me a ser fustigada pela dolorosa confirmação de que eu era, e sempre seria, uma intrusa no território de Ivarr. Por mais que me esforçasse, jamais alcançaria o entendimento de que ele e Thora desfrutavam. As suas essências reconheciam-se e fundiam-se na perfeição... A mesma perfeição que eu já experimentara... ao lado de outro homem!

— *Traz o Edwin para casa...*

Fixei os olhos na Lágrima do Sol. Como apagar esta vontade que me queimava por dentro? Desejava ver o meu primo com tanta veemência que os meus sentidos agonizavam! Arriscar a vida... Buscar estupidamente a morte, era aquilo a que me propunha! A minha mãe avisara-me. "O Que Tudo Vê" admoestara-me. A Pedra do Tempo confirmara a perversão... E, ainda assim, eu insistia! Não era esta indefinição uma morte lenta e angustiante? Eu precisava de

Edwin! Mais do que de comer ou de beber! Mais do que de respirar!
Eu tinha que salvá-lo!

Da decisão à ação foi um piscar de olhos. De repente, a magia fluiu através da minha essência como a mais vigorosa das cascatas. Ouvi-me gritar... mas o som soou-me estranho, selvagem. Acolhi a razão e deparei com uma praia de pedras negras, repleta de pedaços de madeira partida; os destroços de um majestoso navio de carga, desviado da sua rota pelo sortilégio de um mestre da Arte Obscura. O céu do fim da tarde estava rubro e o ar ainda guardava os vestígios da tormenta que assolara a ilha. As ondas recuavam, deixando para trás formas humanas inertes... deliciosas fontes de energia!

A necessidade de vida ardia em mim como um incêndio descontrolado. Lancei-me em frente com uma voracidade letal. Um homem rastejava para fora de água, cuspiendo areia e sal, lutando para respirar. Agarrou-se aos braços poderosos que o resgatavam do mar, com o alívio estampado no rosto... alívio que se converteu em terror quando a fera o prostrou.

A noite tingiu-se de vermelho, enquanto a vida jorrava dos lábios escancarados do naufrago, num grito que se afundava na minha garganta, e se misturava com a minha essência, saciando-me a sede. Que sensação gloriosa! Eu estava embriagada de poder! O mundo vergava-se aos meus pés... As estrelas encontravam-se ao alcance das mãos... E eu queria mais!

Não... Não!!!

Estrebuchei, prisioneira da mente de Edwin, rejeitando esta realidade abominável. Apanhado desprevenido pelo fluxo da minha consciência, ele empurrou o cadáver para longe, enquanto aquela vida que suplicara a sua ajuda lhe latejava no sangue, lhe elevava os sentidos. A curta distância, o Guardiã da Lágrima da Lua alimentava-se da mesma forma grotesca, distraído das emoções que assolavam o seu aprendiz.

Edwin deixou-se cair para trás; os músculos tensos, os dedos enterrados nas pedras da praia, a respiração suspensa, os dentes cerrados, os olhos escancarados ao agonizante céu... Ele necessitava de se libertar de mim... e eu dele! Nunca as nossas energias se

havam incompatibilizado tão violentamente. A rejeição, o asco que me revolvia, eliminava os últimos vestígios do êxtase que, por instantes, o sublimara. Era doloroso... era insuportável!

Forcei-me a recuar, dilacerada por um horror que não conhecia limites... E despertei no pequeno quarto que partilhava com Freya, na Ilha dos Penhascos, sentada no chão, afogada em lágrimas, com o cristal do Sol pressionado contra o peito. Na cama, a minha irmã resmungava e voltava-se para o outro lado, profundamente adormecida.

Não consegui mover-me. Sentia-me gelada de medo, prostrada pela negação. Os meus maiores temores tinham-se concretizado. A Arte Obscura devorara a alma de Edwin... Eu confiara nele... Acreditara na sua resistência... Mas fora em vão!

O corpo de Amora tremia, quando me abraçou na despedida. Na sua mente, tal como na minha, estava a certeza de que tudo seria diferente quando nos tornássemos a ver.

— A sobrevivência do meu povo depende de ti — murmurou gravemente.

— Terás o que pretendes — respondi. E subi para a canoa, evitando o olhar de Trygve.

Tínhamos ponderado contar-lhe a intenção da Sacerdotisa, mas acabáramos por recuar. Trygve tinha fé nas suas adivinhações e concordaria que esta era a única forma de salvar o seu povo... Todavia, a espera, a ansiedade e o temor acabariam por deixá-lo doente. Após a Festa da Renovação, ele lutaria ao lado da sua soberana, mas, até lá, desfrutaria do conforto da ignorância.

A canoa deslizou agilmente através das águas serenas. Tal como eu, Trygve tinha os olhos postos na praia, enquanto o barqueiro remava ao encontro do tenebroso labirinto de grutas. Surpreendi o olhar de Freya voltado para os penhascos, na direção da aldeia dos druidas. Pobre irmãzinha! O que esperava, afinal? Provavelmente, o seu salvador já nem se recordava da rapariga que tão abruptamente o havia desviado da monotonia da sua existência...

Subitamente, o rosto de Freya iluminou-se. Não disse uma palavra, mas o seu sorriso forçou-me a um segundo olhar. Sustendo-se ousadamente sobre as perigosas rochas, encontrava-se um homem de vestes cinzentas e cabelos escuros, com reflexos de cobre, que se agitavam ao vento como uma bandeira. Senti o coração acelerar. Seria coincidência? Ou o aprendiz de druida viera realmente despedir-se da minha irmã?

A obscuridade envolveu-nos e os corredores de pedras pontiagudas cercaram-nos. O archote da proa iluminou os olhos esquivos e ameaçadores dos *Sentinelas*. Audazes, aproximaram-se o suficiente para que as escamas dos seus corpos luzissem, e as línguas bifurcadas se revelassem, por entre os dentes aguçados, silvando em desafio. Não teríamos salvação, se os ferozes animais decidissem arremeter contra a canoa.

— Acalma-te, Edwina — apelou Trygve, ante a minha inquietação.
— Estais seguras ao meu lado.

Eu desejava acreditar que isso era verdade! Fixei Freya, e pasmei ao verificá-la tranqüila. O sorriso com que brindara a aparição do seu salvador ainda lhe enfeitava os lábios. Fui percorrida por um calafrio, que antecedeu o pressentimento de novos ventos de tormenta, anunciados pelo esplendor de uma bandeira acobreada.

CAPÍTULO 16

As notícias do País dos Vikings chegavam-nos espaçadas no tempo, à medida que os dias aqueciam e permitiam as rotas marítimas de comércio. A chegada do tio Edwin ao Norte coincidira com o início das já esperadas hostilidades de Arnorr e dos seus mercenários. Após um Inverno rigoroso, os assassinos que combatiam sob as ordens do primo do meu pai ambicionavam deitar as garras ao pão das nossas famílias, satisfazer a sua crueldade com o sangue dos nossos homens e a luxúria com a carne das nossas mulheres. Sem hesitação, o meu tio desembainhara a espada e unira-se ao exército viking.

Os viajantes descreviam Lorde Edwin McGraw como um deus da guerra, que saltava para os braços da morte sem sombra de temor. Sempre que as proezas do irmão eram reafirmadas, a minha mãe murmurava uma prece protetora. Parecia óbvio que ele buscava com ansiedade a lâmina capaz de pôr fim à sua vida. E, até que o braço digno de empunhá-la o surpreendesse, o meu tio continuaria a arrasar sem piedade as hostes inimigas.

As façanhas do príncipe Ivarr também mereciam destaque. Ele e os seus lobos tinham dispersado um bando de mercenários dez vezes superior em número. A mesa do *jarl*, choviam elogios à guerreira da casa. A habilidade de Thora para se movimentar acima do solo, na proteção das árvores, confundia os inimigos, e a sua destreza no uso do arco já determinara muitas vitórias.

No que se referia a Magnor, as notícias eram desconcertantes. Na estação fria, o príncipe rebelde ganhara o respeito dos companheiros, ao salvá-los do abraço mortal de um rio traiçoeiro, durante a travessia. Este ato heróico valera-lhe uma promoção. Agora, Magnor era um dos líderes encarregados de assegurar que os Vândalos não se aventuravam para além dos limites da Floresta Sombria. O rei Steinarr acedera a deixá-lo explorar a terra de ninguém que estabelecia a divisão entre os domínios da rainha Lyria

e o território da rainha Aesa. Os Pântanos Nebulosos encontravam-se repletos de armadilhas e assombrados por lendas de arrepiar. Dizia-se que quem pisava a sua lama respirava o seu ar pútrido e se deixava envolver na sua bruma não mais regressava. Estava para além da minha compreensão as razões por que Magnor, um jovem requintado e ambicioso, se propusera a tão árduo trabalho.

Freya não se deixava impressionar pelas descrições de bravura do príncipe. O pesadelo que lhe abrisse os olhos para a má índole do seu prometido ainda a atormentava. Além disso, encontrara outros motivos de interesse. Por várias vezes, surpreendia a interrogar o tio Berchan acerca do modo de vida dos homens sábios. Apesar de não ter voltado a falar acerca do aprendiz do Mestre Druida, era óbvio que não o esquecera. Freya já se imaginava a viver na Ilha dos Penhascos, ao lado do seu salvador, dedicando a sua existência ao estudo da arte curativa. Eu só esperava que ela não estivesse prestes a sofrer mais uma desilusão.

O Verão foi-se aproximando, assim como a data marcada para o casamento de Aled e Melody. Temi que os conflitos no Norte impedissem os meus primos e o tio Edwin de comparecerem à cerimônia, o que deixaria os noivos muito decepcionados. Porém, dois dias antes da nossa partida para a Grande Ilha, o majestoso *Knarr* do rei viking atracou no porto, trazendo Steinarr, Edwin McGraw, Thora e Bryan.

A minha busca ansiosa por Ivarr entre os guerreiros foi malograda. Mais tarde, quando o rei apresentou os seus cumprimentos ao *jarl*, explicou que entregara o destino do reino ao primogênito, durante a sua ausência. Para Ivarr tal era uma grande honra e uma responsabilidade ainda maior. Eric, Ketill e Ragnar tinham permanecido ao seu lado. Eric solicitara que o seu carinho fosse transmitido a Aled, pois não pudera deixar o seu senhor num momento tão crítico. Quanto a Magnor, não possuía afinidade com os noivos, por isso a sua ausência não seria notada. Freya até ficou aliviada por não ter de encará-lo. Já lhe bastava enfrentar o soberano viking!

O meu pai passou muito tempo reunido com Steinarr, longe dos olhos e ouvidos da casa e da comunidade. Mais tarde, soube que o

rei expressara a sua gratidão pela forma honrosa como o *jarl* celebrara os rituais fúnebres da sua irmã preferida. O desaparecimento tão prematuro da tia Geimy ainda feria os nossos corações e, por vezes, a saudade forçava-nos a suster o fôlego.

Outro assunto delicado, que tivera de ficar esclarecido, fora o término do compromisso de Freya e Magnor. Steinarr começara por indignar-se, mas o meu pai sabia usar as palavras e acabara por convencê-lo de que, sem amor, o casamento estaria condenado ao fracasso. No fim, o que importava era a felicidade dos dois jovens. Magnor não teria dificuldade em encontrar outra noiva que lhe despertasse o interesse... Quem sabe, uma princesa de um reino vizinho, o que colocaria maior peso político nas mãos do rei viking?

O meu pai entregou a administração da Ilha dos Sonhos ao tio Bjorn e a nossa família fez-se ao mar, rumo à Grande Ilha. Freya e Svana mal dormiam, agitadas pelo entusiasmo. Sempre que tinha oportunidade, a minha prima aproximava-se de Bryan, mas o guerreiro-lobo estava mais interessado em cuidar do treino de Thora. Ergueu um alvo de madeira no convés, que serviu para praticar o arremesso de punhais. Ainda tentei a minha sorte, sem recorrer à Arte, mas acabei por desistir, depois de quase ter cortado uma orelha ao primo Krum. Era melhor limitar-me a fazer aquilo que realmente sabia!

Enquanto observávamos Thora e Bryan a acertarem no alvo com uma precisão letal, Svana desabafou a sua frustração. Bryan agia como se ela fosse invisível! Quinn era incomparavelmente mais carinhoso e compreensivo! Talvez tivesse escolhido o irmão errado... Será que ainda ia a tempo de recuperar o seu afeto? Freya opinava que sim. A princesa do império devia ser uma franga enfezada e enfadonha, cheia de melindres, incapaz de competir com a beleza e a simpatia de Svana!

Por que tinha o amor de ser tão complicado? Por vezes, pairava diante do nosso nariz, mas só nos apercebíamos da sua existência quando o perdíamos. Noutras, estava tão longe do nosso alcance que era necessário consumir lágrimas, suor e sangue na sua conquista. E, em algumas circunstâncias, não havia lágrimas, suor e sangue suficientes... Não! Este não era um bom pensamento!

Concentrei-me no treino de Thora... A minha irmã já estava a vencer Bryan! Quem ainda se atrevia a duvidar que ela nascera para ser guerreira, ou era tolo, ou cego!

A Enseada da Fortaleza transformara-se num dos portos mais prósperos da Grande Ilha. Sofrera um desenvolvimento tão súbito e extraordinário, que, segundo a minha mãe, só o forte onde o tio Stefan morava se mantinha inalterado. Não foi fácil imaginar o passado da terra — uma vasta planície verdejante, salpicada por modestas casas de madeira pertencentes a pacatos pescadores — por entre o burburinho das carroças, a confusão da multidão que se atropelava na sua marcha apressada, e os gritos das vendedeiras, que apregoavam os seus produtos.

O tio Stefan veio receber-nos e fez-se acompanhar por uma escolta. Muitos comerciantes tentaram alcançar-nos e impingir-nos adornos, tecidos e caixas contendo as coisas mais estranhas, mas foram afastados pelos guardas. Uma jovem andrajosa, ostentando uma gravidez avançada, estendia a mão e suplicava tão aflitivamente que me comoveu. Antes que o guarda pudesse detê-la, a minha mãe retirou dos cabelos o gancho que lhe prendia os caracóis negros e entregou-lho. A jovem prostrou-se de joelhos, chorando agradecida. A jóia fora um presente do *jarl* e era bastante valiosa. Se ela a vendesse a um comerciante honesto, compraria mantimentos para se sustentar durante várias semanas.

— Não devias ter feito isso, Cat! — advertiu o tio Stefan com brandura. — A palavra vai espalhar-se e logo terás todos os mendigos da cidade a bater-te à porta.

— Se as pessoas não tivessem fome, não mendigariam — volveu a irmã ríspida. — Tu és o senhor desta gente, Stefan! Como é que podes permitir que uma rapariga pouco mais velha do que a Melody viva na rua, com um filho no ventre, esmolando um naco de pão?

O tio Stefan suspirou, replicando num tom desalentado:

— Olha à tua volta, Cat! Os tempos mudaram! Este desenvolvimento notável teve o seu preço! Muitas pessoas acorreram à Enseada da Fortaleza, vindas dos cantos mais remotos do Império, buscando uma nova vida. De início tudo correu bem, pois havia trabalho suficiente para todos. Porém, com o passar do

tempo, as oportunidades foram escasseando. A guerra também não está a ajudar... O comércio com o Norte está praticamente parado e as famílias guardam a pouca prata que possuem, antevendo o pior.

A minha mãe mordeu o lábio e não respondeu. Talvez pensasse que, se o senhor da terra fosse o tio Edwin, não existiriam pedintes nas ruas. Contudo, essa interpretação também não era pacífica! Quem conhecia Edwin McGraw sabia que, aquele que se recusasse a obedecer-lhe, e dedicasse o seu tempo a mandriar, não teria um final feliz.

— Eu não gostava de viver aqui! — murmurou Freya, acariciando a sua pedra mágica. — Esta confusão aflige-me!

— E onde queres tu viver, mana? — Provoquei carinhosamente, tentando distraí-la. — Numa ilha misteriosa, na harmonia de uma aldeia druida... nos braços de um aprendiz de sábio?

Freya corou violentamente e mudou de assunto:

— Como será que está a Estrid? A morte da tia Geimy deve tê-la deixado destroçada!

Destroçada? A desalmada Estrid provavelmente sacudira os ombros ao tomar conhecimento da tragédia. De quem teria herdado tão colossal egoísmo e ambição? Do nosso avô Garrick McGraw, afirmara certa vez a minha mãe, num amargo desabafo.

Deixamos os caminhos poeirentos do porto e começamos a subir a estrada de pedra que conduzia ao forte. O estandarte dos McGraw ondulava orgulhosamente ao sabor do vento, a par da bandeira do Império. Os guerreiros que guardavam o sólido portão de madeira afastaram as armas e saudaram o seu senhor e os convidados. Mesmo da entrada, pude constatar que não éramos as únicas visitas. Por todo o lado, soldados vestidos com as cores do rei do Império misturavam-se com os nossos homens. Foi como entrar em outro mundo.

Melody estava simplesmente radiosa. A proximidade da sua união com Aled fazia-a levitar. A tia Enya já partira, rumo à Casa Grande da Floresta Sagrada, a fim de ultimar os pormenores para o casamento, que seria celebrado por um padre cristão, a pedido da noiva.

Num piscar de olhos, apreendi que a nova religião se entranhara nas vidas daqueles que me rodeavam. Até Quinn ostentava urna cruz sobre o peito! A razão da sua recente conversão era óbvia. Para onde quer que ele fosse, Isobelle, a filha mais nova do rei do Império, seguia-o como uma sombra.

Nada impressionada, até bastante crispada, a minha mãe foi apresentada à comitiva que o rei do Império enviara para representá-lo no casamento do primogênito dos herdeiros da família McGraw. A encabeçá-la estava o seu sucessor em pessoa, o príncipe John, que cumprimentou a esposa do *jarl* da Ilha dos Sonhos com um entusiasmo fulgurante:

— Finalmente tenho oportunidade de conhecê-la, senhora! As descrições que já ouvi da sua incomparável beleza não lhe fazem justiça!

— A lisonja é escusada, jovem! — replicou a minha mãe, com uma severidade depreciativa.

— De todo! — contrapôs ele, sorrindo zombeteiro. — A história não mente! A sua formosura foi responsável pelas recentes mudanças que a nossa sociedade sofreu. Se os seus magníficos olhos verdes não tivessem seduzido um chefe bárba... viking, hoje seríamos parentes!

Felizmente, Steinarr e o meu pai tinham-se afastado. Ainda assim, temi que a minha mãe perdesse a cabeça e esbofeteasse o futuro rei do Império. Ele estava a desafiá-la com um descaramento grosseiro! Tal tornou-se inquestionável, quando insistiu:

— Certamente reconhecerá no meu rosto os traços do meu distinto e saudoso primo Oliver, Conde de Goldheart, de quem se encontrava noiva antes de ser brutalmente arrancada do seio da sua família. Garantem-me que a nossa semelhança é impressionante!

— Deveras impressionante! — quase cuspiu a senhora da Ilha dos Sonhos. — No entanto, é lamentável que essa história tenha chegado ao seu conhecimento de forma distorcida e dolosa.

— Se assim é — revidou ele, sem hesitação —, guardo a esperança de que, nos próximos dias, possa dedicar algum do seu precioso tempo a clarificar as minhas enleadas idéias.

Providencialmente, o meu pai regressou antes que a esposa deixasse escapar o agravo que lhe martelava os dentes. De imediato, o garboso príncipe se apressou a buscar outra companhia.

Mais tarde, quando nos reunimos no salão, após uma breve passagem pelos quartos para nos refrescarmos, Isabelle dirigiu-se respeitosamente à minha mãe, com uma firmeza admirável:

— Suplico-lhe que releve a indelicadeza do meu irmão, Senhora Catelyn! Ele é um imbecil que se julga dono da razão. Deus permita que o meu pai viva por muitos e bons anos, pois, quando fechar os olhos, John arruinará os seus feitos. — Fez uma pausa para respirar fundo, colocando as mãos sobre o peito. — Eu sou uma defensora da paz... como a senhora! Restame esperar que a maturidade ilumine o espírito do meu irmão, para o bem do nosso povo.

A princesa era da idade de Freya, mas mais baixa e franzina. O seu aspecto infantil tornava o seu discurso impressionante. O rosto simples denunciava uma inteligência notável e os seus modos suaves eram de uma simplicidade refrescante. Contrariando Svana, tive de admitir que era impossível não simpatizar com ela.

— Estou a ver que maturidade é o que não te falta, Isabelle! — declarou a minha mãe, sorrindo rendida.

A jovem correspondeu com um gesto de agradecimento.

— Ser a última filha, de entre uma descendência numerosa, permitiu-me crescer em relativa liberdade, senhora. Observei e aprendi mais sobre o mundo que me rodeia do que as minhas irmãs, que cedo foram destinadas a fazer bons casamentos para servir a coroa.

— E que destino é que o teu pai te reservou, Isabelle? — indagou a minha mãe, curiosa.

A rapariga não disfarçou um sorriso, respondendo candidamente:

— O rei acha que sou demasiado inteligente para me casar. Na sua opinião, nenhum nobre no seu perfeito juízo aceitará desposar uma mulher que interfira constantemente nos seus assuntos. E também não me é permitida a união com um plebeu! Logo, o meu destino mais provável era um convento...

— Era? — atalhou a minha mãe, divertida ante o rubor da princesa. — O rei mudou de idéias?

A jovem hesitou, antes de balbuciar com o olhar preso no chão:

— Talvez exista um nobre... que não se importe de escutar as minhas opiniões, e não se aborreça com as minhas perguntas.

Nós sabíamos a quem ela se referia! Svana estava corada de fúria e fixou a minha mãe com ressentimento, ao ouvi-la declarar:

— És uma boa menina, Isobelle, e serás uma excelente mulher, se mantiveres o espírito aberto e não te deixares contagiar pelo ódio que empesta o mundo. Não guardarei rancor ao teu povo, por causa da insolência do teu irmão, se é isso que temes. Vem, senta-te aqui conosco e fala-nos um pouco mais acerca de ti e da tua terra... Já deves saber que não morro de amores pelo Império! Mas, depois de te escutar, talvez mude de idéias.

Estrid só se dignou a aparecer a meio da tarde, trajando um vestido cor-de-rosa garrido, enfeitado com um enorme laço branco. Sobre a pele alva do seu peito, revelada pelo decote generoso, cintilava um colar de pedras brilhantes, que arrancou exclamações de admiração aos presentes e a curiosidade profissional da tia Ingrior. Se derramara uma lágrima pela mãe, esta secara há muito. Espalhafatosa como sempre, gargalhava alto quando o príncipe John gracejava, e tudo fazia para desfrutar da sua atenção. Pobre pateta! A sua futilidade raiava o ridículo!

Darrin mal dirigiu a palavra à irmã. Profundamente abalado pela morte da mãe, ressentia-se da insensibilidade da sua gêmea e preferia manter-se ao nosso lado, escutando como o rei do Império requisitara os serviços de Quinn, ao verificar os seus conhecimentos sobre as estrelas, as marés, o crescimento das plantas e o desenvolvimento dos animais. Orgulhoso, o tio Stefan declarou que o soberano já mal dava um passo sem recolher o parecer do filho, e que, em breve, ele tornar-se-ia um dos mais prestigiados conselheiros reais. O príncipe John não o contradisse.

A cumplicidade de Quinn e Isobelle tornou-se evidente durante o jantar. O receio de que a princesa se estivesse a aproveitar do seu entusiasmo para escapar à clausura do convento dissipou-se, ao ver o carinho com que lhe procurava a mão e resplandecia debaixo do seu olhar. As limitações físicas de Quinn, ainda bastante perceptíveis,

não a incomodavam... Porém, o sobrolho franzido do príncipe John não era de bom agouro.

Resolvemos deitar-nos cedo, pois, no dia seguinte, teríamos de empreender a dura viagem até à Casa Grande, atravessando os sinuosos caminhos da Floresta Sagrada. Eu estava ansiosa por rever Aled e verificar as alterações a que ele sujeitara a casa dos nossos avós. Apesar de não a visitar há muito, ainda guardava a recordação dos seus belíssimos jardins, onde, em criança, dançara por entre as flores. Depois, à medida que as minhas habilidades se haviam desenvolvido, a quinta deixara de ser apelativa. Cada recanto falava-me de sangue, traição e morte. Nunca me atrevera a afirmar que a propriedade do avô McGraw estava amaldiçoada, mas sabia que a minha mãe possuía essa convicção.

A Floresta Sagrada abria-se diante de nós; uma cortina de mistérios tenebrosos e perigos ilimitados. A viagem alongava-se devido ao andamento das carroças, que transportavam as senhoras e as donzelas, assim como os seus haveres e as criadas.

O tio Stefan seguia adiante com o tio Edwin, o meu pai e o rei Steinarr. Logo atrás, Thora e Bryan destacavam-se dos outros guerreiros, devido à energia mística que os rodeava. A minha mãe, que insistira em montar a cavalo, parecia cada vez mais apreensiva, ante a proximidade do casamento dos sobrinhos, como se a aura da Grande Ilha tivesse reavivado os seus temores. Ao seu lado, o tio Berchan mostrava-se tenso, e a presença do herdeiro do Império e da sua guarda mantinha-o em alerta. Na carroça onde eu seguia, Quinn e Isobelle conversavam animadamente, pouco incomodados pelos pequenos atrasos que desesperavam Melody. A sua proximidade exasperava Svana, que não parava de resmungar. Freya desistiu de tentar alegrá-la e aninhou-se contra o meu peito. Eu só desejava chegar ao acampamento onde passaríamos a noite, e escapar à jactância do príncipe John, que forçava o seu garanhão a seguir ao nosso lado, alimentando as fantasias enfadonhas de Estrid.

A luz esmorecia, ao alcançarmos o local onde o tio Quinn fora assassinado pelos servos de Gwendalin. O Conde de Goldheart não participara nessa perfídia, por isso os seus parentes não se sentiram consternados quando os McGraw se detiveram para homenagear o

irmão. Inclusive, o príncipe John desmontou e prestou as condolências à família, com aparente sinceridade.

Era noite fechada quando chegamos ao acampamento que o tio Stefan mandara preparar antecipadamente. Ao longo dos anos, a solitária cabana já servira de abrigo a caçadores, soldados e viajantes. Tinha muitas histórias para contar... nem todas boas! As donzelas suspiraram de alívio, rendidas ao cansaço. No churrasco rodopiava a carcaça de um magnífico veado. Depois de nos instalarmos, a sua carne foi cortada e distribuída. Homens e mulheres separaram-se em grupos. Do nosso lado, improvisaram-se jogos e cantorias. Eu não estava com vontade de brincar e, assim que pude, recolhi-me na cabana. No caminho, o meu olhar cruzou-se com o de John e ele esboçou um sorriso escarninho, forçando uma vênia.

Deitei-me junto dos pequeninos, que já ressonavam por entre as mantas espalhadas pelo chão, e tapei a cabeça como se isso me protegesse do barulho da rua. Quase gritei sobressaltada, quando uma mão me sacudiu. Os meus olhos arregalaram-se de espanto ao deparar com Estrid.

— Preciso da tua ajuda, Edwina! — apelou. — O meu futuro depende de ti!

Franzi o sobrolho, alarmada. Em que sarilhos é que esta irresponsável se metera?

— Decerto já reparaste no meu interesse pelo príncipe John — continuou prontamente. — Ele ainda não escolheu uma noiva... E eu sinto que gosta de mim! Quero que lhe lances um feitiço, para que seja eu a sua eleita!

Fiquei sem palavras. Estrid era completamente maluca! Como era possível que ponderasse passar o resto da vida ao lado daquele homem intragável? De novo, o apelo da riqueza sobrepunha-se à mais básica razão! Reuni o que restava da minha paciência e repliquei:

— Se o príncipe gosta de ti, não necessitas de sortilégios para conquistá-lo!

— Não posso arriscar-me! — revidou, com uma audácia de pasmar. — Tenho de ser eu a cuidar do meu futuro, já que o meu

pai é um homem que não se interessa pelo seu legado, nem se importa com o destino dos filhos.

— Não fales assim! — protestei, indignada.

— Estou a dizer alguma mentira? Se o meu pai fosse um homem a sério, jamais teria permitido que o tio Stefan usurpasse o seu lugar na administração da Grande Ilha. Agora, Lorde Edwin seria o favorito do rei e eu não teria de mendigar o que me pertence por direito! Se me descuido, ainda vejo a idiota da Gwenneth tornar-se rainha do Império.

Teria Estrid sido trocada no berço? Esta criatura não podia ser filha de Edwin e Geimy... irmã gêmea de Darrin! Se eu continuasse a ouvir os seus vitupérios, acabaria por lhe arrancar a língua! O melhor era despachá-la, com a convicção de que obtivera o que pretendia.

— Vou ver o que posso fazer — respondi, mordendo a fúria. — Agora, deixa-me dormir!

— Não te irás arrepender, Edwina! — exclamou ela com ardor. — Quando me tornar rainha, hei de recompensar-te para além das tuas expectativas!

Saiu rapidamente, em busca do seu príncipe. Eu voltei a deitar-me, tão irritada que nem conseguia fechar os olhos. Bem que Estrid merecia um marido como John, para aprender o real valor da vida! Se lhe desse o que ela almejava, estaria a fazer um favor à humanidade, pois juntaria dois entes perversos, e evitaria a desgraça dos supostos inocentes que, eventualmente, eles acabariam por desposar! Recordei a tia Geimy e sentime culpada pelos meus pensamentos. Que Estrid acreditasse que contava com o meu apoio, se isso bastava para que não me importunasse! Todavia, não contribuiria para a sua infelicidade!

Rever Aled emocionou-me. O contentamento do meu primo era contagioso. Fez questão de guiar a família na visita à Casa Grande, salientando os pormenores de restauro e decoração, que executara com um preceito apaixonado. Tudo fora cuidado ao mínimo detalhe, e os mais velhos elogiaram unanimemente o seu esforço.

Mais tarde, passei com a minha mãe pelo jardim e tentei contrariar os seus pressentimentos nefastos. O que podia ameaçar a

felicidade de Aled e Melody? A Grande Ilha vivia em paz e desfrutava da proteção do Império e do povo viking. O meu primo não era um guerreiro, por isso a sua vida não corria perigo. Melody era uma jovem forte, com saúde para criar uma dezena de filhos. Além disso, estaríamos atentas e, ao menor sinal de perigo, acudiríamos em seu auxílio. A minha mãe admitiu que eu tinha razão. No entanto, apesar de tentar disfarçar, era evidente que a inquietação não a abandonava.

Ao cair da noite dirigi-me ao cemitério da família. Após certificar-me de que me encontrava sozinha, revelei a Lágrima do Sol e libertei a sua magia. A reconfortante certeza de que os espíritos descansavam em paz foi contrariada por uma estranha sensação de vazio, que me apertou o coração. Alguma coisa afetara o equilíbrio deste lugar sagrado! O que poderia ter sido?

Ajoelhei-me e enterrei os dedos na terra. Num piscar de olhos, o meu sangue aqueceu e a energia fluiu-me dos dedos, espalhando-se em todas as direções, perscrutando a noite em busca de respostas. Quando regressou, trazia uma miríade de informações... mas nenhuma que se pudesse relacionar com o desconforto que me perturbava. Talvez eu estivesse enganada! Talvez... Ou a verdade fora habilmente dissimulada!

O tempo passou-se a correr, e a manhã que antecedia a tão esperada união nasceu resplandecente de Sol. Tanto a casa como o jardim se enchiam de risos, e todas as mãos eram poucas para decorar o altar com as mais belas flores da Primavera, ou ajudar na cozinha, onde a azáfama se confundia com loucura. Aled e Melody namoravam-se à distância, sonhando com o dia seguinte. As senhoras da família acompanhavam cada passo da noiva, para que nada lhe faltasse e os pequenos pormenores ficassem a seu gosto.

A tia Enya recebia os convidados que não paravam de chegar. Os lordes e as esposas demonstravam interesse em conhecer-me, e solicitavam constantemente a minha atenção. Ser filha do *jarl* Throst, e a anunciada rainha do povo viking, atraía a curiosidade e revelava-se desastroso para o meu equilíbrio espiritual. Ouvir os pequenos grupos que se espalhavam pela casa a pairar acerca da vida alheia, e a opinar sobre tudo o que não lhes dizia respeito,

forçou-me a procurar a quietude do bosque, na tentativa de recuperar a tranqüilidade.

O ribeiro que alimentava o Lago Encantado proporcionava o ambiente ideal para meditar. Guardando com orgulho a margem sinuosa, a Pedra dos Sábios continuava a ser um altar mágico, apesar de já ter sido conspurcada pelos servos do mal. Sentei-me sobre ela, com as pernas cruzadas e os braços estendidos aos raios de Sol. As recordações deste lugar caíam sobre mim como gotas de orvalho. Fechava os olhos e via claramente Edwina McGraw e os seus filhos, nadando com satisfação e alegrando a floresta com as suas gargalhadas. Como tinham sido felizes, antes da sombra funesta dos mestres da Arte Obscura lhes ter destruído as vidas!

Uma oscilação brusca na harmonia que me rodeava provocou-me um calafrio. Abri os olhos e saltei para o chão, a tempo de surpreender o intruso que surgia de entre as árvores, silencioso como a morte. O príncipe John sorriu levemente e aproximou-se sem delonga.

— Menina Edwina... Que alegria encontrá-la aqui!

— Lamento decepcioná-lo — retorqui desagradada —, mas já estou de partida!

O seu sorriso alargou-se, ao desdenhar:

— Vejo que o seu espírito nada fica a dever ao da senhora sua mãe!

— A sua inteligência é de louvar, alteza! — volvi no mesmo tom.

— Agradeço o elogio! — ironizou, deliciado com o duelo de palavras. — Infelizmente, não posso retribuir a gentileza, pois não a conheço o suficiente para alvitrar!

Estacou diante de mim, tão perto que a sua respiração me queimou o rosto. Seria prudente recuar, mas deixá-lo-ia convicto de que a proximidade me intimidava. Além disso, a Pedra dos Sábios não me permitiria afastar o suficiente para lhe escapar, por isso mantive-me ativa, tentando provar-lhe que a sua soberba me era indiferente, apesar da vontade veemente de empurrá-lo.

— Antes assim! — respondi com uma mordacidade pungente. — A minha companhia depressa o enfadaria! Agora, por favor, não se incomode por minha causa! Continue o seu passeio...

— Eu não estava a passear.

— Ai, não?

— Devo confessar-lhe que este encontro não foi acidental. Eu segui-a até aqui e diverti-me a observá-la.

O homem era louco! Pois, se queria guerra, iria tê-la! Enfrentei os olhos cinzentos, cortantes como lâminas, sem réstia de paciência:

— Os seus gracejos deixam muito a desejar! Todavia, ele continuou, ignorando-me:

— Um passarinho contou-me que a Edwina desfruta de certas e determinadas... Como dizê-lo...? Habilidades! Eu esperava vê-la em ação! É verdade que possui uma genuína lágrima de dragão e que é dela que extrai o poder para as suas... magias?

Maldita Estrid! Como se atrevera a denunciar um segredo de família a um desconhecido? Principalmente, quando este era o herdeiro de um Império que se orgulhava de queimar na praça pública qualquer pessoa que se suspeitasse fruir do mais ínfimo conhecimento da Arte? Mas John enganava-se, se julgava que ia desconcertar-me!

— Não sei do que está a falar! — volvi. — Quem lhe disse isso deve ter as idéias perturbadas!

— Espero que sim! — revidou ele, sem se desviar um palmo. — Seria uma pena ver uma jovem tão bonita a arder numa fogueira!

— Está a ameaçar-me?

— De maneira nenhuma! Eu só ameaço as bruxas... E, visto que já esclarecemos que a Edwina não é uma dessas criaturas malditas, que transformam os homens de Deus em seres dementes, nada tem a recear! Além disso, seria incorreto afrontar a filha de um aliado! Para quê provocar uma guerra com os bárbaros, se podemos conquistá-los sem gastar recursos, confiando unicamente na palavra do Senhor?

Isto era o cúmulo! Este homem afrontava-me, escarnecia abertamente do acordo de paz firmado pelos nossos soberanos e desconsiderava o meu povo!

— Eu não sou obrigada a escutar os seus despautérios! Saia imediatamente da minha frente, ou farei com que se arrependa...

— O arrependimento é um conceito que desconheço — atalhou, minaz. — Infelizmente, estou condicionado pelo dever. Se o meu pai não tivesse assinado aquele maldito Tratado, esta seria a caçada mais estimulante da minha vida... — Fez tenção de acariciar um dos cachos do meu cabelo. — Talvez, um dia, tenhamos oportunidade de medir forças, Guardiã da Lágrima do Sol!

— Não se atreva a tocar-me! — Enfrentei-o com um ímpeto que o deteve. O seu sorriso rasgou-se ao provocar, sem no entanto forçar o contato:

— Tamanha agressividade não é digna de uma senhora! Todavia, o que mais se pode esperar de uma feiticeira de sangue bárbaro?

A sua irritante proximidade revelava-se, afinal, uma vantagem! Só tive de erguer um joelho com toda a força, para me certificar de que existia vida entre as suas pernas. A técnica de Thora era infalível e revelava-se preciosíssima, neste momento em que apelar à Arte estava fora de questão. O herdeiro do Império perdeu o fôlego e a pose, totalmente desprevenido. Os seus olhos retorceram-se para o interior do nariz e as suas faces tornaram-se escarlates. Empurrei-o e ele caiu como um espantalho derrubado pelo vento. Não esperei para contabilizar os seus gemidos e pragas. Corri de regresso a casa, atenta a um ataque traiçoeiro, socorrendo-me da magia para ocultar os trilhos por onde me movia. O energúmeno ficou para trás, remoendo a humilhação, mas a guerra fora declarada!

Tinha de contar este incidente à minha mãe, sem demora, para nossa proteção. Ela ajudar-me-ia a decidir se devia cortar Estrid às postas... ou simplesmente torcer-lhe o pescoço! A minha prima não se declarara apenas fútil e estulta, mas também indigna de confiança! Restava-me questionar se John era realmente perigoso, ou apenas um grosseiro gabarola. De qualquer forma, não pretendia quedar-me perto dele o suficiente para me arriscar a descobrir a verdade.

No jantar dessa noite falou-se de estratégias militares e de guerra; temas pouco adequados à ocasião festiva. Incomodadas, as senhoras não se coibiram de protestar. A exceção foi Thora que, satisfeita, defendia as suas opiniões com a segurança de um guerreiro experiente. O rei Steinarr incentivava-a, enquanto *o jarl*

sorria envaidecido. Até o príncipe John parecia impressionado com o seu discernimento.

Ensombrada pela inteligência da prima, Estrid tentou menosprezá-la, opinando que Thora se parecia cada vez mais com um homem, devido aos músculos que lhe modelavam o corpo. Porém, ninguém prestou atenção à sua maledicência e tudo o que conseguiu foi ser repreendida pelo pai.

Após tomar conhecimento do que se passara junto ao ribeiro, a minha mãe mantinha um olhar atento sobre John. As suas ameaças haviam sido claras e deviam ser consideradas. Afinal, o príncipe era o herdeiro de um vasto Império, detentor de uma influência impressionante e provido de um exército poderoso! Apesar disso, Catelyn decidiu não alertar *o jarl*, pelo menos por enquanto. Talvez, como Isabelle dissera, a maturidade concedesse a John maior ponderação e um juízo mais acertado. De momento, era escusado incentivar inimizades, já que todas as decisões do Império eram tomadas pelo rei. O seu primogênito pouco mais fazia do que cacarejar alto dentro da capoeira.

Após o jantar organizaram-se várias brincadeiras, nas quais todos podíamos participar. Apaixonada pelos jogos de tabuleiro, Thora conseguiu derrotar adversários mais velhos e, alegadamente, mais habilidosos. Até John, que parecia levar o jogo a sério, se rendeu à destreza da adversária e, ao contrário do que seria esperado, não se irritou quando, ao fim de muito tempo e desgaste mental, foi forçado a admitir a derrota. Por fim, quando já ninguém se atrevia a desafiá-la, Bryan sentou-se diante da prima e acabou por vencê-la, com relativa facilidade.

Enquanto Bryan festejava a vitória, Svana deixou-nos perplexos, ao saltar intempestivamente para o seu pescoço, beijando-o nos lábios.

Estonteado, ele não soube como reagir... E viu-se assimilado pelo entusiasmo da rapariga. Felizmente, os pais de ambos acharam graça ao arrebatamento de Svana e não a repreenderam. Porém, eu tinha a certeza de que ela nada ganhara ao forçar esta situação! Bryan foi delicado, recordando-se de que estava diante de uma jovem que, para além de lhe merecer todo o respeito, era irmã de

Eric, mas passou o resto da noite a evitar a sua companhia. Quanto a Quinn, que os observara com uma expressão taciturna, não teve tempo para sentir ciúmes, pois Isabelle apressou-se a absorver a sua atenção.

Já era tarde quando o Padre Esteban fez a sua aparição. Ao primeiro olhar apercebi-me de que o homem que celebraria o casamento no dia seguinte era diferente de todos aqueles que eu já vira defender a nova fé. Arrepiava-me só de partilhar a mesma sala com aquela figura alta e esguia como uma tábua, de olhar negro e perfurante, rosto cadavérico e crânio rapado. O tio Stefan confidenciou-nos que fora ele quem educara o príncipe do Império, e que a sua anuência em casar Aled e Melody devia ser considerada uma honra, pois tratava-se do mais influente conselheiro do rei, a quem se atribuía a concretização de assombrosos milagres, em nome do Senhor.

Milagres... Pois sim! Uma troca de olhares com Catelyn da Ilha dos Sonhos foi suficiente para confirmar as minhas suspeitas. Esteban podia vestir-se como o mais distinto padre cristão e carregar uma cruz ao pescoço, mas no seu corpo corria o sangue de um feiticeiro... talvez tão ou mais poderoso do que "O Que Tudo Vê". De repente, a caça às bruxas liderada pelo Império assumia o desígnio de uma obsessiva supressão de rivalidade.

Melody caminhou devagar sobre a passadeira vermelha, que saía da Casa Grande e atravessava o jardim, até ao altar feito de flores brancas e amarelas, que perfumavam o ar com um aroma exótico. O seu rosto corado cintilava à luz forte da manhã, enfeitado pelos cabelos cor de mel, que lhe cobriam os ombros nus com uma simplicidade encantadora. No topo da cabeça usava uma tiara de pedras brilhantes, igual ao colar que lhe ornamentava o peito; jóias de valor inestimável, que arrancaram suspiros de deslumbramento às convidadas. O vestido de renda branca imaculada concedia ao seu corpo de menina-mulher um aspecto celestial. Melody não parecia uma deusa... parecia um anjo.

Os olhos do tio Stefan cintilavam de alegria, enquanto caminhava de braço dado com a filha. Ele próprio poderia ser confundido com um rei, tal a sua distinção. As suas vestes suntuosas exibiam

orgulhosamente o verde e o vermelho, as cores da família McGraw, e, no manto que lhe adornava as costas, foram bordados com esmero os símbolos do clã.

Atrás deles, os meus primos mais novos empenhavam-se na árdua tarefa de não pisar o vestido da noiva. Estrid e Svana iam lado a lado; a vaidade de uma contrastando com a simplicidade da outra. Diante do príncipe John, Estrid empertigou-se, de tal forma que os seios quase lhe saltaram por cima do decote. Debalde, pois os olhos do herdeiro do Império estavam presos nas duas jovens que a seguiam... nas minhas irmãs... em Thora!

Contrastando com a sua gêmea risonha, de porte delicado e andar etéreo, Thora parecia uma condenada a caminho da forca. Durante as provas dos vestidos destinados às donzelas que acompanhariam a noiva, a Loba Prateada encarara o seu como um inimigo mortal. Há pouco, não fora fácil convencê-la a enfiar-se dentro do corpete bordado a amarelo, e da pesada saia rodada, e fora ainda mais difícil conseguir que saísse de casa e se revelasse ao mundo. A cicatriz no seu pescoço, que eu sabia ser a marca de posse do rei-lobo, horrorizara muitas senhoras. Por essa razão, além da noiva, Thora era a única a trazer o cabelo solto sobre os ombros, em vez de enrolado no topo da cabeça. As tatuagens mágicas que nos enfeitavam os pulsos haviam sido habilmente escondidas debaixo de adornos, para que nenhum defensor da nova fé se sentisse afrontado. Este casamento era um caldeirão que misturava culturas e crenças, e que, a todo o momento, podia ferver e entornar. A minha mãe achava melhor não desafiar a sorte.

Eu encerrava o cortejo, quase tão desconfortável como Thora. O vestido não me incomodava, mas os olhares, os sussurros e os dedos estendidos, provocavam-me comichão na pele. Todos esperavam que o meu casamento fosse o próximo a realizar-se. A minha idade e o fato de Ivarr não estar presente, suscitavam comentários maldosos, que talvez fossem evitados se as linguareiras soubessem que eu podia escutá-las. O melhor era ignorá-las... ignorar tudo, até que a cerimônia terminasse.

No altar, o meu primo Aled aguardava a noiva, trêmulo e ofegante. Os seus dedos estrangulavam fervorosamente a pedra verde que lhe

cintilava ao pescoço. Cambaleou de emoção quando o tio Stefan lhe entregou a mão de Melody. Beijou-lhe castamente os dedos, suplantado pelo encanto, e ela correspondeu com um sorriso repleto de maravilhosas esperanças. O amor expresso no seu olhar tocou o coração dos convivas e originou um silêncio comovido.

O Padre Esteban abençoou os presentes e deu início à cerimônia. As suas palavras eram de tal forma envolventes e ardorosas, que, se eu não conhecesse a história antiga, a força do meu sangue e do seu, dificilmente resistiria ao apelo de tão sólida convicção. Porém, a experiência levava-me a questionar o quanto desta sugestão era sinceridade, pureza e fé... e o quanto era magia, embuste, a sedução dos espíritos mais fracos para uma causa privada, que pouco ou nada tinha a ver com o significado da cruz que lhe ornamentava as vestes.

Os noivos fizeram os seus votos debaixo de um límpido céu azul, à sombra de um altar florido e embalados pelo canto suave dos pássaros, que os saudavam, voando ao seu redor. Tudo estava perfeito... Tão perfeito... À exceção do olhar inquieto da minha mãe, da crisão das suas mãos e da tensão do seu corpo, amparado pelos braços do meu pai, que tentava serenar a sua agitação.

Já como marido e mulher, Aled e Melody receberam as felicitações dos convidados e conduziram-nos às mesas do banquete. A uma ordem do tio Stefan, os músicos começaram a tocar melodias populares no Império, em honra de John e da sua comitiva. Surpreendi-me quando o Padre Esteban se despediu dos anfitriões e do seu pupilo, partindo com uma pequena escolta rumo à Enseada da Fortaleza, onde tomaria o barco de regresso ao Império. O Senhor chamava-o para executar outras importantes missões em Seu nome.

Durante a festa, John mostrou-se cortês, apesar de se recusar a participar no baile. O meu olhar atento apanhou-o a aproximar-se disfarçadamente de Thora, ainda que sem tentar abordá-la. As minhas irmãs não paravam de dançar, constantemente solicitadas pelos rapazes. Thora já perdera a inibição, e o seu vestido acabara por se torna um aliado. Pasmei ao constatar o quanto se divertia a deixar os jovens pelo beicinho, para depois os abandonar. Se Eric

estivesse presente, ficaria possesso! A sua beleza singular e a sua personalidade ardente tornavam-na a donzela mais requisitada, o que deixava Estrid para lá de furiosa.

Não resisti a aproximar-me de John. Detive-me atrás dele e rugi ao seu ouvido:

— Escolha outra vítima! A minha irmã Thora é comprometida e, mesmo que não fosse, eu jamais permitiria que caísse nas suas garras!

O príncipe voltou-se lentamente e encarou-me com o olhar em chamas. O seu tom tresandava a rancor quando contrapôs:

— Na minha cama só se deitam senhoras... Os meus interesses não contemplam selvagens! Esse é o gosto de Ivarr do povo viking! Segundo ouço dizer, é ao seu noivo que a menina Edwina deve recordar que a sua irmã é comprometida!

Perdi a voz. Tamanho aleive só podia ter origem na boca venenosa de Estrid! Antes que eu recuperasse do choque, John continuou:

— Ou talvez isso não a incomode! A devassidão dos vossos costumes bárbaros permite-vos compartilhar a mesma cama, não é verdade?

Eu queria esbofeteá-lo. Dilacerar aquele rosto, triturar aquele sorriso, reduzir a execrável criatura a pó... Engoli em seco e repliquei, rouca de raiva:

— As suas opiniões são-me indiferentes! Eu sei o que vejo e, desde o primeiro instante, o senhor não tirou os olhos da minha irmã...

— Estou a imaginá-la na praça principal do Império — replicou o miserável, num sussurro íntimo, baixando o rosto ao encontro do meu. — A Thora está atada a uma fogueira; as línguas de fogo lambem-lhe os seios alvos... E tu também lá estás, só que tudo o que resta do teu corpo voluptuoso são cinzas...

— O senhor é um monstro! — cuspi, recuando bruscamente. — Eu devia...

— Gritar pelo papai? — Provocou-me com um sorriso ferino. — Contar-lhe o que eu disse e transformar o casamento dos teus primos num campo de batalha? Provocar uma guerra entre o poderoso Império e a corja bárbara? Não terás coragem para tanto!

Mas não te preocupes, Guardiã da Lágrima do Sol! O nosso momento há de chegar!

Nunca contei aos meus pais a totalidade do meu confronto com o herdeiro do Império. Se o fizesse, a guerra seria inevitável e não traria o menor benefício para o meu povo. A Throst e a Catelyn bastava saber que John era um homem perturbado e perigoso, de quem se podia esperar as piores atrocidades. Se uma tragédia o colocasse à frente dos destinos do seu povo e contra nós, então tomaria uma providência. No fim, talvez não fosse necessário... Talvez, numa das suas tresloucadas aventuras, alguém fizesse um favor à humanidade e lhe colocasse sete palmos de terra sobre os ossos. Era esperar para ver! Como ele próprio dissera, um dia o nosso momento haveria de chegar... se Edwin não me matasse primeiro!

O príncipe John partiu na manhã seguinte ao casamento, logo após o pequeno-almoço, acompanhado pela sua comitiva, Isabelle, Quinn... e Estrid. Apesar dos dissabores que sofrera nos últimos dias, a minha atoleimada prima não se dera por vencida e pedira a Isabelle que a levasse consigo para a corte. O tio Edwin começara por se opor com firmeza. O entusiasmo da filha pelo herdeiro do Império não lhe passara despercebido, e achava conveniente evitar-lhe mais desilusões. Então, Estrid berrara para quem a quisera ouvir que o pai a odiava e desejava desgraçá-la. Furioso e contundido, o tio Edwin replicara-lhe que ela colheria no futuro o dobro daquilo que semeava no presente... e deixara-a seguir o rumo que tanto almejava. Se alguém se inquietou com o destino de Estrid, não se manifestou.

Dois dias depois, foi a nossa vez de dizermos adeus. A separação seria curta porque o Festival de Verão voltaria a reunir a família na Ilha dos Sonhos. Viajamos até à Enseada da Fortaleza quase em silêncio, cada um remoendo os seus próprios pensamentos. O rei Steinarr estava ansioso por regressar ao País dos Vikings, e verificar se os ímpetos de Arnorr e dos seus mercenários haviam sido subjugados. Thora e Bryan partilhavam da sua apreensão, desejosos de reencontrar o seu senhor. O tio Edwin sofria com a crueldade de Estrid. A minha mãe continuava a ser fustigada por maus

pressentimentos, que não tinha como justificar. Freya sonhava acordada com o seu aprendiz de druida. Svana escondia o choro, triste com a separação de Quinn, e decepcionada com o distanciamento imposto por Bryan... E eu começava a sentir o peso da proximidade da Festa da Renovação, onde teria de apelar à minha Arte para que o plano da Sacerdotisa tivesse sucesso.

CAPÍTULO 17

As festividades de Verão seriam menos grandiosas do que as do ano anterior, já que não podíamos contar com a presença do rei Steinarr e da sua família como nossos convidados. No Norte, os conflitos estavam sanados, mas Arnorr escapara mais uma vez impune à justiça do soberano viking. No entanto, o seu exército de mercenários sofrera baixas consideráveis e levaria bastante tempo para se recompor. Persegui-los para lhes impor uma derrota definitiva era impraticável. As terras do gelo eterno encontravam-se repletas de grutas, onde os nossos inimigos conseguiriam esconder-se e emboscar até ao último guerreiro do nosso exército, sem a menor dificuldade.

Enquanto Arnorr recuava para lamber as feridas e alimentar o seu rancor, o rei Steinarr ordenava a reconstrução das aldeias atacadas. Muitas casas haviam ardido debaixo da fúria assassina dos mercenários, mas poucas vidas se tinham perdido, graças à pronta intervenção de Ivarr. Agora, os nossos guerreiros usavam os seus machados de guerra para derrubar árvores, e a sua força e destreza para erguer novas habitações para os desalojados. Os dias amenos eram uma mercê efêmera e, quando o frio regressasse, nenhum viking deveria estar sem abrigo.

Talvez por pressentir que a sua família se decompunha, o tio Edwin decidira permanecer na Ilha dos Sonhos, após o casamento de Aled e Melody, quando o *Knarr* do rei Steinarr partira rumo ao Norte. Darrin preparava-se para enfrentar a iniciação e estava radiante por desfrutar da companhia e dos conselhos do pai, desejoso de enobrecê-lo e homenagear a memória da sua mãe, terminando vitoriosamente a *Caçada*.

Os druidas da Ilha dos Penhascos eram aguardados com expectativa na casa do *jarl*. Porém, quando os homens sábios fizeram a sua visita de cortesia, não trouxeram boas notícias. O Mestre encontrava-se enfermo há vários dias, devido a uma soltura

fulminante que o prostrara e enfraquecera de tal forma que perdera o andar e delirara com febre. As dores nas entranhas haviam-se alastrado aos ossos e à cabeça, ao ponto de a comunidade temer pela sua vida. Contudo, graças à Deusa Mãe, já estava a recuperar, apesar de não se sentir suficientemente forte para viajar até à Ilha dos Sonhos e assistir aos rituais. Ficara na aldeia, com um grupo de Irmãos que velavam pela sua recuperação, mas enviava saudações e a sua benção.

Ao escutar as novas, Freya empalidecera. Num instante, a esperança de rever o protegido do Mestre Druida fora destruída. A sua fuga para o quarto não me passou despercebida, por isso desculpei-me e corri no seu encalço. Encontrei-a deitada na cama, com a cabeça debaixo da almofada, soluçando com tal desespero que dir-se-ia ter recebido a mais ruim das notícias. Tomei-a nos braços e embalei-a pacientemente, segredando:

— Haverá outras oportunidades de te encontrares com esse rapaz, Freya! Não chores...

— Eu tinha a certeza de que ele viria! — cortou a minha irmã, enrouquecida pelo pranto.

— O fato de ter decidido permanecer ao lado do Mestre Druida, cuidando da sua enfermidade ao invés de participar nas festas, só revela uma boa índole. Não te esqueças de que ele possui uma dívida de gratidão para com os sábios...

— Mas estava previsto que nós nos encontraríamos! — insistiu ela, angustiada. — Eu vi-o nos meus sonhos!

O seu corpo tremia, tal a comoção. Pressionava a pedra mágica contra o peito, como se a sua vida dependesse dela. O olhar verde suplicava por uma palavra de conforto. Respirei fundo, acariciando-lhe o rosto na tentativa de serená-la.

— Sê paciente! Esse rapaz escolheu a vida de recolhimento dos druidas, e vive numa ilha de onde poucos entram e saem. Não vai desvanecer-se no ar! Para o ano tornará aqui... Até lá, terás tempo para ponderar no que estás a sentir. Recordate do que aconteceu com o Magnor...

— Tu não podes compará-lo ao Magnor! — cortou indignada.

— Não, não posso! — aquiesci, mantendo a calma. — O Magnor é filho do rei Steinarr, cresceu conosco e, mesmo assim, conseguiu desiludir-nos. O que sabes tu acerca desse homem, além de que tem olhos bonitos? Por favor, Freya... Sossega o teu coração!

— Se ele fosse mau, os druidas não o teriam abrigado! — protestou, mas era perceptível que a sua convicção fraquejava.

— Os druidas não são deuses, para lerem o coração dos Homens — repliquei. — Pensa bem na vida que desejas, no que sonhaste conquistar... Sê prudente, irmãzinha! Os pretendentes não te faltarão, se escolheres outro rumo...

Era véspera da noite mágica e os McGraw reuniam-se no salão da casa do *jarl*, brindando alegremente à saúde e ao sucesso dos seus filhos. O tio Edwin parecia ter esquecido a existência de Estrid e falava exclusivamente de Darrin, que se distinguira nas provas de iniciação e seria, decerto, o herói da *Caçada*.

O tio Berchan chamava a atenção dos irmãos para as travessuras da sua pequena Lyonnete e de Ive. Apesar da tenra idade, a arte pulsava vigorosamente nos dois primos, deixando antever um futuro prodigioso. Era cada vez mais difícil separá-los e as mulheres já gracejavam, profetizando a realização de outro casamento dentro da família.

O tio Stefan só tinha razões para se orgulhar da sua prole. Bryan era um dos guerreiros de confiança do herdeiro do trono viking, Quinn conquistava um lugar na corte do rei do Império, Melody desposara o filho do seu querido e saudoso irmão Aled, Kyle e Rice preparavam-se para superar as provas de iniciação do ano seguinte, Melvin já dava sinais de que também iria tornar-se um grande guerreiro, Gwenneth era uma menina linda e Ive revelava habilidades místicas.

Por fim, Catelyn McGraw não tinha filhos para elogiar... mas tinha três filhas, que não trocava pelo mais excelso dos varões. O calor na sua voz, quando se referia ao meu futuro como rainha vidente do povo viking, provocava-me um nó na garganta. A cada dia, crescia em mim o medo de decepcioná-la... de frustrar as expectativas dos

que me amavam. A minha habilidade pulsava, mais forte do que nunca, mas eu continuava surda ao apelo que me revelaria que era tempo de tornar-me Guardiã da Lágrima do Sol. Quanto a Ivarr, o nosso distanciamento cobria-me de reservas. Não tinha a certeza de amá-lo... e duvidava da intensidade dos sentimentos que ele me devotava. Por vezes, era assaltada por pesadelos que mostravam o meu noivo nos braços de outras mulheres... Mas, o que mais me incomodava era algo que eu própria testemunhara: a forma como ele olhara para Thora, na noite em que ela nos surpreendera no seu quarto.

A destreza da minha irmã guerreira continuava a impressionar-nos. Talvez devido ao fato de ser uma jovem mulher apaixonada pela arte da guerra, era-lhe concedido um destaque especial, sempre que alguma façanha do exército viking chegava ao conhecimento da Ilha dos Sonhos. Thora tornara-se a fonte de inspiração dos nossos *Skald* e já era difícil escutar um poema ou uma música que não a mencionasse.

Quanto a Freya, a visita à Ilha dos Penhascos abriu-lhe novos horizontes de pesquisa na arte curativa. Sem demora, plantara no seu jardim as sementes que as anciãs da casa da Sacerdotisa lhe haviam oferecido, e extasiava-se ante o nascimento dos primeiros rebentos. Eu só esperava que o seu entusiasmo obsessivo pelo aprendiz do Mestre Druida não a desviasse do bom caminho.

Depois do jantar, os candidatos a guerreiro não se pouparam a esforços para impressionar os mais velhos. Recordei os acontecimentos do ano anterior com as entranhas retorcidas. Por mais que me custasse a admitir, Ivarr tinha razão. Grande parte das mudanças ocorridas nas nossas vidas haviam sido da minha responsabilidade. Se eu não o tivesse alertado para o talento de Thora, hoje, tudo seria diferente... Se para melhor ou pior, não havia forma de sabê-lo!

Ao descansar a cabeça na almofada, lembrei-me do meu primo Edwin. Fora há um ano que ele se manifestara para me pedir ajuda... Eu não voltara a saber dele, depois daquela maldita noite, em que todas as minhas ilusões se tinham desfeito. Vê-lo alimentar a sua magia com vidas humanas; senti-lo rejeitar violentamente a

minha energia, fora quanto bastara para confirmar a inevitabilidade do nosso confronto. Só esperava que Lyria estivesse enganada... Diante de Edwin, um instante de indecisão seria fatal. Não podia hesitar no que tinha de ser feito, por mais que isso me custasse... pois a alternativa era a morte.

Assim que os primeiros raios de Sol espreitaram no horizonte, as canoas fizeram-se ao mar na Ilha dos Penhascos, rumo à Ilha Mãe. Como a tradição ordenava, o Sacerdote foi o primeiro a pisar a areia e a cumprir os rituais de reconhecimento da terra. Depois, recebeu as boas-vindas do líder dos colonizadores, que por artes do destino era seu tio, e cumprimentou-me com um aceno de cabeça, antes de assumir o seu lugar no cortejo que se dirigia ao topo da Montanha da Magia.

Enquanto as cometas festivas soavam, o remorso mutilou-me a consciência. E se Amora estivesse enganada?

A Sacerdotisa seria a última a chegar à praia, mas os Filhos da Renovação que a precediam iriam rodeá-la e impedir qualquer contato com o nosso povo. Por essa razão, no dia anterior eu visitara as Pedras do Mundo e deixara o que ela me solicitara no esconderijo combinado. Não era confortante pensar que a vida da minha amiga dependia da eficácia do pó que repousava dentro da pequena bolsa de couro: um eficaz preparado de plantas que, uma vez em contato com o fogo, libertaria um fumo que atordoaria os sentidos daqueles que o respirassem. Amora esperava que, no meio do frenesi ritual, o seu povo esquecesse a existência dos soberanos, o que lhe daria tempo para concretizar o seu intento. Se falhasse, as conseqüências podiam incluir a morte por traição.

No resguardo da Gruta das Vozes Ancestrais, o plano da Sacerdotisa fizera sentido. Contudo, longe dessa influência mágica, com o Sol da manhã sobre os olhos e a brisa fresca a acariciar-me a pele, a ousadia anunciava-se loucura! Havia tanta coisa que podia correr mal, desde a quantidade de ervas usadas, até ao efeito que provocariam em cada pessoa, passando pelo tempo de eficácia e os vestígios que deixariam no corpo e na mente dos afetados. Eu devia ter-me esforçado para demover Amora! Porém, era tarde para

recuar... Talvez o amadurecimento da idéia lhe tivesse revelado a sua imprudência!

Esta esperança manteve-me firme na praia, enquanto a canoa enfeitada com conchas e flores que transportava a Sacerdotisa se aproximava. Impossibilitada de lhe falar com a mente, não fosse alguém interceptar a conversa, observei impotente a sua chegada, a forma apaixonada como se ajoelhava e aguardava que os seus súbditos a banhassem com a areia branca. Os olhos cor de avelã sobressaíram da alvura das suas vestes e acariciaram-me o espírito com uma brevidade insuspeita, mas suficiente para que ela se apercebesse do meu temor.

"Confia em mim, Edwina..."

O que mais podia fazer? Vi Amora caminhar até Trygve e aceitar a mão que ele lhe estendia. No passado, este gesto teria sido questionado e censurado pelos anciãos do seu povo. Contudo, Amora e Trygve haviam contrariado a separação imposta pelas regras, e provado que o contato e interação de ambos podia ser proveitoso para a comunidade. A amizade dos Sacerdotes dos Penhascos era agora aceite sem contestação. Porém, aquilo que ambos desejavam jamais o seria, pois cortava cerce o pilar que sustentava a civilização nativa. Amora preparava-se para desafiar o destino com um arrojo mais ameaçador do que qualquer maldição que pudesse pairar sobre eles. Tentava corrigir um erro, com outro muito maior...

O crepúsculo chegou, trazendo o esplendor das fogueiras e o rufar dos tambores. Com o entusiasmo à flor da pele, os jovens vikings embrenharam-se na floresta para provarem a sua destreza guerreira, e no berço das Pedras do Mundo deu-se início à Festa da Renovação. Os tambores do Povo dos Penhascos rivalizaram com os nossos e o seu fogo desafiou os céus, homenageando os antepassados e suplicando a sua bênção, prosperidade e fertilidade para os seus filhos.

Eu acomodei-me na tranqüilidade do meu quarto, com o resplendor da Lágrima do Sol dispersando-se em redor, decidida a

rasgar o véu do angustiante desconhecimento. Uma chuva de prata dissipou a realidade e os pés da minha essência deslizaram sobre os trilhos do destino que me propusera alterar. Nessa noite, o futuro de um povo dependia da coragem de uma jovem Sacerdotisa, cuja vida, por sua vez, repousava nas minhas mãos.

Oculto pela magia do cristal, penetrei no terreno sagrado, qual fantasma de tempos remotos. O ar encontrava-se impregnado por uma energia mística, que assumia formas concretas à minha passagem. Os espíritos das Sacerdotisas que haviam antecedido Amora miravam-me com curiosidade aguçada, mas mantiveram a distância. Tal como elas, eu era uma observadora.

O topo da montanha efervescia. Os nativos haviam-se livrado das vestes usuais e exibiam os corpos pintados com cores ardentes, e cobertos com exíguos pedaços de pele, enfeitados com folhas e penas. Homens e mulheres agitavam-se ao som dos tambores, numa dança frenética, sem um pingão de harmonia, cujo objetivo final era a sedução de um parceiro. O Povo dos Penhascos acreditava que aqueles que plantassem a sua semente durante a Festa da Renovação viveriam o resto da sua existência sob a bênção da deusa. Por essa razão, a concepção era evitada ao longo do ano, e os instintos sufocados, para que explodissem com todo o seu fulgor no auge do ritual primitivo.

Dentro do aro protetor das Pedras do Mundo, a Sacerdotisa e a sua corte aguardavam que o Sacerdote e a jovem escolhida para se tornar Mãe da Renovação consolidassem a tradição. Amora era a única mulher que se ocultava por trás de vestes rigorosas. Dissimulada no cinto que lhe cingia a cintura, estava uma pequena bolsa de couro, que a sua mão acariciava com um nervosismo crescente. Se não tomasse cuidado, os anciãos acabariam por descobrir o seu segredo. De todos os presentes, apenas ela se apercebeu da minha chegada. O seu olhar convicto declarou-me que não fazia tenção de desistir.

O momento da verdade chegou. Amora avançou um pé e o seu corpo vacilou. Porém, o passo seguinte revelou firmeza. Enquanto caminhava por entre a multidão delirante, as suas mãos moveram-se ao encontro da bolsa e atiraram-na para uma das fogueiras. O seu

gesto foi tão rápido, tão sutil, que apenas eu e os espíritos das suas ancestrais o surpreendemos.

Em menos de nada, a mistura começou a reagir com o fogo, libertando-se nas alegres nuvens de fumo que brincavam em redor dos nativos, sem um odor que pudesse alertá-los para a armadilha. Ao meu lado, as figuras etéreas abriram os braços e estenderam-nos ao céu. De imediato, o vento despertou e agarrou no vapor mágico, alimentando-o, forçando-o a colar-se à pele de todos os que participavam na Festa da Renovação. Se as antepassadas de Amora a ajudavam a concretizar o seu plano, os meus temores eram infundados!

Sem vestígio de incerteza, a Sacerdotisa entrou na gruta. Lá dentro, o Sacerdote e a Mãe da Renovação jaziam adormecidos... A jovem que acabara de entregar a sua virgindade a Trygve permaneceria mergulhada no doce mundo dos sonhos. Mas o meu primo despertaria... E seria confrontado com a decisão mais difícil que já alguma vez tomara.

No exterior, o transe nativo provocado pelas substâncias rituais e acelerado pelo fumo mágico, depressa se transformou em êxtase. Quando o Sol nascesse e desfizesse o encantamento, os olhos cansados abrir-se-iam para uma realidade indistinta e ninguém questionaria onde a Sacerdotisa passara a noite. Para o Povo dos Penhascos, esta seria apenas mais uma Festa da Renovação. Não haveria desconfianças, remorsos ou contrições. O segredo de Amora e Trygve estaria a salvo... pelo menos, até que o ventre da Sacerdotisa começasse a crescer. Mas Amora garantira-me que eu não devia preocupar-me com esse pormenor, pois sabia como ocultar a gravidez do conhecimento do seu povo.

Era tempo de eu partir...

Inesperadamente, uma figura graciosa atravessou-se no meu caminho. O manto de caracóis negros que lhe tombava sobre as costas era inconfundível. Freya movia-se hesitante e trêmula, com os braços cruzados, apertados em frente do peito como se tencionasse proteger-se de algo. Os seus pés arrastavam-se, os joelhos tremiam-lhe... Mas que raio estava ela a fazer aqui?

Tentei inutilmente atrair-lhe a atenção. A energia que já gastara deixara-me demasiado fraca para apelar à sua mente. Assustada, olhei em volta, buscando ajuda nos espíritos das Sacerdotisas. Porém, um a um, estes desvaneciam-se no nevoeiro... deixavam-me só!

Freya vagueava num passo indeciso, por entre os corpos ondulantes, assustada ao constatar que a dança nativa se transformava num ritual de acasalamento cada vez mais explícito. Os tambores exaltavam-se. A razão era devorada pelo efeito do pó que a pele absorvia e se transformava em veneno para a mente, assim que entrava em contato com o sangue. Eu precisava de tirar a minha irmã daqui...

Então, senti-o, tão vivo e poderoso como se manifestara na Ilha dos Penhascos. A magia da noite alimentava a sua essência; tornava-o um gigante entre as divindades. Movia-se como o vento, suave, cálido... ocultando uma força arrasadora, que podia deflagrar a qualquer instante! O Espírito da Escuridão estava na Ilha dos Sonhos... Na floresta... Não! Entre os nativos! Era um deles!

A minha irmã também se apercebia da oscilação de energia. A sua expressão denunciava pasmo... choque, ao ver os corpos quase nus, pintados e suados, buscarem as sombras da floresta. Recordava-se das palavras de Estrid, que comparara o Povo dos Penhascos a animais no cio, e concluía que fora um erro subir a montanha. Recuava... Sim, por todas as bênçãos sagradas! Freya decidia voltar para casa...

Uma nuvem de fumo mágico apanhou-a desprevenida e forçou-a a deter-se. Do interior desta surgiu um homem... Um colosso com corpo de guerreiro, que jamais poderia confundir-se com um nativo. Apesar disso, a sua pele branca estava pintada de vermelho e amarelo, e a sua nudez encoberta com um pedaço de pele, de onde pendiam penas de cores maravilhosas. O seu pescoço, pulsos e tornozelos também se encontravam enfeitados com tiras de pele. Poderia ser um viking... Mas os cabelos castanhos acobreados que lhe caíam soltos sobre os ombros, e o olhar azul que fazia inveja ao céu e ao mar, revelaram-me a verdade. Este era o aprendiz do

Mestre Druida... O homem que a minha irmã acreditava estar-lhe destinado!

A exaltação de Freya mal lhe permitia respirar. As mãos de ambos entrelaçaram-se a meio caminho e o olhar fascinado da minha irmã perdeu-se no olhar ardente do desconhecido... um olhar tão familiar, que me arrepiou cada pêlo do corpo.

— Eu sabia que virias... — arquejou ela, prejudicando o meu raciocínio.

O homem atraiu-a para mais perto, e pousou as mãos frágeis sobre o seu peito, respondendo numa voz grave, que soou irresistível por entre o rufar dos tambores:

— E como podia deixar de vir... se o meu coração ficou nas tuas mãos?

— E o meu nas tuas... Salvaste-me a vida!

O aprendiz de druida... ou o guerreiro — eu já não sabia o que pensar — susteve o tremor da minha irmã, amparando-a nos seus braços e replicando:

— Não! Foste tu que me salvaste... Deste-me uma razão para viver!

E beijou-a! Beijou-a com tamanha paixão que dir-se-ia que a sua essência começava e acabava nela. Por instantes, o fumo mágico encobriu-os e perdi-os de vista. Afligi-me ao verificar que não era o sortilégio que se adensava... mas o meu poder que se extinguia. Estava a ser forçada a recuar; a deixar para trás a minha ingênua irmã, entregue à vontade de um estranho, num ambiente de loucura e embriaguez, de lascívia e esquecimento... Freya encontrava-se prisioneira da teia que eu ajudara a tecer!

Observei impotente quando os dois correram de mãos dadas para a privacidade da floresta. O ar estava vivo. As árvores cantavam. O solo libertava vapor. As estrelas estendiam os seus braços de luz sobre eles e conduziam-nos ao encontro de uma cascata... até à gruta onde Ivarr iniciara Thora. Sobre o Altar da Terra, vi o aprendiz de druida na sua forma real: meio homem, meio lobo; uma essência pejada com um poder imensurável... um poder negro, estalante... O Espírito da Escuridão!

— Freya...

Ela não me ouviu! Encontrava-se prisioneira de um encantamento divino, fascinada pelo azul-fogo do olhar daquele ser prodigioso, pela sua beleza selvagem, pela energia que irradiava do seu corpo e a atraía com a força da Terra. Horrorizada, vi os dedos deste rei-lobo moverem-se sobre as vestes da minha irmã, encharcadas pela água purificadora da cascata... E, em menos de nada, sem ter esboçado um gesto para detê-lo, Freya estava nua nos seus braços; os cabelos molhados cobrindo-lhe as costas e os seios pequenos e firmes — pêlo negro e brilhante sobre seda branca imaculada... e o magnificente brilho azul da pedra de uma feiticeira.

A criatura rutilava com o fulgor da sua magia; o olhar bravo amansado pela visão da beleza. O negrume da sua aura atenuou-se, consumido pela luz que crescia e pulsava, vinda do interior do seu corpo... Luz que me cegou, no instante em que o Altar da Terra os recebeu como amantes. Gritei subjugada, sentindo a energia que se libertava do solo e do ar trespassar-me e consumir-me. E, no centro desse ardor, havia tristeza, remorso, um poder que clamava para se libertar, mas que eu sabia devastador, pérfido... a sua alma... a minha alma!

Caí desamparada no remoinho da consciência do rei-lobo, das suas recordações. Já não estava no Altar da Terra, nem na Montanha da Magia, nem sequer na Ilha dos Sonhos... Diante de mim, estendia-se uma floresta luxuriante, tão cerrada que mal se via o céu. Eu estava cansado, sentia-me desfeito no corpo e na mente... Mas não havia como voltar atrás. Fizera uma promessa! Jurara sobre o meu sangue, diante da minha rainha...

O cavalo protestava, inquieto. Pressentia a aproximação dos lobos. As suas sombras ferozes calavam as saudáveis melodias da floresta e o seu cheiro empestava o ar. Cerrei os dentes e forcei a montada a obedecer-me. Não podia pensar... Se pensasse, não seria capaz!

Saí da floresta e encarei a imensidão de um lago e um céu de tormenta. As nuvens negras deixavam entrever uma Lua incrivelmente redonda. Ela estava a observar-me. Sentia o seu olhar

como dedos a deslizar-me pela pele, risonho, satisfeito... Eu era o seu orgulho! Eu fazia o que tinha de ser feito sem questioná-la!

A rapariga surgiu a correr de dentro do bosque. O luar iluminou o seu rosto simples e inocente, marcado pelo horror da profanação que acabara de executar. Nas suas mãos, o meu troféu... A pureza da sua alma permitira-lhe escavar o terreno sagrado e roubar a caixa, sem que os espíritos guardiões do cemitério a molestassem. Fizera-o por amor... Fizera-o por mim...

Não desmontei. De que me servia alimentar-lhe as ilusões? Tinha de ser rápido. Abri a caixa, debaixo do seu olhar ansioso, e o brilho violeta da pedra mágica ofuscou a luz da Lua. A vitória era minha! Por um instante, a euforia substituiu-se à razão. A camponesa sorria, declarava-me o seu amor, estendia-me os braços... Então, o primeiro lobo saltou de entre as árvores, seguido de outro e de outro... os olhos de fogo iluminando o pêlo preto e eriçado, e o vômito pútrido que se lhes escapava por entre as presas. A rapariga gritou, aterrada... mas era tarde!

Forcei o cavalo a regressar à floresta. Tinha um longo caminho pela frente, de volta ao mar, até uma ilha repleta de mistérios e a outro desafio ainda mais complexo. O primeiro trovão sufocou os gritos da aldeã e os rugidos das bestas. Eu nada podia fazer por ela! Condenara-a à morte no instante em que a escolhera para enganar a magia protetora dos McGraw. Então, por que me era tão difícil voltar-lhe as costas? Tinha de esquecer o que ficava para trás! Tudo o que importava era a minha promessa... A missão que eu tinha de completar... Pela glória de Aesa!

— Edwina...

O apelo repercutiu-se dentro da minha cabeça, causando uma dor lancinante. Ia jurar que era a voz de Freya... Mas não podia ser! Ela encontrava-se prisioneira do Espírito da Escuridão...

— Edwina, acorda... Preciso de te falar!

Forcei-me a abrir os olhos e deparei com a minha irmãzinha, sã e salva. O alívio foi tal, que a envolvi nos meus braços e a apertei até lhe cortar a respiração. Por um instante, tive esperança de que tudo

não tivesse passado de um sonho mau. Então, senti a sua roupa molhada... E o meu mundo despenhou-se! Afastei-a o suficiente para encará-la, perguntando ansiosa:

— Estás bem? Conquistaste fugir-lhe? Ele não te magoou...?

O seu olhar verde acusou o choque, ante a evidência do meu conhecimento.

— Como... Como é que sabes...?

— Vamos chamar o pai — decidi; a mente a ferver. — Talvez não seja tarde para apanhá-lo!

— Apanhá-lo?

— Não podemos permitir que esse monstro escape...

— Monstro? — A minha irmã empurrou-me, profundamente indignada. — O Helgi tinha razão! Eu não devia ter voltado...

— O quê? — Senti um baque no peito. — Freya...

— Vou partir com ele! — anunciou com uma determinação férrea. — Só vim despedir-me de ti e pedir-te que explicasses o que se passou aos nossos pais... Mas já vi que foi um erro! Adeus, Edwina...

— Freya... — gaguejei, estupefata. — Se deres mais um passo, gritarei pelo pai...

— Não podes fazer isso! — volveu ela, suplicando-me que baixasse a voz. — Tens de me deixar ir! O Helgi está à minha espera...

— Endoideceste? — repliquei, agarrando-lhe no braço. — Tu não sabes quem é esse homem...

— Solta-me! — revidou, irritada e frustrada. — O que é que me vais dizer? Que ele é um Vândalo? — A minha expressão deve ter denunciado pasmo, pois ela exclamou, triunfante: — Sim, o Helgi contou-me! E também me disse que ninguém compreenderá o nosso amor! — Levou a mão ao pescoço e puxou pelo fio que se ocultava dentro do vestido, de onde pendia... um amuleto de metal, com a representação de um corvo que segurava um ramo de espinheiro no bico. — O Helgi não me enganou, como tu estás a pensar... Eu sei que ele faz parte de um povo que é nosso inimigo! Mas nós pertencemos um ao outro... Tens de entender e ajudar-me! Lembra-te que sucedeu o mesmo com o papai e a mamã...

Ela falava... mas eu já não escutava. Os meus olhos colavam-se ao símbolo odioso que Freya segurava na mão... Isto só podia ser um pesadelo!

— Onde está a pedra azul da nossa mãe? — inquiri, com a voz a tremer.

— A pedra agora é minha, Edwina! — contrapôs num tom de desafio. — E eu troquei-a com o Helgi, como garantia de que regressaria à praia...

Abanei a cabeça, sentindo-me despencar num abismo.

— Quer dizer que... ele já tem duas pedras?

— Duas pedras? Do que é que estás a falar?

Freya estava cega de ilusões! Pelo menos, o monstro não a matara, como à outra jovem que, tão ingenuamente como ela, lhe entregara o coração. Prossegui, sufocada pela comoção:

— Esse homem disse que pertencia ao povo vândalo... Todavia, contou-te que no seu corpo corre o sangue maligno da feiticeira Aesa? — Freya negou com a cabeça, mas eu não me detive. — E que, antes de naufragar na Ilha dos Penhascos, estive na Grande Ilha e roubou a pedra violeta, que pertenceu ao nosso tio Quinn?

— Isso não é verdade...

— Para chegar à pedra serviu-se de uma aldeã... E, depois, entregou-a à morte!

— Como podes saber isso? — objetou ela, rouca de angústia. — Estás a inventar essa mentira terrível para me demover...

Uma corneta de alarme troou na praia e, de imediato, a casa despertou. Freya tentou escapar-me, mas consegui segurá-la a tempo. Ela debateu-se, socando e esperneando, mas eu era mais alta e mais forte. O meu coração encolheu ao ouvi-la rosnar, descontrolada:

— Voltei porque te amava, mas agora odeio-te! Odeio-te, traidora!

Engoli em seco, replicando:

— Eu posso viver com o teu ódio, Freya... Mas não posso viver sem ti!

E fiz aquilo que jamais pensara ter de fazer: usei a magia contra alguém que amava. O meu olhar devassou o da minha irmã e apossou-me da sua mente. Por um instante, vi o Espírito da

Escuridão pelos seus olhos... E fui inundada por um calor fulgurante! Arquejei, assombrada. Freya não se enganara... Esta noite, ela recebera e dera amor... Como era possível?

Freya tombou inanimada nos meus braços. Deitei-a na cama e sentei-me ao seu lado, cobrindo o rosto com as mãos. Tinha de contar esta tragédia aos meus pais, mas os nervos paralisavam-me. Do outro lado da cortina que ocultava o quarto ecoavam gritos. Um mensageiro do Mestre Druida vinha alertar os McGraw de que a pedra mágica cor de laranja, que lhe fora confiada, desaparecera... assim como o jovem que ele tomara para seu aprendiz.

A minha cabeça ameaçou rebentar. Ergui-me e entrei no salão aos tropeções, clamando pela minha mãe. Necessitava da sua força, da sua energia curativa... Ela correu em meu auxílio, aflita. O meu pai mirava-me, confuso e assustado, sem saber se devia acudir-me, ou ao apelo do mensageiro do Mestre. Já nos braços da minha mãe, consegui balbuciar:

— O ladrão ainda está na ilha, papai... Procura-o junto ao mar... Mas, se tens amor às tuas filhas, não o mates... Nem permitas que nenhum dos teus homens lhe cause dano!

Anoitecia na Ilha dos Sonhos, quando o meu pai deu por terminada a busca. Talvez o ladrão das pedras mágicas ainda estivesse escondido nas grutas da praia... mas era pouco provável. Mesmo que eu acreditasse que ele tencionara levar Freya consigo, quer fosse acometido por um deslumbramento divino, ou apenas pretendesse atirá-la borda fora quando atingisse o mar alto, para limpar o seu rasto como fizera até agora, assim que as cometas dos druidas tinham soado, certamente percebera-se descoberto e iniciara a fuga.

Os homens da minha família estavam cansados e furiosos. Um único rapazote chegara para destruir a segurança orgulhosamente conquistada durante anos. Mas a história era muito pior do que eles imaginavam! Reconstruir os passos daquele que concluímos ser um príncipe vândalo só foi possível depois de alguma discussão e muita ponderação.

Segundo Aled, numa noite do último Outono, uma jovem da Aldeia do Lago desaparecera sem deixar rasto. A sua mãe, uma

viúva que trabalhava na cozinha da Casa Grande, convencera-se de que ela fugira com o guerreiro que andava a rondar-lhe a porta: um rapaz possante, com um intenso olhar azul e cabelos acobreados, que chegara à Grande Ilha a bordo de um navio de mercadorias, e que depressa arranjara trabalho na ferraria da aldeia. Movida pela vergonha, dissera às vizinhas que a filha fora viver com um parente para a corte do Império, e expulsara o ferreiro da sua casa, quando este lhe perguntara se sabia do paradeiro do ajudante. Infelizmente, o destino da rapariga nada tivera de romântico!

Com a pedra violeta em seu poder, o bisneto de Aesa viajara ao encontro da pedra laranja. Entrar na Ilha dos Penhascos como um intruso era praticamente impossível... e ele dispusera-se a pagar o preço. Os sábios haviam-no encontrado tão maltratado que nem questionaram a sua perda de memória. Dia após dia, Helgi ganhara a confiança e o carinho do Mestre Druida, aguardando pela oportunidade de obter o que desejava. Então, inesperadamente, uma jovem caíra do céu nos seus braços... e ele vira que tinha possibilidades de deitar a mão a uma terceira pedra mágica.

A recente maleita do Mestre Druida resultara de um envenenamento alimentar. O seu pupilo certificara-se de que o ancião ficaria na Ilha dos Penhascos, enquanto o resto da comunidade viria para a Ilha Mãe. Sem oposição, drogara os poucos sábios que o acompanhavam e apossara-se da pedra cor de laranja. Depois, viajara até à Ilha dos Sonhos e procurara a guardiã da pedra azul. Encontrara-a na praia, descuidada, festejando com o seu povo...

— A última coisa de que a Freya se recorda — concluí, mentindo com quantos dentes tinha na boca — é desse homem lhe ter oferecido um corno de cerveja. Drogou-a para roubá-la, tal como fez com os sábios! Quando despertou e se viu sem a pedra, a mana correu a pedir-me ajuda. Estava a contar-me que fora vítima de um assalto, quando o alarme soou...

Sustive a respiração, esperando que Freya gritasse a qualquer momento que as coisas não se tinham passado assim. Porém, após conhecer o percurso do seu príncipe desencantado, ela limitava-se a

fixar-me com um olhar ferido, tão infeliz que me cortava o coração, enquanto escutava os desabafos revoltosos que incendiavam o ar.

No instante em que o furto da pedra azul fora anunciado, o tio Berchan erguera a voz contra a minha mãe. Segundo ele, Catelyn nunca levava a sério a responsabilidade de proteger as pedras mágicas. Como é que pudera entregar uma missão tão importante a uma criança, que pouco ou nada sabia de magia? A minha mãe não o deixara sem resposta. Afinal, ele e o tio Edwin é que a tinham convencido a conservar as pedras na Terra! Por vontade do tio Stefan, elas já teriam sido destruídas há muito, e a sua ameaça eliminada! Curiosamente, quem eu esperava que reagisse pior, nem abriu a boca. O tio Edwin parecia desnordeado. Talvez se interrogasse sobre o que mais poderia suceder para trazer o caos à sua vida? Sempre prático, o tio Stefan já indagava acerca do que podia ser feito para remediar este mal. O meu pai ponderou em voz alta:

— O vândalo está sozinho... Se saiu da ilha, fez numa canoa ou num barco de pesca. Não pode ter ido longe! E provável que conte com o auxílio da sua gente, a partir deste momento... O meu palpite é que, algures, um navio o aguarda para conduzi-lo ao Norte. Se assim for, o *Dragão dos Mares* poderá alcançá-los sem dificuldade! Partirei de manhã...

— Partiremos todos! — declarou o tio Edwin, sobressaltando-me com a sua súbita determinação. — Se a bruxa do Norte recomeçou a caça às nossas pedras, devemos permanecer unidos, pois, separados, seremos alvos fáceis. Além disso, se não apanharmos esse espertalhão no mar, teremos de apelar ao Steinarr... Mais do que nunca, será necessário descobrir uma forma de invadir o reduto dos Vândalos. As pedras têm de regressar ao nosso poder!

Pouco mais havia a acrescentar. Era inútil distribuir culpas, e o tio Berchan acabou por admiti-lo e desculpar-se perante a minha mãe e Freya. De imediato, iniciaram-se os preparativos para a campanha. Se queríamos partir assim que o dia nascesse, todos os instantes eram preciosos.

Esta seria uma viagem rápida, desconfortável e perigosa. Um *Drakkar*, ainda que possante como o *Dragão dos Mares*, não possuía

o porão espaçoso de um *Knarr*, que nos permitia descansar e escapar à azáfama do convés. Tanto eu como a minha mãe sabíamos o que nos esperava... mas o meu pai inquietava-se por Freya. No entanto, quando a minha irmã anunciou que pretendia acompanhar-nos, não se opôs. Throst e Catelyn haviam compreendido que eu distorcera os fatos para protegê-la... E o resto, não lhes custava a adivinhar. O meu apelo, antes do *jarl* partir em busca do ladrão das pedras, aliado à prostração de Freya, pouco deixava à imaginação.

Melody também se recusou a ficar para trás. Estava tão inquieta que tememos pela sua integridade. Segundo ela, Aled devia regressar à Grande Ilha e confiar a sorte das batalhas aos guerreiros. A convicção do tio Edwin, que merecera o apoio dos irmãos, de que os portadores do legado de Aranwen deviam permanecer unidos, não a convencia. Chegou, inclusive, a suplicar ao marido que renunciasse à pedra verde, deixando-o muito transtornado. A solução foi anuir a que viesse conosco. Como o *Drakkar* do *jarl* seria aquele que entraria em combate, na eventualidade de uma batalha no mar, ficou decidido que Freya e Melody viajariam no navio do tio Stefan, que nos seguiria de perto.

Pensei em procurar a minha irmã antes de me deitar. Contudo, ela antecipou-se:

— Posso dormir contigo esta noite?

Aninhou-se no meu corpo como se eu fosse um abrigo. Buscava algo para lhe dizer que pudesse confortá-la, quando ela murmurou:

— Obrigada, mana... Obrigada por tudo!

— Freya...

— Depois das coisas horríveis que eu te disse, tu ainda mentiste para me proteger... Se não fosse por ti, teria morrido de vergonha! Sinto muito... Como é que pude deixar-me enganar desta maneira? Sou mesmo estúpida; um embaraço para a nossa família...

— Isso não é verdade! — objetei com firmeza. — Esse rapaz deve ter um poder de persuasão fenomenal, para ter conseguido enganar o Mestre Druida. Não te sintas diminuída só porque seguiste o teu coração!

Calei-me antes de denunciar as dúvidas que me fustigavam. Uma palavra irrefletida reavivaria as esperanças de Freya... E tal não podia acontecer! Era estranho, mas eu ainda não sabia o que pensar acerca da conduta do príncipe vândalo. Helgi deixara a Floresta Sombria com um propósito funesto e mantivera-se fiel à sua missão até ao fim, era verdade! Mas era igualmente verdade que, durante a minha Visão, eu tocara na sua mente e me apercebera do seu desconforto, perante o que fizera para cumprir a vontade de Aesa. Acrescia o fato de, na Ilha dos Penhascos, o Mestre Druida ainda não se ter conformado com a traição do aprendiz. Juraria sobre a sua vida pela boa índole do rapaz... E Helgi teria de ser estúpido para entregar nas mãos de Freya o seu amuleto, a prova da sua identidade, quando podia escapar impune com as três pedras mágicas!

Pensar que, por um capricho do destino, o príncipe vândalo se enamorara da minha irmã, era uma idiotice desmesurada... Mas afigurava-se a única justificação consistente! No entanto, esse amor era impossível, e não só porque ele era nosso inimigo! Helgi era um mentiroso, um ladrão, um assassino... e bisneto de Aesa! Se um dos homens da minha família o apanhasse ao alcance da espada, não hesitaria em tirar-lhe a vida! E essa realidade era incontestável! Por isso, tinha de ajudar Freya a esquecer-lo, ou arriscava-me a condená-la à morte. Devia lembrar-me de que, se os laços que nos uniam não fossem tão fortes, a minha irmã já estaria fora do nosso alcance, para sempre perdida.

— É horrível, Edwina... — confessou num sussurro, por entre lágrimas. — Apesar das barbaridades que ele fez, não consigo deixar de amá-lo. E não voltarei a amar outro homem...

— Não digas isso! Tens uma vida inteira pela frente...

Freya fechou-se no silêncio, revelando-se determinada. Não insisti. Estava provado que o coração só lhe pregava partidas, por isso era melhor que o deixasse adormecido por uns tempos! Porém, havia um assunto que não podia ser adiado:

— Freya.. — hesitei, ante a gravidade do que estava prestes a trazer à luz. — Aquilo que se passou na gruta...

— Não quero falar disso! — cortou, num tom alarmado.

— Mas é necessário, querida... — repliquei apaziguadoramente. — Há alguma possibilidade de... de teres concebido?

Ela afundou a cabeça no meu peito e cedeu ao pranto. Estreitei-a e cobri-lhe a testa de beijos, acariciando-lhe os cabelos com ternura. A sua resposta era escusada e eu não voltaria a demandá-la. Uma vez bastava para alertá-la. Freya era uma boa curandeira... Sabia o que devia fazer.

Deixei a Ilha dos Sonhos para trás, com um sentimento de perda dolorosa. O vulto imponente da Ilha dos Penhascos depressa se desvaneceu, e a angústia que me torcia as entranhas aumentou. O que acontecera a Amora? Tinha a certeza de que ninguém descobrira o seu segredo, ou não teriam sido apenas as cometas dos druidas a troar nessa manhã! A confusão gerada pela fuga do príncipe vândalo gorara a minha intenção de procurar Trygve, antes de ele embarcar de regresso à ilha, impedindo-me de me justificar e pedir-lhe desculpa por ter agido sem o seu consentimento, assim como de indagar das conseqüências do plano da Sacerdotisa.

— Queres contar-me o que te apoquento, querida?

A voz da minha mãe sobressaltou-me. Inspirei profundamente, antes de replicar:

— Eu gostaria, mamã... Mas não posso partilhar algo que não me pertence!

A sua mão buscou a minha e apertou-a com carinho. Quedamos em silêncio, ouvindo as ordens do *jarl* e os grunhidos de esforço dos homens, ao içarem a majestosa vela vermelha.

— Eu sei que depositas grandes esperanças em mim... — murmurei, num desabafo. — E tudo farei para concluir a minha missão com sucesso! Porém, não posso negar que anseio pela tranqüilidade de uma vida sem sobressaltos...

— E há de conquistá-la! — garantiu-me ela, com firmeza. — Contudo, até lá, recorda-te de que não estás sozinha na tua demanda. A nossa família tem os seus momentos de incerteza e revolta... Mas, quando o dever chama, ficamos mais unidos do que nunca! Foi assim desde o início... Será assim até ao fim!

A nossa volta fechava-se uma imensidão de azul e branco: céu e nuvens, mar e espuma. As velas garridas dos três barcos desafiavam

a harmonia selvagem da natureza, enquanto os seus cascos rasgavam impetuosamente as águas. Nós não possuíamos o equilíbrio dos marinheiros, por isso fomos forçadas a sentar-nos à proa. Deitei a cabeça no ombro da minha mãe e permiti que o vento me acariciasse o rosto, enquanto as ondas nos cobriam de salpicos gelados. O cheiro forte da maresia misturava-se com o odor do suor dos homens. O Sol brilhava alto no céu... A esta velocidade, e com um pouco de sorte, não tardaríamos a apanhar o príncipe vândalo. Senti um calafrio ao imaginar o que isso significava.

A voz poderosa de Sven iniciou uma canção alegre que os homens acompanharam de imediato. Contava a história de uma menina de cabelos negros e brilhantes olhos verdes, que desafiara o sortilégio de um feiticeiro perverso, acalmando a fúria da tempestade que este criara, para salvar a vida dos guerreiros que com ela viajavam. A menina estendeu os braços a Thor — cantou Sven — e segurou nas mãos o raio azul, fogo do deus trovão. O feitiço foi desfeito e a luz da esperança resplandeceu para o povo viking. O meu pai escutou em silêncio, com as mãos fechadas sobre o leme; todos os músculos tensos. O seu olhar estava preso no da minha mãe e a esposa correspondia ao seu ardor. Este era mais um daqueles momentos, que eu tanto admirava, em que o mundo desaparecia para Throst e Catelyn, e tudo o que persistia era o encantamento do seu amor.

O dia passou-se em permanente sobressalto. Avistamos vários barcos, mas nenhum com a nossa rota. Quando a obscuridade venceu a batalha com a luz, impôs-se o desalento. Nem as fogueiras do acampamento, montado numa praia hospitaleira, eram suficientes para aquecer o espírito dos homens. O tio Edwin estava tão irritado que se isolou. Darrin, apesar de acusar o cansaço da primeira viagem, reuniu alento para confortá-lo. Era uma satisfação ver pai e filho juntos... Contudo, nessa noite, nada mais havia a celebrar.

CAPÍTULO 18

Assim que tomou conhecimento das últimas desventuras da minha família, o rei Steinarr prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance para nos ajudar. De imediato, foram enviados mensageiros à cidade de Lyria, solicitando com urgência a presença de "O Que Tudo Vê" no castelo viking. Só ele podia elucidar-nos quanto ao rumo a seguir.

Apesar das providências tomadas e do apoio do rei, a minha mãe estava muito nervosa. Recuperar o legado dos McGraw parecia-lhe cada vez mais difícil, pois tudo indiciava que as pedras mágicas já teriam penetrado no labirinto espinhoso da Floresta Sombria. O herdeiro de Aesa fora demasiado rápido, até para o *Dragão dos Mares*. O navio que usara na sua fuga acabara por cair nas mãos do *jarl*, num porto de comércio do Norte, mas o príncipe vândalo escapara-se por entre os nossos dedos, misturando-se com a multidão e aproveitando a confusão para desaparecer sem deixar rasto.

Pela janela do meu quarto, observei as sombras da noite cobrirem o pátio do castelo, as casas, as ruas que, aos poucos, ficavam desertas, a terra e o mar. Ivarr e os seus lobos encontravam-se ausentes, numa fronteira longínqua do reino, e demorariam alguns dias para regressar. O mesmo se passava com Magnor, o que deixou Freya aliviada. Receava que o príncipe se insurgisse contra ela, por ter ousado terminar o seu compromisso. Sentia-se cansada e sem alento para discussões. O anúncio de que Helgi estivera a um passo de ser apanhado, quase a fizera desmaiar. A minha irmã enfrentava um dilema cruel. Por um lado, queria que as pedras fossem recuperadas e o ladrão castigado... Por outro, temia pela sorte do homem que o seu coração teimava em acolher.

Esta espera angustiava-me... Mesmo que Hakon tivesse deixado os domínios do Povo da Terra mal recebera o recado do rei viking, só chegaria amanhã, ao fim do dia. E eu temia que algo de grave sucedesse até lá! O ar encontrava-se pejado de energia latente, que ameaçava despertar numa explosão sem precedentes. Começara a senti-lo no vento, no instante em que o *Dragão dos Mares* se fizera,

ao ancoradouro da Terra dos Carvalhos, como se uma força ancestral e superior tivesse despertado, e sussurrasse o meu nome. Não compreendia o que isto queria dizer... mas não agourava nada de bom!

Apesar de não me apetecer jantar, desci para evitar que os ânimos se deteriorassem ainda mais. Saber que, neste momento, Aesa gargalhava ante a nossa inércia forçada, exasperava os homens para além da razão. Mil e uma propostas para invadir a Floresta Sombria e destruir a muralha de espinheiros foram colocadas sobre a mesa, mas todas já haviam sido experimentadas no passado, com resultados nulos ou desastrosos para a nossa gente.

— No último ano, o meu filho Magnor dedicou-se a espiar os Vândalos — pronunciou-se o rei. — Fez prisioneiros e interrogou-os, explorou território selvagem e desenhou mapas... Mandeí chamá-lo para que partilhe a sua experiência conosco e nos diga se existe alguma possibilidade de ludibriar as defesas mágicas, que nos tenha escapado. Com os seus conhecimentos do terreno e a sabedoria de “O Que Tudo Vê”, haveremos de descobrir uma solução para este enigma.

Cerrei os dentes para me impedir de soprar de desprezo. Se a nossa salvação dependia de Magnor, era melhor apressarmos a morte para evitarmos o martírio! Seria Steinarr tão ingênuo que confiasse na competência e boa índole do filho mais novo? Felizmente, “O Que Tudo Vê” não permitiria que o príncipe fizesse nenhum disparate.

Sentada à minha frente, Melody encontrava-se alheada das conversas. Olhava para as travessas de comida como se temesse que estas fossem atacá-la. As suas faces estavam lívidas... e os vômitos não tardaram a fustigá-la. Antes que eu pudesse esboçar um movimento de auxílio, já a minha mãe estreitava o seu corpo franzino. Murmurou-lhe algo ao ouvido e Melody confirmou, abrindo um largo sorriso.

— Estás indisposta, meu amor? — perguntou Aled, sempre atento à esposa. — Tia Catelyn, o que é que a Melody tem?

A minha mãe sorriu carinhosamente e incentivou a sobrinha:

— Queres ser tu a contar a boa nova ao teu marido, querida?

As faces da minha prima ganharam cor, incendiadas pelo embaraço.

— Nós... — sussurrou quase imperceptivelmente, olhando em redor como se desejasse que mais ninguém a escutasse. — Nós vamos ter um filho, Aled!

O meu primo gritou tão alto que sobressaltou o salão. Alguns homens levantaram-se com a mão no punho das espadas, buscando sinais de um invasor. Sem se preocupar com as boas maneiras, Aled saltou por cima da mesa, derrubando tudo o que se encontrava no caminho, até apertar Melody nos braços, bradando extasiado:

— Vou ser pai! Eu vou ser pai!

A consternação que marcava o jantar cedeu lugar a aplausos e felicitações. Por momentos, Aesa e os seus Vândalos foram esquecidos, e o jovem casal tornou-se o centro das atenções. Todos partilhávamos da sua alegria. O anúncio da chegada de uma criança só podia ser um sinal de boa ventura. O tio Stefan estava especialmente eufórico. Este seria o seu primeiro neto!

Apenas eu me apercebi de que uma figura magra e encurvada pela idade entrara no salão, movendo-se com a ajuda de um maravilhoso bordão de madeira negra, trabalhado pelos mais habilidosos artífices da raça Superior. Parecia uma manifestação divina; o branco das vestes, da pele e dos cabelos compridos irradiando uma luz que cegava o olhar humano. Atrás de "O Que Tudo Vê" vinham dois guerreiros do povo de Lyria e os mensageiros do meu pai. Como era possível que já estivessem aqui?

O feiticeiro bateu com o bordão no chão de pedra, e o eco estrondeou, sobrepondo-se ao vozeirão dos homens. Todos os olhares se fixaram nos recém-chegados e ergueu-se um coro de reverência. Steinarr foi o primeiro a avançar, curvando-se num cumprimento respeitoso:

— Se bem-vindo à minha casa, venerável! A tua presença é um conforto para os nossos espíritos.

— É um prazer reverte, rei-urso — respondeu "O Que Tudo Vê", num tom cortês. — Saúdo-te, e saúdo a tua casa e os teus convidados.

— Como conseguistes chegar tão rápido? — indagou *o jarl*, dando voz à minha interrogação.

— Sabia que vos encontráreis a caminho — esclareceu o avô. — Por isso, iniciei a minha jornada há dias.

— Então, Sabeis que três das pedras mágicas foram roubadas? — interferiu a minha mãe.

— Sim — assentiu o feiticeiro. — Todavia, essa contrariedade, apesar de grave, terá de aguardar o meu regresso.

— Regresso? — repetiu o rei com estranheza. — Mas, se acabaste de chegar...

“O Que Tudo Vê” colocou a mão enrugada sobre o ombro de Steinarr.

— Escuta-me, rei-urso! A minha chama extingue-se a cada instante que passa, e nenhum homem, Viking ou Aliado, pode contrariar os sortilégios dos mestres da Arte Obscura. Só existe uma forma de deter o progresso das trevas... — Encarou-me subitamente e estendeu-me a mão. — Edwina, herdeira do meu sangue, chegou o momento de subires a Montanha Sagrada e abraçares o teu destino, diante da Pedra do Tempo!

O chão fugiu-me debaixo dos pés. Muitas vezes, ao longo da minha ainda curta existência, imaginara o que sentiria ao enfrentar esta situação. Porém, agora surpreendia-me aterrada... Por que é que o coração me dizia que algo estava errado?

— Avô... — murmurei, abrindo a mente para que ele assimilasse as minhas dúvidas e temores. A sua resposta foi pronta:

“As forças do mal evoluíram mais céleres do que o previsto. Quando a Lua governar o céu nas Terras do Fogo, Sigarr entregará a alma do seu pupilo às trevas. Se o destino de Edwin for cumprido antes do teu, jamais conseguirás superá-lo. Não receies! A tua essência de Guardiã está desperta. Vem, Rainha do Sol! As rodas do tempo giram contra nós...”

Era noite cerrada. Porém, as copas das árvores da Montanha Sagrada resguardavam a luz irradiada pelo solo, criando um ambiente mágico e exclusivo. A brisa quente e úmida colava-se à pele e eliminava os vestígios de cansaço do meu corpo. Os cavalos

avançavam por entre um nevoeiro cintilante; um rio de cores dispersas que se misturavam e fundiam à nossa passagem.

Uma alcatéia seguia-nos de perto — os guardiões das almas atormentadas, que esperavam a redenção para alcançarem o almejado descanso. Os mestres da Arte Luminosa podiam contar com o apoio destas criaturas sagradas, da mesma forma que os mestres da Arte Obscura se serviam das almas danadas. Porém, pelo que eu constatava, também aqui o equilíbrio da magia fora afetado nos últimos anos. A alcatéia de Lobos Negros não parava de crescer, enquanto a de Lobos Cinzentos se extinguia pouco a pouco. O mal enraizava-se na Terra, e aqueles que possuíam o poder de combatê-lo eram cada vez menos... e mais fracos.

A medida que avançava, os meus temores dissipavam-se. “O Que Tudo Vê” dissera que a minha essência de Guardiã despertara, e eu devia confiar no seu julgamento. Custara-me deixar o castelo para trás e a minha mãe lavada em lágrimas de inquietação... Mas o meu destino não podia esperar! Edwin estava prestes a tornar-se um mestre da Arte Obscura e eu tinha de superá-lo em excelência. Falhar não era opção!

Saímos do bosque e deparamos com a visão deslumbrante da Pedra do Tempo, iluminada pelo fogo que brotava da terra, flamejando com a energia das estrelas que alimentava o seu cerne. Aceitei a ajuda de “O Que Tudo Vê” para desmontar e apertei a sua mão. O nevoeiro colorido envolveu-nos e conduziu-nos à Pedra do Tempo. A magia latejava-me no sangue e a voz do meu mestre refrescava-me o espírito, alimentava-me a coragem:

“Nós somos Ar, somos Fogo, somos Terra e somos Água. Temos as estrelas como berço e o universo como casa. Sabemos o porquê do que foi e o rumo do que ainda há de ser. O passado não nos guarda segredos. O futuro pertence-nos. Este é o legado do Dragão — o Conhecimento Absoluto que vive na magia da Lágrima do Sol...”

A Lágrima do Sol estava nas minhas mãos, não transparente, mas escarlate; uma bola de fogo vivo, um pedaço de uma estrela. E pulsava como um coração em sobressalto. A energia que ela emanava espalhava-se pelos meus braços, pelo tronco, até me envolver por completo. Era capaz de sentir cada osso do meu corpo,

cada músculo, cada gota de sangue até à mais ínfima partícula. Eu era Ar, Fogo, Terra e Água. Eu era poder!

"No dia em que nasceste, escolhi-te para continuares a minha missão, Edwina, filha de Throst; minha carne e meu sangue. Que o Dragão da Montanha saiba que tu és a Guardiã da Lágrima do Sol; senhora do seu saber e da sua vontade; a mais sábia de entre os sábios..."

As palavras de "O Que Tudo Vê" diluíam-se com o distanciamento da realidade. O meu ser fragmentava-se numa miríade de partículas de energia pura e viajava pelo tempo e pelo espaço, sobre as estrelas e para além delas, rumo ao infinito. O meu grito preenchia o universo. Era tudo... Era nada... Era, simplesmente. Toda eu existia sem forma. Força e poder. Vida e morte. Bem e mal. O destino vergava-se diante da minha vontade...

— *Rainha do Sol...*

O apelo repetiu-se, num eco que se propagou indefinidamente. Não precisei de buscar Aqueles que me interpelavam. Eles encontravam-se dentro e fora de mim. Existiam e governavam. Continuaram:

— *Vens até nós incompleta! Sem o teu par, nada temos para te oferecer. Volta e recupera o que perdeste. São necessários dois para fazer um...*

De súbito, as vozes calaram-se e a luz dissipou-se. Caí num vazio gélido, gritando desamparada, subitamente consciente do meu corpo mortal. O ar rasgava-me a pele e a mente contraía-se em desespero. Onde estava? De onde viera? Para onde ia? Quem era eu, afinal ?

"Edwina, filha de Throst e Catelyn..."

Caminhos cruzavam-se à minha frente. Para onde me dirigir? Qual deles escolher?

— Avô! — clamei em agonia; a vida precipitando-se diante dos meus olhos como um raio. O coração que batia ao mesmo ritmo do meu distanciava-se cada vez mais. As nossas essências apartavam-se... Um ser rasgava-se em dois.

— Não!

Prendi o fôlego, estreitei os olhos e cerrei os dentes. Estava a ser posta à prova, como tantas vezes antes. Não cederia sem lutar! Era Edwina... E seria Guardiã da Lágrima do Sol!

Este pensamento devolveu-me a lucidez. O meu corpo deteve-se e a razão sobreveio. Encontrei-me sobre a Montanha Sagrada, pairando por cima da Pedra do Tempo. Os dedos sedosos e convidativos das labaredas mágicas que a envolviam escondiam um pico afiado como uma espada gigante, disposta a trespassar aqueles que não fossem dignos de servi-la. Eu escapara à morte por um triz!

Nas minhas costas, o ar ganhou vida, oscilando num frenesi de energia. Voltei-me lentamente, preparada para enfrentar o Guardiã. O vento provocado pelo bater das asas da colossal criatura quase me arrancou os cabelos. Fixei o seu olhar estrelado, sem temor. Ele estava encarcerado entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, ao passo que eu era real e dominava a Lágrima do Sol, um dos cristais que o prendiam à existência concreta. Não seria eu quem se inclinaria perante ele! Seria ele a dobrar-se diante de mim!

O dragão escancarou a bocarra num urro de arrepiar. O seu olhar penetrou no meu, e as nossas essências chocaram-se e fundiram-se, para depois se separarem e recuperarem a forma original: ele, um deus de poder e conhecimento; eu, uma mulher... metade humana, metade feiticeira. Foi tudo tão rápido que mal tive tempo de recobrar o fôlego. Nas minhas mãos, a Lágrima do Sol retomava o seu brilho celestial; o mesmo brilho que fulgia no olhar do Guardiã, quando a sua voz me troou na mente:

"Reconheço-te vitoriosa, Edwina, filha de Throst! Aqueles que governam os destinos do universo determinaram que o Poder e o Saber da Lágrima do Sol servirão a tua vontade. Contudo, lembra-te de que existe um preço a pagar pelo Conhecimento... E um dia, regressarei para reclamar o que me pertence!"

Sentia-me cansada... tão, tão cansada! Todo o meu ser clamava em agonia, ordenando-me que regressasse ao corpo e mergulhasse na doce inconsciência. Era assim que a magia funcionava. Depois de despender tão grande quantidade de energia, era crucial repousar. Porém, quando o dragão se desvanecera, não fora a satisfação da vitória que acabara de alcançar, a honra e a responsabilidade de me

ter tornado Guardiã da Lágrima do Sol, que me ocupara a mente. Fora Edwin... e a terrível certeza de que passaria o resto dos meus dias ferida, rasgada, incompleta, se a nossa separação se concretizasse.

Jamais esqueceria o terror vincado no semblante de "O Que Tudo Vê", ao compreender o que eu tencionava fazer. Fechara-me aos seus apelos, e ignorara o desespero com que ele apertara as mãos inertes e geladas do meu corpo inanimado. Se cedesse à tentação de quedar-me para inspirar um simples fôlego, acabaria por vingarme à exaustão, e Sigarr venceria.

A minha essência viajou até à ilha maldita, concentrando as últimas forças na busca pela energia vital de Edwin. Quando a encontrei, deixei-me cair, qual bola aos trambolhões por uma encosta. No País dos Vikings, o dia estava prestes a nascer, o que significava que, nas Terras do Fogo, a noite se acomodava. Tive a ligeira percepção de luz dispersa, fogo vivo e escaldante, brotando da terra como água... e gritos; uma terrível algazarra de latidos e uivos. Depois, esmaguei-me no solo.

O cheiro a enxofre e o calor insuportável atingiram-me de imediato. Nem sequer tinha defesas para contrariar a ação dos Elementos sobre o meu ser espiritual. Entreabri os olhos devagar, esforçando-me por ver através do fumo que me cercava. Estava no exterior das grutas, ao ar livre... rodeada por um silêncio esmagador. Teria delirado ao julgar-me prostrada no centro de uma assuada? Só podia esperar que sim, porque de outra forma...

— Sê bem-vinda aos meus domínios, Edwina, filha de Throst e Catelyn, herdeira de Hakon, meu querido primo... e de Aranwen, minha saudosa noiva! Por que demoraste tanto?

Reconheceria esta voz na agitação do pior dos pesadelos... E este era o meu maior pesadelo! Inerte e totalmente vulnerável, senti o chão escapar-se e a minha essência a ser capturada, como se de um corpo sólido se tratasse. Poucos seres tinham poder para tal... Mas Sigarr era um deles! Ignorou a guincharia que recomeçara e forçou-me a encará-la, apertando-me o rosto com dedos de aço. O seu olhar azul trespassou-me, e a energia nele contida percorreu-me da cabeça aos pés, devorando a ínfima réstia de alento que o pânico

me restituíra. Atrás de mim, gerava-se um tumulto. O rosto do feiticeiro resplandeceu com um sorriso de puro deleite, mas o seu desprezo era declarado quando exclamou:

— Rapariga, tu és ainda mais néscia do que a tua mãe!

Abruptamente, expôs-me aos olhos da multidão. Estávamos num dos pontos mais altos da ilha e os demônios espalhavam-se por toda a parte: espezinhavam a terra ardida, saltavam de rocha em rocha e latiam num frenesi tresloucado, enquanto sacudiam as cabeças para exhibir os cornos afiados e chicoteavam o solo com as caudas. Vulcan, o seu soberano, marcava posição ao lado de Sigarr... E Edwin encontrava-se diante de mim, apesar da razão que me restava se negar a reconhecê-lo.

O corpo do meu primo, desprovido de vestes, estava coberto por uma papa feita de cinza e de uma substância espessa e vermelha... inequivocamente sangue! Do pescoço pendia-lhe uma mistura repugnante de fios adornados com ossos humanos. Os seus dedos fechavam-se no cabo de um punhal, cuja lâmina brilhava à mercê das chamas das fogueiras. E ele fixava-me como se não acreditasse nos seus olhos; a boca escancarada num misto de choque e horror.

A dois passos, um rapaz estrebuchava, acorrentado de mãos e pés a duas colunas de rocha fina, esculpidas com símbolos que prenunciavam desgraça. Teria a idade de Darrin, se tanto! Devia tratar-se de um naufrago, vítima dos sortilégios dos dois caçadores de almas, como tantos outros, e preservado para a ocasião. Também estava nu, e a sua pele alva contrastava com o preto e vermelho da noite, da rocha, do mar e das chamas. Os seus gritos perdiam-se por entre a restante loucura. Suplicava-me por ajuda... Como se eu estivesse em condições de provê-la!

— Contemplai a nova senhora da Lágrima do Sol! — declamou Sigarr para os seus vassalos. — Fizeste um excelente trabalho, Loki! A donzela mal enfrentou o Guardiã da Montanha e já acorre em teu auxílio. Porém, tenho uma novidade para ti, Guardiã! O Loki não precisa de ser salvo! Ao meu lado, viverá uma eternidade de glória! — Baixou a voz e encostou os lábios ao meu ouvido, lascivamente, divertindo-se com o meu tremor. — Acreditaste que era possível invadir a minha casa e roubar o que me pertence, debaixo do meu

nariz, ignara criatura? A tua presença aqui foi planeada desde o primeiro dia! E, este momento, antecipado e ardentemente desejado! Agora, chamarei o teu corpo, e, ao meu lado, assistirás a um verdadeiro ritual de iniciação.

Os demônios aplaudiam em êxtase. Vulcan continuava impassível, mas o seu olhar ferino e desconfiado não abandonava Edwin, como se aguardasse por uma reação à minha presença. Também eu esperava... mas por um milagre! Nem tudo podia ter sido mentira! A nossa amizade... O elo que nos tornava indivisíveis... Apesar do aviso da Pedra do Tempo, e de saber que a sua alma ruía na direção das trevas, eu viera ao encontro do meu primo, movida por uma confiança cega... por um sentimento tão poderoso que me manipulava a vontade! Amor... Sim, amor!

"Edwin..."

Os seus lábios cerraram-se, acusando perturbação. Sem duvidar por um instante da lealdade do pupilo, Sigarr prosseguiu, num sussurro tormentoso e rude:

— Queres antever o espetáculo que preparei em tua honra, Rainha do Sol? Quando a Lua reinar sobre nós, Loki beberá o sangue inocente e pejado de vida deste rapaz, diretamente do coração. Depois, a sua essência abrir-se-á à Arte Obscura... E será como um verdadeiro mestre de magia negra que enfrentará o Guardião da Montanha, e herdará o meu poder! Por fim, o Rei da Lua reclamará o teu corpo e plantará a sua semente no teu ventre! Não foi isso que sempre desejaste; estar nos seus braços, desfrutar do seu ardor? Esta noite, a herdeira daqueles que me traíram conceberá um genuíno servo da Arte Obscura! Um deus que governará a Terra... de acordo com a minha determinação, tal como o seu pai!

A perplexidade no olhar de Edwin revelava o desconhecimento da última parte do plano do feiticeiro. O seu peito oscilava, ao sabor da respiração descompassada, enquanto os dedos se crispavam sobre o punhal. Apesar de ambicionar o poder que lhe era oferecido, ele ignorava a Profecia do Filho do Dragão... assim como a intenção de Sigarr de me aprisionar e concretizar a sua vingança. Sabia que, como Rei da Lua e Rainha do Sol, mais tarde ou mais cedo teríamos

de nos confrontar... mas nunca lhe passara pela cabeça que seria desta forma!

— Edwin... — apelei, em busca de um vestígio de luz na sua alma torturada. — Sigarr jamais abdicará do seu poder... Quando tiver o que almeja, matar-nos-á aos dois!

O feiticeiro gargalhou, deleitado com o meu desespero. Sem aguardar por uma resposta, puxou-me ao encontro do seu olhar glacial e rugiu:

— Estás pronta para enfrentar o teu destino, Guardiã?

Eu teria gritado se tivesse força, quando o poder execrável do mestre da Arte Obscura agitou cada partícula da minha essência. Deitado indefeso na sombra da Pedra do Tempo, o meu corpo fragmentava-se sob a influência de um dos mais poderosos sortilégios malignos. Na Ilha do Fogo, o meu ser ganhava consistência e perdia o brilho da indefinição espiritual. E a dor daí resultante era indescritível!

Então, inesperadamente, o processo começou a reverter-se. Na Montanha Sagrada, “O Que Tudo Vê” socorria-se de um contra-feitiço para me salvar. Tentei ignorar o sofrimento pungente que paralisava o próprio pensamento e concentrar-me nessa energia limpa. Era, porém, uma batalha perdida! O vigor de Hakon tornara-se inferior ao de Sigarr, no instante em que me transmitira o seu poder de Guardiã. E eu, fraca como estava, nem conseguia estalar os dedos.

— Solta-a... — tartamudeou Edwin, num sussurro engasgado. O tempo deteve-se; a minha sorte suspensa nesse frágil fio de voz.

Vulcan rugiu, exibindo as presas fenomenais e, de imediato, os demônios interromperam as danças alucinadas. Sigarr hesitou, encarando o seu protegido com um esgar incrédulo. O choro do jovem que estava prestes a ser sacrificado era o único som que perturbava os ruídos da noite.

— Solta-a, imediatamente! — repetiu Edwin com maior convicção, apontando o punhal ao rei dos demônios e ao seu mentor. — Serei teu escravo por toda a eternidade, mestre... mas terás de libertá-la, já!

— Eu avisei-te de que ele acabaria por te atraíçoar, Sigarr — rosnou Vulcan, distendendo as garras lameliformes. A pele escarlate do seu rosto bestial, enrugada por centenas de anos de maldade, assumiu uma tonalidade negra. Os olhos chamejaram e as narinas libertaram vapor. Preparava-se para atacar.

— Como te atreves a afrontar-me? — mastigou o feiticeiro, num tom pejado de ameaça.

O meu primo endireitou os ombros e manteve-se irredutível:

— A liberdade da Edwina é o meu preço para continuar ao teu lado.

O corpo de Sigarr ficou tenso. Bufou de desprezo, tremendo de raiva. A minha satisfação de ver Edwin insurgir-se contra o seu odioso mestre desapareceu, no instante em que um calor insuportável me fulminou. O meu coração falhou uma batida, duas, três, quatro...

— A tua vida pertence-me, néscio aprendiz! — troou o feiticeiro. — Se queres conservá-la, apressa-te a celebrar o ritual! Depois, tu próprio chamarás o corpo desta imprestável e cumprirás a minha vontade, enquanto decido se mereces que releve a tua insurreição! De outra forma, a Rainha do Sol morrerá de imediato... E tu serás a minha dádiva a Vulcan!

Na Montanha Sagrada, o meu corpo convulsionava debaixo das mãos de Hakon. Na Ilha do Fogo, à mercê de Sigarr, a minha essência extinguiu-se pouco a pouco. Com o olhar preso no meu, Edwin arquejava de aflição. Decidiu-se a avançar para o rapaz, que se debatia apavorado, e preparou-se para desferir um golpe certo, enquanto murmurava:

— Isto é o melhor que posso fazer por ti! — E espetou-lhe o punhal no peito... Só que, em vez de lhe expor o coração, como o funesto ritual determinava, empurrou a lâmina até perfurá-lo.

O grito do jovem mal se formou na garganta. O seu corpo franzino pendeu sem vida, suspenso das correntes, sangrando abundantemente. Edwin recuperou a arma e voltou-se para nos encarar. Algo mudara nele, num piscar de olhos. Seguro e altivo, bradou num tom que fez a ilha estremecer:

— Eu desafio-te, Guardiã! Exijo um duelo pela posse da Lágrima da Lua e pela vida da Rainha do Sol. — Exibiu a tatuagem que lhe rodeava o pulso, onde o dragão se movia ao encontro da Lua, animado pela magia do seu sangue. — Tu próprio me escolheste e marcaste para teu sucessor! Agora, reclamo esse direito aos olhos do Guardiã da Montanha!

Julguei que era o fim! Porém, para assombro do meu agonizante ser, o ardor que me queimava finou e o mestre da Arte Obscura libertou-me. Tombei aos seus pés qual folha seca, e, após um fôlego dorido, o meu coração recomeçou a bater. Ouvi Sigarr volver-se, com o escárnio a distorcer-lhe a voz, demasiado orgulhoso para recusar tamanha afronta à sua autoridade:

— Se pretendias usurpar-me o poder, vil traidor, devias ter tido a inteligência de concluir o ritual. Como Sacerdote da Arte Obscura, talvez pudesses sonhar com a vitória! Assim, preso à tua reles humanidade, serás esmagado como um verme...

— Quem sabe se a Lágrima da Lua não está cansada de pactuar com as trevas? — cortou Edwin, assumindo uma posição de defesa, com o punhal ensangüentado em riste. — Talvez abrace esta oportunidade de servir um novo mestre!

O feiticeiro gargalhou asperamente, ante a descoberta de que Edwin não lhe pertencia. Restava-lhe esquecer os anos que investira na sua preparação, e eliminar a ameaça que ele constituía. E, para que tal se verificasse, os rituais tinham de ser respeitados; ninguém podia interferir numa disputa de honra! Com um gesto simples, incendiou um círculo mágico em nosso redor, isolando-nos dos demônios que latiam enlouquecidos. Depois, retirou o cristal da Lua do esconderijo das suas vestes e permitiu que este levitasse, atijando o pupilo:

— Contempla-o uma última vez, fedelho insolente! Quando acabarmos, lamentarás amargamente o tempo que me fizeste perder! Sempre foste uma decepção... Se a tua mãe aqui estivesse, matar-te-ia com as suas próprias mãos!

Edwin investiu adiante com um grito irado. Sem se perturbar, Sigarr deteve o seu avanço, criando uma barreira de energia contra a qual o aprendiz chocou, caindo para trás. Debaixo dele, a rocha

fendeu-se e vomitou fogo, forçando-o a um salto prodigioso para se pôr a salvo. Ainda assim, ficou com as costas seriamente queimadas, em carne viva... mas, apesar do seu rosto se distorcer num esgar de dor, o meu primo não soltou um queixume.

Assumindo um sorriso mordaz, Sigarr puxou pelo cinto que lhe cingia as vestes e este, nas suas mãos, ganhou vida sob a forma de um chicote de energia. A ostentosa arma estalou no chão, soltando faíscas ao provocar o rival. Edwin estendeu a mão e o punhal que perdera voou ao seu encontro. Desta vez, manteve-se alerta... E o ataque do feiticeiro não se fez esperar!

O chicote rasgou o ar e o meu primo desviou-se, rebolando sobre o chão que se liquefazia. Outro ataque obrigou-o a saltar, mas, mal tocara o solo, já o cinto de luz lhe flagelava as pernas, desequilibrando-o. Desta vez, caiu sobre o peito e o seu grito de dor rasgou-me a alma. Só a sua extraordinária concentração lhe permitiu levantar-se. Tinha a pele em chaga... Contudo, não se deu por vencido! Mal pude acreditar na sua resistência, quando uniu as mãos com um berro aguerrido, deixando um vapor gélido suspenso entre elas, ao afastá-las. E, antes que Sigarr deslindasse o seu intento, tombou de joelhos e enterrou os dedos nas fendas ardentes.

A terra começou a tremer. O círculo de fogo ameaçou apagar-se, quando a lava solidificou bruscamente e o solo congelou em redor de Edwin. No exterior, os demônios guinchavam assustados. O frio chegou até mim como uma bênção... Mas Sigarr não se deixou impressionar! Com a mestria de séculos de prática, fustigou novamente o pupilo, enrolando a ponta do chicote no seu pescoço. Depois, esticou-o com veemência, derrubando Edwin e arrojando-o pelo chão, até o sangue das feridas abertas na sua carne massacrada ocultar o brilho gélido da rocha.

Sufocado, o meu primo tentou evitar o estrangulamento, afrouxando o aperto com os dedos. O seu martírio estava para além da imaginação... E tudo por minha causa! Tinha de fazer alguma coisa... Mas o quê, se não me restava um pingote de energia?

Então, a luz irradiada pela Lágrima da Lua, suspensa sobre as nossas cabeças, atraiu o meu olhar. A sua arrebatadora essência recordou-me a conversa que tivera com a minha mãe. Se não

estivesse ao serviço da Arte Obscura, a Lágrima da Lua seria tão benévola como a Lágrima do Sol. Afinal, tinham em comum a inocência do Conhecimento! A forma como os Guardiões as manipulavam é que definia a natureza da sua magia. E se Edwin estivesse certo? E se a Lágrima da Lua desejasse um novo mestre; alguém que lhe devolvesse a pureza primordial?

"Edwin... O cristal! Reclama o cristal!"

O meu primo continuava a estrebuchar na ponta do chicote de Sigarr, banhado no seu próprio sangue. Temi que não escutasse o meu débil apelo... Porém, de imediato, o seu braço elevou-se na direção da Lágrima da Lua, num chamamento silencioso mas pleno de convicção.

E o inimaginável aconteceu! O cristal que se mantivera a pairar, observando impassível a disputa dos dois rivais, voou até à mão de Edwin e aninhou-se entre os seus dedos, como se estivesse destinado a pertencer-lhe. Perante tamanha audácia, Sigarr praguejou e tentou atrair o pupilo para si, puxando pelo chicote. Qual não foi a sua surpresa quando este se partiu... O sortilégio estava desfeito e Edwin finalmente livre!

— Louco! — rugiu o feiticeiro, estendendo o braço para reivindicar a sua herança de sangue. — Não podes superar o meu poder!

Edwin levantara-se e, na sua mão, a Lágrima da Lua libertava centelhas de luz. Disposto a provar que os dias de glória do mestre da Arte Obscura tinham terminado, abriu os dedos e entregou ao cristal a escolha do seu senhor. Apesar dos esforços de Sigarr, que lhe cobriam a testa de suor, este não se moveu.

— Não é possível — tartamudeou a abominável criatura. — Eu sou o Guardião da Lágrima da Lua! Ela vai obedecer-me!

O seu desespero assumiu proporções descomunais, ao verificar a derrota. Mirou-me de esguelha, com os dentes cerrados... E, subitamente, arremeteu contra mim, berrando:

— Vulcan!

Edwin saltou sobre o feiticeiro e interceptou-o. Tombaram no chão, enrolados num ardor enraivecido, cientes de que tudo, inclusive a sobrevivência, dependia do resultado deste confronto. No exterior do círculo, os demônios respondiam ao apelo do seu senhor

e tentavam atravessar as chamas, mas a magia ritual repelia-os. Habitados a ter o fogo como aliado, as criaturas não compreendiam por que o seu ataque falhava e insistiam, determinadas bramindo enraivecidas sempre que forças invisíveis as catapultavam para longe.

Praticamente em cima de mim, Vulcan marrava a barreira mágica com os fabulosos cornos, provocando distorções no seu equilíbrio. Arrastei-me para o centro do círculo, buscando uma segurança que sabia vã, e deparei com a Lágrima da Lua, que caíra da mão de Edwin no fulgor da contenda, brilhando como uma estrela negra. A dois passos, mestre e aprendiz sovavam-se violentamente. Sigarr já sangrava do sobrolho e do lábio, mas enterrara as unhas nas queimaduras de Edwin como se pretendesse separar-lhe a carne dos ossos. As pernas de ambos entrelaçavam-se num abraço mortal. A rocha do solo, exposta a diferenças de temperatura extremas, quebrava-se sob os seus corpos e originava estilhaços afiados como lanças. Temi que a esperança estivesse perdida quando Sigarr encontrou o punhal de Edwin entre os pedregulhos, e o forçou contra a sua garganta, disposto a degolá-lo. A mão do meu primo opôs alguma resistência, mas era óbvio que a robustez centenária do feiticeiro acabaria por levar a melhor. O que fazer? O que fazer?

Estendi a mão ao encontro da Lágrima da Lua, receosa, convicta de que os meus dedos atravessariam a sua solidez, demasiado fracos para interagir com algo real. Porém, não só consegui agarrar o cristal, como este aceitou a minha essência, abraçou-a e reconfortou-a, de tal forma, que me senti de imediato mais forte.

Pus-me de pé, disposta a tudo para ajudar Edwin. A lâmina do punhal pressionava a sua pele e um fio de sangue escorria do corte... Não me bastava ser rápida. Tinha de ser eficaz! Uma hesitação, um passo em falso, e o meu primo morreria. A Lágrima da Lua guiava-me, pulsando entre os meus dedos, cada vez maior, cada vez mais pesada; a arma perfeita!

Elevei o braço e baixei-o com um ímpeto arrebatado, atingindo Sigarr nas fronteiras. A violência do impacto foi tal que o seu corpo voou de cima de Edwin, prostrou-se no chão e ali ficou estendido, sem se mover, sem soltar um gemido. O sangue jorrava da sua testa

aberta, ensopava os longos cabelos dourados e espalhava-se sobre a pedra. Do lado de fora do círculo, os demônios detiveram as investidas e quedaram-se confusos e assustados, buscando a orientação do seu rei. Por entre o aterrador silêncio que consumia o ar, Vulcan deitou a cabeça para trás e soltou um urro que devorou a noite.

— Edwina...

Acorri ao apelo de Edwin e ajudei-o a suste-se. Desejei aninhar-me verdadeiramente nos seus braços e apaziguar o seu tormento. Os meus olhos não vertiam lágrimas, mas eu chorava quando as suas mãos envolveram a essência do meu rosto. Entreguei-me ao seu beijo sem remorsos, pois reconhecia que não podia existir outro homem na minha vida. Eu amava Edwin, com todas as forças do meu corpo e do meu espírito! Recordei as palavras de Lyria e sentime enlevar. Este era o destino pelo qual estava disposta a dar a vida!

A algazarra dos demônios trouxe-nos de volta à realidade. Sigarr estava morto, mas uma ameaça não menos terrível aguardava-nos para lá do círculo mágico.

— Não temas, Rainha do Sol! — murmurou o meu primo solenemente. — Em breve estaremos em casa!

Sem mais delongas, tomou a Lágrima da Lua das minhas mãos. Afastei-me alarmada, ao verificar que o cristal pulsava vigorosamente, mudando de cor, de tamanho e de forma, à medida que sugava energia da terra, do mar, do próprio céu... e a transferia para o corpo do seu Guardiã. Diante dos meus olhos, Edwin assumiu uma cintilação negra e as suas feridas começaram a sarar. Então, da mesma forma assombrosa como absorvera o poder, ele libertou-o de uma só vez, numa onda fulminante de luz, que me acariciou como uma brisa de Verão, mas assolou o círculo ritual e arremessou as grotescas criaturas pelo ar.

O esplendor mágico perdurou, transformando a noite em dia, iluminando o mar até perder de vista e o céu estrelado, onde a Lua ainda imperava. Quando se desvaneceu, constatei que a maior parte dos demônios tinha desaparecido; alguns jaziam no chão, inanimados ou mortos. As colunas de pedra onde o infeliz rapaz fora

sacrificado encontravam-se vazias, talvez porque os monstros já tivessem dividido os despojos do cadáver. O anel de fogo onde se desenrolara o combate apagara-se. E o corpo de Sigarr desaparecera, resgatado por Vulcan.

Edwin caiu de joelhos, exausto. Quedei-me ao seu lado e busquei o olhar incrivelmente verde. Acabara de testemunhar o quanto o poder da Arte Obscura, aliado à magia da Lágrima da Lua, era perigoso. Porém, desta vez, a habilidade de extorquir a energia das coisas vivas ou inanimadas fora usada para uma boa causa. E tinha a certeza de que assim também seria no futuro, pois o novo guardião do cristal era um homem de coração puro.

— Temos de ir — arfou, tentando coordenar a respiração. — Vulcan e os seus servos fugiram... mas voltarão! Preciso de encontrar um lugar seguro para descansar; para reunir forças para fugir desta ilha maldita... E tu tens de recuperar a energia necessária para regressares ao teu corpo. O que fizeste foi muito perigoso, Rainha do Sol... E fizeste-o por mim...

Calou-se, com a voz embargada pela emoção. A tênue luz da Lua, verifiquei que o seu corpo estava coberto por manchas vermelhas; cicatrizes que o tempo acabaria por sarar. A energia que assimilara fora tão poderosa que lhe regenerara o cabelo queimado! Apreciei-o com olhos de mulher e cedi a um sorriso, acariciando-lhe o rosto com os dedos brilhantes da minha essência, enquanto replicava:

— O que tu fizeste também foi fantástico! És um homem livre, Rei da Lua!

Ele silenciou-me com um toque dos seus lábios, sussurrando ternamente:

— Só serei livre quando te tiver realmente nos braços, sem que nada nem ninguém nos possa separar! — Fez uma pausa e prendeu-me o olhar. — Esperarás por mim, Edwina? Renunciarás ao teu príncipe... e serás minha?

Foi a minha vez de calá-lo com um beijo.

— Eu sou tua desde o instante em que fomos gerados... E serei tua até morrer!

Os primeiros raios de Sol atreviam-se no firmamento, mas Edwin não ousava parar. A sua vontade era forte, ao ponto da exaustão

prostrá-lo e ele continuar a arrastar-se, rumo ao mar. No segredo de uma das grutas da ilha encontravam-se alguns barcos pequenos. Estes eram a sua única esperança de fuga, mas tinha de alcançá-los, antes que o ódio dos demônios superasse o medo. Vulcan também era um ser mágico e sabia que, após tão extraordinário esforço, o poder da Lágrima da Lua enfraquecera e o corpo do seu guardião ansiava por repouso.

— Edwina... — murmurou a custo, com os olhos a fecharem-se, cambaleando sobre as rochas, escorregando, caindo e voltando a erguer-se, para cair mais uma vez. — Diz ao meu pai... que não lhe guardo rancor... A minha mãe era má... como Sigarr... Tinha... de ser detida...

— Tu mesmo lhe dirás isso — retorqui. — Não fales! Poupa as tuas forças...

— Volta para casa... — insistiu pela milésima vez. — Não é bom... manter a essência... tanto tempo... longe do corpo...

— Eu estou bem! — teimei. — Além disso, o meu corpo está seguro.

— Edwina...

— Chiu!

Já não faltava muito. A entrada da gruta ficaria visível assim que contornássemos o sinistro rochedo que se erguia adiante. Estávamos a atravessar uma escarpa perigosa, e um pé em falso resultaria numa queda fatal. Ele tinha de ser cuidadoso...

De súbito, os latidos tornaram-se audíveis. Edwin susteve a respiração e comprimiu os seus lábios. A sua concentração extinguiu-se e o corpo cedeu, rebolando pelo declive repleto de formações cortantes como espadas, até se deter, estranhamente retorcido, numa pequena plataforma açoitada pelas ondas da maré alta. Parei até ele, muda de horror, mas suspirei de alívio ao ouvi-lo gemer. Pelo menos estava vivo!

— Edwin, levanta-te! — supliquei. — Ainda tens tempo...

Os seus olhos fixaram-me, marejados de lágrimas. Uma simples inspeção bastou para concluir que não iria a lugar nenhum. Tinha as pernas partidas... Numa delas, o osso espreitava pela carne,

agressivamente branco contra o vermelho do sangue que jorrava em repuxo.

— Edwin...

Um urro ecoou sobre as nossas cabeças. No topo da escarpa, Vulcan anunciava a sua vitória. Atrás dele, o exército de demônios rosnava, prestes a precipitar-se contra a presa indefesa.

— Leva o cristal contigo... — murmurou Edwin, em agonia. — Guarda-o... Não permitas... que o Vulcan lhe deite a mão...

Eu não acreditava no que estava a ouvir! Ele não podia desistir!

— Edwin — apelei desesperada —, talvez o cristal ainda tenha energia...

— A Lágrima da Lua está apagada... como eu... — Abandonou-a sobre a pedra e começou a arrastar-se até ao precipício. — Mas, nenhum de nós... cairá nas garras dos monstros...

— Edwin...

Vulcan e as suas bestas desciam a escarpa a uma velocidade vertiginosa, usando as unhas afiadas para se equilibrarem, e saltando de uma forma que desafiava as leis naturais. Edwin estava à beira do abismo e eu não sabia o que fazer para detê-lo. Mesmo com o corpo são, ser-lhe-ia difícil sobreviver a uma queda nestas água infestadas de rochedos letais.

— Edwin...

— Voltaremos a encontrar-nos, Rainha do Sol...

E desapareceu, deixando um rasto de sangue atrás de si.

Gritei, apavorada. Voei adiante e enfrentei o vazio, sem me lembrar de que talvez ainda estivesse demasiado fraca para fazê-lo. Perscrutei a superfície ondulada do mar, em busca de um sinal do meu amado... Contudo, o seu corpo não emergiu uma única vez.

Os olhos da minha essência ferida voltaram-se para o penhasco. Vulcan estava prestes a fincar as unhas na Lágrima da Lua. Sem pensar, arremeti adiante e agarrei o cristal um instante antes dele. O vento provocado pelas suas garras fustigou-me os cabelos, mas escapei-lhe por um triz. Os demônios não podiam voar e latiam de frustração ao ver-me pairar, longe do seu alcance. Vulcan inclinava-se na beira do precipício, uivando e fumegando, enlouquecido pela raiva.

Por trás de mim, o Sol fazia uma aparição triunfal e o seu vigor era alimento para a minha magia. Com a Lágrima da Lua segura, encarei o rei do Povo do Fogo e gargalhei ante os seus urros. Sentia-me tão desfeita por dentro que a minha dor extravasava num ódio descomunal, que jamais pensara experimentar. Não era a razão que dominava os meus atos e sim o mais primitivo dos instintos. Clamei:

— Eu sou Edwina, Guardiã da Lágrima do Sol! Recorda-te do meu nome por toda a eternidade!

E libertei a magia sob a forma de raios, que chocaram contra a rocha e a fragmentaram em milhares de pedregulhos. Alguns demônios pereceram, fulminados pela luz alva. Outros, escorregaram às cambalhotas pela escharpa e tombaram no mar. A derrocada apanhou Vulcan desprevenido. O seu corpo colossal arriscou um salto para a segurança de uma plataforma vizinha, mas foi colhido por uma pedra aguçada, que o arrastou para o vazio, no instante em que a onda recuava. Foi com retorcido prazer que observei o rei das bestas, esmagado contra os rochedos, a ficar submerso pela água que se divertia a brincar com os seus cornos.

Depois, sentime fraca... Pensar que podia perder a Lágrima da Lua no regresso à Montanha Sagrada nem me permitiu um último olhar para o mar, onde parte de mim encontrara finalmente o merecido descanso, após uma existência atormentada, cativa das profundezas ardentes do inferno.

CAPÍTULO 19

— Edwin...!

Incontáveis vezes, durante os dias que se seguiram, despertei do delírio febril apenas para gritar o nome do meu amado. “O Que Tudo Vê” e a minha mãe não saíram do meu lado, atentos ao menor sinal de consciência. A preocupação vincada nos seus rostos acompanhava-me nos longos períodos de esquecimento, quando o meu ser deambulava pelo vazio da privação de sentidos. Aos poucos, o meu corpo recuperava do esforço a que eu o submetera e que quase me esgotara... Mas a minha mente devaneava, perdida numa absoluta negação da realidade. Edwin prometera que nos voltaríamos a encontrar! Aguardava-me... em algum lugar do mundo! Não morreria! Eu haveria de salvá-lo... Tinha de salvá-lo, ou a minha vida perderia o sentido!

Então, num desses momentos de estranho alheamento, “O Que Tudo Vê” segurou-me as mãos e falou-me com carinho:

“Devo deixar-te agora, querida neta! A jornada que me espera ainda é longa, e anseio pelo conforto do fim da viagem. A minha missão foi cumprida... Cabe-te a ti continuar a demanda pela justiça! Aprende a cada novo dia com satisfação, pois só o Saber te conduzirá à vitória. Protege a Lágrima da Lua, até que alguém digno da herança do dragão venha reclamá-la. Defende Lyria sem hesitações, pois no seu legado está o futuro do nosso povo. E não feches os olhos à esperança e o coração ao amor, Edwina... Um dia, quando menos esperares, encontrarás a felicidade que te está reservada.”

Beijou-me a testa e partiu, sem me permitir reclamar da sua decisão. O sono subjugava-me e era impossível manter os olhos abertos. Sonhei que deslizava sob as ondas do mar... E, à minha volta, bailavam formas que não podiam ser peixes nem homens, agitando os corpos compridos e elegantes, da cor da prata, ao som de hinos melodiosos que convidavam a nunca mais voltar a casa. Mas eu tinha que regressar... A minha família precisava de mim!

Inspirei o ar fresco com crescente satisfação. O odor ameno do Verão era um bálsamo! Havia flores novas na jarra. Os pássaros cantavam por baixo da janela do quarto. A luz delicada da manhã convidava-me a abrir os olhos. Uma mão forte e decidida acariciava a minha, suplicando por uma reação... O meu pai? Não...

— Edwin!

Sentei-me na cama, com os olhos bem abertos e os braços estendidos, ofegante de esperança e antecipação. O olhar cristalino que me aguardava escureceu, pejado de emoções contraditórias. Recuei ao reconhecer Ivarr, com um gemido de angústia a escapar-me da garganta. As lágrimas escorreram-me pelas faces, à medida que a memória regressava, acre e cruel. Perante a rejeição instintiva, o meu noivo limitou-se a murmurar numa voz sumida:

— Vou chamar a tua mãe. Voltarei quando estiveres mais calma.

A minha mãe entrou sozinha, e eu sentime grata pela privacidade do reencontro. Abracei-a e chorei compulsivamente, até nada restar na minha alma além de um imenso vazio que jamais poderia ser suprimido.

— O Edwin morreu... — sussurrei por fim, descansando a cabeça no seu peito.

Surpreendi-me ao verificar que ela nada sabia acerca da tragédia. Pelo visto, “O Que Tudo Vê” resolvera entregar-me a decisão de revelar, ou não, a verdade. Comecei cautelosamente, mas descobri que era impossível calar-me. Partilhar a dor com a minha mãe tornava-a um pouco mais suportável. No fim, Catelyn respirou fundo e embalou-me, escolhendo as palavras antes de se pronunciar:

— Não te culpes, querida! Fizeste... até mais do que podias! Talvez devesse ralhar-te pela tua insensatez, mas não o farei. Compreendo o teu desespero. Também já arrisquei tudo por amor...

— Mas venceste! — atalhei com amargor. — E eu não fui capaz...

— Tu libertaste uma alma da escravidão e mostraste-lhe a felicidade! Guarda com carinho a lembrança da nobreza e da coragem de Edwin. Ele sacrificou-se para que o poder da Lágrima da Lua não voltasse a aterrorizar o mundo. Essa é a vossa vitória!

— A Lágrima da Lua...

Só agora recordava a batalha sem tréguas que travara contra a fraqueza para conseguir transportá-la até à Montanha Sagrada. Se não fosse a ajuda de “O Que Tudo Vê”, ter-me-ia perdido no caminho. A imagem do cristal da Lua ao lado do cristal do Sol, debaixo da proteção da Pedra do Tempo, onde o meu corpo inanimado repousava junto da figura etérea do meu bisavô, parecia-me irreal; um produto da imaginação extenuada.

— Sossega, Edwina — aquietou-me a minha mãe. — A Lágrima da Lua encontra-se em segurança na Montanha Sagrada, longe do alcance da perversa ambição dos mestres da Arte Obscura.

— Mas o cristal foi-me confiado! — contestei sem entender.

— Por que escondê-lo, se o Sigarr já não pode reclamá-lo...? — Detive-me, sentindo os ossos gelarem dentro da carne, ao assimilar a desconfiança da minha mãe.

— É impossível! Esse hediondo feiticeiro não pode estar vivo! Eu matei-o com as minhas próprias mãos...

— A morte do Edwin tem como conseqüência a imediata transição do seu poder para o anterior guardião — lembrou ela, com uma indulgência paciente. — Se o Sigarr também estivesse morto, o seu pai já teria descido da Ilha Sagrada para reclamar o que lhe pertence.

— Então... — gemi sufocada. — Foi tudo em vão...

— Não! — contrapôs a minha mãe. — O Edwin morreu livre... E, sem o apoio da magia do cristal, os poderes de Sigarr estão debilitados. Além disso, tu és a Guardiã da Lágrima do Sol! Neste momento, a vantagem pertence-te!

Eu não me sentia em vantagem... nem sequer sabia se desejava continuar a lutar. Tivera de perder Edwin para admitir que o amava. Agora, jamais seria feliz... E nem tinha tempo para chorar a minha perda! Enquanto eu agonizava, Aesa consolidava as suas defesas.

— “O Que Tudo Vê” não devia ter regressado à cidade de Lyria — desabafei, frustrada. — Como conseguiremos definir uma estratégia para combater os Vândalos e recuperar as pedras mágicas, sem a sua orientação?

A minha mãe fixou-me em silêncio; o sobrolho franzido, a respiração pesada... De imediato, percebi que algo acontecera...

Algo terrível, que me escapara.

— Mamã... — comecei suplicante. — O que é que se passa?

O tempo arrastou-se... até ela indagar:

— O que te leva a pensar que “O Que Tudo Vê” voltou para os domínios da rainha Lyria?

— Ele despediu-se de mim esta noite — respondi, inquieta. — Disse que ia fazer uma viagem longa e... — detive-me, acometida por uma desconfiança tão terrível que nem me atrevi a exprimi-la em voz alta. A minha mãe suspirou e apertou-me as mãos, prossequindo num tom comovido:

— Eu não descansei a partir do momento em que partistes para a Montanha Sagrada. A vossa demora desesperou-me... Por fim, decidi seguir-vos, e o teu pai acompanhou-me. Todavia, o que encontramos... — Fez uma pausa para recuperar a voz que se sumira. — Tu jazias inanimada, entre os cristais... E “O Que Tudo Vê”...

— Não... — gemi, negando com a cabeça.

— O teu pai levou o seu corpo para a gruta que o acolheu durante os anos de exclusão — continuou ela a custo. — E uma das passagens secretas da montanha abriu-se diante deles...

— Não é possível! — cortei, recusando-me a acreditar. — “O Que Tudo Vê” esteve sempre ao meu lado, aqui no quarto, velando pela minha recuperação! Só partiu esta noite... — Detive-me, sufocada, e sucumbi ao pranto. A minha mãe tornou a acalantar-me, replicando:

— O espírito do teu bisavô acompanhou-te, querida... O seu corpo repousa na Montanha.

— Foi por minha culpa... — balbuciei horrorizada. — Se não tivesse seguido Edwin... “O Que Tudo Vê” esgotou-se para me salvar! Eu matei-o!

— Não digas isso, Edwina! — objetou a minha mãe com severidade. — O teu bisavô ficaria muito zangado e magoado se te ouvisse! Eu não compreendia como a Lágrima da Lua regressara à Montanha... Mas, agora que me explicaste, admito que fizestes o que era devido. “O Que Tudo Vê” deu a vida por uma boa causa, e partiu satisfeito, com a garantia de que a sua missão será bem defendida!

Não tive alento para lhe responder. Todas as justificações me soavam vãs. Por que é que o destino se divertia a privar-me das pessoas que mais amava? Numa só noite perdera o meu mestre... e o meu amor. Ante tamanho desgosto, pensar que a Lágrima da Lua se encontrava na Montanha era um conforto ínfimo. Se não tivesse seguido o coração, "O Que Tudo Vê" estaria vivo... e Edwin também! Nesse instante de supremo desespero, jurei solenemente que nunca mais me deixaria cegar pelos sentimentos; jamais voltaria a tomar uma decisão que não fosse cuidadosamente ponderada! E agora? O que seria de mim sem a orientação do meu mentor?

A minha mãe encarregou-se de revelar o que acontecera na Montanha, mantendo privada a natureza dos meus sentimentos por Edwin. Aos poucos, fui recebendo a visita daqueles que me eram queridos e de todos escutei palavras de conforto e encorajamento. O tio Berchan foi o mais frio... Apesar de não o declarar, era evidente que me culpava pela morte do nosso mestre. No fim, foi Edwin McGraw quem voltou a surpreender-me. Fiz questão de falar-lhe a sós e entregar-lhe a mensagem que o seu primogênito me confiara. O meu tio escutou-me com atenção e acabamos abraçados; as nossas lágrimas declarando-nos aliados no sofrimento.

Essa noite foi passada em família. Os meus pais mimaram-me, Thora distraiu-me com o relato das suas últimas peripécias e Freya forçou uma centena de sorrisos tristes. O olhar da minha mãe denunciou que também ela se inquietava pela mais nova das gêmeas. Porém, este não era o momento certo para aflorar o assunto.

Dentro da proteção dos braços do meu pai, fui acometida por uma determinação obstinada. Ia recuperar as pedras mágicas! Ia enfrentar Aesa e destruí-la! E, quando a mestra da Arte Obscura jazesse aos meus pés, o seu esquivo irmão não perderia pela demora! Eu já não era apenas Edwina... Era a Guardiã da Lágrima do Sol! Tinha orgulho no meu sangue, na minha herança, na educação dos meus pais... e na amizade... no amor que, apesar de já não poder concretizar nesta vida, me acompanharia até à morte.

"Voltaremos a encontrar-nos, Rainha do Sol..."

Freya adormeceu na minha cama e acabou por quedar-se, quando os nossos pais e Thora se despediram. Acariciei-lhe os caracóis negros e ela aninhou-se contra o meu peito. Desejei ter poder para sarar as feridas do seu coração... E as chagas do meu! Que a Lágrima do Sol me desse forças para superar os intermináveis desafios que o futuro nos reservava! Talvez, se me dedicasse de corpo e alma à minha missão, conseguisse esquecer o amor que perdera...

Tornei a sonhar que nadava debaixo do mar. Ao meu redor, criaturas como nunca vira convidavam-me para dançar... Este era o Povo da Água: nem peixes, nem homens; elegantes e belos... Como é que eu podia estar tão envolvida numa realidade que me era desconhecida? Nada sabia acerca destes entes de sangue antigo, a não ser que eram mestres de ilusão, detentores de uma magia extremamente perigosa! As histórias de homens que se atiravam ao mar e se afogavam com um sorriso nos lábios, deslumbrados pelo canto das sereias, sempre me tinham causado arrepios. No fundo, o Povo da Água não devia ser muito diferente do Povo do Fogo, já que também se divertiam a matar sem nenhuma justificação!

Forcei-me a renegar à dança e a apagar da mente a estonteante melodia. Se, por alguma razão, o Povo da Água tencionava comunicar comigo, era melhor que o declarasse de uma vez! Eu não podia perder tempo a decifrar enigmas!

A manhã encontrou-me mais forte. Saí da cama e tomei banho sem ajuda. Todavia, como ainda não me restabelecera o suficiente para descer, a minha mãe deu instruções para que me trouxessem o pequeno-almoço ao quarto. Ajeitou-me as almofadas por trás das costas, enquanto Freya me estendia uma manta sobre as pernas. Ficamos boquiabertas quando Ivarr entrou, carregando um tabuleiro com pão quente, queijo, fruta e leite. Num piscar de olhos, elas deixaram-nos sós. Sem acusar embaraço, Ivarr sentou-se ao meu lado e perguntou:

— Como é que te sentes?

Parecia-me cansado, preocupado... triste! Estivera comigo no dia anterior, quando eu delirava... Devia ter-lhe sido penoso ouvir-me bradar por outro homem! Decerto ponderara e decidira quebrar o

nosso compromisso. De qualquer forma, a ruptura seria inevitável! Agora, sabia que não o amava... Era justo que Ivarr seguisse outro rumo e buscasse a sua felicidade. Deixá-lo-ia falar, expressar a indignação... Assim, salvaria o seu orgulho e talvez ele anuísse em preservar a nossa amizade, que me era imensuravelmente preciosa.

— Ainda estou um pouco combalida — respondi, por fim. — Gastei todos os meus recursos...

— Quase morreste, Edwina! — atalhou, reprovador. — Foste muito imprudente! O que seria do nosso povo sem ti? E que faria eu, se te perdesse?

O meu queixo pendeu. A sua atitude não era coerente!

— Toma... — Estendeu-me um pedaço de pão barrado com queijo. — Quero que te recuperes depressa... Preciso de ti ao meu lado!

Quase me engasguei, tal o espanto. O seu olhar cintilava de uma forma estranha...

— Ivarr... Tens de saber que eu e o Edwin...

— O que é que há para saber? — cortou abruptamente. — Tu encontraste o teu primo e salvaste-o da influência de Sigarr, mas ele acabou por perecer. Sinto muito, querida! Conheço bem a dor de perder um amigo... Farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ajudar a superá-la.

Eu estava cada vez mais confusa.

— O Edwin não era apenas um amigo — repliquei. — Nós...

— Também não era um amante, pois não? — interrompeu, sem me permitir acrescentar uma palavra. — Eu sei que estás perturbada; que mil e uma emoções se debatem na tua cabeça! Neste momento, tudo te parece demasiado intenso e insuportável...

— Afastou o tabuleiro e segurou-me o queixo, aproximando o rosto.

— Eu amo-te, Edwina! Não permitirei que mergulhes numa consumição sem retorno. O teu primo morreu com honra e a sua memória permanecerá para sempre no teu coração. Mas tu estás viva... E a nossa luta vai continuar! — Inclinou-se e beijou-me a face. — Agora, descansa. Voltarei mais tarde.

E saiu, deixando-me atordoada.

Aled e Melody irradiavam felicidade, ao contar-me que já tinham escolhido o nome para o filho. Se nascesse menino, seria Aled, como o pai e o avô. Se fosse menina, chamar-se-ia Aranwen. A minha mãe aprovou a decisão do casal. Mais animada do que no dia anterior, Freya aconselhou a prima a comer bastante e a beber muito leite, para que, quando o bebê nascesse, as suas maminhas estivessem cheias para alimentá-lo. Deitada ao meu lado, Thora observava-nos com um ar enfadado, tentando inutilmente mudar o rumo da conversa.

Quando Ivarr chegou, todos se despediram à exceção da Loba Prateada, que expressou bem alto o seu aborrecimento:

— Mas que palermas! Será que só sabem falar de bebês?

— Não gostas de crianças, Thora? — perguntou Ivarr, disfarçando um sorriso antes de se sentar aos pés da cama.

— Gosto! Mas o que é que existe de tão especial no fato de ter uma? Todas as mulheres as têm! Além disso, a barriga da Melody ainda nem começou a crescer!

— Quando estiveres prestes a ser mamã, compreenderás o entusiasmo da tua prima! — retrucou o príncipe, piscando-me um olho.

— Eu? — gritou Thora, para lá de horrorizada. — Jamais! Uma guerreira não pode perder tempo com cueiros!

Ergui uma sobrancelha, surpreendida.

— Não disseste que ter filhos era um dos teus desejos, quando aceitaste namorar o Eric?

A minha irmã sacudiu os ombros, irritada com a observação.

— Isso foi antes de a Loba Prateada me ter escolhido para acolher o seu espírito!

Agora, o meu futuro está nos campos de batalha e sobre as águas do mar.

— E o que é que o Eric pensa disso? — Foi a vez de Ivarr indagar, subitamente sério.

— O Eric gosta de mim como sou! — respingou Thora, saltando da cama. — Se desejasse uma parideira teria escolhido outra noiva! Por acaso, quando estás com a minha irmã, pensas em enchê-la de filhos?

A pergunta tinha a clara intenção de forçá-lo a recuar... e não podia ter sido feita em pior altura! Porém, com uma tranquilidade admirável, Ivarr prendeu-me o olhar e respondeu:

— Sim, entre outras coisas...

A sua expressão era adorável; carinhosa, mas com uma pitada de malícia, como se não pudesse esperar para me amimar entre os seus braços. Sentime corar e mal percebi quando a porta se fechou atrás de Thora. Estava cativa do olhar cristalino...

Quando a mão de Ivarr envolveu a minha, sustive a custo o impulso de recolhê-la. Ele iniciou uma conversa descontraída, que contemplava os mais variados assuntos: Fizera um belo dia de Sol, que desanuviara o espírito dos homens; o trabalho nas quintas fora produtivo e os barcos tinham regressado da faina carregados de peixe... Aos poucos, o meu constrangimento foi-se atenuando e dei por mim a participar. Fiquei a saber que o povo se inquietara com o anúncio da morte de "O Que Tudo Vê". Porém, agora que a nova do meu rápido restabelecimento passava de boca em boca, os vikings aguardavam com impaciência a minha primeira aparição em público, como Guardiã da Lágrima do Sol.

Com uma perícia estonteante, Ivarr provou-me que o nosso povo me estimava e ansiava pela minha orientação, sem que eu sentisse a pressão da responsabilidade. Por outras palavras, se eu recuasse no compromisso que assumira de tornar-me sua esposa e princesa herdeira do trono viking, provocaria uma instabilidade grave numa sociedade já de si agitada.

A minha mãe regressou com uma malga de caldo de carne e Ivarr despediu-se com um beijo na testa. O seu propósito de abalar a minha resolução fora atingido. Observei-o enquanto se dirigia para a porta; o corpo alto e poderoso movendo-se com uma firmeza máscula, exalando virilidade. Era verdade que continuava a atrair-me... Aliás, não acreditava que nenhuma mulher conseguisse ficar-lhe indiferente! E era um bom amigo, um homem excelso e um líder nato. Mas não era por ele que o meu coração clamava!

— Queres contar-me o que se passa, querida? — questionou a minha mãe, intrigada.

Levei a malga aos lábios, uma e outra vez, saboreando o caldo rico e delicioso que ela cozinhava melhor do que ninguém, enquanto reunia coragem para confessar:

— Quis terminar o meu compromisso com o Ivarr. Tentei dizer-lhe que já não o amo... Mas ele não me deu ouvidos!

— Já não o amas? — repetiu a minha mãe, franzindo o sobrolho.
— Ainda agora os teus olhos declaravam o contrário!

Escondi as faces escarlates por trás da malga, bebendo com tanta sofreguidão que me engasguei. Sem se incomodar com o meu embaraço, ela prosseguiu:

— Sabes que existem muitas formas de amor, Edwina! Pensa bem antes de tomares uma decisão, para que não te arrependas mais tarde.

Nessa noite acordei a suar, dominada por uma ansiedade asfixiante. Ao meu lado, a Lágrima do Sol cintilava e convidava-me a um mergulho na sua sabedoria. A minha energia regressara, tão poderosa que me roubava o fôlego. Era a primeira vez que sentia a plena influência da magia que resultava da assunção da minha herança de sangue. Para trás, ficava um sonho que se tornava familiar: um universo liquefeito, perfurado por raios de luz, onde se moviam os elegantes corpos prateados do Povo da Água; os seus cânticos fluidos, ausentes de palavras concretas... E a essência de Edwin, tão fraca que era impossível distinguir se finava... ou se ressuscitava!

Na minha mente desperta, formavam-se questões que se impunham com veemência. E se Edwin tivesse sobrevivido, ao invés de Sigarr, como a minha mãe pensava? E se estes sonhos que teimavam em perturbar o meu repouso, noite após noite, fossem consequência da restauração do nosso elo?

Tremendo de antecipação, fundi-me com a essência do cristal e entreguei-lhe as minhas recordações, pedindo-lhe que as concretizasse na imensidão da existência física. De início, nada aconteceu... Então, quando a decepção já se tornava insuportável, descobri-me coberta pelas ondas do mar. Oscilava e rodopiava, aprazivelmente leve, rodeada pelos corpos cor de prata do Povo da

Água, ao sabor das suas vozes treinadas para embriagar os sentidos dos Homens.

"Vieste dançar conosco, Rainha do Sol?"

A criatura que me interpelava era uma fêmea. Eu não a confundiria com uma mulher, mas muitos marinheiros já haviam cometido esse erro fatal. O seu corpo, de aparência quase humana, exibia uma pele tão lisa que cintilava; os seios generosos balançavam, acariciados pela corrente; as pernas, longas e robustas, terminavam em pés largos como barbatanas, que se agitavam de modo harmonioso... e os dedos das mãos, ligados por uma membrana fina, estendiam-se ao meu encontro.

Recuei instintivamente, desafiando a sua vontade. Ela não era bela... antes, estranha! A sua cabeça encontrava-se coberta por longos fios esverdeados, grossos como cordas de navios e com a textura das algas. O seu rosto era dominado por um olhar negro, vazio de sentimentos, e por lábios carnudos, que ocultavam dentes aguçados. Ao aperceber-se do meu repúdio, o seu semblante modificou-se num piscar de olhos, e diante de mim surgiu uma deusa de formosura, com deslumbrantes cabelos louros, gloriosos olhos azuis, nariz arrebitado e lábios perfeitos. A sua pele tornou-se tão branca como a minha... e as formas que a identificavam como mulher evidenciaram-se, rosadas e sedutoras.

"Dança comigo, Rainha do Sol..."

Pisquei os olhos, combatendo a sua magia. O Povo da Água cercou-me com a ilusão dos seus belos corpos, ousando sufocar-me com carícias, enquanto tentavam arrastar-me para as profundezas. Sem cerimônias, sobrecarreguei a água com energia e obriguei-os a afastarem-se. A criatura que me abordara assumiu o seu aspecto original, libertando um guincho irado. Enfrentei-a com manifesta antipatia, fulgindo de impaciência:

"Não estou aqui para brincar! Procuo um homem... Onde está o Rei da Lua? "

A um gesto seu, as criaturas dispersaram-se a uma velocidade assombrosa. Busquei a essência de Edwin, mas não obtive resposta. Então, ela volveu com declarada aversão:

"O Rei da Lua está conosco! Ele dança! Ele canta! Vai-te embora e não voltes, Rainha do Sol! Aquele que buscas pertence-nos... Jamais regressará ao teu mundo!"

Rápida como um raio, seguiu os companheiros e abandonou-me no silêncio da obscuridade. Não tornei a apelar por Edwin. A resposta da criatura fora esclarecedora... e definitiva.

Os homens fortes da minha família, o rei do povo viking e os seus conselheiros reuniam-se em redor da grande mesa do salão. O assunto em causa era grave e urgia uma resolução. As escravas aguardavam, com os jarros cheios de cerveja e hidromel apoiados na cintura, mas ninguém se lembrava de solicitar os seus serviços. A voz de Steinarr ergueu-se, pondo fim ao reboliço inconclusivo que começava a incendiar os ânimos e a prenunciar discussões:

— E verdade que, até hoje, a Floresta Sombria resistiu aos nossos avanços! No entanto, talvez a sua inexpugnabilidade esteja prestes a findar. Como Sabeis, incumbi o meu filho mais novo de espiar o inimigo e descobrir uma falha nas suas defesas. O Magnor fez progressos admiráveis nas suas explorações, e acredita que tem a solução para o nosso problema. O seu plano, apesar de arrojado, é o melhor que já ouvi! Todavia, antes de decidir, gostaria de escutar a vossa opinião. Por isso, pedi-lhe que viesse expor-vos as suas idéias.

— O Magnor descobriu uma falha nas defesas dos Vândalos? — questionou o meu pai, incrédulo.

— Pode apostar a sua vida, *jarl* Throst!

Todas as atenções se voltaram para Magnor, que fazia uma entrada estrondosa no salão. Até eu sustive o fôlego, atônita. Os seus cabelos, novamente compridos, caíam soltos sobre a magnífica capa que lhe cobria os ombros largos. Preso debaixo do braço, trazia um rolo de pele que atraiu a curiosidade geral. Vestia-se de vermelho sangue, com uma elegância que diminuía qualquer um dos presentes. A sua beleza irreverente rivalizava com a de Ivarr, assim como a sua robustez. Para um rapaz que ainda se encontrava a crescer, o seu desenvolvimento era impressionante... e, se atendesse ao pouco tempo que se passara desde a última vez que o vira, quase juraria que contrariava a natureza humana! Magnor estava

mais parecido com o pai do que o irmão! E tinha consciência disso, pois a sua postura era majestosa.

— Meu rei... meu pai! — Abeirou-se de Steinarr, inclinou-se reverentemente sobre um joelho e beijou-lhe a mão. — Vim assim que me chamaste!

O rei instruiu-o para que expusesse o seu plano. Magnor estendeu a pele de cabra em cima da mesa e revelou um mapa pormenorizado, que ele próprio desenhara. Indicava o País dos Vikings, a Serra Rochosa, a Floresta de Lyria, a Floresta Sombria, os Pântanos Nebulosos, as terras gélidas onde os mercenários do Norte se refugiavam e até o mar! Eu não conhecia o terreno, para avaliar o seu trabalho, mas os homens pareciam impressionados.

— Até agora — começou —, os Pântanos Nebulosos foram considerados território de ninguém, solo proibido, cheio de mistérios e perigos terríveis, onde nenhum Viking se atreve a pisar. Os Vândalos têm aproveitado os nossos temores para atravessá-los impunemente e, através deles, comunicarem com os mercenários de Arnorr...

Os Pântanos Nebulosos separavam, a Norte, a Floresta Sombria dos domínios do Povo da Terra e constituíam, só por si, uma proteção natural. A partir do território da rainha Lyria, nossa aliada, Magnor planeava conquistar os pântanos; segundo ele, a única entrada no reduto de Aesa que não se encontrava protegida pela magia mortal da barreira de espinhos. A sua segurança e a fluidez com que se exprimia, deixou-me desconcertada. Era certo que sempre fora habilidoso no discurso, mas a sua voz adquirira um timbre de liderança, ao qual ninguém ficava indiferente. Thora era a exceção. A sua expressão declarava a impaciência de alguém forçado a escutar os maiores desconchavos. Sacudiu a cabeça com profundo desprezo quando o príncipe finalizou:

— Bastará uma palavra tua, meu pai, e conduzirei os nossos homens na batalha mais gloriosa de que o povo viking tem memória!

O salão ficou-se num silêncio profundo... que *o jarl* desfez, contrapondo ceticamente:

— E quem nos garante que esse solo maldito não esconde armadilhas tão abomináveis como a barreira de espinhos? Aesa é a feiticeira mais malévola que caminha sobre a Terra. Alguém com o seu poder não se distrai! Deve ter uma razão para descuidar a guarda dessa fronteira!

— Dizem que aí mora o seu exército de almas danadas — sustentou o primo Krum —, criaturas que se assemelham a lobos, mas superiores em tamanho e força, que se alimentam de carne humana...

— Então — desdenhou Magnor —, se ainda não morreram à fome, morrerão em breve, já que, até há pouco, nenhum homem teve bravura para desafiar a lenda! — Abriu os braços num gesto ostentoso, elevando a voz com um fulgor que me eriçou os pêlos do pescoço. — Pois eu desafiei-a! Eu atravessei os Pântanos Nebulosos e não vi nenhum lobo, nenhuma criatura danada! E garanto-vos que, se olharmos para onde assentamos os pés, as armadilhas da natureza não nos podem deter. Estou ciente de que sou um simples guerreiro, cuja juventude e coragem pouco pesa ante a experiência e sabedoria dos chefes de clã que servem o rei viking. — Fixou o olhar no meu pai, em declarado desafio. — Mas não sou louco para pretender liderar o meu povo numa batalha perdida! E minha convicção de que a vitória nesta guerra está ao nosso alcance! Esqueçamos os temores do passado e avancemos contra a Floresta Sombria! Acabemos de vez com a praga dos Vândalos! Quando a lâmina da minha espada trespassar a rainha feiticeira, veremos se o seu sangue não é igual ao meu!

Ecoaram gritos de entusiasmo; estalaram aplausos. Um chefe viking deu um passo à frente, com as faces a arder por baixo da barba grisalha, agitando os punhos e bradando:

— A rainha feiticeira não me mete medo! Vamos desbravar esses pântanos! Se algum monstro surgir no nosso caminho, havemos de assá-lo e comê-lo!

Seguiu-se um clamor de apoio. Já se desembainhavam espadas e ensaiavam movimentos de agressão. A advertência do *jarl* fora esquecida, ante a convicção do príncipe. Thora estava furiosa. Fitava o pai com uma insistência aguerrida, exigindo-lhe que tornasse a

apelar ao bom senso. E foi para o Líder Supremo do seu povo que o rei se voltou primeiro, solicitando:

— Diz-me, Throst... Agora que conheces a proeza do Magnor, ainda achas que é um erro ousar a travessia dos pântanos?

A algazarra cessou abruptamente. Ninguém queria perder uma palavra do *jarl*. O meu pai hesitou por um instante, antes de responder:

— É mais fácil um homem passar despercebido em casa alheia, do que um exército, Steinarr! Os Vândalos provaram-nos isso! Continuo a pensar que esta campanha é uma... temeridade que nos pode sair muito cara. No entanto, não possuo alternativa ao plano do teu filho... E algo tem de ser feito! Se estiveres disposto a investir nesta aventura, eu e os meus homens acompanhar-te-emos, como sempre.

Steinarr sorriu, assentindo com a cabeça.

— Obrigado, companheiro — agradeceu solenemente. — E tu, cunhado? Qual é a tua opinião?

O cenho do tio Edwin causava respeito. Contudo, a sua voz soou calma e ponderada:

— A minha família tem de recuperar as pedras mágicas, Steinarr! Talvez esta seja a nossa oportunidade de esmagarmos os Vândalos... e de nos livrarmos de Aesa!

— Stefan? — prosseguiu Steinarr.

— Eu partilho da opinião do *jarl* — declarou o meu tio. — Não me parece que atravessar os Pântanos Nebulosos seja sensato. Todavia, na ausência de opções, somos forçados a arriscar-nos.

— Eysteinn? — Foi a vez do rei pedir conselho ao mais experiente dos seus guerreiros-lobo.

— Prefiro enfrentar um exército de almas danadas, a consentir que se espalhe entre os nossos inimigos a informação de que bastou um único homem para vencer impunemente as defesas da Grande Ilha e da Ilha dos Sonhos.

E continuaram, um após outro, exprimindo consensos similares. O entendimento de que um mau plano era melhor do que nenhum plano recolhia a unanimidade. Depois, ainda havia aqueles entusiastas fervorosos do perigo, que morriam de tédio se não

tivessem uma lâmina encostada à garganta, que ovacionavam a idéia de Magnor. O príncipe sorria, triunfante, prestes a rebentar de vaidade. Afinal, não era todos os dias que um rapaz da sua idade conseguia mobilizar um exército!

Aguardei que Steinarr me perguntasse o que pensava. A magia voltara a latejar no meu sangue, mas a Visão ainda estava um pouco enevoada, por isso não podia prever com exatidão qual seria o futuro desta aventura. Não obstante, o meu parecer seria negativo. Tinha de haver uma maneira de forçar Aesa a sair do seu covil, que não implicasse o risco de tantas vidas!

Esperei e esperei, inutilmente. Quando Steinarr anunciou a sua decisão final de apoiar o intento de Magnor, fui invadida por uma profunda indignação. O rei viking jamais se atreveria a ignorar a opinião de "O Que Tudo Vê"! Então, por que descurava a minha? Não era eu a herdeira da sabedoria da Lágrima do Sol? Sim, resmungava a minha mente ressentida. Mas era também uma jovem mulher, que teria de dar muitas provas do seu talento, antes de merecer alguma consideração por parte dos homens que decidiam o destino do nosso povo!

Ivarr e os seus lobos partiram de imediato, em direção à cidade de Lyria, para avisar a rainha dos nossos planos. Sendo ela uma aliada do povo viking, Steinarr esperava a sua colaboração no ataque, e que disponibilizasse alojamento para o nosso exército e alguns arqueiros.

Nós seguimo-los no dia seguinte, após uma extraordinária mobilização de homens e armas. Freya e Melody ficaram no castelo, tão inquietas que mal se sustinham de pé na despedida. A minha prima tivera uma discussão violenta com o marido, revoltando-se contra a sua teimosia em acompanhar-nos. Se Aled não era um guerreiro, por que insistia em pegar numa arma? No entanto, eu compreendia a obstinação do meu primo. Ele deixava a mulher grávida para trás, pranteando em desespero, porque o seu orgulho lhe exigia que se provasse digno da herança mágica da nossa família. Já a agonia de Freya se devia a uma causa secreta. Procurara-me durante a noite para suplicar:

— Não permitas que o Helgi tombe... Pelo amor que me tens, não deixes que o matem!

O seu pedido parecera-me estranho, para dizer o mínimo. Perguntei-lhe se fora acometida por alguma Visão do futuro, mas ela negara. Só tinha um pressentimento terrível acerca desta batalha. E eu não podia argumentar, pois sentia o mesmo!

Avançávamos em grupos. Magnor ia à frente, por isso devia estar a chegar à cidade de Lyria. Durante a minha estadia no castelo, o príncipe evitara-me como se eu fosse portadora de uma doença contagiosa e mortal. Justificá-lo com os nossos confrontos passados era tolice. Agora, que ganhara o apoio do rei e do seu povo, o Magnor que eu conhecia não resistiria a cantar vitória. Só encontrava uma explicação para o seu comportamento esquivo. Ele estava a esconder alguma coisa e receava que eu o desmascarasse! Mas o quê? Atrever-se-ia a preparar uma armadilha ao meu pai, para se vingar por ter sido afastado de Freya? Parecia-me incrível que Magnor tivesse aceite tão benevolmente o termo do compromisso, que nem procurasse a minha irmã para ultrajá-la! Eu tinha de estar alerta! Esta cedência do rei viking à estratégia do seu filho mais novo afigurava-se uma falha grosseira na impecabilidade do seu julgamento.

O meu pai abeirou-se de mim e da minha mãe, certificando-se de que nos encontrávamos bem. Em breve, sairíamos do bosque e enfrentaríamos a Serra Rochosa. Para mim, a travessia desses trilhos estreitos e traiçoeiros representava a parte mais dura da jornada. Pamei ao verificar o quanto a paisagem mudara para acolher o Verão. As rochas estéreis encontravam-se rodeadas por um manto de flores viçosas, que convidavam a uma paragem para admirá-las. Os vermelhos garridos e os brancos acetinados salpicavam o verde e o amarelo predominantes, numa explosão de cor que regalava o olhar. O cheiro a vida era estonteante.

Enquanto avançávamos, bandos de pássaros cruzavam o céu, desaparecendo no interior da Floresta de Lyria. Para lá da muralha de árvores altas, escondiam-se os terrenos pantanosos que ocultavam perigos insondáveis. A vegetação era tão densa que tornava impossível distinguir onde findavam os domínios da rainha

da Gente Bela e começava o território da mestra da Arte Obscura. Enquanto perscrutava a Floresta Sombria com o olhar, recordei o apelo dorido de Freya: "*Pelo amor que me tens, não permitas que o matem!* "

— Como é que um lugar tão bonito pode esconder tanta maldade?
— desabafou a minha mãe.

Fui incapaz de lhe responder. Cada passo que encurtava a distância que nos separava da cidade de Lyria me deixava mais angustiada.

A satisfação de estar prestes a reencontrar a rainha diluía-se ao imaginar o que nos aguardava no coração dos Pântanos Nebulosos. As pedras mágicas tinham de ser recuperadas — repetia para me convencer de que era imprescindível travar esta batalha... Mas as cometas de aviso do meu instinto troavam em alarme.

As surpresas começaram no preciso momento em que entramos na cidade. Lyria veio receber-nos pela mão de um nobre do seu povo. Eu lembrava-me de vê-lo no seu palácio, durante a nossa última visita. Chamava-se Cyrus e, para além de comandante supremo do exército da Gente Bela... tornara-se marido da rainha! O estado avançado da gravidez de Lyria indicava que mal aguardara que Steinarr regressasse ao País dos Vikings para casar-se.

A soberana do Povo da Terra cumprimentou-me com carinho. Porém, diante da minha mãe, o seu sorriso tornou-se forçado e o olhar revelou desconforto, apesar da amabilidade ao exclamar:

— Finalmente tenho o prazer de conhecer a ilustre Catelyn da Ilha dos Sonhos! Sê bem-vinda ao meu reino e à minha casa! Espero que a hospitalidade do meu povo te agrade, e que nasça entre nós uma amizade tão grande como a que devoto à tua filha Edwina.

Steinarr observava a recepção ao nosso grupo com uma expressão carrancuda. Na verdade, nunca o vira tão descontrolado! Incapaz de domar as emoções que o assolavam, afastou-se com tamanha impetuosidade que deixou um rasto de poeira atrás de si. Ignorando-o, Lyria concluiu com uma afabilidade sincera:

— Descansai, enquanto podeis! Devo cuidar de alguns pormenores relacionados com o alojamento dos vossos homens e a defesa das minhas terras durante a batalha, mas estarei convosco

ao jantar, para que possamos conversar com serenidade. Até lá, as minhas irmãs proverão tudo aquilo de que necessitais.

Cyrus segurou na mão da sua senhora, como se de uma pluma delicada se tratasse, e escoltou-a nos seus afazeres. As irmãs de Lyria indicaram o ribeiro onde os soldados podiam banhar-se e depois conduziram-nos aos nossos quartos, no palácio.

Agradei por me ser permitido repousar no aposento que já me era familiar. As jovens trouxeram-me água e deixaram-me só. Mal lavara a cara quando a voz do rei viking ecoou exaltada, vinda do quarto dos meus pais:

— A sua cama ainda guardava o meu cheiro, quando ele lá se deitou!

De imediato, apurei o ouvido, a tempo de escutar o apelo do *jarl*:

— Acalma-te, Steinarr...

— E como queres que me acalme? Ela disse que me amava, que me queria para o resto da vida... e, mal voltei as costas, já rebolava nos braços desse... desse fulano, que mais parece uma donzela de perna esguia do que um guerreiro!

À porta do meu quarto abriu-se e deu passagem à minha mãe. A sua expressão denunciava perplexidade, mas nada disse quando se sentou ao meu lado. Apesar de se ter afastado para permitir que o rei falasse em privado com o meu pai, também ela tinha curiosidade em saber o desfecho desta história. A perturbação do rei viking era surpreendente! Parecia que Steinarr só se apercebera do quanto desejava Lyria no instante em que constatara que a perdera.

— Tu não lhe deste esperanças! — O meu pai tentava chamá-lo à razão. — Provavelmente ela foi forçada pelos seus conselheiros a dar este passo! Uma rainha tem de gerar descendência...

— Raios me partam, Throst! Raios a partam! Eu ter-lhe-ia dado quantos pirralhos ela desejasse!

— Tem tento! Arrefece a raiva, ou acabarás por fazer uma loucura da qual te arrependers! A Lyria é uma mulher livre! Tu rejeitaste a sua proposta; ela seguiu outro rumo...

— Aquele sujeito não é homem suficiente para ela!

— Eu não a ouvi queixar-se! O que é que tu queres, afinal? Declarar-lhe guerra? Trespasar o pai do seu filho com a tua espada,

para lhe provar que és mais homem do que aquele que ela escolheu? Se a amavas, por que não cedeste...

— Eu não a amava! Eu não a amo!

— Então, porquê esse rancor, Steinarr?

Silêncio... tão súbito e profundo que os ruídos da floresta se tornaram audíveis. Depois, uma porta bateu com um estrondo que estremeceu o palácio. E o *jarl* ficou sem resposta.

O tio Edwin chegou ao fim da tarde, quando já era impossível considerar a possibilidade de avançar. Ivarr e os seus lobos tinham acompanhado Magnor no reconhecimento da fronteira do Pântano Nebuloso, e ainda não haviam regressado. Os nossos homens necessitavam de uma boa noite de sono, antes de se submeter à dura travessia do terreno hostil. Ainda assim, Steinarr estava tão ansioso por deixar os domínios de Lyria que teimou em conduzir os seus guerreiros até ao limite da floresta, onde montou acampamento, sob o pretexto de aguardar o regresso dos filhos. O meu pai permaneceu na cidade, decidido a desfrutar de uma última noite tranqüila ao lado da esposa. Na penumbra do meu quarto, conseguia ouvi-los sussurrar:

— Tenho um pressentimento ruim acerca desta batalha... — queixava-se ela.

— Tu dizes sempre isso antes de eu pegar na espada, Pequena! — replicava ele, com ternura.

— Desta vez é diferente... O Steinarr não está a pensar com clareza!

— Confesso que o plano do Magnor também não me agrada, mas o que posso fazer?

— Pelo menos, convence o Steinarr a deixar-nos ficar ao vosso lado! Sem mim e a Edwina para deter a Aesa, vós sereis pasto para os Vândalos! Isto não é uma brincadeira, Throst! Eu quero que tu vejas os teus netos a crescer!

O meu pai riu alto.

— Tens uma maneira de expor as tuas convicções, que me deixa arrepiado! Vem, chega-te para mais perto! Preciso do teu calor...

Era tempo de parar de bisbilhotar a intimidade dos meus pais. Respirei fundo e enfiei a cabeça debaixo da almofada. A cada

instante, sentia a minha magia aumentar... na mesma proporção da tristeza! Fechava os olhos e deparava com o rosto de Edwin, retorcido pela dor; o seu olhar agonizante, a voz atormentada: "*Voltaremos a encontrar-nos, Rainha do Sol...*"

As pancadas suaves na porta fizeram-me sentar na cama. Quem poderia ser? Deixei a mente fluir e encontrei Ivarr. Sabendo que ele passara o dia a explorar os pântanos, corri ao seu encontro, indagando apreensiva:

— Aconteceu alguma coisa? A Thora está bem?

Ele deslizou para o interior do quarto, sem se incomodar em pedir permissão.

— E por que não haveria de estar? — replicou. — Não confias em mim para tomar conta da tua irmã?

A pergunta tinha uma entoação irônica que decidi ignorar. Avancei até à lanterna e acendia. A luz tremeluzente e quente revelou um homem belo, cujo rosto denunciava cansaço. Trajava roupas do povo de Lyria, que começavam a ficar encharcadas devido à água que lhe pingava dos cabelos.

— Estiveste a tomar banho? — perguntei, incrédula.

— Não querias que viesse ao teu encontro a cheirar como um bode, pois não? — inquiriu com um sorriso largo, avançando um passo... seguido de outro. — Depois deste dia terrível, precisava de te ver, Edwina! De te abraçar... de te beijar...

Abraçou-me e beijou-me, antes que eu pensasse em recuar. E, no instante em que me ocorria afastá-lo, já os seus lábios repousavam junto do meu ouvido, murmurando:

— Os Pântanos Nebulosos são um sítio medonho; uma paisagem tirada do mais funesto pesadelo. A cada passo ousado, a tristeza esmaga-nos, consome a nossa força, apodera-se da vontade até desistirmos de andar, de pensar, de respirar, de viver... Já enfrentei muitas batalhas; tantos perigos que me é impossível recordá-los a todos... Mas nunca tinha experimentado um horror tão profundo, um desespero tão agreste como o que senti nesse lugar! Porém, quando menos esperava, lá estava, tal e qual como o Magnor dissera: a Floresta Sombria...

Eu retivera o fôlego, suspensa da sua descrição. Quase podia ver as copas das árvores vivazes, balançando ao sabor do vento, livres da influência dos terrenos pantanosos.

— E o anel de espinhos? — interroguei ansiosa.

— Não existe... O Magnor tem razão! A Aesa não admite que alguém tenha coragem de atravessar aquela terra odiosa, por isso não desperdiça a sua magia na proteção dessa fronteira. Estamos perante uma oportunidade única...

— E os lobos danados? — atalhei impaciente.

— A minha sensibilidade não detectou nenhum — respondeu ele, afastando-se o suficiente para me prender o olhar. — O impacto com a desolação do pântano é tão intenso que provoca alucinações nos homens. O único perigo real que podemos enfrentar é o nevoeiro, que oculta as areias movediças.

O seu entusiasmo quase me contagiava. Quase... Fui percorrida por um calafrio que me paralisou, ao ouvi-lo sussurrar:

— Amanhã será um dia decisivo para o nosso povo. Quero que saibas que, aconteça o que acontecer, amo-te e amar-te-ei sempre, nesta vida... ou para além dela!

— Não fales assim! — repreendi-o, aflita. — Parece que estás a despedir-te...

— Chorarias por mim, se eu morresse, Edwina?

— Pára, Ivarr! Pára!

Eu já chorava, apesar de tê-lo a salvo nos meus braços. Sem querer, estava suspensa em bicos de pés, correspondendo ao seu beijo. No fim, Ivarr conseguira o seu intento — provara que não me era indiferente! Envolta no seu calor, eu já nem raciocinava.

O meu corpo correspondia às suas carícias e a minha cabeça girava como se estivesse à deriva num mar turbulento. A sua voz chegou até mim, por entre a trovoadas de emoções:

— Se estivesse seguro do dia de amanhã, faria amor contigo durante toda a noite! Desejo-te tanto, meu amor...

Soltou-me tão bruscamente que quase caí, devido à fraqueza das pernas. Quando recuperei a razão, já ele abria a porta. Dei por mim a suplicar:

— Ivarr, não vás...

O rei-lobo deteve-se; o olhar em chamas ao encarar-me. A sua voz soou rouca, selvagem:

— Pede-me para ficar após a batalha, e nunca mais te deixarei! E saiu.

CAPÍTULO 20

A primeira vez que contemplei a vastidão pútrida dos Pântanos Nebulosos, senti a pele arrepiar-se com a vontade premente de fugir daquele ambiente opressor. Diante de nós abria-se uma extensão de terreno incerto, onde o solo úmido desaparecia debaixo de incontáveis lagoas de águas negra. Cheirava tão mal que era quase impossível respirar. As rochas que se revelavam à vista estavam cobertas por musgos castanhos, que as tornavam escorregadias e pouco fiáveis. Em tempos, as árvores tinham proliferado, mas a podridão da água acabara por sufocá-las. Os seus esqueletos erguiam-se como gigantes, pretos e ameaçadores, estrangulados por trepadeiras de um avermelhado hostil, cujos ramos pendiam quais tentáculos sangrentos de um monstro ferido de morte. O nevoeiro que dava nome ao pântano reproduzia-se por toda a parte, em nuvens compactas que encobriam a paisagem desolada. Era frio, ardia na pele e fazia os olhos lacrimejarem. Se havia vida neste túmulo alagado, para além dos irritantes insetos, encontrava-se bem escondida.

Liderando a coluna de guerreiros, o rei viking e o *jarl* acompanhavam os passos de Magnor, de Ivarr e dos seus lobos, que já conheciam o terreno. O tio Edwin e o tio Berchan também se encontravam na primeira linha. Eu, a minha mãe e Aled seguíamos no último grupo, comandado pelo tio Stefan. A alegação de que a minha presença na frente era imprescindível, fora vã. Ficara perplexa quando Steinarr replicara:

— Não arriscarei as vossas vidas, sem ter a certeza de que tal é estritamente necessário. O futuro do nosso povo depende de ti, Edwina... Não só porque és a Guardiã da Lágrima do Sol, mas também porque serás a herdeira do meu trono e a mãe dos meus netos!

Neste ponto, a minha mãe interferira:

"Edwina... Não vale a pena perder tempo e energias a discutir com os homens! Deixa-os acreditar que tem tudo controlado! Quando o momento chegar, farás o que tem de ser feito... No fim,

eles ainda te agradecerão, e respeitarão o teu julgamento no futuro.”

A senhora da Ilha dos Sonhos aprendera a contornar as situações, de modo a obter o que desejava sem se desgastar. Eu não possuía a sua experiência e irritava-me ver complicado aquilo que, já por si, era difícil. Orgulhei-me de Thora, ao entender por que defendia acirradamente o seu lugar na alcatéia de Ivarr. No dia em que baixasse a guarda, os outros pensariam que ela necessitava de tratamento especial, só porque era mulher, e não mais se imporia como a guerreira excepcional que era. Só esperava que ninguém tivesse de morrer para que o rei do povo viking reconhecesse que o meu poder era fundamental para derrotar Aesa!

Apesar da solicitação de Steinarr, Cyrus recusara-nos o apoio dos seus arqueiros, alegando que a habilidade destes se revelaria inútil na bruma nebulosa. Além disso, o exército da Gente Bela teria de garantir a segurança da cidade, na eventualidade de um contra-ataque Vândalo. Segundo o comandante supremo, a permissão para instalarmos a nossa base nos seus domínios honrava o acordo de cooperação estabelecido pela rainha. Não podíamos exigir-lhes mais.

Os homens tentavam avançar silenciosamente, pisando onde o companheiro da frente pisava, como se este truque lhes garantisse que o terreno não cederia debaixo dos seus pés. Dei a mão à minha mãe, ajudando-a a progredir no sinistro lamaçal. As nossas botas afundavam-se no solo, quase até aos tornozelos. Comecei a imitar a estratégia dos guerreiros. Pelo menos, desta forma, evitava o cansaço de libertar os pés da prisão da lama a cada passo. Se fosse Inverno, avançaríamos muito mais depressa, pois tudo o que nos rodeava se encontraria gelado. Porém, o resgate das pedras mágicas não podia esperar pela estação fria!

Por mais que tentássemos não fazer barulho, passávamos tão despercebidos como braseiros na escuridão. Por vezes, os guerreiros escorregavam e ouvia-se praguejar. Ao palavrão seguia-se um coro de silvos, demandando silêncio. As espadas batiam contra os escudos e a pancada do metal ressoava por uma eternidade. Andar dentro de água era ainda pior, pois as mentes já perturbadas dos homens impeliam-nos a chapinhar em desespero, sempre que as

botas deslizavam em falso ou algo impossível de identificar se enrolava nas suas pernas.

Quando me vi confrontada com uma lagoa, tive de apelar a toda a minha coragem para dar o próximo passo. Apertei a mão da minha mãe com força, cerrando os dentes para não gritar. Tudo se decompunha à nossa volta, e o cheiro a podre era cada vez mais intenso e insuportável. A água estava tépida, contrastando com o frio exterior. Pisei uma coisa mole que me fez escorregar e foi a minha vez de violar o silêncio. Caí para a frente e, na tentativa de amparar-me, a minha mãe também perdeu o equilíbrio. Mergulhamos no líquido pestilento, e a única coisa que me passou pela cabeça foi fechar os olhos e a boca, enquanto me debatia com um exército de limos e raízes, que me prendiam as pernas e os braços. Fui salva por uma mão de aço e encarei com profunda gratidão o rosto preocupado do tio Stefan. Aled já puxara a tia para a segurança dos seus braços, mas ela não desfrutara da minha sorte; engolira água e vomitava compulsivamente. Mal tivera tempo de se recompor, já o irmão esticava o braço, ordenando que seguissemos em frente.

Continuei abraçada à minha mãe, com redobrado cuidado. Ela era a mais baixa de todos nós e a água negra já lhe chegava ao peito. Como estaria a comportar-se Thora? De certeza que não mergulhara desastrosamente e arrastara um companheiro na queda! Temi que a inclinação do terreno fizesse a minha mãe perder o pé, mas suspirei de alívio ao ver que os guerreiros que iam adiante começavam a emergir. Forcei as pernas a combater a prisão das raízes submersas e iniciei a subida íngreme.

Caminhávamos aos ziguezagues, para evitar o solo movediço. Não muito longe, um homem precipitou-se para fora do trilho, tentando encurtar a distância, e acabou por pisar uma dessas armadilhas naturais. Num piscar de olhos, o seu corpo foi sugado. Quanto mais ele se debatia, mais voraz a terra se tornava. Dispunha-me a apelar à magia para salvá-lo, quando três guerreiros deram as mãos e fizeram uma corrente humana para alcançá-lo. Depois, empregaram toda a sua força para arrancá-lo à lama, que já o devorara até ao pescoço.

Onde se escondera o Sol? Era impossível que já estivesse a anoitecer... No entanto, a bruma envolvia-nos; o nevoeiro era tão cerrado, à nossa volta e sobre as nossas cabeças, que ocultava o céu e eliminava qualquer possibilidade de orientação. Não fazia idéia do tempo que se passara desde que deixáramos os domínios de Lyria. Sentia-me exausta e tive de recorrer à Lágrima do Sol para restabelecer-me. A minha mãe também se socorreu das suas habilidades mágicas para recuperar a energia. Nós não possuíamos a preparação dos guerreiros e a dura jornada deixava-nos mazelas, no corpo e no espírito.

Voltamos a atravessar charcos, a percorrer trilhos quase inexistentes; água e lama, lama, lama e mais água... Já não deveríamos ter chegado ao destino que Magnor jurava ser tão acessível? Lama... Nevoeiro, tão denso que era possível segurá-lo entre os dedos. O ar solidificava e cortava a respiração. Aqui e além, um homem caía inanimado. Parei, sentindo a energia mística trespassar-me como um raio. Já não via Aled... já não via ninguém para além da minha mãe que se encontrava ao meu lado. A névoa engolia-nos, separava-nos... Meti a mão dentro da bolsa que trazia atada ao cinto e descobri a Lágrima do Sol. O cristal pulsou, libertando uma luz intensa que conquistou a bruma. Vislumbrei alguns dos guerreiros que nos acompanhavam. Também eles se haviam detido, cegos pelo manto sombrio que descera sobre nós. E, do lado de fora do trilho, outras sombras... homens... Dezenas de guerreiros! Não estávamos sozinhos...

— É uma cilada — murmurou a minha mãe, dando vida aos meus pensamentos. — Stefan! — gritou, voltando-se na direção onde julgava encontrar-se o irmão. — Faz soar o alarme! Tira os nossos homens daqui!

Diante dos meus olhos, a névoa moveu-se e assumiu a forma de uma mulher. O seu rosto jovem e belo, recordado em mil pesadelos, sorriu... Então, o brado de alarme da minha mãe transformou-se num gemido de dor. Vi-a cair de joelhos, com a cabeça apertada entre as mãos, e tentei protegê-la com o corpo, esboçando um movimento defensivo... Porém, a essência de Aesa desaparecera tão bruscamente como surgira.

O tio Stefan irrompeu de dentro do nevoeiro e amparou a irmã. Ao longe, ecoou uma corneta. As vozes dos homens ergueram-se, seguidas pelo troar do ferro dos escudos e das espadas. Os guerreiros que nos acompanhavam responderam à ordem do meu tio e formaram uma barreira defensiva em nosso redor... Mas parecíamos peixes dentro da rede de um pescador!

— Mamã.. — afligi-me ao constar que os seus olhos estavam banhados em lágrimas, fixos no vazio, enquanto gaguejava:

— As pedras! Ela atraiu-nos aqui para se apoderar das nossas pedras...

— Cat, acalma-te! — suplicou o tio Stefan, percebendo-a desfalecer. — Onde está o Aled? Aled!

O meu primo não respondeu. Engoli o medo e lancei a mente ao seu encontro, esperando vislumbrá-lo entre a amálgama de guerreiros que nos rodeava. O meu sangue gelou ao verificar que Aled não estava conosco. Surpreendi-o, correndo às cegas por entre as cortinas de nevoeiro espesso. Respirava com dificuldade... Suava devido ao esforço e ao pavor que o impedia de raciocinar. Atrás dele moviam-se criaturas grandes como pôneis, condicionando a sua fuga, mantendo-o num determinado trilho. O meu primo escorregava e caía... mas os gigantes de pêlo negro não o atacavam. Aguardavam que se levantasse e reiniciasse a fuga... em direção a um objetivo escolhido por eles!

Não havia tempo para explicações. Empurrei os guerreiros que tentavam manter-me dentro do círculo protetor de escudos, e ignorei os apelos do tio Stefan e da minha mãe. Investi em frente, com a Lágrima do Sol iluminando o caminho, dispersando a névoa, projetando um raio de luz sobre os trilhos seguros. O toque de alarme das cornetas provinha de todas as direções. O estrondo do ferro que se chocava ecoava-me aos ouvidos. Os guerreiros vikings enfrentavam os inimigos que brotavam da névoa, clamando com um ímpeto selvagem. Eu estava a atravessar o coração da batalha...

À minha frente, um homem do rei Steinarr foi sugado pelas areias movediças. Outro quis socorrê-lo, mas acabou trespassado pela lâmina de um Vândalo. O servo da feiticeira arremeteu contra mim, com a espada a pingar sangue... Murmurei um sortilégio e as suas

roupas incendiaram-se. Os berros do colosso misturaram-se com a confusão, mas não me detive para verificar o seu fim. Continuei a correr, chamando por Aled. Tinha de alcançá-lo!

O estridor da contenda começou a esmorecer, à medida que eu desbravava terreno. Mais dois inimigos que tentaram barrar-me o caminho foram obrigados a mergulhar na água fétida, para extinguir as chamas que lhes consumiam o corpo. Depois de descobrir que esta era a maneira mais rápida e eficaz de me defender, não perdi tempo a engendrar outra. Antes de chegar ao fim do trilho, já criara um exército de fogueiras vivas. Entrei num labirinto de esqueletos de árvores e estaquei horrorizada, ao ver Aled cercado por uma alcatéia de lobos negros. Os olhos vermelhos das grotescas criaturas rasgavam as trevas como brasas, e o vômito pútrido escapava-lhes por entre as presas descomunais. O meu primo detinha-se, petrificado; o olhar revelando um terror irracional...

— Aled, não te mexas... — supliquei com a voz a tremer. — Vou tirar-te daí...

Só não sabia como! A magia que protegia os lobos negros era a mesma que sustinha o maldito anel de espinheiros que guardava a mestra da Arte Obscura. Além do fogo não ter nenhum efeito sobre eles, eram detentores de uma força extraordinária e insensíveis à dor. Podia apelar à imaginação para afastar alguns... mas não conseguiria livrar-me de todos, a tempo de resgatar um osso do corpo de Aled!

De súbito, um guerreiro rasgou o nevoeiro, rugindo corajosamente e brandindo a sua arma. Os fios de prata que lhe enfeitavam os cabelos negros mais pareciam lágrimas de estrelas, e as vestes vermelhas tornavam-no sublime. Magnor abriu caminho por entre a alcatéia, ameaçando as criaturas com o vigor da sua espada. E, surpreendentemente, estas pareciam recear a sua ferocidade! Alguns, feridos pelo aço do príncipe, desertaram a ganir. A maioria mantinha a postura agressiva, mas teve de recuar ante tamanha determinação. Eu recebi a sua ordem, boquiaberta:

— Atrai os lobos, Edwina! Leva-os para longe daqui, para que eu possa escoltar o Aled em segurança até aos nossos pais.

Movida pela sua firmeza, usei a magia contra as criaturas mais próximas. Gritei em desafio, tão alto quanto fui capaz, e agitei o ar ao seu redor, erguendo-as do chão, para depois arremessá-las para longe. Deu resultado! Acirrados pelo clamor e pela manifestação de poder, os lobos reagiram à provocação, arremetendo contra mim. Era tempo de fugir...

Corri desembestada, seguindo as indicações da luz que a Lágrima do Sol projetava no solo. As sombras negras perseguiram-me, ultrapassavam-me, cercavam-me... Sem se aperceber da minha demanda, um guerreiro do tio Stefan deteve-me à força, segurando-me no braço.

— Venha, menina! — apelou. — O seu tio...

Um vulto descomunal derrubou-nos. Rebolei, desamparada, e bati com a cabeça numa pedra. Vi a bruma descer sobre mim... Não podia desmaiar! Os rugidos, que se distinguiram das vozes dos homens e do estridor das armas, forçaram-me a manter os olhos abertos. Voltei-me e deparei com o olhar de fogo de um lobo, que fincava as garras no peito do guerreiro prostrado. O infeliz fixava o vazio, com a boca escancarada num grito de horror que nunca chegara a ouvir-se. A carne da sua garganta dilacerada pendia das presas vorazes do monstro e o sangue fluía sobre a umidade da terra.

A Lágrima do Sol, que escorregara da minha mão, jazia à distância de um braço. Estiquei-o devagar, enquanto o lobo baixava o focinho e rosnava, ameaçador. Outro monstro revelava-se por trás dele. Eram cinco... Eram dez... Que os céus me acudissem! Os meus dedos fecharam-se sobre o cristal... E as feras atacaram.

A energia brotou do meu peito e espalhou-se como uma onda gigante. As criaturas danadas foram colhidas pela vaga, e varridas para uma distância que me permitiu voltar a sustentar-me. Reiniciei a fuga sem hesitação. No lugar onde estivera o meu pescoço, há menos de um fôlego, encontravam-se as presas de um lobo. Apelei a todas as forças, absorvendo o vigor da Lágrima do Sol. Atrás de mim, os monstros devoravam terreno. A deslocação do ar denunciava os seus ataques e eu repelia-os como podia, lançando-os sobre as areias movediças. As armadilhas do terreno tornavam-se as

minhas melhores aliadas. As criaturas podiam ser imunes ao fogo e à magia, mas não possuíam asas para escapar à fome mortal da lama devoradora.

O terreno era cada vez mais irregular e, mesmo com a ajuda da Lágrima do Sol, por vezes tinha de arriscar saltos prodigiosos. Os esqueletos das árvores barravam-me o caminho, açoitando-me com os ramos moribundos. O solo alagado forçava-me a escorregar e reduzia a minha exígua vantagem. Desequilibrada, busquei o apoio das trepadeiras, mas estas desfizeram-se sob os dedos, vertendo um suco escarlate. Gritei quando o chão desapareceu debaixo dos meus pés. Voei e caí no vazio; a Lágrima do Sol escapando-me da mão.

Fui engolida por um líquido tépido e viscoso, que me cegou e sufocou. Esbracejei aflita e consegui regressar à superfície. O horror de imaginar que eu própria fora vítima das areias movediças, foi superado pelo alívio de me encontrar dentro de uma lagoa. Porém, o consolo foi breve... Do céu, choviam lobos negros que, desprevenidos, partilhavam da minha sorte. Os mais atentos deslizavam pela encosta e aguardavam-me na margem. Estava cercada!

Por trás de mim, os lobos moviam-se com desembaraço. Eu tinha de nadar, pois a água era profunda. Mas nadar para onde? Pressenti uma oscilação de energia assustadoramente familiar. Só depois o vi aproximar-se, correndo com uma elegância desconcertante... Nunca observara o Espírito da Escuridão de perto, mas reconheci-o de imediato: o corpo alto e robusto, os cabelos castanhos acobreados, os olhos capazes de paralisar a vontade... Agora estava perdida!

Helgi, herdeiro de Aesa e antagonista de Ivarr, deteve-se na margem, ao lado da Lágrima do Sol que brilhava como um facho entre as pedras. Os lobos negros rodearam-no com uma postura submissa. Os seus dedos fortes fecharam-se no punho da espada e o metal cintilou na obscuridade. O olhar azul encontrou o meu, enquanto o seu apelo arrepiava a noite:

— Sai da água!

E começou a desferir golpes contra os escravos da sua rainha! A cabeça decapitada de um lobo mergulhou na lagoa. Um uivo horripilante desdobrou-se, no instante em que a espada do príncipe

vândalo trespassava o coração de outra criatura... E a sua voz tornou a ecoar:

— És surda? Sai da água!

Forcei-me a nadar, ao sentir o bafo de um monstro no meu pescoço. Diante de mim, o negrume viscoso tingia-se de escarlata. Esbracejei freneticamente, com as criaturas no meu encalço. Em terra, Helgi prostrara o último lobo. Afinal, os seres danados podiam ser mortos, desde que atingidos na cabeça ou no coração. O príncipe dera bom uso ao seu conhecimento! Agora, corria para a lagoa e estendia-me as mãos. Sangrava de uma ferida num braço, mas não parecia incomodado. Agarrou-me pelos pulsos e içou-me para a margem, ordenando:

— Usa o teu poder para mantê-los na água!

Fixei-o assombrada, tentando compreender as razões que o moviam.

— Não és capaz? — indagou impaciente.

Um lobo alcançara solo firme e preparava-se para saltar sobre nós. Mergulhei as mãos na lagoa e sustive o fôlego. A magia libertou-se e a água começou a arrefecer, a solidificar... Neste momento, o sortilégio que Edwin usara para transformar a lava em rocha, quando enfrentara Sigarr, era tudo o que me ocorria.

O lobo uivou, com as patas presas no gelo, as presas distendidas a um palmo do meu rosto. Ouvi o assobio da lâmina da espada e cerrei os olhos, assolada pela náusea. O rosnado da criatura cessou abruptamente, mas foi substituído pelos ganidos ensurdecidos dos seus companheiros. Helgi passou por mim e caminhou confiante sobre o gelo. Atrevi-me a abrir os olhos e vi-o matar os lobos paralisados pela água congelada, um a um, sem a mínima piedade.

Libertei as mãos e ergui-me a custo, recuperando a Lágrima do Sol. Sentia-me exausta e confusa, temerosa do que enfrentaria a seguir. Se Helgi fora enviado por Aesa para me assassinar ou fazer prisioneira, por que matara aqueles que, supostamente, eram seus aliados?

Ele embainhava a espada e aproximava-se. Possuía a estatura de Ivarr e era igualmente perturbador.

— Helgi... — atrevi-me a confrontá-lo, mas perdi o fôlego, ao vê-lo franzir o sobrolho.

Quedou-se diante de mim, surpreendido por escutar o seu nome. Recuei instintivamente e ele exprobrou:

— Ter-me-ia dado a tanto trabalho, se pretendesse fazer-te mal?

Era inútil tentar esconder o quanto a sua presença me intimidava!

— Porquê...? — tartamudeei.

O príncipe respirou fundo, como se também lhe fosse difícil justificar-se.

— Porque a minha irmã me pediu — respondeu finalmente. — Tu poupaste-lhe a vida quando a defrontaste... A dívida está paga!

De imediato, soube a quem ele se referia. A imagem da jovem aprendiz da Arte Obscura, que eu combatiera durante a batalha pelo controle da cidade de Lyria, pairava na minha mente. Na verdade, só a comoção dos últimos instantes me impedira de relacioná-los, já que eram extraordinariamente parecidos.

— Obrigada... — murmurei, sentindo-me estranha, constrangida. Esta era a situação mais insólita com que já fora confrontada!

Helgi engoliu em seco, tão perturbado como eu. Sustive a respiração quando levou a mão ao pescoço e puxou pelo fio de onde pendia a pedra azul da minha bisavó feiticeira. Apertou-a entre os dedos, volvendo:

— Queres agradecer-me? Então, diz à tua irmã que esperei até ao último instante...

Os seus olhos brilhavam e a voz denunciava comoção. Tencionei reclamar a pedra, mas descobri-me sem vontade. O amuleto regressou ao peito de Helgi... E talvez, neste momento, esse fosse o seu lugar! Afinal, o príncipe vândalo conservara o presente de Freya, mesmo sabendo o quanto este representava para as ambições da sua rainha! Como se isso não fosse insurreição suficiente, acabara de salvar-me a vida, matando uma alcatéia de lobos danados! Sim, sem dúvida, a magia da pedra aquecia o seu coração!

— O que é que a tua rainha fará, se descobrir... ?

— Não te preocupes comigo! — Atalhou num tom cortante, antes de começar a recolher os cadáveres dos lobos. Atirou-os para a água que descongelava, e que acabaria por ocultar o testemunho da sua

traição. — O que aqui se passou não nos torna amigos! Segue o teu caminho, sem olhar para trás... Da próxima vez que nos encontrarmos, não haverá dívidas para saldar!

Era uma ameaça velada... E foi plenamente entendida! Assenti com a cabeça e comecei a trepar pela ladeira para regressar ao trilho. Estava prestes a chegar ao topo, quando Helgi gritou um apelo. Busquei-o lá em baixo; um vulto na escuridão, e gelei ao ouvi-lo clamar:

— Avisa o homem que matou o meu irmão Arkin que a sua vida me pertence!

Sem mais, fundiu-se com as trevas.

Percorri os trilhos nebulosos do pântano, numa corrida desvairada. Tinha de certificar-me de que Aled se encontrava a salvo. A mestra da Arte Obscura percebera que o meu primo era o mais vulnerável dos portadores das pedras mágicas e centrara nele a sua atenção. O primeiro ataque falhara, mas a bruxa não desistiria... Esta certeza causou-me um mal-estar brutal, ao trazer-me à memória os presságios funestos da minha mãe.

Os sons da disputa feriram-me os ouvidos. A névoa mantinha-se cerrada, repleta de sombras. Os Vândalos firmavam a sua vantagem e os lobos danados banquetavam-se com o sangue do meu povo. Aesa saboreava a vitória, na segurança da sua fortaleza inexorável, mas a sua essência perscrutava os pântanos qual corvo gigante; um predador voraz, feito de uma energia que pulsava em tons de negro e escarlate, que se alimentava da nossa desgraça. O rumo desta batalha tinha de ser alterado! A magia só podia ser combatida com magia, e era para isso que eu aqui estava!

Elevei a Lágrima do Sol ao céu. As nuvens separaram-se e um feixe de luz desceu até mim, acompanhado de um vento possante, que se espalhou pelo campo de batalha, dissipando o nevoeiro, revelando o terreno e os inimigos aos olhos dos guerreiros do meu povo. Por um instante, os homens detiveram-se, surpreendidos pela claridade do fim da tarde. Depois, reagiram com redobrada exaltação.

De imediato, senti os efeitos da minha interferência. O desgaste de energia foi tal que o corpo desfaleceu e a cabeça rodopiou. Fixei

o cinzento do céu, prostrada e sem alento. Então, um brado rouco sobrepôs-se aos demais, e um raio precipitou-se na direção dos meus olhos. Outro raio rasgou o ar, em sentido contrário... As espadas embateram e soltaram faíscas. Antes que eu recuperasse a plena consciência, a voz de Thora sacudiu-me os sentidos:

— Levanta-te, Edwina! Tu és capaz!

Apoiei-me na minha irmã, a tempo de ver Ivarr subjugar o vândalo que me atacara. Ao seu lado, Eric acabara de trespassar um inimigo e Ragnar chutava um adversário com o dobro do seu tamanho, que Bryan acabou por derrubar. Ketill gritava afogueado, ocupado com dois guerreiros que o empurravam para as areias movediças. Os companheiros acorreram em seu auxílio, à exceção de Ivarr e Thora, que me forçavam a ficar de pé e me arrastavam sobre o trilho.

Aos poucos, as pernas começaram a obedecer-me. Com o discernimento que me restava, apelei à atenção de Ivarr:

— Temos de encontrar o Aled! A Aesa está atrás dele...

— A bruxa está atrás do Aled? — repetiu o rei-lobo, incrédulo.

— Ele e o Magnor foram ao encontro do meu pai... — continuei esperançada; mas ninguém sabia do seu paradeiro.

— O rei e o *jarl* estão além...

Olhei na direção que Eric apontava e vi o meu pai surgir por entre os esqueletos das árvores. As armadilhas do terreno e a névoa traiçoeira tinham separado os homens. Porém, a fronteira vulnerável da Floresta Sombria, a que Magnor se referira, não podia estar longe, pois os Vândalos multiplicavam-se como vespas diante dos nossos guerreiros. Suspirei de alívio ao verificar que a minha mãe também ali se encontrava. Ela e o tio Berchan uniam as costas e apelavam à magia para afastar os inimigos. Contudo, Aled e Magnor tinham desaparecido.

— Vamos procurá-los — decidiu Ivarr. — Thora, ajuda a Edwina...

Eu já recuperara o suficiente para acompanhá-los. Progredimos rapidamente, graças à experiência ganha e à habilidade inata de Bryan para farejar o perigo. Ele sabia pela cor da terra onde era seguro pisar e evitava os terrenos alagados. Não tive de interferir para ajudá-los a repelir os Vândalos. Ivarr e os seus lobos como que

adivinham as intenções dos adversários. Antes que estes desferissem um golpe mais arrojado, já se afundavam na lama.

Cambaleamos, totalmente desprevenidos, quando o solo se agitou com uma violência arrasadora. Por toda a parte, ecoaram exclamações de surpresa e temor. Estatelei-me no chão e Thora seguiu-me. Ergui a cabeça e pisquei os olhos, tentando contrariar a névoa que me cegava. Horrorizada, constatei que não havia nada de errado com a minha visão. O nevoeiro maligno é que regressara com redobrada densidade!

O grito de Ragnar ecoou pela bruma. Depois o de Eric... E o de Ketill...

Thora já aguardava de espada em riste. Ao seu lado, sustive a respiração, sentindo uma energia colossal investir contra nós. A minha irmã nem teve tempo de mover os lábios. Um braço de névoa colheu-a e arremessou-a para longe... E, sem aviso, Aesa caiu em cima de mim; não em espírito, mas em carne e osso! O seu ímpeto prostrou-me. As mãos como garras apertaram-me o pescoço, enquanto o seu olhar me invadia a mente e gelava o sangue.

— Tu não devias estar aqui! — silvou numa voz desprovida de harmonia. — Como foi que escapaste aos meus lobos, sua miserável?

Por baixo do meu corpo, o solo alterava-se, umedecia, assimilava-me. A minha pele ardia, como se milhares de presas ávidas me mastigassem. Deste caldo fétido, onde eu submergia, nasciam raízes robustas e traiçoeiras que deslizavam sobre mim, tecendo nós que me puxavam para o interior da terra. Tinha a mente bloqueada por um horror descomunal. Não conseguia pensar, não conseguia respirar... Já nem sequer conseguia ver a odiosa feiticeira, pois a lama cobria-me por completo! E continuava a afundar-me...

A gargalhada de Aesa ecoou-me na mente. O aperto dos tentáculos malditos lacerava-me a carne e ameaçava quebrar-me os ossos. Tinha de reagir, ou este lugar danado acabaria por me devorar!

A bruxa não desistia de me estrangular. Lutei para soltar um braço da prisão das raízes e alcançar a Lágrima do Sol, mas o aperto era demasiado intenso... Então, a magia do cristal latejou de encontro

ao meu ventre, recordando-me de que eu já não era uma simples aprendiz que dependia da sua vontade. Eu era a Guardiã, e o seu poder fazia parte de mim! Concentrei-me nesse palpitar; nesse coração que era o meu... E o ar invadiu-me os pulmões. De imediato, o vigor regressou-me aos membros, permitindo-me quebrar as hostis raízes. Um grito aguerrido soltou-se da garganta, enquanto a Arte Luminosa brotava do meu cerne e inundava de luz tudo o que nos rodeava, projetando-me para o ar e arrastando a minha algóz nesse vôo desordenado. Este era o momento da verdade; o momento para o qual "O Que Tudo Vê" me treinara.

Caímos em terra firme, atordoadas e ofegantes, enlaçadas num abraço mortal. Recuperei a visão e apercebi-me do choque da feiticeira, ao verificar que o esforço para dissipar o nevoeiro não me esgotara. A Lágrima do Sol restaurava a minha essência à velocidade do pensamento!

Rebolamos pelo solo podre e acabei por suplantá-la, subjugando-a com o meu corpo. Sem hesitação ou temor, mergulhei no olhar gélido e devassei a sua essência, tal como Aesa fizera centenas de vezes no passado às suas desafortunadas vítimas. O brado de assombro da hedionda criatura ecoou-me na mente como música. Ela não podia crer que, para combatê-la, eu recorria ao mais nefando dos seus sortilégios! Como é que uma serva da Arte Luminosa se atrevia...? Apesar da sua longa permanência na Terra, Aesa ainda tinha muito que aprender acerca do Homem... E ainda mais acerca de mim! Mas, o seu tempo terminara!

Fustigada por uma perplexidade temerosa, a mestra da Arte Obscura tentou contrariar o meu ataque, apelando à negridão do seu execrável poder. Contudo, eu assimilei-o com uma determinação férrea, rejeitei a sua malignidade e transformei-o em luz... Luz, luz e mais luz! Um clarão fulgurante que inundou a alma da feiticeira, obrigando-a a debater-se em agonia. Para um ser que vivia há décadas na perversidade das trevas, enfrentar o mais puro dos esplendores era um tormento insuportável! Permitted que se apartasse, deliciada com os seus gritos de horror; vitoriosa ao constatar que o brilho negro da sua aura se adulterara e mais parecia um arco-íris.

Enlouquecida de dor, Aesa rastejou pela lama, esbracejando ao acaso, enxotando a energia luminosa que a corroia. E eu segui-a, embriagada de poder. A magia da Lágrima do Sol pulsava dentro de mim e extasiava-me. Nenhum desafio estava para além do meu alcance! Sem sequer pensar, desembainhei o punhal e agarrei nos longos cabelos de ouro da mestra da Arte Obscura, puxando-os ao meu encontro para lhe expor o pescoço. Esta seria uma morte que não me pesaria na consciência!

— Liberta-a, Edwina! Ou o Aled morrerá!

Não acreditei nos meus ouvidos... Mas fui forçada a acreditar nos meus olhos! Magnor quedava-se a poucos passos, com o meu primo prostrado aos seus pés. Aled tinha a roupa tingida de vermelho-vida e mal mantinha os olhos abertos. O sangue que lhe escorria da boca não vaticinava nada de bom... E a espada do príncipe estava encostada à sua garganta!

— Magnor... — gaguejei. — Mas o que é que...

— Eu tentei convencê-lo a dar-me a pedra — atalhou o jovem rebelde, numa voz de arrepiar. — Contudo, o camponês quis armar-se em herói!

— Enlouqueceste? — bradei, assolada pelo desespero e pela ira.

— Ao contrário, minha querida! — rosnou ele. — Nunca estive tão sóbrio! Ninguém me deu crédito, quando disse que tinha encontrado uma deusa durante a *Caçada...* A rainha Aesa é a minha deusa! Ela dá-me o devido valor!

— Tu preparaste-nos uma armadilha... — constatei, ofegante.

— Não! O meu adorado pai ditou a sua sentença quando me deixou a apodrecer no calabouço do castelo! No mesmo dia em que me libertou, aceitei a proposta que a minha deusa me fizera! E, desde esse instante, sou um homem feliz!

A bruxa estrebuchou contra a lâmina do meu punhal, mas eu immobilizei-a. Magnor perdera o tino! E as conseqüências da sua loucura seriam devastadoras, para dizer o mínimo! Por isso a rejeição da minha irmã não o incomodara! A sua alma já se havia submetido ao domínio da mestra da Arte Obscura! A única que estivera perto da verdade fora Freya... Ela testemunhara, nos seus sonhos, a servidão traiçoeira do príncipe... Mas eu jamais poderia

supor tal aleivosia, mesmo quando, ainda há pouco, a essência de Aesa se manifestara sob a forma de um corvo gigante, emplumado de negro e escarlate, devorando essências tal como no pesadelo da minha irmã. Agora, essa distração sair-me-ia muito cara!

— O teu tempo está a acabar, Edwina! — rugiu Magnor com veemência, e pressionou a espada contra o pescoço suado de Aled. De imediato, o sangue começou a escorrer pela lâmina. O meu primo estava tão esmorecido que não libertou um queixume.

— Não! — gritei, aflita... E empurrei Aesa para longe de mim. Um movimento ao meu lado revelou-me a presença de Ivarr, de Eric e de Bryan. A sua chegada passara-me despercebida... mas era óbvio que haviam escutado o suficiente. Nem podia imaginar o que Ivarr estava a sentir! Thora surgiu nesse instante e tencionou atacar Magnor. Eric segurou-a com firmeza e as pragas da Loba Prateada acoossaram o nevoeiro.

Por toda a parte troavam pés em corrida. Os Vândalos acercavam-se de Magnor, e um guerreiro destacou-se dos demais. Pela segunda vez, neste dia abominável, o azul intenso do olhar de Helgi cortou-me a respiração. A sua animosidade exacerbou-se ao fixar Ivarr... O ar carregou-se de energia e estralou. O Espírito da Luz e o Espírito da Escuridão encontravam-se finalmente: dois homens poderosos, dois líderes incontestáveis... dois inimigos mortais!

O tempo transformou-se em algo vago, irreal, no instante em que os braços do príncipe vândalo envolveram a sua rainha e a carregaram para o interior da proteção da barreira dos seus homens. Com um sorriso vitorioso, Magnor chutou o corpo inanimado de Aled... E, sem mais contemplações, juntou-se aos Vândalos na debandada de regresso à Floresta Sombria.

Por trás de mim, os Vikings acudiam aos brados de Thora... Ivarr uivou de dor e ódio, e correu no encalço do irmão, apoiado pelos nossos guerreiros. Eu acudi a Aled. Neste momento, salvar o meu primo era a única coisa que me importava!

Ajoelhei-me ao lado do corpo moribundo, e coloquei uma mão sobre a sua testa e a outra no seu peito, enchendo-o de energia curativa. O contato foi suficiente para confirmar o pior. Aled respirava com dificuldade e o seu coração finava, em agonia. Apesar

de nenhuma das feridas infligidas pela espada de Magnor ser mortal, a brutalidade dos seus pontapés e socos rebentara o meu primo por dentro. Era demasiado tarde para salvá-lo... Ainda assim, o vigor que eu lhe transmitia permitiu-lhe abrir os olhos e gorgolejar, engasgado pelo vômito de sangue:

— Edwina... Diz à Melody... que eu a amo... Que amo... o nosso filho...

As lágrimas rolaram-me pelo rosto. Eu era a culpada da desgraça de Aled, pois confiara a sua vida a Magnor. Por que não interpretara devidamente as Visões de Freya? Por que não dera ouvidos aos pressentimentos da minha mãe? Tivera todas as pistas diante do nariz e avançara às cegas, distraída com os meus problemas. Como ousava pretender tornar-me tão boa vidente como “O Que Tudo Vê”, quando me permitia falhar desta forma grosseira?

Uma mão repousou ternamente no meu ombro. Assimilei a energia reconfortante da feiticeira Catelyn e usei-a para amenizar a dor do meu primo. Os nossos guerreiros perseguiram os inimigos, dispostos a invadir a Floresta Sombria. Porém, algo me dizia que a história de Magnor não passara de um engodo, e que a única entrada no reduto Vândalo, que ele jurara segura, também fazia parte da armadilha. Infelizmente, muitos dos nossos homens dariam a vida para confirmá-lo.

O tio Berchan chegou nesse momento, e colocou a mão sobre a minha, em cima da testa do sobrinho, enquanto as palavras suaves da minha mãe lhe apaziguavam o tormento emocional. Aled fechou os olhos e a sua respiração serenou, à medida que as dores abrandavam e a consciência se desvanecia. Quase imperceptivelmente, o meu tio buscou o amuleto de Aranwen no seu pescoço e confirmou os nossos temores. A pedra verde desaparecera!

Fui acometida pela vontade premente de gritar até que a Terra se fendesse, de me revoltar contra a injustiça desta vida perdida; tanta juventude... tanto futuro desperdiçado! Pela segunda vez, falhara a proteger alguém que amava! Edwin morreria... E Aled finaria num instante, diante dos meus olhos, sem que a minha habilidade pudesse auxiliá-lo...

Sustive o fôlego, sentindo o coração acelerar e o sangue aquecer. A minha magia não podia curar Aled, mas a magia de Lyria podia! E eu conhecia o sortilégio, os gestos, as palavras... até tinha junto de mim a minha mãe e o tio Berchan, que podiam ajudar-me a concretizar um milagre!

— Aled — gemi, trêmula e ansiosa. — Tu não vais morrer...

O olhos do meu primo reviravam-se e o seu corpo convulsionava. Ante a incredulidade dos presentes, rasguei-lhe a túnica e pousei as mãos no seu ventre, reconhecendo a sua essência. Depois, arranquei alguns fios dos meus cabelos e dispulos sobre o peito suado e ensangüentado, enquanto os meus lábios se moviam por instinto, dando vida a palavras que jamais imaginara proferir. Apesar de apreensiva, a minha mãe consentiu na nossa união e disponibilizou a sua energia. Porém, não era suficiente! Apelei ao tio Berchan... E deparei com o seu olhar horrorizado. Ele afastou-se, sacudindo a cabeça.

— O que é que estás a fazer, Edwina?

— A tentar salvar a vida do Aled... — volvi, com a voz estrangulada.

— E pretendes fazê-lo invocando os espíritos malignos da Arte Obscura? — objetou o meu tio, transtornado. — Conspurcando a tua essência? Conspurcando a nossa essência e profanando um juramento sagrado? Tu és a Guardiã da Lágrima do Sol! O que te propões é uma traição a “O Que Tudo Vê”!

— A magia que a Edwina pretende usar já me resgatou à morte! — Steinarr aproximou-se e apertou o meu ombro, encorajando-me a manter a resolução. — Algum de vós acha que a minha essência está conspurcada? — O silêncio absoluto foi a resposta. — Quando se trata de salvar vidas, nenhum recurso deve ser desprezado! Os nossos olhos já presenciaram demasiadas desgraças para um só dia!

A traição do filho mais novo destroçara-o... A batalha terminara e o rescaldo era desastroso. Pela primeira vez, o rei viking sentia o sabor acre do engano, da humilhação... da derrota. Perdera um filho e dezenas de excelentes guerreiros. E nenhum dos nossos objetivos fora alcançado! Os Vândalos haviam tornado à sua fortaleza

espinhosa... e acrescentado outra pedra mágica aos troféus da rainha Aesa.

— Faz o que tem de ser feito, filha — apoiou *o jarl* com firmeza, antes de ordenar aos homens: — Comecem a cuidar dos feridos e a reunir os mortos, para que possamos regressar a casa.

— Eu preciso de ajuda — confessei. — A nossa energia não é suficiente...

— Eu posso assisti-las! — O primo Krum avançou um passo; lícido, apesar de sangrar de um corte profundo na testa. — O Aled é como se fosse meu filho... Diz-me, o que devo fazer?

Recordar que Melody aguardava que o marido chegasse ao castelo, são e salvo; que lhe falasse junto do ventre e a abraçasse, deu-me ânimo para reiniciar o sortilégio. Enquanto os meus dedos se afundavam na carne de Aled e o remendavam por dentro, ponderei que os tempos estavam a mudar. A fronteira entre o bem e o mal tornava-se cada vez mais difusa... Ou, talvez, eu fosse realmente indigna da herança de "O Que Tudo Vê"!

O fato é que, ao aperceber-se de que a sua ajuda era imprescindível, o tio Berchan acabou por sufocar o preconceito contra a Arte Obscura, e uniu a sua energia à nossa, para salvar o sobrinho. Nessa noite, na desolação dos Pântanos Nebulosos, Aled McGraw abriu os olhos para uma nova vida. E eu ganhei o respeito do meu povo como Guardiã da Lágrima do Sol.

O salão de Lyria recebeu os nossos feridos, e os curandeiros da Gente Bela deram-nos uma preciosa ajuda, permitindo-nos descansar. Assim que fiquei a sós com a rainha, ajoelhei-me aos seus pés, pedindo-lhe perdão por ter apelado sem consentimento à magia dos seus antepassados. Temia que ela me acusasse de abusar da sua confiança e se enfurecesse. Lyria, porém, apertou-me as mãos e ajudou-me a erguer, replicando:

— Como posso repreender-te por seguires o teu coração? Confesso que, quando partilhei esse sortilégio contigo, jamais me ocorreu que tomasses a iniciativa de repeti-lo! Foi nobre da tua parte, Edwina... Mas foi igualmente imprudente! Se falhasses, o teu primo Aled teria perecido e arrastado todos vós para a morte, pois

os vossos espíritos quedar-se-iam aprisionados no seu corpo. — Fez uma pausa para me permitir assimilar esta informação. — Além disso, devo lembrar-te que a Arte Obscura não se deixa utilizar impunemente. De cada vez que a invocares, ela tocará na tua essência e apossar-se-á de um pedaço da tua luz. Mesmo eu, como rainha do Povo da Terra, devo ponderar nas vantagens da concretização desse feitiço, pois, apesar de salvar vidas também pode destruí-las, e as conseqüências do seu abuso são terríveis...

— Quer dizer que não devo voltar a socorrer-me dessa magia, mesmo que em causa esteja a vida de alguém que amo? — Apesar de tudo, a sua advertência revoltava-me.

— Assim é! — respondeu a rainha, indulgente. — A não ser que estejas disposta a arriscar a pureza da tua essência... ou até a vida! De qualquer forma, estás de parabéns! Sei que derrotaste a feiticeira Aesa num confronto direto e salvaste o orgulho do teu povo. Lamento que o resultado da batalha vos tenha sido desfavorável, mas tenho a certeza de que o rei Steinarr, o *jarl* Throst e a Guardiã da Lágrima do Sol saberão contornar esta vicissitude.

Eu não possuía um pinga da sua convicção. Por mais que apelasse à imaginação, não extraía nenhum proveito desta campanha. No fim, até os meus piores receios se tinham confirmado! A corrida desenfreada dos nossos homens, em perseguição aos Vândalos e ao traiçoeiro Magnor, através daquele que se julgara ser o único acesso seguro ao reduto da rainha feiticeira, fora violentamente interrompida pelo encerramento do anel de espinheiros. Os arbustos mágicos haviam-se desenvolvido à velocidade de um relâmpago, aprisionando vidas no emaranhado mortal. O rei-lobo e a sua alcatéia conseguiram recuar, mas com graves mazelas. Ivarr distribuía a sua energia pelos companheiros, durante a viagem de regresso, mas tombara de exaustão à entrada da cidade de Lyria. Agora, os cinco guerreiros reuniam-se à volta do seu senhor, velando-lhe o sono com devoção.

Lyria acompanhou-me ao salão, e deteve-se junto do príncipe viking e dos seus lobos, certificando-se de que se encontravam bem e de que todas as suas necessidades eram atendidas. Pouco depois, foi a vez do rei Steinarr vir indagar da condição do filho. O soberano

perdera o porte nobre e atemorizador. Parecia uma sombra de si mesmo, abatido pelo cansaço e pelo desgosto. Passara a maior parte do dia reunido com o *jarl*, os meus tios e os chefes dos clãs vikings, e ainda não tivera tempo para extravasar a sua mágoa.

A visão desgastada do rei fez Lyria estremecer, de tal forma, que as batidas do seu coração me troaram aos ouvidos. Desviou o olhar para ocultar o seu abalo e apressou-se para fora do salão. Quase tive de correr para acompanhá-la.

— Vós ainda o amais... — constatei, preocupada.

— Por favor, Edwina! — atalhou com um gesto impaciente. — O Steinarr fez a sua escolha e eu fiz a minha... Não há como voltar atrás!

Encolhi os ombros, numa aflição confusa:

— Mas ele também...

— Nós decidimos seguir caminhos diferentes, que jamais se voltarão a cruzar! Não digas mais nada, suplico-te... Desculpa-me. Preciso de ficar só.

E partiu, abandonando-me na escuridão. Passei a mão pela testa, suspirando dolorosamente. Tinha a sensação que pisava sobre gelo fino e tudo ruía à minha volta. Necessitava de uma boa noite de sono. Sim, quando a manhã nascesse, a vida não me pareceria tão complicada, e o meu futuro tão amargo e vazio.

Subi para o meu quarto, decidida a cair na cama sem gastar mais um pensamento. Todavia, ao passar diante do aposento dos meus pais, a voz do tio Berchan petrificou-me.

— Tendes que manter um olhar atento sobre a Edwina! — Obstinava-se. — Tu sabes como é difícil resistir ao apelo da Arte Obscura, após experimentar o seu poder, Cat...

— Os teus temores são ridículos, Berchan — replicou *o jarl*, num tom que revelava críspação. — A Edwina não pode ser penalizada por ter tido a coragem de desafiar as regras para salvar o primo! Preferias que o Aled tivesse morrido?

— Não é isso que está em causa! Se apelarmos à magia maldita para combater os mestres da Arte Obscura, o que é que nos distingue deles?

— Tudo! — contrapôs a minha mãe, também impaciente. — Não é a magia que faz o feiticeiro e sim o contrário! Nós confiamos na nossa filha!

— Deveras? Sabias que a Edwina possuía esse conhecimento? Não, nenhum de vós sabia! E quem foi que a ensinou? O desafortunado filho do Edwin... e da feiticeira Gwendalin? O que mais terá ela aprendido, nesses encontros clandestinos? Até que ponto a sua essência já não estará dominada pela vontade da magia negra?

— Tu não és senhor da razão, Berchan McGraw! — rugiu o *jarl*. — Eu conheço a minha filha! A Edwina seria incapaz de uma má ação! Talvez tenha guardado segredo precisamente por temer um julgamento intolerante...

— Estás a chamar-me intolerante?

— O rigor com que governas a tua vida cega-te, cunhado! Esta discussão é inútil! Se não partilhas do nosso orgulho pela Edwina, lamento por ti!

— Lamentarás muito mais, quando fores obrigado a dar-me razão...

Rodei nos calcanhares e fugi, trespassada até ao osso pelas palavras do meu tio; tão magoada que achava que jamais poderia perdoar-lhe. Berchan McGraw fora o mais exigente dos meus mestres, por isso devia conhecer a força da minha vontade! Contudo, um pequeno desvio de comportamento chegara para assustá-lo; para que me retirasse a sua confiança. Pior ainda, atrevia-se a alvitrar presságios sinistros acerca do meu futuro! Só faltara profetizar que me tornaria tão abominável como Aesa!

No salão, os gemidos de dor interrompiam o silêncio. As chamas das lamparinas eram apenas as suficientes para permitir o trabalho dos curandeiros. Caminhei por entre os feridos, até ao canto onde Ivarr, Thora e os seus companheiros repousavam. Precisava de sentir-me acarinhada; de ouvir palavras suaves e reconfortantes...

Detive-me ao ver que a alcatéia do rei-lobo se havia aninhado ao lado do seu senhor, aos seus pés, junto da sua cabeça... e adormecido, como cachorrinhos recém-nascidos no aconchego do

corpo da mãe. Esta estranha intimidade incomodava-me. Será que, para onde quer que me virasse, me sentiria deslocada?

Preparava-me para partir quando Ivarr abriu os olhos. Franziu o sobrolho ao deparar com as minhas lágrimas, e estendeu-me a mão, convidando-me a aproximar. Hesitei. A pilha de corpos quentes encaixava-se irmãmente, como se o calor e o cheiro dos demais os ajudassem a recuperar as forças. As minhas reservas acabaram suplantadas pela carência de afeto. Tentei avançar sem pisá-los, mas foi impossível. Ouviu-se resmungar e olhos sonados espreitaram a intrusa. A incredulidade cedeu lugar a sorrisos, quando Ivarr ordenou:

— Dêem espaço à nossa convidada.

Ajeitei-me e, de imediato, fui envolvida por braços e pernas, sem saber ao certo a quem pertenciam. Fiquei tensa, até que a cabeça de Thora se aninhou no meu ventre e Ivarr me estreitou com carinho, murmurando:

— Está tudo bem, meu amor... Nós vamos cuidar de ti...

Comecei a chorar sem controle e, um a um, eles despertaram e mimaram-me. Aos poucos, o embaraço causado pela proximidade foi desaparecendo. Ninguém questionou o motivo do meu pranto, pois era evidente que eu não desejava confessá-lo. Pela primeira vez, senti a energia de Ivarr aflorar a minha, quase a medo... e não resisti. Estava tão cansada... E tão quente, tão confortável, tão protegida...

Adormeci sem me aperceber. Flutuei num vazio indolente... até me surpreender numa caverna inundada de luz, cujas paredes brilhavam como se cobertas por miríades de pedras preciosas. Do chão e do teto pendiam estruturas alongadas e irregulares; estátuas sem forma definida, cintilantes e úmidas. Ao fundo, uma nascente brotava do cerne da rocha e mergulhava num lago de água transparente, onde se destacava uma ilha de pedra escura e lisa. Uma névoa colorida libertava-se da água e envolvia-me, cálida e molhada, perfumada com o cheiro da terra virgem, convidando-me a aproximar.

Incapaz de resistir, avancei languidamente, até a água me envolver os pés descalços e me acariciar com as suas bolhas mornas. Dentro do meu peito rufava um tambor. O meu corpo ardia

de antecipação e a respiração engasgava-se. Sabia que não me encontrava sozinha...

E ele veio até mim, silencioso como uma sombra. O seu reflexo indistinto enfeitava a superfície da água; alto e forte... poderoso como um guerreiro excelso, sereno como um Sábio. E eu não o temia. Nem mesmo quando me abraçou pelas costas, repousando o rosto nos meus cabelos e as mãos sobre o meu ventre. O seu odor másculo inundou-me as narinas e eu inspirei-o com a ansiedade de uma fêmea no cio, fustigada por uma fome que me contorcia as entranhas; que queimava como fogo vivo. As minhas mãos fecharam-se nas suas e os nossos dedos entrelaçaram-se. Nos nossos pulsos, os dragões mágicos ganhavam vida e fundiam-se num só, voando em torno do Sol e da Lua; um círculo de poder que envolvia o mundo...

— *Amo-te, Rainha do Sol... Amo-te desde o dia em que nasci...*

Deitei a cabeça no seu peito e desejei que este momento de perfeição jamais findasse. Sentia-me completa, mergulhada num prazer que não conhecia limites... Um prazer que persistiu com o retorno da consciência.

Despertei lentamente, recusando-me a abandonar o sonho. Uma voz quente murmurava-me palavras ternas ao ouvido. Não era Edwin... Mas o meu coração reconhecia-o e aceitava-o. Recebi os lábios de Ivarr e correspondi ao seu ardor, envolta no aconchego de uma magia... diferente de tudo o que já experimentara! Era como se cada um dos corpos que me abraçava me pertencesse... A sensação era arrebatadora!

— *Amo-te, Edwina...* — sussurrou Ivarr, acariciando-me o rosto com a barba crescida, fazendo-me arfar de emoção. — *Vamos parar de lutar contra o que ambos desejamos... Já não há razão para vivermos separados. Casa-te comigo...*

Como podia casar-me com Ivarr se amava Edwin? Porém, naquele momento de enleio, vi-me forçada a admitir que, ainda que de uma maneira diferente, também amava Ivarr. A nossa união não seria perfeita... No entanto, o mundo abria-se diante de nós, repleto de desafios emocionantes. Um dia, ele seria rei... Um grande rei! E eu podia fazer muito pela sua causa, pelo nosso povo...

— Edwina...

Edwin morrerá... Continuar a viver, prosseguir a nossa luta, defender o seu legado, honraria a sua memória. E Ivarr compreendia os meus sentimentos. Dar-me-ia tempo... dar-me-ia espaço para reaprender a sorrir.

— Edwina...

Esta noite eu assimilara a essência da sua magia. Esta provinha do coração da Terra; era física, selvagem, pura... Eu não estava só nos braços de rei-lobo. Estava nos braços dos seus irmãos de sangue... E sentia-me em casa.

— Eu serei tua mulher, Ivarr — respondi, por fim. — E tu serás o protetor da minha missão.

— Com todo o gosto! — volveu ele sem hesitar, por entre os uivos festivos dos nossos guerreiros-lobo.

CAPÍTULO 21

Os meus pais e o rei Steinarr receberam com júbilo a notícia de que eu e Ivarr decidíamos casar. A comunicação do herdeiro do trono viking foi sucedida de uma celebração que elevou a moral abatida dos nossos homens. Foi com alguma perplexidade que constatei que a rainha Lyria me fixava apreensiva. Quando a questioneei, ela disfarçou e desejou-me felicidades. Não obstante, refutou o convite para comparecer na cerimônia. O estado avançado da sua gravidez tornava a viagem muito arriscada. Além disso, não podia esquecer-me de que ela era, agora que "O Que Tudo Vê" já não se encontrava entre nós, a principal responsável pela guarda do pote de cinzas de Gwendalin. A vigilância desse mal não podia ser descuidada, ou arriscávamo-nos a um desastre ainda maior do que a perda para o inimigo de quatro das pedras mágicas da feiticeira Aranwen. Contudo, eu seria sempre bem-vinda, quando quisesse visitá-la!

Steinarr deixou a cidade de Lyria sem olhar para trás e o seu procedimento para com Cyrus, na despedida, foi quase insultuoso. O rei viking não esquecia que o rei da Gente Bela lhe negara o seu apoio no ataque ao reduto de Aesa... nem que dormia todas as noites nos braços da mulher que ele desejava. A aliança entre os nossos povos mantinha-se porque Lyria era uma soberana de palavra... e tinha bom coração. Ao seu "*até breve*" cordial, Steinarr respondeu com um olhar de fogo e um "*adeus*" de gelo. Era evidente que não tencionava regressar.

Ao contrário do que eu pensara, Lyria e a minha mãe não ficaram amigas. No entendimento da rainha da Gente Bela, a esposa do *jarl* Throst era responsável pela infelicidade e insatisfação do rei viking. Apesar de ser apaixonada pelo marido e nunca ter dado esperanças a Steinarr, a senhora da Ilha dos Sonhos também não desencorajara a sua atenção e o seu fascínio. Se a minha mãe se justificasse, dizendo que o fazia por complacência, quase por piedade, Lyria contraporaria, replicando que tal só podia ser explicado como vaidade e egoísmo. Assim, as conversas foram evitadas e ganhou a

diplomacia. Ambas entendiam que era inútil discutir por causa de um homem que não fazia parte do futuro de nenhuma delas.

A sorte de Magnor intrigava-me. Que destino aguardaria o príncipe rebelde no interior da muralha de espinheiros? Mesmo que, um dia, a sua loucura finasse e decidisse regressar a casa, o pai jamais o receberia. A última vez que alguém se atrevera a mencionar o seu nome, Steinarr replicara que não tinha nem nunca tivera outro filho, para além de Ivarr.

Muitas vezes, nos últimos dias, as manifestações de gratidão de Aled tinham-me trazido lágrimas aos olhos. Era certo que, de início, o meu primo se sentira inconformado e revoltado por ter permitido que a herança do seu pai tombasse nas mãos do inimigo. Todavia, era um homem sensato, e acabara por concordar que a preservação da sua vida era o mais importante. No instante em que regressámos ao castelo viking, e Melody caiu nos braços do marido, chorando de alegria, sentime recompensada pela minha decisão! Pouco me importavam os juízos de valor do tio Berchan! Se Lyria não me condenara por ter recorrido ao mais secreto dos sortilégios do seu povo, quem era ele para fazê-lo?

Freya esperava-me com uma ansiedade que mal lhe permitia respirar. Estava uma lástima, magra como eu nunca a vira, cheia de olheiras e com um esgar enlouquecido. Mal me deixou abraçá-la, já apelava angustiada:

— Diz-me a verdade, Edwina! Ele está vivo?

Sosseguei-lhe o coração, mas não acrescentei nem mais uma palavra. Necessitava de ponderar muito bem se devia contar-lhe o meu segredo. Seria melhor para todos que Freya esquecesse de vez o príncipe vândalo e superasse o seu desgosto. Porém, a avaliar pelo seu aspecto, tal não seria fácil!

Ivarr fez questão de que o nosso casamento fosse celebrado no castelo viking. Eu teria preferido casar-me na quietude da Ilha dos Sonhos, mas não podia esquecer-me de que estava a desposar o futuro soberano de uma nação poderosa. Os convidados estrangeiros deviam prestar homenagem ao rei e ao seu sucessor dentro dos seus domínios.

Além disso, os nossos guerreiros regressavam derrotados e humilhados de uma batalha, e era importante restituir a confiança ao povo. A minha dedicação jamais poderia ser questionada. A Ilha dos Sonhos fazia parte do meu passado. O País dos Vikings era o meu futuro.

A rapidez com que a cerimônia foi organizada deixou-me assustada. Mais parecia que Ivarr receava que eu me arrependesse e voltasse com a palavra atrás. E, de fato, muitas vezes me interroguei se estava a fazer o que era devido e, em algumas delas, estive perto de lhe suplicar que cancelasse tudo. Porém, sempre que ele surgia diante de mim, perdia a coragem e acabava por aninhar-me nos seus braços, novamente convencida de que este era o único caminho a seguir. Afinal, estava a cumprir a vontade da minha família, de "O Que Tudo Vê" e do nosso povo!

O jarl despediu-se e regressou à Ilha dos Sonhos, acompanhado por Berchan e Stefan McGraw. Havia muito que fazer em pouco tempo. O rei do Império tinha de ser avisado, assim como os senhores da guerra da Grande Ilha, os soberanos do Povo dos Penhascos, os druidas e o resto da minha família. Aled e Melody também partiram, desculpando-se por não poderem atender ao casamento. A minha prima estava constantemente indisposta e a sua gravidez adivinhava-se complicada. Se não voltasse imediatamente para casa, dificilmente conseguiria viajar mais tarde. E, depois de escutar as aventuras de Aled na batalha dos Pântanos Nebulosos, desfrutar da segurança da sua vida pacata era tudo o que Melody desejava!

A minha mãe e Freya ficaram comigo, para me dar o seu apoio. O tio Edwin também aceitou a hospitalidade de Steinarr, decidido a descansar um pouco. O seu rosto perfeito denunciava os primeiros sinais de envelhecimento; as rugas vincadas nos cantos dos olhos, que haviam surgido no dia em que a morte do seu primogênito fora confirmada, teimavam em acentuar-se.

Em paralelo com o casamento, o rei viking reorganizava a sua defesa, cuidava do restabelecimento do seu exército e mantinha-se alerta, não fosse Aesa ou Arnorr aproveitar este momento difícil para atacar de surpresa. As fronteiras do País dos Vikings foram

fortalecidas e um reforço de guerreiros enviado para a cidade de Lyria. Nas aldeias viviam-se dias de grande tensão. Ao desaparecimento súbito de “O Que Tudo Vê”, juntara-se o desastre da campanha contra Aesa e o anúncio da traição do príncipe Magnor. O casamento do herdeiro do trono com a nova Guardiã da Lágrima do Sol seria um bálsamo para o ânimo do povo.

Demorei algum tempo a reunir coragem para subir a Montanha Sagrada, mas acabei por fazê-lo, apesar dos protestos de Ivarr. Fiquei aliviada por constatar que a Pedra do Tempo não repelia a minha essência. Ao contrário do que o tio Berchan profetizara, ter recorrido à Arte Obscura para salvar Aled não me tornara maldita!

Reconfortada, entrei na gruta que, durante muitos anos, fora a morada de “O Que Tudo Vê”. As suas paredes encontravam-se repletas de desenhos que contavam a história das Lágrimas do Sol e da Lua. Os livros de pele, onde o meu bisavô descrevera a sua vida, estavam arrumados... Cedi ao choro por um instante, mas forcei-me a recuperar o controle. O meu mestre ficaria zangado, se me visse prostrada pelo desgosto. Algures, no coração da Montanha, o seu corpo mortal repousava... Mas o seu espírito estaria sempre comigo, protegendo-me e orientando-me.

Uma alteração no equilíbrio da energia fez-me levantar a cabeça. Na parede da gruta formara-se uma abertura, como uma janela, e, dentro dela, cintilava a Lágrima da Lua. Avancei ao seu encontro, fascinada. Acariciei-a entre os dedos e ponderei levá-la comigo. Contudo, a razão sobreveio. Não possuía recursos para proteger ambos os cristais... E a Lágrima da Lua pertencia à Montanha Sagrada! Voltaria, de vez em quando, para admirá-la; para, através do seu esplendor, recordar e homenagear a coragem de Edwin.

Saí para debaixo do céu do fim da tarde, estrangulada pela comoção. Quedei-me diante da Pedra do Tempo e supliquei com a voz embargada:

— Diz-me se estou no caminho certo! Serei Guardiã da Lágrima do Sol e princesa do País dos Vikings... Servir-te-ei, e ao meu povo, com sabedoria e justiça. Combaterei, sem piedade, os que deturpam a magia para alimentar uma perversa ambição. Do meu ventre, não

nascerá o filho do dragão, mas o herdeiro do trono viking... E este o novo rumo que me destinaste?

Não obtive resposta.

No centro do pátio, Thora brandia a sua espada com uma postura ameaçadora. Ao seu redor encontravam-se cinco guerreiros-lobo; os machos da sua alcatéia. Bryan foi o primeiro a atacar e ela repeliu-o sem hesitação. Seguiu-se Ragnar, que acabou por escorregar e cair prostrado por um pontapé. Eric aproximou-se, com um sorriso melado e orgulhoso que depressa finou, ao compreender que a sua prometida estava a levar o treino muito a sério. Aliás, se a lâmina da Loba Prateada não se encontrasse envolvida pela bainha de pele, o nosso primo teria ficado seriamente ferido. Eric acabou por recuar, levando a mão ao ombro com uma expressão magoada. De certeza que, no dia seguinte, teria uma nódoa negra para lhe recordar o incidente.

Ketill preparava-se para investir, mas Ivarr deteve-o. Era para o rei-lobo que a minha irmã olhava, num desafio incendiado por uma raiva que ninguém compreendia. O príncipe fez-lhe a vontade e enfrentou-a. As duas espadas chocaram no ar, depois rente ao chão, a meio do corpo e, de novo, ao nível da cabeça. Ivarr prendeu a posição da adversária, aproximou o rosto e fixou o seu olhar flamejante, mastigando irritado:

— Nós estamos a brincar contigo, rapariga! Não sejas estúpida...

— Não me chames rapariga! — gritou Thora e, sem que o príncipe o previsse, projetou a cabeça adiante com toda a força, libertando-se do bloqueio da sua espada.

Ivarr deu um salto para trás, gemendo de dor. A cabeçada de Thora rebentara-lhe o nariz. O meu noivo olhou para a mão com que limpava o sangue, e depois para a sua subordinada, rugindo impaciente:

— Agora foste longe de mais!

— Queres lutar ou chorar?

— Vou arrancar-te o couro, rapariga!

— Pára de me chamar rapariga!

As espadas de Ivarr e Thora voltaram a embater e, desta vez, ele apelou à força para desequilibrá-la. Ela caiu desamparada, mas rebolou pelo chão, antes que o rei-lobo pudesse alcançá-la. Aproveitou-se da posição e ergueu os pés, atingindo-o numa perna. Ivarr tombou sobre o joelho e teve de executar um movimento hábil com a sua espada para conter o ataque da jovem, que entretanto já se levantara. Confiante, Thora tentou prostrá-lo novamente, mas aproximou-se demasiado. O príncipe conteve a sua investida e agarrou-a pelo braço. Sem contemplações, apertou-lhe o pulso com tamanha brusquidão que a minha irmã largou a espada, guinchando de dor. Depois, arrastou-a até ao chão e encostou-lhe a arma ao pescoço.

— O que é que queres provar? — rugiu irado. — Parece-me que não estás interessada em aprender o que temos para te ensinar! — A Loba Prateada tentou desviar a espada da garganta, mas o seu senhor não permitiu. — Se queres brigar como um reles desordeiro, vais levar o troco. A partir de hoje, nenhum de nós pensará duas vezes antes de replicar às tuas agressões.

— Ivarr... — apelei apreensiva, percebendo-os descontrolados. — Estás a magoá-la!

O rei-lobo recuou, permitindo que a sua protegida se erguesse. Thora desatou a correr para fora do pátio, com os olhos cheios de lágrimas. Eric tencionou segui-la, mas o esgar furibundo do seu senhor demoveu-o. Eu lancei-me no encalço da minha irmã, sem entender por que transformara ela o treino num conflito de honra.

Thora deteve-se atrás do tronco de uma árvore, soluçando agarrada ao pulso. Aproximei-me devagar, adivinhando que ela rejeitaria a mais leve palavra de conforto.

— Vai-te embora! — vociferou, antes de eu abrir a boca. — Deixa-me em paz!

— Eu só quero... — Estendi a mão para tentar observar-lhe o pulso, mas ela desviou-se, bradando num pranto esganicado:

— Não preciso da ajuda de ninguém! Sou capaz de me defender sozinha!

— Eu sei isso, Thora — repliquei pacientemente, sem forçar nova aproximação. — Mas tens de respeitar os outros, se queres ser

respeitada! Eles estavam a brincar...

— Eu estou farta de brincadeiras! —olveu, dando largas à sua indignação. — Já não sou uma criança! Mas ninguém me leva a sério...

— Thora... — Sobressaltei-me ao ouvir Ivarr por trás de mim.

— Vem cá!

— Não!

— Thora!

A minha irmã baixou a cabeça ante o tom imperioso, qual cão repreendido pelo dono, e deu um passo em frente. O seu senhor encontrou-a a meio caminho e continuou:

— Mostra-me o pulso.

Engoli em seco ao ver Thora submeter-se; a indignação substituída pela dor. Ponderei intervir, mas algo me deteve. Os dedos de Ivarr acariciavam as marcas vermelhas na pele da sua protegida, enquanto murmurava:

— Desculpa... Excedime... Fizeste-me perder a cabeça!

— Eu mereci — retorquiu a minha irmã, numa voz sumida. — Esquecime de que sou a mais fraca, a menos importante...

— Sabes que isso não é verdade! — objectou ele, franzindo o sobrolho.

— Não faz mal! — contrapôs ela; o corpo franzino tremendo tanto que mal se sustinha. — Um dia, serei mais forte e hábil do que qualquer um de vós!

A arrogância de Thora tirou-me o fôlego. Reccei que Ivarr tornasse a irritar-se... Todavia, pasmei ao vê-lo segurar-lhe no queixo, obrigando-a a encontrar o seu olhar, enquanto inquiria:

— E que farás, então? Matar-me?

Thora quis responder-lhe, mas não foi capaz. Com o coração apertado, vi-a cair nos braços do meu noivo, estreitando-o como se a sua vida dependesse dele. E talvez dependesse! A energia proveniente daquele abraço era fenomenal! Decidi que não queria observá-los; nem sequer escutar o resto da conversa. Mais uma vez, sentia-me uma intrusa ante a harmonia partilhada por eles.

Eric ainda não se movera. O seu olhar magoado fixou-me, ensombrado por uma interrogação que eu não desejava decifrar.

Algumas coisas jamais deviam ser mencionadas. Ivarr escolhera-me para sua esposa, jurava que me amava... E eu tinha de confiar nele, ou a minha existência perderia o sentido.

Freya não estava bem... Isso era inquestionável! Porém, recusava-se a admiti-lo. Envolveu-se nos preparativos do meu casamento, com um entusiasmo obsessivo. Confiei-lhe a maior parte das decisões, desejando agradá-la. Assim, passávamos mais tempo juntas e eu podia mantê-la debaixo de olho. A sua magreza preocupava-me seriamente, e as olheiras profundas que lhe deformavam o rosto revelavam que há muito não desfrutava de um sono reparador.

Então, nas vésperas da cerimônia, irrompeu pelo meu quarto, sufocada pelo choro. Apertou-me com ferocidade e sacudiu-me, enquanto arquejava acusadoramente:

— Mentiste-me! O Helgi está morto!

Foi difícil conseguir que se acalmasse o suficiente para me escutar:

— Freya... O Helgi está vivo! Juro-te! Eu... eu estive com ele!

— O quê?

Suspirei, contrafeita. Tinha evitado esta conversa, por temer as conseqüências que dela adviriam.

— Ele... Ele salvou-me a vida! Eu sei que isto não faz sentido, mas é verdade! Porém, terás de aquietar-te, se desejas ouvir o resto!

Servi-lhe um chá para lhe serenar o espírito. Nos últimos dias, só o preparado de ervas me ajudava a adormecer. Talvez fosse pela crescente proximidade do casamento... O fato é que estava muito nervosa! E, para piorar a minha condição, o pesadelo que me colocava no meio do mar, rodeada pelo Povo da Água e os seus inebriantes cânticos, repetia-se quase todas as noites, forçando-me a recordar que o corpo de Edwin jazia nas profundezas do azul infinito. Pelo menos, Freya podia desabafar comigo! Eu tinha de chorar sozinha...

— O Helgi tem uma irmã gêmea, que serve Aesa com a mesma devoção com que eu servia "O Que Tudo Vê" — comecei lentamente, para obrigá-la a beber o chá. — Durante o primeiro

ataque dos Vândalos à cidade da rainha Lyria, deparei-me com a oportunidade de destruir a sua mente... E, ainda hoje, não consigo justificar por que não o fiz! Seja como for, essa rapariga resolveu saldar a dívida que tinha para comigo, e enviou o irmão para me proteger do ataque dos lobos negros. O Helgi lutou e sangrou por mim, Freya... Mais tarde, quando prostrei Aesa, foi ele quem a resgatou e a levou para o interior da Floresta Sombria. Por isso, posso garantir-te que não morreu!

Freya respirava com dificuldade. As lágrimas caíam-lhe em cascata pelo rosto, ao balbuciar:

— Eu sonhei... Sonhei que a Thora o tinha matado! No fim, já não sabia se era a Thora ou eu quem segurava a espada... Acho... Acho que estou a enlouquecer!

Embalei-a nos meus braços e aguardei pela questão inevitável. Esta ecoou, ansiosa e dorida, antes que eu decidisse o que devia responder:

— Ele... Ele perguntou por mim?

Eu conhecia o sofrimento da minha irmã, pois também amara e perdera. A consciência ordenou-me que confessasse:

— Pediu-me que te dissesse que esperou por ti até o alarme soar... Ainda mantém a pedra mágica da nossa bisavó ao peito...

Foi com surpresa que vi Freya puxar pelo amuleto de Helgi, oculto pelo decote alto das suas vestes, e encostá-lo aos lábios, enquanto soluçava. Julgara que, por esta altura, ela já se teria livrado daquele testemunho do seu desvario. Quando a sua cabeça pendeu, esgotada pelo pranto, acariciei-lhe os caracóis negros, sussurrando:

— Tens de reagir, mana! Tens de superar o desgosto... avançar e esquecer! Não podes manter-te presa ao passado! Já estás doente...

— Eu não estou doente, Edwina... Estou grávida...

O meu sangue gelou e o coração parou de bater. Como...? Como é que era possível?

— Eu sei que devia ter bebido o chá para evitar conceber — continuou, desviando o olhar ante o meu choque. — Mas não fui capaz! Cada vez que tentava... pensava que era impossível que uma única vez tivesse sido suficiente. E, se fosse, eu estaria a matar uma parte de mim... uma parte de nós! Eu amo o Helgi, Edwina! Sou tão

desgraçada que o amo perdidamente, mesmo sabendo quem ele é; tudo o que fez...

O silêncio envolveu-nos por uma eternidade. Havia tanta coisa que queria dizer-lhe... Contudo, sentia-me incapaz de falar. Por fim, foi ela quem apelou, numa voz que mal se escutava, mas que depressa cresceu em convicção:

— Ajuda-me, Edwina! Eu quero esta criança... Porém, morrerei de vergonha se alguém souber que é minha! Mal tenho comido, para evitar que a barriga me cresça. Tens de me valer! Tens de me mandar para um sítio onde ninguém me conheça, até que o bebê nasça! Depois, dirás que é filho de uma das tuas criadas e que desejas educá-lo... Eu virei viver contigo, para ficar ao seu lado.

— E como te sentirás a ver o teu filho crescer, acreditando que não tem pai nem mãe? — retorqui, horripilada com a idéia.

— Que opção me resta? — insistiu ela, apavorada. — Queres que diga aos nossos pais que me deitei com o herdeiro da bruxa maldita? Com o ladrão das pedras mágicas? Com um assassino...?

— Freya... — atalhei, fixando o seu olhar. — Ninguém precisa de saber quem é o pai do teu filho! Dirás a verdade; que ele é fruto do ritual de Renovação do Povo dos Penhascos. Viverás a tua gravidez com tranqüilidade e criarás essa criança com orgulho! Se a desejas, tens de assumi-la! Eu apoiar-te-ei a cada passo! Juro por tudo o que me é sagrado que nada vos faltará!

A minha irmã susteve a respiração, atordoada. O fato de não refutar de imediato encheu-me de esperança. A custo, replicou:

— E que dirão os nossos pais, quando descobrirem que eu me perdi? Vão odiar-me! Vão repudiar-me! Não suportarei isso!

— Tu seguiste o teu coração... — objetei, convicta. — Não cometeste nenhum crime! Os nossos pais amam-te... Hão-de compreender! Tal como tu própria disseste, eles também eram inimigos quando se apaixonaram!

— Mas a história dos nossos pais teve um final feliz! — contrapôs Freya, e recomeçou a chorar. — A minha, jamais terá...

— O final feliz da tua história está aqui! — argumentei, acariciando o seu ventre. — E esta vida que cresce dentro de ti! Este coração que te amará acima de tudo e de todos! Não tenhas medo,

irmãzinha... No dia em que segurares o teu filho nos braços, o resto perderá importância!

Sempre ouvi enunciar que a felicidade que se experimenta no dia do casamento só é suplantada quando os filhos nascem. E eu estava satisfeita; rodeada pela família, pelos amigos e por muitos desconhecidos que desejavam simplesmente manifestar o seu apreço.

Steinarr e os meus pais prepararam uma cerimônia grandiosa, financiada pelo tesouro que Thora encontrara no navio afundado ao largo da Ilha dos Sonhos. Pretendiam mostrar aos nossos inimigos que a derrota sofrida nos Pântanos Nebulosos não nos abalara, e, simultaneamente, desencorajar o ímpeto de algum rival ganancioso.

O rei do Império compareceu pessoalmente, acompanhado pela sua rainha, o segundo filho varão e a princesa Isobelle. John encontrava-se em viagem e não pudera honrar-nos com a sua presença. Tive de me esforçar para não denunciar a satisfação. Quinn e Estrid vinham na comitiva, mas, enquanto o meu primo se alegrou por me rever, ela cumprimentou-me com indiferença, como se fôssemos duas estranhas.

Estrid e Isobelle haviam-se tornado inseparáveis. A rainha do Império aproveitou a oportunidade para elogiar a minha prima diante do tio Edwin e pedir o seu consentimento para que a jovem se mantivesse na corte, como dama de companhia da princesa. Uma amiga tão educada e prendada seria uma excelente influência para Isobelle. Ao meu lado, Thora murmurou num tom escarninho:

— A serpente cobriu-se com as penas do rouxinol e convenceu os tolos de que é capaz de voar! Pobre princesa... Quando menos esperar, será devorada viva!

Era óbvio que Estrid estava a servir-se da generosidade de Isobelle para se quedar na corte... e apertar o cerco em torno de John. Pois eu desejava-lhe boa sorte!

Os druidas da Ilha dos Penhascos e Trygve também fizeram questão de nos cumprimentar. Diante do meu primo, esqueci as formalidades e corri para os seus braços. Mais tarde, quando ficámos sós, desfiz-me em justificações, temendo que a minha

interferência nos rituais de Renovação tivesse ferido a nossa amizade. Trygve respirou fundo, antes de responder:

— Aquela noite mudou a minha vida... as vidas de todos nós, para sempre! Não mentirei, dizendo que aceitei de ânimo leve o que aconteceu. Porém, a Amora explicou-me que essa era a única forma de salvar o nosso povo. E contou-me que a apoiaste... Por isso devo agradecer-te, Edwina!

Fiquei aliviada por saber que Amora se encontrava bem. Tal como sucedia com Freya, o seu ventre ainda não arredondara... mas, logo que a natureza impusesse a sua vontade, a Sacerdotisa dos Penhascos partiria para um retiro na montanha, de onde só regressaria quando o seu segredo estivesse a salvo. A crença de que o seu poder de vidência se extinguiria no momento em que perdesse a virgindade, provara-se falsa. Aparentemente, tal convicção fora enraizada na cultura do Povo dos Penhascos para impedir que a soberana quebrasse as regras. Pelo que Trygve testemunhava, Amora continuava sábia... e decidida!

— Nós ponderámos — prosseguiu num tom grave. — E concordámos que o nosso filho não poderá viver conosco, pelo menos, durante os primeiros anos. Necessitará de uma educação especial, que nós não temos condições de prover, sem denunciar a verdade. Por isso, mais uma vez, apelamos ao teu auxílio. Cuidarás do meu filho, até que o seu regresso à Ilha dos Penhascos seja seguro?

O seu pedido era irrecusável. Sentia-me responsável por aquela criança, pois ajudara a criar as condições para que ela fosse gerada. E tinha a certeza de que Ivarr também não se importaria, após tomar conhecimento dos sentimentos que uniam Trygve e Amora.

Aproveitei para lhe confidenciar que Freya também estava grávida, e que o seu filho fora gerado sob a influência da Festa da Renovação. Trygve empalideceu, tartamudeando assustado:

— Ela foi... forçada por um homem do meu povo?

— Não! — apressei-me a tranquilizá-lo. — A Freya não foi forçada. No entanto, não quer revelar a identidade do pai da criança e devemos respeitar a sua vontade. Acredita que é para o melhor!

— Tu sabes quem ele é! — constatou o meu primo, provando que me conhecia bem. — Contudo, imagino que tens razões para pactuar com o silêncio da tua irmã, por isso não te vou questionar. Ela já contou aos vossos pais? Eles devem ter ficado possessos!

Na verdade, Throst e Catelyn haviam reagido melhor do que eu esperara! Jamais esqueceria a sua expressão assustada, quando nós os buscáramos no quarto, a meio da noite. Eu mantivera-me atrás da minha irmã, com as mãos sobre os seus ombros. Freya desabafara, por entre lágrimas e soluços, e suplicara por compreensão. O caminho que escolhera era nobre... mas terrivelmente árduo.

O meu pai ficara lívido, lutando contra os sentimentos contraditórios que lhe martelavam o peito. A minha mãe guardara silêncio, estendendo os braços a Freya e acolhendo-a no seu carinho. Nesse instante, tive a certeza de que eles já suspeitavam da verdade... e que a sua dedução fora ainda mais longe. Quando a minha irmã se negara a dizer com quem estivera, o *jarl* contestara, rouco de emoção:

— Eu compreendo as tuas razões, filha... Mas suplico-te que confies em nós! Não quero ser responsável pela morte do pai do meu neto, num campo de batalha!

— O teu pai tem razão, querida — insistira a nossa mãe. — Nós devemos saber a verdade, para que possamos acautelar uma desgraça. O rapaz que te salvou a vida, na Ilha dos Penhascos, e que depois te roubou a pedra...

— O seu nome é Helgi — atalhou Freya, com os olhos cerrados e a respiração aos borbotões. — E ele não me roubou a pedra; eu ofereci-lha... como prova do meu amor...

E recomeçara a chorar, aguardando por uma condenação. Aí, eu julgara prudente interferir, e partilhara com os nossos pais o que sabia acerca do bisneto de Aesa. Sentia-me tentada a acreditar que Helgi e a sua irmã não eram escravos da vontade da rainha feiticeira... e que essa independência lhes permitia distinguir o bem e o mal. Contudo, temia ficar prisioneira dessa ilusão e descobrir, num momento crucial, que tudo não passara de outro jogo mental; de mais uma armadilha da maquiavélica bruxa. Afinal, depois de

solicitar ao irmão que me salvasse, a herdeira de Aesa tornara a erguer o nevoeiro, para cegar os nossos guerreiros e favorecer o ataque da mestra da Arte Obscura! E ainda havia a profecia que opunha Helgi a Ivarr, e que os forçava a disputar a mesma mulher... Por mais que desafiasse o raciocínio, nada fazia sentido!

A manhã desse dia surpreendera-nos abraçados, e embalados na voz doce da minha mãe:

— Foi preciso muita coragem para assumires a tua gravidez, Freya, e ainda mais para nos revelares a verdade. Agradecemos a tua confiança! Sei que estás assustada e a sofrer pelo destino do teu filho e pelo vosso futuro... Mas, não temas! O teu bebê fará parte de nós, tal como tu fazes! Aconteça o que acontecer, nunca se esqueçam de que somos uma família e que nos amamos acima de qualquer dificuldade.

Eram estas as palavras que me acudiam à memória, no instante em que subi para o altar erguido no pátio do castelo, e fiquei diante do rei viking, que fizera questão de presidir à cerimônia, e de Ivarr. Sentime estupidamente nervosa e tentei concentrar-me no sorriso do meu noivo. Ele prendera os cabelos com uma fita dourada, que contrastava com a pele de lobo que lhe cobria os ombros e o branco imaculado das suas roupas, bordadas a ouro com os símbolos da casa real. Era um homem belo. Era um homem poderoso. Era um homem bom. O que mais é que eu podia desejar? As lágrimas subiram-me aos olhos quando me perdi no verde cristalino, que fixava com admiração as formas generosas do meu corpo, dentro do vestido que condizia com o seu, costurado e bordado de dia e de noite, durante semanas, pelas melhores artesãs vikings. Os meus cabelos pendiam em cachos sobre o peito e pelas costas, até à cintura. Ao pescoço usava o colar que ele me oferecera, na noite do nosso noivado. Nunca me sentira tão bonita... Nunca me sentira tão insegura!

Ivarr proferiu os seus votos numa voz clara, sem hesitações. Quando chegou a minha vez, a língua colou-se-me ao céu da boca. Suspendi o fôlego e corri o olhar por aqueles que se encontravam mais próximos. Os meus pais sorriam, de mãos dadas e dedos entrelaçados. Os guerreiros-lobo de Ivarr observavam-nos com um

ar divertido, à exceção de Eric, que mirava Thora com uma expressão triste, e da própria Thora, que fixava o vazio com uma postura rígida. Trygve acenou-me, visivelmente satisfeito. Freya e a tia Ingrior choravam de emoção. O tio Berchan franzira o sobrolho, estranhando a minha pausa. O tio Stefan acariciava a cabeça da tia Enya, que repousava no seu peito. E o rosto melancólico do tio Edwin recordava-me o que eu tentava desesperadamente esquecer...

— Edwina...

O apelo de Ivarr sacudiu-me. Encarei-o, em pânico. Diante de nós, o semblante de Steinarr endurecia. A família do rei já sussurrava: “*O que é que se passa com a noiva?*” Senti a cabeça a rodar e o chão a oscilar debaixo dos pés. Só os braços de Ivarr me impediram de cair. Lutei para me manter consciente, enquanto alguém gritava para que me trouxessem água.

Água... Água nas minhas fronteiras; água na minha garganta; um universo de água... Eu estava submersa, mas respirava. À minha volta moviam-se criaturas prateadas... E cantavam... E dançavam...

— Edwina? Querida...

Encontrei o olhar de Ivarr e fui incapaz de conter o pranto. Abracei-o e desejei que tudo o que nos rodeava se desvanecesse. Sem querer, o meu olhar quedou-se em Estrid. A minha prima cobrira os lábios com as mãos, para que ninguém se apercebesse do seu riso de troça. Forcei-me a engolir mais um pouco de água, amparada pelo meu noivo. As nossas famílias tinham gasto uma fortuna nesta festa, e eu mal me sustinha de pé! O que é que os convidados iam pensar?

— Vamos concluir a cerimônia, meu pai — murmurou Ivarr, em tom de súplica. — A Edwina está indisposta e precisa de descansar.

Temendo que eu lhe desmaiasse nos braços, enfiou-me a bracelete ritual no pulso e aguardou que as minhas mãos reunissem alento para imitá-lo. Steinarr correspondeu ao seu apelo e declarou-nos casados. Antes que eu recuperasse o discernimento, já era princesa e herdeira do trono viking... E tinha a sensação de que um fiorde se desmoronara sobre a minha cabeça.

— Consegues andar? — perguntou o meu marido, mas não aguardou pela resposta. Pegou-me ao colo e carregou-me para o

interior do castelo.

Eu era alta e pesada, mas ele não acusava o esforço, mesmo quando subia a íngreme escadaria. A minha mãe, a tia Ingrior e Freya corriam atrás de nós. Abriam a porta do quarto para lhe permitir a passagem e ajudaram-no a deitar-me na cama que, brevemente, seria o nosso leito.

— Vai atender aos convidados, Ivarr — disselhe a minha mãe, tentando apaziguar a sua inquietação. — Nós cuidaremos da Edwina. Não te preocupes! Este abalo foi provocado pelo cansaço. Vai... Vai!

Assim que a porta se fechou, Freya e a tia Ingrior libertaram-me do vestido e do espartilho, que me cortavam a respiração. A minha mãe preparou-me um chá, que sorvi com declarado alívio, enquanto ela remexia as brasas da lareira, entregando às chamas a mistura de ervas curativas que sempre trazia consigo. Em menos de nada, o aroma reconfortante e a bebida morna começaram a surtir efeito. Era-me quase impossível manter os olhos abertos.

— Eu tenho de voltar para a festa, mamã... — murmurei sem convicção.

— Amanhã darás aos teus convidados toda a atenção que desejas — contrapôs ela, com firmeza. — Agora, descansa!

— Eu não quero...

Adormeci antes de terminar o raciocínio.

Acordei já a noite caíra. A minha mãe estava sentada ao meu lado; o seu sorriso benévolo oscilando à luz inquieta da lareira.

— Como te sentes?

Prodigiosamente, liberta do cansaço e com a mente limpa. Levei as mãos ao rosto corado, enquanto as recordações me fustigavam.

— Que vergonha! — murmurei. — Nem fui capaz de dizer os meus votos... O Ivarr jamais me perdoará!

— Tens a vida toda para lhe declarar os teus votos — retorquiu a minha mãe. — Não te sintas envergonhada pelo que aconteceu, querida! Há meses que vives pressionada por fortes emoções. Esta cerimônia foi a gota de água...

Enquanto ela falava, experimentei pôr-me de pé. Não estava tonta e até sentia fome.

— Vou buscar uma merenda — anunciou. — Volta para a cama, Edwina! A noite está fria e tu só tens esse robe em cima da pele.

Não obstante o seu conselho, mantive-me onde estava. No pátio, a música vibrava, por entre as gargalhadas dos convivas. Os archotes iluminavam as faces alegres dos foliões. Procurei rostos familiares e encontrei Eric e Thora. O que quer que fosse que andava a atormentar a minha irmã, desde a batalha nos Pântanos Nebulosos, parecia sanado.

A porta abriu-se e aguardei por Freya ou pela tia Ingrid. O coração subiu-me até à garganta e caiu no vazio, quando me depararei com Ivarr. Ele avançou ao meu encontro, devagar, como se temesse assustar-me. Ainda não trocara de roupa e o seu olhar demonstrava apreensão.

— Estás bem, Edwina?

— Sim — respondi, permitindo que me enlaçasse. — Desculpa! Envergonhei-te...

— Não sejas tola — revidou, tomando o meu rosto entre as mãos e beijando-me a testa. — Assustaste-me... Fico feliz por te ver restabelecida!

Fixei o seu olhar, inquirindo ansiosamente:

— O teu pai está zangado? — Ele negou com a cabeça.

— É claro que não! Mas muitos convidados interrogam-se acerca da tua indisposição. Julgam que nós... — Hesitou, escolhendo as palavras. — Pensam que já estás grávida!

Sentime corar e partilhei do seu sorriso. Ivarr estreitou-me com mais força e afundou o rosto nos meus cabelos, murmurando:

— E eu estou ansioso por transformar essa suposição numa realidade!

As suas mãos deslizaram pelas minhas costas, arrastando o tecido macio. Arrepiei-me, subitamente consciente da minha nudez. Tentei recuar um passo, mas ele não permitiu. A sua voz soou rouca e trêmula, junto do meu ouvido:

— Quando te vi subir para o altar, pensei no prazer que sentiria ao despojar-te daquele vestido. Parece que me preparaste uma surpresa ainda mais excitante, meu amor! Há anos que sonho com este momento...

— Ivarr... — Fugi do seu beijo, mal coordenando a respiração. — A minha mãe está a chegar!

Nesse preciso instante, a porta abriu-se e a senhora da Ilha dos Sonhos entrou, trazendo um tabuleiro com pão quente, um jarro de leite e um pote de mel. Recuei atrapalhada, recompondo o robe, enquanto Ivarr se voltava para a janela a fim de ocultar o rubor das faces. A minha mãe ignorou o nosso desconforto e disse simplesmente:

— Tenta comer, Edwina... Precisas de restaurar as forças! Não permitas que ela fique acordada até tarde, Ivarr. O dia de amanhã será igualmente cansativo. — Abeirou-se de mim e pôs-se em bicos de pés para me beijar o rosto. — Desejo-te uma boa noite e toda a felicidade deste mundo, meu amor. — Depois voltou-se para Ivarr e beijou-o também, exclamando com autoridade: — Cuida bem da minha menina, filho de Steinarr, senão terás de prestar-me contas!

— Cuidarei, Catelyn — respondeu o príncipe, sorrindo afetuosamente. — Obrigado por tudo!

Mordi o lábio quando a porta se fechou. Já não sentia fome... De repente, o enorme quarto pareceu mirrar. Apeteceu-me fugir, correr atrás da minha mãe e esconder-me na sua cama, debaixo das cobertas, onde Ivarr jamais me iria buscar...

— Vem, Edwina. O pão está quente! Olha o mel a derreter-se... — Sentei-me na cama, ao seu lado, sorrindo nervosamente quando me deu o pão à boca, como se eu fosse uma criança. O mel escorreu pelos seus dedos e caiu-me no colo. Soltei um grito e mal contive uma gargalhada, ao ver que Ivarr também se lambuzara ao morder o pão. Sem pensar, ergui a mão para lhe limpar a barba rala que lhe ornava o queixo. Só percebi que caíra numa armadilha, quando ele me segurou o pulso e levou os dedos aos seus lábios, beijando-os um a um, mergulhando-os na boca e sugando-os.

O meu coração ameaçou rebentar. Já nem sabia como respirar! A língua de Ivarr movia-se em torno dos meus dedos, quente e úmida, provocando-me sensações deliciosas, que o tempo e a distância que eu lhe impusera já me haviam feito esquecer.

— Ivarr...

Outro pedaço de pão carregado de mel impediu o meu protesto. Desta vez, foi o meu rosto que ficou repleto com a calda doce, e não tive dúvidas quanto ao que ia acontecer. Num piscar de olhos, o tabuleiro desapareceu do colo de Ivarr, as suas mãos atraíram-me e os lábios colaram-se à minha face; a língua deslizando em círculos suaves pela pele ardente, pelo queixo, sobre os lábios...

Gemi alto quando mergulhei no seu beijo. Sem mais delongas surpreendi-me deitada na cama, o corpo do meu marido aninhando-se no meu, as mãos hábeis desapertando o robe e afastando-o lentamente. Percebi que me contemplava, mas mantive os olhos fechados, dividida entre a exaltação e o pudor.

— És tão linda, meu amor! — murmurou roucamente. — Tão pura...

Procurou-me os lábios e encontrou-os, ansiosos. Sobressaltei-me, ante a reação ardente do meu corpo ao seu toque. Ivarr riu baixinho, replicando com manifesto contentamento:

— Não receies, Edwina! Relaxa e aprecia o prazer que tenho para te dar.

A sua boca moveu-se sobre o meu pescoço e prosseguiu a descida, detendo-se no peito, explorando, brincando, ao mesmo tempo que as suas mãos me deslizavam pelo ventre, invadindo lugares que nunca tinham sido tocados. Tentei escapar mais uma vez, mas as suas carícias gentis provocaram-me um choque de calor. Reagi como se trespassada por um raio; gritei e arqueei-me, enlouquecida pela sensação. Já não pensava em afastá-lo...

A doce tortura prolongou-se até eu acreditar que ia desmaiar. Então, Ivarr voltou a erguer-se e segurou-me o queixo, apelando:

— Olha para mim, amor! Quero que saibas o quanto te quero...

Começou a despir-se devagar; primeiro a túnica, que, ao passar-lhe pela cabeça, fez com que os cabelos se soltassem da fita e lhe enfeitassem o rosto; depois, o cordão das calças... As botas caíram no chão com uma pancada seca e, de seguida, vi pela primeira vez o corpo do meu marido, iluminado pelas chamas da lareira.

— Toca-me, Edwina... — implorou. — Mostra-me que me desejas tanto quanto eu te desejo...

Atrevi-me a acariciar-lhe o peito, os músculos firmes das costas, e tomei a iniciativa de buscar os seus lábios. Afundei-me num beijo repleto de paixão e abri-me ao seu corpo, suplicando silenciosamente que pusesse fim à minha loucura. A firmeza da sua intrusão não me incomodou. Estava disposta a receber tudo o que ele tinha para me oferecer. Porém, a dor não tardou, intensa, paralisante, crescendo até se tornar insuportável.

— Ivarr...

Ele ficou-se, completamente imóvel. A sua voz chegou até mim, deturpada por uma névoa de sensações contraditórias: dor e prazer, satisfação e temor:

— Respira devagar, querida... Assim...

Obedeci, quase a medo, mas, graças à sua perícia e paciência, em breve esqueci que me sentia quebrada pelo meio. Descontraí-me sem sequer me aperceber e, quando Ivarr recomeçou a mover-se, a dor foi substituída por outra sensação igualmente intensa, porém, oposta — uma exaltação profunda; fogo vivo dentro de mim...

Clamei, arrebatada. Sem controle da vontade, enterrei os dedos nos seus cabelos e puxei-o ao meu encontro, forçando-o a beijar-me. Sentia-me poderosa, dominadora, a mais perfeita das fêmeas. A minha mente delirava, assaltada por focos de luz que me deturpavam a razão. Nos meus ouvidos ecoavam cânticos sublimes. Já não sabia onde estava... Podia estar na cama... Ou podia estar no mar... As ondas que me envolviam amparavam o frenesi do meu corpo, convidavam o meu homem a enlouquecer comigo. Abri os olhos e encontrei o olhar verde profundo, que me acompanhava desde o instante em que fora gerada. Os cabelos aprisionados nos meus dedos eram louros, enfeitados por uma madeixa cor de fogo, cor de sangue, cor de vida... A minha vida nas suas mãos! Era perfeito! Tão perfeito como a sensação que crescia no meu ventre. Avassaladora... Destrutiva... Explosiva!

— Amo-te — bradei com todas as forças, perdida num vendaval de prazer interminável. — Amo-te, Edwin... Amo-te!

Fechei os olhos exausta, satisfeita... extasiada. Aos poucos, fui recuperando a consciência e apercebendo-me do peso do corpo que ainda me subjugava... ao mesmo tempo que a realidade me

esbofeteava as faces! Em que ponto deste desvario eu me deixara iludir pela saudade? Os cabelos que se escapavam dos meus dedos eram negros! O olhar verde cristalino do homem que me seduzira com maestria, que me iniciara no amor com tanto carinho, estava perturbado por uma mágoa; por uma revolta impossível de apaziguar. E este homem era o meu marido... e eu acabara de apunhalar impiedosamente o seu coração!

— Ivarr...

— Afinal, ainda te recordas do meu nome! — replicou num tom azedo, afastando-se com um ímpeto quase violento.

— Ivarr...

— Lamento se não sou o homem que desejas — cortou abruptamente, enfiando-se à pressa dentro das calças. — Mas sou o homem com quem te casaste! O Edwin está morto e tu estás condenada a passar o resto da tua vida ao meu lado!

— Ivarr, espera! Ivarr...

A porta do quarto fechou-se na minha cara, com um estrondo demolidor. Deixei-me tombar na cama e cruzei os braços sobre o peito. Estava tanto frio... Envolvime nas cobertas, mas continuei a tremer. Talvez o calor que existia neste mundo já não fosse suficiente para degelar a minha alma! Eu amava Edwin... Amá-lo-ia até morrer! Mas Ivarr não merecia o que eu lhe fizera, ainda que inconscientemente. O afeto que lhe dedicava podia não ser tão puro, tão irracional como o que nutria por Edwin... Contudo, também era forte, belo, essencial! Tinha de arranjar uma maneira de obter o seu perdão! Tinha de fazê-lo entender... Todavia, como convencê-lo de que passar a vida ao seu lado não seria uma condenação, depois do que sucedera?

Segui-lo de imediato era inútil. Ivarr estava tão revoltado, que acabaria por se zangar ainda mais. Esperar que o tempo apaziguasse a sua ira era a única solução...

E tempo, pelo visto, era o que não me faltava, agora que a solidão se abatia sobre mim.

EPÍLOGO

O reflexo tremeluzente das chamas da fogueira que iluminava a cabana incidia sobre a jovem sentada nas almofadas de penas de ganso, e realçava a sua longa cabeleira lisa, castanho-acobreada, conferindo a ilusão de que um rio de fogo corria sobre os seus ombros e lhe desaguava no colo, cobrindo o vestido simples, de um amarelo desmaiado, que não fazia justiça à sua beleza.

A luz do dia nunca penetrara no mundo de Helga, mas ela não se queixava. Dizia que os olhos da sua essência distinguiam mais longe do que uma visão apurada. Ainda assim, Helgi iria de boa vontade até ao fim do mundo e enfrentaria a mais sanguinária das bestas, se o seu sacrifício concedesse vida aos olhos da irmã. Recostou-se ao seu lado, em cima das almofadas que forravam o chão, observando os dedos finos e delicados da sua gêmea a deslizarem pelas cordas da harpa, com uma mestria inigualável, enquanto a música lhe acariciava os ouvidos e confortava o espírito. Permitiu-se descontraír por um instante... Apenas por um instante...

Estes eram tempos perigosos. As convicções que haviam sido embutidas na mente dos dois irmãos, desde o dia do nascimento, eram agora questionadas por ambos, talvez não da mesma forma ou pelas mesmas razões... mas, de qualquer modo, a simples denúncia da mais tênue incerteza podia custar-lhes a vida.

Conselheiro deitou o focinho cinzento e branco no colo de Helgi, mirando-o com os melosos olhos azuis-claros, suplicando por carícias. O guerreiro sorriu e aquiesceu, afagando o pêlo macio do robusto cão-lobo que jamais abandonava Helga. Por alguma estranha razão, o canto triste da harpa trouxe-lhe à memória a aventura que ele tentava esquecer; confrontou-o com o olhar aterrado de uma rapariga prestes a enfrentar a morte nas presas dos lobos negros, com as palavras afáveis de um ancião druida... e com o carinho da menina que se tornara mulher nos seus braços: a jovem de magníficos caracóis negros e olhos cor de floresta, chamada Freya, tal como a deusa viking da magia... e do amor. Deu

por si a acariciar o amuleto que escondia meticulosamente dentro da túnica. O calor da pedra azul encheu-lhe o coração e roubou-lhe o fôlego. O que é que estava a passar-se consigo? Sempre se orgulhara da sua temeridade, da sua frieza... e, agora, mais parecia um pirralho choramingas!

Largou a pedra bruscamente, enterrando-a debaixo das vestes, ao mesmo tempo que afastava o cão. Foi acometido pela vontade imperiosa de ordenar à irmã que parasse de tocar. Porém, como se tivesse escutado os seus pensamentos, Helga deteve-se, fixando-o com o olhar vazio e murmurando numa voz que denunciava temor:

— Tens de ir, Helgi! A rainha já te chamou há muito...

— Eu sei — atalhou ele. — Mas não me apetece vê-la... Não consigo encará-la! Eu sou um traidor, Helga!

— Não digas tolices! Tu regressaste a casa como um herói; cumpriste os teus objetivos...

— Não! — mastigou o neto de Aesa, como se desdenhasse de si próprio. — Não cumpri... Tu não imaginas como foi difícil abandonar aquela rapariga na Grande Ilha, à mercê dos lobos! Por mais que repita que era uma viking, a consciência atormenta-me... E devia ter morto os druidas! Tinha ordens para não deixar testemunhas... Mas, como podia cortar a garganta de um velho indefeso, que me recolheu moribundo e me tratou como um filho? Fui contaminado pelo inimigo, Helga! Tornei-me fraco! Já não sou digno da confiança da rainha. Não sou digno do meu nome...

— Tu és um homem nobre! — contrapôs a irmã com firmeza. — Por que teimas em envergonhar-te da grandeza do teu coração? Achas que é fraqueza lamentar a desgraça de uma inocente? Será errado poupar a vida de um amigo...? Será crime amar e suspirar de paixão?

Helgi enrubesceu violentamente, tamanho foi o sobressalto. Porém, a sua voz manteve-se fria ao replicar:

— Do que é que estás a falar?

— Estou a falar do amuleto que carregas ao pescoço — revidou ela implacavelmente. — Não te assustes, Helgi! A magia da pedra mistura-se com a tua essência com tal perfeição que acredito que seja impossível, até para a rainha, perceber que um dos tesouros

que tanto almeja, talvez o mais importante de entre todos, se encontra debaixo do seu nariz. Eu apenas o surpreendi devido à excelência da nossa proximidade... Mas, comigo, o teu segredo está seguro!

A declaração da irmã não aplacou o seu sobressalto. Era certo que Helga morreria antes de pensar denunciá-lo... Porém, o simples conhecimento desta transgressão podia ser perigoso para ambos.

— Eu vou entregar a pedra à rainha — garantiu, determinado. — Só não o fiz ainda porque...

Quedou-se sufocado, sem que lhe ocorresse outra justificação além da verdade. A pedra em questão não fora roubada! Fora-lhe oferecida; colocada sobre o seu coração como prova de amor... E, esse momento fora mágico, impossível de apagar da mente: o instante em que vira o seu reflexo no olhar de uma mulher, tal como Helga profetizara. A comoção fechou-lhe a garganta e impediu-o de continuar. Mas a irmã não lhe deu tréguas:

— Nós fomos criados dentro de uma fortaleza de espinhos, a acreditar que, do outro lado, só existe maldade e ódio. Eu sempre soube que não era assim... E, agora, tu também sabes! A rainha separou-nos durante meses para nos forçar a fazer coisas horríveis! Por sua causa, o Arkin está morto...

— Quem matou o nosso irmão foi um dos guerreiros-lobo de Ivarr — protestou Helgi, pondo-se de pé com um salto; a voz reanimada pelo rancor. — E, por isso, da próxima vez que os defrontar, matá-los-ei a todos! Se realmente tinhas uma dívida para com os Vikings, ela foi liquidada nos Pântanos Nebulosos! Não quero voltar a ouvir-te defender esses assassinos, Helga! Temos de permanecer unidos para travar essa peste que se espalha pelo Norte. Foi para isso que nascemos! Agora mesmo, vou colocar esta pedra nas mãos da rainha e declarar-me disposto a partir em busca das outras três, assim que ela o determinar.

O sorriso condescendente de Helga ainda lhe incendiou mais o ânimo. A irmã ia ver como ele se livraria dos remorsos que ultimamente o atormentavam! Helgi era um guerreiro vândalo, e lutaria pelas suas convicções até à morte! Não seria uma bruxa de olhos verdes que lhe daria a volta à cabeça! A pedra que pulsava de

encontro à sua pele não significava nada... Era uma simples conquista, assim como Freya fora!

Correu desembestado até à cabana da rainha, ignorando o olhar curioso de Delling e Raud, que se encontravam no terreiro a treinar os jovens guerreiros, sob a luz dos archotes que iluminavam a noite.

No preciso instante em que ia empurrar a porta da casa da Sacerdotisa, para se fazer anunciar, esta abriu-se. Snari surgiu diante dele, com um sorriso rasgado de orelha a orelha e um brilho malicioso no olhar. Helgi era mais alto e encorpado do que o primo, mas este não se desviou e acabou por lhe dar um encontrão ao passar, ostentando uma expressão de desafio. Se o jovem guerreiro não estivesse tão apressado, tê-lo-ia obrigado a deter-se e a desculpar-se. Quem julgava aquele arrogante que era? Desde que Helgi regressara, que Snari lhe dirigia ares de superioridade. Um dia destes, arriscava-se a levar um murro que o faria cuspir os dentes!

A rainha estava sentada no seu cadeirão preferido, enrolando os dedos no fio que lhe pendia do pescoço e onde se encontravam penduradas as duas pedras mágicas que ele roubara, e a outra, que o traidor viking trouxera para pagar o seu asilo. Helgi ainda não compreendera por que Aesa não matara aquele imbecil, mal se apoderara da pedra verde. Ele próprio teria tido prazer em trespassá-lo com a sua espada, pois, além de se tratar de um inimigo, era também um rapaz insolente, reles e desleal, que não merecia o menor respeito. Porém, por razões que desconhecia, a Sacerdotisa dera guarida ao príncipe viking e mantinha-o por perto, qual animal de estimação. Se o objetivo era usá-lo para pressionar Steinarr, a estratégia adivinhava-se condenada ao fracasso. Além de o rei viking não acusar transtorno por ter sofrido uma pesada derrota em combate e uma machadada moral, também agia como se o filho mais novo não existisse!

Quando Helgi se preparava para cumprimentá-la, Aesa antecipou-se, mastigando com ironia:

— Obrigada por me agraciars com a tua presença, Helgi!

O joelho do jovem enviou-lhe uma dor aguda, ao tocar no chão. O sangue latejou-lhe na cabeça e teve de se apoiar numa mão para não cair. A sua testa cobriu-se de suor e os pingos tombaram diante

do seu olhar incrédulo. A bisavó apelava à feitiçaria para castigá-lo, não havia dúvidas! Sentiu um aperto na garganta, como se esta estivesse a ser esmagada pela pata de um urso. Só a muito custo conseguiu arquejar:

— Suplico o seu perdão, minha rainha! A música de Helga fez-me perder a noção do tempo!

Seguiu-se um silêncio, profanado pelo troar do coração do guerreiro. Teria a bisavó descoberto que fora ele quem salvara a Guardiã da Lágrima do Sol dos lobos negros? Conheceria a sua fraqueza... Saberá que guardava a pedra azul? A sua mente convulsionava, sob o poder da feiticeira. Porém, era evidente que, por mais que se esforçasse, Aesa era incapaz de lhe descortinar os pensamentos. Helgi reunia coragem para confessar o seu segredo, quando ela o libertou da influência do malefício, com uma brusquidão que o fez vacilar.

— Levanta-te, Helgi! — ordenou secamente. — Tencionava atribuir-te outra missão, mas, como chegaste atrasado, confiei-a ao Snari. Na tua ausência, o teu primo revelou-se muito útil à nossa causa, provou-se digno da minha confiança e deu-me bastantes motivos de orgulho. É um rapaz determinado, que não se distrai... com cantigas! Talvez devesse passar algum tempo ao seu lado, para reaprenderes as regras que a distância parece ter apagado da tua mente!

A mão que Helgi erguia para descobrir a pedra azul deteve-se a meio caminho. A confissão que quase lhe tombava dos lábios foi engolida à pressa. Ao invés de recompensá-lo por tudo o que fizera nos últimos meses, a rainha humilhava-o, menosprezando-o diante do primo... só porque ele não saltara no exato momento em que ela batera as palmas! A sua indignação ruborizou-lhe as faces e incendiou-lhe o olhar. Satisfeita por confirmar que o orgulho do bisneto fora reduzido a cinzas, Aesa dispensou-o com um gesto indiferente:

— Podes retirar-te! Não quero que os assuntos do reino prejudiquem a tua diversão!

Helgi cerrou os dentes, mas conteve-se de protestar. Respirou fundo e apertou os punhos... Dispusera-se a submeter-se ao

juízo da bisavó, mas, ante tamanha arrogância e ingratidão, mudara de idéias. Aesa farejara algo de errado na sua postura e tentara extorquir-lhe a verdade, submetendo-o a sortilégios para lhe mostrar quem mandava. Pois teria de se esforçar mais! Empinou o nariz e enfrentou-a, com uma ousadia desconcertante, inquirindo impaciente:

— Quando poderei partir em busca do assassino do meu irmão?

Os olhos azuis celestes da feiticeira chisparam ao replicar:

— Se tivesses vindo quando te chamei, saberias que o rei Steinarr e o *jarl* Throst acabaram de celebrar o casamento dos seus primogênitos com uma festa suntuosa. Até o rei do Império esteve presente! Nestas condições é imprudente atacá-los. As feras estão feridas e a rugir bem alto. A derrota que lhes infligimos vai mantê-los alerta durante algum tempo. Devemos aguardar que se distraiam...

— Aguardar? — insurgiu-se Helgi, mastigando a revolta. — Aguardar pelo quê? Eu entrei no território do inimigo, comi à sua mesa, dormi na sua cama, sem que desconfiassem que estavam a ser roubados...

— Farás o que eu mandar! — cortou a rainha, num tom que gelou o bisneto. — Desde quando é que discutes as minhas ordens? Tu regressaste vitorioso da missão que te confiei e foste aclamado pelo nosso povo... Será que o triunfo te subiu à cabeça? O teu comportamento esquivo e insurgente dos últimos dias é inaceitável! És um grande guerreiro, Helgi... Mas deve-o a mim! Se eu desconfiar que tu ou a tua irmã se desviaram um passo do destino que eu vos tracei, certifico-me de que se arrependerão de ter nascido!

Helgi engoliu em seco. Era óbvio que a rainha estava furiosa por não ser capaz de esmiuçar a sua mente. Se, de início, voltara atrás na intenção de lhe confessar os seus segredos, por raiva e mágoa, agora, o temor consolidava essa decisão. Aesa jamais poderia descobrir a verdade... Não por ele, que não temia o mais atroz dos castigos, mas por Helga. Se a rainha retirasse a confiança à sua jovem e inocente irmã, o que seria dela? Por isso acatou, saudou-a submissamente e partiu como lhe fora ordenado. Ao atravessar o terreiro, remoendo uma fúria primária, quase explosiva, as palavras

de Helga ribombavam-lhe na mente como trovões: "*A rainha separou-nos durante meses para nos obrigar a fazer coisas terríveis...*"

Aesa fixou a porta que se fechava atrás do seu guerreiro sagrado com o sobrolho franzido. Nos últimos meses, Helga começara a questioná-la quanto às suas ações, às suas razões; a irritá-la e a desagradá-la profundamente. Agora, Helgi regressara tão insurrecto quanto a irmã. Os gêmeos estavam a entrar numa idade perigosa; a idade em que o cheiro da independência era irresistível. Fora um erro separá-los! A única maneira de serená-los era mantê-los juntos, já que a essência de um equilibrava a essência do outro... Juntos e debaixo de olho! Eles estavam a esconder-lhe algo! E ela ia descobrir o que era, a bem ou a mal!

Os seus dedos rebuscaram novamente o cordão de onde pendiam as três pedras mágicas que conquistara. Se a abelhuda da neta de Hakon não se tivesse intrometido, o poder de Aranwen já estaria em suas mãos e os inimigos prostrados aos seu pés. Não obstante, acalentava a convicção de que tal era inevitável. Mais cedo ou mais tarde, a vitória seria sua!

— Minha deusa, minha amada... Volta para a cama!

A mestra da Arte Obscura não conteve um sorriso ao escutar o apelo. Aquele jovem príncipe era insaciável! E ela tinha todo o prazer em alimentá-lo... Sim, nesse momento, a pressa era inimiga da perfeição. No fim de tantas atribulações, bem que merecia uma pequena recompensa! Além disso, não tinha do que se queixar! Para além da vitória na batalha dos Pântanos Nebulosos, ainda se apoderara de um brinquedo novo, de sangue ardente, que a manteria distraída e satisfeita... Até chegar a altura ideal para concretizar um novo ataque!